3 1761 07839639 7

MELITA 622
OFICINA DE ENCADERNAÇÃO
Rua do Carmo 147-C. dos SACRAMENTO

Digitized by the Internet Archive
in 2011 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/primeiraquartap01cace

PRIMEIRA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL

POR FR. LUIS CACEGAS

DA MESMA ORDEM E PROVINCIA, E CHRONISTA D'ELLA

REFORMADA EM ESTILO E ORDEM, E AMPLIFICADA EM SUCCESSOS, E PARTICULARIDADES

POR FR. LUIS DE SOUSA

FILHO DO CONVENTO DE BEMFICA

TERCEIRA EDIÇÃO

VOLUME I

LISBOA
TYP. DO PANORAMA—Rua do Arco do Bandeira, 112.

M DCCC LXVI.

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 134

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 vol,.. ..... 22:000
Encadernada..... 27:000

Illustração Luso-Brazileira. periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos 3 vol , em papel..... 11:600
Encadernados..... 13:600

Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o sr. D. Pedro v. Um folheto com 10 gravuras. .. 200

M. M. B. DU BOCAGE

Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva, 6 vol 4:320

BARRETO FEIO

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino, 3 vol..... 2:880

LIMA LEITÃO

Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez, 2 vol. 8.º..... 800

Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º fr..... 1:200

REBELLO DA SILVA

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado, 2 vol. 8.º fr..... 960

A Mocidade de D. João v, c. d em 5 actos..... 480

Othello ou o Moiro de Veneza, t. em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º fr. 300

MENDES LEAL JUNIOR

Os Homens de Marmore, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr. 360

Homem de Oiro, d. em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º fr 300

A Herança do Chanceller, c. em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º fr. 400

Pedro. d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol 8.º fr..... 400

A Pobreza envergonhada, d. em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º fr. 480

Canticos. 1 vol. 8.º fr..... 720

Alva Estrella, d. em 5 actos.... 300

F. SOARES FRANCO

Sermões, 4 vol. 8.º fr. contendo 48 Sermões..... 1920

ANTONIO DE SERPA

Dalila, d. em 4 actos e 6 quadros 1 vol. 8.º fr. 400

Casamento e Despacho, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr 320

D. D'ALMEIDA NABA

Cronica da Rainha D. Maria I. (completa) 3 vol. em folio.. [illegible]

1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em 4 actos 7 quadros e um prologo..... 300

Minhas Lembranças, poesias.... [illegible]

LOPES DE MENDONÇ.

Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr..... 720

Lições para maridos, c. em 3 actos 1 vol. 8.º fr..... 400

L. A. PALMEIRIM

Poesias, 4.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º fr..... 600

Dois casamentos de conveniencia, c. em 3 actos, 1 vol.... 360

Como se sobe ao poder, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... 400

O Sapateiro d'escada, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º..... 160

A Domadora de feras, c. em 1 acto, 1 vol 8.º fr..... 160

A. CEZAR DE LACERDA

Um Visco, c. em 2 actos..... 160

Scenas de familia, c. em 2 actos. 320

A Duplice existencia, c. em 4 actos..... 240

A Probidade, c. em 2 actos e 1 prologo, 2.ª ed..... 300

Os Filhos dos trabalhos, d. em 4 actos..... 360

PRIMEIRA PARTE

DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS

PRIMEIRA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL

POR FR. LUIS CACEGAS

DA MESMA ORDEM E PROVINCIA, E CHRONISTA D'ELLA

REFORMADA EM ESTILO E ORDEM, E AMPLIFICADA EM SUCCESSOS, E PARTICULARIDADES

POR FR. LUIS DE SOUSA

FILHO DO CONVENTO DE BEMFICA

TERCEIRA EDIÇÃO

VOLUME I

LISBOA

TYP. DO PANORAMA—Rua do Arco do Bandeira, 112.

M DCCC LXVI.

LIBRARY
JAN 15 1973
UNIVERSITY

BX
3542
.A1C3
1866
v.1

A EL-REI NOSSO SENHOR

SENHOR

Novo genero de Cronica offerece a Vossa Magestade minha Religião por mi n'este volume, que a seus Reais pés tenho: d'aquelles santos, e valerosos Reis Portugueses, dos quais V. M. tem o sangue, e possue a Coroa, que largos annos felicissimamente possuirá. Cronica verdadeira, e certa, não dos climas novos, e mares nunca navegados que descobrirão, nem das batalhas que vencerão, nem dos Reinos que conquistarão: mas só da pureza de fé, com que por todas as idades buscarão a Deos, do zelo, e fervor, com que se empregarão em o servir, da liberalidade, e magnificencia, com que agazalharão, enriquecerão, e honrarão todas as Religiões, em que seu nome he venerado. E isto não ha duvida, que val mais que conquistar, que vencer, que triunfar. Porque, na verdade, as correntes das vitorias, e as enchentes das riquezas, que d'ellas procederão, não teverão origem n'outras fontes. Juntou Deos na Coroa de Espanha, e em mão de V. M. a maior, e mais dilatada, e mais opulenta Monarquia, que nenhum Principe do mundo, desde seu principio, até nossos tempos possuio: e esta, pera mostrar, que só era dadiva sua, não quiz, que fosse ganhada com os milhões de homens dos exercitos de Xerses, cuja multidão secava os rios, as setas no ar fazião nuvens, que tolhião o Sol, as Armadas lançavão pontes de Asia a Europa: mas com poucas náos, que sairão de Sevilha, deu ao Catolico Rei dom Fernando de gloriosa memoria hum mundo novo, terras tão largas, que correm de Polo a Polo por infinito numero de legoas, tão ricas que os rios correm por ouro, as entranhas dos montes são prata, as serras esmeraldas, as praias do mar perolas. Da mesma maneira fez que poucas náos que sairão de Lisboa, ganhassem pera el Rei dom Manoel, e por seu meio pera V. M. o Senhorio do Oriente, vencidos os medos, e tempestades do Cabo Tormentorio com navegação tão espantosa, que de louca, e desasizada lhe derão nome os estrangeiros desaffeiçoados de Espanha, perdendo o tino da verdadeira estimação das cousas, ou com o pasmo

d'ella, ou com a enveja (não quero dizer raiva), que lhes fazia, verem que os grilhões, que o vão Xerses mandava em huma occasião lançar ao estreito mar Mediterraneo, recebia, e sofria de mão de poucos Portugueses o vastissimo Oceano. Preza-se Deos de honrar, e galardoar nos filhos, e successores a virtude, e merecimentos de pais, e avós. Forão estes dous Principes decendentes de Reis santos, e religiosissimos: de hum Ranymiro, que em graças de huma vitoria de Mouros, fez tributaria com voto Espanha toda ao Apostolo Santiago, e a sua Igreja: de hum dom Afonso Enriquez, que prometeo, e deu a S. Bernardo, e á sua Ordem posto sobre huma alta serra tudo quanto alcançou com os olhos até os Orizontes: tão pio, e generoso, que não edificando nunca pera si casa, as que deixou feitas pera Deos assombrão as grandezas do tempo presente com a capacidade, com a architectura, com a grossura de rendas. E sendo tais estes dous Reis, forão igualados, por não dizer vencidos, de muitos, que d'elles procederão até V. M. He estreito o campo pera falar de todos: digamos de hum Filippe primeiro em Portugal, segundo no resto de Espanha, que na mesma conjunção, que os hereges de França fazião guerra ás sepulturas dos Santos, queimando seus veneraveis ossos, e dando-lhes na terra fria d'elles o martyrio, que vivendo desejarão por Christo: entra polas portas de Toledo com as Reliquias do Santo Prelado Eugenio, sobre seus hombros trazidas de muito longe, e com grande despesa: e em tempo que Alemanha, e Inglaterra profanavão as Aras, roubavão, e assolavão os templos, levanta hum tão famoso, que do mundo he oitava maravilha, oitava em numero, primeira em calidade. Digamos de hum dom João Terceiro de Portugal, tão inflamado em amor do culto Divino, que a elle deve a Igreja Catolica a dilatação da Fé por todo o Oriente muito além da Aurea Chersonesso, e até á ultima China, e Japão, provincias, que os antigos nem por fama conhecerão: a elle deve o Oriente os triunfos de grande numero de martyres laureados n'ellas de seu sangue, e muitas Cathedrais fundadas por toda a India, que a Sé Apostolica provê, as rendas Reais sustentão: a elle deve Portugal as letras, e doutrina das universidades, a observancia, e reformação de todas as Religiões. Não he logo maravilha que a Omnipotencia Divina por hum Offir, que nos tempos muito antigos deu em comercio a hum filho de hum Rei Santo, guardasse dous pera os dar a V. M. em posse, hum na India Oriental, outro na Occidental, sendo filho, e successor de tantos Principes santos: e sobre essa grandeza lhe desse no restante da terra tamanha parte, que na Europa possue o melhor de Italia, e muitas provincias de Alemanha: sendo em humas, e outras o arbitro da paz, e da guerra, e escudo por huma parte contra a potencia Otthomana, por outra contra os hereges: na Africa he senhor de todas as costas, e Ilhas adjacentes, até dentro à Ethiopia. Por maneira que, assistindo V. M. no meio de Espanha, como em centro, e cabeça do mundo, está despachando Visoreis, Governadores, Capitães,

exercitos, e armadas pera todas as partes de sua redondeza ao mesmo modo que o Sol as visita, e aquenta com seus raios.

Este he pois o intento, esta a confiança d'estes escritos, manifestar ao mundo huma Historia de novo achada (como thezouro escondido) dos Reis antigos de Portugal. Mandou-nos a obediencia averiguar, e pôr em memoria os principios, e meios, com que a Ordem de Nosso Patriarcha S. Domingos se fundou neste Reino. Feita a Historia, achamos, que na sustancia he tão propria dos Reis, e Principes Portugueses, que se lhe tirarmos o titulo de S. Domingos, ficará mais d'elles, que d'elle: e se lhe chamarmos Cronica Ecclesiastica dos Reis, ficará sendo toda sua em titulo, e sustancia. Porque, se V. M. fôr servido passar os olhos por ella, achará, que tudo, o que contem, são obras, que elles fizerão de piedade, e devação, altares, e templos, que levantarão, Mosteiros, e Santuarios, que fundarão em honra da Fé, e veneração do nome de Christo, com tanto animo, e largueza, que quasi não temos casa antiga, nem moderna, seja de Religiosos, seja de Religiosas, que não deva aos Principes, ou a origem, ou o augmento, ou a sustentação, ou tudo junto. O primeiro gasalhado, que esta Ordem teve, do qual procedeo o Mosteiro dos Frades de Santarem, lhe foi dado pola Infante dona Sancha. O segundo, que foi em Coimbra, por suas irmãs dona Tareja, e dona Branca, todas tres filhas do grande batalhador, e Rei dom Sancho Primeiro. Do Convento de Lisboa foi fundador em sua origem dom Sancho Segundo. A Igreja, que hoje está em pé, edificou seu irmão dom Afonso Terceiro. O mesmo fundou o Mosteiro de Elvas. El-Rei dom João Primeiro deu á Ordem tres casas: duas em Portugal, que forão a Batalha, e Bemfica, outra em Africa. O Infante dom Pedro edificou a de Aveiro. El-Rei dom Manoel nos deu a da Serra de Almeirim, e dotou em Lisboa o Collegio de Santo Thomas, que hoje está em Coimbra: seu filho dom João Terceiro nos deu Amarante: seu bisneto dom Sebastião Setuvel: e os dous Filippes santos, que estão no Ceo, pai, e avô de V. M. nos adiantarão em renda cada hum particularmente, o Mosteiro da Batalha. E sendo assi que as boninas do jardim mais devem sua frescura, e belleza a quem dá o sitio pera se plantarem, e as fontes pera se regarem, que ás mãos, que as despoem, e cultivão, não ha duvida, que aos Reis estamos devendo todos os grandes fruitos, que esta Religião tem dado de doutrina, de letras, de prégação, de reformação de costumes, e augmento de virtudes, e até os Santos, que tem produzido, e sua santidade. E, como só esta moeda he a que tem valia diante do soberano Rei da Gloria, assi só a ella he rezão, que refiramos as grandezas, com que este pequeno Reino se fez insigne no mundo. E ficará sendo esta escritura huma Cronica de empresas do Ceo, e do valor espiritual dos Reis: como as que V. M. lhes manda fazer são dos feitos em armas, e conquistas da terra. O que me faz ter por certo, que será de V. M. não só com benignidade olhada, mas recebida em serviço, e amoroso reconhecimento, inda que fraco, e

pobre, da gratidão, que todas as Religiões, e Religiosos d'este Reino estamos devendo á santa memoria dos Reis, e a V. M. e de que a minha começa hoje, e he primeira a desempenhar-se. E não carece de mysterio (como todas as cousas da terra vem traçadas do Ceo), ser V. M. o primeiro Principe despois de tantos, e tão gloriosos antecessores, a quem este justissimo tributo se offerece: pois vemos anticipar-se tanto nos actos de Fé, e Christandade, que o que elles fizerão despois de muitos annos de vida, e mundo, começou V. M. a executar na hora, que entrou polos Orizontes d'ella, e d'elle: ordenando a Divina Providencia darem-se-lhe as sagradas agoas do Bautismo no mesmo vaso, em que as tinha recebido 434 annos antes meu glorioso Patriarcha S. Domingos: e juntar-se no mesmo dia ao felicissimo nome de Filippe o apelido santo de Dominico. Foi isto venerar V. M. todos os Santos neste Santo: foi honrar todas as Religiões n'esta Religião: foi alegrar a Igreja Catholica, e confundir a heregia, e infidelidade em hum ponto da Santa Igreja muito estimado, e dos hereges, e infieis com estremos aborrecido. São os bons principios grande pronostico do futuro. Estes nos estão prometendo (não só pronosticando), de V. M. que ha de vencer em boas venturas todos seus mais gloriosos antecessores, que ha de atropellar, e sogeitar com famosas vitorias, como vai fazendo, todos os hereges da alta e baixa Alemanha, por mais que conjurem com elles os enemigos publicos, e amigos dissimulados, e levem consigo até o sangue: e em fim, que ha de senhorear, e dominar (como o acena o nome Dominico), toda a infidelidade até arvorar os estandartes da Cruz de Christo, e Liões de Espanha sobre as torres de Constantinopla. Que pois os primeiros passos da vida felicissima de V. M. madrugarão tanto em beneficio, e favor da verdadeira Religião, como já temos visto: e os de seu governo conformão tanto com os da vida, que por remedear Catholicos afligidos, inda que estranhos, e não de sua precisa obrigação, offerece liberalmente nobilissima parte de seu sangue, não póde faltar a mão omnipotente, e liberalissima do Senhor em recompensar tão santos, e altos espiritos com alegres, e venturosos fins de todas as empresas, e pensamentos de V. M. e com lhe dar largos, e prosperissimos annos de vida pera grande bem, e augmento da Christandade, e gloria de seus Reinos, como todas as Religiões, e Religiosos com orações continuas lhe pedimos. D'este Convento de Bemfica, ultimo dia do anno de 1623.

Fr. Luis de Sousa.

PROLOGO

AOS RELIGIOSOS DA ORDEM DE S. DOMINGOS

Tenção tinha de escusar este prologo, e não despender tempo nem papel em dar contas ao Leitor, por mais candido, e benevolo que chegasse a ler-nos. Sei que se não grangea perdão, se ha de que o pedir, como sempre ha. Sei que ninguem levanta a lança, se acha que calumniar. E se o Prologo não he mui apontado, quem quer se faz juiz pera condenar por elle toda a obra. Assi determinava satisfazer ao costume com as poucas regras, que no primeiro capitulo abrem a porta á Historia, como já fizemos em outra occasião: mas tirão-me de meu sentido pareceres alheios: e fazem-me força, porque não ha defender despois de consultar. Querem que demos rezão de algumas cousas, se não a todos, ao menos aos meus. He primeira a contradição, que representa o titulo do livro propondo a hum só trabalho, e não o maior do mundo, dous Autores: hum morto, e outro vivo: hum á Historia, outro ao estilo: hum feito Cronista, outro reformador: e parecia bastante ver-se qual dos feitios pesava mais, e dar-se o nome ao de mais sustancia. Sabemos de Tito Livio entre os Latinos, que se aproveitou tão particularmente dos escritos de Polybio Grego, que ao pé da letra treslada d'elle livros inteiros. Valeo-se Damião de Goes entre os nossos, pera a Cronica del Rei dom Manoel, dos trabalhos de Ruy de Pina, e Fernão de Pina, seu filho, que a tinhão quasi toda feita (confessa-o elle lá em hum canto d'ella, pudera-o fazer no rosto.) Assi se fizerão ambos donos do suor alheio, mas com justissima causa: porque, servindo-se do que acharão nos antecessores só pera informação, era demasiada liberalidade communicar ao informador o nome de Autor. Não faltou quem com tais exemplos nos obrigava a cortar duvidas, e fazer o livro em todo nosso. E havia mais rezões por minha parte. Porque tudo, o que o Padre Frei Luis Cacegas deixou escrito, he hum monte de cousas indigestas, e informes: o modo de dizer ao antigo, pouco polido, e falto de arte, e qual se conta que foi o do Romano Ennio, com lhe sobejar engenho: *Ennius ingenio maximus, arte rudis.* Falo assim sem mais salvas nem rodeos; porque

escrevendo, como escrevo, entre os que o conhecerão, e tratarão, e á vista de seus papeis, que temos vivos, sei que lhe não faço offensa. Foi este Padre bom Letrado Theologo, grande amigo dos livros, e de ter muitos, e muito bons: e, o que val mais que tudo, essencial religioso. Viveo largos annos, e passava dos setenta, quando faleceo. D'estes gastou mais de vinte em andar polos Conventos da Provincia desentranhando Cartorios, revolvendo pergaminhos, investigando antiguidades: e tudo, o que em fim nos deixou, são, como dissemos em outra parte, materiais pera edificar mais, que edificios feitos. E esta foi a causa, porque os Prelados me mandarão fazer obra d'elles; que foi o mesmo, que constituir-me por Autor, e architecto do que fizesse. Mas que conta dariamos da humildade, e modestia da Religião, a que a Misericordia Divina nos trouxe ao pôr do sol da vida, se não houveramos de fazer contas mais desinteressadas? Voz foi do Ceo a que fez a Arsenio constante morador do deserto: *Fuge, quiesce, et tace*: Foge, assossega, e não fales (1). E pera o repouso corporal soube aconselhar o mesmo hum Gentio, dizendo: *Ama nesciri*: Procura que ninguem te saiba o nome. Se fogimos huma vez, pera que he tornar a povoado, nem por letra? Se ha de haver quietação, se silencio, de que serve ser lido, e ouvido por todas as praças, e falar nellas não menos que com livros inteiros? Isto he o que me obrigou, estando vivo, e são, a dar o meu trabalho, vida, e nome ao Padre Cacegas, defunto de sete annos. Se me perguntão, porque o fiz de meas, e não inteiramente (que fora perfeita liberalidade), respondo com huma só palavra. He proprio da Religião o que está escrito: *Nemo nostrum viuit sibi* (2): fui mandado, obedeci. O titulo de Reformador, que representa mais ambição, não desculpo, porque alem de se fundar em verdade, assaz humilhado fica, não só temperado, com o segundo lugar, que o outro nem em Roma queria.

Segue apoz a controversia do titulo, outra não pequena no discurso da Historia. E he que começando a geral da Ordem o famoso prégador, e mestre o Padre Frei Fernando de Castilho, e proseguindo-a o Reverendissimo Senhor Bispo de Monopoli, e escrevendo ambos com grande cuidado, e diligencia de sua parte, e com grande credito, e honra d'esta Provincia no particular, que tocão d'ella, todavia se offerecem encontros, e variedades entre a sua escritura, e esta nossa, em nomes de pessoas, de lugares, e Conventos: huns trocados, outros tão disfarçados, que se fazem escuros, e mal entendidos até pera os que somos naturais. Seja exemplo no Padre Frei Fernando o nome do primeiro Provincial de Espanha (3) constituido nella da mão de nosso Santo fundador, que huma vez lhe chama Frei Gomes, e outra Frei Sueiro, e não lhe dá nacimento, sendo cousa bem achada ser Portuguez, como o confessa na sua Quinta parte o senhor Bispo (4). Seja exemplo no Senhor Bispo chamar Petragoria

(1) Surius. t. 4. f. 250. (2) Ad Roman. 14. (3) P. 1. l. 1. cap. 25. Idem p. 1. l. 2. c. 1. (4) P. 5. l. 2. c. 32. Idem p. 5. l. 2. c. 34.

ao Convento do Pedrogão, chamar del Salto ao da Serra, de Almeyta ao de Almada, com mais alguma variedade em successos, e na computação de annos, e tempos: venialidades causadas humas das informações serem ou Latinas, ou mal declaradas: outras de descuidos da impressão, que temos nesta parte muita falta em toda Espanha. E por esta rezão passamos por ellas no discurso da Historia, sem apontar nem contradizer: e só fazemos aqui esta advertencia pera que quem com algumas se embaraçar recorra a este nosso trabalho, como a commento de ambos. Porque na verdade nos aconteceo a todos tres o que he ordinario a quem toma agoa na fonte, em que está pura, e limpa, como eu a tomei: ou nos regatos, onde em cor, e sabor vai já inficionada da terra, por que passa, como elles a tomarão. E com tudo não haja ninguem, que por estas cousas leves, e vizinhas faça juizo temerario contra as graves, e afastadas, que escrevem. Porque, se a vizinhança causa ás vezes algum descuido, a distancia maior dos lugares, e o peso das que importão, esperta, e aviva o cuidado de sorte, que por sem duvida podemos ter, que ha em todas grande certeza. Por onde estamos em muita obrigação a ambos: mas em maior ao Senhor Bispo, que mais tempo, e mais aturadamente tem trabalhado em honra da Ordem.

Resta animarmo-nos todos huns aos outros, e lembrarmo-nos que, sendo qualquer historia mestra da vida, esta, que he de Santos, que forão nossos irmãos, e companheiros, não só nos deve servir de mestra, mas de hum espelho cristalino, e puro, a cuja vista enfeitemos, e componhamos a vida, e costumes, estimando sua santidade, não pera nos vangloriarmos nella, senão pera a imitarmos, conforme à sentença do Romano, que tratando da obrigação que fazem os retratos dos homens valerosos a seus descendentes: *Idcirco*, diz, *in prima ædium parte poni solere effigies maiorum, ut eorum virtutes posteri non solum legerent, sed etiam imitarentur.* (1)

Valete felices.

Frei Luis de Sousa.

(1) Valer. Max. l. 5. c. 8.

LICENÇAS

DA ORDEM.

Comecei a ver este livro do Padre Frei Luis de Sousa, que he a primeira parte do que toca a esta nossa Provincia de Portugal; e sendo principio de o ler curiosidade, e gosto mais que obrigação, juntou-se mandar-me o nosso Padre Provincial, que fosse eu hum dos revedores pola Ordem: o que me obrigou a novo cuidado. E fazendo juizo em rigor, acho, que temos nelle não só pera nossa Ordem, mas pera todo este Reino de Portugal dous ricos thesouros, hum de santidade, e verdadeira Religião de infinitos varões, que esta terra, em que nascemos, produzio pera o Ceo, e lá estão rogando a Deos por nós: outro de excellencias de estilo, e lingoagem: estilo grave, elegante, e sentencioso, com brevidade, e clareza juntamente, que em poucos se acha: lingoagem natusal, corrente, e cortezam, com termos tão proprios, tão significativos, e efficazes, e longe de affeites, e artificios viciosos, que sem encarecimento podemos affirmar, que dos livros, que até o presente são escritos em Portuguez, nenhum se achará de mais policia, e perfeição. E atrevo-me a dizer, que, assi como a lingoagem Castelhana está em sua pureza nos escritos do nosso Padre Frei Luis de Granada, e quando acertasse de se perder, podiamos por elles restaural-a, segundo foi opinião de hum bom espirito de seu tempo: nem mais nem menos temos neste volume enthesourada a Portugueza, e em grão tão subido, que não ha desejar-lhe mais fineza, nem mais graça, e gravidade. E, o que mais admira, he, que em tanto papel escrito, e tanta variedade de cousas, nem hum só vocabulo lhe acho tomado de lingoa estranha, nem ao perto nem ao longe, como muitos indignamente vão fazendo: com o que faz evidente, que não he paradoxo, mas demonstração ser a lingoagem Portugueza tão abundante de palavras, tão rica de bons termos, e pola mesma rezão tão perfeita, como a melhor de Europa. Por onde me parece que com toda a brevidade se deve imprimir esta Historia, como espelho de santidade, e virtude pera os devotos, e como fórma, e modello de bem escrever, e falar pera estudiosos. Em S. Domingos de Lisboa, 16 de Setembro de 1622.

Fr. Agostinho de Sousa.

Por mandado do nosso muito Reverendo Padre Provincial, o Padre Mestre Frei Diogo Ferreira, vi attenta, e curiosamente este livro intitulado a Primeira parte da Historia de S. Domingos, particular do Reino, e Conquistas de Portugal, ordenada, e reformada pelo Padre Frei Luis de Sousa, Portuguez, Religioso professo da Ordem dos Frades Prégadores, e filho do Convento de Bemfica nesta Provincia de Portugal: nella achei muita verdade nas materias, muita gravidade no tratal-as, muita pureza nas palavras, muito suave, e agradavel estilo no dispol-as, e ordenal-as, de que o Autor singularmente he dotado. Pelo que toda a Historia assi deleita os ouvidos, que por elles introduz na alma huns fervorosos desejos de imitar varões tão santos, como o leitor achará a cada passo. E está o livro tão cheio d'esta celestial gente, que mais parece cathalogo de Santos, que narração de cousas já passadas, as quais a historia tem por fim fazer presentes com sua representação, e lição. Esta he mui curiosa, mui santa, mui aprazivel, e cheia de muito espirito do Ceo. Por onde me parece mui digna de se mandar á estampa, e sair a luz, pera honra da nossa sagrada Religião, e grande utilidade espiritual, não só dos que professão a vida religiosa, mas Christam. Antes nos podemos gloriar de que a nossa idade nos desse na nossa Provincia hum tão illustre individuo, que com seu illustre estilo illustrasse varões tão illustres em santidade, fazendo que se conheção no mundo os que a antiguidade do tempo, e a incuria dos homens tinha posto em esquecimento. E assi merece o nome (seja-me licito assi falar), de hum novo, e santo Tito Livio das heroicas proezas dos antigos, e modernos heroes de virtude, como na Historia verá o devoto, e curioso leitor. Em S. Domingos de Lisboa aos 18 de Setembro de 1622.

Fr. Thomas de S. Domingos Magister.

—

DO PADRE PROVINCIAL.

Nós Frei Diogo Ferreira, Mestre em santa Theologia, Consultor do Santo Officio, e Prior Provincial da Ordem dos Prégadores nos Reinos de Portugal, etc. Vista a approvação dos Padres Revedores, damos licença ao Padre Frei Luis de Sousa pera imprimir esta Primeira parte da Historia d'esta Provincia. E lhe mandamos in meritum sanctæ obedientiæ, *que o imprima o mais em breve que for possivel. Dada em o nosso Convento de S. Domingos de Lisboa em 19 de Setembro de 1622.*

Frei Diogo Ferreira Prior Provincial.

DO SANTO OFFICIO.

APPROVAÇÃO DO REVEDOR.

Vi este livro da Historia do Patriarcha S. Domingos, na parte que toca a esta Provincia de Portugal, composta pelo Padre Frei Luis de Sousa. Na qual se vê por hum estilo mui alevantado, grave, e mui religioso, tratado com toda a eloquencia os grandes fructos, que fazem na Igreja Catholica, e na defensão, e prégação da Fé sagrada os filhos d'esta Provincia sancta: os muitos Sanctos que esta sagrada Provincia tem dado a Deos, a muita religião, santidade, e letras que nella florecem. Vê-se mais a muita devação, fervor, e charidade dos Reis, e Principes de Portugal, e nobres d'elle, com que fundarão esta santa Provincia, e amarão os filhos d'ella, encommendando-lhes os negocios mais importantes a suas almas, e bem do Reino, por saberem da sua grande religião, e letras. Pelo que me parece livro dignissimo de que seja impresso huma, e muitas vezes, porque se edifiquem os Catholicos, e affervorem no amor de tão sancta religião, e se confundão os herejes inimigos da Fé. Em S. Francisco de Lisboa, hoje 8 de Novembro de 1622.

Frei Andre da Resurreição,

Eu Frei Thomas de S. Domingos, Revedor, e Calificador do Santo Officio, vi diligentemente este livro por mandado do nosso Padre Provincial; e a minha approvação está no principio do livro a que me remetto. Em S. Domingos de Lisboa, 12 de Novembro de 1622.

Fr. Thomas de S. Domingos Magister.

Vistas as informações, pode-se imprimir o livro da Historia de S. Domingos, e depois de impresso torne conferido com o original para se dar licença para correr, e sem ella não correrá. Lisboa, aos 16 de Novembro de 1622.

Antonio Diaz Cardoso.	Gaspar Pereira.	Dom João da Silva.
Francisco de Gouvea.	Manoel Pereira.	

—

DO ORDINARIO.

Pode-se imprimir esta Historia de S. Domingos. Lisboa, 17 de Novembro de 1622.

Viegas.

DO DESEMBARGO DO PAÇO.

Que se possa imprimir este livro, vista a licença do Santo Officio, e do Ordinario. Lisboa, a 21 de Novembro de 1622.

Dinis de Mello. Vicente Caldeira.

—

TABOADA DOS CONVENTOS

DE QUE SE TRATA NESTE PRIMEIRO VOLUME

CONVENTOS DE FRADES

1 Primeiro Convento junto á Villa de Alanquer, na serra de Monte junto, liv. I. cap. 12.

Tresladação d'este Convento do sitio de Montijrás, na Villa de Santarem, pera o lugar onde hoje está, liv. II, cap. 2.

2 Convento da cidade de Coimbra, liv. III, cap. 1.

3 Convento da cidade do Porto, liv. III, cap. 9.

4 Convento da cidade de Lisboa, liv. III, cap. 17.

MOSTEIRO DE FREIRAS.

1 São Felix de Chellas, junto á cidade de Lisboa, liv. I, cap. 23.

—

LIVRO PRIMEIRO

DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL

CAPITULO I

Do nascimento do Patriarcha S. Domingos, sua criação, estudo e virtudes, até tomar o habito dos Conegos regulares de Santo Agostinho.

Temos a cargo escrever, e pôr em memoria os feitos illustres dos filhos, e successores de nosso glorioso Patriarcha S. Domingos na parte que toca ao Reino, e conquistas de Portugal. E parece que não procederá a narração d'elles com a ordem e termo devido, se havendo de tratar dos filhos nos descuidarmos em dar alguma noticia da vida e santidade do pai. E não nos desobriga o ser sabida de todos, ouvida cada dia dos pulpitos, lida em muitos livros, e escrita em todas as lingoas. Porque sendo qualquer Religião hum corpo mystico, em que o fundador he a cabeça, e os membros são seus filhos, e successores: assi como perderia o tempo, e o feitio quem nos quizesse representar em pintura, ou relação hum corpo humano perfeito, se tratando de pés e braços não fizesse caso da cabeça e rosto, que naturalmente he base e principio, e como alma d'elle: nem mais, nem menos pede a razão que se não louvem fruitos,

sem dar novas da arvore, nem se pintem torres sem mostras da firmeza e fundamento em que estribão, nem se trate de filhos sem fallar de seu pai. Mas porque temos hum grande mar diante, de annos e antiguidades, que pedem muita leitura, e volumes crescidos, navegação que obriga a hum prolongado, e intoleravel trabalho (e como somos velhos, e não podemos prometter pera longe) contentar-nos-hemos com fazer huma succinta relação da vida, e obras de nosso santo fundador: a qual ainda que fique com menos luz da que lhe he devida, vista a difficuldade que tem pintar gigantes em pequena taboa, será a que baste, pera fugirmos, quanto a mí, dos defeitos de corpo monstruoso: e quanto aos curiosos que nos lerem, pera terem diante dos olhos hum espelho em que sem cançar a memoria enxerguem, quão bem souberão os Portugueses filhos d'esta Ordem e Provincia retratar em si por todas as idades a vida, e costumes de seu mestre, não só imital-o. Seguir-se-ha de huma, e outra cousa hum grande beneficio pera os que hoje nos prezamos da gloria de tão honrado tronco, e do valor de tão bons irmãos: o qual será espertarmo-nos a seguir com viveza, e fervor os caminhos de virtudes heroicas, como o outro Grego, que confessava de si lhe fazião perder o somno as proezas que lia do venturoso Milciades. (*) E seguir-se-ha tambem acudirmos com antidoto apropriado ao mal da profanidade, e infinidade de livros, que cada hora saem por todas as provincias, cheios de fabulas e ociosidades, estragadoras d'aquella pureza dos bons costumes antigos, que tanta saudade nos fazem. Assi faremos remedio de livros contra livros: como nos ensina a natureza a compor triagas das viboras, e serpentes mais venenosas pera defensivo d'ellas mesmas. Que na verdade se em algum tempo foi conveniente fazer a gente espiritual grandes empregos de estudo, e trabalho em escrever; a idade em que vivemos não só o está pedindo, mas obrigando, e forçando a todos os que pera si tem qualquer talento, e do bem commum algum zelo. Mas toca este cuidado mais de perto aos que seguimos a disciplina monastica. Porque as Religiões são em geral os exercitos e campos formados que Deos mandou ao mundo, e sustenta n'elle, pera reformação de costnmes, desterro de vicios, e conservação da santa doutrina. Raivem quanto quizerem os hereges, perseguindo-as com lingoas serpentinas, roubando-lhes as rendas, assolando-lhes as casas, o aparelhando assi os caminhos ao Anti-Christo. Raivem e arrebentem de furia, que ao seu

(*) Plutarc. in vita Themistocl.— Valer. Max. lib. VIII. cap. 15

pesar, dos cantinhos das cellas se povoa o Ceo de milhares de Santos. E assi como as Religiões são os exercitos, assi seus mosteiros são os castellos que guardão as cidades com vigia de estudo e letras, com exercicio de jejuns, lagrimas e disciplinas, e com armas de sacrificios e orações, armas que bastão a suspender a ira do Altissimo sempre de peccados provocada. E n'elles como em praças militares se crião, e adestrão na disciplina santa valerosos espiritos pera a conquista do Ceo, senão com tantos hombros como os primeiros Atlantes, nem com tantos braços como os antigos Briareus, quero dizer, com que os santos capitães, a quem seguem: ao menos com a mesma confiança na graça Divina que os fez taes. E estes são os fruitos com que as sagradas Religiões vão acudindo em tempo ao soberano Pai de familias, como largamente se deixa ver em todas: e nós o mostraremos, se o Senhor fôr servido, em hum pequeno garfo da nossa, por esta historia: a qual escrevo de melhor vontade, tanto pela força que me faz a necessidade que apontamos, como por honra d'este Reino em que nascemos, e pela obrigação immortal, em que todas as Religiões, e Religiosos lhe estamos. Porque assi como elle foi huma das primeiras terras de Hespanha, que recebeo a fé de Christo, e foi a primeira de toda Europa, que fundou Prelacia em seu nome, com a presença e prégação do grande Apostolo Santiago, n'aquella cidade, que como em profecia d'esta excellencia gozava já glorioso apellido, chamando-se Brachara Augusta (*): e tambem foi a primeira de Hespanha e Europa, que se matizou com sangue santo, derramado por honra do mesmo Senhor (como adiante mostraremos): da mesma maneira abraçou com tanta devação, e amor todas as Ordens que hoje ha na Igreja de Deos, que nenhuma nação do mundo em tão estreitos limites as enriqueceo tanto, nem honrou mais. Mas he tempo de começar.

Caleruega, que as nossas lendas chamão Calaroga, he villa do bispado de Osma, em Castella, na parte que hoje chamão Castella a velha, e nas demarcações dos Romanos chamavão Hespanha citerior (**). Em tempos antigos foi rico e insigne lugar, morada e assento de gente illustre, e de muitos varões que n'aquella idade, rica de valor mais que de titulos, e rendas, erão conhecidos pelo nome de ricos homens. Estes tinhão tanto lugar diante dos Reis, que achando-se na corte assinavão com elles as cartas de

(*) Breviar. Brach — Santo Isidoro nas Vidas dos Santos, cap. 73. — O Papa Calixto na Vida de San-Tiago.

(**) Pero de Medina, na sua Hespanha, liv. II, cap. 110. — Ptolom. lib. II, cap. 6. — Plinio lib. III, cap. 3.

privilegios, e mercês: e assinavão não como testimunhas ou ministros, senão como consentidores, e quasi como companheiros. Porque assinando, se declarava que confirmavão elles o que El-Rei concedia. E bem se deixa entender, que o confirmar he hum certo auto, como de poder igual. E por isso era ordinario confirmarem juntamente o Principe herdeiro do Reino, e os Infantes que havia. N'este lugar vivia D. Felix de Gusmão, filho de Rodrigo Nunes de Gusmão, apellido e gente já n'aquelle tempo tão illustre, que nos consta confirmarem com os Reis, por escrituras autenticas. Irmão de D. Felix mais velho foi Alvaro Ruiz ou Rodrigues de Gusmão, do qual por linha masculina procedeo D. Alvaro Pires de Gusmão, que em Castella chamarão El-Bueno (*). E foi aquelle que defendendo Tarifa aos Mouros, e sendo ameaçado, que se não entregava a villa, lhe degolarião diante dos olhos hum filho que em seu poder tinhão, esteve tão longe de se dobrar ao partido, que do muro, donde estava com elles á falla, lhes lançou em baixo o punhal que cingia, significando, que onde se tratava de fidelidade, não duvidava pola guardar, offerecer armas contra suas proprias entranhas: feito glorioso em Hespanha, e digno brasão da grande casa de Medina Sidonia. Foi casado D. Felix com D. Joanna d'Aça, sua igual em nobreza, mas em virtudes nobilissima.

De tal matrimonio, e em tal villa, e de tão illustre sangue nasceo nosso glorioso Patriarcha S. Domingos. E como a virtude acompanhada de nobreza realça tanto, que passa a estremos de fermosura, quiz o Senhor que fosse tal a d'este Santo, pera lhe não faltar parte nenhuma das que estão bem n'ella. Tinhão estes senhores já dous filhos, Antonio, e Mamede (ou Manes, como lhe chamão outros) quando D. Joanna sentindo-se de novo pejada, se pôz a caminho pera o Convento de S. Domingos de Silos a encommendar a Deos por meio d'aquelle Santo o fruito que esperava, e a hora de o dar ao mundo a todas as mãis temerosa. He este convento de Religiosos de S. Bento: mas a devação do santo Abbade Domingos, que n'elle vivendo florecera em santidade; e agora morto resplandecia com milagres, lhe tinha trocado o nome. Cumprio a devota matrona sua novena com fervorosas orações á vista das santas Reliquias: e o Santo alcançou de Deos, que levasse logo a paga com hum successo de grande consolação. Appareceo-lhe, e disse-lhe que da parte de Deos a avisava, que d'aquelle parto daria ao mundo hum filho que n'elle seria huma grande cousa. Mas dura pouco qualquer alegria da vida. A poucos dias depois de tornada a

(*) M. Fr. Fernando de Castilho, lib. 1. cap. 2. — Hist. geral de S. Domingos.

sua casa, bastou hum sonho pera a desconsolar, e encher de medo. Representou-se-lhe dormindo, que o filho, de quem tão boas novas ouvira, não era homem, nem de humana criatura tinha fórma, mas de hum cão. E pera mais se embaraçar e temer, via-lhe atravessada na boca huma tocha ardendo com tanto fogo, que o pegava a toda a terra. Agoado assi o gosto da primeira visão com o pavor do sonho, que na verdade era confirmação d'ella, passou entre medo, e esperanças, até a hora que se vio rica de mais hum filho (que riqueza he em gente nobre huma meza rodeada de muitos filhos, principalmente se a criação fosse qual sohia ser a d'aquelles tempos).

Corria o anno de nosso Senhor Jesu Christo de 1170; era Summo Pontifice Alexandre Terceiro, e Emperador de Alemanha Federico I chamado Barbarroxa: Rei de Castella D. Affonso, filho de D. Sancho, que chamárão o desejado: e reinava em Portugal D. Affonso Henriques, primeiro dos Reis, e do nome d'este Reino. Converteo D. Joanna os medos em alegria, e dobrou-se-lhe com novos e bem assombrados pronosticos, que logo se forão vendo no menino: pronosticos todavia prodigiosos, e fóra do natural. Ao tempo que o levantou o Sacerdote das agoas sagradas do bautismo, vio-se-lhe na testa huma resplandecente estrella: ou em sinal que havia de ser guia, e norte de salvação pera muitos, como depois mostrou o successo: ou que era aquella a estrella, cujo nascimento estava profetizado dous mil quatrocentos e noventa e sete annos antes pola Sybilla Eritræa, dizendo assi em hum de seus versos: «*Sydus, cujus nitore universus terrarum orbes illustris reddetur et clarus, in Hispania creabitur.*» Quer dizer: Em Hespanha nascerá huma estrella, cuja luz dará fermosura, e resplandor a toda a redondeza da terra. Leandro Alberto, Mestre grave, e douto traz esta profecia na vida d'este Santo escrita muitos annos ha (*). Mas bem podemos dizer d'esta estrella, que foi lingoa de fogo com que o Espirito Santo quiz visivelmente santificar aquella bemdita alma, que pelo nome de Domingos, que lhe foi posto, já escolhia por sua. Deixou-se isto entender logo dos effeitos de sua criação. Porque sendo ainda de peito lhe acontecia cair da cama de sua ama, e ficar dormindo em terra: cousa que se não póde conceder sem movimento do Ceo. Porque parecendo primeiro caso accidental, tantas vezes lhe succedeo, que veio a ser havido por mysterio, e huma certa inclinação, e principio d'aquella rigorosa penitencia que depois

(*) M. Leandr. Alb. in Vita S. Dominici.

por toda a vida abraçou, como se conta de alguns Santos, que desd'os peitos das amas, e n'aquelle primeiro leite começárão executar abstinencia (*). Notava D. Joanna tudo, e vendo como hia conformando com a revelação da Igreja de Silos, tanto que teve sete annos não quiz tardar em o entregar a Deos na maneira que então podia. Mandou-o a hum irmão seu, Arcediago da Igreja de Gumiel de Yçan, varão de provada virtude. Aqui foi estudando as primeiras letras, occupando-se juntamente no serviço dos altares, e coro: e como crescia nos annos, hia descobrindo nas letras habilidade, e nas cousas da Igreja affeição e perfeição, e em tudo o que fazia n'aquella puericia hum peso, e madureza que parecia velhice. Era já de quatorze annos, e não se lhe via cousa que descubrisse culpa, ou leviandade, nem ainda pequena nota n'aquella primeira graça que no bautismo recebera. N'esta idade foi mandado á cidade de Palencia pera entender nos estudos maiores (era então Palencia assento das letras de Hespanha, que depois se passárão a Salamanca). Começou o moço seu estudo livre da sujeição de pai, e parentes, com hum modo de vida estranho, e novo pera entre seculares. Como quem espera inimigos poderosos em tempo de guerra, que não se dando por seguro no campo, procura encastellar-se em lugar forte provido de presidio, e munições, assi se armou de todas as virtudes contra todo genero de vicios. Em casa recolhimento, silencio, continuação sobre os livros; fóra modestia, humildade, frequencia de sacramentos. Com tal companhia dentro de pouco tempo se acreditou de maneira, que em toda a Universidade era havido por hum Anjo em carne.

Assi foi estudando Logica, Philosophia, e Metaphisica, e passou á santa Theologia, e crescendo nas letras, e na idade adquiria novas forças, e novo vigor na virtude. Sentia profundamente peccados alheios: chorava-os com vivas lagrimas, fazia por elles penitencia, como se forão proprios: despendia-se todo em esmolas, compassivo por estremo dos trabalhos que via nos proximos. Veio hum anno esteril, cresceo o preço das cousas, parou em fome geral. Depois de repartir entre pobres o que tinha, e quanto havia de bom em casa, olhou pera as estantes que estavão povoadas de livros, alegrou-se como se achára thesouro ocioso. Valião n'aquelle tempo os livros muito, como não havia impressão: logo os pôz em venda, e enthezourou o preço no seio dos necessitados. E matando a fome a estes com a obra, abrio os olhos aos ricos com o exemplo, pera alargarem mãos, e animos. Não lhe

(*) De S. Nicoláo ex Metaphraste, e o Romano Breviar.

ficava que dar, e a caridade ensinou o que ainda tinha que vender, ou ao menos empenhar. Veio-se a elle huma affligida mulher, como a rico, e nobre, e liberal, chorou-lhe hum irmão cativo em terra de Mouros: chorou elle tambem a pena do cativo, e a de quem lha representava, e disse-lhe que todavia lhe lembrava que ainda tinha com que a remediar, acrescentando logo com deliberada vontade, que tratasse com o Mouro se aceitaria a pessoa de Domingos de Gusmão pola de seu irmão, que logo a entregaria por elle. Mas não permittio Deos que houvesse por então outro Paulino (*). A estas virtudes ajuntava perpetuo cuidado de sua pureza e castidade: effeito particular da divina graça, que começando n'aquella alma desdo berço lha conservou limpa, e sem magoa por toda a vida. Esta pedia a Deos em oração continua arrebatado já então em altas contemplações, e amores do Ceo. Quem assi estudava, claro fica com quanta facilidade se faria senhor das sciencias, e principalmente da que tem o nome de Deos. Não chegava a vinte cinco annos, já era consultado por muitas pessoas, e de muitas partes em materias altas de Theologia.

Era Bispo de Osma D. Diogo de Azebes, que alguns chamão de Azevedo, pessoa de grandes partes em religião, e prudencia. Tinha introduzido em sua Igreja huma estranha reformação, ou transformação de vida. Acabara com os seus Conegos que de seculares se fizessem regrantes, vivessem em communidade e clausura, e em fim guardassem a regra de Santo Agostinho. Ouvindo as novas que corrião no bispado, das letras, e virtude do nosso estudante, pareceo-lhe que seria muito a proposito sua companhia pera conservação, e amplificação de tal vida. Convidou-o pera ella: foi facil de entrar em escola onde se professava perfeição. Entrado procurou adiantar-se em todos os exercicios espirituaes, e de discipulo se fez mestre, e era espelho pera todos. Quiz o Bispo que tivesse o cargo de Superior, que nos estilos da Sé respondia a Arcediago. Aceitou-o á força, e exercitou-o com humildade e inteireza. Passado algum tempo tornou a Palencia com certa occasião a assistir na Uuiversidade: e chegando aos trinta annos começou a descobrir com a prégação evangelica os dons do Ceo que Deos communicava a sua alma, e entendimento. Era admiravel o fruito que fazia nas almas, juntando-se excellencia de engenho com virtude consummada, palavras bem assentadas com vida santa. Levava traz si toda a Universidade, e todo o genero de gente. Aqui lhe aconteceo segunda vez pôr

(*) S. Paulino, Bispo de Nola.

em almoeda os livros que de novo juntara: achou pobreza em muita gente, não lhe soffreo o coração vel-a em outrem, sem ser participante d'ella: ficou pobre como todos.

CAPITULO II

Parte Frei Domingos pera França, passa a Paris e a Roma: torna de assento a Tolosa prégar aos hereges: funda hum recolhimento de donzellas: vence muitos hereges em disputas: converte outros. Apparece-lhe a Virgem nossa Senhora: ensina-lhe a devação do Santo Rosario, e manda-lhe que a pregue.

Mas chegava-se o tempo em que Deos queria descobrir ao mundo as grandezas pera que criara seu servo Domingos, e tomou por instrumento o mesmo Bispo de Osma D. Diogo, o qual estando de caminho pera França encarregado de huma embaixada de importancia por El-Rei D. Affonso de Castella, não quiz fazer a jornada sem elle. Partirão por Abril do anno de 1203, entrárão pela parte de Tolosa, cidade principal da Provincia Narbonense. Souberão logo que andava levantada n'aquella comarca huma diabolica heregia, que nascida no lugar de Albi, hia lavrando como fogo por todos os lugares vizinhos, e inficionando como peste não só a gente popular, mas tambem nobres, e senhores. Frei Domingos que já em Hespanha costumava derramar lagrimas por peccados alheios e ordinarios, que faria nos de falta de Fé? Foi dôr que o ferio na alma. E muito mais, quando vio por seus olhos, e ouvio com seus ouvidos na primeira pousada, em que entrárão, hum pobre estalajadeiro atrevidamente pôr em pratica e disputa mysterios soberanos da Fé (manha he ordinaria de hereges, como não tem a Fé no coração, trazerem-na sempre na boca, e qualquer idiota presumir de falar, e argumentar n'ella). Tremião as carnes aos Catholicos de ouvir as blasfemias. Tomou Frei Domingos entre mãos o miseravel, e por cego e obstinado que estava, em poucas razões o deixou atado, e convencido, e como primicia da jornada, allumiado e reduzido. Passárão á corte de França, era a Rainha Hespanhola; e tal pessoa, que por ella confessão os escritores Franceses, que entrárão todos os bens em França. Chamava-se D. Branca, filha do mesmo Rei D. Affonso de Castella, em cujo serviço era a

embaixada. Como devota, e religiosa folgou de communicar com Frei Domingos. E como tardava em alegrar o Reino com successão, pedio-lhe que com suas orações lhe alcançasse de Deos fruito de benção; e não se enganou na petição: dentro de pouco tempo teve hum filho tão de benção, como foi o santo Rei Luis.

Concluido o negocio da embaixada, quiz o Bispo, pois estava em caminho, visitar as reliquias dos Sagrados Apostolos em Roma, e dar conta ao Pontifice como testemunha de vista do estrago que fazia a heregia nas terras de Tolosa, e da necessidade que havia de remedio apressado. Fez a jornada, e não foi perdido o trabalho. Despachou o Papa pessoas de letras, e virtude que se fossem empregar na prégação, e reducção dos hereges. Erão doze Abbades da Ordem de Cister. Sahio pouco depois o Bispo em seguimento d'elles, mas achou tudo mais damnado do que o deixara; e muitos lugares inteiros declarados na heregia com seus senhores. Começárão todos a prégar, rogando, instando, amoestando, ensinando. Não se póde crer o desaforamento que havia. Não só desprezavão a doutrina e doutrinantes, mas fazião-se reformadores, e reprehensores dos mestres da verdade, que comião, que vestião, que andavão a cavallo. Tratou Frei Domingos com o Bispo que tirassem toda occasião de murmurar aos inimigos, a ver se tinha a verdade mais lugar, ajudada de hum raro exemplo. Determina-se o Bispo, larga o fausto, e despede pera Hespanha o acompanhamento de Prelado e Embaixador, fica-se só com Frei Domingos. Entrão ambos a pé por Monpelher. Fizerão o mesmo os Abbades. He a terra grande e populosa, e estava chea dos que já se chamavão Albigenses, tomando o nome do lugar em que tivera nascimento o desatino. Junta-se o povo, contentava-se nosso Padre com ser ouvido, abria-lhe os olhos, descobria-lhe a cegueira, concluia-os. Mas crescia a ignorancia, e o atrevimento nos mais cegos: pera apartarem o povo da prégação, commettem ao Bispo que per disputa publica querem calificar suas opiniões. Porém foi facil de vencer a mentira.

Convencidos e corridos pedem segundo partido: dizem que Frei Domingos vence com agudezas argumentando, e com eloquencia fallando, que se dispute por escrito. Escrevem elles, escreve elle. Mas desconfiando os hereges de suas sofistarias, passão a maior temeridade, querem sinaes do Ceo: e fazem instancia que se remeta ao fogo a verdade do que cada parte defende. Refusava Frei Domingos tentar a Deos quando estava victorioso em todos os outros meios. Passárão muitos dias, crescia a contumacia, e a soberba. Pareceo forçado aceitar o desafio. Não podião os hereges es-

perar milagre, nem erão tão ignorantes que o esperassem: que nunca houve milagre onde faltou a verdadeira fé: mas foi lanço de artificio, e malicia. Fazião conta, que tinhão por infallivel, que o fogo consumiria os escritos catholicos: e ainda que os seus tambem ardessem, já ficavão iguaes na causa, que era assaz pera elles. E não falta quem affirme que tinhão quem com esconjuros, e arte diabolica se offerecia sustentar-lhe os seus sem damno no meio das brasas. Em fim aprazou-se dia. O nosso Prégador entretanto não tinha hora de descanço. De dia oração, e jejuns: de noite oração, lagrimas, e disciplinas. Este era o maior estudo pera a contenda que esperava. Chegado o prazo, toma seus cadernos, junta-se com o Bispo, e Abbades. Acodem os contrarios, põe-se em meio hum braseiro ardendo: lanção-se os papeis de cada parte. Caso estranho! Saltão fóra do fogo os que continhão a verdade, abrazão-se os hereticos em hum momento. Louvárão a Deos os Catholicos: ficou Frei Domingos com nome de Santo. E pera que n'um só milagre houvesse tres, segunda, e terceira vez foi convidado o fogo c'os mesmos papeis: e outras tantas os deitou de si sem lesão, nem sinal d'ella.

Mas não bastão pera os incredulos milagres do Ceo. Porque permitte Deos pera castigo dos máos, quando a cegueira nasce de vontade damnada, que vendo não vejão, entendendo não entendão. Não só ficarão em sua dureza, mas passarão ao ultimo desatino, e proprio de hereges, que he suprir, e confundir com força as faltas da razão: tomão as armas, fazem-se temer, e obedecer por ellas. Estava prevertido, e em seu favor o Conde de Tolosa senhor poderoso. Juntarão-se-lhe na opinião, e na força os Condes de Foix, e Comminge. Cahio de todo a causa dos bons, atropellada do poder, e das armas. Andavão os Catholicos encolhidos, e encantoados, outros fugidos, ou envergonhados e abatidos: suas casas erão saqueadas, as fazendas destruidas, tudo confusão, e injustiças. Assi derão em tanta pobreza, que muitos nobres por sustentar a fé chegavão a desamparar as casas, e as filhas donzellas: e taes havia que polas não ver padecer escolhião por menos mal entregal-as como vendidas, e cativas aos hereges que reinavão. A este desamparo acudio o santo Frei Domingos com hum desenho do Ceo, que sempre dos maiores males costuma Deos tirar grandes bens. Tinha-lhe dado o Bispo de Tolosa Fulcon, varão religioso e santo, huma Igreja entre Carcassona e Tolosa pera seu recolhimento (era a invocação Nossa Senhora, e o nome do sitio Prulliano.) Ordena Frei Domingos n'ella hum recolhimento pobre por então, e mal reparado, conforme ao tempo que cor-

ria. Começa logo a povoal-o de donzellas nobres, e pobres, pondo á conta de Deos o governo, e sustentação: e chegárão em pouco tempo a numero de cento. De tão fracos principios veio a ser, e he hoje casa sumptuosissima, e o primeiro mosteiro de Freiras que houve nas Ordens mendicantes, e o primeiro de França que admittio clausura.

Havia já dous annos que o Bispo D. Diogo assistia n'esta conquista de almas. Vendo que o trabalho era intoleravel e sem fim, porque ainda que aproveitavão muito por huma parte, hia por outra tomando novas forças a heregia, e de novo se corrompião mais lugares, determinou acudir a suas ovelhas. Foi-se: e o mesmo fizerão os Abbades. Ficou S. Domingos só, que não póde acabar comsigo largar o campo: antes ardendo em zelo da honra de Deos, e do remedio de tantas almas, tomou o negocio tanto a peito, que aos dous annos, que já tinha assistido, ajuntou depois com invencivel constancia oito: e forão dez por todos os que perseverou n'elle. Grandes cousas lhe succedêrão no discurso de tão largo tempo, que não poderemos fazer mais que hir tocando algumas de passo, e deixando outras por abreviar. Prégava sem cessar em publico, e pelas casas particulares, correndo os lugares, e villas da comarca. Sentem-se os hereges, porque lhes tirava reputação, e grande numero de discipulos: tornão a pedir conferencia, e disputas publicas das opiniões. Assentou-se junta em hum lugar pouco distante de Tolosa. Quiz o Bispo Fulcon achar-se presente, e apercebia-se de acompanhamento conforme a seu estado, parecendo-lhe conveniente, pois era auto publico, mostrar autoridade e pompa, contra gente armada de poder, e força. Persuade-lhe S. Domingos que vença a soberba heretica com humildade, e imitação de Christo. Põem-se ambos ao caminho a pé e descalsos. Vio-os partir hum herege; sáe-lhes ao encontro fóra das horas, e fingindo doer-se d'elles com palavras e cortesia de amigo, offereceo leval-os por hum passo que sabia com que atalharião terra, e trabalho, Que facil he de enganar a virtude! Seguem-no; dá com elles em hum monte serrado de matos, e aspereza: triunfa em seu coração vendo-os cançados, e moidos, e dos pés descalços correndo sangue. Mas não se dava de todo por satisfeito, porqne todavia hião alegres, e sofridos. Cançou-se o infelice rodeando montes, e valles: e em fim notando que durava mais n'elles a paciencia, que n'elle o gosto e teima de os quebrantar, foi tal a confusão, e compunção que recebeo d'aquella santa constancia, reconhecendo n'ella a verdade da fé, e do espirito e graça

divina, que no meio do mato se lançou aos pés de S. Domingos, confessou seu erro, e pedio perdão, e reducção á Igreja. Pagou Deos a seus servos o trabalho do caminho com gloriosa victoria nas disputas.

Mas vencião em poder e numero os que em razões, e argumentos erão vencidos, e como da parte de S. Domingos faltava corpo de gente, e o vião só e pobre, determinárão descompol-o com afrontas e desprezos, humas vezes dizendo-lhe injurias no rosto, outras tirando-lhe pedras, e lançando-lhe lodo das ruas ao vestido, e aos olhos. Triunfava o Santo conhecendo a causa porque padecia: pagava com silencio, e olhos a Deos em graças do que lhe dava a merecer por defensão, e honra da verdade. E sendo assi que em muitos lugares recebia estas ignominias, e na cidade de Tolosa era ainda respeitado e amado, notava-se n'elle, que pera hir áquelles tinha azas nos pés: e pera Tolosa sempre hia forçado. Ardião os hereges em raiva com a humildade do sofrimento, e muito mais com a continuação da prégação de que nunca desistia: ameação-no com a morte se não calla, e tratão de lh'a dar: porque não temendo Rei nem Prelados, d'elle, só tremem descalço e pobre. E hum dia lhe disserão sem rebuço, que se passára por certo lugar, onde lhe tinhão armado, estiverão já descançados. Perguntou que determinavão fazer? Responderão, que fartar-se de seu sangue: e elle replicou, que porque vissem que não tinha menos sede de o derramar pola causa que defendia, que elles de o beber, lhes houvera de pedir em tal passo, que lhe não encurtassem a gloria de padecer matando-o depressa, mas que lhe fossem cortando cada membro por si, e tantas mortes recebesse, quantos erão os membros.

Soube-se em Roma o que passava. Despachou o Pontifice hum Legado por nome Pedro de Castronovo, ou Castel-novo, que he o mesmo, da Ordem de Cister. Entrou pola terra, fallou com os Condes, fez juntas, tentou remedios: achando tudo cerrado, e todos contumazes, excomungou o Conde de Tolosa, e fez volta. Sentio-se o Conde, mandou gente trás elle, matão-no ás lançadas. Era entrado o anno de 1208, governava a Igreja de Deos Innocencio Terceiro, varão santissimo: determina castigar a impiedade a fogo e sangue como merecia. Manda logo a França por seu Legado o Cardeal Gallon do titulo de Santa Maria in Porticu. Escreve a El-Rei, e a todos os Principes da Christandade, que acudão ao castigo dos rebeldes, e passa Bullas pera se prégar Cruzada contra elles, e seus valedores, como era costume quando se juntavão ex-

ercitos pera a conquista da Terra Santa. Foi grande o poder de gente que começou a correr pera a empreza, de toda a sorte, estado, e qualidade, e de todas as provincias da Christandade.

Não estava entretanto o Santo ocioso, procurava por todos os meios reduzir os cegos ao caminho da verdade, antes que cahisse sobre elles o rigor que antevia da espada divina. Corria, como costumava, todos os lugares, fazia grandes instancias com os homens: mas muito maiores com Deos, pera quem cada dia ganhava muitas almas. He cousa certa, que em hum lugar d'estes, aposentando-se em casa de humas senhoras illustres, que vivião na cegueira da heregia, passou huma Quaresma inteira a pão e agoa, e sem outra cama mais que huma taboa, ajuntando a tal cama e tal mantença muita oração, e asperas disciplinas. O que sendo d'ellas notado, e vendo-o na Paschoa com mais forças, e melhor côr de rosto, do que entrára na Quaresma, pôde mais que a prégação, esta vista e discurso: espantadas da virtude, e poder divino deixarão-se vencer da verdade, e abjurarão a heregia. Era o fim d'estas penitencias não huma só casa, nem poucas almas. Estendia-se aquella inflamada caridade a todo o Reino de França, e a toda a Christandade, temendo muito aquelle fogo, e lembrando-se do antigo de Arrio, e outros semelhantes, que com seus erros corromperão, e levarão ao inferno grande parte do mundo: prostrava-se por terra diante do Senhor, regava-a com rios de lagrimas, e com profundissima humildade gritava por remedio. Descançava hum pouco, e logo discorria que poderia fazer de sua parte em serviço d'aquelles proximos, que fosse de momento pera os allumiar, e reduzir áquelle Senhor que nenhuma cousa mais ama que a salvação dos que criou. Estendia o pensamento a juntar gente contra o inferno, como elle juntava contra Deos: gente armada de fé, de penitencia, de humildade, de doutrina, contra a que professava infidelidade, soberba, dissolução, ignorancia. Deleitava-se na traça, que na verdade já era do alto, d'onde todo o bem procede: mas julgando-se por indigno, e fraco pera tamanha empreza, tornava ás lagrimas. Após as lagrimas, requeria com sangue arrancado á força de huma cadea de ferro, que de noite lhe servia de disciplina, e de dia fazia officio de cilicio cingida, e apertada á raiz das carnes. Assi alternando orações, disciplinas, gemidos despendia muitas horas: e no cabo parecendo-lhe que não era ouvido por seus peccados, acudia á Virgem Mãi, fonte de toda a misericordia, e lembrando-lhe que seu Unigenito Filho no tempo que

lidava na Cruz com as angustias da morte, que lhe davão os peccadores, ali mesmo lhe déra o titulo de mãi d'elles, e Elle o deixára como por herança, e em testamento, tomava-a por medianeira em tantos males, instava, e pedia-lhe favor. Depois de perseverár muitos dias n'este requerimento, acudio-lhe a Virgem piedosissima com huma visão, que assi como foi pera o Santo de grande consolação, justo he que o seja tambem pera os que somos seus filhos, e pera todo o Christão em quanto o mundo durar, pois tanto durará o fruito d'ella, se o soubermos estimar. Appareceo-lhe visivelmente, e ensinou-lhe a sagrada devação do Rosario, mandou-lhe que a prégasse com certeza que seria remedio efficaz pera vencer e acabar a heregia, e preservar do veneno d'ella os que a abraçassem, e exercitassem. Animou-o juntamente a levar adiante a empresa de prégar contra os erros, e pravidade heretica, e defender e publicar as verdades catholicas, dando-lhe novas que brevemente veria dado cumprimento á traça que trazia imaginada de ajuntar homens pera o mesmo officio, por ser traça que a Deos muito agradava.

CAPITULO III

Começa-se a guerra contra os hereges Albigenses. Dá S. Domingos principio ao Santo Officio da Inquisição: Confirma-o o Summo Pontifice, e dá-lhe titulo de Prégadores a elle, e a seus Companheiros.

Era entrado o anno de duzentos e nove, abria o témpo, e dava ja lugar pera os Cruzados poderem sahir em campanha, e começarem a menear as armas. Nomeou El-Rei de França por General do exercito a Simão, Conde de Monforte, e encommendou-lhe com particularidade a pessoa do Mestre da prégação Frei Domingos, que já de muitos dias era conhecido de todos por este titulo, e a mesma recomendação teve por letras do Papa. Estavão os hereges encerrados nos lugares fortes, apercebidos de armas, e munições, e animados a esperar n'elles pertinazmente todo transe, antes que mudar de opinião. Foi o primeiro acommetimento contra a villa de Besses, ou Brissiers: defendeo-se com valor de gente desesperada: mas em fim foi entrado o lugar, e passados a fio de espada sete mil homens. Passárão a Carcassona: fez pavor o succes-

so de Besses, deu-se a partido. Acompanhava o santo prégador os Cruzados na primeira fileira do esquadrão, feito Alferes de hum devoto Crucifixo, que levava arvorado em huma haste. Mas hia metido em hum mar de cuidados, como ardia em zelo das almas, e da honra de Deos, qual outro Elias. Considerava que o fim das armas Christãs não devia ser destruir sómente, senão tambem edificar, que convinha tomar-se algum termo com aquelles, que ou o medo do castigo, ou algum bom espirito trouxesse á obediencia da Igreja: e dar-se ordem pera serem recebidos a penitencia, por tal modo, que se ficasse entendendo se procedia de coração, ou de fingimento: parecia-lhe que se perdia o tempo na guerra, e nos remedios violentos, se a passo igual se não negoceava algum meio com que ficasse a terra limpa de contagião, e sem medo de tornar a brotar a perversa zizania, ou por occulta, ou por mal mondada. Deu conta de tudo ao Legado Apostolico, que acompanhava o exercito; elle como prudente entendida a necessidade, manda-lhe como a outro Joseph do Egypto, que pois Deos lhe communicara pensamentos tão acertados, elle mesmo trace o remedio, elle o execute sem meter tempo em meio: que entretanto avisará ao Pontifice. D'este ponto teve origem o veneravel tribunal do Santo Officio contra a heretica pravidade, de que tantos, e tão grandes bens tem resultado á Christandade. Tomou logo a mão o Santo em inquirir nos de Carcassona, quaes erão obstinados, quaes pedião misericordia. E como era já seguido de alguns virtuosos sujeitos, obrigados das maravilhas, e grande espirito que n'elle vião, fez tomar a rol, e em livro nomes, idades, estados, sexo, e qualidades dos culpados, com todas as mais diligencias e circumstancias necessarias. Assi forão os obstinados ao fogo: forão com misericordia recebidos os que de arrependimento derão sinaes. Mas amoestados, que sendo achados segunda vez em culpa, serião castigados em todo rigor. Era grande a vigilancia e cuidado com que o Santo procedia no novo officio, que como consistia em inquirir e censurar vidas, fé, e costumes, foi tomando nome dos effeitos, nome, e officio, nunca d'antes ouvido, nem usado na Igreja. Não era menos o louvor que tinha dos grandes do exercito, e principalmente da boca do Legado, a cuja auctoridade referia tudo o que fazia, tomando só pera si o trabalho, e dando-lhe a elle o nome, como era razão, pois era ali Ministro supremo da Sé Apostolica, e immediato ao Pontifice. Foi o campo conquistando todos os lugares de força, e o Santo Inquisidor seguia com as armas de seu officio, e com

zelo de bom pastor separando o gado enfermo do são. Em Cazzéras relaxou sessenta juntos, que forão queimados. No castello de Minerva cente o quarenta, em outro lugar quatrocentos. E por outras partes cento e oitenta. Em Vauro, villa forte do bispado de Tolosa, forão queimados hum grande numero: e a senhora do lugar chamada Giralda, por pertinaz na heregia, foi empoçada. Do resto do povo huns erão reconciliados, outros penitenciados com suas ceremonias, e sentenças pera exemplo, e castigo.

Soou em Roma o exercicio e fruito d'este cargo acreditado dantes com as cartas do Legado; e sendo estimado de toda a corte, despachou o Santo Pontifice Innocencio III, suas letras de approvação d'elle, e de muita honra, e favor pera o Santo. N'ellas lhe mandou que o exercitasse, e como Inquisidor Apostolico procedesse contra os contumazes. Assi o affirmão D. Luis de Paramo, Inquisidor de Sicilia, e Blondo, e João Buccheto, e outros (*). E acrescentão huma cousa que succedeo ao cerrar do Breve, em que ao parecer não faltou mysterio: e foi que reparando o Pontifice na fórma do sobrescrito, e mandando-o emendar por tres vezes, na ultima assentou que fosse assi: *Ao Mestre Frey Domingos, e aos irmãos prégadores que com elle estão.*

Mas não me atrevo a passar adiante sem pedir com caridade a dous Religiosos Cistercienses, escritores em lingoa castelhana, que polo que devem a si mesmos, e ao credito que desejão a seus livros, folguem de se retractar (que os bons e sabios se retractão) de huma opinião em que mostrão paixão demasiada, e pouco conhecimento das historias antigas, e modernas, affirmando que na sua Ordem, e não na nossa teve principio o Santo Officio da Inquisição. E antes d'outra cousa lhes lembro, que escrevendo elles depois do anno de 1587, em todos os que correrão atrás desde o tempo que nosso Padre S. Domingos começou a prégar em França, que são poucos menos de quatrocentos, a nenhum dos escritores da sua Ordem, nem dos chegados a ella passou nunca pela imaginação porem tal cousa em papel. E pois estes a não escreverão, sendo assi que florescião então em letras, em poder de Conventos, em numero de Bispos e Arcebispos, e Cardeaes, claro fica que o não deixárão de fazer se não porque na verdade não querião pera si, e pera sua Religião mais do que direitamente lhe pertencia. E como em tal opinião não têm

(*) D. Luiz de Param. de Orig. Off. S. Inquis. liv. II. tit. 1 cap. 2, num. 9. — Blondus, lib. VI. dec. 2.—Joann. Bucch, in Annal Aquit.

por si autor antigo nenhum, nem seu, nem alheio: e nós temos em favor nosso toda a veneravel antiguidade, quero dizer todos os que escrevêrão em tempos vizinhos á guerra Albigense, em que o santo tribunal teve principio, e em que podia haver muitos, e poderosos contraditores: e assi estão por nós os que despois falárão na materia por todo o discurso d'estes quatrocentos annos, tanto seculares, como ecclesiasticos: tanto Religiosos nossos, como d'outras Ordens: bem se segue ser assumpto temerario quererem dous ou tres, só na confiança de bom engenho, escrevendo n'esta idade, saber mais que todos os seus, e contradizer todos os nossos, e os que de nós falão. Bem estou na conta, que me hão de culpar os meus de dar vida a suas rezões, com lhes fazer reposta: mas faço-a por dous respeitos. Primeiro, porque escrevem em vulgar, e o vulgo he facil de levar de novidades, quando não são impugnadas. Segundo, porque he justo acudirmos á obrigação, e fraternidade que nos devemos as Religiões, humas ás outras, não consentindo fazer-se á do Santo illustrissimo Bernardo tamanha offensa, como seria procurar-lhe honra de suor, e trabalhos alheios, quando elle com os proprios lhe soube adquirir tanta.

E porque a verdade he que nosso Padre S. Domingos foi o inventor do Santo Officio da Inquisição, como atrás dizemos, e o primeiro Inquisidor, e Inquisidor geral confirmado por dous Papas, iremos apontando os Autores que o escrevem. Seja o primeiro Camillo Campegio Inquisidor geral, e Bispo de Nepi na Toscana, que largamente o prova nas suas addições. O mesmo affirma Francisco Pegnia, e Zanchino Ugolino de Haereticis. E Pedro Mathaeus Doutor em ambos os direitos diz estas palavras: *Favit B. Dominici votis et operi Summus Pontifex iniuncto ei censurae seu quam vocant Inquisitionis haerescos munere, quo quidem ipse Beatus Pater primus omnium ornatus est.* Assi o dizem Fr. Leandro Alberto, Fr. Sebastião de Olmedo, Fr. Antonio de Sena, Fr. João Marieta, Fr. Estevão de Senhalac, Fr. João Sagastizaval, Aymerico Inquisidor geral de Aragão, e Bernardo Quijon Inquisidor de Tolosa. São de ver as palavras de Lucio Marineo Siculo na sua historia de Espanha: *Procurante Innocentio III. Pont. Max. haeresim apud Tolosam nuper obortam mira celeritate atque virtute compescuit S. Dominicus, etc.* E são isto catorze Autores, sem os tres que allegamos atras, e sem outros sete que irão na margem, por encurtarmos aqui leitura (*). Mas bem puderamos

(*) Camill. Camp. in suis addit. Francis. Pegn. 3. p. direct. com. 32. tit. quod Inquisi-

escusar todos, só com referir o testimunho do famoso Pontifice Sixto V, cujas cousas inda hoje estão espirando inteireza e valor. Diz elle em hum breve que passou no anno de 1586, sobre a festa do nosso Inquisidor, e primeiro martyr por aquelle officio sagrado, S. Pedro de Verona: *Imo vero imitatione accensus B. P. Dominici, ut ille perpetuis et concionibus, et disputationum congressibus, officioque Inquisitionis, quod ei primum praedecessores nostri Innocentius III, et Honorius III, commiserant contra Haereticos mirabiliter se gessit.* E mais abaixo confirma o mesmo acrecentando: *Quam ob rem post B. Dominicum non immerito Princeps appellari debet sacrosancti Officii Inquisitionis, cum ipse primus illud suo sanguine consecrarit.* Isto são letras Apostolicas que irrefragavelmente provão que dous Papas santissimos derão primeiro a nosso Padre o officio de Inquisidor, que a toda outra pessoa. E comtudo estejamos á conta com estes dous Padres, e examinemos seus fundamentos; que por elles mostraremos que não dizem por si, nem contra nós cousa de sustancia. Fazendo-lhes primeiro a saber que o breve allegado começa, se o quizerem ver: *Invictorum Christi militum numerus ingens, etc.* E foi passado em 15 de Abril do anno de 1586, primeiro de seu Pontificado.

O primeiro, que he o padre Fr. Bernabé de Montalvo na Historia de sua Ordem diz assi: *Este mismo officio de Inquisidor conservó Santo Domingo todo el tiempo que bivio nuestro Arnaldó Generalissimo de Cister Arçobispo de Narbona Inquisidor General. Por cuya muerte, que fue el anno de 1224, y la de su successor Pedro Diacono Cardenal, embiando el Pontifice por su Legado a Latere a don Bernardo nuestro Monge Cisterciense Presbitero Cardenal, y Capitan del exercito de los Catholicos contra los hereges de Aquitania: y confirmó el officio de Inquisidor a Santo Domingo, como consta de la dispensacion que dio a un Cavallero de Tolosa. Por los quales instrumentos, sentencias, y cartas de Santo Domingo claramente se collige, que nunca el fue Inquisidor por autoridad Apostolica. Ni en los Archivos de Roma hasta oy se ha hallado instrumento, ni letras Apostolicas en contrario desta verdad que aqui pruevo, que no aya sido el primer Inquisidor Santo Domingo: no obstante que lo diga Francisco Pegnia, Com-*

Zanch. Ugol. de Haeret. c. 20. Petrus Math. in annot. ad summam Constitutio. Pont. tit. Pij V. §. 26. Fr. Leand. Alb. in vita S. Dom. 1. Fr. Sebas. de Olm. in vita ejusdem. Fr. Ant. de Sena Dec. 1. f. 13. Marieta p. 2. l. 7. c. 11. Senhal. c. 2. de gl. nom. praedic. Sagastizaval in suo Ros. f. 53. Aymer. serm. 2. de S. Pet. Mart. Nicol. Bert. in hist. Tolosae. Luc. Marin. Sic. liv. 8. Bernar. Guijon Inquis. Tolos. Salzed. in prat. Crimin. Canon. c. 114. Usus Mauis f. 2. sui Cat. Antist. l. de Inquis. Susatus c. 2. suae Cronic. Castel blanc. f. 44. suae Histor. Soncin. in epist. dedic. ad Petrum de Palude super lib. Sententiar Flamin. Lib. 2. de S. Dom. P. 3. L. 3. f. 144. e 145. da Hist da sua Ord.

mento 32, pagina 461. Suppuesto lo que tenemos dicho facil será de provar, reprovando primero con el respeto devido a tan gran Varon: la opinion de Fray Hernando de Castillo, que dize aver tenido principio este Santo Officio de Inquisicion por su Padre Santo Domingo. Lo qual provarè ser falso, no solo con las autoridades y letras Apostolicas que dan esto a monges de nuestra Orden, sinó tambien con las que el mismo trae para provar, que Santo Domingo fue Inquisidor (como es verdad lo fue) mas no Inquisidor General, ni el primero que invento el Santo Officio de la Inquisicion. Com esta comprida, e envolta arenga quer este Religioso dar por provado seu intento: na qual lhe mostraremos ao olho tres erros, com que claramente se condena. Primeiro erro he dizer, que despois do anno de 1224, fez o Monge dom Bernardo autos de confirmação com nosso Padre S. Domingos, sendo assi que não ha quem ignore, que era falecido S. Domingos tres annos antes no de 1221. Segundo erro, e intoleravel erro, affirmar, como affirma, que até o dia em que escreveo se não achavão nos Archivos de Roma instrumentos, nem letras Apostolicas que dessem a S. Domingos nome de primeiro Inquisidor. Claro sinal que não revolveo bem aquelles santos archivos. Que se o fizera, achára o Breve atrás referido despachado no anno de 1586, antes de sahir á luz a Historia do Mestre Fr. Fernando de Castilho, contra quem elle escreve. Terceiro, e maior erro commete, dizendo que mostrará ser falso haver-se dado principio ao Santo Officio da Inquisição por S. Domingos: e que o provará com autoridade e letras Apostolicas, que affirma, darem-no a Monges da sua Ordem de Cister. As quaes letras não mostra: nem as pode mostrar, porque seria dar dous Breves Apostolicos em huma mesma causa repugnantes entre si, sem expressa rezão de tal repugnancia. Hum só defeito bastava pera invalidar, e annullar toda esta sua prova: que será havendo tres, e tão palpaveis, e tão enormes? Assi não ha que fazer caso d'ella: nem d'outra, em que o mesmo Autor mostra fazer confiança, persuadindo-nos, que no nome do habito que polo santo Officio se veste aos penitenciados ficou a memoria de S. Bento chamando-lhe Sambenito. Ridicula derivação. Arrimou-se á semelhança do vocabulo, sem ler os Autores antigos allegados n'este ponto polo Inquisidor de Sicilia D. Luis de Paramo (*). Que se os lêra, achára que na primitiva Igreja, a quem tinha cometido delito merecedor de penitencia publica, se mandava usar veste de sacco: e porque a

(*) Dom. Luis de Paramo l. 1. t. 2. c. 3. e lib. 2. t. 3. c. 11.

benzião com particular oração os Sacerdotes, era seu nome *Succus benedictus*. A força da antiguidade foi comendo, e encurtando o nome. Mas vejamos se tem mais nervo o segundo.

CAPITULO IV

Censura-se hum lugar de outro Religioso da mesma Ordem e opinião.

Chama-se o segundo Religioso Frei Angel Maurique, e começa assi hum periodo, falando das grandezas da Ordem de Cister (*): *Entre todas las que hasta aqui hemos dicho, y si otras algunas dixeremos al fin d'este discurso, la que a my parecer puede tener por principal blason de su nobleza, es el Santo Officio de la Inquisicion, que sin duda ninguna tuvo su origen y principio de nuestra Orden.* Com esta tão resoluta proposta quer tirar a capa dos hombros alheios, e na verdade grande honra lhes fora, como diz, se ella não tivera dono com prescripção de posse na Ordem de S. Domingos de quatrocentos annos, e prescripção de silencio na sua de Cister de outros tantos. Que fora se não tiveramos armas no Breve referido de Sixto V, valeroso filho do Serafico Francisco? Mas a verdade he, que vivemos já hoje na idade miseravel de ferro (**), tão de ferro, e pouca justiça, que pouco adiante no mesmo livro e discurso (***) se atreve tambem a defraudar-nos da fundação da Ordem da Mercê dando-a aos seus, sem fazer menção nenhuma de S. Raymundo de Penhafort Frade nosso, e Confessor del Rei D. Jayme de Aragão, que os mesmos Padres Mercenarios a boca cheia confessão (****), e reconhecem por seu fundador, e legislador que Elle deu, e vestio o habito: e até a sua reza, que foi sempre Dominica, excepto de poucos annos pera cá, que tomarão a Romana. Assi não ha que espantar querer-nos despojar do que tem por gloria, quem n'isto que menos importa, faz presa. Mas tornando ao ponto; em dous principios funda este Religioso sua opinião, tomados ambos de Autores da Historia de S. Domingos, e ambos torcidos a seu proposito. Despois de nos querer persuadir que o Santo Monge Pedro de Castro-novo foi o primeiro Inquisidor que houve no mundo, acrecenta em bom Castelhano: *Assi lo confiessa Ludovico de Paramo lib. 2. de Orig. Inquisit. tit. 1.*

(*) Na Laurea Evangel. L. 3. Disc. 8. §. 1. 2. 3.
(**) Ovid. l. 1. Metamorph
(***) L. 3. Disc. 8. §. 5.
(****) Fr. Natalis Xavet Mercenarius lib. de eodem Ord. Annal. Eccl. 1223.

c. 1. *aun que en el cap. 2, adelante dize, que Santo Domingo fue el primer Inquisidor; olvidado de lo que acabava de dizir en este: sus palabras son las siguientes: Sanctissimæ ergo Inquisitionis officium eo tempore sumpsit exordium, quo impijs erroribus, et blasphemijs execrabilibus Albigensium, Comitatus Tolosanus infectus, et penè extinctus erat. Tunc enim gloriosus Deus in Innocentio Tertio Summo Pontifice eam mentem iniecit, ut Petrum de Castro novo Monachum virtutis, et sanctitatis gloria florentem crearet Legatum, et ad illam provinciam ad Christum Servatorem nostrum reducendam mitteret.* Por maneira, que só com Paramo dizer n'estas palavras que Pedro Monge foi mandado por Legado a Tolosa, quer dar por certo, e provado, que foi tambem por Inquisidor. Tenho por necessario dal-as traduzidas em nossa linguagem, pera que todos julguem o testemunho que lhes levanta; dizem assi: *Teve pois sua origem o officio da santissima Inquisição no tempo, que o Condado de Tolosa estava inficionado, e quasi perdido com os erros, e blasfemias dos Albigenses. Porque então foi Deos servido pôr no coração do Summo Pontifice Innocencio Terceiro, que nomeasse por Legado a Pedro de Castro novo, monge de grande nome, de virtude, e santidade, e o mandasse áquella Provincia pera effeito de a tornar a Christo nosso Salvador.* Tal he o primeiro principio em que este Autor se funda: e he o mesmo (alem de torcer o sentido de Paramo) que não alcançar a differença que ha entre os officios de Legado, e Inquisidor: e outrosi estar mui alheio d'outro principio mui notorio, qual he, não se mandarem Inquisidores aonde os Principes, e cabeças das terras são declarados inimigos da Igreja Romana. Pois ninguem ignora que seria cousa ridicula mandarem-se Inquisidores a Olanda, e Gelanda, ou a Genevra, ou á Rochella no estado em que estas terras hoje estão. A verdade he, que o Santo Monge fez o officio que Paramo lhe dá de Legado, e Embaixador do Pontifice, pera tratar com os Condes senhores da Provincia, que já estavão pervertidos da heregia. E isto fez polo direito das gentes, com que os Embaixadores sem medo de offensa entrão por casa dos inimigos. Se os achára em disposição de obedecerem aos santos conselhos, e amoestações do Papa, então usára do poder de Legado, absolvendo-os, e reduzindo-os ao gremio da Igreja. E bem claro está, que não entrou aqui parte nenhuma de officio de Inquisidor. O que fez de Legado escommungando o Conde de Tolosa (que pudera escusar se quizera, pois ipso jure estava escomungado) lhe custou a vida, como atrás contamos. E d'ahi naceo mandar o Papa publicar Cruzada

contra elle: e conseguintemente, como houve exercito, e força, tratar S. Domingos de se dar ordem pera se alimparem as terras que se hião conquistando, da má semente, com a traça divina que inventou do Santo Officio. E porque Paramo o escreve, e entende assi, deduzindo humas cousas de outras, seguramente sem se encontrar, nem esquecer (que não ha esquecimento de Capitulo primeiro pera segundo) declara logo que o Padre S. Domingos foi o primeiro Inquisidor que houve na Igreja de Deos, como este Padre o refere.

Tal como este he outro lugar que tambem traz do mesmo Paramo, pera mostrar, que doze Abbades da sua Ordem forão tambem Inquisidores: e he o seguinte: *Eo tempore Summus Pontifex misit duodecim Abbates ex Divi Bernardi familia eximia virtute, et præclara doctrina ornatissimos, ut hæreticorum pagos excurrentes. etc.* E he de notar, que parando aqui sem nos dar o remate do periodo Latino, acaba-o em Castelhano dizendo: *Que fuessen a exercitar el mismo officio.* Grande falta, ou miseravel artificio pera quem emprende contrastar cousas difficultosas. Além de tais falencias, como todo edificio mal fundado por si mesmo cáe, elle mesmo dá com este em terra, com outras palavras que traz de Vincencio Belvacense, que dizem assi, falando d'estes Abbades: *Cœperuntque singuli Evangelicam paupertatem complecti, peditesque discurrere, ac strenue fidem Christi verbo et opere prædicare.* Querem dizer: E começárão todos, e cada hum por si abraçar-se com a pobreza evangelica, e andar a pé, e a prégar valentemente a fé de Christo. O que he clara confirmação do que atrás temos dito, que fizerão por conselho de nosso Padre S. Domingos, e do Bispo de Osma. Assi fica claro, que nem o Legado era mais que Legado, nem os Abbades forão mais que prégadores.

Menos força tem, ainda que traz mais alguma aparencia, outra rezão, com que este Padre cuida que de todo deixa encabeçada a Inquisição na sua Ordem, dizendo, que nosso Padre S. Domingos confessa que recebeo do Legado que era Abbade Cisterciense o Officio de Inquisidor, porque em huma sentença que deu, diz: *Quod nobis officium iniunxit dominus Abbas Cisterciensis Apostolicæ Sedis Legatus,* etc. E d'aqui infere, que pois S. Domingos foi Inquisidor por ordem, e commissão do Legado, ficava o Legado sendo Inquisidor supremo, e primeiro Inquisidor que S. Domingos. A esta desatada, e fraca consequência se responde com facilidade. Primeiramente ninguem póde duvidar que os Legados no soberano poder,

que exercitão, provêm muitos cargos necessarios pera a execução d'elle, que ou são incompativeis com sua dignidade, ou inferiores a ella, e de força se hão de administrar por terceiros. E ainda que elles os possão prover, e conferir, não se segue por isso, que tambem os podem exercitar, ou que os fiquem eminentemente exercitando alguma hora. E tal havemos de confessar, que era então este genero de officio: officio, como são de ordinario todos os que se crião de novo, sem proveito, nem honra, de muito cuidado, de grande trabalho, e risco entre hereges perversissimos, e só accommodado á grande humildade de S. Domingos, e ao zelo em que ardia das almas. E por ser tal, estimou o sabio Legado querer o Santo occupar-se n'elle, e lhe mandou que o fizesse, pois achara a traça como atrás dissemos, em quanto avisava ao Pontifice. Assi não negamos, nem queremos negar que o servio por commissão de quem tinha o supremo poder da Igreja em França, até que o Pontifice mandou a sua de Roma. Com a qual começou a fazer o officio com plenaria autoridade, sem mais sojeição ao Legado que aquella que todo ministro Ecclesiastico deve aos que são immediatos da suprema cadeira quando se achão presentes. E esta distinção de tempo, e serventia, e commissões se collige da mesma Historia de Castilho em que o Padre Frei Angel se funda. Porque não póde negar, que onde achou escrita a sentença, diz Castilho como em prologo d'ella, as palavras seguintes: *De antes que fuesse Inquisidor (entende S. Domingos) de officio, sino por sola commission del Legado, que andava en las revoluciones de Tolosa, se halla una sentencia dada contra un herege.* E logo segue a sentença. Nem póde negar que no mesmo capitulo, em que achou esta, se lê outra sentença, ou dispensação que confirma a distinção de tempo, dizendo assi: *Universis Christi fidelibus, ad quos literæ præsentes pervenerint, Frater Dominicus Oxomensis Canonicus, prædicationis humilis minister salutem et sinceram in Domino charitatem. Discretio vestræ universitatis præsentium autoritate cognoscat, quod nos Raymundo Gulielmo de Altaripa Pelaganirio licentiam concessimus, ut Gulielmum Ugutionem hæreticali quondam habitu, ut idem coram nobis asseruit investitum, secum in domum suam apud Tolosam teneat more aliorum hominum conversantem, etc.* Responde traduzida em Portuguez assi: A todos os fieis Christãos que estas letras virem, Frei Domingos Conego de Osma, humilde ministro da prégação, saude, e amor no Senhor. A todos vos seja notorio por autoridade das presentes, que nós démos licença a Raymundo Guilherme de Altaripa

Pelaganirio, pera ter em sua casa em Tolosa a Guilherme Ugociano, sem differença no trato commum, e ordinario de todos os mais homens, sem embargo que em tempos atrás foi condenado ao habito de penitencia que se dá aos hereges, segundo diante de nós o affirmou, etc.

Bem se diz, que convem fazer distinção de tempos, quem quer achar conveniencia nos direitos. Se este Padre notara a differença que ha nas duas sentenças quanto á commissão, e exercicio, e serventia do officio, fundando-se a primeira na autoridade do Legado em quanto tardava a do Pontifice: e fundando-se a segunda em autoridade propria, porque a tinha já de Roma, como se mostra no termo, *concessimus*, e não se referir como na primeira ao Legado. Se notára a differença dos tempos, que claramente parece no *quondam*, da segunda: de crer he, que se não enganára, nem tomára sobre si huma opinião tão encontrada com todos os historiadores, e estudiosos: pois com estas distincções se mostra clara, e corrente, e sem contradição a verdade que seguem, que he a mesma em que concordão Paramo, e o Padre Frei Fernando de Castilho, abraçada tambem (porque nos não fique nada por dizer) por Joannes Azzor da Companhia de Jesus, varão de grande doutrina, e mui versado na lição das Historias Ecclesiasticas, que tratando esta materia diz assi: (*) *Ex Historijs Ecclesiasticis didicimus hoc muneris quadam ex parte primum Beato Dominico fuisse mandatum circa annum Domini* 1208. E mais abaixo: *Et ideo ut salutaribus pœnitentijs impositis eos redeuntes* (*entende os hereges*) *posset absolvere plenam ad id facultatem á Romano Pontifice impetravit.*

Noticia tenho que ha terceiro mantenedor do assumpto d'estes dous Religiosos, e que he da mesma Ordem(**). Não fiz muita diligencia polo ver, por que não deve dizer mais que os dous, e basta-lhe a mesma reposta.

Mas temos nova contenda com outro Religioso da Ordem do glorioso Padre S. Francisco(***), que pera tirar a S. Domingos o lugar de primeiro Inquisidor, conforma com a opinião reprovada dos Cistercienses, dizendo que o foi sómente por commissão do Abbade Legado. E desconcerta com os mesmos pera fazer sua Serafica Ordem participante por partes iguais nos principios d'aquelle Santo Officio com a de S. Domingos; pera o que affirma de seu parecer absoluto, que se não conta a origem da Inquisição de mais atrás, que de quando o Papa Gregorio IX mandou Inquisidores da sua,

(*) Joannes Azzor t. 1. l. 8. c. 18. iastit. moral.
(**) Fr. Lourenço de Zamora na Monarch. Mist. P. 7. na vida de S. Dom. f. 356.
(***) Fr. Ant. Daça na 4. part. da Hist. de S. Francis. l. 1. c. 14.

e nossa Ordem contra os hereges do Condado de Tolosa. Por maneira que por huma via nos quer tomar tudo, e por outra quer entrar comnosco ao meio.

Pera prova do primeiro faz grande força na sentença que atrás apontamos, em que Nosso Padre confessa que exercitava ainda então o cargo por commissão do Legado. E he caso gracioso, que andando junta a segunda sentença que o mesmo Santo deu despois sem falar no Legado, e com autoridade propria, porque a tinha já do Santo Pontifice Innocencio Terceiro, como fica mostrado: e sendo força, que onde vio huma, havia de ver ambas, vale-se d'aquella que serve pera seu intento, e calla est'outra que o encontra, e põe por terra.

Não traz melhores armas pera confirmação do segundo. Allega humas palavras espedaçadas da Historia de Santo Antonino(*), onde conta que forão por Inquisidores pera as partes de Tolosa alguns Padres das Ordens dos Prégadores, e Menores, que despois padecêrão martyrios ás mãos dos hereges. E digo espedaçadas, porque usando d'ellas pera mostrar que forão estes os primeiros Inquisidores, não lhes dá o Santo Historiador tal nome de primeiros: e servindo-se tambem d'ellas pera provar que forão mandados por Gregorio IX, calla a circumstancia mais importante do anno apontado pelo mesmo escritor: porque era o de 1242 que em claro desbarata seu intento, por quanto Gregorio IX era falecido de primeiro de Setembro do anno atrás(**). E de muitos antes havia já Inquisidores Dominicos em França, em Lombardia, em Sicilia, e Alemanha(***).

Descuberta a fraqueza d'estes fundamentos, que não tem por si mais que a imaginação de seu dono, desacompanhada de Autores de importancia: porque os Cistercienses já ficão refutados: e estando por nós todos os que nomeamos no capitulo antes d'este, bem nos puderamos queixar de cahir tão injusta pretenção em pessoa, que por Chronista da sua Ordem, estava obrigado a ter noticia do que tantos escrevem, e affirmão: e por Religioso d'ella não pode deixar de venerar com sojeição de animo, e entendimento a Extravagante do Santo Pontifice Sixto V seu Frade(****), que atrás tocamos, na qual pera confusão do primeiro erro, declara que foi S. Domingos o primeiro Inquisidor da Igreja de Deos : e

(*) S. Ant. p. 3. tit. 23. c. 9. §. 1.
(**) Annaes Eccles. no anno de 1241. Ilhescas na Pont. na vida de Gregor. Nono.
(***) Don Luis de Par. l. 2. tit. 1. c. 2. n 4. e c. 3 n 6. Annaes Eccles. an. 1215. n. 11. e an. 1225. n. 7. Paramo l. 2. c. 25.
(****) Sixtus v. in Extravag. quae incipit: Invictorum Christi militum

pera desengano do segundo, que o foi por commissão de dous Pontifices Innocencio, e Honorio, ambos Terceiros, e ambos falecidos antes de Gregorio IX subir áquella santa Cadeira. E isto baste.

CAPITULO V

Passa o campo Catholico contra outros lugares. Contão-se algumas maravilhas que Deos obrou polo Santo. Cercão os Catholicos a Cidade de Tolosa, retirão se com perda, e desfaz-se o campo.

Tornando ao fio de nossa historia, custou dous annos de tempo, e muito sangue aos Catolicos a conquista dos lugares, que atrás apontamos, e d'outros a que logo forão passando: e não menos trabalho ao Santo Prégador, que nunca tinha hora ociosa. Porque quando o inverno fazia cessar as armas da guerra, manejava elle as da prégação, e disputas com que sempre grangeava muito pera Deos, ou allumiando almas, ou confundindo as que não querião luz. Aconteceo na Villa de Murel, ou Monreal, (e advirto que estes nomes dos lugares como são tomados de historias Latinas, andão mui disfarçados, e differentes dos proprios modernos, e antigos) que despois de huma longa contenda que teve com hereges de paz, em que houve grande numero de ouvintes, que mostravão querer entender a verdade, como vio que os tinha tomado ás mãos, quiz ver se os podia acabar de render. Trazia a materia escrita em termos. Era do Sacramento da penitencia e confissão vocal: tirou do papel, meteo-lh'o nas mãos. Forão-se com elle, juntão-se á noite os que presumião de mais agudos: debatêrão, cansarão sem achar que replicar, até que hum de pura raiva arrebata o papel, e arremessa-o a huma fogueira que todos cercavão em huma grande chaminé. Prodigioso successo! Perdeo o elemento a força natural á vista da verdade e tomou outra contra natural, que foi, rebater, e rechaçar o papel com tanta força, que voando parou sobre huma viga que atravessava a sala. Este caso tiverão por então em segredo, até que muitos dias despois foi publicado por hum da companhia que se converteo, e a viga se guarda hoje por memoria.

Mas não acreditava o Senhor só por huma via a doutrina de seu servo, sarava enfermos, lançava demonios, e fazia outras grandes maravi-

lhas. A humas desaventuradas mulheres, a quem o demonio trazia atolladas em torpezas, porque não podia acabar de as persuadir que se emendassem, offereceo dar-lhes vista, e conhecimento de quem as guiava, e a quem servião. Mandou ao inimigo que descubrisse a figura com que as acompanhava. Tão fea, e temerosa era que acabou o medo d'ella, quando a virão, o que o de Deos não fazia.

Foi hum dia pera entrar em huma Igreja cercado de ouvintes, a quem queria doutrinar. Achou-a cerrada. Tardavão as chaves a caso, ou ácinte. Chegou ás portas, poz-lhe as mãos, abrirão-se de par em par com admiração de todos.

Outro dia caminhava com pressa pera certo lugar. Ao passar de hum rio (chamão-lhe Aregia) cahio-lhe na agoa o Breviario envolto com papeis de importancia. Era peso junto, foi-se ao fundo: e não houve remedio pera se tirar, nem elle consentio que se fizesse muita diligencia, assi por não perder a jornada, como por dar tudo por perdido despois de passado da agoa. A cabo de tres dias trazem-lhe o Breviario, e papeis, tudo tão enxuto como se nunca tocarão agoa. Foi o caso, que arrastando hum pescador suas redes no mesmo lugar, colheo o envoltorio, e fez restituição ao Santo. E como os papeis devião ser das materias de fé que andavão em questão, não quiz ser menos cortez com elles o elemento da agoa, do que fora o do fogo com os outros. N'este mesmo caminho aconteceo, que passando huma barca, ao saltar em terra, lhe pedio o barqueiro o preço da passagem, e de seu trabalho. Como o Santo não trazia dinheiro, porque vivia de esmolas, e o barqueiro não determinava ficar sem paga: antes a requeria com soberba, e descompostura, poz elle os olhos no Ceo com huma breve oração, e logo tornando-os a terra, vio junto de si com que satisfez a divida.

A estas maravilhas ajuntou o Senhor dar-lhe espirito de profecia, com que antevia cousas grandes por vir, e a tempos declarava algumas, como veremos ao diante. Effeito foi d'este espirito o remedio de hum pobre moço, que sendo por elle relaxado ao braço secular por herege emperrado, quando o vio levar ao fogo, não sei que n'elle lhe revelou o Ceo, que pedio lh'o largassem. Era o moço de gentil presença em disposição, e rosto. Sem falar ninguem advogárão por elle estas partes: trouxe-o comsigo assi obstinado. E em fim veio a ter lume da verdade, e mereceo receber o habito na Ordem, e acabou n'ella com sinaes de predestinado.

Mas era entrado o anno de 1211, e o Conde de Monfort juntando

seu campo determinou acometer o lugar de Albi, ninho da heregia, e que lhe dera nacimento, e nome. Tomou-o a viva força, e sem deixar esfriar a corrente da victoria foi entrando, e conquistando outras praças' acompanhado sempre do nosso Inquisidor, e prégador. E ultimamente foi-se lançar sobre Tolosa, onde estava junta toda a força dos hereges, fazendo conta que aqui arrematava a guerra. He a terra grande; estava bem provida, fazia brava resistencia. Assi foi o cerco prolongado com varios successos, e perigos, cuja relação não pertence a esta historia, senão emquanto tocão ao Padre S. Domingos. Assistia elle no campo prégando, e animando, e servindo a todos, e fazendo oração por todos, que era pelejar por todos. Eisque hum dia acodem a elle muitos soldados huns tras outros, lastimando-se todos, que acabavão de ver perder no rio huma barca carregada de gente, e polo que se podia conjeiturar, julgavão serem Catholicos. Affligido com a nova sae da tenda, seguem-no todos a hum teso sobre o rio, d'ali começa a dar vozes inflammado em compaixão, e caridade chamando da parte de Deos pelos que já não aparecião, e logo á vista de todo o campo Catholico (podemos bem dizer: *Obediente Domino voci hominis*) começão a levantar as cabeças sobre a agoa, e vir saindo hum, e hum do fundo do rio pera a praia, e sem faltar homem de toda a companhia, reconhecidos todos do milagroso beneficio se vierão lançar aos pés do Santo, que os abraçava cheio de alegria, como o estavão os circunstantes de maravilha, vendo sãos, e salvos os que virão perder, e affogar, e desaparecer no meio da agoa. Então se soube o numero, e calidade. Erão quarenta peregrinos que passavão em devação a San-Tiago, de nação Ingrezes. O tempo forte, e o peso da gente fez soçobrar o vaso, pequeno pera tamanha carga.

Havia muitos mezes que o cerco durava, sem nenhum bom effeito, pola pertinacia, e valentia com que os cercados se defendião. Começárão a faltar mantimentos aos cercadores, derramavão-se os soldados, e mingoava o exercito: forão recrecendo outros inconvenientes. Em fim foi forçado levantar o campo com perda de reputação, e grande desconsolação do Santo.

CAPITULO VI

Animi o Santo aos Catholicos com huma alegre profecia do fim da guerra. Contão-se algumas maravilhas obradas por meio do Santo Rosario: e a grande victoria que se alcançou dos hereges.

Era julgada por tamanha desgraça esta retirada de Tolosa, que não havia Catholico que levantasse o rosto, assi andavão cahidos e desmaiados. Só o Padre S. Domingos cheio de confiança no Ceo, consolava, e animava a todos, e alegremente affirmava que a guerra teria fim muito cedo. Mas o mal presente não consentia dar-se credito a nenhuma boa esperança, com quanto tinhão experiencia das verdades do Santo. Declarava-se mais, apontava particularidades, que haveria huma famosa batalha, serião vencedores os Catholicos, ficaria hum Rei morto no campo. Não bastava nada, porque lançando contas humanas achavão tantos inconvenientes no estado das cousas, que vinhão a julgar mal do Santo, não só a negar-lhe fé. Accrecentava a desconfiança verem entrado o anno de 1213, e sem haver poder de parte dos Catholicos, andarem os hereges poderosos de gente, e allianças. Com tudo o Santo porfiava, e prégava, rogando publicamente que não quizessem com a desesperação encurtar, ou anteparar a misericordia Divina: que sem falta lhes affirmava, os viria consolar a tempo aquella Senhora, Virgem, e Mãi, cujos Rosarios resavão, e trazião nas mãos, e sobre os peitos. A isto ajuntava lembranças das muitas, e grandes maravilhas, com que a mesma Senhora ali mesmo, e entre elles lhes tinha feito conhecer o muito que valia sua devação. Assi os hia entretendo, e aliviando em quanto tardava o prazo que no Ceo estava determinado ao cumprimento da profecia. Mas porque não he rezão ficarem em silencio os casos que o Santo lhes lembrava, diremos brevemente por honra da Virgem, e do seu Rosario alguns dos muitos que n'aquelle tempo succederão(*).

Andava no campo Catholico hum fidalgo de Bretanha por nome Alano de Valcoloara, do qual se affirma, que todos os dias rezava o Rosario, despois que o Santo prégara, e ensinara a devação. Achou-se hum dia em huma escaramuça: era valente soldado: empenhou-se demasiado com os inimigos, e quando menos cuidou, achou-se cercado de muitos, e

(*) P. Fr. Fernand. de Castilho l. 1 c. 31.

quasi desamparado dos seus. Não havia senão morrer. Aparece-lhe n'esta pressa a Senhora, põe-se de sua parte. Quem seria contra ella? Começão subitamente a cair pedras sobre os hereges com tanta furia que voltárão as costas com muitos mortos, e todos feridos, e maltratados. E porque digamos tudo o que se escreve d'este devoto: aconteceo-lhe alguns annos despois da guerra achar-se no mar em huma tormenta, e a paragem tal, que sem remedio hia o navio á costa sobre huma rocha talhada. Acudio elle ao seu Rosario, e acudio-lhe a Senhora. Saltou subitamente o vento á terra, lançou o navio pera o mar, e salvou-se. Conhecerão os marinheiros o milagre, e reconheceo-o elle tomando o habito de S. Domingos, tanto que poz os pés em terra (*).

São os perigos da alma tanto mais de temer que os do corpo, quanto ella val mais, e he mais nobre que elle. Mas tambem n'elles acha a esta Senhora quem a busca: e como he Mãi, ás vezes tambem quem a não busca. Quando succedeo o milagre dos papeis lançados no fogo que contámos, achou-se entre os hereges que forão presentes hum muito principal em poder, e sangue. Este vendo o caso ficou enleado, e atonito, porque havia quinze annos que se não confessava. E caindo em huma profunda imaginação do que vira, e do estado em que estava, vio-se subitamente arrebatado por huma legião inteira de Demonios, que o levarão ao inferno, e o poserão á vista do que padecião os que este Sacramento Santo aborrecerão na vida. E vio que cada hum dos taes tinha hum feio dragão ferrado nas ilhargas, que enroscado pelas costas lhe roia o coração em pago da dureza com que fugirão da confissão: e as dôres que padecião os fazião dar bramidos como bestas feras: dos olhos em lugar das lagrimas que houverão de chorar de penitencia, lançavão labaredas de fogo, das bocas vomitavão podridão, veneno, e fedor: e parando o vomito pera não terem hora livre de tormento, lhes entravão por ellas lagartos, e bivoras. Era tudo tal, e tão medonho, que só da vista se sentia atormentado, e lhe parecia ser já companheiro nas penas. Mas a misericordia Divina lhe deparava ali a Virgem do Rosario, cujas grandezas tinha algumas vezes ouvido ao Padre S. Domingos, a qual via que em meio d'esta afflição lhe dava a mão, e o livrava. Assi na primeira hora que pôde, sem meter tempo em meio, se foi ao Santo que o confessou, e pera cura perfeita lhe ensinou a devação de quem lhe valêra no trabalho: a qual tomou tanto a peito que de herege, e estragado se fez Ca-

(*) Castilho ubi sup.

pitão de Catholicos, e nas bandeiras trazia por divisa o Santo Rosario, que lhe deu dos hereges muitas victorias, como lhe dera do inferno.

Por differente via teve cura igual outro nobre Catholico. Era vicioso, e devasso em sensualidades, e tratava mal huma virtuosa femea sua mulher. Ella ardendo em ira, e raiva de ver que a desprezava por outras, andava em pensamentos de se perder, por se vingar do marido em materia que igualmente lhe doesse. Passando assi alguns dias aborrecida da vida, e do marido, e de sua propria honra, e alma: e não acabando de pôr em obra o que já na vontade trazia executado: foi servido o Pai de misericordia representar-lhe em sonhos as penas que no inferno padecião os sensuaes. Vio que jazião em fornos ardendo, abraçados de serpentes, e liados d'ellas por toda a parte: de sorte, que nem as podião lançar de si, nem erão senhores de mover pé nem mão. Sahião-lhe polos olhos, boca, e narizes chammas de fogo horrendo de azulado, e negro com huma respiração, e cheiro incomportavel como de Vulcanos que ardem nos mineraes de enxofre: e a voltas do fogo vinhão huns borbulhões de materias como de postemas podres, negras, e nojentas que lhes corrião, e cobrião os corpos de pés a cabeça, e passavão ás entranhas, criando alli fragoa, d'onde tornavão a subir em corrente perpetua. Nacia de tudo hum tormento desesperado nos tristes padecentes, e do tormento hum grito continuado que atroava o inferno. E sendo tal o martyrio, nem matava (que fôra genero de consolação) nem podia matar: e esta certeza de perpetuidade era causa de nova, e maior pena. Entre estes fornos via hum vazio de condenado, mas não dos instrumentos dos outros, e foi-lhe dito que aquelle esperava por seu marido. A pobre senhora, que pudera alegrar-se com a vingança, estava tão assombrada do que via, que cheia de compaixão começou a fazer hum sentido pranto, que lhe tirou o sono e a visão. Acordou banhada em lagrimas, mas consolada, e contente de não ter executado os danados propositos de que estivera persuadida. E como não podia perder da memoria o que vira, buscou logo a S. Domingos, deu-lhe conta de duas almas, e levou remedio pera ambas. E foi assi. Deo-lhe o Santo hum rosario seu, mandou-lhe que rezasse por elle, e de noite o pozesse debaixo do travesseiro ao descomposto marido. Divino, e poderoso feitiço. Na primeira noite lhe cahio n'alma hum grande medo acompanhado de tamanha dôr de seus peccados, que a passou toda em lagrimas: na segunda se lhe representou que era chamado a juizo diante do tribunal divino, com que espertou cheio de novo terror, e sem poder to-

mar sono; tudo forão suspiros, e pedir perdões á mulher até pola manhã. Finalmente foi Deos servido mostrar-lhe outra visão do inferno semelhante á que contámos de sua mulher, com que se resolveo em fazer nova vida. E em quanto lhe durou, foi grande pregoeiro do poder, e virtudes do santo Rosario.

Mas tornando á nossa historia, e aos desconfiados Catholicos, era chegado o tempo em que o Senhor os queria consolar, e dar comprimento á profecia de seu servo; e pera que a victoria fosse toda sua, ordenou que succedesse no tempo que o partido Catholico estava mais desesperado, e passou d'esta maneira. Era por Setembro de 1213. Andavão os hereges senhores do campo: e o Conde de Monfort, repartidas as poucas gentes que tinha polas terras ganhadas, estava encerrado com poucos no Castello de Murel, praça forte sobre o rio Garona. Forão sobre elle os Condes hereges com tamanho poder que ameaçavão a toda a França, não só aos cercados. Levavão em seu favor a El-Rei D. Pedro de Aragão acompanhado de hum exercito victorioso, com que no anno atraz de 1212 se achára com El-Rei de Castella na famosa batalha das Navas, em que ambos desbaratárão, e matárão hum numero infinito de Mouros. Não havia no Castello mais de mil e oitocentos homens de armas, e os inimigos cobrião montes, e valles, affirma-se que não erão menos de cem mil combatentes. Acompanhava S. Domingos aos cercados, e como outro Moysés negoceava com Deos por meio de fervorosas orações, e do santo Rosario, e muitas lagrimas, não só o remedio do lugar, mas do Reino de França inteiro, que então pendia d'elle. Era gente escolhida, e valerosa a que o Conde de Monfort recolhêra comsigo: mas á vista de tanto inimigo não havia peito livre de temor. Só o Santo alegre, e confiado propõe que assaltem os hereges confiados em sua multidão, e descuidados do perigo, e affirma que tanto dilatão a victoria, quanto tardão em os acometer. Foi conselho que se armassem todos das armas santas dos Sacramentos da confissão, e sagrada communhão. Assi animados, abrem as portas, põe-se o Santo na dianteira com o sagrado guião de Christo crucificado nas mãos. Arremeteo aquelle pequeno esquadrão aos inimigos com hum torvão de alarida. Não se póde escrever qual foi o encontro, nem qual a resistencia, como vencêrão tão poucos, como forão vencidos tantos: veio a victoria do Ceo, d'onde estava prometida ás lagrimas do servo de Deos: assi ficou desfeito aquelle grande exercito em hum momento, como o outro de Senacherib, ao parecer mais por obra de Anjos, que por mãos

de homens, e alagando com sangue os campos que d'antes cobria com corpos, e armas, e he cousa certa, que forão mortos vinte mil homens, não faltando dos vencedores mais que sete ou oito. E porque se comprisse em todo a prophecia do Santo, e a victoria mais gloriosa fosse, ficou morto no campo El-Rei D. Pedro, desgraça digna da companhia que tomou, não de seu valor. Rendeo a victoria a S. Domingos celebrar-se seu nome com novos titulos, além de Santo, de Propheta, de milagroso, e amado de Deos. Bem sei que se escreve differentemente por alguns este successo, dizendo que ficou o Santo posto em oração com huns Prelados, que havia no castello. Mas não he de crêr que acompanhando elle os exercitos grandes em escaramuças, e recontros de menos conta, desamparasse este pequeno esquadrão em perigo tão manifesto, e tão necessitado de sua presença. E notou-se n'elle mais ao claro, o que já em outros recontros tinhão os homens visto, que sendo o Santo nos acommetimentos o dianteiro, nem em sua pessoa, nem na figura do santo Crucifixo, tocou nunca lança, nem seta, nem outro tiro, ficando pera inteira confirmação do milagre a haste em que hia arvorado, crespa de muitas setas que a pregarão. Este Crucifixo por memoria do successo se guarda, e mostra hoje no nosso convento de Tolosa (*). E pola mesma conta devia dar o consentimento commum a nosso Padre hum Crucifixo por devisa que todos os pintores lhe põem nas mãos: e d'ella usão os Mestres geraes da nossa Ordem no sello grande de seu cargo. E he o costume tão antigo, que no Capitulo que se fez em Bolonha no anno de 1240 se decretou particular ordenação, que nenhum outro religioso a trouxesse em sinete.

Rendeo a mesma victoria aos Catholicos correrem logo, e senhorearem toda a terra, sem haver quem lhes fizesse rosto, castigarão-se muitos hereges, ganharão-se todas as forças que estavão por elles, e o que mais importou, reduzirão-se infinitas almas ao gremio da Igreja. E he cousa averiguada que forão poucas menos de cem mil as que converteo no tempo que durarão estas alterações a diligencia, e prégação, e vida de S. Domingos, segundo constou polos autos que pera sua canonização se processarão (**). Apaziguada a terra, começarão a crecer os bens, e fruitos da paz, com augmentos de religião, e quietação de corpos, e almas. Gozava-os o Santo recolhido em Tolosa com seus companheiros. Vivião jun-

(*) Susato na vida de Fr. Bereng. 13. M. Geral.
(**) Fr. Fernando de Castilho Hist. de S. Dom. p. 1. l. 1. c. 15.

tos, e em communidade em humas casas que lhe dera hum d'elles chamado Pedro Cellan. Aqui os exercitava em silencio, e recolhimento, jejuns, vigilias, oração, e contemplação: ensaiando-os com seu exemplo nos trabalhos da Religião, e vida nova que em seu animo traçava, vida nunca ociosa, nunca descançada, activa na necessidade, contemplativa no ocio.

CAPITULO VII

Dá S. Domingos principio á sagrada Ordem dos Pregadores. Pede confirmação ao Pontifice: alcança-a verbal, e condicional. Funda em Tolosa o primeiro convento. Faz renunciação de rendas, e fazenda. Torna a Roma em demanda da confirmação: Contão-se humas visões que ahi teve.

Aquelle Senhor que tudo dispõe suavemente, e em suas promessas nunca fez falta, querendo acudir á que em beneficio do mundo tinha feito a seu servo S. Domingos por meio da gloriosa Virgem Mãi, e Esposa sua, como atraz fica contado, foi servido dar-lhe comprimento pelos termos, e modos que agora diremos. Tinha o Padre S. Domingos dezaseis companheiros bem provados todos nos trabalhos d'estes annos, e no exercicio da prégação, e serviço da Inquisição em que o tinhão ajudado muito. Porque alguns erão bons letrados, e todos de grande virtude, e espirito. Havia outros muitos sujeitos que desejavão seguil-o. Pareceo-lhe tempo de manifestar ao mundo, e pôr em effeito o que de longe trazia imaginado, que era fundar huma Ordem, que fosse seminario permanecente de gente apostada a encontrar hereges, e heregias, e ser escudo, e defensa da verdadeira doutrina: officio em que já havia muitos dias elle, e os seus andavão exercitados. Deo conta do desenho a seus grandes amigos o Bispo Fulcon de Tolosa, e o Conde de Monfort. Ambos louvarão a empreza, e ás palavras ajuntarão obras; entendendo que pera se empregar com todo cuidado no espiritual, de que tão bons effeitos tinhão visto, convinha ser fomentado com ajudas temporaes, cada hum lhe fez sua doação. Deo-lhe o Conde o senhorio temporal de huma boa villa chamada Fanjous(*). O Bispo, todas as rendas da Igreja de Santa Maria da mesma villa de Fanjous, a que ajuntou outras Igrejas, e a sexta parte

(*) M. Fr. Jordão c. 20. M. Fr. Bernar. Guido tit. Das Freiras de Prulliano. Castilho p. 1. l. 1. c. 15

dos dizimos de todo seu Bispado, com consentimento da Clerisia, que era tudo cousa mui grossa.

Publicou-se n'este tempo por toda a Christandade de parte do Summo Pontifice Innocencio III, convocação geral de Prelados pera Concilio universal, que veio a celebrar por Novembro do anno de 1215 em Roma na Igreja de S. João de Latrão. Foi-se S. Domingos a elle em companhia do Bispo de Tolosa, não duvidando com tal testemunha de seus trabalhos pedír, e alcançar approvação, e confirmação de sua Ordem. Mas sendo bem visto do Papa, e de toda a Côrte Romana, por nenhum caso foi admitido o requerimento: antes sahio particular decreto do Concilio, que se não consentissem Religiões novas (*). Parece que foi ordem da divina providencia pera maior honra d'esta Religião, e pera que ficasse publico, e notorio no mundo, que não tivera seu principio n'elle, senão no Ceo, e como tal era necessaria na Igreja Catholica. Acodia S. Domingos a palacio de dia requerendo aos homens, gastava despois as noites inteiras clamando a Deos com oração, e lagrimas (**). Corria o tempo, perseverava o Santo constantemente em sua pretenção, e requerimento, e durava igualmente a contradição: quando amanhecendo hum dia em palacio, lhe foi dito que era buscado de mandado do Papa; o qual vendo-o lhe mandou que logo se tornasse a seus companheiros, e com elles deliberasse na escolha de huma das regras approvadas pola Igreja, e com isso lhe faria a graça da confirmação de sua Ordem. Fez geral espanto em toda a côrte mudança tão subita no Santo Pontifice. Mas muito mais admirou a rezão d'ella. E foi que na mesma noite começando a repousar afadigado do peso, e cuidados de seu governo, representou-se-lhe que via o templo famoso de S. João de Latrão tão inclinado, e pendente sobre hum lado, que ao parecer se vinha sem remedio ao chão: logo notava que hum homem vestido de mursa, e roxete se chegava ao edificio, e pondo-lhe as mãos o sustentava, e livrava de ruina. Vigiava o espirito, se bem os sentidos estavão adormecidos: conheceo o homem, e lembrou-se do requerimento, e ficou entendendo despois de acordado, que não era sonho, senão advertencia do Ceo o que vira, do que devia fazer (***). Assi defirio logo com gosto, ao que d'antes resistia com aspereza. Encommendou-lhe de novo o officio da prégação, e Inquisição, mandando escrever

(*) Cap. 13. Ne nimia Religionum diversitas, &c.
(**) S. Ant. 3. p. t. 19. c. 3. & t. 23. c. 4. §. 3.
(***) Petrus Matth. Vilheg. Fr. Sebas. Olmedo. Fr. Step. de Señalac. tract. 2.

*

em huma instrucção das cousas que lhe encarregava o titulo já outra vez dado, como affirmão muitos, ao Mestre Frei Domingos, e aos irmãos Prégadores.

Não tardou o Santo em tornar pera os seus. Juntou-os na Igreja de Prulliano: deu-lhes conta do despacho que trazia, e do que convinha resolver. Assentarão em tomar a regra do Padre Santo Agostinho com as constituições, e cerimonias pela mór parte da Ordem de Premonstrel (he esta Ordem filha de Santo Agostinho, dos Conegos regulares, foi fundador S. Nortberto Bispo Magdeburgense.) Não ignoro que Dionysio Carthusiano varão gravissimo (*) quer que da Cartuxa tomasse S. Domingos estatutos, e habito: e o mesmo affirma D. Theodoro Petreyo nas notas que fez á Chronica Cartuziense. Mas no que tenho dito conformão todos os nossos, seguindo ao Mestre Frei Humberto de Romanis, que assi o escreve, e alcançou ao Padre S. Domingos, e foi Geral da Ordem aos trinta e tres annos despois de sua morte. Como quem já tinha consentimento, e confirmação da boca do Summo Pontifice, começou tambem a pôr mãos no edificio do primeiro Convento. Dera-lhe o Bispo Fulcon a Igreja de S. Romão em Tolosa, por occasião de humas casas nobres a ellas vizinhas, de que lhe tinha feito doação Ramon Vidal, e sua mulher Brunequildes. Aqui armou o Convento com pouca despeza, juntando casas, e Igreja. E passou-se logo a elle, deixando as casas de Pedro Cellan. Erão as cellas de tal feitio que quasi arremedavão sepulturas em comprimento, e largura. Entender-se-ha a medida, do que ao diante veremos, que succedeo ao Santo em Bolonha: dentro hum feixe de vides, ou hum tessido de verga pera cama: e huma pequena banca pera meza de livros, e estudo, e não havia lugar pera mais. Dividião-se com a grossura de huma taboa. O corredor do dormitorio muito estreito, as cellas sem fecho, nem porta pera se fechar. A tal fabrica quiz que respondesse a sustentação. Pareceo-lhe que, pois tomavão á sua conta exercitar o officio dos Santos Apostolos, a quem Christo mandou que o fizessem sem alforge, devião viver sobre a terra ao uso dos mesmos Apostolos, sem possuirem cousa nenhuma n'ella. E logo fez renunciação, e trespasso no Mosteiro, e Freiras de Prulliano de todas as rendas que tinhão.

Compostas assi estas cousas, era passado muito adiante o anno de 1216. Poz-se de novo em caminho pera Roma a tirar as letras de confirmação. Achou defunto o Papa Innocencio, e a seu successor Honorio Terceiro oc-

(*) In opus. Dionys. Cart. ar. 8. de præcon. lau. Ord. Carthusiens. D. Theodor. Petrejo super l. 9. c. 14.

cupado em negocios gravissimos, parte com aprestar hum grosso exercito que mandava pera a Terra Santa: parte com o recebimento do Emperador de Constantnopla Pedro Altisidiorense, que com a Emperatriz sua mulher se vinha coroar de sua mão em Roma. Não fazia o Papa Honorio duvida na materia, mas os muitos negocios interpunhão causas de dilação. Affligia-se o Santo: e o Senhor benignissimo estimando a affeição, de que era causa, tinha cuidado entre tanto de o consolar com visões celestiaes. E foi huma, mostrar-se-lhe Christo com tres lanças na mão, em acto, e postura, ao que parecia, de vingar com ellas os peccados do mundo, com os tres açoutes mais temidos n'elle. Logo via a Virgem Mãi ajoelhar-se com entranhas de piedade diante do Filho irado, e pedir-lhe misericordia, offerecendo-se por fiadora de huma nova, e grande reformação em toda a terra, por meio de dous devotos servos seus que n'ella tinha: os quaes lhe mostrava sinalando-o a elle, e a outro homem que não conheceo, envolto n'um capote de saco, pés descalços, rosto infiado, e desfeito. E notava que o Senhor se deixava vencer dos rogos, e promessas, e ficava aplacado. Foi grande a consolação, e confiança com que ficou de seus negocios: mas grande tambem o desejo de conhecer, e venerar hum tal companheiro. E não passarão muitos dias que encontrou S. Francisco na Igreja de S. Pedro, e segundo lhe ficára impressa na memoria a visão passada, não duvidou na pessoa, nem em se lançar a seus pés. Abraçarão-se, tratarão-se como amigos, e prometerão-se fiel companhia pera toda a vida, e que, ainda que fundavão Ordens differentes em leis, cerimonias, e trajo, fossem ambas huma só nos animos dos successores que n'ellas professassem, (e creio eu que não será verdadeiro filho d'estes Santos, quem de tão antigo trato, e contrato se esquecer.) D'esta visão tiverão noticia os nossos Frades por relação do Padre S. Francisco, a quem só a contou o Padre S. Domingos. Assi o deixou escrito o famoso Chronista Franciscano, e Portugues Frei Marcos de Lisboa, Bispo do Porto (*).

Chegava-se o fim do anno, e não chegava o effeito dos desejos do Santo. Era grande a mortificação que sintia, e o que acrecentava com ella de merecimento pera com Deos, feito como outro Daniel (**), hum varão de desejos. Alegrou-o o Senhor de novo com outra visão. Ficou-se huma noite em oração na Igreja de S. Pedro em Vaticano diante das sagradas reliquias dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, regava aquellas lageas com vivas

(*) Na Cronic. dos Men. p. 1. l. 1. c. 16.
(**) Dan. 9.

lagrimas. Eis que lhe apparecem ambos, e falando com elle mandão-lhe de parte de Deos, que prégue sua fé polo mundo por si, e por seus companheiros, e em penhor de tal mandato offerece-lhe cada hum d'elles sua dadiva (dadiva honrosa, e em que podemos fundar os Religiosos d'esta Ordem grande certeza de misericordias do Ceo, mas tambem huma perpetua lembrança de grandes obrigações nossas), S. Pedro lhe deo hum bordão, S. Paulo hum livro.

CAPITULO VIII

Alcança S. Domingos em Roma letras Apostolicas de confirmação de sua Ordem, com titulo de Ordem dos Prégadores. Torna a França, faz eleição de Prelado entre os seus, e manda-os a prégar por varias partes.

Em fim foi despachada a confirmação da Ordem de S. Domingos polo Summo Pontifice Honorio III com assistencia de dezoito Cardeaes em vinte e dous dias do mez de Dezembro, anno da Redempção do genero humano 1216. Começa o Breve que d'ella se passou: *Honorio Bispo servo dos servos de Deos ao amado Frei Domingos Prior de S. Romão de Tolosa, etc.* E o titulo foi: *Letras de confirmação da Ordem dos Frades Prégadores.* E d'aqui naceo, que dando o tempo, e occasiões d'elle varios titulos a esta Ordem, e todos bem honrosos, como era chamarem-nos em humas partes Frades de Nossa Senhora, porque d'ella recebemos o habito, e outros particulares favores, como adiante o contará a historia(*). Em outras partes Frades da Ordem da verdade, pola constancia com que ella se oppoz sempre á falsidade das heregias em serviço, e defensão da verdadeira fé. Comtudo no Capitulo Geral celebrado em Paris anno 1256. se fez particular decreto, em que se mandou que d'outro nome não usassemos, salvo d'este, em que Honorio nos confirmou aqui, e que Innocencio seu antecessor nos tinha dado d'antes. Diz o decreto: *Fratres nostri vocentur Fratres Prædicatores, et non alijs nominibus.*

Não se deteve o Santo mais em Roma. Chegado a Tolosa ao seu convento abrio os braços a receber noviços, e os pensamentos, e determinação a espalhar polo mundo esses poucos companheiros antigos, de que

(*) S. Ant. 3. p. t. 23. c 3. §. 1. M. Fr. Ant. de Scena na sua Cron. fol 27. O mesmo Fr. Ant. de Sena f. 25. & 179.

já tinha experiencia. Do numero d'elles falão variamente os Autores. Os mais concordão que forão dezaseis. A saber, sete Franceses, Matheus Estevão de Metz de Lorena, Beltrão de Garriga, Guilherme Clarete, Pedro, e Thomás Cellan, irmãos, Natal. D'estes havião sido Priores de Igrejas Collegiadas, homens maduros, e bons letrados os dous primeiros Matheus, e Estevão. Outros sete Espanhoes, Manes, ou Mamerto, irmão inteiro de nosso Padre S. Domingos, Miguel de Uzero, Domingos Espanhol, o pequeno, ou polo ser de corpo, ou por differença de seu Mestre, João de Navarra, que alguns querem que fosse Lombardo, e se chamasse de Vanaria, não de Navarra, Pedro de Madin, Miguel de Espanha, por outro nome de Fabra: e Sueiro Gomes, que sendo sabidamente Portuguez nenhum Autor antigo nem moderno lhe sinalla patria. Erão mais hum Lourenço Ingres, e hum Leigo que huns chamão Othorio, outros Odorico Normando. Como erão tão poucos foi forte a contradição que o Santo achou nos maiores amigos, a quem por rezão, e cortesia deo conta do desenho. Sempre foi ordinario encontrar o mundo os movimentos divinos. Não sofria o Bispo Fulcon haver-se de dividir por outras terras aquella pequena esquadra de prégadores, quando a seu parecer só a sua os havia mister todos. D'esta opinião era o Conde Simão, e todas as pessoas de autoridade com quem communicava. Porém elle se armou só contra todos, e obrigado do titulo recebido do Papa, do instincto do Ceo, e do mandato dos Apostolos affirmava constantemente, que esses grãos de mostarda tão poucos, e tão pequenos que queria semear, e derramar polo mundo, havião de dar arvores que o cobrissem todo. E sem mudar hum ponto de seu proposito foi acabando de compôr a casa de S. Romão em perfeição de Mosteiro, vestio os companheiros de mursas, e sobrepellizes como elle usava: e logo mandou-lhes que elegessem entre si Prelado que o fosse de todos, e do convento em que estavão. Porque na peregrinação, que imaginava, não queria que sua pessoa ficasse de fóra, antes pretendia tomar pera si a parte mais difficultosa (exemplo digno de ser imitado de todos os que mandão.) Affirmão alguns escritores, que foi sua tenção n'este passo entrar por terra de Mouros a prégar a fé inflammado em esperanças de ser Martyr por Christo, e com tal presupposto tinha deixado crescer a barba. Sahio canonicamente eleito (e foi a primeira eleição d'esta Ordem) Frei Matheus, homem de boas letras, e idade crecida, como atraz apontámos, e fôra Prior, antes de seguir a S. Domingos, da Igreja collegiada de S. Vicente de Castras. Chamou-se por

então Abbade, e foi o primeiro, e ultimo Prelado d'este titulo na Ordem. Porque logo traz elle se forão chamando Priores. Esta eleição por ser a primeira quiz S. Domingos que se fizesse no Mosteiro de Prulliano em dia fermoso, que foi o da gloriosa Assumpção de nossa Senhora em 15 de Agosto de 1217.

Logo passado dia de nosso Padre Santo Agostinho, deu principio a determinada sementeira divina na fórma seguinte. Despachou sete companheiros á grande cidade de Paris cabeça de França, huns pera prégarem, outros pera estudarem. Mandou hum pera as terras vizinhas de Limoges, e quatro pera Espanha, sinalando-lhes os Reinos em que cada hum havia de assistir. Mas porque esta historia he só do que toca ao Reino de Portugal, visto como todas as outras provincias tem seus Escritores, deixaremos o muito que fizerão, e trabalharão, e fructificarão os que forão a França, pera que o digão com melhor estilo seus naturaes; e trataremos sómente dos quatro a quem coube Espanha. Aos quaes seguiremos em quanto forem companheiros, e em quanto d'elles se não dividir o que d'esta Religião foi Apostolo de Portugal. Tanto que se apartarem, seguiremos este sómente, desobrigando-nos dos mais, porque o resto de Espanha tem tambem seus Chronistas particulares, que nos escusão o trabalho de dar noticia d'elles. Erão todos os quatro Espanhoes. E os nomes pela ordem, e formalidade que os mais dos autores guardão em os contar, erão Frei Gomes, Frei Miguel de Uzero, Frei Pedro de Madin, que alguns chamão Frei Pedro de Madrid pola semelhança do nome, e Frei Domingos o pequeno. Não os tomou de subito, nem desapercebidos esta obediencia: muitas vezes os tinha o Santo prevenido, e avisado de sua determinação, e do que pretendia, e esperava d'elles: e tão mestres os tinha feito nas regras da verdadeira resignação, que nem os que ficarão se alegrarão por ficarem em repouso, nem os inviados se sintirão vendo-se obrigados a novo genero de vida, e a haverem de aparecer entre parentes, e amigos em trajo pobre, e grosseiro, caminhando a pé, e sustentando a vida com hum pedaço de pão comprado com a vergonha de o pedir de porta em porta. Assi se dividirão sem alteração de parte a parte, exceito aquella que era rezão causasse em gente unida em Christo o apartamento de tal pai, e tais irmãos; que de força havia de arrancar lagrimas significadoras do amor que os liava: e não devião ser poucas as do pai, que a todos tinha na alma. Porém sendo as lagrimas ordinario testemunho de tristeza, aqui não havia senão jubilos de alegria. Por-

que os filhos, como bons soldados, que confiados no valor, e bom juízo do Capitão, basta porem-lhe os olhos no rosto pera correrem ao perigo, como a victoria certa, hião cheios de alvoroço pera se verem a braços com os trabalhos. E tal ficava o pai, a quem o espirito fazia crêr que não devia esperar menos daquelles filhos, que em Christo gerara, e em serviço do mesmo Christo, e com sua benção largava de seu bafo, do que espera o lavrador sisudo, quando atrevidamente despeja o cileiro, e lança á terra a melhor parte do trigo mais grado, e mais limpo, que lhe tem custado gotas de sangue. Dos colloquios d'esta despedida, que devião ser cheios de fogo do Ceo, e parece está pedindo a curiosidade de quem lê, saber quaes forão, nem os escritores antigos nos deixarão lembrança, nem a humildade de filho, e frieza de espirito, e brevidade prometida nos consente fazer juizo, pera se quer pola obrigação de historiador darmos alguma noticia delles. Partidos, que forão começou tambem o Santo sua peregrinação com o rosto por então em Italia, e Roma, onde o deixaremos hum espaço, por seguirmos os quatro companheiros, que fazião seu caminho apostolicamente, e com boa diligencia pera as terras de seu nacimento. Não especificão os escritores que lugares demandarão primeiro, nem onde se apartarão, nem onde fizerão assento. Mas colligindo a obra polo successo, entrarão por Catalunha, prégarão em Barcelona, e successivamente em Çaragoça, e passarão a Madrid, e em todos estes lugares fizerão fruito favorecidos de Deos, e ajudados dos homens, como a diante se tocará. Só Frei Gomes estendeo mais sua jornada, e passou ao Reino de Portugal.

CAPITULO IX

Entra Frei Gomes em Portugal. Dá-se conta de quem era em nome, patria, e calidades.

Era entrado o inverno deste anno, em que vamos correndo de 1217, quando Frei Gomes entrou por terras de Portugal. E podemos bem dizer que com sua chegada anticipou o verão n'este reino polos effeitos que d'ella seguirão. Mas antes de passarmos a diante, parece rezão darmos noticia de quem era por nação, e geração. He de saber, que os autores antigos, de cujos escritos pola mor parte colhemos, e vamos tecendo

esta historia todos sem exceituar nenhum, são estrangeiros de Espanha, huns Franceses, outros Italianos, e d'outras nações, os quaes escrevendo a vida, e feitos de Nosso Padre S. Domingos são diminutos, e faltos sobre maneira nas cousas que tocão a Espanha. E não faltão maliciosos, que o dão por vicio de animo em alguns, porque fazem juizo das historias antigas polo que achão nas modernas, escritas na idade de nossos pais, e nossa: mas he agravo, que se faz a singeleza, e bondade dos antigos, em quem se não póde dar mais culpa que pouco cuidado, e falta de informações. A esta falta atribuimos a pouca noticia que nos dão dos principios d'esta Ordem nas terras de Espanha, e de quem a veio prantar n'ellas. E como as mais das nações, a uso dos antigos Gregos, tem por barbara toda a gente que vive fóra das raias de suas provincias, commetem outro erro intoleravel no que escrevem dos Espanhoes, que por latinizarem os nomes dos homens, rios, e lugares, humas vezes os estendem, outras os encurtão, e abrevião, e em fim os corrompem de sorte que ficão quasi inintelligiveis até pera os naturaes. Quem lê as Historias me escusará de apontar mais exemplos que o que temos presente no nosso Frei Gomes, que sendo seu nome verdadeiro Frei Sueiro Gomes, huns lhe chamão Gomecio, outros Gnomenicio, e os que menos errão Frei Gomes, deixando o nome proprio polo patronimico. Mas o de que mais me queixo he que sendo Portuguez tão manifestamente, que pera todo bom juizo he materia sem duvida, não ha nenhum dos antigos que o diga: e os escritores modernos, e visinhos nossos, que são os de Castella, e Aragão, conhecendo, como de força devem conhecer, e reconhecer que este nome, Sueiro Gomes, assi junto não no houve nunca dos montes Pireneos pera fóra, com tudo não lhe dão terra nem nacimento, dando-o a todos os mais companheiros do nosso Padre, (tiramos d'este numero só o senhor Bispo de Monopoli, que na sua quinta Centuaria, que agora ultimamente compoz, o faz Portuguez). (*) E o pior he que não só lhe negão o nome de Portuguez, mas nem Espanhol o fazem. D'onde nace havermo-nos por obrigados a descubrir com hum breve discurso a verdade de quem era: que sendo, como he, pera Portugal de grande gloria, não renderá menos lustre a todo o resto de Espanha; que assi como o instituidor da Ordem S. Domingos naceo em Castella, seja nado, e criado dentro de Espanha, e em Portugal quem

(*) Cent. 5. l. 2. c. 32.

a prégou, e fundou, e mais dilatou por toda ella, que foi o nosso Frei Sueiro Gomes.

He pois cousa certa, que entre os estrangeiros, a saber: Franceses, Italianos, e Allemães, e quasi todas as outras nações, passa em costume ordinario nomearem-se os homens polos nomes patronimicos, quero dizer sobrenomes, ou apellidos de pais ou familias, deixando os proprios que dizemos nomes da pia, como por exemplo, a S. João Chrysostomo chamão S. Chrysostomo, a S. Pedro Gonçalves Telmo, S. Telmo, a S. João Boaventura, S. Boaventura. E isto ás vezes he causa de grandes perpolexidades nas Historias, como mostraremos em alguns de Espanha. Porque sendo assi que o Arcebispo D. Rodrigo (*) escritor Espanhol antiquissimo, e de muito credito, chama Inhigo ao Capitão geral que El-Rei D. Rodrigo ultimo dos Godos nomeou pera resistir aos Mouros, quando conquistarão Espanha, Razzis Mouro, e Chronista dos mesmos lhe dá o nome de Sancho (**). Po onde ficava em duvida, e risco a verdade, se nos não acudira Luiz del Marmol (***) que os concerta, referido por hum bom autor moderno, e diz que se chamava Inhigo Sanches, servindo-se o Christão do nome proprio, e o Mouro só do patronimico. Isto mesmo se nos offerece em Frei Sueiro Gomes. Porque dos estranhos huns lhe chamão Gomecio (****), outros Suerio, e dos Espanhoes o Padre Frei Fernando de Castilho huma vez o nomea por Frei Gomes, outra por Frei Sueiro. E o Santo Frei Raymundo, que foi seu subdito, como veremos adiante, lhe chama Gomecio, chamando-lhe D. Lucas Bispo de Tuy, que foi seu contemporaneo, Suerio. E na verdade tinha ambos os nomes, como se collige d'estes Autores, e da rezão dos tempos, e mais claramente de huma letra do livro antiquissimo dos Obitos (*****), e Noas do real Mosteiro de S. Vicente de Lisboa, onde era costume lançarem-se os nomes das pessoas de conta que fallecião, e diz assi: *Sexto Calendas Maij obijt Suerius Gometij quondam Prior Prædicatorum.* E he o primeiro Frade d'esta Ordem que no livro anda, havendo ao diante outros, e outras conjeituras na calidade, e antiguidade do livro, e da casa, que provão bastantemente ser este o que dizemos.

Que este nome assi junto seja Portuguez, não de outra Provincia,

(*) Dom Rodrigo Arcebispo l. 3. c. 18.
(**) Razzis Mouro na Hist. de Espanha.
(***) Luys del Marmol. pag. 1. l. 2. c. 10. Fr. Bern. de Brito, Monar. Lus. p. 2. l 7. c. 2.
(****) Castl. p. 3. l. 1. c. 25. Idem. p. 1. l. 2 c. 1.
(*****) Lib. dos Obitos de S. Vicente de Lisb.

nem fora de Espanha, nem de dentro d'ella, senão de Portugal, mostral-o-hemos logo. Primeiramente o não ser Francez, nem Italiano, nem d'outra terra mais alongada, o mesmo nome o declara sem mais prova. Porque, ainda que as Historias nos offerecem na Noruegia, ou Noruega hum Rei do nome Suero, que faleceo em Bergas anno de 1203 e homens particulares chamados Suenos, que trazem pouca differença (nomes que podião passar a Espanha com os Godos, e outros moradores do Norte que a ella vierão) com tudo a junta de Gomes nos tira a duvida. Só fica pera discutir se seria de outra Provincia dos Pireneos pera dentro, que não fosse Portugal. E pera não ser Aragonez, Catalão, Valenciano, ou Navarro, basta que pera a Coroa de Aragão, e Reino de Navarra he o nome totalmente estranho. Porque ainda que me possão dar n'ella algum Gomes (e muitos Gemes que todavia fazem differença grande) não ha nenhum Sueiro. Que não seja Castelhano mostra-se com grande evidencia. Porque sendo, como foi, primeiro Provincial de Espanha, e nomeado por S. Domingos, como pessoa de excellentes virtudes, e por tal estimado de El-Rei D. Fernando o Santo de Castella, e dos Reis de Aragão, e Portugal, como veremos ao diante; não se pode duvidar que, se fora Castelhano, ou Aragonez, Catalão, Valenciano, ou Navarro, se faltára (como faltou) quem o dissera entre os antigos, que aos mais companheiros de nosso Padre derão patria, e nacimento, não faltara entre os escritores modernos Castelhanos, e Aragonezes: dos quaes he bem de crer que não quereria tirar esta honra a suas Provincias mormente tendo pera isso, e achando como de casa hum tão efficaz, e forçoso fundamento, como he a formalidade do nome, pera o poderem polo menos naturalizar em Castella, onde não faltão inda hoje alguns Gomes, e Sueyros, se ao nome se ajuntára qualquer outra leve congruencia. D'onde se infere com certeza, não só probabilidade, que sendo, como he, o nome de Frei Sueiro Gomez meramente Espanhol, e não o podendo fazer seu Aragão, Catalunha, Valença nem Navarra nem se atrevendo a tomarnol-o Castella, com quem contamos o reino deLeão, e Galiza, não lhe podemos dar outra terra, d'onde seja natural, se não he Portugal.

E não obsta poder-se dizer, que pois nenhum dos Autores antigos nem modernos o faz Espanhol, conseguintemente fica provado não ser Portuguez, vista principalmente a particularidade com que nomeão todos os que tinhão por Espanhoes na companhia de S. Domingos. Porque antes esta rezão tacitamente faz em nosso favor, se bem nas apparencias

nos encontra. E digo que faz em nosso favor, porque despois que passarão aquelles antigos pais da Historia Gregos, e Romanos, gente consumada nas artes necessarias pera bem escrever: em quasi todos, os que após elles seguirão, faltou aquella pontualidade, e rigor de fallar com propriedade em muitas cousas, e com verdadeiro conhecimento da Geografia, e Topografia. Assi acharemos nos mais que escrevem em vulgar, quando tratão de Portugal, e do resto de Espanha: que assi falão em Portugueses como se forão gente, e provincia de França, ou Allemanha, e não comprendida nos limites de Espanha dizendo: *Juntóse el armada de Portugal con la de Espanha.* Ou dizendo: *Quatro soldados Portugueses y seis Españoles.* A este modo falla Santo Antonino na vida de nosso Padre (*). He Italiano, e escreve em lingua Latina. Quando trata dos Mosteiros de Espanha diz: *In Hispania vnum Monasterium Monjalium, in Castella alterum, quod est Calarogæ, in Portugalia unum.* E como assi seja quando os Autores estranhos não fazem Espanhol a Frei Sueiro, nem por isso lhe tirão poder ser Portuguez. E ha se de entender, que não chegando a sua noticia ser Portuguez, todavia alcançarão não ser das mesmas terras d'onde erão naturaes os mais companheiros que por Espanhoes apontão. De sorte que no seu modo de falar podia ser Portuguez pera nós, e não ser Espanhol pera elles.

Mas se alguem me perguntar, porque me afadigo em provar o que ninguem me nega, nem póde negar, respondo com duas rezões. Primeira, por me parecer que se não podem salvar de culpa os que escrevem d'esta ordem dentro dos limites de Espanha, pois sendo sabida, e irrefragavelmente da mesma terra o nome de Sueiro: e sendo grande gloria pera Espanha saber-se que foi natural d'ella o primeiro homem que lhe trouxe a pranta de huma Ordem que tanto a tem honrado, e que foi primeiro Provincial e Pai seu; antes quizerão privar-se d'essa honra, dissimulando seu nacimento, que declarando-o confessal-o por Portuguez. A segunda rezão he, que como nos fazemos autores de opinião que por si não tem outro, e a alma da historia he a verdade, e certeza do que se escreve, convém por honra do officio, que indignamente nos posérão ás costas, corroboral-a de sorte, que fique livre de todo o escrupulo, não só de duvida, ainda que ninguem nos encontre, nem contradiga. E por tanto diremos mais alguma cousa em confirmação d'ella no Capitulo seguinte.

(*) P. 3. t. 23. c. 13.

CAPITULO X

Confirma-se a verdade de Frei Sueiro Gomes ser Portuguez: com algumas rezões, com as quaes se descobre que tambem era nobre, e letrado.

A calidade do nome prova com grande evidencia em Frei Sueiro a natureza de Portugal. Porque era tão corrente, e costumado n'este Reino o nome de Sueiro, polos annos em que levamos esta Historia, como hoje he o de Antonio em Lisboa, e o de Gonçalo em entre Douro, e Minho. E não duvidará d'isto quem lêr o livro das linhagens antigas, composto polo Conde D. Pedro filho de El-Rei D. Diniz: no qual encontramos a cada passo (*) com o nome Sueiro nas familias mais nobres, hora em lugar de proprio, hora hum pouco disfarçado, e transformado de Sueiro em Soares, em lugar de patronimico, segundo o costume antigo de todas as nações, que era tomar o filho pera sobrenome o nome do pai, e por elle se dar a conhecer. He cousa tão notoria que tenho por escusado trazer os lugares estendidamente. Apontados vão na margem; quem os buscar achará outros muitos. O que não encontramos em muitas gerações dos Reinos de Castella, que com cuidado buscámos, antes he cousa tão rara n'elles, que alguns Sueiros, que achamos, parecem ser por descendencia, ou communicação d'este Reino: como he hum Sueyro de Aguilar nos primeiros fundadores da casa de S. Romão, o qual era filho de D. Gonçaleanes d'Aguiar, que de Portugal passou a servir a El-Rei D. Fernando o Santo de Castella. E em toda a casa de Aguilar não ha outro Sueyro. Na casa de Quinhones se acha hum Suer Peres, que vivia polos annos do Senhor de 1351 e 1353, e hum Sueiro de Quinhones bisneto deste. Esta multiplicação de Sueiros, que temos mostrado nas familias nobres de Portugal, achamos tambem nas plebeias, (como sempre o povo se affeiçoa ao que vê estimado nos nobres), e parecerá por algumas escrituras d'aquelles tempos, que a outro proposito havemos de trazer ao diante, julgando-as no presente por surperfluas. Mas deixando a rezão do nome, passaremos a outras mais sustanciaes, que só por si nos fazem o homem Portugnez, ainda que o nome fora mani-

(*) T. 16. 21. 22 25. 30. 41. 42. 44. 65. 66. 67. 68. 71. 74.

festamente estranho. E seja a primeira, que tanto que Frei Sueiro entrou em Portugal, e teve companheiros, e seguidores de sua doutrina, o que foi logo despois de sua chegada, e antes de ser nomeado por Provincial de Espanha, logo alcançou licença dos Prelados do Reino pera prégar em suas diocesis, como se verá de huma do Bispo de Coimbra D. Pedro (*), que originalmente veio a nossas mãos, e ao diante irá tresladada em outro proposito, o qual he de crer se lhe não concedera tão facilmente, se não fora conhecido por natural em lingoa, e nome. Confirma-se isto com o que conta Frei Marcos (**) na Chronica dos Menores, que entrando no mesmo tempo n'este Reino dous companheiros do glorioso Patriarcha S. Francisco, que forão os Santos Frei Zacharias, e Frei Gualter, se acharão mui estranhos, mal recebidos, e pior ouvidos, só por estrangeiros, e pola lingoa estranha que falavão. E por essa rezão padecerão, pera mais merecimento com Deos, muitos trabalhos em sua entrada. E claro está que sem intervir milagre mal poderia prégar, e ser entendido entre gente rude, e plebea, quem se não declarasse com a lingoagem da terra, como fazia Frei Sueiro, que por isso sua doutrina fructificou tanto, que em breves dias teve Frades para povoar conventos. E creceo tanto em reputação no Reino, (que he o segundo ponto de sustancia dos acima offerecidos), que achamos seu nome em autos publicos dos Reis, e entre os grandes d'elle: cousa que não sómente o califica por natural, senão tambem por nobre. E mostrado isto, superfluas ficão todas as mais provas.

Mostral-o-hemos por duas escrituras, cujos originaes temos na torre do tombo, (que é o Archivo real das memorias antigas) (***), das quaes daremos ao diante tresladados alguns pedaços a outro proposito: contém huma d'ellas certa composição que El-Rei D. Sancho II chamado o Capello fez com suas tias D. Tareja, e D. Sancha, e D. Branca, sobre huma contenda que havia muitos annos durava, e fora causa de grandes desgostos entre El-Rei D. Affonso II seu pai, e estas Infantes, da qual ao diante será forçado darmos mais larga noticia. N'esta escritura achamos assinado o Arcebispo de Braga, que então, e sempre foi o primeiro prelado do Reino, e com elle Frei Sueiro com estas palavras: *Suerius Prior Fratrum Prædicatorum in Hispania.* A outra he hum compromisso que

(*) C. 16.
(**) Fr. Marcos de Lisboa p. 1. l. 1. c. 48.
(***) C. 21. & 22.

passou entre o mesmo Rei, e o Arcebispo de Braga D. Estevão Soares da Silva em materia de perdas, e danos, de que aquella Igreja pretendia satisfação contra El-Rei D. Affonso seu pai, e de conformidade fizerão juiz louvado de toda a causa a Frei Sueiro em primeiro lugar, e elle os compoz. E bem se deixa entender que a rezão de natural obrigou a El-Rei, e ao Arcebispo. Porque não pudera um homem estrangeiro ignorante nos estilos do Reino, nas valias, e estimações das cousas, nas moedas, nas compras, e vendas ser buscado pera tal negocio, nem elle aceital-o, requerendo-se homem mui versado em tudo. D'onde fica claro que não sómente era Portuguez, do que já ninguem pode duvidar, mas que tambem era muito nobre em sangue, e homem de letras. Porque todas estas partes era rezão concorressem em juiz de taes pessoas, mormente sendo entrado de poucos annos no Reino. E não he possivel que só sua virtude, por grande que era o levantasse a tanto, se não fora acompanhada, e favorecida de dous tão poderosos adjuntos; como são sciencia, e nobreza.

Ajuda esta opinião acharmo-lo nomeado em todas as escrituras antigas com o titulo de Dom, contra o costume dos nossos Frades, ainda que Provinciaes, e Geraes fossem. Assi o nomea El-Rei D. Fernando o Santo de Castella, em huma sua provisão que adiante tresladaremos, e o Bispo de Coimbra na licença que lhe dá pera prégar, e o que he mais nas escrituras do compromisso que passou diante del Rei D. Sancho está com o mesmo titulo nomeado: o qual ou pertencendo-lhe por rezão de pai, e avós, ou de alguma honra, ou prelacia que antes de religioso possuisse, não se communicava n'aquelle tempo senão a pessoas mui aventajadas em merecimentos das ordinarias. Que lhe pertencesse pór rezão de sangue, e parentes se infere bem do livro do Conde D. Pedro (*) em muitos titulos de familias illustres, a que dão principio homens desse nome, ora em proprio, ora em patronimico. Como he no titulo 21, onde diz assi: *Dona Marinha Gomez filha de dom Gomes Mendes Gedeão, e de dona Mor Paes filha de dom Paio Soares, neta de dom Sueyro Paes.* E no mesmo titulo, quando nomea os que acompanharão a Gonçalo Mendes de Amaya o lidador, aponta os seguintes: *Dom Soeyro Aires de Valadares, dom Nuno Soares, dom Soeyro Paes, dom Soeyro Viegas filho do bom Egas Monis de riba de Douro.* E no titulo sessenta, e dous temos hum periodo que diz: *E doña Marinha Martins irmam da dita dona Sancha,*

(*) Nobiliario do Conde Dom Pedro.

foi casada com Sueyreanes de Pauha, e fez em ella João Soares de Pauha e Gomes Soares: e dona Constança Soares que foi Abbadessa de Lorvão, e outro que ouve nome Pay Soares de Pauha, e Fei Vasco Soares que foi frade Pregador. E que lhe pudesse pertencer o Dom por rezão de Prelacia, ou outra grandéza semelhante, Serafino Razzi (*) autor Italiano no-lo persuade, dizendo que deixou prenda grande no mundo, por seguir a humildade da Religião. E bem podiamos presumir sem temeridade que seria o nosso Frei Sueyro filho ou neto d'este Sueyreanes, collegindo-o polo filho sabido Frei Vasco, (como he ordinario obrigar o parentesco a muitos a seguirem a Relegião.) A S. Bernardo não ficou irmão no mundo tendo muitos. S. Domingos de dous que teve, levou hum apos si. Não ignoramos que o, Dom, podia ser honra anexa Conego regrante usada inda hoje. Mas se por esta rezão lhe tocara, tanto que mudou o habito, devia mudar as honras d'elle: e as escrituras que apontamos são todas feitas alguns annos despois de deixado o habito de Conego, e trocado no que hoje usamos.

Ficão-nos por mostrar suas letras. E como em cousas tão antigas, e faltas de luz de historia, he forçado governar por conjeituras, basta pera darmos por certo que foi letrado, sabermos alem do que Serafino Razzi conta delle, que o escolheo N. Padre pera fundar a Ordem em sua patria Espanha, e por Prelado dos que a isso mandava, sendo Espanhoes, e pessoas de muita conta. E como nos consta que alguns dos companheiros erão letrados, e que a Paris inviou a Frei Matheus que o era, bem se segue que não mandaria a sua Patria homem idiota. Assi lhe devemos por todas as vias, e daremos d'aqui em diante o nome de D. Frei Sueiro Gomes.

CAPITULO XI

Dá-se conta do estado, e governo do Reino de Portugal na chegada de D. Frei Sueiro Gomes: e do que fez entrando, e como deu principio ao primeiro Convento que houve em toda Espanha da ordem dos Pregadores.

Inverno era escuro, tempestuoso, e triste, como atras começamos a dizer, quando D. Frei Sueiro entrava polas portas de sua patria, não só na sazão, e tempo do anno, mas muito mais nas vidas, e consciencias

(*) Seraph. Razzi na vida de S. Doming.

de quasi todos os moradores d'ella. Reinava em Portugal D. Affonso II, que chamarão o gordo. Deichara-lhe seu pai El-Rei D. Sancho primeiro o Reino acrecentado de terras, florecente de paz, e a casa real cheia de prata, e ouro, á custa de seu braço, e sangue, e de muitas victorias alcançadas dos Mouros, e parecendo-lhe rezão deixar bem herdadas n'elle tres filhas suas, Tareja, Sancha, e Branca, ou fiando no muito que tinha trabalhado pera poder partir largo, ou desconfiando da condição do filho que já devia ter conhecido: repartira entre todas tres muito dinheiro, muito ouro, e prata lavrada, e em particular deixara a D. Tareja a Villa de Montemór o velho, (*) e a D. Sancha a de Alanquer, (tanto ha que esta Villa de Alanquer começou a andar bem aforada, e pertencer a gente real), e dera-lhes a posse dos lugares em vida. Tanto que o filho lhe vio os olhos cerrados, pretendeo fazer-se senhor das terras. Poem-se em armas, revolve o Reino. Tinhão as Infantes brio, e valor de quem erão: não lhe faltavão valedores na terra, e nos Reinos visinhos, defendião seu partido animosamente. Este foi o principio do reinado d'El-Rei D. Affonso, e cessando as armas entrarão em lugar d'ellas litigios, odios, divisões, e longos debates de escomunhões, e interditos, com que o Papa acudio em favor das Infantes, que pedião termos judiciais contra a força que por muitas vias se lhes fazia. E quando pareceo que se quietava a tempestade com esperanças de concertos que se tratavão, começarão novas contendas occasionadas da liberdade da guerra, e divisões passadas, (que taes são os fruitos da discordia), queixando-se o Arcebispo de Braga D. Estevão Soares da Silva em seu nome, e do Clero do Reino, de grandes perdas dadas ás Igrejas em geral, e particular, forças feitas nas rendas, e patrimonio ecclesiastico, roubos de gados, e dinheiros, quebrantamentos de foros, e privilegios, e izenções concedidas pola suprema Cadeira. E dilatando El-Rei a satisfação, ou por conselho de gente interessada, ou por entender que a não devia, fulminou o Arcebispo novas escomunhões contra os ministros Reais, e despois agravando as censuras veio a pôr interdito em todas as terras do Reino, salvo as que erão da obediencia das Infantes.

N'este estado estava Portugal quasi semelhante ao dos Mouros seus visinhos em não ter Missa, nem officio Divino, nem som de sinos, ou outra solenidade ecclesiastica, (infelice, e calamitoso estado), quando a misericordia Divina, como tem por objeito a maior miseria, e acode sem-

(*) Duarte Nunez de Lião na vida del Rey Dom Sancho primeiro.

pre aos maiores desamparos, ordenou que entrasse pera remedio universal, e instrumento de paz, e nova primavera em vidas, e almas o embaixador da nova Religião D. Frei Sueiro Gomes. Reina no commum da gente Portugueza huma affeição a seu natural maior com grande aventagem, que em todas as outras nações, ou porque a bondade da terra o merece: ou pola condição branda dos homens. Vinha D. Frei Sueiro alvoroçado pera ver sua terra, não por matar saudades de muitos annos de ausencia de parentes, e amigos; que estas tinha a Deos sacrificadas, quando deixou o mundo, mas pera enriquecer as almas com a doutrina de seu grande Mestre. Considerava o muito fruito que com ella deixava feito por Catalunha, e Aragão, nas Cidades de Barcelona, e Çaragoça, e nas que ouvirão sua prégação porCastella, sendo recebida em todas com proveito das almas, e espertando Deos por seu meio, amor do Ceo, e da salvação: fazia conta, (e parecia-lhe que a não lançava errada), que não fructificaria menos, semeada nos corações Portuguezes, devotos por natureza, e dispostos sempre pera emprezas de fim honrado. Mas quando chegou, e entendeo nos primeiros logares o que passava em todos os mais, quais estavão as cabeças, quais os membros, facil he de crer a dor que sua alma receberia. Porém, como em natural, se bem era grande a magoa do que ouvia, não seria menos a compaixão, e o desejo que a força da caridade acenderia de remediar tamanhos males. E por muito que o embaraçava o enemigo commum offerecendo-lhe montes de difficuldades pera o acovardar: a necessidade da terra a quem devia o sangue, e a criação, a lembrança de quem o mandara, e do a que vinha lhe davão animo pera vencer tudo, e passar adiante. E determinado em não largar o arado que huma vez tomara na mão, nem somente olhar pera trás, só tratava consigo que lugar demandaria primeiro, porque o estado das cousas fazia vacillar os conselhos. A tenção que de longe trazia, era não buscar Rei, nem corte, onde poderia encontrar amigos, e conhecidos, e por ventura parentes, (que mal, e com grande risco torna ao mar, e ondas das cortes quem huma vez lhe pode, ou soube fugir, fosse acaso, ou por conselho.) Determinava entrar em lugares grandes, onde reina a soberba, anda sem freio a cobiça, a abundancia, e ociosidade trazem todos os vicios espertos senhores das almas. A tais lugares, e contra tais monstros fazia conta que era mandado. Agora vê, que estando todo o mal na cabeça, parecia tempo perdido aplicar medicamentos a outros membros, e que bem poderia apparecer diante do Rei, e dos validos quem fosse

armado de huma firme determinação de não querer, nem dizer outra cousa, senão hum, *non licet tibi*: como outro Bautista. Levava-se d'este pensamento, e quasi ficava vencido d'elle: mas logo tornando sobre si, e temendo-se d'elle como de fina tentação, em fim assentou em ir direito á villa de Alanquer que só estava desassombrada de interditos, e dali proceder segundo aconselhasse o tempo. E assim o fez.

Como hia magoado de tanta Igreja fechada, e tanto silencio, e tristeza como até alli achara em todas, alegrou seu animo com a vista de hum lugar, que só lhe parecia gozar de Sol, e luz. Começou logo a dar alegres novas ao povo da nova Ordem que era vinda ao mundo a prégar verdades, e publicar dosenganos, e por isso tinha titulo de Ordem de Prégadores, da qual elle vinha por messageiro a Portugal pera grande bem das almas, e consciencias de todos. A novidade d'esta lingoagem, o geito, e composição estranha do homem, e a lingoa Portugueza grangearão graça, ajuntarão-lhe ouvintes. Prégava cada dia nas Igrejas, e praças. Dezia-lhes entre outras cousas, que se bem tinhão o Reino livre, á custa de muito sangue, do injusto senhorio dos Mouros, que tantos annos o pisarão, e possuirão, inda faltava libertal-os de outros Mouros, enemigos mais perniciosos e tyrannos injustissimos das almas que erão infinitos vicios, abusos, e desordens que levavão ao cativeiro do inferno, contra os quaes erão necessarias forças, e poder do Céo, não bastavão as humanas. Que em vão se jactaria de forro, e livre quem da casa em que vivia não fosse inteiro senhor: sem proveito mondaria o lavrador seu trigo, se cortando as ervas que o affogavão, lhe deixasse na terra as raizes; donde ao outro dia brotavão de novo: que como a raiz das calamidades que ainda opprimião grande parte de Espanha havião sido peccados, e devassidoens na vida dos Reis, e dos vassallos, se desenganassem, que durando esta, inda estavão sopeados, inda cativos. Assi os persuadia, e juntamente fazia temer, discorrendo polas miserias, e infamias do peccado, e polas penas, e castigos que acarrea em vida, e morte. Logo os assegurava e alegrava com a facilidade do remedio junto a esperanças de grandes bens por meio do Santo Rosario da Virgem purissima, recontando os maravilhosos effeitos que por elle vira na guerra dos Albigenses. Dava o Senhor dos Ceos viveza nas palavras, efficacia nas rezões. Era ouvido com silencio, e attenção, e mostrava-se no sembrante de todos, que só lhes faltava Mestre pera correrem os caminhos da virtude. Seguirão obras, começarão confissoens. Era buscado, e tratado pera

materias de consciencia. Bem se deixa entender como se alegraria seu espirito com tão bons principios, e tal disposição.

Foi a nova á Infante dona Sancha, (Rainha lhe chamão as Historias antigas, que era o titulo, com que então se tratavão as filhas dos Reis) desejou de o ver, e ouvir: manda-o vir diante de si. Era Alanquer villa pequena em praça, e povo, mas honrada por antiguidade de sua fundação, e calidade dos moradores ricos, e bem erdados na largueza, e fertilidade dos campos vizinhos, que lava o Tejo. Foi seu primeiro nome Alanoquerca, (*) e polo que delle parece, devia ser edificio de Alanos, huma das naçoens Septentrionaes que passarão a Espanha, e assentarão nesta parte de Portugal, muitos annos antes dos Mouros, comeo-o, e encortou-o o tempo, como faz a tudo. Era a Infante senhora do lugar, como atrás tocamos, e vivia nelle respeitada por quem era, e igualmente polas grandes virtudes de que era dotada. A renda era curta pera sua calidade, e casa, mas valia-se de muita riqueza, que seu pai el-Rei dom Sancho lhe dera em vida, e governava-se com tal prudencia, que tinha pera si, e pera alargar a mão em esmollas: de sorte que era sua casa hospital de pobres, e refugio de peregrinos. E deve-lhe Alanquer poder-se gabar de ser o primeiro lugar, que ouvio, e agasalhou em Portugal os embaixadores evangelicos dos grandes Patriarchas Francisco, e Domingos, e o primeiro que lhes deu de seu sangue filhos, e discipulos. (**) Porque tambem aqui vierão primeiro os Santos Frei Zacharias, e Frei Gualter da Ordem Franciscana primeiros messageiros, pera este Reino. Achamos posto em memoria desta Princesa, (***) que era dada á lição de livros devotos, e vidas de Santos, e que lendo as colaçoens dos Padres do ermo nos escritos de João Cassiano, erão grandes os desejos que acendião em sua alma aquelles exemplos de ver em seu tempo semelhantes espiritos, e semelhantes exercicios. Quando vio, e ouvio a dom Frei Sueiro, entendido fica qual seria a pratica. Podemos crer que foi toda celestial. Assi ficou entendendo que tinha presente, e vivo o que lá na letra morta lhe retratavão os seus livros. Vierão por fim de pratica a tratar da causa de sua vinda, declarou elle com breves, e humildes rezoens, que não era outra senão espertar na gente Portugueza memoria da salvação, e desejos do Ceo, e de vida perfeita: e pera este fim fazer de sua parte tudo aquillo com que entendesse a poderia obrigar, e levar a elle: e se achasse

(*) Idacio Claro na sua Cronol. Monarc. Lusit. p. 2. lib. 6. c. 3.
(**) F. Marcos de Lisboa na cron. dos Men.
(***) Rezende in vita B. Ægidij l. 2. tract. 2, & 85.

(como esperava em Deos; e na grande virtude de hum Pai, e Mestre, e grande Santo que o insinara, e o inviava), quem o quisesse seguir, e ajudar, trazia animo de ajuntar companhias, e edificar casas que fossem humas praças fortes, guarnecidas de valente presidio contra o Inferno, e humas escolas donde se ouvissem vozes continuas que estivessem retinindo nas orelhas do povo, hora com louvores de Deos, hora com brados, e clamores em abominação de vicios, e peccados. Não se podia dizer á Infante cousa de que mais satisfação tevesse. E como era pasto suavissimo pera sua alma, assi he de crer, que logo dali, inda que muitas outras vezes o ouvio em publico, e em particular, ficou traçado que o Santo varão lançasse olhos por lugar acomodado a seu intento. E ou fosse que a estreiteza da villa lhe não desse azo a edificar nella, ou que quiz, como parece mais provavel, satisfazer á tenção, e desejo pio da Infante, (digo provavel, porque não temos luz de escritura que nos guie no certo, e vamos em muitas cousas, arrimandonos a tradiçoens, e conveniencias), escolheo pera morada sua, e sitio do primeiro Convento a serra de Monte junto, e nella huma ermida da invocação de Nossa Senhora das Neves. E tal foi o principio, e solar que teve a Familia dos Prégadores, e Ordem Dominicana nestes Reinos de Portugal, como veremos mais em particular no capitulo seguinte.

CAPITULO XII

Descreve-se o sitio do primeiro convento que a Ordem de S. Domingos teve em Portugal, e fabrica delle.

A duas legoas e meia de Alanquer contra o Norte se levanta a serra que hoje chamão de Monte junto. (*). A maior antiguidade lhe chamou Monte sacro, e tambem Monte tagro, nome que com pouca differença se conserva inda hoje no lugar de Tagarro ahi visinho. Nos a puderamos nomear por hum só monte de pedra, ou huma só pedra, antes que serra. Porque o nome de serra comprende montes de penedias, e rochedos encadeados, e continuados com valles, e sobidas: e esta consta de huma só pedra, ou monte que igual, e juntamente crece, e sobe, em meio de terras lavradias, e por toda parte cultivadas, e ainda que são dobradas, e de varzeas, e oiteiros entresachadas, ficão em comparação

(*) Resende l. 1. das Antiguid. f. 40. M. Varro Columella. Plinio.

d'ella hum campo razo. E tal vista offerecem aos olhos de quem do alto as considera. Representa esta pedra que terá de sobida huma boa meia legoa, tendo no pé, e fundamento mais de quatro de circuito, e he tão agra, e alcantilada em roda, que com grande difficuldade se pode subir a cavallo. Porque em muitas partes não ha passar sem apear, e valer das mãos, como dos pés. Só da parte occidental contra Villa verde offerece huma costa alguma cousa menos ingreme, a qual se fora cortada, como era facil, tinhamos aqui um retrato de uma d'aquellas forças que nos pintão as Historias da India e Etiopia por inexpugnaveis(*). Porque sendo da natureza criadas a este modo mui altas, e talhadas em roda como ao picão até ás raizes, bastão pera defender huma só entrada, ou duas que ha feitas á mão, muito poucos homens contra grandes exercitos: e conta-se que tem no alto largueza pera sustentar muita gente. Esta fará no cume duas leguas de praça, e ainda que quasi tudo he pedra continua, abre no meio huma grande varzea de terra lavradia, que terá em circuito meia legoa, a que fazem coroa grossas penedias vestidas a partes de matos espessos, e crecidos, guarida de lobos, e outros animaes silvestres: na varzea ha duas lagoas de agoa clara, e boa: e em pouca distancia, e sobre huma pequena costa, que ainda se sobe aspera sempre, e pedregosa, se acha huma ermida, a que a devação dos vizinhos deu nome de Nossa Senhora das Neves. A casa he pequena, e baixa, mas pera deserto de boa fabrica. Tem de fóra seu recebimento, ou alpendre cuberto: e dentro divisão de Capella, e corpo de Igreja, com seu arco em meio, tudo cerrado de abobada. Fóra do arco, e das grades que o cerrão, tem seus altarinhos, como he costume de huma, e outra parte. No altar da Capella se vê hum retabolo com huma imagem de Nossa Senhora, e outras de Santos, tudo pintura moderna. Nas paredes pendem algumas memorias de enfermos, e cativos. Nos altares travessos não ha pinturas, mas algumas figuras de vulto de antiga escultura, e grosseira: entre ellas duas com habito Dominico, das quaes huma tem nome de S. Domingos, e está autorisada com mitra na cabeça, (devia julgar a simplicidade montanheza, que não lhe estava bem aos pés), todas prometem huma grande antiguidade, não só no feitio, mas no trato, e representação da madeira comida e consumida da velhice, e do tempo. Na entrada da porta se acha huma pia aberta ao picão na lagea, e chão na-

(*) Fr. João dos Santos na sua Etiopia l. 4. c. 4. & 5. Anton. Pin. nos cercos de Goa, e Chaul. l. 1. c. 7. & 9. Q. Curt. in hist. Alexan. Lopo de Sousa Coutinho no cerco de Diu l. 1.

tural da ermida, que juntamente he pia, e fonte, porque corre agoa, e dura a fama de ser milagrosa pera infirmidades. A hum lado vão continuadas, e contiguas duas pequenas casas, como de Sacrista, huma d'ellas com chaminé, e d'estas correm algumas paredes arruinadas, que mostrão divisões, e sinais de casas algum tanto maiores, e cerca espaçosa, em partes pedra em sosso, n'outras pedra, e barro, em nenhuma rasto de cal, nem pedra lavrada, nem final de edificio curioso. E tal he o estado do presente da serra, e da ermida: do que então era não nos consta. Mas aquellas figuras velhas, e mal obradas, a ossada pobre de casas, e paredes delidas da força dos annos acreditão com bastante testimunho a tradição recebida, e continuada por quatrocentos annos nos povos vizinhos de pais, e avós: de que houve alli casa, e Convento de nossa Ordem. Porque de nenhuma outra cousa podiam servir aquelles pobres edificios: nem a estranheza do sitio podia consentir outros moradores, se não fosse gente aborrecida da vida, e desejosa de abreviar os caminhos pera o Ceo. E bem podemos ter por certo que seria tudo então muito mais fero, e mais inculto, pois n'aquella idade muitas terras chans erão cubertas de brenhas, e criavão animais bravos, á falta de quem as abrisse. E tal devia ser a informação que se deu a dom Frei Sueyro. Mas elle não se espantando nem descontentando de nada, sobio á serra, visitou a ermida, lançou-se por terra diante d'aquella Senhora, dando-lhe graças, como he de crêr, com lagrimas de alegria, por vêr que assi como a seu Mestre dera em França primeiro gasalhado em casa sua, qual era a de Prulliano, assi o queria tambem dar ao discipulo em parte tão distante. Aqui lhe pederia, que assi como com as neves de que ali tinha a invocação, dera antigamente final na força das calmas do estio, que lhe agradava a devação d'aquelles dous servos seus, que em Roma lhe tinhão offerecido almas, e fazenda, quizesse mostrar agora seu soberano poder, derretendo neves de alguns corações enregelados, com chamas de celestial caridade que alumiassem entendimentos, abrazassem vontades, pera que cessando escandalos, e contendas ficassem dispostos pera receberem a doutrina do Ceo, que de tão longe lhes vinha communicar, como já se hia recebendo, e estimando n'aquella pequena villa. Não achamos apontado mez nem dia em que o edificio começasse a crecer, nem a ser povoado. Mas bem se segue, que como a efficacia de sua pregação, e a devação Portugueza lhe foi logo ajuntando companheiros, (que isto he cousa sabida), não tardaria em os levar ao Monte, e como seu pensamento só

em architectura celestial tinha a mira, postos na serra apareceria a casa acabada tão depressa, como traçada. Deu o monte pedra, madeira, e barro, poserão elles as mãos, e o serviço. Começou-se a exercitar o rigor monastico, ao que podemos alcançar com a primavera do anno seguinte de 1218. Exercitavam-se em todo genero de mortificações que a religião insina das portas a dentro, jejuns, cilicios, disciplinas, vigilias, silencio, e oração continua. Ao trabalho de casa seguia o de fóra tanto mais intoleravel, quanto era tomado por gente exausta de forças com os rigores caseiros. Decião da serra, entravão polos lugares a mendigar a pobre mantença. Se a trazião, e se a não trazião, tudo era tormento. Porque a costa aspera pera os que tornavam leves, e sem esmola, era trabalhosa por si, e por haverem por culpa, e demerito proprio não alcançar com que alimentar os companheiros, e a si: e aos carregados o peso lhes tirava as forças, e os quebrantava de novo. Valia em tudo o exemplo do Mestre, que como sabia ser o primeiro, e mais diligente no que era mais penoso, não havia nenhum covarde nem froxo. Lembrava-se o Santo Varão dos estranhos generos de padecer, que notára em seu bom Mestre: as disciplinas nocturnas sempre com ferro, e nunca sem sangue: as quaresmas inteiras de pão, e agoa: a terra fria por cama, o Ceo por manta: o pendurar os çapatos no cinto polos caminhos do monte por se magoar: o calçallos no povoado por fogir vamgloria: correrem os pés sangue e a boca entoar alegres hymnos, convidando os passarinhos a louvores do Criador. Via que criava noviços, não só pera religiosos ordinarios, mas pera mestres, e pais da provincia, que vinha fundar, não lhe ficava nada por fazer pera boa instituição: e ajudava-o a graça Divina a levar hum trabalho que excedia as forças humanas. Amanhecia em Alanquer, e polos outros lugares vizinhos a doutrinar, insinar, e prégar: e despois de cansado, e moido d'este serviço, hia tambem de porta em porta pedindo hum pedaço de pão pera si, e pera os seus. E quando havia de alliviar, tornava a subir a serra, sobida que só por si, quando muito ocioso, e folgado andara, era tormento excessivo. Edificavão-se, e espantavão-se todos, e elle cuidava que fazia pouco, e que era obrigado a mais. E eu tambem cuido que esta demasia em trabalhar nos obriga a inquirir, e discursar polo officio que fazemos de Historiador, que rezão podia mover a hum varão sisudo a huma empreza tão ardua como foi seguir juntamente vida do deserto, e do povoado: contemplativa entre feras, e penedos: e activa entre homens: feito Ancoreta soli-

tario, e no mesmo tempo prégador, e mestre cercado de povo, e ouvintes. A contradição he grande polo estremo de se alongar tanto da gente, que parecia impossivel poder acudir ao insino d'ella, (que he o fim principal d'esta Ordem), e vira em seu Mestre exemplo differente, pois não edificára fóra de povoado. D'onde infiro que n'este novo modo de vida teve algum fim mais alto, e só encaminhado ao remedio dos males que via no Reino, sem ser sua tenção ficarem elle, nem os seus pelo tempo adiante moradores do ermo. E pera concluir digo, e sinto, que considerando este prudente varão o calamitoso estado do Reino na parte mais importante que era a espiritual, e vendo a quietação com que os grandes se deixavão estar escomungados, e interditos, houve-se por obrigado em rezão de letrado, e nobre, e por ministro Apostolico da prégação Evangelica significar desde logo, que não aprovava, nem aprovaria em nenhum tempo tal modo de proceder, por mais rezões que por si alegassem. Clara significação foi, inda que muda, desviar-se da Corte logo no principio, alem das mais causas que apontamos. E com o mesmo intento foi a retirada, que agora fez da villa de Alanquer, escolhendo antes viver entre feras, que na companhia dos homens, pera que quando fosse conhecido, e buscado, (como estava certo o havia de ser) do Rei, e dos grandes, calando respondesse, e mostrando que dentro em sua patria vivia como peregrino d'ella, servisse tal obra de lingoagem, e rezões vivas, que lhes estivessem lançando em rosto, e estranhando a temeridade, com que se mantinhão tanto tempo havia, contra escomunhões, sem sinal de humildade, nem cuidado de paz. Persuadia-se dom Frei Sueyro que era obrigação dos que Deos poz em lugar alto por qualquer via que a elle subissem, não só não ajudarem, nem autorisarem, nem favorecerem as obras exorbitantes, e desarezoadas, e aos autores d'ella: mas torcendo-lhe o rosto, e fugindo-lhe com a presença, testimunharem ao mundo, que não erão n'ellas, nem com elles consintidores. Foi o conselho aprovado do successo. Porque em fim era conselho de quem se tinha todo entregue a Deos, e por elle vinha guiado, como adiante o veremos: despois que dissermos alguma cousa do Padre São Domingos, com quem he força que vamos continuando, e tecendo esta escritura, que d'elle depende, em quanto o temos vivo.

CAPITULO XIII

Das grandes maravilhas que Deos nosso Senhor obrou em Roma por S. Domingos. Conta-se a nova forma de habito que o Santo deu aos seus Fredes, e a rezão della: e como poz em clausula as Freiras de Roma. Ordena lição de Theologia no sacro Palacio, e he o primeiro Leitor della. Prega a devação do Rosario.

Em quanto nas ultimas partes do Occidente passavão as cousas que temos contado, corrião as da Ordem em Roma com grande prosperidade acreditando Deos a seu servo São Domingos com huma extraordinaria corrente de mercês, e favores do Ceo: de sorte que em poucos meses se vio o Santo não só pai de muitos filhos, mas de muitos Conventos, e grandes familias Patriarcha. Diremos algumas brevemente, e quanto bastem pera se entender o processo de sua vida, que começamos. Entrou o Santo em Roma por fim de Outubro do mesmo anno de 1217, despois de ter dado á sua Ordem os principios, que temos visto em França, e Espanha. E como entrava já fundador de Religião pola Santa Sé Apostolica aceitada, e confirmada, foi recebido naquella Corte com hum tão grande amor, e aplauso de todo genero, e estado de gente, que se enxergava claramente serem effeitos da mão Divina, não nascidos, nem grangeados por nenhuns meios humanos. Tinha-lhe Deos mandado polos Apostolos que prégasse, prometera-lhe que seus hombros sustentarião a Igreja, e como elle he o que dá os cargos, e juntamente a sufficiencia pera elles, começou a desempenhar-se da promessa. Foi o principio pôr taes palavras na boca do seu prégador, e dar-lhe tal graça nellas, que trazia toda a terra apos si, e como cousa celestial era ouvido, buscado, e seguido: dos peccadores pera remedio, dos bons pera guia, parecendo a todos que não podia faltar meio de salvação, e abundancia de bens do Ceo em tal companhia, e doutrina. Erão tantos os que lhe pedião o habito, que toda casa era estreita pera os recolher. Acudio o Santo Pontifice Honorio a esta falta: deu-lhe a Igreja de S. Sisto pera Convento. Começa logo a edificar por huma parte, e receber noviços por outra. Creciam as paredes, e os habitadores como a competencia: e o Ceo tinha a cargo ajudar a obra com novos meios.

Correndo a fabrica, cahiu de improviso hum lanço de parede velha: á vista de muito povo junto colheo hum dos officiaes, foi grande a gri-

ta, acodem com pressa a desenterral-o, achão-no sem figura de homem, feito hum bolo. Não edificava o Santo pera matar, senão pera dar vida, e saude. Vem correndo, chega-se ao defunto, põe os olhos no Ceo com huma breve oração, e logo levantando a voz manda ao seu official que se levante, e torne a vencer seu jornal. Obedeceo a morte, levantou-se o defunto, e tornou a trabalhar. Pasmarão os circunstantes, e perguntavão-se huns aos outros polo caso, porque aos olhos proprios não davão credito.

Mas fez cessar o espanto outro caso que logo se vio tras este. Huma dona nobre, mãi de hum só filho, (chamão-lhe os escritores Guttadona) tinha-o enfermo. Deixou-o huma manhã, por acudir ao sermão do Santo: tornando a casa, acha-o passado da vida. Dá volta pera a Igreja com o minino nos braços, e vozes lastimosas ao Ceo: chama polo Santo, mistura queixas com rogos: que de deixar o filho por devota, lhe nacia choral-o agora por mofina: que bem podia elle fazer por seu filho, o que fizera polo official da sua obra. Lastima-se o Santo, consola-a: ella pede obras, não palavras, vida pera o filho, e n'ella seu unico remedio. Vence-se o Santo, faz o sinal santissimo da Cruz sobre o morto, e entrega-o vivo a sua mãi. Não ha palavras que possam encarecer o movimento que causou no povo tal successo. Chegavam-se ao Santo, cortavão-lhe a sobrepeliz, e a loba, sem se poder defender: fazião conta que levavão pera casa antidoto contra todos os males.

Entre tanto enchia-se o Convento de Frades, que he cousa certa passarão de cento em poucos mezes. Mas não parava aqui o espirito do Santo: a maiores emprezas se estendia. Desejava o Papa reduzir a clausura as Freiras de Roma, e particularmente as do Mosteiro de Santa Maria, que chamavão de trans Tyberim. Devaçara a malicia dos tempos, que sempre correm pera pior, aquella simplicidade antiga, com que as donzellas que se recolhião a servir a Deos nos mosteiros, fiavão tanto de si, e dos homens, que se atrevião a andar, e tratar fora de clausura, e conversar entre elles não só sem dano, mas tambem sem temor. Estava trocada esta bondade de animos: erão tantos os successos avessos, que se perdia a Religião, e o credito d'ella, e cumpria acudir-se ao mal com cura apressada. Pedio-se remedio pera gente viva a quem o sabia achar pera mortos. Chamou o Papa a S. Domingos, entregou-lhe o negocio nas mãos. Molheres nobres, e ricas, e muitas em numero, (erão quarenta e quatro), avezadas a liberdade: não podia com ellas o Principe supremo

da Igreja, que faria hum pobre Frade? Visitou-as, prégou-lhes, fallou Deos por elle. Não só ficarão persuadidas a clausura, mas o que ninguem cuidou, e que teve fortes contrastes, aceitarão passar-se do lugar em que estavão, que era pouco decente, pera o seu Convento de S. Sixto. E começou logo de o accommodar pera ellas, e a casa de Santa Sabina, que o Papa lhe nomeara de novo, pera os seus Frades.

Era já n'este tempo o numero dos Frades tão crecido, polos muitos que cada dia entravão, que houve o Santo, podia partir com alguns lugares de Italia, dos muitos que com instancia, lhe pedião pregadores, e havia sojeitos taes que se podia fiar muito d'elles. Pareceo-lhe tempo de empregar as novas prantas, e fazer missão nova. Mandou a Bolonha huns pera pregarem, outros pera estudarem, e a Milão, Como, e Bergamo pera entenderem na prégação, e doutrina do povo. E com tudo ficavão ainda em Roma, como diz a Historia, ao justo cem Conventuais: estes vivião de esmolas colhidas com alforge, e brado polas ruas, e portas, como fazem inda hoje com santo exemplo os Frades Menores. Aconteceo hum dia fazerem-se horas de jantar, e não haver que pôr na mesa. Quem a tinha a cargo deo conta da falta ao Santo. Nunca mais bem assombrado, nem mais alegre rosto lhe viram: responde que fiem de Deos, e se faça logo o signal costumado: faz elle o de Prelado: entra a Communidade, toma cada hum seu lugar. Não havia que benzer, mais que mesa seca: benze todavia dando graças ao Senhor pola mingoa, como outras vezes fazia pola abundancia, (que em todo estado lhas devemos, se somos Christãos.) Tudo foi hum, assentarem-se os Frades, e entrarem dous moços com canisteis de pão nos hombros, de que forão provendo todas as mesas: pão alvo, e mimoso qual nunca olhos virão. A presença, a disposição, o geito dos servidores, arrebatou os olhos de toda a Communidade: e sem saber como, deleitava-se mais em sua vista, que no remedio da necessidade. Notou-se que começarão a servir primeiro aos mais humildes leigos, e noviços moços, e dahi forão subindo até o Prelado. Este modo de proceder, e a confiança dos autores delle, deo certo indicio de serem cortezãos do Ceo. Assi o declarou o Santo aos subditos, ajuntando por lei perpetua no serviço das mesas, a lição que derão, que se guarda até hoje inviolavelmente por toda a Ordem. Segunda vez achamos que succedeo a mesma necessidade, e soccorro nella polo mesmo modo, e na mesma casa; só foi a differença no numero dos que forão presentes que forão só quarenta Frades.

Mas parece que o Ceo todo se queria occupar como á porfia em fazer honras a esta Ordem. Appareceo por estes dias em Roma hum famoso letrado em ambos os direitos, Dayão da Sé de Orliens, e Leitor da Universidade de Paris, chamado Reinaldo, ou Reginaldo: o qual cuidadoso de sua salvação buscou a S. Domingos, e assentou com elle deixar todas as honras do mundo, e vestir o habito da Ordem, como cumprisse certa jornada de voto(*). Apercebia-se pera ella, quando se vio salteado de huma febre ardente, ao parecer dos Medicos, mortal, e sem remedio. Assistia-lhe o Santo, sentido da perda de tal sogeito, porque fundava nelle grande augmento da Ordem por letras, e virtude. Pedião ambos a Deos a vida, chamando por valedora com grande efficacia a Virgem Mãi, particular Mãi, e avogada desta Ordem em todo trabalho. Não tardou a piadosa Senhora em soccorrer a ambos. Visitou pessoal e visivelmente o enfermo, deu-lhe saude, e como em penhor della mostrou-lhe hum habito, e escapulario branco, dizendo que tal como aquelle vestiria, e tal queria que fosse dali em diante o desta Ordem em forma e côr. Visitou tambem e alegrou a S. Domingos com a mesma visão, e aviso; e elle se vestio logo pola traça das mãos Divinas mostrada, trocando a autoridade da loba, mursa, e roxete, trajo Episcopal; na humildade de hum habito, e escapulario branco, e capa preta tudo de pano grosseiro, e no feitio estreito, e curto, e o mesmo fizerão todos seus subditos presentes e ausentes. E tal foi o principio do habito dos Prégadores, dadiva do Ceo, e vinda por meio, e mão da Mãi de Deos.

Continuava o Santo sermões de grande fruito por todas as Igrejas, e praças de Roma. Entrando hum dia no sacro Palacio, notou que era infinita a gente que andava por aquelles claustros, e salas perdendo tempo em corrilhos, e murmurações, em jogos, e outras leviandades, foi imaginando se poderia haver algum meio de advirtir, e occupar em entretinimento honesto, e proveitoso; (*) offereceo-se-lhe hum trabalho intoleravel pera quem como elle se repartia em tantos outros, que foi ler huma lição quotidiana da Escritura sagrada nas horas que mais povo acudia ao Paço. E foi cousa tão bem recebida do Papa, e Cardiais, que no dia que isto vamos escrevendo passa de quatrocentos, e dous annos

(*) Cronica da Ordem de João Garzon. Leandro Alb. l. 5. Apold. l. 2. c. 11. S. Ant. p. 3. t. 29. c. 4.

(**) Sufato c. 2.

que persevera, e sempre em Leitores da mesma Ordem, em que começou, sem nunca haver mudança.

Ajuntou logo outra lição pera os bem occupados de grandes proveitos, e pera todos. Foi a devação do santo Rosario: na qual se empregou com tanta efficacia com occasião da primeira, que pola novidade era frequentada do melhor de Roma, que a fez acceitar por todos os Cardiais, e senhores da Corte, recebendo de sua mão os instrumentos della, digo muitos ramais de Contas, que com grande gosto repartia; e vio logo dellas formosos effeitos. Foi entre outros a conversão de huma molher de vida perdida (*), e que era causa de muitos a perderem. Porque sendo dotada de excellentes partes naturais, servião-lhe todas de fazer gente pera o Inferno, e abrazar a cidade em fogo de sensualidade, brigas, e odios; e procedeo seu remedio de hum Rosario que alcançou da mão do Santo. Rezava por elle, trazia-o nas mãos, e ao pescoço. Em fim valeo-lhe pera merecer tão boa ventura, que ainda antes de mudar de todo os erros da vida visse a Christo Redentor em sua casa, e á sua mesa trocando figuras, pera lhe trocar a alma, hora tomando-a de minino, hora de homem de idade perfeita, huma vez com Cruz ás costas, e coroa de espinhos na cabeça, outra pés, e mãos correndo sangue, e em fim feito seu Prégador: Obras que de peccadora por estremo devassa, (louvem-vos os Anjos JESU bendito) a trocarão em santa de estremos.

Mas porque trás este caso seguirão outros em numero, e calidade espantosos, que em Roma, e toda Italia fizerão a devação grandemente celebre: e procedendo o tempo a estenderão por todos os membros da Christandade, favorecendo-a Deos com tantas misericordias do Ceo, e graças, e privilegios na terra por seus santos Vigarios, que já não ha Cidade, nem Villa, nem aldea, nem ainda casa particular, que deixe de a abraçar, e venerar dando por toda parte testimunho Christão os ramais de Contas, hora nas mãos, hora sobre os peitos; parece rezão, que pois esta historia he do Patriarcha São Domingos, e por seu meio foi o Senhor servido mandar tanto bem ao mundo, digamos antes de passar adiante, alguma cousa do processo, e augmento, e grandezas delle; e será com a mesma brevidade que vamos seguindo, visto como já andão livros inteiros no mesmo argumento. Sohia a ser no bom tempo, quando no mundo tinha lugar justiça, e rezão, que era patrimonio honrado até

(*) Flamin. l. 2. Castilho p. 1. l. 1. c. 35.

dos filhos ricos, os bons serviços do pai, pera requererem, e alcançarem mercês do Rei da terra; nós que somos filhos pobres, e temos requerimento com o Principe do Ceo justissimo, e riquissimo, he bem que tenhamos vivas, e postas em bons papeis as auções de que Nosso Padre São Domingos nos fez herdeiros, pera nos valermos nas necessidades da vida: principalmente quando a caridade dos proximos vai estando tão resfriada, que quem não pode fazer seu o alheio, contenta-se com fazer que fique mescabado, e de pior condição pera seu dono.

CAPITULO XIV

Mostra-se como São Domingos foi o primeiro que insinou a rezar por Contas os mysterios de nossa Redenção, que he a devação do Santo Rosario contra os que a querem fazer mais antiga. Conta-se como resuscitou ao sobrinho do Cardeal Estefano em Roma.

Alguns autores modernos, que tratão desta santa devação, querem que seja tão antiga que se lhe não saiba principio, e achamos que o diz hum, a quem outros seguem, por estas palavras: *Nam quoad antiquitatem, tanta est, vt eius initium ignoretur,* (*) e pera a lançarem nos tempos mui atrazados, já a referem aos do Concilio Claramontense, e de hum Pedro Eremita que nelle se achou polos annos do Senhor de 1095, já a atrazão aos do Papa Leão Quarto que foi no de 854, já a lanção na primitiva Igreja, e idade dos Apostolos. E he bem de espantar, que sendo obrigação dos homens de letras falar nas materias com distinção, e clareza: e havendo nesta a forma de devação, que he o que propriamente se chama Rosario, e a santa Igreja na sua Missa propria lhe chama sacratissimo Rosario: e havendo tambem o material das Contas, polas quais se reza: elles juntão tudo, no nome do Rosario, e assi em confuso fazem sua origem escura, immemorial, e ignorada. E não ha duvida que se fizerão reflexão na differença que ha de huma cousa á outra, ella mesma os guiara pera acharem principio, e origem certa, no que he sustancial, digo na devação, e psalteiro de Nossa Senhora, cujo nome Rosario, ou Rosal.

E começando a buscal-a por ordem, como quem deseja descobrir verdades, quero-lhes conceder toda a mais alta antiguidade que preten-

(*) Francisc. Soar. t. 2. de virtute Relig. l. 3. c. 9. Rebello no livro do Ros.

dem no uso das Contas, pera effeito de se contarem por ellas os Psalmos, e Hymnos, e Oraçoens da santa Igreja rezando; e confirmo-lha assi. No tempo que os desertos do Egyptó se começarão a povoar daquelles santos Ermitaens (*), dos quais as historias Ecclesiasticas nos dão por pai ao Evangelista S. Marcos, tão pobres que espantavão o mundo com suas penitencias, e com as faltas que padecião: tão Santos que Philo Judeu quiz honrar o Judaismo com suas virtudes, em hum livro que delles escreveo, dando-lhe grandes louvores como a gente sua, chamando-lhe Essenos: he cousa certa que pera terem conta, e ordem no que havião de rezar entre dia, e noite, se aproveitarião como gente necessitada de tudo dos fruitos silvestres, e secos do mato, infiados em seus ramais. E já daqui fica colhida a etimologia das Contas polo effeito em que servião. Que isto fosse costume entre os Ermitaens bom argumento he, não vermos nenhum nas pinturas antigas sem estas infiaduras de esteriles fruitos nas maons. E de que os mesmos usassem em seus ajuntamentos rezar numero certo de Psalmos, temos autor antiquissimo que o affirma, qual he S. Theodoreto (**). E pois havia conta, e numero de reza determinado, bem se segue que convinha haver algum meio de fazer memoria: e os desertos não o podião dar melhor. Mas toda a duvida nos tira o costume que hoje em dia dura entre os Mouros de Africa, de se servirem pera suas supersticoens de grandes ramais de Contas: costume tão antigo nelles como sua Seita, que tem já de ausianidade mais de mil annos (***). Por nossos olhos os vimos em Argel dar voltas a longas, e grossas infiaduras, passando cada bugalho com duas palavras; que erão: *Stafar Alla*. Cuja significação he: *Perdoa-me Deos*. Foi Mafamede colhendo da lei da Graça, e da escritura as cousas que lhe pareceo podião autorisar seus desatinos: estava bem reputado o exercicio das Contas, misturou-o com elles.

Ex aqui o uso de Contas com muitos mais de mil annos de idade: mas que se siga disso, ser tão antiga como ellas a davação que lhe accomodamos hoje; e chamamos do Rosario, he cousa indigna de homens que falão ingenuamente. Assi temos justa queixa contra Gregorio de Vilhegas (****) de affirmar que o Papa Lião Quarto na guerra que teve com os

(*) S. Jeronym. dos Escritores Ecclesiast.
(**) Theod. de vir illust. in vit. Julian. Monach.
(***) Polyd. Virg. l. 7. c. 8. Luys del marmol. l. 2. c. 1. El-Rey dom Affonso em suas taboas. Fortalitium fidei de bello Saracem. l. 40. art. 10.
(****) Vilheg. no Flos Sant. na Exaltação da Cruz a 14. de Setembro.

Sarracenos em Hostia, armou seus soldados de Rosarios; (houvera de dizer, se tal houve, ramais de Contas.) Mas culpa maior he de quem fundou nesta palavra atrazar a devação a estes annos, que fica sendo o mesmo que defraudar da honra della, a quem muitos despois foi seu primeiro, e verdadeiro inventor. Quanto mais que o que Vilhegas escreve he tão mal fundado, que nenhum autor antigo tem por si, e pera cousa tão atrazada não he bastante seu dito pera com nosco, nem o devera ser pera os que o seguirão. Vejão-se os que apontamos na margem (*), que são todos Autores graves, e escrevem a mesma guerra, e a vida do mesmo Pontifice sem falar em Contas, nem Rosarios. E contra os que lhe dão por Autor o Ermitão Pedro, temos a autoridade do Cardeal Baronio, que tratando delle em seus annais, e de como o Papa Urbano Segundo propoz no Concilio de Claramente a reza do officio pequeno de Nossa Senhora recebido desdentão por toda a Christandade, nenhuma mènção faz de Contas, nem Rosario.

Sendo logo desconhecida por velha, e atrazada, a origem do material das Contas: e não havendo autor nenhum que diga, nem possa dizer outro tanto da formalidade da devação, daremos muitos que escrevem clara, e patentemente o mesmo que atrás deixamos contado, que foi primeiro Prégador, e promotor della Nosso Padre S. Domingos recebendo-a da Virgem sagrada (**). E por que lhe foi dada por tais maons, e nella temos cifrada, como todos sabem, sua santa vida, seus trabalhos e glorias de mistura com a vida, e morte, e paixão, e gloriosa Resurreição de Nosso Redentor, mereceo o nome do Rosario na lingua Latina que na Portugueza responde, Rosal. He a rosa a mais nobre flor de todas as flores por fineza da côr, por excellencia do cheiro, por utilidade da virtude: alegra a vista, deleita o olfacto, conforta o coração; e he conservadora da vida humana, com a agoa sendo estilada, com o oleo em infusão, com a sustancia em conserva. Por estas calidades, e porque nasce armada de espinhas, e abrolhos, que offendem, e magoão, he simbolo da honestidade, e vergonha virginal: como parece das sagradas letras, onde o Espirito Santo pera declarar as excellencias da Esposa San-

(*) Platina de vita et mor. Pontif. f. 106. Illefcas na Pontif. t. p. 1 4. f. 204. Onuph. Panuin, in epist. Pontif Roman. f. 42 Baron. t. 10. Annal Eccles. no anno 849. ex Anast. Bibliot. Bonifac. Simoneta Ord. Cisterc. lib. 5. de Pontif. perfecut. c. 9.

(**) O S. Fr. Jordão. O Geral Humberto e Theodorico todos tres escritores da vida de S. Domin. Os Annais Ecclesiast. nos an de 1213. n. 9. e 11 e 12. Jo. Ant. Flamin. Fr. Alano de Rupe. F. Fern. de Cast. F. Jeronim. Taix. Fr. Diego de Hogeda Sagastizaval. O Bispo de Monopoli.

ta por termos do campo humildes, e pastoris não buscou melhor comparação, dizendo em nome della: *Ego flos campi, et lilium conuallium* (*). E noutra parte: *Sicut lilium inter spinas, sic amica mea inter filias* (**). E falando tambem do Esposo Divino, não lhe quiz dar maiores gabos, que dizer delle: *Qui pascitur inter lilia* (***). E muito tempo antes tinha dito: *Pulchritudo agri mecum est* (****). E não obsta apontar o texto só em lirios. Perque no Hebraico lirios, e rosas tem hum mesmo nome, como advirtio o M. Sotto Maior (*****) por estas palavras: *Vox enim Hebræa vtrumque significat tam rosas, quam lilium.* E onde o Latino diz: *Ego flos campi.* Traduzem os Hebreus: *Ego rosa Saron* (******). E a versão que anda de Hebraico Espanhola, que não tem pouca autoridade, onde a Latina lê: *Qui pascitur inter lilia,* diz, *entre rosas* (*******). E Santo Ambrosio nos ensina que estes lirios, e rosas são as Virgens santas, e que a Igreja sagrada affirma o mesmo de si. São as palavras: *Christi lilia sunt specialiter Virgines, quarum est splendida et immaculata virginitas. Vnde plerique accipiunt, quod Ecclesia videatur dicere, Ego flos campi, et lilium conuallium* (********).

Não se podia logo achar nome mais proprio pera huma devação toda alternada em mysterios de gozos, e magoas da Virgem, e Mãi benditissima, de dores, e glorias da Mãi, e do Filho Deos, e homem verdadeiro. Assi despois que foi aprovada pela Igreja, logo se lhe foi aplicando tudo o que se acha escrito de rosas nas letras Sagradas. Já lhe chamamos: *Rosa puritatis*, e *rosa sine spina*, já *rosa sapientiæ*. Já lhe cantamos: *Sicut plantatio rosæ in Jerico.* E pera que tudo quadre com a forma da devação, temos autor que affirma, erão tão dobradas estas rosas de Jerico em Palestina, que se contavão em cada huma cento, e cincoenta folhas. Do que não discrepa muito Plinio (*********), que nos avisa de outras que chama centifolias, em huma provincia de Italia, e noutra de Grecia. E foi tão aceito á mesma Senhora este serviço, e nome, que por muitas vezes se deixou ver de seus devotos hora coroada, hora cercada de rosas: e estas, pera nos confirmar na ordem, que seu servo tinha dado da reza, entresachadas a cada dez bran-

(*) Cant. 2.
(**) Ibid.
(***) Ibi. c. 6.
(****) Psal. 49.
(*****) Sotto Maior. in Cant. c. 6. fol. 1063.
(******) Idem c. 3. f. 422.
(*******) Versão do Hebraico Espanhola.
(********) Ambr. l. de instit. Virgin. c. 13.
(*********) Plin. lib. 21. c. 1.

*

cas, de huma maior encarnada. Do que houve tantos testimunhos, que delles naceo dar-se o nome de Rosal á devação, e passar da devação ao instrumento, de maneira que já hoje está recebido por nome proprio das Contas: e não ha pintura desta invocação da Senhora, que deixe de vir semeada de Rosas.

Mas tudo isto teve sua origem na forma, e repartição dos mysterios aplicados ás Contas, e prégados por S. Domingos. E como elle a começou a prégar, segundo affirmão todos os escritores de sua vida, em Tolosa: e despois do anno de 1220 em Roma, não he mais alta, nem mais moderna a antiguidade do nome, e devação do Santo Rosario, ou Rosal, por mui antigo que seja o uso das Contas. E se houver algum incredulo no ponto mais sustancial, de que a recebeo por revelação Divina, e pedir sinaes. darlhosemos do Ceo, e da terra. E seja o primeiro que a primeira pessoa de quem o soubemos, e por quem passou aos successores, foi o mesmo Patriarcha, tão digno de ser crido, que á sua voz resuscitarão quarenta mortos juntos, já sumidos, e affogados na madre de hum profundo rio, á vista de hum grande exercito: A seu brado tornou á vida nos olhos de toda a Cidade, e corte de Roma hum Napoleon, não só morto, mas feito pedaços. Á sua doutrina renderão almas, e entendimentos, de bronze cem mil hereges. Testimunho he este de quem se deve deixar vencer todo o bom juizo. Mas temos outros muitos, quais são que todas as vezes que o mundo se descuidou, ou adormeceo na santa devação, a Senhora teve cuidado de a espertar, não buscando outro meio se não o dos filhos do seu primeiro prégador, (grande, e soberana honra desta Ordem), primeiramente no anno de 1461, por Frei Alano Ingrez (*): e despois no de 1475, polo Mestre Frei Jacobo Prior do Convento de Colonia em Alemanha, aos quais ambos se mostrou visivelmente, e lhes mandou que a prégassem; e destes annos em diante foi em grande crecimento, e começarão a levantar-se confrarias por toda parte, e escreverem-se nellas Reis, e Principes, e todo genero, e estado de gentes, seguirão infinitos milagres. Confirmarão-na com letras Apostolicas soccesivamente os Vigarios de Christo honrando-a com grandes graças, privilegios, e indulgencias (**). E ultimamente como em gratificação do serviço que a Igreja neste particular recebeo de S. Domingos, e pera se não perder

(*) Andres Copest. l. 2. da Cõf. do Rof. Bonifa. in virginali l. 2. c. 25. Cartag. Francisno l. ult. §. 125. F. Alanus de Rupe c. 4. 5 e 7.

(**) O Bisp. de Monopoli na 3. p. da histor. da Ord L. 2. c. 2.

a memoria delle, tres Pontifices santissimos hum tras outro declararão por suas Bullas dever-se ao Santo (*). São os Pontifices Pio Quinto, e Gregorio Decimoterceiro, Sixto Quinto. As Bullas traz estendidamente Frei Alonso Fernandes no livro dos milagres do Rosario (**). A de Pio falando de S. Domingos diz em hum periodo: *Modum facilem et omnibus peruium ac admodum pium orandi et precandi Deum Rosarium, seu Psalterium ejusdem Beatæ Mariæ Virginis nuncupatum*: e cerra abaixo; *Excogitavit, excogitatum per Sanctæ Romanæ Ecclesiæ partes propagauit, et.* As palavras de Gregorio são: *Memores Beatum Dominicum Ordinis Prædicatorum institutorem, cum et Gallia et Italia á perniciosis premeretur hæresibus, ad iram Dei placandam, et Beatissimæ Virginis intercessionem implorandam pijssimum illum orandi modum instituisse, quod Rosarium, siue Psalterium Beatissimæ Virginis nuncupatur, etc.* O mesmo affirma o valerosissimo Sixto (***), digno filho do Serafico Francisco dizendo: *Attendentes itaque quam religioni nostræ fructuosum fuerit sanctissimi Psalterij Rosarij nuncupati, gloriosæ semperque Virginis Mariæ, aimæ Dei genitricis institutum, per Beatum Dominicum Ordinis Fratrum Prædicatorum autorem, Spiritu Sancto, ut creditur, afflatum, excogitatum, etc.*

Não nos fica que dizer, senão o que hum grande Santo aponta em semelhante caso: que a dureza de crer dos duvidosos, não he tanto fraqueza sua, como meio de firmeza nossa, pois á vista de provas tão claras, não haverá jámais nevoa que offusque a verdade. Antes podemos cuidar dos mesmos, que nos ajudárão a engrandecer as misericordias do Senhor, que pera maior corroboração d'ella, tem conservado este grande beneficio na Ordem do seu servo S. Domingos por mais de 400 annos, hora com revelaçoens do Ceo, hora com favores da terra, prohibindo ultimamente os Santos Pontifices, que em nenhuma, senão n'ella se possão levantar Confrarias, da Senhora do Rosario (****). Concluamos logo, que este he hum dos hombros de Nosso Patriarcha, e d'esta Religião, com que Innocencio Terceiro vio sustentada a Igreja Lateranense: por-

(*) Jodoco Beyselio opusc. do Rosar. F. Jacintho Choqueeio hist. dos Santos da Ordem em Fland. c. 23. p. 207.

(**) Alexand. Legad. in bull. Non defuit Papa Lião x. in Bulla Pastoris æterni. Pius v in Bull. quæ incipit. Consueverunt Romani Pont. etc. Gregor. XIII. in Bull. quæ incipit. Monet Apostol.

(***) Sixtus V. in Bulla quæ incipit. Dum in cœlestia meritorum insignia. S. Greg. Papa homil. 29. in Evarg.

(****) Pius V. in Bull. quæ incip. Inter desiderabilia cord. etc.

que o outro he o Santo Officio da Inquisição, de que tambem foi primeiro inventor, e ministro. Mas temo-nos divertido muito, e he tempo de tornar ao fio da historia.

Apoz tamanha maravilha como a que fica contada no Capitulo precedente, obrou outras o Senhor por seu servo, que excedendo o curso natural das cousas, lhe renderão grande gloria diante dos homens. Lidava já com paroxismos da morte o Procurador do Convento Frei Domingos de Mele, ardendo em huma febre pestilencial. Era pessoa de importancia pera o governo, e bem da Communidade, e muito amado d'ella. Choravam-no todos. Chegou-se o Santo á cama, e fez huma breve oração: fogio a doença, e ficou com inteira saude o que era chorado por morto. Mas na saude do Procurador avisou o Santo aos mais religiosos, que a perderião em breve dous, e acabarião o curso da vida mortal: a outros dous succederia pior caso, que fugirião de casa feitos traidores a sua profissão. Cubrio a nova de medo, e tristeza a todos, receosos de qualquer das sortes. Servio a profecia de olhar cada um por si, e andarem apercebidos, e com recato. Mas dentro de poucos dias virão com maior espanto o cumprimento.

Era acabado o anno de 1218, e não acabavam as obras que se fazião em São Sixto pera as Freiras: nem as de Santa Sabina pera os Frades. Com a entrada do anno novo mandou o Pontifice apertar, e dar pressa: e vierão a passar-se as Freiras no primeiro Domingo da Quaresma, que cahio em 24 de Fevereiro d'este anno de 1219. Logo á quarta feira seguinte forão ao Mosteiro tres Cardeais, pera assistirem em certa solemnidade de renunciações, que as Freiras haviam de fazer de fazenda, e proprios em mão de S. Domingos. Estavam juntos com elle entendendo no negocio: eis que sentem na porta hum tropel de gente, e logo muitas maons que batem n'ella com grita, lagrimas, e confusão. Eram os criados do Cardeal Estefano de Fossa nova, hum dos tres que estavão dentro: contão que Napoleon seu sobrinho ficava morto no meio da rua, e não só morto, mas feito pedaços. Cae o bom velho nos braços de S. Domingos todo desmaiado, lastimão-se todos, e chorão duas mortes, huma certa do moço, e outra do velho, de que não duvidão. Era Napoleon a luz dos olhos do Cardeal: quiz passar a carreira em huma rua, lançou-o o cavallo de si, de tal modo, que ficou no miseravel estado que dizião. Ouvindo os que estavão na casa tamanho desastre, e que tinhão consigo a pessoa de São Domingos, de quem tantas maravilhas ouvião, e

sabião, acodem a elle todos juntamente, apertão, instão, importunão, que se compadeça de caso tão lastimoso, que rogue por duas almas merecedoras ambas de melhor fortuna, e que levão consigo todo o bem, e alegria da corte: que mostre aqui sua fé, e sua valia com Deos. Encolhia-se o Santo com grande humildade, e mostrando-se igualmente triste, e desconsolado com os mais, mandou a seu companheiro que aparelhasse pera dizer Missa. Foi tal a devação, e fervor do espirito com que a celebrou, que ao levantar da sagrada Hostia se levantou com ella no ar á vista de todos hum grande espaço. Acabado o santo sacrificio foi-se ao corpo morto, seguindo-o os Cardeais, e grande numero de povo, concertou com suas maons os membros torsidos, e espedaçados, chegando cada hum a seu lugar, e feito sobre elle o sinal da Cruz, manda-lhe em virtude de Jesu Christo que logo se alevante. Levantou-se o morto, respondeo, e falou, e pera que fosse o pasmo maior, pedio de comer, e comeo diante de todos.

CAPITULO XV

Contão-se outros grandes milagres. Parte o Santo pera Espanha. Escreve-se o que lhe succedeo no caminho. Funda em Segovia Convento de Frades, em Madrid de Freiras. Torna pera Italia.

Fizerão illustrissimo o milagre que acabamos de contar as circunstancias que o acompanharão, como forão a presença de tres cardeais, a nobreza do resucitado, a grande multidão do povo que se ajuntou, e os effeitos de alta devação que se virão no Santo. Seguio logo na gente Romana hum novo, e grande desejo de continuar a escola, e doutrina de tal homem. Corrião bandos de noviços de todas idades a Santa Sabina, e bandos de donzellas á reclusão de S. Sisto com tanta vontade de trocar por ella a liberdade do mundo, que achamos escrito forão recebidas ao habito antes do Santo sair desta vez de Roma sessenta Noviças. E pera que ellas, e elles se confirmassem na santa vocação contra as siladas, e tentações do enemigo commum usava o Senhor de grandes misericordias, e novas maravilhas em credito, e favor de seu servo. Achou-se o Santo hum dia em S. Sisto com trinta companheiros; sintio sede, pedio de beber, trouxerão-lhe hum pequeno vaso com vinho (que em Italia, ou por costume, ou por serem agoas menos sadias que em Espanha, usa-se pouco dellas na bebida singellamente) bebeo, e deo o vaso ao

que estava mais perto, mandando-lhe que bebesse, e passasse aos mais, pera que bebessem todos. Erão muitos, e o vaso não podia ser tamanho, que tirasse poder cuidar algum, que era o cumprimento ocioso pera com tantas bocas. Mas o fino obediente não faz discursos: bebeo, e foi passando o vaso de mão em mão aos mais. E pois forão mandados tomar a pobre refeição, persoado-me que devia ser o jantar daquelle dia, ou sem provisão de vinho, ou muito fraco de vianda, como então erão todos. E como os pobres, e mal jantados bebem ás vezes com fome de tão boa vontade, como o fazem os ricos, e fartos com sede, devião satisfazer bem á necessidade, e escusar termos de cortezia. Em fim beberão todos com espanto de todos, e a vasilha inda mostrava no peso que não estava vazia. E o Santo pera que entendessem donde procedia sua confiança, e aquelle vinho, mandou que passasse ás Freiras, e que bebessem todas sem ficar nenhuma, e assi se fez. E erão já a este tempo entre todas cento e quatro. Derão-se graças ao Senhor por tão raro prodigio, com que mostrou ser-lhe tão facil fazer crecer o licor no vaso, como nacer na parra: e como tambem crecer subitamente a agoa no rio sem chuva, nem invernadas, o que se vio por estes dias, e tambem em favor da Ordem.

Levavão dous Frades de Roma pera outra cidade hum noviço Romano, moço nobre, polo desviarem dos parentes, que tomavão mal sua santa determinação, e pretendião tiral-o á força do Convento. Tinhão deixado atrás hum pequeno ribeiro que se offerece a quem vai pela estrada Numentana, por onde era seu caminho, e passado a pé enxuto. Hião em seu seguimento os parentes a cavallo, e chegando poucas horas despois ao rio, em dia claro, e sereno, subitamente o acharão tão crecido de agoas, e tão temeroso de corrente, que lhes tolheo a passagem, e trocou a tenção de fazerem força ao noviço, reconhecendo naquella novidade o poder Divino: que de maneira acompanhava o Santo, e suas cousas, que até dos Demonios era temido, e obedecido, quanto mais dos homens.

Manifestou-se este respeito em dous casos. Foi o primeiro em huma molher a quem juntamente atormentavão, e juntamente se ouvião falar nella sete espiritos differentes, e sete vozes distintas, e de todos a livrou mandando-lhes o Santo imperiosamente que logo a deixassem. E chamava-a elle despois Sor Amada, em S. Sisto, onde a recolheo pera Freira. Outro dia fazendo huma pratica espiritual ás Freiras na horta do

Mosteiro, começou o enemigo a espantal-as. Era a figura de hum feio e medonho lagarto de duas cabeças. Davão-se por mortas. Mandou-lhe o Santo que logo se fosse lançar em hum lago que na horta havia. Não pode resistir: foi-se de hum salto mergulhar n'elle, e desapareceo.

Folgavão os Anjos de servir (cousa bem de crer) a quem o Inferno temia. Achou-se huma tarde em S. Sisto; foi forçado deter-se, entrou a noite escura, e o tempo carregado. Pedião-lhe as religiosas, e os companheiros que ficasse no mosteiro, porque era longe a Santa Sabina. Não se deixou persuadir. E quando o importunavam muito, dizia, vamos, vamos, que não faltará hum anjo que nos guie. E assi acconteceo. Porque aos primeiros passos virão diante de si hum vulto, ao que se podia divisar de homem mancebo, que com bordão na mão caminhava despachadamente ao passo delles, e como se fora guia foi enfiando as ruas até Santa Sabina, onde desapareceo. E chegando o Santo á Igreja, (porque no Convento dormião já desesperados da sua vinda), as portas se abrirão por si.

Era isto ao que se pode alcançar entrada do março deste anno em que vamos correndo de 1219. Andava o Santo com cuidado de saber dos seus que mandara a Espanha. Parece que lhe revelava o Espirito o pouco que já tinha de vida mortal. Determinou vel-os. Á hora da partida de Roma foi-se a S. Sisto lançar a benção áquella companhia santa. Acudirão as Religiosas a seu Prelado, e Pai. Perguntou se faltava alguma, porque queria falar a todas. Foi-lhe respondido que tres estavão em cama ardendo em febres, e mui atribuladas, que só isso as pudera ter. Chamou o Santo a Rodeira, diz-lhe que vá, e diga ás enfermas, que elle lhes manda que não tenhão mais febre. Soberana confiança, glorioso imperio. Vierão logo sem mal nenhum, e como se nunca o teverão. Nesta vinda do Santo a Espanha ha differença entre os autores sobre que anno foi. O Padre Frei Fernando de Castilho (*) nos tira de duvida, e mostra com boas razões que não podia ser senão na conjunção, e anno que vamos seguindo de 1219.

Algumas cousas grandes fez por elle o Senhor em Espanha, mas ou fosse por falta de escritores, (que em Espanha não havia então quem escrevesse, e os de fora em chegando a feitos della logo emmudecem, como já nos queixamos), ou fosse que quiz o Senhor ser imitado de seu servo em não fazer milagres em sua patria, são muito menos em nume-

(*) Castilho p. 1. lib. 1. c. 40.

ro, e em calidade, das que em breve tempo deixava feitas em Roma: e pera que se note isto melhor, não deixaremos nenhuma das que andam escritas.

Caminhava o Santo com muitos companheiros discipulos seus, ajuntou-se-lhe hum do P. S. Francisco, que levava o mesmo caminho. Em certo lugar inviou-se hum cão ao Franciscano, que acaso ficára atrás, pera o morder, e fazendo presa no pobre habito abrio-lhe huma grande farpa. Era no monte, e pera quem o levava singelo sobre as carnes, fazião-lhe guerra vergonha, e impossibilidade. Usou S. Domingos hum remedio, qual dava o lugar, e o tempo, mas ao parecer, gracioso: juntou as rasgaduras, tomou lodo da estrada, apertou-as com elle. Chegados á pousada quiz o Frade coser-se, achou que o barro fizera officio de grude, não sô de linha, e agulha.

Mas acharão pior encontro em huma venda. Entrarão, e como erão muitos, e gente a pé, descalça, e enlameada, não se prometeo a vendeira proveito de tal companhia. Começou a enfadar-se, e murmurar primeiro entre dentes. Mas quando vio que em lugar de pedirem de comer, entravão muito de assento em conferencia de materias espirituais, solta a lingoa em huma corrente de pragas contra todos, e principalmente contra o que vio mais respeitado, que era o Santo, (devia querer obrigal-o a despejar a casa). Rogou-lhe elle com a sua brandura que o deixasse hum pouco, e temperasse a ligoagem. Foi o bom termo hysope de agoa em forja acesa. Já não erão palavras, se não brados, e furia. Affligio-se o Santo, porque não havia outra pousada, e levantando o rosto sem nenhum genero de paixão nem ira disse: Tape-te Deos poderoso essa boca, já que rogos humildes não bastão. Acudio o Senhor por seu servo; não sahio mais palavra da boca furiosa, ficou muda. E pera que não tornemos a falar nella, tornando o Santo pola mesma casa de volta pera Italia, sahio a muda, lançou-se a seus pés, e alcançou por humilde a fala, que perdera por soberba.

O primeiro lugar de Castella que achamos nomeado nesta entrada do Santo, he Guadalajara. Padeceo nelle hum grande desgosto pera prova de paciencia, e daquella inteira verdade, que não ha Profeta em sua patria. Trazia muitos discipulos, fugirão-lhe quasi todos. Foi tentação do Inferno que lhe fez guerra, da qual o Santo teve revelação, e os avisou, mas permittio Deos que prevalecesse o tentador. Sintio-se o Santo como santo, chorando no successo o peccado dos Apostatas, mais que o descredi-

to, ou desemparo proprio, e com invencivel paciencia imitando ao Salvador, falou a tres que só ficarão, perguntando-lhes se queriam tambem ir-se. Mas nem estes quizerão deixal-o, nem os outros se perderão todos, que poucos dias despois tornarão os mais á obediencia de seu Mestre. Com os tres passou por então á Cidade de Segovia, onde sendo bem ouvido, aceitou sitio pera fundar casa, e foi por elle escolhido entre huns penedos, em que lhe deu gasalhado huma lapa, que por ser acomodada pera seus exercicios de oração, e disciplinas, lhe servia de cella, e oratorio. E porque as pedras toscas della sendo borrifadas com o sangue do Santo conservarão longos annos aquelles sinais, veio polo tempo adiante a ficar mettida no Convento em huma capella de sua vocação. Creceo a devação no povo, porque em hum dia de Sol claro, e Ceo sereno, que nenhuma esperança dava de humidade, sospirando todos por agoa, porque se perdiam as novidades por seca, prometeo no sermão que fazia a grande multidão de gente, que Deos lhes acudiria no mesmo dia com sua misericordia. E virão cumprida a promessa, e regada a terra de grande abundancia d'agoas ainda antes de acabado o sermão. Não edificou menos outra promessa, que melhor diremos prophecia, que não tardou anno inteiro em se cumprir. E foi o caso, que hum homem dos principais da terra, começando o Santo a prégar, se levantou, e deixou a prégação, juntando á descortezia da obra, outra maior de palavras contra o Santo. E o Santo disse logo aos que ficavão que rogassem a Deos por elle, porque antes do anno acabado seria morto por seus inimigos. E assi aconteceo. Que justo he que o pague quem trata com desprezo a doutrina do Ceo. Melhor se houve na mesma Cidade huma boa molher; soube guardar como joia preciosa huma tunica do Santo, que fora dita ver-se hoje, pera confusão do mimo com que nos tratamos, (era de aspero burel), e deu-lhe por ella outra de verdeiro silicio. Guardou-a, e queimando-se-lhe por desastre a casa, com quanto nella havia, só perdeo a força o fogo contra huma grande arca, em que tinha junto, e fechado o que possuia de preço em companhia da santa reliquia.

Deixada boa ordem na nova estancia de Segovia, foi-se o Santo á villa de Madrid, onde tinhão tomado assento os discipulos que inviára com dom Frei Sueiro Gomes. Não declarão as historias se erão todos tres, ou parte, ou se era gente chamada já por elle á Religião. Quaesquer que fossem: achou que estava delles a terra bem satisfeita, e lhes tinha sinalado pera morada sitio competente; e por boas conveniencias, e polo que

se collige de escrituras autenticas, os tres companheiros não estavão, nem podião estar juntos, nem parados. Porque neste mesmo tempo tinhão ordenado principio de casas, ou residencias em Palencia, e em Camora, e Salamenca, e tambem em Toledo(*). Erão estes principios residirem nos Hospitais, continuando exercicio de charidade com os enfermos, e acudindo a corpos, e almas. Dali sahião a prégar às Igrejas, e se o povo era muito prégavão nas praças, e despois fazião doutrina polas ruas. E assi procedião até terem casa, se a terra lha dava, ou passavão a outras. E não ha duvida que em Barcelona, e Saragoça tinhão deixado ordem, e gente pera fundarem crecendo o numero, e fervor dos Religiosos por toda parte(**). E pola mesma rezão podemos cuidar que os tinha o Santo chamado, e mandado juntar em Madrid como a Capitulo, e pera dar assento nas cousas de Espanha: e he de crer, que lhe acudiria tambem de Portugal, e do seu novo Convento de Monte junto o Prelado, com quem primeiramente os mandara peregrinar. Mas disto não achamos memoria nem certeza: a conveniencia he grande com o que diremos no fim do Capitulo. Porque a vinda de S. Domingos a Espanha com tanta pressa, que quasi não teve hora pera parar em nenhum lugar, não devemos conceder que foi inconsiderada, nem só a fim de fundar em Segovia, e Madrid. Mas com alto pensamento, e como dando forma, e regra ao que hoje fazem os Prelados maiores seus successores. Determinava fazer huma junta geral de seus filhos, quiz ver primeiro a todos por seus olhos, como vivião, e procedião. E por isso foi logo passando aos mais lugares da Christandade, onde sua Familia começava a ter gasalhado, que todos correo, e visitou dentro deste anno. As ordens que deu, forão animar, e consolar; não reprender, nem emendar. Porque na verdade estavão tão bem fundadas aquellas novas prantas com o que de seu espirito, e com a fama, e exemplo de suas virtudes lhes comunicava ausente, que achava em todas muito que louvar, nada que reprovar. Avisou em geral que pera dia de Pentecoste do anno seguinte de 1220 celebraria Capitulo em Bolonha, e logo deixou apontados os Religiosos que de cada terra, e provincia havião de ir a elle. Em particular ordenou que no sitio que os Frades tinhão em Madrid, com o pouco que já possuião de proprios se fundasse Mosteiro pera Freiras, e tudo renunciassem nellas. E de dous sojeitos a que nesta jornada lançara de suas

(*) Castilho p. 1. lib. 1. c. 43.
(**) Annais de Aragão l. 2. c. 70. Castilho ubi sup.

bemditas mãos o habito, ambos de idade madura, e ambos chamados Domingos, (ao que parece em devação do Mestre, e detestação do mundo deixado), a hum, que era natural de Segovia, e se chamava de sobrenome Munhós, mandou ficar em companhia das Freiras, e delle ha hoje memorias no Mosteiro: ao outro, que era Portuguez, e o sobrenome de Cubo, mandou acompar, e ajudar a dom Frei Sueiro, bom argumento de que estava presente. E isto assentado tratou logo de sua partida.

CAPITULO XVI

Parte o Santo de Madrid pera Italia: e dom Frei Sueiro pera Portugal. Pedem Prelados de Portugal a dom Frei Sueiro Prégadores pera seus Bispados. A Infante dona Branca offerece fundar casa em Coimbra.

Despedio-se São Domingos de seus filhos, e tomou o caminho de França pola via de Çaragoça. Ficarão os filhos com magoa do pouco tempo que lograrão a vista do pai: e forão-se cada hum pera onde os chamava sua obrigação. Tornou-se dom Frei Sueiro sem perder jornada ao seu Monte. E como era já mui divulgada polo Reino sua virtude, e a dos seus moradores do deserto, achou que o esperavão recados da Infante dona Branca, e de alguns Prelados; delles, pera lhes ir prégar em suas Diocesis, ou mandar quem o fizesse. Della, pera o ouvir, e ter perto de si casa da Ordem. De huma cousa, e outra achamos letras autenticas. São as primeiras de hum Bispo de Coimbra com licença mui ampla pera elle, e seus Frades prégarem naquelle Bispado: e não só licença, mas tambem indulgencia pera quem os ouvisse, e commissão pera emendarem, e castigarem as desordens que achassem. E são as que se seguem, tiradas do original de verbo ad verbum.

Petrus Collimbriensis Ecclesiæ Minister humilis, licet indignus; vniversis Christi fidelibus per Collimbriensem Episcopatum commorantibus ad quoscunque istæ literæ peruenerint, et illis qui eas legere audierint salutem et benedictionem. Vniuersitati vestræ notificetur, quod nos concessimus, et concedimus Domno Suerio de Ordine Prædicatorum Priori, et omnibus suis Fratribus licentiam prædicandi per totum Collimbriensem Episcopatum. Et adhuc concedimus et licentiam et potestatem compellendi et corrigendi omnes excessus, quatenus Dei gratia vos omnes per eorum prædicationem melius et facilius ad fidem Catholicam vos valeant perducere. Et

etiam addimus, quod ipsi vobis concedant absolutionem peccatorum vestrorum quadraginta dierum; de illis dicimus, qui ad prædicationem eorum venerint, et eos benigné audierint, et eorum prædicationem exaudierint.

Em nossa linguagem respondem assi. Pedro humilde ministro da Igreja de Coimbra, inda que indino, a todos os fieis Christaons n'este Bispado moradores, a que estas letras chegarem, e as lerem, e ouvirem, saude e benção. Seja-vos a todos notorio, que nós temos dado, e damos licença a dom Sueyro Prior da Ordem dos Prégadores, e todos seus Frades, pera prégarem por todo o Bispado de Coimbra. E assi lhe damos mais licença, e poder pera emendarem todas as desordens que acharem, obrigando, e constrangendo as partes: a fim que mediante a graça de Deus, e sua prégação, vos possão melhor doutrinar, e com mais facilidade instruir nas cousas da fé Catholica. E queremos outro si, que em nosso nome vos dem, e concedam indulgencia de quarenta dias de perdão: áquelles entendo, que acudirem ás prégaçoens, e as ouvirem de boa vontade, e a suas amoestaçoens obedecerem.

Ainda que estas letras não tem data, pola narração d'ellas se deixa entender o tempo. Porque como falão com dom Frei Sueyro Prior, dizendo, *Priori*, denotão que já tinha Convento, e subditos. O que não foi, nem podia ser, senão dentro dos annos de 1218, e 1219, e poucos meses do seguinte, no qual foi eleito provincial. E assi ficamos alcançando a data com mais verdade, que se a teveramos por numeros de arismetica que muitas vezes o tempo borra, e o descuido troca. E tiramos d'aqui outra certeza muito importante, de que alguns escritores dão noticia, que he do modo que n'aquelles tempos fazião os nossos Frades o officio da prégação: o qual era correrem toda a terra, sem deixar aldea por vil, e desprezada que fosse, desterrando ignorancias d'aquella rudeza bronca, e grosseira, e com paciencia dando a sentir nos entendimentos, e guardar nas memorias as verdades da Fé. E não se contentavão com este exercicio só nas terras em que tinhæm Conventos. Porque como as taes erão de ordinario povoaçoens grandes, onde sempre ha muitos doutrinantes, e melhor noticia das cousas, achavão que se tirava mais fruto do trabalho, empregando-se nas aldeas, e insinando n'ellas aos mininos, e aos velhos igualmente necessitados de doutrina, da qual despois composerão cartilhas, que ainda chegarão algumas a nossos tempos. E em fim era o mesmo officio que com muito louvor fazem hoje nos lugares em que assistem os Padres da Companhia

de Jesu. Que na verdade os filhos das ordens regulares viemos ao mundo pera ajundantes do ministerio Ecclesiastico, e Episcopal. E se o emprego a Deos mais acceito, he onde vai maior necessidade, ninguem me negará que nos lugarinhos pobres, esquecidos, e miseraveis se faz muito mais serviço, e não basta dizer, que esses tem seus Curas particulares. Porque se sómente se ha de acudir, onde ha falta de Curas, mais letrados, e mais diligentes os tem as cidades. E por esta rezão corrião os nossos Frades, tudo (como se collige da lingoagem do Bispo), e chamavão a isto n'aquelle tempo apostolar, segundo ao diante o veremos melhor.

Mas tornando á historia, a Infante dona Branca, que despois foi Senhora de Guadalajara em Castella, (segundo affirma Duarte Nunes de Lião) (*) era irmã das Infantes dona Tareja senhora de Montemór o velho, e dona Sancha senhora de Alanquer, e todas tres filhas del Rei dom Sancho primeiro, e irmãs del Rei D. Affonso Segundo, que por este tempo reinava. Esta dona Branca vivia junto a Coimbra em companhia de dona Tareja, e estando já n'este tempo quietas todas da força que el Rei seu irmão pretendeo fazer-lhes nas villas que possuiam, (como atrás tocamos) porque se tratava de composição: desejava á imitação de sua irmã dona Sancha ter junto de si casa da Ordem de São Domingos, e gozar de sua doutrina. Pera este effeito quiz vêr, e ouvir a dom Frei Sueyro, e offerecia comprar-lhe sitio em Coimbra, e fazer a despeza do edificio. E parece que foi traça pera o mais obrigar, ajuntar ao seu recado as letras do Bispo. Não ha duvida que acudio dom Frei Sueyro a huma cousa, e outra com aquelle zelo das almas que de seu Mestre aprendera, ainda que vinha necessitado de descansar do caminho de Madrid, que tomara a pé, como n'aquelle tempo se faziam todos n'este religião por largos que fossem. Succedeo-lhe a jornada bem, como todas as que tem por fim a Deos. Porque entre muitos, e bons sojeitos que Coimbra lhe deu pera o habito, lançou-o a hum natural da mesma Cidade, que despois deu grande Santo, como ao diante veremos: Era o povo grande, de gente bem inclinada, e branda, achou bom sitio nas almas pera o edificio espiritual, porque era ouvido com muita vontade, e respondia a ella o fruito. E não se agradou menos do posto que alcançou na terra pera a fabrica material do Convento, que foi pegado com a Cidade, e sobre o rio, onde chamavão a Figueira velha. Não nos consta do tempo que aqui

(*) Duarte Nunes de Lião na vida del Rei dom Sancho primeiro.

se deteve dom Frei Sueyro, nem do dia, e anno em que começou a obra do Convento, mas por escrituras antigas, de que ao diante daremos noticia, e treslados, se collige, que por este tempo teve principio, e que sete annos despois d'este em que vamos correndo, que vem a ser no de 1227, havia já Convento formado com Prior, e Supprior. E tomou esta Princeza tanto a peito a obra, e com tal gosto, que a nenhuma pessoa quiz dar parte n'ella, se não foi á Infante dona Tareja sua irmã. De tudo damos adiante larga relação em Capitulo particular(*). Porque me pareceo mais clareza das materias dizer juntamente tudo o que toca a cada Convento com sua fundação, e cousas notaveis no lugar que lhe couber por sua antiguidade, e successão: que não ir misturando, e tecendo os successos de huns Conventos com outros, só por guardar com pontualidade a rezão dos tempos de cada hum, quando caem juntos em um mesmo anno. Visto como he mais acertado levar desembaraçado, e corrente o sustancial da Historia, que consiste nos successos, que não o particular do tempo, e conjunção de cada successo, que fica remediado com o repetirmos, e especificarmos de novo em seus lugares, e onde parecer necessario. A este trabalho nos obriga a calidade de historia que nos coube em sorte, que sendo como he de muitos Conventos, e muitas fundações, e sendo força escrever os successos que ha de todos por discurso de largos annos: cada Convento por si faz huma historia propria. E fica esta escritura hum volume de Cronicas, ou mais propriamente hum aranzel de relações de Conventos: pois a cada passo ha de ser cortada, e estroncada em tantas Cronicas, ou relaçoens particulares, quantos Conventos tever. Desgosto, e fadiga grande pera quem escreve, que não tem outro allivio, senão cuidarmos que por novidade, e variedade ficará a quem ler deleitosa. Dado este aviso que era necessario, tornemos á nossa Historia.

Deixada bastante ordem em Coimbra, passou dom Frei Sueyro a Braga, e a Guimaraens. Era Guimaraens n'aquelle tempo huma das terras de mais importancia, e de mais estima do Reino. Tinham n'ella suas casas, e assento muitos fidalgos, e muita outra gente nobre, e rica, que se prezava por Christandade, e por termo de honra, e cortezia abraçar a religião, e professores d'ella. Assi quasi no mesmo tempo derão gasalhado aos filhos dos dous grandes Patriarchas Francisco, e Domingos. Os Franciscanos com Frei Gualter houverão hum pequeno oratorio

(*) L. 3 c. 1.

apartado da villa (*): d'onde despois de alguns annos se passarão ao Convento maior que edificarão junto d'ella. Dom Frei Sueiro com os seus foi agasalhado no hospital da villa, e n'elle residirão muito tempo seus successores, (tão bons de contentar erão então os Religiosos), saindo a prégar polas terras vizinhas, e tornando-se a recolher a elle. D'onde veio ficar-lhe o nome de Hospital de S. Domingos: e estarem hoje as paredes, e retabolos da Igreja cheios de memorias suas, e dos Santos da Ordem. E quando cinquenta annos adiante viemos a ter primeiro Convento, e Igreja na villa, inda que os Frades deixarão a morada do Hospital, que até então fôra seu Convento, ficou em costume que hoje dura, (sem se saber o fundamento) ir hum Religioso todos os Sabados do anno dizer Missa n'elle. Mas ao diante no titulo d'este Convento, (como em seu proprio lugar), faremos mais larga relação d'esta antiguidade.

Não podia dom Frei Sueiro andar estes caminhos devagar, pois tinha por diante a obrigação de aparecer em Bolonha por Pentecoste do anno que entrava, como deixamos dito, lhe era ordenado por S. Domingos. Tornou-se ao seu Convento com proposito de começar a jornada com cedo. Visitou em Alanquer a infante dona Sancha, e dando-lhe conta do que deixava assentado com sua irmam, dos Frades que deixava em Coimbra, e Guimaraens, do fruito que fizera em ambos os lugares, e Noviços que recebeo, consolava-se muito a Princesa, como Santa que era, e dava graças ao Senhor, que a fizera de taes obras medianeira, e acendendo-se em verdadeira caridade cahia na conta do injusto, e insoportavel trabalho, que padeciam os seus Frades na vivenda da serra, de que nacia não poderem communicar a santa doutrina com tanta continuação como as necessidades, e devação dos povos pedião. Mas elles não desistião da sobida, e decida do monte: e o prelado com mais animo que todos, dando cada hora mais vivos exemplos de caridade, e mortificação, com que se fazia venerar dos subditos, e respeitar de toda a comarca, e polo Reino corria sua fama como de homem Santo.

(*) F. Marcos de Lisboa p. 1. l. 6. c. 40.

CAPITULO XVII

Parte D. Frei Sueiro pera o primeiro Capitulo geral de sua Ordem a Italia. Conta-se o que succedeo a São Domingos despois que sahio de Madrid até á celebração d'elle: e o que ficou ordenado n'aquella santa junta.

No primeiro tempo que o anno novo de 1220 prometteo serenidade, tomou dom Frei Sueiro seu bordão, e Breviario, que forão os Companheiros com que primeiro entrou por terras de Espanha, e em Portugal. E sem outro alforge, nem viatico, e sem dar molestia, nem ser pesado a ninguem, (ditosa confiança, dina de nos fazer grandes envejas), se poz a quatrocentas leguas de caminho. Antecipou-se pera chegar a tempo, porque caminhava a pé, e não queria perder a consolação de vêr, e tratar de passagem os Religiosos de Castella, e Aragão, que todos o reconhecião, e veneravão por pai.

N'este tempo tinha S. Domingos passado Aragão, atravessado França, decido pelos Alpes a Lombardia, visto Bergamo, e Bolonha, e em fim entrado em Roma, d'onde saira por Março do anno proximo passado de 1219. Muitos casos houve na jornada dignos de memoria. Iremos apontando alguns. Em Çaragoça visitou os seus Frades em hum pobre recolhimento que já tinhão sobre o rio Ebro. Prégou na Cidade, e fez huma admiravel conversão. Entrava pola Igreja ao principio do sermão hum homem dos principais da terra, (devia ser curiosidade, se pior fim não era). Descubrio Deos aos olhos do Santo huma legião de Demonios que o cercavão, por aviso de qual era a vida que fazia. Encheo-se de compaixão, e pedindo a Deos misericordia por elle dentro de sua alma, afiou a linguagem, encareceo os perigos do peccado, pena de fogo, e tormento eterno dos condemnados. Bem se diz que he mais afiada, e cortadora que huma espada de dous gumes a palavra de Deos(*). Ficou o fidalgo penetrado de medo polo que em si sintia: e foi primeiro effeito trazel-o a outro sermão. N'elle permittio o Senhor pera salvação sua, e aviso de todos, e por merecimento do Santo, que visse toda a Igreja o infernal esquadrão que o seguia. Foi tal o espanto, e terror que não parou homem dentro. O mesmo peccador de confuso, e corrido queria, se pudera, fugir de si. Mandou-lhe o Santo hum Rosario, insinou-lhe a devação: ajudado d'ella emendou a vida, e veio a ganhar a alma.

(*) Hebr. 4.

Em Tolosa visitou os seus Conventos de São Romão, e Prulliano. Tomou de S. Romão oito Frades, e foi-se na volta de Paris. Faltou na primeira jornada a esmola: erão muitos, e todos cançados, a comida pouca, e pera bebida hum vaso mui pequeno de vinho. Mandou-o vazar em outro grande, e que fora bastante pera a companhia, se ficára cheio e disse que o acabassem de encher de agoa. Poserão-lho diante, lançou-lhe a benção, (santa, e poderosa benção), beberão todos vinho saboroso, e fino. Não he pera ficar em silencio que essa mesma noite despois de deixar os companheiros na pousada bem accommodados se foi á Igreja pera dar graças a Deos da mercê recebida, e tomou por recreação do trabalho do dia passar em oração até pola manham.

No dia seguinte deu com huns fidalgos Alemaens, que em habito de Romeiros levavão a mesma estrada. Forão-se todos juntos, deleitando-se os Alemaens na novidade do traje dos Frades, e muito mais na ordem com que caminhavão, que era cantando Hymnos, e parando a espaços a fazer oração. Mantiverão-lhe companhia os Romeiros quatro dias, tendo-o sempre por convidado com todos os seus, e não consintindo que tomassem o trabalho costumado de ir mendigar polas portas. Ao quinto pareceo ao Santo pouco primor deixar passar tanto tempo sem dar algum genero de agradecimento áquella caridade. Ficou-se um pouco atraz, fez oração, e tornando a alcançar os companheiros, começou a travar pratica com os Alemaens, em sua lingoa, fallando-a tão cerceada, e pronta, como se nacera em Alemanha: e espantando-os com o milagre, porque até aquella hora fôra mudo, alegrou-os com linguagem do Ceo, e materias da alma, que lhes foi tratando por espaço de outros quatro dias, que ainda forão juntos. O mesmo se escreve, (se não he maior caso), que lhe aconteceo outra vez topando-se com hum varão santo de terra, e lingoa mui estranha, que entenderão, e communicarão ambos, fallando cada hum a sua natural.

Mas n'esta jornada notou Frei Beltrão de Garriga discipulo dos antigos, e seu companheiro n'ella, outra maravilha que despois contava, julgando-a por muito mais prodigiosa. Caminhavão longe de povoado, armou-se uma trovoada, começou a lançar de si apoz relampagos, e bombardadas de trovões, pedra grossa, e grande agoa, e vinha-se pera elles a toda furia com força de vento. Não havia tempo pera lhe fugir, nem roupa pera a esperar. Poz os olhos no Ceo, fez o sinal da Cruz contra a ella. Descarregou a tempestade sem torcer nem parar: mas elles forão

caminhando como mettidos em hum toldo sem lhes tocar gota de agoa. Outras vezes succedia chegar á pousada passado da chuva, e coberto de lodo: e o allivio que tinha era agasalhar os Frades com boa fogueira pera se enxugarem, e elle ir-se buscar a Igreja, e n'ella passar em oração a noite inteira. Porem pagava-lhe o Senhor em consolações do Ceo, e porque fossem entendidas dos seus, notavão elles que quando os vinha demandar pola manhã, não havia habito mais enxuto na companhia que o seu. Abrangia ao vestido o fogo que ardia na alma.

Chegou a Paris á nossa Igreja de Santiago, que foi a primeira que ali tivemos, donde teve origem o nome que os Francezes nos dão de Jacobinos. Alegrou-se de ver os Frades já quietos n'ella. Porque quasi hum anno inteiro tinhão feito sua estancia em hum hospital. Passou depressa por atravessar os Alpes antes da força do Inverno. No lugar de Castelar foi agasalhado por hum bom Sacerdote com todos os que levava, com festa, e boa sombra. Mas perturbou tudo, e a todos hum grande desastre. Acabavão de entrar, quando vem polos ares caindo do alto de hum eirado hum sobrinho do hospede, com tal impeto que ficou no chão estirado, sem sentido, e com as pernas quebradas, e parecia ter acabado seus dias. Desconsolados todos, e juntos sobre elle em pranto, acudio o Santo á oração, refugio seu em todo o trabalho. Estando n'ella levantou-se o que davão por morto, são, e salvo, como se espertára de algum sono. Dobrou-se a festa com a maravilha, e ficarão por convidados os parentes, e amigos que vinhão ajudar a chorar. Postos á mesa vio o Santo que não lançava mão de nada a mãi do que passara o desastre. Sabida a causa, que era andar cativa de huma importuna quartam, e estar na mesma horacom a força da sezão: fez-lhe hum prato de humas iguarias, que vierão á mesa, lançou-lhes a benção, e mandou-lhe que comesse sem medo. Refusando ella, inda que confessava apetite ao peixe, certificou-a que lhe não faria dano. E assi foi, que no primeiro bocado se sintio livre de todo o mal, e não lhe tornou mais a quartam.

Ao passar dos Alpes foi desfalecendo hum irmão Leigo, de pura fraqueza, e falta de mantença, de sorte que perdia o alento, e não podia dar passo. Fez o Santo diligencia polo animar, a ver se poderia chegar ao primeiro lugar. Não valendo nada pera o esforçar, apontou-lhe pera huma arvore, mandou-lhe que fosse a ella, e acharia que comer. E assi aconteceo. Achou hum pão de tal sabor, que ficou com novo espirito, e forças, como de comida milagrosa, qual na verdade era.

Em Bergamo visitou os seus Frades que de novo achou entrados na Cidade. Prégou ao povo, e consolou a todos. Em Bolonha deo o habito a muitos moços estudantes da Universidade, que derão despois homens de grande conta. E emfim veio a entrar em Roma no mesmo anno em que sahio d'ella: onde sendo geralmente estimada sua vinda, nos seus dois Mosteiros foi festejada com estremo. A primeira cousa em que entendeo foi instituir huma nova ordem pera serviço da Igreja. Era huma irmandade ou milicia, que chamou de Jesu Christo, composta de gente secular, com leis, e fim principal de defenderem com armas materiaes o patrimonio da Igreja, e seu direito, e jurdição contra os hereges: e foi abraçada com grande vontade por todos os nobres da Christandade, e honrada com favores dos Pontifices. Mas cessou como forão cessando as heregias, e veio a converter-se de Ordem de homens em Ordem de mulheres, com nome da terceira regra de S. Domingos, ou da penitencia. E por ella tem vindo ao mundo grandes lumes de Santidade por toda a Europa, como ao diante veremos em seus lugares, e bastante he huma Catherina de Sena pera honrar muitas ordens, e sendo como foi Freira terceira, ser primeira em todas. Desta milicia primeira de homens teve origem, e dependencia a companhia dos que o tribunal do Santo Officio admite hoje ao serviço d'aquelle sagrado ministerio da Fé com nome de Familiares, e honra de privilegios, e de huma Cruz branca, e negra, que trazem a tempos, insignia sua, e da Ordem de S. Domingos, procurada já hoje nas mais das provincias de Espanha, e estimada de todos os nobres d'ella

N'este tempo lançou o habito ao bemdito Jacintho, sobrinho do Bispo de Cracovia, que a caso se acharão em Roma juntos, e foi com tão boa sorte, que juntamente com o habito lhe deu todo seu espirito. Assi fez em Polonia, e por aquellas partes do Norte grande dilatação da Ordem, confirmada com vida innocentissima, e famosos milagres, que hoje o tem canonisado.

No meio de tantas occupações acudia o Santo quotidianamente ao pulpito em Santa Sabina, e S. Sixto, não dando hora de alivio aos cançados membros, que sua invencivel caridade fortalecia de maneira que excedião as forças humanas. E cada hora lhe succedião cousas, que mostravão bem, quão gratos erão seus trabalhos áquelle poderoso Senhor por quem os levava. Visitava na Cidade, e confessava huma molher de grande, e provada virtude, e igualmente affligida de fortes infirmidades,

porque se não espantem os bons de terem trabalhos, (chamava-se Bona.) Acudirão-lhe de novo hum cancro, que vindo a apostemar, lhe comia os peitos em vida, não só com a força do máo humor interior, mas com huma podridão descuberta, que fervia em bichos, e causava dores, e outros accidentes incomportaveis. Não podia o Santo crer tanto mal em quem tão poucos merecia: desejava ver a chaga, porque havia por cousa monstruosa o mal contado, e a alegria, não só paciencia com que Bona o levava. Houve Bona de obedecer a seu Padre espiritual. Vio o Santo a chaga, considerou-a, maravilhou-se. Tomou em suas mãos hum dos bichos, ou pera se mortificar, ou pera que vissem os companheiros, onde estavão os thesouros do Ceo. Aponta a historia que era nojento, e feio, e grande, e a cabeça negra. Caso peregrino, e nunca ouvido! No mesmo ponto que tocou aquellas santas mãos, tornou-se em huma perola que deleitava os olhos de oriental, bella, e fina. Requerião os companheiros que a guardasse pera memoria do caso. Requereu Bona que lhe tornasse a sua perola. Porque d'ella, e das irmãs tinha já tanto gosto, que se alguma acertava a cair do lugar cancerado, era cousa sabida, que logo a tornava a elle. Entregou-lha o Santo, e tornou logo a sua primeira figura, e a roer como de antes no peito enfermo, mas igualmente valeroso. Despedio-se encomendando-a a Deos, e fazendo sobre a postema o sinal salutifero da Cruz. Não tinha acabado de decer a escada quando Bona sintio subitamente saltar fora a podridão, e os bichos, despegando-se tudo, e ficando aliviada do mal, foi logo enxugando, e encarnando o peito, e cobrou saude perfeita.

Em outra beata igualmente virtuosa, e perseguida de doenças, se vio pouco despois semelhante milagre. Juntára-se-lhe em hum braço hum humor venenoso, e corrosivo: e começando a apostemar tinha-lhe lavrado o braço todo, e comida a carne, que não havia já mais que as canas nuas, e secas, como de corpo defunto, sem esperança de remedio: mas foi cura repentina, e perfeita, hum sinal da Cruz feito polo Santo sobre o mal.

Não podia deixar de ser aborrecido do enemigo comum quem tanto favor tinha da potencia Divina. Assi era inquietado d'elle a toda a hora, e a todo seu poder: e não podia nada, porque não tem mais força, que quanta lhe permitte aquelle Senhor que o he de tudo, e de todos: e polo mesmo caso nem o Santo o tinha em conta, nem lhe fazião pavor suas carrancas. Hum dia em Santa Sabina estando em oração na Igreja,

fez-lhe tiro do alto com huma grande pedra, tão bem apontado, que lhe deo polo capello, passando, e sem outro dano quebrou diante d'elle com hum estrondo infernal. Mas nem d'esta vez o apartou do Santo exercicio; nem de outras que procurou perturbal-o com mascaras e figuras temerosas, alcançou mais que esprimentar a fraqueza propria: e arder em nova raiva de se ver desprezado, e mandado com imperio, e como escravo por huma criatura de terra, e mortal, e sendo sua natureza tão alta.

Desejava o Santo dar vista aos Conventos de Italia, que erão já principiados muitos. Mas era muito entrado o anno de 1220, e medindo o tempo em que cumpria achar-se em Bolonha pera celebração do Capitulo aprazado, chegou sómente a Milão. Aqui adoeceo de umas febres mui rijas. E he de saber, que querendo curados seus filhos em qualquer enfermidade, não só com caridade, mas com mimo, e sentindo-se assaz trabalhado d'esta, nem teve melhor cama que huma taboa, nem se pode acabar com elle que comesse carne hum só dia, nem deixasse de jejuar. Mas não era isto cousa nova: com o mesmo rigor nos consta que se governou outras duas vezes que foi doente antes d'esta, huma em Viterbo, outra em hum dos primeiros caminhos que fez a Roma. E sendo uma das doenças gravissimas, nenhuma cousa quiz nunca aceitar das que he costume darem-se aos enfermos pera hum pouco mais de allivio; e o maior mimo que admittio, foi huns guisados de ervas, e alguns legumes. Como melhorou, tomou por recreação ir-se por Cremona. Dizem que foi a tenção visitar seu grande amigo o Padre S. Francisco, que ali se achava em huma casinha que os seus Frades começavão a edificar. Viram-se, e consolou-se muito com elle. E succedeo que estando juntos chegou o Guardião, e disse-lhes, que pois Deos ali os ajuntara, alcançassem d'elle com suas oraçoens o remedio d'aquella casa, que consistia em um poço que mandára abrir, e despois de muito trabalho, e despeza, não achavão mais que hum pouco de humor, que era mais lama que agoa. Houve comprimentos, e porfias de humildade entre os Santos, sobre qual ficava obrigado a tomar á sua conta aquella necessidade. Foi vencido o Padre S. Domingos por hospede, e pedio que lhe trouxessem hum vaso d'aquelle lodo que o Guardião dizia. Benzeo o lodo com o poderoso sinal da Cruz, mandou que o tornassem ao poço, e des daquelle ponto teve o poço agoa perpetua, clara, e boa.

Na entrada de Maio d'este anno de 1220 vierão entrando em Bolo-

nha todos aquelles Padres que o Santo tinha avisado, e ordenado que se achassem com elle pera celebrarem Capitulo geral. Chama-lhes o Padre Frei Fernando de Castilho Provinciais (*), deve querer dizer as cabeças, e primeiros Padres das cinco Provincias que então se contavão, que erão Espanha, Provença, ou Tolosa, França, Roma, Lombardia. Qualquer que fosse o titulo d'estes Padres, (porque o de Provinciais não o achamos em outros autores, se não no anno seguinte de 1221), entrou, e assistio com elles dom Frei Sueiro Gomez. Como o Santo os teve juntos, propoz com novo genero de humildade a insufficiencia que em si sentia pera os governar, pedindo-lhes com palavras mui efficazes posessem no cargo pessoa que melhor o merecesse. Sobresaltados com a novidade do requerimento, foi a primeira reposta confusão e lagrimas: a segunda, despois que deu logar a dôr, que nunca em tal consintirião em quanto elle, e elles vida tevessem. Ordenou então que em todos os Capitulos gerais se fizesse eleição de certo numero de Padres, cujo officio, e poder fosse reprender o Geral havendo culpas, e castigal-o, e absolvel-o sendo necessario. Este decreto, e o genero de Magistrado persevera até hoje. Chamão-se Diffinidores, e passou a lei tambem aos Capitulos Provinciais. Dura o poder tanto tempo, como a junta do Capitulo. O numero he de quatro, e fazem quinquevirato com o Provincial novamente eleito. E tem-se visto nas Provincias usarem do poder que nosso Padre aqui deu, penitenciando, e depondo Provinciais. Assentou-se mais n'este Capitulo Geral com decreto rigoroso o que já outras vezes tinha o Santo mandado, e sempre fora sua determinada vontade, que não possuissem os Conventos dos Frades nenhum genero de fazenda de raiz: sem embargo da concessão geral que já tinha do Summo Pontifice pola Bula da confirmação da Ordem. E d'aqui teve principio escreverem alguns antigos (**) que fez nosso Padre esta lei, obrigado do exemplo do Padre S. Francisco, achando-se com elle em Assis no Capitulo, que chamam das Esteiras, e notando as maravilhas que ali resplandecerão da providencia Divina. Mas o fundamento tem contradição: porque he cousa sem duvida, que no mesmo tempo d'este Capitulo, que foi polo Pentecoste do anno de 1219 estava S. Domingos em Espanha: e nos dous atrás em Roma, e Tolosa: e nos dous adiante esteve em Bolonha celebrando tambem seus capitulos pola mesma conjunção de Pentecoste. Ultimamente advirtio o Santo

(*) P. 1. l. 1. c. 51.
(**) Confor. de Frei Bertol. de Pisa p. 2. fract. 12. Floret. c. 17

os seus Capitulares, que no anno seguinte de 1221 se juntassem todos outra vez na mesma Cidade, e polo mesmo tempo: ficando por assento, que d'ahi em diante serião os Capitulos gerais hum anno em Paris, outro em Bolonha. E logo tomada sua benção se tornou cada hum pera sua Provincia temperando a fadiga da longa jornada, com o interesse, e gosto de poderem tornar brevemente aos olhos de tão bom Pai.

CAPITULO XVII

Celebra nosso Padre S. Domingos segundo Capitulo geral em Bolonha. Acode a elle dom Frei Sueiro, e torna pera Espanha com nome de Provincial, e com letras apostolicas em seu favor, e dos seus.

Como nosso Santo Patriarcha era dotado de summa prudencia humana, e por outra parte dependia em todas suas acções dos conselhos Divinos, como outro Moysés, occasião nos dá de discorrer hum pouco e buscar qual seria o fim que teve em dar tamanho trabalho aos subditos, como era fazel-os correr cada anno centenares de legoas, com as descommodidades de caminhar a pé, e sem bolsa: e o que mais admira he, que estes erão os seus mais amados, e filhos primogenitos, os velhos, e pais da Religião, os mais dignos de descançarem, e mais importantes pera assistirem com suas pessoas de assento nas Provincias. Como havemos logo de conceder, que sendo elles tais, e sendo o pai qual temos dito não houvesse alguma rezão mui poderosa, e mui do Ceo, pera elle o entender, e mandar assi? Seria por ventura querer que aquellas cans veneraveis fossem prégando ao mundo com os passos cançados, e com a sustentação buscada de porta em porta, que he largamente mais efficaz prégação, que todas as bem estudadas nas cellas, bem representadas nos pulpitos? Ou seria dar-lhes estas jornadas pera contrapeso da honra do governo, e de terem o primeiro lugar entre seus irmaons? Ou seria querer que entendessem todos, que o mandar n'esta Ordem havia de trazer consigo taes encargos, que os primeiros em mandar fossem primeiros em mais trabalhar, e melhor servir, que era hum genero de confundir, e matar este máo apetite humano de senhorear, e preceder, apetite tão pegado a nossa natureza, despois que polo peccado foi inficionada, que não falta quem diga que até no Inferno he saboroso o mandar, como não faltou outro que trocava ser segundo em Roma triunfan-

te, por primeiro em huma aldea das mais tristes, e mais defumadas dos Alpes. Qualquer que fosse o fim de nosso bom Padre, sem nos constar qual foi, podemos affirmar que foi Santo, e muito sustancial. E polo mesmo caso me atreveria a julgar que se acertáramos de o ter hoje com nosco, quando bem sofrera os intervallos maiores que ha nos Capitulos, não houvera de levar em paciencia faltarem n'elles muitas vezes os mais velhos, e melhores votos das Provincias: visto como já não ha trabalho que arrecear, pois esta idade tem metido em uso poderem caminhar com toda commodidade. Mas deixado este discurso, pera que o pese, e examine quem só o póde remedear, tornemos a acompanhar o Santo.

Devia ter já noticia do pouco tempo que lhe restava de vida, e ainda que sempre trabalhou incansavelmente, agora excedia-se a si mesmo. Passado o Capitulo deixou Bolonha dando primeiro ordem na obra do Convento que se hia fazendo: e foi-se por Italia visitando as casas já fundadas, e procurando fundar outras de novo: pera o que tinha favores continuos do Papa Honorio, que estimando o muito crecimento que havia de Religião, e devação nas terras, em que os Frades assentavão, acudia-lhe com letras Apostolicas pera todos os Prelados, e senhores seculares em recomendação dos novos agricultores da vinha do Senhor. Colhia o Santo grande fruito d'ellas, e de sua ida, porque com a vista atrahia os animos de todos, e trocava coraçoens com a prégação, de maneira que deixava fermoso rasto, por onde passava, do fogo Divino em que ardia, ficando os Conventos cheios de novos discipulos, e as Cidades despejadas de muita gente, que á sua conta buscava a salvação. Mas tendo gastado muitos meses n'esta peregrinação, e sendo entrado o anno de 1221, veio-se recolhendo a Bolonha. Vinha alegre a ver seus filhos: porém achou cousa na entrada do Convento, que lhe aguou todo o gosto que trazia. Poz os olhos no edificio que deixára começado, vio cellas hum pouco maiores, e mais altas do que traçára quando se ausentou. Foi cousa que lhe ferio a alma, queixou-se com todos, e de todos, reprendeo o Procurador que tinha a obra a cargo. Chorava, e lastimava-se, como se vira hum grande principio de perdição da ordem. E erão as palavras, que d'aquelle peito mansissimo, e nunca alterado sahião, tão sentidas, que he bem nos fiquem impressas na alma a todos seus filhos, pera memoria da pobreza a que nos deixou, e desejou obrigados não só em geral, mas no particular de cada hum, e até no vestido, livros, e roupa, e nas mais

miudas alfaias de uma cella. Dizia suspirando: *Adhuc me vivente palatia vobis ædificatis.* He a significação, como se dissera: Que em minha vida, e á minha vista levanteis casas pera morar? grande mogoa, e grande mal. Assi parou o edificio, e não houve quem se atrevesse a proseguil-o emquanto viveo. E he rezão sabermos pera confusão nossa, que as cellas que nosso Padre havia por palacios, tinhão ao justo nove pes de cumprido, e sete e meio de largo. Dura ainda hoje pera memoria humas das que o Santo estranhou, que estando quasi acabada mandarão os Padres ficasse assi imperfeita pera sempre, a qual, passando quem isto escrevia, a Roma, no anno de 1571, e medio por curiosidade.

N'esta casa de Bolonha, como havia de ficar por solar, e cabeça da Ordem, quiz o Senhor honrar seu servo com casos maravilhosos. Diremos alguns. E primeiro dous que forão quasi em todo semelhantes a outros que deixamos contados em Roma. Disse-lhe o Procurador hum dia que não havia em casa mais que dous paens pera toda a Communidade. Não vos agasteis, respondeo o Santo, que esses bastarão. Tomou os dous paens: foi-os fatiando em partes tão miudas, que não ficou nenhum lugar de Frade sem sua parte. Entrou a Communidade assentou-se. Tanto crecerão aquelles pequenos bocados, que foi banquete de festa em abundancia, e sabor. Outra vez era refeitoreiro, Frei Bomviz, (dizemos o nome, porque elle, e Frei Reinaldo, que despois foi arcebispo de Hybernia testimunharão o milagre no processo da Canonização), não havia totalmente que pôr na meza: e era dia de jejum da Igreja. Soube-o o Santo, levantou mãos, e olhos ao Ceo, dando alegres graças a Deos, por querer que ficassem seus servos aquelle dia sem jantar, quando era certo que não faltava n'elle com sua ração, e mantença a nenhum animal do campo, nem ave do ar, como poderoso que era pera acudir a todos. Deteve-se hum pouco n'esta consideração: quando abaixou os olhos, vio que entravão polo refeitorio dous mancebos ambos bem carregados, que correndo as mezas, e deixando-as abastadas de pão, e figos passados, desaparecerão.

Hum estudante atollado em vicios, e sensualidades teve atrevimento pera se chegar ao Santo, e beijar-lhe as maons. Qualquer que fosse a tenção, tal cheiro, e tal virtude sahio d'ellas, que d'aquella hora mudou vida, e pensamentos. Outros dous lhe pediram hum dia que os encommendasse a Deos, que tinhão necessidade, e acabavão de se confessar em casa. Passado hum espaço chamou-os, e a hum encheo de espe-

ranças de perdão; e ao outro de medo, advertindo-o que fizesse confissão plenaria, e descobrio-lhe hum peccado que escondia.

Não he pera esquecer hum caso que Deos aqui permittio pera exemplo nosso. Amanheceo hum dia fortemente atormentado do Diabo hum irmão que servia de enfermeiro. Acodio-lhe o Santo, mandou ao enemigo que o deixasse. Aporfiava por ficar, dizendo que tinha licença contra elle, porque onde todos os mais Frades padecião por penitentes, e devotos, este andava farto e cheio de carne por goloso, á conta dos enfermos, e enfastiados que curava. Mostra-nos Deos que he vileza, e descortezia digna de ser castigada por algoz do Inferno, querermos poupar-nos, quando os outros trabalhão: não sendo nós melhores, nem mais necessarios na casa, senão por ventura mais inutiles, e ao certo, quais disse o outro polos que que se atreverão a deixar ir os companheiros aos perigos do mar, e se ficarão em terra descansados: *Animos nil magnæ laudis egentes*(*), quiz dizer, gente que lhe não dá nada por adiantar em honra, e credito.

Quando veio dia de Pentecoste d'este anno de 1221 em que vamos, estavão juntos com o Santo Patriarcha os Padres velhos cabeças das Provincias, ou Provinciais: e com elles o que mais terras, e mais legoas caminhava, e vinha do ultimo Occidente dom Frei Sueiro Gomes. Todos os escritores dizem claramente que n'este Capitulo forão com formalidade eleitos Provinciais pera todas as Provincias que então havia na Ordem, e que foi eleito pera a de Espanha dom Frei Sueiro. Esta comprendia todos os Reinos dos Pyrineos pera dentro, com todos os Conventos que n'elles havia. E não foi isto mais que encomendar-se-lhe com titulo, o que d'antes com realidade já tinha a cargo. O mais que n'esta santa junta passou não he de nossa obrigação. Despedio o Santo a seus filhos com bençoens, e abraços, que sabia havião de ser os ultimos de sua vida, e assi he de crer serião mais affectuosos. A dom Frei Sueiro deu cartas do Pontifice: humas gerais pera os Prelados de Espanha favorecerem a Ordem: outras particulares pera os Reis, em recommendação da pessoa da dom Frei Sueiro, e dos seus Frades. É porque não era em sua mão tomar hora de descanço em quanto tinha vida, determinou passar á grande cidade de Veneza, julgando que como era terra de grossos tratos, e concurso de varias gentes, poderia fazer bom emprego de sua doutrina, e pescaria certa de almas. Partio dando primei-

(*) Virgil. Æneid. 5.

rò de sua mão o habito com venturosa sorte ao bendito Frei Pedro de Verona em idade pueril: a quem a Igreja santa honrou despois com titulo de S. Pedro Martyr, por que o foi por honra d'ella, e da Fé.

Caminhavão tambem os Capitulares pera seus districtos, e dom Frei Sueiro pera Espanha. E pera começár logo a visitar os Conventos de sua obediencia, obrigação primeira, e principal do officio de Provincial, e os trazer de caminho infiados, entrou por Catalunha em Barcellona, Edificava-se então o Convento de Santa Caterina Martyr (*). Porque he cousa certa, que quasi tres annos assistirão os nossos Religiosos n'aquella cidade por hospitais, e sem domicilio certo. Aqui achou o grande Doutor Frei Raimundo de Penhafort seu filho pessoa já então de tantas letras, e tão provada virtude, que no tempo que pudera residir em casa de noviços, segundo os estilos da Ordem, foi escolhido, e chamado por el Rei dom Jayme de Aragão pera seu Confessor (**), e foi por Divina revelação fundador, e legislador da illustre, e santa Ordem de nossa Senhora da Mercê. Porque a fundou por Agosto do anno de 1218 e tinha recebido o habito em Barcellona na Quaresma do mesmo anno aos quarenta e cinco de sua idade. Soube o provincial aproveitar-se de suas letras, encommendou-lhe que composesse huma Summa de casos de consciencia, com que sahio brevemente (chama-se *Summa Raymundi*), e por ser a primeira que se escreveo n'esta forma, e que deu principio, e methodo a todas as que despois se forão escrevendo, rendeo grande honra a seu Autor, e a quem lh'a mandou fazer. Mas pouco servem honras da terra a quem as goza do Ceo, sendo assi, que foi tal a vida d'este filho do nosso dom Frei Sueiro, tantas as maravilhas que Deos por elle obrou, que o temos hoje pola Santa Madre Igreja entre os Santos d'ella canonizado.

N'esta cidade apresentou o Provincial as letras Apostolicas, que trazia pera os Prelados de Espanha. Traduzidas em vulgar são as seguintes.

«Honorio Bispo servo dos servos de Deos aos veneraveis irmaons Arcebispos, e Bispos: e aos amados filhos Abbades, e Priores, e a todos os mais Prelados das Igrejas de Espanha saude, e Apostolica benção, etc. Se tendes cuidado de amar, e honrar as pessoas religiosas, tende por certo que fazeis agradavel serviço a Deos, a quem servir he o mes-

(*) M. Frei Jordão na hist. da Ordem.
(**) Annais de Aragão l. 2. c. 70.

mo que reinar: e que diz de si, que qualquer cousa feita em favor do mais pequenino de sua casa, assi a estima, e aceita, como se a sua propria Magestade se fizera. Poio que a vossa devação rogamos, e efficazmente a todos vos exortamos, e por estas Apostolicas letras mandamos, que aos amados filhos da Ordem dos Prégadores, das presentes portadores, cujo util ministerio, e religião cremos ser a Deos agradavel, empareis, e favoreçais em seu louvavel proposito, procurando que sejam benignamente recebidos ao officio da prégação, pera que estão deputados. E tendo-os por encomendados em reverencia da Sé Apostolica, os ajudeis em suas necessidades, como a homens que entendendo no aproveitamento das almas, e seguindo só, e buscando a Deos, estimão sobre tudo o titulo de pobreza. Finalmente de tal modo ponde em effeito o que assi vos encomendo, e mando, que quando vier o dia temeroso da conta, e juizo final, vos acheis em companhia dos escolhidos do Senhor, e á sua mão direita, e alcanceis com elles o Reino, e gloria eterna: e não ouçais nem vos toque a temerosa sentença dos danados, aos quais o mesmo Senhor, por se haver por desprezado, e afrontado no desprezo que d'estes pequeninos seus servos fizerão, ha de condenar a fogo perpetuo. Dada em Viterbo aos dezasete das Calendas de Dezembro no anno quarto de nosso Pontificado».

De Barcelona veio dom Frey Sueiro correndo todos os Mosteiros da Provincia: e como sua pessoa, e partes, sua prégação, pobreza, e modestia acreditavão muito as encomendas que trazia, com os Reis, e com todos os Prelados, forão os Breves Pontificais de grande effeito: e crecco tanto a devação da Ordem nas terras por onde primeiro veio entrando da corôa de Aragão, que antes de oitenta annos cumpridos despois de conhecida n'ellas, teverão Conventos bastantes pera fazerem Provincia por si, e ficarem separados com titulo de Provincia de Aragão. Deixando visitados estes Conventos, e provido n'elles o que por então convinha. O que havemos de entender foi mui de sobre mão, porque nos consta que não veio a entrar em Castella se não no principio do anno seguinte, como logo veremos: tornou a continuar o caminho em proseguimento de sua obrigação.

CAPITULO XIX

Prosegue o Provincial dom Frey Sueiro Gomez a visita de sua Provincia nos Reinos de Castella e Portugal. Conta-se o felice transito de nosso glorioso Patriarcha São Domingos: e a eleição que se fez em seu lugar de mestre Geral da Ordem.

Entrava o anno de 1222, e no mesmo tempo caminhava por Castella o nosso Provincial em demanda da Corte(*), havendo por cousa importante pera o bem da Provincia, e por termo de cortezia devida a hum Rei que tinha nome de Santo dar-lhe conta de si, e do serviço, que com a nova obrigação do cargo vinha fazer a todos os Reinos de Espanha, e presentar-lhe as cartas, que trazia do Pontifice. Era Rei em Castella dom Fernando Terceiro, que reinando em Lião, veio a succeder nos mais Reinos de Castella, por morte del Rei dom Anrique, que sem deixar filhos morreo de hum desastre em Palencia, e era tio de dom Fernando, irmão de sua mãi a Rainha dona Berenguela. A fama que já corria com louvor de suas partes de virtude, e bom governo lhe veio a render despois o nome de Santo, por quem hoje he conhecido. Deu-lhe o Provincial conta do estado da Ordem, e do cargo que trazia; e a que vinha. Lembrou-lhe a obrigação que tinha, como Rei, e como Catholico, e bom governador de favorecer huma Ordem, cujo fim era com sam doutrina desterrar vicios do povo, e prantar virtudes, que era o mesmo que fazer-lhe vassallos fieis, e santos: Ordem fundada por hum vassallo seu nacido em Castella, e do melhor d'ella: vassallo santo, e tão santo, como a fama, e voz publica testemunhava, e com ella o mesmo Pontifice Principe da Igreja de Deos, cujas letras lhe offerecia. Foi o Provincial bem visto del Rei, e ouvido com benignidade, e promessas de todo favor que pera bom effeito de sua pretenção lhe fosse necessario. E desde logo lhe mandou passar huma provisão geral pera todos seus Reinos, em particular abonação, e recomendação de sua pessoa, e de toda a Ordem, a qual tirada do original que hoje está vivo no nosso Convento de S. Pedro Martyr de Toledo he a seguinte.

Fernandus Dei gratia Rex Castellæ et Toleti omnibus hominibus Regni sui hanc chartam videntibus salutem et gratiam. Universali vestræ notum

(*) Castilho p. 1. l. 2. c. 1.

fieri volumus, quòd Donum Suerium Priorem Ordinis Prædicatorum in Hispania diligimus, et charum habemus, eiusque meritis exigentibus firmam de eo fiduciam gerimus et constantem. Vnde rogamus vos propensius, et mandamus, quòd cum ad loca vestra venerint tam dictus Prior, quàm Prædicatores Ordinis sui (cùm eundem Ordinem, et Fratres ad preces et mandatum Domini Papæ sub protectione, et defensione nostra receperimus, et ad promotionem dicti Ordinis velimus intendere diligenter) eos benigne recipere, deuotè audire, et cum reverentia debita tractare in omnibus studeatis: circa eos in omnibus taliter vos habendo, quòd maiorem apud nos mereamini gratiam invenire. Facta charta apud Madrid Reg. exp. die XVIII. Ianuarij Era milesima sexagesima, anno regni sui quinto.

Traduzida em vulgar diz assi:

Fernando pola graça de Deos, Rei de Castella, e de Toledo, a todos os que esta carta virem saude, e graça. Queremos que a todos vos seja notorio, que amamos, e nos he mui caro dom Sueiro Prior da Ordem dos Prégadores em Espanha, e d'elle, porque assi o requerem seus merecimentos, fazemos firme, e segura confiança. Pelo que encarecidamente vos rogamos, e mandamos, que quando elle ou os Prégadores de sua Ordem forem a vossas terras, folgueis de os agasalhar com amor, ouvir com devação, e trata-los em tudo com a reverencia devida, e procedendo com elles de maneira que pera comigo vos façais merecedores de mais graça, e mercê: visto como a dita Ordem, e Frades tenho tomado debaixo de nossa protecção, e emparo, a rogo, e por mandato do Senhor Papa, e com diligencia queremos entender em seu acrecentamento. Feita em Madrid a dezoito de Janeiro da Era de mil e duzentos e sessenta, aos cinco annos de nosso reinado, (responde ao justo aos annos de de Christo mil duzentos e vinte dous.).

Do teor d'esta provisão se deixa bem entender qual seria o encarecimento das cartas do Pontifice, e que não serião menos efficazes, as que o Provincial trouxe pera el Rei de Aragão, e trazia pera o de Portugal. Tambem fica entendido o grande fervor com que o Provincial procurava dilatar a Ordem, e abranger com o zelo de outro Paulo a todos os lugares de Espanha, pois vindo de caminho tão comprido, e instando outro pera o Capitulo de Paris não tomava dias de descanço, e na força do inverno queria aproveitar o tempo.

N'estes pensamentos, e obras andava occupado dom Frei Sueiro quando foi certificado da morte do Santo Patriarcha. Foi seu ditoso transito em Bolonha huma sesta feira aos seis de Agosto do anno passado de 1221. Saira, como atrás dissemos daquella cidade na volta de Veneza logo despois do Capitulo: fora prégando por todas as cidades, e lugares de importancia, em Ferrara, em Mantua, em Faença, com grande trabalho seu, que se augmentava com hum extraordinario concurso, e devação dos povos. Em Veneza não téve momento de repouso, sendo da mesma sorte buscado, e ouvido a todas horas. Mas como sabia que se lhe estreitava o prazo da vida, segundo o declarara á saida de Bolonha a huns devotos seus, dizendo-lhes que brevemente acabaria seu desterro, e que seria no mesmo anno, e antes do dia da Assumpção de Nossa Senhora, deu-se pressa em fazer volta, e com o trabalho do caminho sempre a pé, e nunca aliviado, juntando-se a força das calmas que abrazavão a terra, (era por fim de Julho), chegou a Bolonha tão cançado, e desfalecido, que já se não podia ter nos pes. E com tudo ainda aquella noite se não quiz entregar a doente. Assistio no Coro ás Matinas, e despois na Igreja até pola manham em seus acostumados exercicios. Mas amanheceo com febre descuberta, e sobrevierão outros accidentes, que o debilitarão demasiadamente, e foi necessario levarem-no a huma cella. E esta foi a primeira vez que sofreo semelhante gasalhado. Como de grande novidade apontão as historias cuja era, e dizem que de Frei Moneta. Nella foi lançado sobre hum pobre enxergão: he nome de palha recolhida, e apertada entre duas mantas de xerga ou sacco. Ali andando todos os rostos cubertos de nuvens de tristeza, resplandecia no seu hum Sol de alegria, como quem esperava com alvoroço o cumprimento de huma nova, que recolhendo-se hum pouco em oração teve da boca do mesmo Christo. Apareceo-lhe o Senhor em figura de hum moço bellissimo sobre tudo o que se pode dizer, ou imaginar, e dizia-lhe: «Vem, amigo, vem, e entrarás na posse dos verdadeiros gozos». Confessou-se geralmente nesta hora, sendo assi que o tinha feito outras vezes: recebeo todos os Sacramentos da santa Igreja com a sua devação, que não ha mais encarecer: e tratando-se da sepultura, foi palavra expressa sua que o enterrassem aos pés dos seus Frades. Hia enfraquecendo, e acabando por momentos: vio que na sua melhor hora o despedião seus filhos com rios de lagrimas, que corrião dos olhos de quantos o cercavão, que erão todos os que havia no Covento: não o pode soffrer aquella ca-

ridade angelica, esforçou a voz, consolou-os com palavras de celestial espirito, encomendando-lhes com particularidade todas as virtudes: e quando chegou á caridade, dezia que esta com a humildade, e pobreza Evangelica erão a herança, que por testamento lhes deixava. E porque crecião effeitos, e vozes de amor chorando-se os Frades por desamparados com a falta de tal pai, forão ultimas palavras certifical-os, e prometter-lhes, que no lugar, pera onde ia morrendo, lhes seria de mais proveito, que na terra vivo. E levantando as mãos, e olhos ao Ceo, deu aquella bemdita alma nas mãos do Creador: em idade de cinquenta e hum annos. Certificarão logo sua gloria muitas, e varias revelações de gente santa, e seguirão testemunhos de grandes milagres em sua sepultura. Era S. Domingos de meã estatura, muito alvo, e gentilhomem de rosto: o cabello tirava a ruivo, poucas cans, mas mais na cabeça que na barba. O cabello da cabeça muito espesso, e sem sinal de entradas nem calva. A voz no pulpito muito alta, mas de bom metal, e nada penosa aos ouvintes. Magro de seu natural, mas com as penitencias mais desfeito, e quebrado do que pedia o numero dos annos. Notavão muitos que da testa, e olhos lhe sahião algumas vezes huns como raios, que afuzilavão na vista de quem o olhava, e tratava, de sorte que o fazião grandemente veneravel. De condição era mansissimo: de sua boca se não sabe que saisse nunca palavra de ira, ou descomposição, nem ociosa: todo seu trato, e praticas ou erão de Deos, ou com Deos: riguroso com estremos pera comsigo: e com os mesmos brando, e mavioso pera seus subditos. Amigo sobre tudo, o que se pode dizer, de ser pobre, e desprezado do mundo, inimicissimo das glorias, e grandezas delle, do que deu bom testemunho: engeitando tres Bispados, que em differentes tempos lhe forão offerecidos, como o escreve Theodorico Apoldia(*) em sua vida, que compoz por mandado do nosso setimo Geral Munio, passa já de trezentos, e vinte annos, e conta que quando foi buscado pera hum destes, que elle chama Cizeranense, respondeo, que antes aceitaria morrer logo, que ver-se em tal honra, nem em outras semelhantes. Affirmarão os que de suas confissões podião testemunhar, que nunca peccou mortalmente. Nunca comeo carne, nem por doente deixou de jejuar. Nunca despois de fundada a Ordem teve outra casa se não a Igreja, nunca outra cama se não as lageas della. As noites passava inteiras em oração, e disciplinas: disciplinas tão asperas, e continuas que erão tres cada noite, e sempre de sangue, e o

(*) Theod. Apeld in vita B. Dom. l. 1. c. 10. Idem l. 4. c. 10.

instrumento cadeas de ferro. A oração tão afervorada, que humas vezes se arrebatava em profundos extasis, hora ficando sem movimento, nem sentido, e como passado da vida, hora levantado no ar: outras erão tantos os suspiros, e gemidos, que sem se poder valer sahião do santo peito, que ao estrondo, e rumor delles acordavão os Frades, e perdião o sono. Assi não lhe ficava hora de repouso: e quando os membros cançados pedião a satisfação natural, tomava por almofada hum breve espaço que dormia os degraos de algum altar. Do santo sacrificio da Missa era devotissimo: não se lhe passava dia sem celebrar: e era sempre com tão alto sentimento, que como de duas fontes corrião as lagrimas de seus olhos, e decião até o chão.

Temperou o Provincial o sentimento, e saudades do bom Pai, com a certeza que tinha de sua gloria, por estas virtudes, e outras muitas que por brevidade deixamos, de que elle era boa testemunha: e obrigado de todas, e do que a fama trazia de seu santo transito, tomava novo animo pera o trabalho que sobre seus hombros carregava, sem fazer conta da vida, nem a querer pera outra cousa. Como foi tempo de caminhar pera o Capitulo de Paris, segundo a ordem que estava dada, começou a jornada com novo cuidado da eleição, que instava de successor de S. Domingos. E anticipou-se, a meu parecer, alguns dias pera ir de passagem colhendo fruito de sua prégação, e doutrina nos lugares da Montanha, como são Burgos, e outros por onde he a estrada de Paris, que então erão terras grandes e bem povoadas. Em todas he de crer, que se deteria purificando consciencias, e affeiçoando com sua prégação os animos á virtude, e áquella estreita pobreza com que caminhava, que como de verdadeiro filho de S. Domingos espantava, e confundia os que a vião. E daqui teve principio tratarem os vizinhos de Burgos de darem casa á Ordem. E esta he das bem antigas, e que teverão seus principios por estes annos. Tambem me persuado por bons fundamentos que teve a origem desta jornada huma Historia que nos deixou de sua mão dom Lucas, que despois foi Bispo de Tuy em Galiza, e escritor celebre daquelles tempos. Era dom Lucas Conego regular do Mosteiro de Santo Isidro, ou Isidoro de Leão: como homem de virtude, e letras devia ver, e tratar o Provincial. E o Provincial como lhe entendeo o talento, desejou logo occupal-o em cousa que fosse de proveito das almas. E porque os exemplos dos Santos podem muito pera espertar nos fieis a memoria da salvação, fez-lhe lembrança que seria obra de importancia tirar a luz a

vida, e milagres do grande Arcebispo de Sevilha Santo Isidoro, pois em casa sua, e do seu nome residia. Obrigou-se dom Lucas ao trabalho, e saindo despois a luz com huma parte delle, dedicou-a ao mesmo Provincial com este titulo: *Sanctissimo Patri Suerio Priori, etc.* e entre as clausulas do prologo ha huma cujo principio he: *Cum ad scribenda miracula, bone pastor Sueri, Sanctissimi Ordinis Praedicatorum in Hispanijs Prior Provincialis, etc.* E por remate do prologo diz assi: *Dignare orare, benignissime Pater, ut quia hoc in sua materia laudabile opus vestra iubente, ac suadente sanctitate in incepto affectionis consistit, auxilium divinum ad optatam perfectionem misericorditer faciat pervenire.* Este livro escrito de mão se guarda no Archivo do Mosteiro de Santo Isidoro de Leão, segundo o affirma o Conego João de Palacios no Catalogo que fez dos Bispos de Tuy (*). Chegado a Paris o Provincial dom Frei Sueiro, e juntos os mais Provinciais, e Padres Capitulares no santo dia de Pentecostes do anno que corria de 1222, foi eleito com summa conformidade por Mestre geral de toda a Ordem, e successor de S. Domingos o Mestre Frei Jordão de nação Alemão, das terras de Saxonia, pessoa de grandes partes de letras, e virtude, que por ser tal fora eleito polo mesmo Santo em Provincial de Lombardia. E sem fazerem outra cousa que toque a nosso proposito se despedirão os Padres pera suas Provincias.

CAPITULO XX

Vem a Portugal o Provincial dom Frei Sueiro, treslada o Convento de Montejunto pera Santarem ao sitio de Montijrás.

Bem podemos affirmar que era desejada a vinda do Provincial n'este Reino polos que erão seus subditos, e por toda a mais gente que d'elle tinha conhecimento. Porque quanto aos subditos, além do desgosto que geralmente causa a falta do Prelado, a grande bondade d'este, e ausencia de um anno e meio, (visto como não parece possivel que entre estes dous Capitulos tevesse tempo pera decer a sua patria), acrecentava o desejo, e as saudades em quem não conhecia outro pai. Ajuntava-se da parte dos conhecidos, e adeiçoados tratar-se com grande calor por pessoas bem intencionadas, e amigas do bem commum, que se buscasse algum meio pera terem fim as duvidas, e contendas que de tanto tempo,

(*) João de Palacios no Catalogo dos Bispos de Tuy.

e tam porfiadamente corrião, (como atrás tocamos), entre o Arcebispo de Braga dom Estevão da Silva em seu nome, e do Clero de sua Igreja, e el Rei dom Affonso, em grande prejuizo das almas de seus vassallos, e descredito da Religião, por rezão das escomunhoens, e interditos que todavia duravão. E o meio que se apontava era hum louvamento em pessoa desinteressada, que sem estrepito de juizo decidisse com brevidade todos os litigios. E da pessoa não havia quem duvidasse, quando a tinhão tal no Reino como era a do Provincial, que por partes de sciencia, e consciencia se não podia buscar outra mais a proposito. Assi foi bem vindo pera todo estado, e genero de gente: e logo se começou a apertar mais a pratica polos que a trazião entre mãos, e foi com tanta força, que poucos mezes despois foi Deos servido chegasse a effeito.

Mas elle entre tanto não vivia fora de cuidados: e sobre todos o afadigava ter-lhe mostrado o tempo que não era possivel aturarem os Frades a vivenda da serra, e serra tão aspera, e intratavel, quando a Ordem tinha tantas outras asperezas, que só per si erão bastantemente consumidoras de qualquer mui robusto sojeito. Quanto mais que pera o proveito espiritual da terra, que era o alvo de nosso instituto, estavão mui desviados do povoado, não só em rezão de distancia, mas tambem de sitio: e não só ficavão inutiles por viverem longe, mas por estarem em parte, onde dos devotos não podião ser buscados sem muito trabalho: e isto só em hum tempo do anno que era no verão. Assi era já resolução dos que melhor sintião entre os Religiosos, e dos seculares que á Ordem tinhão mais devação, que se não tardasse na mudança. Só no lugar se duvidava. Porque se lhes fazia de mal aos Padres, e parecia ser contra a caridade desempararem as terras de Alanquer, onde acharão primeiro gasalhado: e muito mais deixar a vizinhança da Infante que os amava, e favorecia. Contra isto havia, que Alanquer como não era lugar grande, pera doutrina tinha bastantes Mestres nos Padres Menores já moradores, e vizinhos das portas a dentro: e pera exercicio de caridade em os sustentar não erão poucos: e sobretudo não sentião na villa lugar commodo pera outro Convento. E quanto á Infante estava certo, que em alcançando paz que tevesse por firme com el Rei seu irmão pola composição que já tambem andava em pratica, não soffreria a ausencia de suas irmãs. Considerava-se tambem, que como os Mosteiros tem respeito á perpetuidade, não era sisudo conselho sojeitar este a huma só vida, e de huma Princesa já entrada em dias, mórmente quando nesta sojei-

ção era o serviço, que se lhe fazia pouco; e o dano que os religiosos padeciam muito: e muito o que entre tanto perdia qualquer outra terra, das que já os chamavão pera fundar.

Não havendo duvida em deixar Alanquer, e a sua serra, nem faltando recados de bons lugares, que requerião fundação, e offerecião pera ella suas esmoilas, o que mais conveniente pareceo ao provincial por todas as vias, foi Santarem Villa primeira de todas as do Reino, e por grandeza, e numero de povo, e opulencia de comarca comparavel ás melhores cidades d'elle. No sitio que lhe offereceram de Monteirás, inda que logo lhe notou inconvenientes, não reparou, ou por se não mostrar máo de contentar, quando era chamado, e rogado: ou porque em comparação do que deixava, todo outro parecia mui acommodado. Mas o que o successo nos faz julgar por mais certo, he que o aceitou, não como casa de morada: se não como gasalhado de emprestimo, até com bom conselho o buscar qual convinha. Deu conta de tudo á Infante: ella com animo real, e pio não só o não encontrou, mas como quem era testimunha do muito que os pobres Frades tinhão padecido, e padeciam queimados do Sol, do frio, e ventos de tão trabalhosa vivenda, aprovou a determinação, antepondo, como dizia, o maior bem dos Religiosos ao gosto que levava de os ter junto de si. Não se mostrou tão facil como a Infante o commum da villa de Alanquer, e o governo d'ella, que sabendo como sabião o grande serviço que a Deos se fazia n'aquella santa companhia com orações continuas, jejuns, vigilias, disciplinas, parecia-lhes que perdiam com sua ida hum presidio, e guarda de suas vidas, e fazendas, alem da honra que lhes resultava de terem consigo dous Conventos de gente tanto do Ceo, quando havia poucas terras em toda Espanha que tevessem hum só. Mas o consentimento da Infante franqueou todas as difficuldades. Mudarão casa, e houve tão pouco estrondo na mudança, (bem haja quem te ama, e quem com obras, e coração te abraça santa pobreza), que sem nenhum pejo levarão tudo o que havia que mudar, debaixo dos braços. E o tudo erão alguns livros, e humas leves alfaias da Sacristia, e as pobres mantinhas, que lhes faziam abrigo nas cellas. O mais movel d'ellas, e até a mesma fabrica do Convento era pera o seu trato facil de achar em todo lugar, onde houvesse mato, e pedra, e barro. Assi em chegando a Santarem não houve tardança em terem casa feita. Porque o mais difficultoso tinha de seu o sitio, que era uma Igreja bem accommodada.

Deu o Provincial o cargo da obra a Frei Domingos de Cubo filho de habito de nosso Padre S. Domigos do tempo que veio a Segovia, e Madrid, como atrás fica dito, o qual desde então ficou em Portugal, e deu pessoa de grande marca na Religião, como ao diante veremos. Juntamente o apercebeo que desde logo fosse lançando os olhos por sitio melhorado em visinhança com a villa. Que pois da serra os trazia hum só desejo de se empregarem a toda hora em serviço do povo, não tinha por acertado ficarem longe della, mais que em quanto se buscasse melhor posto. Cumprio Frei Domingos huma, e outra ordem, entendendo com as mãos na fabrica presente, e com os olhos buscando, e marcando sitios que armassem pera a encommendada. E foi o Senhor servido que em breves dias se acreditarão os Religiosos com a terra de sorte, que houve quem deu o dinheiro pera se comprar novo sitio em nome d'elles, e se começou a tratar da mudança. Mas por hora se ficarão em Montijrás. Pera melhor se entender o que antigamente era, e onde cahia Montijrás remeto o Leitor ao Capitulo primeiro do segundo livro, onde fazemos descripção de toda a villa, como em seu proprio lugar. Agora basta saber-se que era hum sitio, cujo nacimento começava á raiz do monte, que hoje chamão dos Apostolos, e se estendia polo valle do arrabalde da ribeira contra a villa, afastado hum espaço do mesmo arrabalde, que então era cousa pouca: e pera a villa ficava huma sobida de costa comprida, e agra. O valle ja n'aquelle tempo era cultivado de hortas. Aqui contão as Chronicas do Reino que parou el Rei dom Affonso Enriques primeiro Rei de Portugal com seus soldados pera fazer horas de accometter o venturoso assalto, e escalada, com que em huma noite, e com poucos companheiros, e sendo elle em pessoa hum dos mais arriscados acomettedores, se fez senhor da villa matando infinitos Mouros, sem perder homem. E polo valle fez a entrada contra a porta que chamão da Atamarta. Foi este feito no anno de nosso Senhor Jesu Christo de 1147 (*), e sendo emprendido com tanto valor, e bom successo, foi o segredo tal, que nem em Coimbra, d'onde sahio, houve quem imaginasse que tal se tratava, se não despois que se vio acabado. E a Igreqija, e os nossos Frades acharão, devia ser obra do mesmo Rei, como em graças da victoria, que d'aquelle posto teve principio.

Deu o Provincial pressa em que se acommodasse o recolhimento,

(*) Duarte Nunes de Leão na vida del Rei dom Affonso Enriques. Maris fol. 39. dos seus Dial.

pera que os Frades, que juntamente erão architectos, e trabalhadores, não faltassem á prégação, e doutrina. E tal foi o primeiro sitio, e o principio do Convento, que esta Provincia teve em Santarem, ficando com o nome de S. Domingos de Montijrás: o qual colligimos parte de memorias, e papeis antigos, que hoje vivem no cartorio d'aquella casa, parte da tradição commum que n'ella, e na villa dura entre os velhos, deduzida das idades antigas até a presente. Queixo-me porém do descuido com que viverão da posteridade os Padres que n'este Convento n'aquelles bons tempos se criarão, pois sendo tão insignes sua vida, e obras, que as achamos celebradas por livros, e lingoas estranhas, forão elles em no-las dar de sua mão escritas tão avaros, que he necessario andarmos mendigando muitas cousas por conveniencias, e conjeituras pera podermos formar esta Historia. Assi não bastou nenhuma diligencia pera alcançarmos ao certo o anno preciso d'esta transmigração, sendo cousa certa que foi por estes annos em que vamos: nem pera sabermos como desfez o tempo esta Igreja de Montijrás, visto não haver hoje rasto, nem sinal d'ella, e ser tambem certo que esteve muitos tempos em pé, e muitos manteve o nome de S. Domingos, ainda despois de a deixarem os nossos Frades com segunda tresladação que fizerão pera o lugar, onde hoje temos o Convento na mesma villa: e sendo dada a outros moradores, como ao diante se verá.

CAPITULO XXI

Vai o Provincial a Coimbra chamado del Rei dom Sancho Segundo. Concordaõ com o Arcebispo de Braga, sendo por ambos eleito Juiz das contendas que trazião.

Quando os medianeiros da composição, que se tratava entre el Rei dom Affonso segundo, e o Arcebispo de Braga dom Estevão Soares da Silva, acabarão de assentar com el Rei as condições do compromisso que se havia de fazer, (como atrás fica tocado), na pessoa do Provincial dom Frei Sueiro, mandou-se-lhe recado a Santarem pera que se achasse presente ás escrituras, e aceitasse, e assinasse o louvamento. Acodio o Provincial, e veio o Arcebispo a Coimbra, onde el Rei estava. Mas como cousas grandes tem sempre suas difficuldades, e el Rei decia aos concertos mais por animo Christão, e pio, que por entender que em con-

sciencia tinha obrigação algumas ás queixas do Arcebispo: e folgava de cortar, segundo dizia por si, por atalhar as desconsolaçoens que havia no povo com as escomunhoens, e interditos, houve tanta dilação em meio, que erão passados do anno novo de 1223 dous mezes, e as escrituras não se celebravão. E quando não faltava mais que assinarem-se, decretou-se outra cousa no tribunal divino: veio el Rei a adoecer, e faleceu logo aos vinte cinco de Março d'este anno em que vamos correndo de 1223. Porém, não estorvou tamanho accidente o que estava capitulado: antes el Rei dom Sancho, inda que moço que não chegava a desesete annos, querendo entrar com bençoens, e boa estrea no Reino, passados os dias que erão devidos a exequias, e nojos reaes, mandou que tevesse effeito o louvamento, e a escritura se fez no mez de Junho logo seguinte. D'ella poremos aqui alguns pedaços tirados do original que se guarda no cartorio da Sé de Braga, d'onde nos forão dados. E diz assim.

Cum olim quæstio verteretur inter Domnum Alfonsum Secundum illustrem Regem Portugalliæ ex una parte, et Donum Stephanum Brac. Arch. ex altera super quibusdam ganatis et pecunia, de quibus dicebatur idem Rex sforciasse Monasteria, et Ecclesias, et super quibusdam domibus, et vineis, et alijs damnis irrogatis eidem Arch. et Ecclesiæ Brach. et Thesaurario. Quare idem Arch. sententias interdictorum in regnum, et diversarum excommunicationum in ipsum Regem Donum Alfonsum, et factores suos, et in eum sequentes, et in personas quorundam clericorum, et quædam alia Concilia partim autoritate sua, partim Summi Pontificis fecerat promulgari. Tandem prædicto Rege viam universæ carnis ingresso placuit filio eius Dono Sancio Secundo illustri Regi Portugal. cum præfato Archiep. amicabiliter compositionem facere in hunc modum. In primis iurauit idem Rex et Barones sui ad sancta Dei Evangelia ea quæ sequuntur, scilicet quòd de ganatis, sforciado et pecunia spoliatis emendam faciet per sabedoriam et existimationem Domini Suerij Prioris Fratrum Prædicatorum in Hispania, et Archidiaconi Brac. Domini Garciæ Menendi, et Ferdinandi Petri olim Cantoris Ulixbonensis iuratorum ad sancta Dei Euangelia bona fide veritatem de ganatis, et pecunia inquirere, et quantum Donum Regem ibi dare oporteat, et qualitate amicabiliter definire: quorum existimationi vtraque pars stare tenetur, etc.

Ao diante vão condições, e clausulas particulares de obrigações de depositos, e entregas de dinheiro, que deixamos, porque não servem, e após ellas procede a escritura dizendo:

Dominus autem Archiep. iurauit ad sancta Dei Euangelia cordm posita, quòd facta depositione pecuniæ præfatæ apud Aquam leuatam, de qua debeat constare per literas supradictorum existimatorum, et satisfacto ipso Archiep. de prædictis sex millibus aureorum Portugallensis monetæ communis absoluet sine mora totum regnum, et tollei generali absolutione omnes sententias, quas tulit, vel fieri procuravit, tam interdictorum, quam excommunicationum maiorum, vel minorum, sive in loca, sive in regnum, sive in concilia, sive in personas tam clericorum, quam laicorum, quam quorumcumque occasione huiusmodi discordiæ, sive sententia fuerunt latæ autoritate Domini Archiespiscopi, sive Dom. Papæ, sive per judices, sive per executores tam Dom. Papæ, quàm Archiep. etc.

E ultimamente cerra a escritura assi:

Actum Colimb. mense Iunio sub Era M. CC. LXI. præfatis Rege et Archiep. hæc confirmantibus cum appositione sigillorum suorum: præsentes autem fuerunt, etct.

E logo abaixo vão muitos sinais sem mais declaração que a primeira letra do nome de cada hum, e sua dignidade pola ordem que vão postos.

Donus P. Abbas Alcobaciæ.
Donus R. Prior Hospitalis.
Donus Ambritius Abbas S. Joan.
Magister Joan. Decanus Colimbr.
Magister V. Decanus Vlixb.
Donus P. Magister Templi in Portug.
Donus S. Prior Prædicat.
de Tarauca. Mag. P. Cantor Portug.
G. Archid. Brac.
I. Thesaurarius Egitanus.

Estas clausulas traduzidas em nosso vulgar respondem o seguinte:

Correndo demanda em tempos atrás entre o senhor Rei dom Affonso Segundo de Portugal de huma parte, e o senhor Arcebispo de Braga dom Estevão da outra, sobre, e por rezão de certos gados, e dinheiros, dos quais se dizia que el Rei esbulhara Mosteiros, e Igrejas: e sobre algumas casas, e vinhas, e outros danos dados ao mesmo Arcebispo, e á Igreja de Braga, e ao Thesoureiro della: por razão das quais cousas elle Arcebispo fizera publicar sentenças de interditos contra o Reino, e varias excomunhões contra o mesmo Rei dom Affonso, e contra seus ministros e sequazes, e contra as pessoas de certos clerigos, e contra algumas terras, e conselhos: parte em nome, e por autoridade delle Arcebispo, parte

por autoridade do Summo Pontifice. E hora sendo o dito Rei falecido da vida presente, houve por bem el Rei dom Sancho Segundo seu filho fazer com o dito Arcebispo amigavel composição na forma seguinte. Primeiramente jurou el Rei, e com elle os Senhores de sua Corte aos santos Evangelhos que comprirá as cousas seguintes, a saber: que polos gados, e dinheiros, forças, e esbulhos feitos dará a satisfação que justo for a juizo, e alvidramento de dom Sueiro Prior dos Frades Prégadores em Espanha, e do Arcediago de Braga dom Garcia Mendes, e de Fernão Peres Chantre, que foi de Lisboa, ajuramentados, que com boa fé procurem averiguar a verdade do que toca aos gados, e dinheiro, e logo determinem amigavelmente quanto será bem que o Senhor Rei dê, e em que forma. E ambas as partes sejão obrigadas estar polo que sentenciarem. *Segue adiante.* E o senhor Arcebispo jurou aos santos Evangelhos que tinha diante, que sendo primeiro depositado o dinheiro acima dito no lugar de Agoa levada: do qual deposito constaria por assinados dos ditos juizes: e sendo elle Arcebispo satisfeito das seis mil peças d'ouro de moeda Portugueza atras declaradas, logo sem mais demora absolverá todo o Reino, e levantará com absolvição geral todas as sentenças que deu, e fez dar, assi de interditos, como de escomunhões maiores, ou menores contra quaisquer lugares, e contra o Reino, Conselhos, e pessoas assi de clerigos, e frades, como de leigos, e quaisquer outros que a esta discordia derão occasião, quer as ditas sentenças fossem dadas por elle senhor Arcebispo, ou pelo Senhor Papa, quer por juizes, ou ministros de ambos, ou de cada hum, etc. *Abaixo.* Feito em Coimbra no mez de Junho Era de M. CC. LXI. (*que corresponde aos annos de Christo de* 1223.) confirmando tudo os ditos Rei, e Arcebispo com seus sellos, etc.

He de saber, que além dos que atrás notamos no fim da escritura que forão presentes, e assinarão huns como Prelados de autoridade no reino, outros como juizes, ou partes: assinarão outras muitas pessoas que jurarão por parte del Rei, como diz a escritura, e erão os fidalgos mais principaes do Reino, segundo parece de huma regra antecedente aos sinais que diz assi: *Barones autem qui iurati fuerunt ex parte domini Regis sunt isti.* E he de notar, que estão nomeados polo taballião duas vezes, quasi sem differença, primeiro como testemunhas, e despois como partes, e postos pola ordem que aqui vão. E o *Donus* em tantos mostra ser cortezia do escrivão, e não titulo de Dom em todos.

Donus P. Joan. Maiordomus Curiæ
Donus M. Joan. signifer Domini Regis.
Donus Gar. Menendi.
Donus Io. Fernandi.
Donus Poncius.
Donus G. Menendi Cancellarius.
Donus Gon. Menendi.
Donus Ro. Menendi.
Donus Gil Vasques.
Donus Henrichius.
Donus F. Joan.
Donus Aprilis.

Esta escritura ainda que hum pouco dilatada me pareceo ajuntar pera mostrarmos com tão verdadeiro testimunho o primeiro serviço que a Ordem de S. Domingos fez a este Reino, e aos Reis, com certeza de mez, e anno, que em tamanha antiguidade he bem de estimar. Tambem he de notar nella a grande Christandade, e bondade dos Reis Portuguezes, que ainda que se sintissem contra o que tinhão por rezão, aggravados dos ministros Ecclesiasticos seus vassallos, ou com respeito, e modestia filial lhes não tolhião usar de todo direito, e armas de seu foro: ou com real benignidade, desprezado todo interessè, decião com elles a qualquer composição. Mas porque atrás prometti mostrar com duas escrituras a grande reputação em que dom Frei Sueiro estava no Reino, como indicio de ser nacido nelle, e do melhor delle: ainda que por esta fica bem entendido, ajuntaremos a outra, que segundo parece succedeo em tempo á que fica lançada, a qual lhe não dá menos honra. Porque se pera a primeira foi chamado por Arbitro, como natural, e sabio, e virtuoso, e nobre: pera a segunda parece que foi buscado pera com sua presença, e sinal a authorizar, genero de honra muito aventajado. E irá no capitulo seguinte tambem espedaçada, e tomando della só o que nos parecer necessario por encurtar leitura.

CAPITULO XXII

Assiste o Provincial a huma escritura de composição entre el Rei dom Sancho Segundo, e as Infantes suas tias. Averiguão-se os annos que reinarão dom Afonso Segundo, e dom Sancho seu filho.

He de saber que el Rei dom Affonso II despois que obrigado por comminações de censuras, e interditos do Summo Pontifice largou as armas, que tinha tomado contra as Infantes dona Tareja, e dona Sancha suas irmans, com pretenção de as desapossar das villas de Montemór o

velho, e Alanquer, de que el Rei dom Sancho seu pai as deixara senhoras: decendo com ellas a contenda de juizo civil, e correndo a causa neste Reino, e despois em Roma, em fim alcançou sentença contra ellas. Porque sendo patrimonio real, não podia el Rei dom Sancho seu pai alheal-as da Coroa, nem seu filho, e successor della consintir nisso. Foi agente del Rei em Roma o Bispo de Lisboa dom Sueiro, mandado por elle a solicitar a causa. E consta da sentença, e desta agencia por huma provisão do mesmo Rei, que nos foi communicada do cartorio da Sé de Lisboa: a qual poremos aqui de verbo ad verbum, como faremos polo discurso da historia a outras antigualhas semelhantes: porque desejo sejão exemplo aos que despois de nós tomarem o trabalho de escrever feitos passados, pera que vejão que o melhor meio de descubrir verdades, averiguar successos de importancia, e concordar tempos, e annos duvidosos, he revolvendo cartorios antigos das Igrejas grandes, e communidades autorisadas: onde se lanção muitas memorias só a proposito do que lhes cumpre sem medo de desagradar, nem ambição de comprazer a ninguem: as quais como estão puras, singelas, e sem vicio servem de grande lume pera a historia. E não tenho duvida que se os nossos Cronistas antigos, digo aquelles que escreverão dos Reis, longos annos despois da sua morte, assi como se valerão de informações verbais, teverão ou curiosidade, ou paciencia, pera desenrolar pergaminhos velhos, e ir soletrando ou adivinhanhando, (que quasi assi convem), a letra Gotica humas vezes embaraçada, outras quasi apagada, e cega de velhice, como mais de huma vez nos aconteceo: sempre houverão deixado maior noticia, e mais acertada de muitas cousas de importancia, em que ainda hoje se deseja. E passemos á nossa provisão que diz assi:

Alfonsus Dei gratia Portugalliæ Rex vniuersis de Regno suo, ad quos literæ istæ peruenerint, Sal. Sciatis quód ego sum multum debitor, et omnes qui de me descenderint dono S. Vlixbon. Episcopo. et toti generi suo, et eidem Ecclesiæ, et Canonicis eiusdem pro eo, quód ipse Episcopus seruiui in multum tam apud Romam, quam in regno nostro in causa, quæ vertebatur inter me et sorores meas super castris Montis maioris, et Alanquerij, de quibus ipsæ tenebant me exhæredatum, et iuuit ad hæreditationem prædictorum castrorum, in sententia à Dom. Papa Innoc. III. obtenta super eisdem castris. Et iuuit me tam in hoc, quam in alijs multis seruitijs, in quibus ipsum necessarium habui. Quapropter ego recepi illum in meam commendam cum omnibus, quæ Ecclesia Vlixbon. habet, et habue-

rit In toto regno meo, etc. et propter hoc dedi eis istam meam chartam apertam nostro sigillo plumbeo munitam. Dat. apud Vlixbon. XVII. die Aprilis, per mandatum Domini Regis Æra M. CC. LV. (responde aos annos de Christo de 1217.)

Escusamos a tradução, por seguir brevidade, e porque sem ella fica entendido o que pretendemos mostrar de como el Rei litigou em Portugal, e na Curia Romana com suas irmãs, e teve sentença em seu favor, e em que tempo. Esta sentença ou que fosse só na propriedade, ou em todo, procurou el Rei assentar com ellas por escritura, e contrato pacifico que por sua morte deixassem as villas livremente á Coroa. Dilatou-se o negocio por duvidas que se devião mover: e podia ser que houvesse contratos feitos por terceiros, e os mesmos se recindissem por não serem a gosto das partes. Porque a Infante dona Tareja queria que por sua morte ficassem Montemór, e Esgueira á Infante dona Branca sua irmã: e por falecimento d'ambas então ficasse Montemór á Coroa, Esgueira se desse ao Mosteiro de Lorvão. Em fim veio este concerto tambem ás mãos del Rei D. Sancho, como o do Arcebispo de Braga, e veio a celebrar-se no mesmo mez, e anno, mas não no mesmo lugar, e ao que parece foi alguns dias despois, porque não tendo data em dias a escritura do Arcebispo, esta se declara que passou em Vespera de S. João Bautista. Quiz el Rei que se autorisasse este acto com intervenção da pessoa do Provincial dom Frei Sueiro, e que se fizesse em Montemór o velho em presença da Infante dona Tareja, onde elle se foi acompanhado do arcebispo de Braga, que tambem assinou na escritura. D'ella lançaremos aqui algumas clausulas, por serem em memoria de dom Frei Sueiro, e honra, e autoridade da Ordem de S. Domingos. Começa assi:

In Dei nomine. Hæc est forma pacis et compositionis factæ inter Dominum S. secundum illustrem Regem Portugalliæ ex vna parte, et nobilissimas Reginas (já dissemos atrás que este titulo gozavão então todas as filhas dos Reis) *Dominam T. et Dominam S. et Dominam B. ex altera; sua sponte, et in sua sanitate super castris Montis maioris, et Alanquer, et super Isgueira: videlicet quòd Regina dona T. et dona S. debeant tenere in vita sua castrum de Alanquer, et post mortem naturalem Reginæ donæ T. et reginæ donæ S. ipsum castrum de Alanquer debeat redire cum omni iure suo liberè, et sine omni diminutione ad dictum Dominum S. Regem Portugalliæ, et ad filium eius, vel ad suum hæredem legitimum. Et Regina dona T. debet habere in vita sua castrum Montis maioris et Isgueiram, et post mortem*

eius naturalem regina Domina B. debet habere ipsum castrum et Isgueiram: et post mortem naturalem ipsarum ambarum, castrum ipsum in pace cum omni iure suo liberè, et sine omni diminutione redeat cum suis pertinentijs ad dictum Dominum S. Regem Portugalliæ, vel ad ejus legitimum hæredem: et post mortem naturalem reginæ donæ Tharasiæ, et reginæ donæ Blancæ Isgueira debet remanere Monasterio de Lorvano pro hæreditate, etc. Despois seguem outras cousas, e por fim d'ellas diz: *Actum publicè apud Montem maiorem veterem in vigilia S. Ioan. Baptistæ mense Iunio. Præsentes fuerunt Domnus Brac. Archiepis. G. Archidiaconus, A. Thesaurarius, G. Capellanus Bracaren. S. Prior Fratrum Prædicatorum in Hispania:* Abaixo seguem todos os mais, ou quasi todos os assinados na outra escritura de Coimbra: e arremata dizendo. *Actum sub Era M.CC.LXI.* (que he o proprio anno em que vamos de 1223.)

Agora he tempo de advirtirmos aos que andão vistos nas Chronicas d'este Reino da rezão que temos pera nos não conformarmos na computação dos annos, e successo da morte del Rei dom Affonso Segundo com a letra de sua sepultura do Mosteiro real de Alcobaça, que o dá ali sepultado no anno de Christo de 1233, principalmente sendo aprovada polos Doutores Frei Bernardo de Brito, e Duarte Nunes de Leão reformador das Chronicas dos primeiros Reis de Portugal (*), pessoas, a cujas letras, e sciencia se deve grande respeito. Digo pois, que sendo principio posto em toda boa rezão não se consintir disputa em materias que ou consistem em feito, ou que de feito se podem averiguar, satisfaço bastantemente com duas escrituras atrás, cujos originaes estão vivos, hum no cartorio real d'este reino, outro no da Sé de Braga, d'onde me foi dado o que d'elles temos apontado, polo Licenciado Gaspar Alvares de Lousada Machado, que o Braccarense teve a seu cargo alguns annos, e o Real tem de presente com titulo de Reformador dos Padroados da Coroa, e Escrivão da torre do Tombo, e vai digerindo aquelles memorias antigas por tão boa ordem, que será facil aos escrupulosos satisfazerem-se com vista de olhos de ambas as escrituras referidas, porque tambem me consta, que na mesma torre ha treslado autentico da de Braga. E huma, e outra fazem morto el Rei dom Affonso Segundo antes do mez de Junho do anno de 1223 dizendo a primeira: *Tandem prædicto Rege viam vniuersæ carnis ingresso*: e fazendo em ambas el Rei seu filho autos que não fizera se não fora herdado, e Senhor soberano

(*) Duarte Nunes nas Cronic. reformadas. F. Bern. de Brito nos elogios dos Reis.

do Reino. Por onde sendo isto testemunhos vivos, e maiores de toda exceição, claramente fica convencida a culpa da pedra de Alcobaça se a houve n'ella, e culpados de descuido os que a seguirão, não penetrando a significação do letreiro, que com bom juizo esculpio, ou o primeiro que assentou a sepultura, ou o segundo que a mudou, que foi o Abbade dom Jorge de Mello. E mostral-o-hei com hum breve discurso.

Diz a Letra: *Conditur hoc tumulo Donus Alfonsus Secundus nomine, ordineque Tertius Lusitaniæ Rex anno M. CC. XXXIII*, Quer dizer: N'este muimento está mettido, (ou foi mettido, usando do presente por preterito) dom Affonso Rei de Portugal Segundo no nome, Terceiro em numero no anno de 1233. Duas cousas ha n'este letreiro que estão como com o dedo apontando duvida. Seja huma falar por annos de Christo, sendo assi que nem então, nem muito tempo despois se falou se não por Era de Cesar: a outra he aquelle, *conditur*: que faz differente significação, visto principalmente que em todos os mais letreiros ha outros termos, como, *obijt*, *decessit*, e outros, que claramente dizem faleceo, acabou, e nos estão amoestando que não sem fundamento usou do *conditur*. Ambas estas cousas, e cada uma d'ellas fora rezão que obrigarão aos Chronistas a revolver antiguidades, e cartorios, que são fonte de luz d'ellas, como fica dito. Que se o fizerão, acharão as escrituras atrás lançadas, das quais consta que era falecido antes de Junho de 1223. Acharão no livro dos Obitos do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra huma letra que diz: *Octavo Cal. Aprilis obijt Donus Alfonsus, Tertius Rex Portugal. Æra M. CC. LXI.* E acharão a mesma na Sé de Coimbra, que acrecenta despois do nome, e do tempo: *Qui dedit huic Ecclesiæ viginti millia aureorum ad claustrum faciendum, et pro anniversario suo mille morabitinos.* A mesma, e com as mesmas palavras anda no livro dos Obitos do Mosteiro de S. Vicente de fora da cidade de Lixboa, acrecentando: *Cantetur Missa ad maius altare, fiat processio.* E tambem atrás outro livro de Obitos da Sé de Lisboa sem discrepar em nada, e ajuntando sómente: *Qui dedit Capitulo mille morabitinos in commemoratione sui Anniversarij.* (E não faça duvida o dizer *Alfonsus Tertius Rex*, porque a mesma Era mostra que não podia ser outro senão Affonso Segundo em nome, Terceiro em numero). D'esta opinião he Garibay na Historia geral de Espanha (*). E da mesma o Chronista Ruy de Pina, só com differença de hum

(*) Garib. l. 31. f. 802. Pina na vida del Rei D. Affonso Segundo. Faria nos dial. de varia hist. Duarte Nunes na genealog. dos Reis. Mariana l. 12. c. 10. f. 697. Vasco.

anno adiante. E a ella se chegão Maris, e o mesmo Duarte Nunes de Leão na genealogia dos Reis que imprimio primeiro que as Chronicas. E o Padre Mariana na historia de Espanha. E Vaseu que he mais antigo que todos. Resta descubrirmos a rezão porque a repultura de Alcobaça está differente em dez annos adiante. Esta he, que el Rei não foi levado a Alcobaça senão dez annos despois de seu falecimento: quem quizer ver a causa da dilação, lea toda a escritura primeira de que atrás não trazemos mais que pedaços por bons respeitos, e ficará satisfeito, ass[1] do que dizemos, como da boa consideração, com que o Autor da letra da sepultura fazendo verdadeira relação do tempo, que aquelle corpo real ali foi recolhido, se livra de dar outras, e a do dia preciso de seu falecimento.

Confirmão esta verdade algumas conveniencias. He a primeira dizerem as Chronicas que el Rei dom Affonso por seu filho dom Sancho ficar moço, e só, o deixou encomendado a sua tia a Rainha de Leão (*). Saibamos a que chamão moço, e a que chamão só: se falecendo no anno de 1233 era dom Sancho, (como elles mesmos confessão), de vinte seis annos, e tão pouco só que o acompanhavão dous irmãos legitimos, dom Affonso, e dom Luis, cada um d'elles de mais de vinte annos. Bem se segue d'esta contradição, que foi verdadeira a recomendação, e o anno que nós lhe damos de sua morte, que he o de 1223, pórque n'elle era dom Sancho moço de dezaseis annos, idade pueril, e pera se poder encomendar a huma tia: e tambem se podia chamar só, pois seus irmãos erão mininos.

Segunda conveniencia he, que não era possivel deixasse hum Rei sisudo cumprir idade de vinteseis annos a hum Principe successor do Reino sem o casar, principalmente quando os mesmos Chronistas confessão, que já conhecia n'elle fraqueza natural.

Sobre tudo o que mais faz ao caso he, que sendo os Portugueses tão contrarios á deposição del Rei dom Sancho, como em effeito se mostrarão, fica dura cousa de crer, que em tão breve tempo de reinado, como doze annos, que os Chronistas lhe dão, (porque o ultimo já foi de desterro), succedessem tantas cousas juntas, como forão os aggravos intoleraveis que seus validos fazião, as queixas do povo multiplicadas á Sé Apostolica, cartas, e reprensões do Summo Pontifice, vindas de Legados, e emfim deposição de hum Rei. O que tudo conforma com falecer seu pai no anno das nossas escrituras, e tomar elle no mesmo o go-

(*) Cronic. de Portugal, e Duarte Nunez na vida del Rei dom Sancho 2

verno do Reino, sendo moço de dezaseis annos: e por isso ficar por casar, e encomendado a huma tia, e logo tão facil de levar dos artificios de gente mal inclinada, que se apoderou d'elle. Assi he toda a differença de dez annos, os quais tirados á idade do Pai dom Affonso, e dados á vida, e reinado do filho dom Sancho, não só os não descompoem: mas antes concertão toda a Historia de ambos, e nos dão em seu verdadeiro, e legitimo tempo os successos, e composições del Rei dom Sancho com o Arcebispo de Braga, e com as Infantes, que forão celebradas sendo Provincial de Espanha dom Frei Sueiro Gomez, o qual dez annos adiante era falecido. Faltava-nos algum auto real que dom Sancho fizesse desacompanhado de Frades pera minha satisfação, e d'algum demasiado escrupuloso. Acudio-nos o Cartorio da santa Sé de Evora com huma carta d'este Rei, passada em Lisboa no mez de Abril, Era de 1262, que he anno do Redentor 1226 na qual recebe aquelle Cabido debaixo de sua protecção. E pois já então reinava, bem certo fica, que não podia seu pai falecer no de 1233, como querem os que refutamos. Anda esta carta no livro das composições da Sé.

CAPITULO XXIII

Como foi fundado o primeiro Mosteiro de Freiras que houve em Portugal da Ordem dos Prégadores.

Junto á cidade de Lisboa, ao Norte d'ella, em distancia de quasi huma legoa, ha hum valle por copia de quintas, e frescura de hortas, e pumares assaz deleitoso, que chamão Valle de Chellas. Havia n'elle polos annos, em que vamos de 1223 huma Igreja tão antiga na primeira fundação, que, sem haver quem d'isso duvidasse, se referia ao tempo em que a primitiva Igreja florecia com favores do Ceo, e persiguições da terra. Porque sendo regada com rios de sangue de infinitos Martyres, que cada hora padecião, tomava forças do mesmo ferro, e fogo, com que era persiguida, e hia crecendo, e pulando, e tomando posse do mundo. Assi he cousa certa, que derão occasião a se fundar esta Igreja os gloriosos Martyres S. Felix, e Adriano. Porque padecendo ambos em tempo de Modeciano Emperador animosa, e santamente pola Fé(*): Felix em Girona de Catalunha, aonde veio buscar o martyrio, fogindo da cidade

(*) S. Isidor. Prudencio.

Scilitana, em que nacera, e da de Cesarea em Africa, onde seus pais o criavão no estudo(*): e Adriano sendo martyrisado em Nicomedia de Bithinia: por varios casos, e em differentes tempos vierão as santas reliquias de ambos, com muitas de outros companheiros do martyrio aportar n'este valle, e no lugar da Igreja, onde n'aquelle tempo chegava o mar, que agora lhe fica longe quasi meia legoa. Forão os Martyres conhecidos por relação de quem os acompanhava, mas logo reconhecidos, e reverenciados por meio de esclarecidos milagres, que obrarão. Edificou-lhes Igreja a devação de Lisboa, e forão honrados n'ella debaixo do nome de S. Felix, ou porque padeceo em terras de Espanha, ou porque foi primeiro em chegar ao Valle: e em testimunho da grande antiguidade ficou com nome quasi trocado no povo, chamando-se S. Pero Fins de Achellas. Na entrada dos Mouros, que despois succedeo, de crer he que o medo, e a confusão que por castigo do Ceo opprimia os animos, usaria do remedio mais facil pera salvar as santas reliquias, que era enterral-as no mesmo lugar, e encommendal-as aos mesmos Santos: e podemos cuidar do grande favor, que ainda hoje exprimentão os que a esta casa o vem buscar em suas necessidades, que elles nos guardarão este thesouro. O qual se devia descobrir despois no dia em que as leadas do Mosteiro celebrão sua tresladação, que he aos 14 de Janeiro. Então se poserão em duas grandes caixas de pedra os corpos de S. Felix, e Santo Adriano que trazião nome sabido. Os mais que erão vinte quatro com o de Santa Natalia ficarão em confuso sem se poder averiguar qual era o da Santa. N'este estado fez d'elles ultima, e solemnissima tresladação o illustrissimo senhor Arcebispo dom Miguel de Castro, passando-os do sitio, em que estavão pera a Igreja. E n'ella se vem agora em meios corpes de obra curiosa, e custosa, S. Felix com doze companheiros no altar collateral da parte do Evangelho: Santo Adriano da Epistola com a Santa consorte; e com mais onze companheiros. E podemos cuidar que elles são os que com sua intercessão sustentão a vida de quem assi os honrou em idade que tem quasi cinquenta annos de Prelado. Dos seus milagres antigos nos dão muita noticia huns devotos officios que na casa se rezarão por mais de trezentos annos, em quanto n'ella se conservou a reza Dominica, que vierão a nossa mão, e consta por elles que se fazia festa a S. Felix em primeiro dia de Agosto, e a Santo Adriano em nove de Setembro. Dos modernos temos bastante testimunho na grande multidão de

(*) Suri. Adon.

povo que acode a esta casa todas as sestas feiras do anno, sem nunca haver falta. e chamão-lhe a romagem de S. Perofins.

Lançados os Mouros de Lisboa polo braço, e valor del Rei dom Affonso Enriquez: purificadas as Igrejas, que ainda havia em pé, e reedificadas pouco a pouco as que estavão em ruina, foi povoada esta de Frades: o que se vê de provisões, e outros estormentos autenticos do cartorio d'ella, que particularmente vimos, e notamos, e cotamos: mas com mais clareza nos constou de huma doação feita aos Frades por el Rei dom Sancho seu filho, a qual lançaremos aqui assi como jaz no original, e he a que se segue.

In Dei Nomine. Hæc est charta donationis, et perpetuæ firmitudinis, quam ego Sancius Dei gratia Portugalliæ Rex vná cum vxore mea Regina Domna Dulcia, et filijs, et filiabus meis facio Fratribus Sancti Felicis de Achellis tam præsentibus, quàm futuris, de quadam vinea quam vobis damus, et monasterio vestro, vt ibi semper sit pro hæreditate in perpetuum. Et hoc quidem facimus pro amore Dei, et gloriosæ semper Virginis Mariæ, et vt in orationibus, et beneficijs vestris valeamus semper esse participes. Huius vineæ isti sunt termini. A parte Aquilonis vinea filiorum de Suario Barrina: ab omnibus alijs partibus viæ publicæ. Damus vobis hanc vineam tali pacto, vt semper sit hæreditas Monasterij de Achellis: et nulli sit licitum eam vendere, aut aliquo modo ab eodem Monasterio alienare, sed monasterium ipsum possideat iure hæreditario in perpetuum. Quicunque igitur hoc factum vobis integrum obseruaverit, sit beneditus à Deo, amen. Facta charta donationis et perpetuæ firmitudinis apud Vlisbonam in Æra M. CC. XXX. mense Augusto (que he anno de Christo 1192). *Nos supra nominati reges qui hanc chartam facere iussimus, eam coram testibus roboramus, et hæc signa facimus. Qui affuerunt.*

Domnus Suerius Vlysbon. Episc. Conf. — *Fernandus Petri test.*
Domnus Ioan. Ferd. Maiordomus Curiæ Conf. — *Gũst. Nunis test.*
Rodericus Ferd. Prætor Vlisbon. Conf. — *Giraldus Pelagij test.*
Iulianus Notarius Curiæ scripsit

Ao pé d'esta provisão está huma postilla pola qual el Rei dom Affonso seu filho confirma a doação, e mercê, que n'ella se contem, e são as palavras:

Hanc chartam suprascriptam, quam pater meus Rex Donus Sancius

fecit, et concessit Fratribus Sancti Felicis de Achellis de quadam vinea, concedo ego Fratribus eiusdem Monasterij, etc. Apud Vlisbonam mense Madio AE. M. CC. LVII. (he o anno de Christo de 1219).

Esta provisão, e postilla de confirmação testemunhão ser esta casa em sua primeira restauração despois dos Mouros, dada a Frades, e por elles ser possuida em vida d'estes dous Reis até o anno de 1219. E porque so pera este effeito a lançamos aqui, não curamos de a traduzir advirtindo ao Leitor, que esta, e todas as mais escrituras antigas, que no discurso d'esta Historia se acharem, vão tiradas dos originais com tanta pontualidade, que a guardamos até nas abreviaturas, e nos modos de escrever assi como se hião trocando com os annos, e com os entendimentos dos homens. Os Frades que em Chellas tinhão Convento erão Cavalleiros da Ordem de S. João do Hospital de Jerusalem, que vivião então em communidade: e consta per outros estormentos de compras, e vendas, que permanecem hoje no cartorio do Convento.

Mas qual foi o anno em que os Frades, largarão esta casa, e começou a ser povoada de Freiras, e quem foi o meio, e instrumento de as juntar, e trazer a ella, isto ficou tão cego, e apagado ou com o longo discurso dos annos, que tudo escurecem: ou com a rudeza dos homens, que nada escrevião, senão o que precisamente era forçado pera o que trazião entre mãos; que totalmente o não podemos descubrir. Somente alcançamos de pergaminhos velhos do cartorio com bastante clareza, que no espaço de dez annos, que houve entre o da doação, e confirmação dos Reis atrás escrita, e o de mil e duzentos e vinte nove se fez a mudança de Frades pera Freiras: de Frades de S. João Bautista, pera Freiras de S. Domingos. Entre muitos que o mostrão he uma doação em sua narrativa bem notavel, e por isso irá com sua traducção.

In nomine Domini, Amen. Nouerint vniversi presentem chartam inspecturi, quod ego Dominica Roderici quondam vicina Sanctaren. in vita mea, et integro sensu meo considerans statum mundi, et meum, et præcauens in futurum, ad honorem Dei, et Ordinis Sancti Dominici do et concedo, et roboro corpus meum et animam in Monasterio Dominarum de Achellis in earundem Ordine, sumpto eiusdem Ordinis habitu, in vita et in morte in perpetuum permansuram. Do etiam et concedo Priorissæ et Conuentui eiusdem Monasterij de Achellis omnia bona mea temporalia mo-

bilia, et immobilia, et se mouentia, quorum loca et termini, in quibus possessiones sitæ inferius sunt scripta, etc. Actum apud Vlisbonam mense Martj Æra M. CC. LXVII. Qui præsentes fuerunt Frater Pelagius Braccaren. Frater Petrus Suerij Vlisbonen. Frater Dominicus Martini Vlisbonen. Ioannes Ioannis de Riparia quondam Procurator Dominarum.

A linguagem he:

Em nome de Deos Amen. Saibão quantos esta escritura virem, como eu Domingas Rodrigues moradora que fui em Santarem, estando viva, e sam, e em meu prefeito juizo, considerando as cousas do mundo, e seu estado, e meu, e acautelando-me pera o diante: á honra de Deos, e da Ordem de S. Domingos, dou, e outorgo, e com firmeza offerego minha alma, e corpo ao Mosteiro das dõnas de Chellas, pera ficar com ellas em sua Ordem, e com seu habito em vida e morte, e pera sempre. Tambem dou, e outorgo á Prioressa, e communidade do mesmo Mosteiro de Chellas, toda minha fazenda, e bens, assi moveis, como de raiz, e os que por si se movem: e os lugares, sitios, e confrontações das propriedades vão abaixo declaradas, etc. Fez-se em Lisboa no mez de Março Era de M. CC. LXVII. *Responde ao anno de Christo de* 1229. Forão presentes Frei Paio de Braga, Frei Pedro Soares de Lisboa, Frei Domingos Martins de Lisboa, Ioanianes de Ribeira, Procurador que foi das mesmas Donas em tempo atrás.

Do teor d'esta escritura fica bem entendido, e sem lugar de duvida, que já no anno de 1229, em que passou, estava o Mosteiro em poder de Freiras assentado, e corrente, e que as Freiras erão da Ordem, e habito de S. Domingos, e como aquelle *quondam* faz indicação de tempo passado, e não pouco, se dermos o principio do Mosteiro em cinco annos atrás, achado fica que foi no de 1224, e que o recolhimento das Freiras passou por mão do Provincial dom Frei Sueiro logo no anno seguinte despois da morte del Rei dom Afonso, e da concordia do Arcebispo com el Rei dom Sancho. Mas não duvido, que pera cousa tão nova em Portugal interviria braço de pessoa real, e mui pederosa, pois precedeo tirar-se a casa aos Frades, que de força havia de ser negocio custoso. Tambem fica claro o muito que custaria de trabalho, e cuidado ao Provincial este ultimo serviço publico que fez a sua Patria: quantos

se cansaria em prégações publicas, e persuasões particulares por ajuntar este rebanho Santo ao Pastor, e Esposo celestial. Obra foi na verdade digna de verdadeiro filho de S. Domingos, e de quem ao vivo em pensamentos, e obras o imitava: e hoje lhe deve render grandes graos de gloria no Ceo. Porque não ha duvida que todas quantas almas tem subido d'aquelle recolhimento aos gozos eternos n'estes quatrocentos annos, lhe são em algum modo devedoras como a primeiro pai seu, e primeiro autor da santa reclusão em que merecerão o Ceo. E o Reino de Portugal lhe está devendo ser este o primeiro Mosteiro de Freiras que das Ordens mendicantes se fundou n'elle. Porque sendo assi que o primeiro que cá houve de Freiras de Santa Clara, foi hum que se edificou no anno de 1258 nas ribeiras do rio Douro, em pouca distancia da cidade do Porto, onde chamão entrambos os Rios, que he o mesmo que despois no anno de 1354 foi passado pera dentro da Cidade, fica-lhe o de Chellas superior em ansianidade por mais de trinta annos.

Esmerou-se o Provincial em fazer este Mosteiro de S. Felix de Lisboa hum retrato de S. Sixto de Roma, prantando n'elle o mesmo rigor, e observancia, com as mesmas leis, e austeridades: e como era jardim de sua mão, cultivado com sua doutrina, e exemplos frescos, e quasi vivos do Padre S. Domingos, e acompanhado, quando elle faltava de Mestres muito espirituais e Santos, começou a ter cheiro, e fama de hum Paraizo na terra, e corrião a elle muitas donzellas do melhor do Reino. Porém, como he condição das cousas humanas ir sempre variando, e descaindo, e as que são mais perfeitas terem maiores contrastes, foi faltando com os annos aquelle primeiro fervor. Era gente nobre, e mimosa, fazia-se-lhe de mal tanta continuação de asperezas. Devião ajudar pais, e parentes indiscretamente piadosos. Começarão a levar mal o rigor da regra, havendo-a por intoleravel, não só pesada na parte que com mais rezão lhes houvera de ser suave, que he a clausura: pois esta he a chave, e sello de toda Religião, e sem ella he impossivel conservar-se. Fazia dano o exemplo que sempre tem grande poder pera mal. Havia no Reino outros Mosteiros que vivião na simplicidade antiga de sairem as Freiras em communidade hora a suas erdades, hora acompanhar procissões: e em particular visitavão suas mãis, e irmãs: tinha-se por cousa santa, não só sem dano. Dizião, que entrando pera servirem a Deos com alegria, vivião em huma perpetua malencolia, e em huma roda viva de trabalhos, sem hora de allivio, como tinhão os mais Reli-

giosos do Reino: que d'aqui nacião doenças novas, e sem remedio, que já havia entre ellas, ajudando o assombramento da reclusão perpetua as destemperanças, e malignidade do ar. Que a vida que tinhão não era só de encerradas, mas pior que de emparedadas: porque estas como cada huma era prelada de si mesma, tinhão em sua mão o trabalho, e o descanço, dispunhão do dia, e da noite á sua vontade, mas ellas com a vontade, e entendimento sujeito ao arbitrio d'outrem, não tinhão momento que podessem chamar seu: Freiras no nome, nos effeitos encarceradas. Que tudo se pudera levar, se huma vez no anno poderão visitar a mãi velha, e o pai enfermo, ver a casa em que nacerão, em fim respirar hum dia em outro ar, e estar huma hora sem ouvir sinos, sem viver por regra. Que era forte cousa fiarem menos d'ellas aos Prelados Dominicos, do que fiavão das suas os outros Prelados, sendo todas Portuguezas, todas bem criadas, todas bem nacidas. Que pera molheres honradas, e de bom entendimento não havia cerca mais alta, nem muro mais forte, que o ponto da honra, e o medo da infamia. Quanto mais, que sendo esta pequena liberdade, alivio pera a vida, e remedio grande pera a saude, corria já no Reino por genero de affronta, faltar-lhe a ellas quando sobejava a outras, que não erão melhores em nada.

Assi se queixavão, e assi instavão. Acudião os Prelados com todos os meios que a prudencia insina pera as quietar. Quando virão que nãe bastavão, houverão por menos mal perder o Mosteiro, que descer hum ponto do primeiro instituto. Recorrerão á Sé Apostolica, pedirão absolvição do cargo, e da administração d'elle: e em fim o vierão a largar no anno de 1295 despois de o governarem mais de sessenta annos: e ficou na jurdição do Ordinario de Lisboa, conservando todavia até nossa idade o habito, reza, e cerimonias de S. Domingos. Mas porque n'esta idade houve quem quiz escurecer estas verdades, e he rezão acudirmos por ellas, será necessario fazermos inda hum par de Capitulos n'este argumento: quem os tever por sobejos, porque a Historia póde bem passar sem elles, livrar-se-ha do trabalho com voltar poucas folhas.

CAPITULO XXIIII

Censura-se huma letra esculpida de fresco em huma pedra do Mosteiro de Chellas: descobre-se o artificio, e tenção d'ella.

N'esta nossa idade fertil de monstruosas novidades, poucos annos antes do de 1608, que foi o mesmo em que as Religiosas do Mosteiro de Chellas deixarão a reza do Breviario Dominicano, apareceu huma pedra posta em lugar alto, e publico da sua Igreja, e entalhado n'ella o letreiro seguinte:

Este Convento he de Conegas regrantes de S. Agostinho por escrituras antiquissimas: e foi casa das Vestais antes da vinda de Christo Nosso Senhor, como se vê polos vestigios de pedras que estão na Crasia velha, e polo cipo de Iulia Flaminia, e ara das Vestays com o buraco da urna do igne perpetuo. Assi que se acha ser reedificada esta Capella quatro vezes, huma em tempo das Vestays, outra na primitiva Igreja de Espanha, e duas despois.

Sem escrupulo podemos affirmar, que a tenção d'esta letra e colocação da pedra, não foi outra, senão que como pedras são demais dura que pergaminhos: e he cousa sabida estarem vivos, e sãos muitos que a encontrão, alcançaria com tal meio victoria d'elles se não fosse de presente, ao menos d'aqui a longos annos, quando em falta de tudo se venha a estar polo que disserem pedras (desmesurada providencia! em descredito de todas as memorias antigas das pedras Romanas, que sempre forão de estima, e gosto). Mas graças a este papel, que sendo em si cousa frquissima, se fará não só forte, mas immortal em virtude da impressão: e n'elle ficará pera sempre viva, e notada a sem justiça da pedra, e da letra, e de quem a notou: e permanecerão igualmente as rezões que temos de a condenar na parte que toca á Religião de S. Do-Domingos, que só me move. E deixando á parte a vaidade das Vestais, do buraco, da urna, do igne perpetuo, em que nos não toca falar, nem diremos palavra, visto como em nenhuma parte do mundo, fora de Roma, houve nunca casa de virgens Vestais, por ser contra as leis, e ritos d'ellas, em tal companhia nenhuma donzella que tevesse seu domicilio fora de Italia: e nas que se recebião, precedia exame de suas partes, e calidades,

feito polo Pontifice Maximo que em Roma residia: e elle era o que por sua mão as metia no recolhimento do templo, guardando certas cerimonias de obra, e palavra: elle o que as vigiava, reprendia, e castigava quando havia descuidos: e a casa era na parte mais povoada, e mais segura de insultos que havia na cidade. Polas quaes rezões todas em nenhum dos escritores antigos se acha que houvesse Vestais por outras provincias, mais que em Roma (*). E assi não perdendo indignamente o tempo, trataremos só da primeira parte do letreiro, que pretende tirar aos Frades de S. Domingos o titulo de fundadores do Mosteiro, dizendo que por escrituras antiquissimas he de Conegas regrantes.

Dura e nova contenda he em huma opinião assi absolutamente affirmada, havermos de litigar sem vêr autor, nem respondente. Porque se a quieremos accusar (como de feito accusamos) de errada, e injusta, em quanto não vemos quem sustente, he hum esgrimir no ar, e dar golpes em vão, e em fim falar com hum penedo. Se lhe aparecera dono, forravamos grande trabalho. Porque como quem se dá por autor de qualquer novidade, logo se obriga á prova d'ella: e eu estou certo, que em favor d'esta não ha nem póde haver escrituras antigas, nem modernas: se o teveramos em praça, certos ficavamos da victoria, e livres de mais contenda. Mas em caso que o havemos com pedra, e pedra demasiado palreira em affirmar cousas sem fundamento, surda pera se vencer da boa rezão, muda pera se confessar culpa, insensivel pera levar pena, ficamos obrigados ao trabalho de negar como reos, e juntamente provar como autores: quando nenhuma lei, nem direito manda, que se provem negativas. Primeiramente negamos n'este Mosteiro o titulo de Conegas regrantes, assi absoluto, que o letreiro lhe dá: e provamol-o polo estormento do Capitulo precedente, tirado do seu mesmo cartorio, que as chama expressamente Freiras da Ordem de S. Domingos, e está por Frades d'ella assinado. Segundariamente negamos haver debaixo do Sol as escrituras que chama, e diz tem antiquissimas, pera prova de serem Conegas regrantes, sem sujeição da Ordem, e constituições de S. Domingos: e mostro-o assi. Ou estas escrituras são antes da entrada dos Mouros em Espanha: ou despois de lançados de Lisboa. Serem d'antes não pode ser, porque se o fossem, era necessario estarem celebradas no anno de Christo Nosso Redentor de setecentos, e quatorze pera atrás, tempo

(*) Aulus Gellius l. 1. c. 1. Fenest. do Sacerdot. Rom. c. 6. Iustus Lipsius de Vesta e Vestalib. l. 1. c. 2. Alex. ab Alexand. l. 5. c. 12 Genial. dierum.

em que reinavão os Godos, e os Mouros conquistarão Espanha, do qual não ha estormento, nem memoria particular n'este Reino que faça menção de outras Freiras, mais que da Ordem de S. Bento. Serem despois de lançados de Lisboa os Mouros, tambem não póde ser (*). Porque Lisboa foi ganhada por el Rei dom Afonso Enriques no anno de 1147 (*), e a provisão de seu filho el Rei dom Sancho, que lançamos no Capitulo atrás, he feita poucos annos despois no de 1192, e esta com outras escrituras que ha do mesmo tempo fazem o Mosteiro morada de Frades até o de 1219, e logo no de 1229 sem haver em meio mais que dez annos, consta que já estava povoado de Freiras da Ordem de S. Domingos por estormento autentico, cujo treslado fica no mesmo capitulo. Logo: se antes dos mouros se não deu o Mosteiro a Conegas regrantes: nem despois dos Mouros se lhe podia dar, porque n'esse tempo se entregou a Frades: e se entre os tais Frades, e as Freiras de S. Domingos não houve espaço intermedio, pera n'elle poderem entrar estas Conegas regrantes: segue-se com evidencia indubitavel que não ha nem póde haver aquellas antiquissimas escrituras que o letreiro publica: visto como não fica tempo em que se pudessem fazer, nem dar-se o Mosteiro a Conegas regrantes, e polo conseguinte he o titulo fantastico, ficticio, e imaginario, e fica bem provado não poder ninguem dizer, que houve tempo algum em que esta casa fosse possuida d'outras Freiras senão dominicas.

CAPITULO XXV

Confirma-se a materia do Capitulo antecedente com um Breve Apostolico, e com outros documentos.

Mas porque acabemos de convencer o artificio de quem fez falar um marmore, pera furtar o corpo a dar rezão dos absurdos que lhe lançou ás costas, confirmaremos de novo nosso intento, não já com doações de Reis, nem de vassallos, por muito autenticas que sejão, mas com letras Apostolicas, que se bem se podem por cá perder, ou supprimir, tem seus registros na Curia Romana, onde sempre estão vivas, como em sua fonte. E ainda que puderamos trazer a Bulla primeira de Gregorio IX pola qual confirma este Mosteiro em Freiras de S. Domingos, to-

(*) F. Bern. de Brito Monarc. Lusit.
(**) Duarte Nunes de Leão na vida d'este Rei dom Afonso. Garibay na vida do mesmo.

mando-as debaixo de seu emparo, e dando-lhes licença pera possuirem bens temporais, receber noviças, e eleger Prioressa, e começa: *Prudentibus Virginibus, quæ sub habitu Religionis, etc.* passada no anno de 1234 alguns annos despois de estarem em posse da casa. E ainda que poderamos ajuntar outras muitas Bullas expedidas em Roma pera negocios particulares do Mosteiro despois que entrou na jurdição do Ordinario, nas quais todas usão os Pontifices dos antigos, e originarios titulos d'elle, dizendo assi: *Dilectæ filiæ Priorissæ Conuentus Sancti Felicis de Achellis per Priorissam soliti gubernari sub regula, et secundum instituta Fratrum Prædicatorum, etc.* e não lhes chamando nunca Conegas regrantes. Com tudo deixadas todas, juntaremos sómente huma, que foi despachada trinta e dous annos adiante polo Papa Clemente IIII á instancia do M. Geral da Ordem, e dos Frades de Portugal, quando começarão a tratar de se desobrigar d'este Mosteiro: a qual como em tempos já afastados da fundação, e mais chegados a nós, com relação do passado, e decretos pera o futuro declara largamente o que cumpre pera inteira averiguação da materia presente, e do que apontamos no fim do Capitulo passado. Por ser tal pera que seja de todos entendida, e não occupemos muito papel, vai logo traduzida em vulgar.

«Clemente Bispo servo dos servos de Deos aos amados filhos o Abbade de Alcobaça, e aos Guardiães dos Conventos de Lisboa, e Santarem da Ordem dos Frades Menores do Bispado de Lisboa saude, e benção Apostolica. De boa vontade tiramos toda materia, e occasião de poderem cair os Religiosos, pera que se não abra algum caminho que se desvie de sua obrigação: e de muito melhor lhes desejamos graça de salvação. Cousa certa he, segundo somos informados, que as amadas filhas em Christo as Freiras ou Sorores do Mosteiro de Chellas da Ordem de S. Agostinho, ha mais de trinta annos que vivem segundo os estatutos, debaixo do governo dos amados filhos, os Frades da Ordem dos Prégadores: de tal modo que os Priores Provinciais da mesma Ordem, que polo tempo forão n'aquellas partes, por si, ou polos Frades de sua obediencia, não sómente fizerão Prioressas no mesmo Mosteiro, e as tirarão: mas tambem exercitarão n'elle os officios de visitação, correição, e reformação, segundo lhes parecia ser necessario: e assi fazião todas as mais cousas concernentes ao bem d'elle, que todos os mais Provinciais, Priores, e Frades da mesma Ordem dos Prégadores, costumão executar nos Mosteiros de Freiras da dita Ordem de S. Agostinho, que estão sojeitos a

seu governo. O que tudo affirmavão fazerem em conformidade de muitas licenças que tinhão de diversos Pontifices nossos predecessores. E hora estavão as cousas da dita casa em termos, que ainda que o amado filho Prior Provincial a quem pertence, solicito da salvação das Freiras, as tenha efficazmente amoestado por meio de seus Frades, obrigando-as com mandados, e preceitos, e com rogos, que por honra sua, e d'elles guardassem clausura, assi como se guarda no Mosteiro de S. Sixto na cidade de Roma: ellas com tudo ou a maior parte d'ellas mettendo-se voluntariamente em perigo o não querião fazer, e appellavão d'elle Provincial, e de seus Frades pera nosso veneravel irmão o Bispo de Lisboa. Pola qual rezão nos foi humilmente pedido por parte de nossos amados filhos o Mestre geral da dita Ordem dos Prégadores, e do Provincial, e dos mesmos Frades, que os qu izessemos absolver do cargo, e cuidado d'ellas, e do seu Mosteiro, pera que se não siga a elles, e á dita Ordem dos Prégadores alguma nota de murmuração, vivendo as Freiras com licença de liberdade nociva. Por onde querendo nós pola obrigação de nosso officio proceder no caso com a diligencia que convem, e prover n'elle acertadamente, a vossa descrição, e bom juizo estreitamente comettemos, e encommendamos em virtude de santa obediencia, que vades pessoalmente ao dito Mosteiro, e com cuidado vos informeis das mesmas Freiras, e de outras pessoas fidedignas sobre estas cousas, dando-lhes primeiro juramento, polo qual declarem se as ditas Freiras por espaço dos ditos annos viverão debaixo da obediencia, e cargo: e segundo os estatutos dos ditos Frades: e se os ditos Frades poserão, e tirarão Prioressas, e exercitarão no dito Mosteiro o officio que acima fica declarado: e tambem se elles Frades, ou outros de seu mandado, e licença lhes administrarão os sacramentos Ecclesiasticos, e juntamente se as Freiras fizerão profissão em mão dos mesmos Frades, (ou por ordem d'elles em mãos da Prioressa que polo tempo foi), prometendo a elles perpetua obediencia, e recebendo o habito de sua mão, ou por ordem sua. Por maneira que haja clareza, se todas estas cousas succederão, e teverão effeito sem contradição dos Bispos d'esse lugar, exceito do que agora he: e se he fama publica que estas Freiras sejão communmente nomeadas por Freiras da dita Ordem dos Prégadores. E constando por esta tal inquirição serem verdadeiras, e certas as cousas acima ditas, em tal caso determinadamente, e com nossa autoridade mandareis ás ditas Freiras, que com effeito obedeção ao dito Provincial, e Frades,

em tudo o que lhes ordenarem a cerca das cousas acima ditas: e sobre tudo sem dilação nem replica se determinem viver em clausura, como se vive no Mosteiro de S. Sixto, etc. *E mais abaixo.* Mas se por ventura não achardes que as ditas Freiras ou Sorores forão entregues por letras Apostolicas á obediencia dos ditos Mestre, e Provincial: ou não constar d'estas cousas: com tudo porque muitas cousas são verdadeiras, que se não podem provar, absolvereis á cautella ao dito Mestre, e Provincial, e Frades de terem mais cuidado d'estas Freiras, e do dito Mosteiro. E a ellas obrigareis pola mesma censura, e sem appellação sendo primeiro amoestadas: que deixem o habito da dita Ordem dos Prégadores. Dada em Perosa aos 21 de Fevereiro anno segundo de nosso Pontificado.»

Este anno segundo de Clemente IIII responde ao justo aos annos do Senhor de 1266. Porque elle foi posto na Cadeira Pontifical por Novembro de 1264. E como havia mais de trinta annos, segundo o Breve relata, que o Mosteiro era da obediencia de S. Domingos, juntos estes trinta e tantos aos da Bula da Confirmação de Gregorio IX que foi expedida, como atrás apontamos, no de 1234, vem justamente a compor o numero de 1266, que foi o mesmo em que o Papa Clemente despachou este Breve. E polo conseguinte não dá tempo nem lugar em que o pudessem ter estas Religiosas pera deixarem de ser Dominicas, e terem hum só dia de Conegas regrantes. E não he duvida pera entre gente Curial serem nomeadas por Freiras, e ainda Conegas da Ordem de S. Agostinho: porque este titulo com sua distinção, sustentarão sempre as nossas, respeito da primeira regra d'este Santo, que ellas, e os Frades seguimos, como se verá ad diante(*) de uma petição das Freiras de Santarem feita ao Papa: e por hum Breve Apostolico passado em favor das de Corpus Christi do Porto.

Parece cousa superflua despender mais rezões n'esta materia, onde houver quem queira sem paixão considerar este Breve, e tudo o que d'elle em nosso favor se collige, como he, o litigarmos por deixar o Mosteiro, o buscarmos pera isso poder do Principe da Igreja, (o que tudo escusavamos se não fora nosso, ou se tevera qualquer dependencia, ainda que muito escura, de qualquer outra Ordem), e não fallar o Papa nem huma só palavra no titulo que a pedra lhe dá de Conegas regrantes, nem n'outro algum, antes como quem tinha por certo ser nosso, mandar com efficacia aos Commissarios, busquem por onde nos prendão, e

(*) L. 5. c. 27. L. 6. c.

obriguem a não largarmos a administração. Do que tudo naceo, (porque os Commissarios deixarão a causa indecisa), não nos podermos acabar de isentar d'ella, senão ainda vinte e nove annos adiante no de 1295, sendo falecida a Prioressa Tareja Fagundes, e eleita em seu lugar Maria Sebastião.

E pera que nos não fique nada por dizer: d'esta Tareja Fagundes ainda hoje vive no cartorio do Mosteiro de S. Domingos das donas de Santarem(*) huma doação que ao diante irá tresladada, pela qual consta que por Ordem dos Prelados Dominicos mandou duas Freiras de Chellas, fundar n'aquelle de Santarem a nossa Religião, que humas, e outras seguião: e no mesmo de Chellas anda uma procuração autentica, que confirma a sobjeição em que vivia da Ordem, da qual o treslado de verbo ad verbum he o que se segue:

«Nós Tareja Fagundijs Prioressa do Mosteiro de Acheilas, e mais Convento ordenamos, estabelecemos, e confirmamos por nosso lidimo Procurador Frei Fernando Fruituoso portador d'esta nossa procuração, pera arrecadar aquelle erdamento, que nos tem forçado dom Roy Fernandes Alcaide da Azambuja: e pera receber o pão, e tomar posse, e arrecadar, etc. *E abaixo despois de algumas clausulas.* Rogamos dom Frei Gil Prior dos Frades Prégadores de Lisboa, de cuja Ordem nós somos sojeitas, que nós isto outorguedes, e dedes licença ao dito Frei Fernando Fruituoso de receber esta procuração. *E logo conseguintemente.* Eu dito Prior rogado da dita Prioressa, e do Convento do Mosteiro de Achellas, outorguei, e outorgo licença ao dito Frei Fernando Fruituoso de receber esta procuração em si: e douli poder de fazer livremente todas as cousas de sosoditas, e cada huma d'ellas, e outorgo, e concenso na dita procuração: e pera isso não vir pois em duvida, faço esta carta de segelhar do segelho de meu officio do davamdito Priorado, e nos de suso ditas Prioressa, e Convento posemos aqui os nossos segelhos. E por esta procuração ser firme, e estavel por todo sempre, os que forão presentes Frei Domingos dito bom, Estevão João, Vasco Vicente. Feita a procuração em Achellas oito dias andados do mez de Julho; Era M.CCC.XXX annos (*que responde ao anno de Christo* 1292 »

Mas porque rezão que não falte alguma prova moderna entre tantas antigas, cerraremos este capitulo com huma bem notavel acompanhada de um gracioso caso succedido de fresco em desgraça, e reprovação to-

(*) L. 5. c. 25

tal d'esta pedra. Tinhão-na collocada, e publicada os edificantes, quando cairão na conta que lhes ficava das portas a dentro vivo, e em pé hum testemunho que desbaratava o artificio, e condemnava o edificio: e era estarem no mesmo tempo toda aquella communidade rezando o Breviario Dominicano, e usando do nosso Ordinario, e cerimonias d'elle. Fizerão então instancia por introduzir o Romano. Mas como são máos darrancar costumes velhos, foi necessario violencia. Esta por ser de muita força, desterrou o Dominicano no anno de 1608. E assi podemos dizer, que teve mais poder com estas Religiosas o estimulo, ou respeito de conservarem a opinão do seu marmore, do que teve no tempo passado o mandato de um Pontifice Romano que foi Pio V, e o decreto de um Concilio universal, que foi o Tridentino: contra o qual alegarão, (e lhes valeo) que o mandato Pontifical exceituava as Communidades que de duzentos annos atrás usassem particular Breviario: e a sua não tinha menos annos de uso do Dominicano, dos que contava de fundação, e quasi tantos como a mesma Ordem Dominicana, que passavão então de trezentos e cinquenta. N'este caso não fica que dizer, se não, que ou haja quem faça a esta pedra o que Afonso de Albuquerque (*) fez a outra na India por se livrar de contradições, que foi virar-lhe pera dentro da parede a face escrita, e mandar esculpir na contraria aquella sabida letra: *Lapidem quem reprobauerunt ædificantes* (**). Ou que nos acuda o juizo do piadoso hermitão Jacobo (***), que sendo presente a huma maliciosa sentença de hum juiz Persiano, mandou a hum grande marmore que lhe servia de tribunal, que mostrasse em si a pena que merecia quem n'elle se assentava, e assi sentenciava. E no mesmo ponto estallou por toda parte o feixo ferrenho, e mocisso, e se desfez em pó.

A fama, ou sonho que anda na boca do povo, fundado na semelhança do nome: de que n'este valle, e entre as Vestais foi escondido o moço Achilles por quem lhe queria bem, polo divertirem da guerra de Troya, e que d'ahi lhe ficou o nome: he mera fabula, e indigna d'este lugar. Pouco sabia de computação de tempos, quem ajuntou Achilles com Vestais: e pouco das mesmas fabulas quem com esta se enganou. Mas nem a vaidade d'ellas, nem a sem rezão da letra me podem tirar fazer memoria de algumas cousas que achei n'esta casa, merecedoras de as não escurecer o tempo, como faz a tudo. E ajuntallasemos logo.

(*) Comment. de Afonso de Albuq.
(**) João de Barros Dec. 1. l. 5. c. 11.
(***) Theod. lib. de viribus illust.

CAPITULO XXVI

De algumas particularidades notaveis do Mosteiro de Chellas.

Despois que temos mostrado com evidencia ser este Mosteiro a primeira pranta de donzellas recolhidas em clausura neste Reino, pola diligencia de um filho, e discipulo immediato de S. Domingos: em boa rezão está que tratemos d'elle, como de casa nossa: e mostremos quanto lhe montou sua doutrina pera o tempo adiante: e o muito que lhe val hoje a fama, e certeza d'ella, inda que tão mal confessada por quem mais a devera conservar, e manter. E começando por esta certeza, ella he a que me obriga a ser seu Chronista não rogado nem requerido. E quanto á doutrina, he de saber, que ficou tão bem assentada nos animos das primeiras Religiosas que a receberão: que passando ás successoras foi sempre correndo de mão em mão com notavel aproveitamento; e lançando por todas as idades hum cheiro de virtudes excellente, como mistura de materiais aromaticos confecionada de mão, que por muito antiga não pode perder a viveza da primeira fragrancia: perseverou, e chegou até o presente em grande numero de Religiosas. E ainda que nos escondeo, e apagou a memoria de quasi todas, quem tudo acaba, e desbarata, que he o curso dos annos, temos com tudo indicios mui certos de seu grande valor, no de algumas, que em nossa idade, e de nossos pais alcançamos. E não obsta a queixa que atrás referimos feita pelos nossos Frades á Sé Apostolica. Porque esta consistia só em não quererem as Religiosas d'aquelle tempo consintir na estreiteza da clausura de São Xisto, sendo em todas as mais partes de nossa Constituição observantissimas, e tendo por si innocencia grande de costumes, ponto, e brio de nobreza, e o uso, e liberdade em que vivião todas as mais Freiras de Portugal. E tenho pera confirmação d'este discurso alguns testimunhos do Ceo em seu favor, tão extraordinarios, e gerais, que de força havemos de confessar, que erão merecimento de virtudes tambem gerais. Que sofra Deos culpas, e peccados por algum tempo, com aquella sua longanimidade, e misericordia de verdadeiro Pai, ordinariamente o vemos: e tambem vemos que do que tarda em castigar se paga, e recompensa no peso, e graveza dos castigos. Mas huma continuação de mercês suas sem interpolação de tempos, he grande sinal de haver a mesma na guarda da Religião(*). Conforme aquillo: *Oculi Domini*

(*) Valer Max.

super iustos, e o que a Igreja sagrada canta, quando encommenda aos homens a execução da vontade Divina: *Qui nulla eis nocebit aduersitas, si nulla dominetur iniquitas* (*). Seguros, diz, estarão de todo mal, se de ode peccado se acharem izentos. Sabemos, (e he grande caso, e com tcerta, e constante tradição provado), que aconteceo muitas vezes pegarse fogo no Mosteiro, casa de edificio velho, e desemparada de auxilio de homens, atear-se em madeira seca, estar longe a agoa, assoprarem ventos: e todavia acudindo a communidade á oração parar o incendio, e como mandado obedecer aos brados do santo ajuntamento.

Maior caso he, que ardendo a cidade de Lisboa em outro fogo muito mais temeroso de furiosa peste, em differentes tempos, e por muitas vezes, (como adiante o contará a Historia,) e não podendo escusar o Mosteiro communicar-se com ella pera remedio da vida: nunca já mais naquelles claustros se exprimentou, nem sintio ar contaminado. Antes pera mostrar o Ceo, que como casa de gente santa morava debaixo da protecção do Senhor delle, aconteceo, (e ficou em memoria) o que agora diremos. Entrou dentro hum lavrador que levava certa renda de pão, e foi medil-a ao cileiro. Hia ferido do mal, e em tal estado, que em saindo fóra da clausura cahio morto: esteve rodeado de muitas Religiosas, e a nenhuma danou a contagião. Antes he de considerar, que a força do bom ar que a Divina bondade mantinha entre ellas, apertou. e refinou o danado, que o morto trazia comsigo pera o matar mais depressa: como se vê em boa filosofia na polvora da espingarda, que faz maior effeito, quanto mais attacada. Assi não ha lembrança, que em tempo algum desemparassem a santa clausura: Com o que podemos confessar qne nos tem honradamente recompensado a queixa que tevemos de suas antecessoras.

Mas sobre todos os casos descobre as misericordias, com que o Senhor olha esta casa, hum muito estranho, que foi servido mostrarnos em nossa idade: do qual vivem ainda hoje por testemunhas muitos vizinhos della: e algumas Madres que com grande consolação, e suavidade d'alma o contão, como pessoas que forão presentes. E quasi todas as que despois entrarão, o ouvirão ás que são mortas. Entrou o Duque de Alva em Lisboa no anno de 1580 acompanhado de hum luzido exercito por terra, e grossa armada por mar, sem mais repugnancia, que um leve recontro que teve nos muros della com poucos homens faltos de forças,

(*) Psal. 33.

e armas, e muito mais de conselho: e como se fora semelhante o perigo ao que noutro tempo experimentou no rio Albis em Alemanha, quiz representar famosa vitoria, publicando saco contra a terra que lhe não resistio: e não duvidou contra toda lei de boa guerra entregar á cubiça, e furia dos Soldados, que quasi não tinhão arrancado espada, tudo o que havia fóra dos muros, e tres legoas á roda da cidade. Havia muitas casas de Religião. Como entre Catholicos mandou todavia acudir com guarda ás mais notaveis. Ficou a nossa de Chellas, ou por distante, ou por menos conhecida, sem nenhuma. Encheo a Igreja a gente das Quintas vizinhas: e os claustros, e officinas o que cada hum tinha de mais preço. Entrando a primeira noite, e crescendo com ella o temor do que se esperava, tomarão as Religiosas a cargo passal-a em vigia, por não serem colhidas de improviso. Eis que entre as onze, e a meia noite sentem que se picava o muro da cerca. Esperta-se toda a Communidade, acodem á parte donde soava a obra. Havia já hum agulheiro feito, que se via por elle a claridade da Lua da outra parte. Dão-se por perdidas, correm á portaria, e ao Coro pedir favor a Deos, e aos homens que havia. Sairão logo alguns fóra, mais pera atalaias, ou escutas do que se fazia, que pera remedeadores do dano que se tinha por certo em tal tempo. Mas tornarão logo cheios de novo medo, referindo por maior mal, que vinhão cercando o Mosteiro huma grossa esquadra de Cavallos. Não faltarão outros atrevidos, que quizerão dar fé do que estes affirmavão, e contarão vinte cinco lanças, que todos sem faltar hum, cavalgavão cavallos brancos, e vestião sobre as armas marlotas brancas. E o que mais espantou, notarão que sem parar forão dando voltas ao Mosteiro, e com tanto silencio, que nunca se sintio, nem poude colher palavra de entre elles: e durou o passeo sem outro effeito até as tres despois da meia noite. O mal que se temeo de tanta gente junta, como maior, fez esquecer o menor dos que aportilhavão a cerca. Mas sucedeo, sem se saber como, que cessou o rumor dos instrumentos que a batião. Amanheceo o dia seguinte, foi dando com a luz tregoas ao medo da noite, e lugar a se fazerem discursos do que nella se vira. Assentavão todos que a Cavallaria era do exercito, e viera mandada pera guarda do Convento, pois della não resultara dano, mas antes fogirem os que rompião o muro. Neste ponto chegou recado em nome do Duque, com disculpas de não ter mandado acudir áquella Casa, offerecendo fazel-o logo, como de feito mandou. Foi a resposta das Madres cheia de agradecimentos da offer-

ta presente, mas maiores da obra da noite passada: a qual sendo contada aos messageiros, e despois no exercito, foi ouvida com maravilha. Porque em todo o campo, segundo affirmavão, não havia vinte cinco cavallos brancos repartidamente: quanto mais juntos em huma só companhia. Donde naceo darem por certo, assi as Religiosas, como os vizinhos que forão presentes, que os vinte cinco Cavalleiros erão os seus Martyres que teverão cuidado de as vir defender, e guardar: e fundavão a verdade no numero, nas cores, e no effeito. No numero, porque faltava nelle hum só pera vinte seis, o qual não era rezão aparecer em tal habito, (isto dizião por Santa Natalia.) Nas cores, porque tais são as com que assistem os Martyres diante do trono Divino, despois que lavarão suas roupas no sangue do Cordeiro: e as tirarão delle mais alvas que neve: mas só com esta differença que la tem nas mãos palmas de triunfadores: cá empunharão lanças de combatentes no effeito, porque livrarão a casa do perigo que já tinhão nos olhos, e do que mais pudera succeder na mesma noite.

Com tais maravilhas costuma Deos honrar as Communidades que o buscão, e amão: e bastavão estas pera prova de quam bem servido foi sempre nesta de Chellas: se me não parecera que fazia offensa a todo o Mosteiro, deixando em silencio o que sabemos de algumas Religiosas, que em nossa idade se forão delle pera o Ceo. Cousas são que não espantarão menos que as que acabamos de contar, e acreditarão igualmente o valor de suas antecessoras. Seja a primeira a Madre dona Maria da Silva, que governou esta casa quarenta e dous annos, que foi todo o tempo que viveo despois de huma vez eleita. Tal era sua vida, que dezia por ella el Rei dom João o Terceiro, que se fora possivel repartir dona Maria por muitos Mosteiros, só com isso os dera todos por mui reformados. Muito faz ao caso approvação de Rei tão santo, muito importa o que sabemos das virtudes desta Madre: mas temos entre maons hum successo visto, e palpado neste mesmo anno de 1622, em que isto vamos escrevendo, tão extraordinario, que podemos crer o permitio Deos pera que sem escrupulo a veneremos por Santa. Ultimo dia de Janeiro trinta, e tres annos despois que a comia a terra, se abrio a sua sepultura pera lançarem nella huma sobrinha sua. Achou-se consumido, e tornado cinza tudo o que com ella se enterrou, e até os ossos quasi delidos: só apareceo são, e inteiro o veo preto, com que todas as Freiras se enterrão, e envolta nelle a caveira descarnada, e seca. Grande, e mis-

teriosa prodigio: em que o Senhor, ao que parece, nos está mostrando que manteve esta Religiosa inteiramente, e sem quebra os dous pontos que a todas se encomendão na profissão. He o primeiro, que saiba a professa que ha de presentar diante do tribunal de Christo sem nodoa nem magoa aquelle veo que recebe. Segundo, que o aceita, como ferrete no rosto, e em sinal de que a nenhum outro amor dará lugar em sua alma: que isto querem dizer as palavras: *Suscipe velamen, quod perferas sine macula ante tribunal Domini nostri Iesu Christi.* E as outras da Antifona: *Posuit signum in faciem meam, ut nullum præter eum amatorem admittam.*

Fama havia no mosteiro que fora visto semelhante successo nelle treze annos antes no de 609 na sepultura da Madre Sor Elena do Espirito santo, que falecera outros treze atrás no de 1596. E contavão que não se achando nella mais que terra, e ossos, aparecera o veo preto tão abraçado com a caveira, e tão são, que procurando o Coveiro tiral-o com a enxada, quebrou, e partio a caveira, e não o veo: de sorte que estavam ossos mais podres que hum fraco lenço. Mas em geral foi menos o espanto, ou por parecer pouco espaço o de treze annos, ou tambem porque estava fresca nos animos das Religiosas a memoria de suas virtudes: affirmando-se della estremos de penitencia, e huma continuação de oração admiravel, e tanto cuidado em andar composta, que sendo porteira quasi toda a vida, nunca secular nenhum lhe vira o rosto descuberto, se não fora o Medico.

Sabida cousa he, que se não izenta de corrupção debaixo da terra nenhuma cousa criada, se não he o ouro, que tem este privilegio até contra o fogo: e por isso he simbolo de perfeição. Grande credito da religião desta casa: em que ficamos duvidando se deve mais á terra que tanto respeito guarda aos seus veos, ou os veos a sua virtude, que he a que por boa conta os preserva de corrupção: principalmente mostrando-nos Deos de novo nella, e neste mesmo anno de 622, e na mesma materia terceira maravilha que logo contaremos. Tinha vivido a Madre Sor Brites da Paixão muitos annos com grande opinião de santidade, e acabado sua carreira com fim semelhante no anno de 603, Sabia-se que até a ultima doença, de que acabou, fora sua cama huma cortiça accompanhada de pobres mantas, e por cabeceira hum madeiro seco, que despois de longos dias trocou em huma almofada de lam, mas tão embutida, e dura, que quasi não ficava sendo menos penosa pera a cabeça. Je-

juava a pão, e agoa todas as sestas feiras do anno, e na Quaresma ajuntava as quartas feiras: e todo o mais tempo de Quaresma, e Advento passava com legumes sem outro mantimento. Sendo muito caritativa, e piadosa com todas, seguia hum aperto estranho de pobreza consigo: porque possuindo com licença huma tença grossa, toda despendia em esmolas, nada em commodidade ou alivio seu. Assi quando veio a falecer não se lhe achou na cella mais que huma pobre Cruz de páo. O vestido que tinha era somente quanto pedia a necessidade para se mudar, e lavar, sem peça de guarda, ou de sobejo. Conformando-se com seu nome era devotissima da Paixão: e foi o Senhor servido pagar-lhe a devação com a levar pera si no dia da Exaltação da santa Cruz: e com lhe dar a sintir nos ultimos dias da vida, em pés, e maons, e coração humas gravissimas dores, que sendo rscebidas por ella com grande paciencia, affirmava, que sem auxilio Divino era impossivel atural-as. Veio a abrir-se a cova, em que fora sepultada, pera outro enterro, alguns meses despois que se vio o que contamos na da madre dona Maria da Silva. Erão passados ao justo dezenove annos, e não havendo mais que cinza de todo o despojo mortal, achou-se o veo preto salvo de corrupção, e como cosido com a caveira. Pera consolação da nobreza, e lembrança do muito que obriga a quem a tem, he de saber que erão estas Religiosas todas tres muito nobres. A madre dona Maria filha de João Fogaça Deça-que foi irmão de dona Joana Deça Camareira mór da Rainha dona Catherina. Sor Elena sobrinha do Arcebispo de Evora dom João de Mello, filha de seu primo com irmão Antonio d' Azevedo de Castro. Sor Brites filha de dom Fernando de Lima. Resta-nos pera conclusão do que prometemos, dizer só de outra Religiosa, será no Capitulo seguinte: advirtindo primeiro duas cousas nos prodigios referidos. Huma será, que nossa tenção não he dar por milagre nenhum delles, nem dos que adiante escrevermos, em quanto pola Igreja não forem calificados: sem embargo de sabermos que nestes annos proximos se sentenceou por verdadeiro milagre polo Ordinario da cidade de Coimbra, com parecer de grandes letrados, achar-se hum Rosario na caveira de hum defunto enterrado de quatro ou cinco annos, que estava são, e sem corrupção, assi no páo das contas, como no cordão que as infiava. A outra será que nos dous veos das Madres dona Maria da Silva, e Sor Brites da Paixão fizemos estreitas diligencias com os mesmos padres, que os teverão em suas maons, assistindo aos enterros das defuntas, que forão causa de se acharem

Só no veo da Madre Sor Elena como em cousa mais atrazada não achei tanta clareza, sem embargo, que dura a memoria delle como dos mais entre as Religiosas do Mosteiro.

CAPITULO XXVII

Da Madre Sor Felipa do Espirito Santo.

Com setenta annos de habito, e oitenta e cinco de idade deixou a vida mortal pera passar á eterna a Madre Sor Felipa do Espirito Santo, entrando o de Christo de 1617. Temos na vida d'esta Religiosa dous estremos, que não só espantão, mas atemorizão, considerados com attenção. Foi o primeiro huma longa continuação de penalidades, e rigores voluntarios. E o segundo outra corrente de afflicções mandadas da mão de Deos: humas, e outras espantosas por grandes, e pesadas, e pola paciencia com que as levou, igual a ellas: que não ha mais encarecer. Entrou Sor Felipa muito moça na Religião: mas trazia já de fóra tanto lume das cousas de Deos, que podemos crer foi prevenida com as bençoes de suavidade celestial, que o Senhor costuma dar a seus amados quando he servido. Vio-se isto em huma entranhavel devação, que n'aquella tenra idade começou a ter ao Santissimo Sacramento, acompanhada de fé tão viva, que antes de ter annos pera cobrir manto em casa de seus pais, já tinha entendimento pera notar, e saber estimar os discursos com que os Prégadores procuravão dar a entender as maravilhas d'aquelle soberano memorial de nossa redenção: e entrada na Religião, nenhuma cousa fazia com mais gosto, que empregar-se toda em sua veneração, e serviço, Assi tanto que se vio professa, que foi aos dezaseis annos de idade, ou pouco mais, começou um genero de vida de molher perfeita. Diligentissima em acudir ao Coro, alegre no serviço d'elle, ultima em o deixar. Na guarda da regra não só pontual consigo, mas tão zelosa, que polo tempo em diante não duvidava reprender defeitos onde os via. Ao que ajuntava profunda humildade, e huma mortificação de todos os sentidos maravilhosa. O seu jejum era tão estreito que pasmavão as outras Religiosas de como se podia sustentar. As disciplinas erão continuas, e asperas: e pera serem de mais tormento, erão tão gerais que até nos braços, e pulsos lhe forão notadas por muitas vezes nodoas azuis, e pisaduras grossas. O sono quasi nenhum, porque

chegou a estado que, passado hum breve espaço que tomava pera repousar, logo corria pera o Coro, e poucas vezes tornava d'elle senão pola manhã. Mas tal era o leito que a agasalhava que não fica de espantar se dormia pouco. He cousa sem duvida que em muitos annos se lhe não soube mais cama que huma cortiça com duas mantas grossas, e por almofada hum madeiro roliço envolto, por honra, ou por fogir vangloria, em huma toalha. Tambem he certo, que nunca vestio tunica de linho, senão tres dias antes de falecer. No amor da pobreza chegou a termos, que não havia em seu poder peça nenhuma de gosto ou curiosidade, senão era um devoto Crucifixo que muito amava. Na devação do Santissimo Sacramento creceo grandemente: fazia-lhe a festa todos os annos em quanto não houve confraria assentada entre as Religiosas: o custo d'ella pera ser mais meritoria era grangeado com abstinencia de todo o anno, tirando-o da pobre pitança do refeitorio. E porque isto era pouco, ajuntava tudo o que lhe davão tres irmãos que tinha, dous Clerigos ricos, e hum secular, sem reservar pera si nada. E não he pera esquecer que tinha por costume acrecentar n'este dia o jantar de toda a Communidade, com duas pitanças á sua custa: estas erão sirejas, e leite: banquete humilde, e pobre na sustancia, mas cortezão, e rico na tenção: representava n'elle ao que parece, ou as cores das especies sacramentais de pão, e vinho: ou aquellas que a Esposa santa gaba no Divino Esposo (*), quando por alvo, e córado o dá a conhecer ás filhas de Jerusalem. E hum caso houve despois de sua morte, que deu bom indicio que não desagradava no Ceo a devação. Porque na verdade a sua festa maior era toda de fervor de espirito, como se deixa entender do aparelho que usava todas as vezes que se chegava á santa communhão. Este era confessando-se á vespera, seguir a confissão com huma rigurosa disciplina, e despois guardar silencio até todo o dia seguinte. Ao commungar se fazião seus olhos lingoas do que lhe passava n'alma, tornados duas fontes de lagrimas, que algumas vezes polo impeto, com que sahião, era necessario ao Sacerdote esperar, e dar-lhe lugar. Despois que as Freiras ordenarão entre si confraria, ficou fazendo sempre o gasto de toda a cera, com tanto gosto de sua parte, que não sofria se chamasse isto gastar, se não enthesourar: ao que ajuntava todas as quintas feiras do anno rezar-lhe o officio inteiro da festa. No serviço da Communidade não havia Religiosa que mais trabalhasse: incansavelmente fazia todos os

(*) Cant. 5.

officios: já sacristã, já escrivã, tangedora, e cantora continua: já Mestra de Noviças, Vigaira; Porteira: pera cada cousa d'estas parecia que só nacera. Tal era seu talento em tudo. A brandura, e boa sombra com que procedia, fazia-a amada de todas: a prudencia, e gravidade igualmente respeitada. Começarão-lhe a render esta vida, e calidades opinião de Santa, em casa, e fóra d'ella. E ella a tinha de si tão differente, que sempre andava buscando occasião de fazer por sua mão o que era obrigação das mais humildes servidoras de casa: e porque não houvesse quem lh'o tolhesse, valia-se das horas em que as Religiosas estavão recolhidas. Aconteceo louval-a huma Religiosa em certa occasião, e nomeal-a por Santa. Assi se offendeo como pudera fazer outrem de uma grande affronta: e cheia de espirito não dilatou tomar a vingança em si do juizo alheio, dando-se com sua propria mão duas bofetadas com tal força, que lhe ficarão os dedos assinelados nas faces. E pelo contrario succedendo outro dia tratarem-na mal de palavra, (era em hora que rezava por hum livro estando em pé), não sómente manteve silencio ouviado-se afrontar: mas poz os joelhos em terra, e foi continuando sua oração sem fazer movimento, nem mostrar sentimento.

Com tal vida entrou Sor Felipa pelos annos da velhice. Parecia tempo de descançar, ou ao menos aliviar hum pouco de tanto trabalho. Mas foi tanto ao revés, que então começou a entrar em novos, e extraordinarios trabalhos, que lhe não deixarão hora de repouso até o ultimo fio da vida. Quem se não espantará? quem não pasmará de medo, vendo ao parecer mal tratada huma virtude tão sobida? Parece que quiz Deos mostrar-nos nesta Religiosa hum retrato do que n'outro tempo fez com o Santo Frei Henrique Suso Frade tambem d'esta Ordem(*). Tinha Frei Henrique passado grande parte de vida em estranhezas de penitencias, e mortificações: e ouvio hum dia que lhe dizia o Senhor. Atégora andaste por escolas baixas, foste soldado de pé. Convem que saibamos pera quanto prestas, passando adiante, e posto a cavallo. E confirmou estas palavras com uma bataria de tormentos, e afflicções tão rigorosa, que algumas vezes lhe chegavão a por em risco a paciencia, e a confiança: o mesmo temos em Sor Felipa. Quando naturalmente devera ser izenta de todo peso, e cuidado, e antes começar a lograr os premios de huma vida pura, ordenou a Summa bondade proval-a em huma fragoa de dores, de desastres, e martyrios. Vai muito a dizer de mortificações vo-

(*) Surius in vita Henr. Suson.

luntarias, e caseiras, ás não esperadas, e que vem de fóra. Doem menos aquellas polo que tem de eleição, e mão propria: ferem estas com mais força, por serem de braço alheio: e fazem-se mais sintir, quanto são menos previstas. Começou o primeiro assalto por huma gravissima doença. D'esta lhe procederão humas dores de estamago tão intensas, e continuas, que não erão menos que dores de inferno(*). Porque não havia n'ellas remedio nem alivio, senão com mal maior: e passa assi que todas as vezes que aparecia o Ceo escuro, lhe cobrião o coração outras tantas nuvens com medo de trovões, e raios, e não havia senão morrer de aflição. Então se suspendião as dores de estamago, quanto durava o assombramento do ar. Era n'ella o temor de Deos igual ao amor; porém confessava maior medo nas carrancas do Ceo irado.

Continuava este mal, e ella não cessava de servir, e trabalhar, como quando mais sam. E assi chegou aos setenta e cinco annos. Pera este ponto lhe estava guardada nova, e maior Cruz. Era Porteira: e succedendo haver obras de pedra, e cal no Mosteiro, tinha hum dia a porta meio aberta pera correr o serviço: e estava a caso detrás em pé, e rezando por hum Breviario: empuxarão subitamente a porta dous homens que acarretavão pedra com uma padiola: e foi tal o impeto, ajudado do peso que levavão, que encontrando a pobre Porteira, derão com ella por terra tão pisada, e maltratada, que d'ali a levarão atravessada em hum colxão, dando gritos que chegavão ao Ceo. E porque ninguem duvidasse que do Ceo procedião, notou-se, que foi o desastre no dia de sua maior devação, que era uma quinta feira, e a reza, em que entendia, o officio do Santissimo Sacramento. E não se queixava de balde, porque vindo Cirurgiães, acharão que d'alto abaixo ficára moida, e desconjuntada quasi toda a armação d'aquelles ossos velhos, e cansados: e tratando de remedio não obravão as mezinhas, ou pola fraqueza do sojeito, ou porque o Senhor, que dera o mal, não permittia que tevessem bom successo. Assi esteve padecendo mortais tormentos dous annos e meio: e tão tolhida que em todos elles não foi senhora de se virar sobre hum lado. E pera qualquer movimento, que nunca era sem grandes dôres, se valia de cordas lançadas a huma trave da cella. Mas he muito de notar o como levava tanto mal. Louva a Escriptura sagrada a Job de não peccar(**), nem soltar uma só palavra descomposta nas

(*) Psal. 17.
(**) Job 1.

sintidas queixas, em que o fizerão romper suas calamidades. E nós temos em Sor Felipa hum Job tão sofrido, e considerado, que nunca de sua bocca sairão rezões mais abrazadas em amor de Deos; nem louvores mais encarecidos de suas misericordias, que quando as dores erão mais vivas, e mais crueis. Era novo genero de tormento a cella em que a recolherão: porque d'ella a huma sepultura havia pouca differença. Tinha em comprimento pouco mais de doze palmos, e sete de largo: o sitio debaixo de huma escada: a luz tão alongada, que quasi sempre era noite n'ella. N'este purgatorio aturou oito annos, e meio sem nunca se queixar, nem deixar de rezar o officio Divino, ajuntando ás quintas feiras o do Sacramento, jejuando as Quaresmas, e adventos inteiros, e dos mais tempos as quartas, e sestas, e sabbados, com tanto rigor, como quando era muito sam.

Affina-se a virtude na tribulação. Porque acode o Senhor a seus servos com favores aventajados aos trabalhos que lhes dá. Tão resignada vivia Sor Felipa na vontade Divina, que ficando toda aleijada, de maneira, que sem duas muletas não podia dar passo, todas as vezes que falava n'este desastre, o nome com que o significava, era a sua mercê de Deos. E dezia bem, porque do mesmo ponto começou a esprimentar altissimas mercês de sua divina bondade, humas vezes concedendo-lhe o Senhor tudo quanto pedia em requerimentos proprios, e alheios, de muita gente que em suas orações se mandava encommendar: outras mostrando-lhe visões sobrenaturais de grande consolação: outras revelando-lhe cousas futuras. E de tudo temos exemplos, e casos mui notaveis bastantemente verificados por muitas Religiosas, e por seus Confessores: os quais deixamos de referir, esperando que saião brevemente luz polos meios que a Igreja costuma: como será rezão pera gloria de Deos, e honra do valor Monastico, a pesar das lingoas venenosas que o perseguem, e mordem.

Corria por oitenta, e quatro annos de idade, quando a vida já não he vida, se não trabalho, e dor(*): e ainda o Senhor achava nella sitio pera empregos de novo merecimento. Na entrada de Janeiro de 1616 começou a sintir huns accidentes do coração tão vehementes, que do primeiro esteve vinte quatro horas sem fala, e ficarão-lhe acudindo em todas as conjunçoens da Lua. Dezia que se sintia com elles abrazar toda interiormente, e as angustias que padecia erão de morte. No meio de tanto martyrio era de ver a alegria de seu rosto, e a conformidade que

(*) Psalm. 89.

tinha com Deos, e as graças que lhe dava, em quanto podia formar voz. Chamava estes males, mimos celestiaes: e affirmava que erão tamanhas as consolaçoes que no ponto mais alto da tribulação sintia, que excedião a capacidade de sua alma: e podendo o corpo com a guerra dos trabalhos, a alma não podia com as mercès, e favores. Mas continuando os accidentes; a cabo de hum anno vierão a derribar de todo a natureza já por si caida, e passarão-na a melhor vida, com hum transito tão bem assombrado, e santo, que em todo o mosteiro deixou saudade, e enveja. E não se duvida que foi por ella muito antes conhecido. Porque tinha mandado avisar a certo Religioso de quem sabia que a encomendava a Deos, que quando lhe disessem que tinha mal em hum pé, soubesse que acabava sua carreira. Deu-lhe este mal dez dias antes da morte. Tres Religiosas de credito affirmarão, que na mesma conjunção, que todas andavão em pranto pola defunta, ouvirão excellente musica de vozes, sem poderem afinar onde era. O que de certo consta he, que estando por soterrar vintequatro horas, estavão suas maons, e braços tão meneaveis, e brandos, como quando mais saude tinha. E a cabo de trinta e oito dias que a sepultura esteve sem campa, houve hum official que com hum escopro se atreveo a fazer força nas taboas do caixão em que estava, e affirmou que sahia delle suave cheiro: o que logo foi confirmado por outros que chegarão a fazer a mesma experiencia. Tambem se averiguou que dentro do Mosteyro, e fora delle alcançarão saude repentina, e quasi desesperada algumas pessoas enfermas aplicando reliquias da defunta, e valendo-se da fé de seus merecimentos. Forão irmaons desta Religiosa Nicolao de Frias Architecto del Rei dom Felipe o primeiro de Portugal, e o P. Antonio de Frias Prior de Unhos, Igreja de grossa renda, em cujo serviço foi bom imitador das virtudes de sua irmã, como tambem o foi a Madre Sor Ines de Jesu Freira de S. Domingos no nosso Mosteiro de Abrantes, e tambem irmã sua.

Concluamos esta memoria com o que della se fica collegindo, que são duas cousas. A primeira que faça o leitor Juizo desta Casa, segundo as regras dos bons descubridores de minas d'ouro, os quaes dão por certo sinal de riqueza nas entranhas da terra, quando as mostras superficiaes são de metal fino. A segunda he, que saibão as Religiosas della, que todos estes bens devem á doutrina, e santidade daquelle grande espirito que Deos foi servido dar-lhes por seu primeiro Mestre, e fundador, que foi nosso glorioso Patriarcha São Domingos.

CAPITULO XXVIII

Do grande augmento, e prosperidade da Provincia de Espanha, no tempo que foi governada por dom Frei Sueiro. Dá-se conta de seu grande espirito, e virtudes, e dos annos que viveo.

Doze annos continuos achamos que governou dom Frei Sueiro esta Provincia que havemos de chamar Espanha sem agravo dos reinos particulares della, em quanto andar unida, e sem divisão de membros. Tal era sua prudencia, tais suas virtudes, que se muitos mais vivera, todos a governara. Notava-se em seu tempo que a olhos vistos crecião todos os bens nella, assi espirituaes, como temporaes. Favor do Ceo em grandes sujeitos que se vinhão ao habito, e em grande espirito que Deos dava a todos. Favor dos Reis em honrarem a Ordem: amor do povo em a estimar, pedindo tantas cidades prégadores, e desejando Conventos por toda Espanha, que não era possivel poder-se acudir a todas com o numero, e calidade de Religiosos que pera fundar convinhão. Assi ficarão principiados muitos, que todos referem sua origem a dom Frei Sueiro, e todos o tem por seu fundador: e os grandes Religiosos que nelles professarão, que forão muitos, e muitos delles Santos, o reconhecem por Pai. Que quando não teveramos dito, nem por dizer outra cousa deste famoso Portuguez, parecia bastante pera credito, e honra, e testimunho do seu soberano espirito contarmos sómente as virtudes dos subditos. Ganhão os soldados a victoria, conquistão o Reino: muita honra he de cada hum: mas toda junta, e a de cada soldado se refere ao Capitão. Porque ainda que muitas maons fazem muito, huma cabeça que as menea todas he a que acaba tudo. Foi o primeiro a reconhecer esta verdade o admiravel Santo Barcelonès S. Raymundo. Santo que antes de cumprir anno inteiro nesta Religião, foi fundador doutra. Na Summa de Casos, que á instancia de dom Frei Sueiro fez, lhe chama Beatissimo, dedicando-lha com este titulo no prologo: *Reverendo et Beatissimo Patri in Christo Fratri Gometio Priori Fratrum Ordinis Prædicatorum in Hispania Frater Raymundus de Pennia fort.* Filhos são seus pela mesma conta, hum S. Frei Poncio de Planedis, pois começamos por terras da Coroa de Aragão, que sendo Inquisidor morreo á mão de hereges, e morto fez o milagre de Jesué em Gabaom, (*) e do Mestre de Santiago dom Payo Correia Portuguez

(*) Josue 10.

no Algarve. (*) Mas com esta ventagem, que elles fizerão-no em vida, e Frei Poncio já tornado terra fria. Lá teve o Sol obediencia a vozes humanas: cá respeito a ossos secos, e mudos, porque parou em seu curso por espaço de seis horas, e tantas foi maior o dia das exequias deste Santo pera serem dignamente solenizadas. Hum Frei Pedro Cendra milagroso, que em sinal das muitas almas, que alluminou com sua doutrina, deu luz corporal a quatorze cegos sobre outras grandes maravilhas, Hum Frei Miguel Bennazar Malhorquin, que na infidelidade Mahometica nacido, deu affamado Santo convertido, Em seu nome forão recebidos á Ordem S. Frei Gil, e S. Pero Gonçalves Telmo em Palencia: o Santo Frei Lourenço Mendes em Guimaraens: e no mesmo lugar S. Gonçalo de Amarante, cujos milagres são hoje tão ordinarios, como trezentos e cinquenta annos atrás, quando erão quotidianos. De sua mão lançou o habito ao Santo Frei Paio, Santo encoberto, e desconhecido na vida; glorioso despois de morto, em Coimbra, como outro Santo Aleixo em Roma. De sua mão o deu em Montejunto a hum Chantre da Sé de Lisboa, grande em nobreza de sangue, maior em santidade, que por tal foi nomeado por seu adjunto em negocio de tanto peso, como a composição atrás referida del Rei dom Sancho com o Arcebispo de Braga.

Mas todas estas excellencias de dom Frei Sueiro podemos referir a outra maior sua, qual foi ser filho, e companheiro de nosso grande Patriarcha, ajudator inseparavel de seus primeiros trabalhos, criado aos peitos de sua doutrina, em a qual procurou imital-o tanto ao vivo, que pera de todo o tresladar em si, não lhe faltou mais que o nome: e assi foi outro S. Domingos em tudo o mais. Bem o conhecia o Pai, que não só nas obras, mas dentro nos peitos espiava coraçoens, polo espirito profetico que do Ceo tinha. E vendo o thesouro que aquelle vaso de barro escondia, havendo de mandar Apostolos á patria que amava, foi elle hum dos escolhidos pera tão honrada missão: e sendo quatro os que mandava, dos quais os tres lhe tocavão mais por lingoa, e vizinhança de nacimento, e merecião muito por valor, e partes: todavia desde logo lhe deu o primeiro lugar, e despois lho confirmou fazendo o pai de toda a Provincia. Foi a causa, que quanto mais adiantava na idade, e no exercicio de superior, mais se aventajava nas partes que lhe tinhão dado o

(*) F. Francisco Diago l. 1. c. 4. da Hist. da Ordem em Arag. Zurita l. 3. c. 75. dos Anais de Arag. Paramo l. 2. t. 2. c. 8.

cargo: que he grande prova de virtude conserval-a mandando, quanto mais melhoral-a.

Consideremos agora quais erão os companheiros, pera alcançarmos por verdadeira proporção a medida, e grandeza do que lhe foi dado por prelado. O que chamavão Frei Domingos pequeno, foi em tudo o mais tamanho, que a elle aconteceo aquelle memoravel caso (*), que atrevendo-se a tental-o, socapa de virtude, huma miseravel femea, instigada de ministros de Satanas, que não podião sofrer a força de suas reprensoens: elle lhe offereceo por cama hum monte de brasas abanadas, nas quais se lançou assi vestido como estava: e como se em cama de rosas se reclinara, assi esteve quieto, sem o fogo se atrever a offendel-o, nem em hum pelo do habito, pasmando os que vinhão de concerto, e segredo pera testemunhas do pretendido insulto. e ficando attonita a tentadora de medo, e de confusão: que todavia lhe valeo pera meio de salvação, como o foi de honra pera o Santo. E tal era o pequeno: e por elle poderemos fazer juizo das calidades dos outros dous. Bem sabia quem os ajuntou, que havia conveniencia entre todos, e não se pode cuidar menos. De tal gente se deu o governo a dom Frei Sueiro, e sendo isto pera elle hum novo genero de obrigação, pera em alto grão affinar todas as virtudes, como fez: pera nós he claro indicio da grande reputação que por toda Espanha devia ter de Santo. Assi o mostra sintir o Mestre Frei Francisco Diago na Cronica da Provincia de Aragão dizendo:

Santo Domingo hizo Provinciales de su mano al Santo Frai Iordan de Lombardia, y a Fray Suero de Espanha, que devio sin duda ser vn Santo. Porque pues Santo Domingo quando en Tolosa entendió en embiar sus hijos por el mundo, embiandolos tales, a cada parte, que algunos dellos fuessem Santos, qual fue Fray Miguel de Fabra entre los que embió a Paris, Fray Pedro Cellan entre los que embió a Limoges: no privó deste don tan del cielo a Espanha por ser su patria, et. *E o mesmo juizo faz o Mestre Frei Fernando de Castilho na Historia geral da Ordem, cujas palavras formais são.* Era entonces Provincial en estos Reynos de Castilla Fray Suero, hombre de mucha prudencia y santidady, y de tantas partes, que para saber quantas y quales eran, basta saber que le auia puesto em el officio el mismo Santo Domingo en el Capitulo General proximo passado, y aora entendia en el govierno y acrecentamiento de la Orden en toda Espanha, etc.

(*) Castilh. p. 1. l. 1. c. 29 Humb. p. 4. Leand. l. 3. Flam. l. 1.

E não obstante nem faz ao caso faltarnos noticia particular de suas penitencias, jejuns, vigilias, oração, e caridade: e ignorarmos prodigios, e milagres, testemunhadores da valia que por estas virtudes tinha com Deos. Porque como os Santos, sendo todos huns em serem Santos, não o são sempre pola mesma via, e modo de santidade: assi ordena, e permitte aquelle, que os sobe a esse estado, que huns vivão com grande nome no mundo: e outros que por suas obras merecião a mesma honra, sejão como peregrinos n'elle ignorados, e desconhecidos. Huns obrem grandes maravilhas: outros de igual virtude não fação huma em toda a vida. Huns vivão cheios de mimos, e consolações do Ceo: outros andem sempre desconsolados, famintos, e desfavorecidos d'elle: e todavia igualmente filhos, e igualmente Santos. Esta he aquella variedade que o Psalmista gaba nos panos d'ouro (*), e roupas bordadas, que com grande graça vestem a Esposa sagrada. Do que puderamos apontar exemplos, senão fora forçado irmo-nos recolhendo. Quem lé as vidas dos Santos me forrará o trabalho. E quem souber lançar boas contas, e quizer saber as estreitas mortificações de dom Frei Sueiro, sua levantada contemplação, seu ardentissimo amor pera com Deos, e com os proximos: os cegos a que deu vista em corpo, e alma, os coxos a que deu pes, os mudos a que deu fala, os enfermos que sarou, e em fim os mortos que resuscitou: veja, e considere tudo o que fizerão todos os Santos que atrás nomeamos, e os que ao diante apontaremos, e haja que tem achado o que fez dom Frei Sueiro. Porque quanto elles obrarão, e todos os que o conhecêrão por pai, tudo lhe rende hoje louvor na terra, e grandes grãos de gloria accidental no Ceo: e tanto por ventura mais avantajados lá, quanto cá foi menos celebrado seu valor. Viveu dom Frei Sueiro no cargo doze annos: faleceu cortado mais de trabalhos, e penitencias, e longos caminhos, que da idade. Escondeo-nos o tempo, e o descuido dos hodos homens sua sepultura, como as mais particularidades de sua vida, e morte, que puderão fazer esta Historia estimada, e deleitosa. Segundo os annos que governou, e o em que foi eleito, veio a falecer no anno de 1233. O successor que teve foi tambem Portuguez. Declarar-se-ha seu nome no discurso da Historia: e não se diz agora por não confundirmos com cousas posteriores as antecedentes, e primeiras em tempo. Porque como esta Historia he particular das fundações dos Conventos, e dos varões illustres que n'elles florecerão, e de cada hum

(*) Psalm. 44.

havemos de fazer relação continuada, como lhe chegar polo curso, e ordem dos annos sua fundação, sem ficar nada por dizer do que acharmos notavel até nossa idade: não he possivel pera clareza, e distinção dos successos, leval-os atados aos Provinciais, mormente d'aqui em diante, que vão multiplicando fundações: e fora grande confusão querer ir tocando, e tratando todas juntamente, e seguindo a passo igual os Provinciais. E se o fizemos com dom Frei Sueiro, foi a causa acharmos este principio desabafado de fundações: e ser elle primeiro Provincial nosso, e Portuguez: e devermos-lhe tudo, pois esta escritura he de varões illustres, por illustrissimo Pai, e fundador nosso.

LIVRO SEGUNDO

DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL

CAPITULO I.

Do sitio da villa de Santarem: e do que nella se deu de novo ao Convento de S. Domingos de Montijrás.

Havendo de tratar do sitio, e fabrica do Convento, que a Ordem tem hoje no alto da villa de Santarem, primeiro treslado da casa, que teve no baixo della em Montijrás, e segundo da que teve em Montejunto: com os quais treslados he cabeça de todos os Conventos de Espanha, não só de Portugal: parece necessario darmos primeiro noticia da villa, e do assento, e calidades della. E não hei por mal empregado, nem ocioso o trabalho: porque imagino que escrevo pera as provincias estranhas grandes, e dilatadas, tanto como pera a minha pequena, e estreita. E desejo não ser colhido na culpa, que vejo reprender cada hora em outros escritores, que fazendo conta que escrevem só pera os seus, e temendo parecer sobejos com particularizar muitas cousas, ficão curtos até pera os mesmos: e escuros, e confusos pera os estrangeiros.

A quatorze legoas de Lisboa polo Tejo acima, em cabo de terras dobradas, e montuosas, e principio de grandes mares de campinas levantou a natureza, como marco entre montanhas, e campo huma junta de montes dependurados sobre a margem direita do rio, e tanto mais altos que toda a outra terra: que de qualquer parte que sejão buscados, se deixa ver muitas legoas ao longe, como se forão huma mui empinada

serra. São os montes bem considerados, sete, todos divididos com profundos valles poias fraldas, huns mais, outros menos, e cada hum com sua differença, mas de maneira juntos nas cabeças, que fazem sobre as coroas hum plano igual, e comum a todos sete, capaz de huma grande povoação, com largueza de praças, e commodidade pera maior povo, e tal he Santarem. Para dar a entender este sitio a quem o não vio, seguiremos o costume dos Geografos, que usão de comparação de alguns membros do corpo humano, pera se declararem na significação de outros do grande corpo da terra. Representar-nos-ha bem o plano que temos dito com suas aberturas de valles, huma mão esquerda apartada do braço, com a palma, e dedos estendidos, e divididos hum do outro quanto naturalmente se podem alargar: se assentarmos a mão de maneira, que o dedo do meio corra direitamente contra o Sul, e o collo da mão fique ao Norte. Assi ficão sendo primeiros montes os dous cantos do collo da mão, e primeira parte do plano sobre elles a palma até o meio, que he huma fermosa, e estendida praça diante da porta que chamão de Leiria, que fica ao Norte da villa, cercada de Mosteiros, e casas nobres, e por rezão do uso em que serve muitos dias do anno tem nome de Chão da Feira. Estes primeiros montes são divididos de hum valle que vai subindo por entre elles, e trazendo a estrada que vem de Leiria até dar no plano do Chão da Feira, e primeira parte da palma, e na porta que chamão de Leiria. Nos cantos desta grande praça estão situados da parte de Ponente o Mosteiro novo de S. Domingos, de que de presente havemos de tratar. E no outro de Levante o Mosteiro da Trindade.

Faz terceiro monte, (porque não deixemos a semelhança, com que começamos), o dedo pollegar: e na primeira junta, ou raiz d'elle fica assentado o Convento de S. Francisco. E logo adiante, quasi no meio do dedo tem seu assento o grande Mosteiro de Santa Clara, casa muito antiga, e nobre e de grande Religião: e na cabeça d'elle a Ermida dos Apostolos, que está á conta de Religiosos de S. Bento.

Da porta de Leiria, que assentamos no meio da palma, dá o muro da villa huma volta larga, em que comprende hum Castello antigo, e casa real juntamente, e deixando ainda livre hum espaço da palma, vai entestar na raiz do dedo maior, e estendendo-se por elle até á ponta, abraça d'esta parte tudo o que he cercado de muro na villa: deixando na mesma raiz outra porta que chamão de Mansos; e tanta praça diante que dá lugar á se communicar com a praça maior do Chão da Feira.

Corre a povoação polo resto da palma, e polo plano dos dedos, que fazem quarto, e quinto montes. A do dedo maior vai direita ao Sul, e tem por remate hum Mosteiro de Capuchos, e hum moinho de vento. Aqui teve a casa de Bragança antigamente hum bom aposento que agora está por terra, como estão outros muitos na villa que forão de nome. O bairro que toma o index vai fazer na ponta huma fortaleza guerreira, e fermosa, e com tanta praça dentro, que a faz a huma boa Igreja, e algumas casas nobres, e por isso retem o nome antigo de Alcaçova. Inclina este monte pera o nacente tanto como nos representa o mesmo dedo bem afastado do companheiro, e vai beber no rio com hum grande, e dependurado barrocal, que por tres partes acompanha a fortaleza, e a faz inaccessivel. Não he pera esquecer que dentro n'ella a hum lado da entrada criou a natureza hum outeiro, ou tumulo de terra, redondo, e como feito a mão, que crecendo em boa altura sustenta no alto huma torre, d'onde em dias claros se devisa a cidade de Lisboa: e devia servir pera em tempos de guerra se darem avisos com fogo.

Os vazios entre os dedos, e por fora d'elles, são valles profundos, como temos dito, com costas, e quebradas mui agras, exceito o valle que sobe ao collo da mão dividindo, segundo fica mostrado, os dous primeiros montes. Porque este vem subindo de longe, e faz a entrada menos costosa.

O primeiro valle, que seguindo a nossa comparação, abre entre o pollegar, e Index: assi como na mão se faz maior abertura entre estes dous dedos, que nos outros, assi he muito mais largo, e capaz, e comprende hum grande arrabalde; que com a commodidade do rio que o lava, e lhe deu o nome, (chama-se a Ribeira), tem crecido tanto, que faz representação de huma grande villa ornada de boas Igrejas, e suas praças. N'este valle ao pé do monte dos Apostolos que dece do pollegar, he o sitio que atrás dissemos, do nosso recolhimento de Montijrás.

O segundo valle he entre o Index, e o maior. E assi como estes dedos naturalmente abrem menos, tambem o valle que entre elles, fica he mais apertado, sendo igualmente fundo, e hum arrabalde que por elle se estende até o rio he de menos conta em grandeza, e gente, e edificio, (chama-se Alfange).

Entre o dedo maior, e o quarto, (que os Latinos chamão annular do costume, que havia de não pejarem outro com os aneis, que erão insignia dos nobres), corre outra semelhante quebrada até a porta de

Mansos, e faz o monte sexto: polo lombo do qual corre hum espaço a estrada que sae d'esta porta pera Lisboa, acompanhada de humas Ermidas, e de hum pequeno arrabalde, e logo faz grande queda pera o baixo, ficando o setimo monte no dedo minimo, mas muito mais curto, e com menos representação entre os mais montes, da que elle tem entre os dedos: e n'elle pegados com a palma assentão juntamente hoje dous Mosteiros, hum de Frades da Terceira regra de S. Francisco sobre o valle do Amular: e outro de Freiras de S. Domingos, que olha sobre as ladeiras que decem do dedo minimo da parte de fóra, e do canto da mão. Tal he a forma que hoje tem a villa de Santarem. E quadra-lhe bem a comparação, pola semelhança que tem com a cidade de Volterra na provincia de Toscana em Italia, chamada na lingoa Latina *Vola Terræ* (*), que he o mesmo, que palma da mão da terra. E he de saber, que no tempo que a ella veio a nossa Ordem, não tinha Mosteiro nenhum. E só se via no mesmo lugar, onde hoje he nosso Convento dos Frades huma pequena Ermida da invocação de nossa Senhora da Oliveira, que com elle se extinguio: e junto aonde he o das Freiras, outra que ainda dura, com titulo, e nome da Madalena.

A estes montes assi juntos, e villa assi situada vem demandar o Tejo por meio de largos campos com impetuosa corrente, e cortando polas raizes do alto monte da Alcaçova faz seu curso direito contra Lisboa. He este lugar insigne por antiguidade, e por abundancia de bens do Ceo, e da terra. Os do Ceo são duas espantosas memorias que n'elle se conservão ha muitos centenares de annos dos mysterios de nossa fé. Huma n'aquelle milagre dos milagres que por excellencia chamamos o Santo Milagre, onde está Christo Senhor nosso sacramentalmente envolto em seu proprio sangue, como nos corporais de Daroca em Aragão; da qual faremos relação mais particular ao diante, na parte onde pertence a esta historia. A outra memoria a figura de hum Christo crucificado, despegado de ambos os braços da Cruz, e todo inclinado, e dobrado de corpo, e cabeça, e sustentado só no cravo dos pés, que se guarda com veneração a cargo de Religiosos de S. Bento, no oratorio do monte dos Apostolos, (caso digno de larga historia, succedido em favor, e testemunho de honra de uma affligida molher). Tambem he celestial maravilha o sepulcro da gloriosa Portugueza virgem, e martyr S. Irena (que hoje chamamos Eyria), fabricado por maons de Anjos nas entranhas

(*) Strab. l. 5. Plin. l. 3. c. 5.

do rio, defronte do arrebalde da Ribeira, e da Igreja, em que he venerada ao longo da agoa. Foi morta á espada na villa de Thomar no anno de 653 por honra da pureza virginal, e como victima d'ella(*). E sendo lançada no rio Nabão veio milagrosamente por elle ao Zezere, e do Zezere ao Tejo, e em fim parar, e sepultar-se n'este lugar pera honrar com seu nome a villa. Com o de Escalabis foi ella conhecida muito antes que a conhecessem Romanos(**): e tanto atrás que não falta quem queira referir sua origem a hum Abydis Rei vigesimo quarto dos que em Espanha florecerão logo despois do diluvio por successão continuada. A ambição Romana, que em nome como em posse queria fazer tudo seu, he poz o de *Præsidium Iulium*, e metendo dentro moradores Romanos, como quem conhecia a força do sitio, honrou-a com titulo, e privilegios de Colonia Romana. E porque o lugar era capaz de tudo, assentou n'elle huma das tres Relações ou casas de justiça, com que se governava a Lusitania, a que chamavão *Conventos juridicos*.

Faz aqui o rio huma agradavel divisão, deixando á parte direita, e occidental, onde fica a villa, tudo o que ha de montuoso, e á esquerda estendidas campinas, que fertiliza com suas enchentes, como faz ao Egypto o seu Nilo. E com tudo tal fertilidade tem os montes, que se atrevem a competir com os campos. Porque se estes são ricos de todo genero de grão: enriquece os montes hum bosque continuo de olivais, que os cobre até os muros da villa. E da mesma maneira que os campos parecem cheios de fermosos casais, e instrumentos de lavoura, e povoados de todo genero de criação de gado: assi polos montes se vem infinitas Quintas de bom edificio cercadas de vinhas, e pumares, e hortas, regadas de fontes, e arroyos de agoas excellentes. E se o campo he agradavel de inverno pola caça, e muita volateria que n'elle ha: faz ao monte deleitoso no verão a frescura, e alegria dos bosques, e grande abundancia de fruitas de toda sorte. E he bem de espantar, que costumando a terra deliciosa produzir os homens semelhantes a si mesma, quero dizer de corpos, e animos pouco varonis: esta polo contrario tem dado por todas as idades gente de grande valor, como puderamos mostrar com exemplos, se nos derão licença as leis da Historia. A villa he morada de mais familias illustres que todos os mais lugares de Reino despois de Lisboa, e quasi solar d'elles, pola magnificencia de casas que ahi tem de tempos antigos

(*) Lenda antiga da Santa.
(**) F. Bern. de Brito na Mon. Lusit. p. 1. l. 1. c. 22.

edificadas. Polo mesmo modo vemos n'ella muitos, e grandes templos: e sustenta Mosteiros de quasi todas as Ordens, ricos de rendas, e edificios, de dourados, e pinturas nos altares, e muita prata lavrada, e reliquias santas nas sacristias.

Pera tal terra tresladou dom Frei Sueiro o seu Convento de Montejunto: e como não estava contente do posto de Montijrás, com quanto a força dos negocios da Provincia o trazia repartido em grandes cuidados, não cessava de lembrar a Frei Domingos de Cubo, que tinha a cargo o recolhimento, como atrás dissemos, que procurasse chegar-se pera mais vizinhança da villa. Porque além dos inconvenientes de ficarem longe em Montijrás, devião descubrir-se outros no sitio, de pouco sádio de verão com os ares do campo, e com a humidade do monte no inverno. Não se descuidou Frei Domingos: e considerando muitos postos, veio a satisfazer-se de hum junto da Ermida da Madalena, no chão que posemos na raiz do dedo minimo, ou monte setimo da nossa descripção, que he o mesmo lugar em que hoje vemos o Mosteiro de Freiras da nossa Ordem, que vulgarmente chamão das Donas. Tratou da compra. Como se soube na villa, sobejou-lhe tudo.

CAPITULO II

Começa-se a obra da casa nova no primeiro sitio que se comprou. Suspende-se por hum estranho caso, e funda-se a casa em outro. Dá-se conta de quem foi o que deu a traça da Igreja, e crasta.

Igualmente desejavão os moradores da villa, e os Religiosos a passagem do recolhimento de Montijrás pera o alto: e huns, e outros com fim santo, e cheio de caridade, mais que por interesse proprio: os Frades sintindo a descommodidade que era pera os vizinhos irem ao baixo buscar a prégação, e officios Divinos: os vizinhos doendo-se do trabalho que custavão aos Frades as prégações, e qualquer outra obra de caridade, pera que erão chamados na villa. Assi derão pressa todos, e como de mão commum a Fr. Domingos, que não dilatasse a obra. Começou elle a abrir os alicesses com geral gosto do povo. Acudião os devotos com todo genero de materiais, e os Religiosos todos ao trabalho sem exceição de pessoa. Mas a cabo de poucos dias succedeo cousa que deu muito que cuidar, e suspendendo a fabrica em fim fez mudar o intento. Foi caso mui estranho, e que eu me não atrevera a por n'es-

tos escritos, polo grande cuidado com que vou, de que não pareça n'elles cousa que faça a verdade suspeitosa, sendo ella só a que dá alma, e vida á historia; se me não tirara o escrupulo a tradição antiquissima que o tem acreditado, e recebido por toda a Provincia. Deixavão os officiais quando á noite despegavão do trabalho, juntos, e bastantemente arrecadados os instrumentos de que se servião na obra; que devia ser fechando-os em alguma casa que houvesse no sitio. Eis que hum dia amanhecendo n'elle pera trabalharem, não achão ferramenta, e a casa tão limpa, que nem huma só peça havia. Não pareceo ladroice, por ser, como era, o furto pouco cubiçoso. Menos cuidavão em zombaria, ou travessura de ociosos, como igualmente pesada pera huma grande ociosidade. Fizerão diligencia, queixarão-se os Religiosos, falou-se muito no furto. A caso se soube que em huma Ermida não pouco distante, (era a de Nossa Senhora da Oliveira situada, como atrás dissemos, no monte primeiro, e canto direito da palma da nossa comparação), estava lançada huma copia de semelhantes instrumentos: forão lá, acharão toda sua fazenda junta, assi como a tinhão deixado a noite d'antes, sem faltar nada. Tornarão a trabalhar sem fazer caso, ou fazendo graça do successo; e todavia ao recolher houve cuidado de a deixar em lugar ao parecer mais seguro. Quando foi pola manham, acharão-se escarnecidos, e roubados, como no dia atrás: mas houve menos fadiga na busca: foi hum correndo á mesma Ermida, e achou tudo. Isto contão que succedeo mais vezes, e ou fosse que o roubo mysterioso fizesse força aos Religiosos: ou que o sitio da Ermida lhes agradasse mais, juntamente começarão a tratar d'elle, e levantarão mão da obra, em que se trabalhava. Era a Ermida annexa da Igreja collegiada de Nossa Senhora da Alcaçava da mesma villa: fizerão os Conegos liberal doação d'ella á Ordem. E como o negocio vinha traçado do Alto, d'onde vem todo o bem, porque d'este canto da terra se queria o Ceo povoar de muitos Santos, alargou-se logo o sitio com huma grande Quinta, que huma Senhora nobre offereceo aos Religiosos, tão a proposito d'elle, que o cingia todo: e ficarão com casas, vinha, pumares, e olivais junto com Igreja. Era isto Mosteiro quasi feito, e Frei Domingos alegre com o successo não duvidou despejar logo Montijrás, e recolher-se com seus Frades na casa nova, que d'este dia em diante foi perdendo o primeiro nome na memoria do povo, mas não da Religião, que por lho conservar dedicou o altar mór a Nossa Senhora da Oliveira, como se vê na pintura d'elle.

Estava viva nos animos dos subditos a queixa que o Patriarcha São Domingos fizera em Bolonha, e não sem lagrimas, quando vindo de fóra, achou crescidos os limites da traça que encommendara, (e era crecimento assaz pequeno). Esta memoria obrigou a Fr. Domingos a dar o Convento por acabado com pouco feitio. O maior que ouve foi levantar huma casa terrea grande, e comprida, abrir-lhe janellas altas nos topos, lançar hum corredor de taboado polo meio, dividil-o despois em cellas, e ficar dormitorio. E tal gasalhado servio tantos annos, que dura inda hoje a lembrança do lugar que occupava. Aqui trabalhavão todos igualmente servindo aos mestres da obra no que cumpria. Não se desdenhavão as mãos sagradas de amassar o barro, nem as costas moidas com disciplinas refusavão carregar a pedra: e edificando pera si criavão outro edificio mais alto, e mais importante nos animos do povo, que acudia em bandos a vêr, e considerar com devação, e alegria tais alveneres. E tenho por certo que muitos dos melhores d'elle fazendo juizo que aquella fabrica era mais propria sua, e pera seu bem espiritual encaminhada, que pera os mesmos que nella suavão cheios de pó; lançarião mão das enxadas, e padiolas, tendo por dita serem companheiros, e participantes em tal obra.

Aqui he lugar de averiguarmos o anno em que este edificio teve principio, como ponto que em todos os de consideração he o primeiro que se busca. Escritura d'onde o possamos achar não ha nenhuma. Assi he necessario buscarmol-o por lanços de conveniencias, e boas conjeituras. Em todos os escritores da vida do Padre S. Frei Gil achamos, sem discrepar nenhum, que ao setimo anno de sua conversão lhe tornou o enemigo do genero humano hum escrito de vassalagem, que de seu sangue lhe tinha feito, como adiante o contará a Historia. Achamos tambem que o anno de sua conversão foi o mesmo em que os nossos Frades começavão a edificar casa em Palencia, porque n'elle, e n'ella recebeo o habito. Os mesmos escritores conformão que o escrito lhe foi restituido n'esta casa de Santarem, na Capella do Capitulo d'ella, e confirmão a tradição universal da villa, e da provincia, mostrando na Capella, que hoje he a mesma, lugar particular, e proprio por onde o papel veio decendo do alto. Logo achado o anno da fundação de Palencia, que por ser dos mui antigos de Castella podemos crer succedeu por fim do anno de 1219, resulta que acabado o de 1226 tinha Frei Gil cumpridos sete de sua conversão, e polo conseguinte estava já em pé,

e corrente o Convento de Santarem, pois em tal tempo havia recebido n'elle o seu escrito. E quando lhe não demos mais que hum anno pera estar acabado n'aquella pobreza, e humildade primeira que então se costumava, fica-nos caindo sua fundação no anno de 1225, em que ao parecer não cabe duvida. Assi não estiverão os Religiosos dous annos perfeitos em Montijrás.

Formado o Convento, e agasalhados os Frades, ficava-se só sintindo a pouca capacidade da Ermida. Porque a muita devação, e concurso que havia de gente ás prégações, e doutrina obrigava a porem o pulpito fora. Suprio-se o defeito por então com hum grande alpendre alto, e capaz, mas sem mais feitio que quanto bastasse pera defender do Sol, e da chuva. E d'aqui ficarão as alpendoradas que ainda hoje durão nos Conventos mais antigos d'este Reino, como são Guimarães, Porto, e Aveiro. N'outros, como em Lisboa, e n'este de Santarem não são apagados os sinais.

Mas não sofreo a devação del Rei dom Sancho Segundo, que n'este tempo já reinava, a descommodidade que a nossa pobreza dava ao povo. E como a maior nobreza dos grandes lugares são casas de oração sumptuosas, e magnificas, mandou a Frei Domingos de Cubo, que no que tocava a tudo o mais do Convento, seguisse embora as leis da sua ordem, mas quanto á Igreja, e crastas deixasse a traça á sua conta: e mandou-as dizenhar na grandeza, e capacidade, que inda hoje huma, e outra cousa representa. Porque posto que a Igreja está redificada de poucos annos, não tem differença da praça antiga, e a mesma ordem vai no claustro. Como el Rei era pio, e naturalmente bem inclinado, não tenho duvida, que como deu a traça devia ter tenção de acudir com a despesa. Mas a cubiça, e perversidade dos ministros não deixavão ser bom Rei, quem de seu era bonissimo varão. Fora ditoso, se ou tevera brio pera não fiar o Reino, e governo d'outro conselho mais que do seu, ou achara junto de si privados de igual bondade, e polo menos, fieis. A falta d'estes causou no Reino grandes calamidades, (como ao diante diremos), e a elle o maior de todos os infortunios, que foi ver-se em vida despojado de Reino, e honra, e ficar-lhe como por escarneo o titulo de Capello, que por Religioso merecia. No desterro, e na morte mostrou quão largamente acudira á obra de que se deu por architecto, se de sua vontade tevera livre jurdição, e do que entendia execução. Declaral-o-hemos com huma verba tirada originalmente do testamento que fez em Toledo,

onde está sepultado: *Mando operi Prædicatorum de Santarem trecentos morabitinos: et mando quód dent eis de mea madeira de Vlisbona, et de alijs meis locis quanta eis fuerit necessaria* (*). Estes maravedis se erão de ouro, e da valia antiga, do que não ficou clareza, tinha cada hum quinhentos réis, porque sessenta fazião hum marco de ouro, e em seu lugar succederão, segundo parece, as moedas de Cruz do mesmo valor, e peso: e não era pequena esmolla pera aquelles tempos, e pera o estado em que se achava.

CAPITULO III

Prosegue a relação do edificio da casa nova de Santarem. Contão-se algumas antiguidades tocantes a ella. Mostra-se como lhe pertence a precedencia de todos os Conventos de Espanha.

Tardou a Igreja em se levantar muitos annos. Porque teve na traça Rei, e faltou-lhe Rei no lavor. Faleceu dom Sancho, que a traçou: e seu irmão, e successor dom Affonso Terceiro, inda que ajudou a obra com boas esmollas, era como em cousa alheia, não como propria, (tão antigo he não querer ninguem continuar o que outrem começou). Assi ficando a cargo dos Frades, fazia-se-lhes difficultoso em tempos apertados pedir esmollas pera o pão, e sustentação quotidiana, como pedião: e juntamente pera pedra, e cal de fabrica realenga: e parando n'ella, serviãose da Ermida. Podemos crer devião correr-se de a continuar por sua autoridade, achando-se postos em cerco por huma parte da traça que já não podia tornar atrás, pelo cabedal que á conta do Rei defunto tinhão metido: e por outra da regra, e constituições da Ordem, que se bem dão licença pera haver mais largueza nas Igrejas, que nos outros membros dos Conventos: com tudo não permittem demasias. Estas perplexidades inferimos do muito tempo que durou a obra, e do remedio que buscarão pera não ficar imperfeita, que foi impetrar do Summo Pontifice huma indulgencia pera os que dessem suas esmollas pera se acabar. As palavras da Bulla declarão o estado da Igreja dizendo: *Quam ibidem, sicut accepimus, cœperunt œdificare.* A Bulla está hoje viva no cartorio d'este Convento, passada por Alexandre Quarto, anno terceiro de seu Pontificado, que responde aos do Senhor de 1257. Achamos n'ella digno de notar que foi a indulgencia, cem dias de perdão: e devia ser havida por bom favor.

(*) Duarte Nunes de Lisboa na vida de dom Sancho primeiro. f. 65.

Sahiu a Igreja grande, e alterosa em proporção, e como convinha pera tamanho povo: tres naves, presbiterios altos na que fica encostada ao claustro: seu cruzeiro que só por si pudera fazer uma boa Igreja: n'elle a porta travessa, por onde he todo o serviço, por ficar mais vizinha á villa. De todas as nossas Igrejas d'aquella idade foi esta a maior, exceito a de Lisboa, que se aventajou em corpo, como tambem em padroeiro mais poderoso, e mais prospero, mas não na traça, que he a mesma de Santarem. Tambem de todas as grandes he a que só ficou sem padroeiro Real, e pola mesma rezão sem letra nem sinal que nos declarasse tempo nem autor. Cousa bem estranha em Portugal, porque forão seus Reis por todas as idades tão Catolicos, que nas obras pias, e magnificas tomarão sempre a maior parte: e d'aqui vem não vermos quasi em todo o Reino Igreja de edificio custoso, sem escudo das armas Reais por frontaria.

Todavia achamos duas memorias del Rei dom Affonso Terceiro que foi Conde de Bolonha, ambas em favor dos Religiosos d'este Convento, nenhuma do edificio. Rezão he ficarem n'estes escritos por honra da antiguidade, e polo que então se estimou a mercê, ainda que pouco importante. Residia n'esta villa a casa, e corte do Civel, que el Rei dom João o primeiro muitos annos despois passou pera Lisboa, e em nossos dias transferio el Rei dom Felippe, tambem primeiro pera nós, á cidade do Porto. Fizerão os Reis esta honra a Santarem, como em memoria da que possuio longos annos em tempo de Romanos, com o Convento juridico, que atrás dissemos. Era o lugar ordinario das execuções dos que padecião por justiça, tão vizinho ao Convento, que ficavão nos olhos dos Religiosos os que se enforcavão, ou queimavão. Nos primeiros annos sintia-se pouco este mal, porque nos que reinou el Rei dom Sancho era cousa mui rara hum justiçado, andando a terra cheia de malfeitores. Mas entrando o governo severo, e inteiro de seu irmão, que lhe tomou o Reino, como havia cuidado em punir delitos, e delinquentes, tinhão os Religiosos a miudo vistas nojosas, com que se desconsolavão muito. D'estas pedirão a el Rei que os livrasse, fez-lhes a mercê por uma carta de sello pendente que vimos, e tresladamos do cartorio do Convento, e he a que se segue:

Alfonsus Rex Portugalliæ et Comes Boloniensis Prætori, Aluazilibus, et Concilio Sanctarenensi salutem. Sciatis quód ego mando et defendo

firmiter sub pœna corporum et habere, quod nullus sit ausus comburere, nec iusticiare hominem, nec facere grauamen aliquod Fratribus Prædicatoribus ab illa via publica, quæ vadit rectè à porta Leyrennæ uersus domos Leprosorum vsque ad monasterium Fratrum Prædicatorum Sanctarenensium: quia quicunque inde aliud fecerit, remanebit pro nostro inimico, et ego calumniabor eum in corpore, et in habere, et insuper lendo incantum de ipso. Datum Sanctarennæ octaua die Decembris Era M.CC.LXXXIX. (responde ao anno do Salvador de 1251). Escusamos traduzir esta carta, porque já fica feita relação do que contem.

A outra memoria consta de carta passada com as mesmas solemnidades nove annos adiante no de 1260, a qual por menos importante não tresladaremos, diremos só a sustancia. Parece que a devação indiscreta de alguns seculares, despois que os padres Menores teverão tambem recolhimento na villa, levantou controversia entre as duas Ordens, havendo nas mesmas Igrejas, em que ambas prégavão, quem pendia a huma mais que a outra. Chegou a causa a el Rei, quiz evitar differenças, mandou vir dous Religiosos estrangeiros a prazimento dos Frades, e de seus maiores, que partirão vinte, e duas Igrejas, e Ermidas, que então havia na villa, e arrabaldes, e assentarão que ficasse a cada Ordem numero igual. E pera tirar todo o escrupulo, e tambem acudir á inclinação, e devação do povo, foi condição que cada seis meses fizessem troca, e alternativa das Igrejas, de sorte que em cada hum anno se ouvisse nas mesmas Igrejas doutrina d'ambas as Ordens. Está o concerto assinado polos juizes arbitros, e polo mesmo Rei, (obra na verdade de animo benigno, e mui Christão decer, e assistir a estas miudezas por manter paz entre as religiões). He pera notar que entre as vinte duas Igrejas, que todas vão especificadas, se conta tambem no arrabalde da ribeira a de S. Domingos de Montijrás. D'onde se fica entendendo que não quiz largar o nome que com a residencia dos Frades herdou. E o não termos hoje noticia d'ella, devia ser causa algum incendio ou terremoto que a posesse em ruina: e sobrevindo discurso de annos apagou de todo a memoria. Este he tão poderoso, que basta só por si, inda que cesse a violencia dos elementos, pera destruir, e acabar os mais firmes, e fortes edificios da terra. Muito prometia durar o que nos tinha levantado com tanto trabalho, e despeza o Santo Frei Domingos do Cubo: mas quando chegou o anno de 1604, faltando ainda muitos pera cumprir quatrocen-

tos de idade, estava já tão danificado, que templo, e claustros se vinha tudo desatando, e caindo por si. Assi temendo-se com bom juizo huma ruina subita, que podia succeder em hora que prejudicasse a muitos, foi decretado na Provincia que se desfizessem, e de novo se redificassem Era Provincial o Mestre Frei Manoel Coelho, que despois foi Inquisidor em Lisboa: deu o cuidado ao Presentado Frei Sebastião de Pavia Prior do Convento. Começou elle a obra com grande animo: e dentro em seu tempo, e n'outros tres annos que se lhe prorogou o cargo, deixou acabada a Igreja que ameaçava grande dilação. Ficou feita de abobada na mesma traça da primeira, e polos mesmos alicesses, ficando em pé o que estava duravel, como erão o Coro, e Capella mór, e todas as mais capellas assi do cruzeiro, como do corpo da Igreja. Pulio-se depois, e aperfeiçoou-se polos successores, e está muito airosa, e bem assombrada. E porque tambem se temeo perigo da torre dos sinos, porque conhecidamente fazia abalo quando se dobravão, seguindo o movimento, e balanço do peso, (o que nacia de ser estreita, e alta, mais que de fraqueza, sendo como era toda de cantaria, muito liada, e bem feita), foi conselho derribar-se, e levantar-se outra, como se fez. Acompanhou-se despois com casa nova de sacristia alta, e espaçosa, guardando-se a reedificação dos claustros pera' ultimo trabalho, e n'elles se entende de presente. Deu-se-lhes principio por Agosto de 1620, e começou polo lanço mais necessario, que era o da parte do refeitorio: porque junta por cima as serventias da hospedaria, e casa de noviços com o dormitorio: e por baixo faz sombra á entrada do refeitorio. He obra de abobada sobre arcos de pedraria boa, e lustrosa, e toma a mesma praça do claustro antigo: não o excedendo mais que em maior altura, que foi necessaria pera correr a olivel por cima com as officinas, que por ella se ficão servindo.

CAPITULO IIII

Mostra-se como pertence a este convento a precedencia de todos os de Espanha.

Temos dito tudo o que havia do Convento de Santarem pertencente ao edificio material, e sua antiguidade: em que se vê que de todas as Religiões, que esta villa hoje sustenta, a nossa foi a primeira que a veio servir. Vê-se tambem que lh'o souberão pagar os moradores no amor

com que pessoalmente ajudarão a obra do Convento, e derão pera ella não hum só, mas tres sitios: acontecendo-nos aqui o mesmo que em Roma, onde tevemos primeiro S. Sixto, logo Santa Sabina, despois a Minerva que hoje possuimos: E se he verdade que nos deve obrigar muito esta memoria, não lhes fica a elles menos obrigação de amar, e estimar o que he obra de suas mãos, visto como naturalmente todo homem ama a arvore que plantou, e acha mais sabor na fruita do garfo que enxertou, e aparou, e atou.

Aqui se mostra tambem o muito que todo este Reino deve ao Patriarcha S. Domingos, pois no dia que se determinou espalhar seus discipulos polo mundo, logo lhe mandou hum particular Portuguez: e a este quiz fazer cabeça dos que inviava a sua patria, e sendo seus naturais. D'onde nacco ficar em Portugal, e n'esta villa a cabeça de todos os Conventos de Espanha, por meio da antiguidade da casa de Montejunto, em cuja herança, e representação succede o Convento de Santarem. Porque estando edificado o de Montejunto na entrada do anno de 1218 como atrás contamos, com todas as circumstancias que na Ordem se praticão em materia de funções, a saber, licença do Summo Pontifice, aceitação da Ordem, posse do sitio, autoridade do senhor da terra, e consintimento dos moradores: e ficando tão corrente, e assentado, que logo teve por filho o de Coimbra, e pouco despois deu principio ao de Chellas, bem se segue que he primeiro, e mais antigo que todos os de Espanha, pois n'ella não houve Convento formado senão despois que o Padre S. Domingos a veio visitar no anno de 1229. Assi o sente o Mestre Frei Jordão (*), quando diz que antes de nosso Padre vir a Espanha tinha dom Frei Sueiro aproveitado muito com suas prégações. E não he contradição dizer elle mesmo despois, e confirmal-o Santo Antonino (**), que o Convento de Segovia fundado por nosso Padre no anno de 1219, foi o primeiro de Espanha. Porque já advirtimos que estes escritores não comprendião Portugal debaixo do nome de Espanha: e antes esta autoridade he em favor de Montejunto, que estava edificado hum anno antes, no de 1218 como fica dito. D'esta opinião he o Auctor do livro que se intitula. *Stemma Ordinis Prædicatorum* (***), quando contando os Conventos da Ordem d'aquella primeira idade, poem em primeiro lugar o de Santarem. E o Pa-

(*) M. Frei Jordão c. 24.
(**) S. Antonin. p. 3 tit. 23. §. 1.
(***) Stemma Ord. Præddic. I. 223.

dre Frei João de la Cruz (*) falando mais claramente na sua Cronica diz, que até á vinda do Padre S. Domingos a Espanha não havia Convento nenhum da sua Ordem em Castella: mas na Lusitania si. E quanto á Provincia de Aragão tambem nos dá o primeiro logar, dizendo o Cronista d'ella Frei Francisco Diago (**), que os Conventos de Barcellona, e Çaragoça teverão seu principio no anno de 1219.

Mas se isto he obrigação pera a gente Portugueza, bem largamente se tem d'ante mãos desindividado d'ella, na grande piedade, e devação com que desde tempos antiquissimos agasalhou, e reverenciou quasi todas as Religiões da Igreja de Deus, recebendo humas, e chamando outras, enriquecendo, e sustentando todas, e fundando outras de novo, que são como fruito proprio d'este torrão de Portugal. Seja exemplo a Ordem de S. Bento, que logo em seus principios, ainda em tempos dos Reis Suevos (***) semeou de tantos Mosteiros a estreiteza das terras de Entredouro, e Minho, que com muitos que seus Religiosos despois largarão, enriquecerão outras Ordens, e com os que possuem estão muito ricos. Muito de vêr he a grandeza, a fermosura, a limpeza das casas dos Conegos regrantes de Santo Agostinho, cuja opulencia, sem parecer que perderão nada, sustenta hoje as grossas despezas da Universidade de Coimbra. A familia de S. Bernardo ainda em vida do Santo foi chamada, e honrada, e dotada com tanta liberalidade polo grande Rei dom Afonso Enriques, que do que hoje sobeja á real casa de Alcobaça, faz prato a hum Infante de mais de dez mil cruzados de renda. As casas das mais Ordens são quasi sem numero, e todas vivem, todas se sustentão, suprindo a caridade do povo, onde faltão as rendas. A religião da Companhia de Jesus, sendo ultima das que vierão, não he inferior á de S. Bento em grossura de rendas, nem á dos Conegos regrantes em magnificencia de casas, iguala a de S. Bernardo na honra de ser tambem chamada polos Reis, tanto em sua flor, que quando á petição del Rei dom João o Terceiro nos deu o Santo Francisco Xavier (****), que já hoje vemos beatificado polos altares, pera Apostolo do Japão, inda era vivo seu santo instituidor.

Mas não he menos de estimar hum genero de Religião, (fruito proprio, e natural d'este Reino), que os seculares inventarão pera exercicio

(*) F. João de la Cruz p. 1. f. 16. 89. 90.
(**) F. Franc. Diago. l. 2. c. 1. 8. 32.
(***) Cron. de Cyster. p. 1. l. 6. c. 9. Monarc. Lusit. p. 2. l. 6. c. 12.
(****) P. I. de Lucena na vida do Santo Francisco Xavier.

de virtude: que he o serviço geral das casas de Misericordia, introduzido não só nas cidades, mas em todas as villas do Reino. Empregão n'elle os sobejos da fazenda os ricos: e os sobejos do tempo os ociosos: e redunda tudo nas mais piadosas, e mais acertadas obras que em favor dos proximos se podem fazer. Quem quizer saber a grandeza, e custo d'ellas, se for bom contador, alcançal-o-ha facilmente, proporcionando os membros com a cabeça, quero dizer, todo o resto das terras do Reino com Lisboa, na qual se despenderão no anno, que isto vamos escrevendo, que he o de 1621, por conta liquida, e publicada no dia da Visitação de Nossa Senhora, que he o dia mais solemne d'esta Irmandade, cinquenta, e sete mil trezentos e noventa e sete cruzados.

Em differente genero frutificou esta ceara Portugueza não menos pia, nem menos magnificamente, com que podemos fazer inveja a todas as nações do mundo. Acabou a famosa Ordem dos Templarios em tempos passados com geral sintimento da Christandade, sendo executores de seu desastrado fim, dous poderosos inimigos, odio, e cubiça. Resistio Portugal. Teve o Rei valeroso por vileza, (era dom Diniz), ajuntar á sua coroa preço de sangue de esforçados cavaleiros, levantou de suas cinzas como huma Fenix, só trocado o nome, outra Ordem mais bella, e mais fermosa, e mais rica, e tambem no titulo melhor estreada, (chamou a de Christo). E este Senhor como sua a tem acrecentado tanto, que a presidencia d'ella, (passa já de cem annos), por exceder muito á capacidade de vassallos, que nos tempos atrás a governavão, anda na pessoa do mesmo Rei. Chega o numero das Commendas por lista, que temos em nossa mão, a quatrocentas e vinte oito correntes, e liquidas, afóra mais de outras cento litigiosas. E passa o rendimento das correntes, segundo o que tem sobido no tempo presente, de trezentos mil cruzados em cada hum anno.

Mas he tempo de recolhermos este discurso, que crecerá demasiado, se dissermos tudo o que ha que considerar, e apontar nelle: e diremos sómente que deve Portugal ter particular consolação na lembrança destas cousas, porque são hum sinal clarissimo de fé, e amor de Deos. Por onde com grande confiança podemos esperar que a justiça Divina levantará algum dia a mão dos açoutes, e calamidades, com que tantos annos ha somos disciplinados, e affligidos.

CAPITULO V

Da grande santidade que florecia no Convento de Santarem: com huma notavel memoria da pobreza em que nelle se vivia. Dá-se conta de quem eram dous Religiosos, que seguiram a el Rei dom Sancho fóra do Reino.

Segue a poz a obra de pedra, e cal, fabrica terrestre, e corruptivel, outro edificio mais alto, e de mais conta, pera cujo serviço se compoem todos os da terra. Este he o mystico, e espiritual, onde se lavrão os cedros cheirosos, e os marmores finos das almas puras pera serem tresladados á Celestial Jerusalem, e despois de desbastados com o ferro das penitencias, e amarguras da vida, polidos na roda do exercicio das obras santas, lustrados com o desprezo da terra, e amores do Ceo, serem collocados por mão do soberano Architecto naquelles muros, cujo fundamento he ouro fino de todos os quilates de virtudes: as pedras, diamantes de constancia, rubis de caridade, esmeraldas de pureza: e a Angular, que fecha toda a obra, e lhe dá lustre, e perfeição, he Christo Jesu, eterno Sol de justiça, a cujos raios estão brilhando com luz incomparavel, e sem fim. D'esta tal fabrica, e tal officina hei de tratar hum pouco, mas com muito gosto, polo que leva em falar dos bens da Patria quem mais longe se acha della, que fora sem duvida aventajado, se nos não encubrira o mais do que nella se trabalhou, parte a antiguidade dos annos, parte a santa teima com que os mesmos trabalhadores procuraram esconder-se-nos, pera serem só conhecidos do Ceo. Começaremos por algumas generalidades que alcançamos, pera irmos por ellas fazendo juizo de quais serião os particulares de que nos faltar noticia. E porque isto he historia Portugueza, seja principio hum testemunho de fóra, e de Auctor que por auctoridade de virtude, e letras, e polo que revolveo de livros pera a historia que escreveo, merece grande credito. He o Padre Mestre Frei Fernando de Castilho prégador muitos annos d'el Rei dom Felipe Segundo em Castella, que na historia geral da Ordem falando deste Convento, diz assi(*): *Estos y otros semejantes espiritos se criavan en el Convento de Santarem, que quasi no se hallava en toda aquella casa quien no fuesse Santo, y singularmente Santo.* E n'outra parte diz o seguinte(**): *Embiaronle los Prelados a Portugal, y al Con-*

(*) Castilho p. 1. l. 2. c. 67.
(**) O mesmo p. 1. l. 2. c. 72.

*

vento de Santarem, que era un retrato del Cielo acá en la tierra con unas colores y sombras de aquella soberana santidad, y devocion, y fervores de espíritu. E na verdade fala ao justo do que havia nelle. Porque a obsevancia da regra, a austeridade da vida, o rigor dos jejuns, e disciplinas, o fervor da oração e contemplação tudo erão estremos. O estudo, e lição continua, o silencio tal, que estando a casa cheia de Religiosos, se fazia julgar por erma dos que entravão de fóra; hora nenhuma ociosa, recolhimento perpetuo, se não era nas horas forçadas que se davão aos proximos, ou confessando, ou prégando, ou aconselhando, ou fazendo doutrina. E a doutrina até polas ruas, e praças, como então costumavão. Na prégação conceitos chãons, claros, devotos, e espertadores do amor do Céo, e da devação do Santo Rosario, ajudando-se sempre d'aquelle pio costume, que os nossos Prégadores primeiro introduzirão na Igreja, de invocar nos principios o favor da gloriosa Virgem Mãi, com a saudação Angelica. Fóra d'estas horas não se via Frade, senão no Coro, ou no altar. E no altar espantava, e consolava juntamente a devação, e espirito com que celebravão os Divinos mysterios, trasluzindo polo rosto, e olhos de cada hum os varios effeitos, que obrava o Senhor nas almas. Huns afogueados de amor, e confiança: outros pallidos, e sumidos com pavor, e humildade: huns derretidos em lagrimas de alegria polo que tinham entre mãos, outros em lagrimas de reverencia, de compunção, e contrição: e todos como absorptos, e enlevados em pasmo daquella soberana memoria, e recopilação de todas as maravilhas de Deos. A criação dos noviços era tal, que se não escrevem maiores encarecimentos dos que se criavam nos desertos da Thebayda, nem de mortificação, nem de aproveitamento. A doutrina, os ministros que a davam, o fogo de espirito com que a buscavam os discipulos, era tudo tanto do Ceo, que poucos mezes deste noviciado faziam mestres. Da pobreza, com que se vivia, poderamos dizer muito, porque como estes padres não possuiam proprios, como agora, o pendião da caridade dos proximos, que não era sempre igual nem bastante, parecia a vida tambem Angelica nas faltas do pasto, como na abundancia das virtudes, e excellencias referidas. Huma memoria temos hoje viva no real Mosteiro de Alcobaça da Ordem de Cister, que nos confirma bem esta verdade. Anda na livraria delle hum livro que no feitio, e no estado, em que está, representa huma grande antiguidade. He todo de pergaminho, quasi tres palmos de comprido, e hum, e meio de largo. Contém vidas de Santos, de boa letra ordinaria:

e na ultima folha estão duas regras de outra corrida, e differente, que dizem assi:

Dederunt nobis Fratribus de Alcobacia hunc librum de vitis Sanctorum Fratres Prædicatores de Santarem, pro pignore nostræ crucis æneæ anno Domini M.CC.XXXX. tertio nonas Martij. Querem dizer: Este livro de vidas de Santos nos derão a nós Frades de Alcobaça, os Frades Prégadores de Santarem em penhor de nossa Cruz de cobre, aos cinco de Março do anno do Senhor de mil e duzentos e quarenta.

Merecia esta memoria traduzir-se em todas as lingoas. Porque não pode ser mais vivo testimunho de extrema pobreza em hum Convento, que viver de emprestimo, e usar de penhor pera huma Cruz de cobre.

Mas havendo de entrar nos particulares da casa, que he principal instituto d'este nosso trabalho, e escritura, poem-nos em cuidado d'onde tomaremos o principio. Porque como ella foi tão fertil de Santos, e todos os d'esta primeira idade, como em ceara de anno benigno, vierão a florecer e frutificar quasi juntos, estou arreceando a eleição. Muito me obriga o grande lume d'esta villa o extatico padre São Frei Gil. Porque já quando faleceo dom Frei Sueiro estava em tanta reputação de Santo, que tanto que se juntarão os Padres da Provincia em Capitulo de eleição, foi acclamado por successor do defunto, e recebido com aplauso de toda Espanha. Mas quanto elle ganha por merecimento de mais santo, e de Prelado: tanto se lhe aventajão outros pequeninos ao parecer, e mal conhecidos no mundo, que forão primeiros a receber o premio, e a coroa da vida trabalhada, estendendo-se ao Prelado o desterro, e curso mortal dos annos, que o Senhor por seus ocultos juizos quiz abreviar aos subditos. Por onde parece que cessa toda a duvida, e que nos devemos ir tras os que nacerão primogenitos na herança, e posse do Ceo, quais são aquelles que se anticiparão a sair das prisões da carne, e do odo, e miserias da terra. Assi fazendo seguiremos a ordem que a Igreja sagrada guarda na celebração das festas dos Santos, que he solemnizar nellas, não o dia que vierão a fazer numero entre os mortais no mundo, se não o em que voarão immortais ao Ceo. Mas desta regra hão de ficar por hora exceituados dous valerosos espiritos, que com não deixarem actos memoraveis de sua morte, por hum que fizerão em vida, merecem ficar lembrados entre os que contamos por gente santa, irmãos

seus de casa, e habito. Estes dous Religiosos na retirada que el Rei dom Sancho Segundo fez pera Castella, despojado do Reino polo Conde de Bolonha seu irmão, voluntariamente se desterrarão com elle, e o acompanharão até sua morte, e assinarão em seu testamento. Chamavão-se Fr. Miguel que o servia de esmoller, e Frei Vicente de Lisboa, que sendo secular fora seu medico. E he muito digno de ser advirtido, que sendo os nossos Frades, os que por mandado do Papa com liberdade lhe intimavão os Breves de sua deposição, quando mais prospero reinava: e os que do pulpito mais prosperamente reprendião as desordens que consintia, e não remedeava no reino, com tudo souberão seguir, e servir, e amar a pessoa, em que estranhavão, e aborrecião vicios. Effeito de verdadeira caridade não lisongear o Rei na prosperidade; servil-o com amor, e gosto na perseguição, e desamparo.

CAPITULO VI

Da santa vida, e morte do Padre Frei Fernando Pires, Chantre que foi da Santa Sé de Lisboa.

Comecemos por hum velho, que a misericordia do Pai Eterno das familias chamou da ociosidade das praças do mundo ao pôr do Sol, e cerrar do dia da vida: e mandando-o cavar na vinha, quando veio a hora da paga, foi servido por sua grande liberalidade, e bondade igualal-o n'ella com os que tinhão trabalhado todo o dia em peso cançando, e suando desde pola manham até noite. Grande nova, e boa estrea pera aquelles que gastado o aço da idade robusta em servir ao mundo, não trazem pera Deos, mais que ferro frio, poucas forças pera o empregar, e poucas horas pera merecer. Boa nova digo: animar, e não desmaiar: que ainda que acudimos tarde ao serviço, e em estado mais de dar pejo, que de aproveitar aos que trabalhão, temos amo liberal, rico, e grandioso, que sabe que dá do seu, e não sojeita sua real condição ás escacesas, e contas acanhadas do mundo. E bem o mostrou com este velho cançado, e fraco, de quem tomamos principio pera tratar dos valerosos obreiros do primeiro Convento d'esta Provincia.

Era dom Fernando Pires muito nobre, e rico, cercado de parentes do melhor do Reino, posto em dignidade, e renda de Chantre da Sé de Lisboa. Vivia abastado de tudo o que o mundo pode dar, gozando, e

triunfando a vida em gosto, e passatempos havia muitos annos, com grande esquecimento de que havia outra de mais dura, e mais pera setimar. Derão-lhe novas da resolução, com que seu parente, (que o era muito), Frei Gil de hum estremo de adiantado no mundo, se passara a outro de abatido, e aniquilado n'elle, e não so a ser pobre, mas a servir, e ser escravo de pobres. Foi huma aldrabada que Deos lhe deu nas portas da alma, (que tambem isto ganhão os que buscão a Deos, abrirem os olhos com seu exemplo a muitos cegos, e enganados), começou a entrar em contas consigo, e a perder o gosto de tudo, com ver o que resultava d'ellas. Muitos annos perdidos, haver de dar rezão de todos; e não de annos, se não de horas, e momentos, e em tribunal de juiz, e juizo temeroso. Olhava pera si, via o rosto quebrado, a cabeça cuberta de neve, com que o tempo vai dando aviso aos velhos, e aos descuidados, (aviso de que nunca fizera caso). Cahia na conta do esquecimento em que vivia: dava mil graças ao parente que o espertara da modorra, e do encantamento, louvava-o, e desejava ir-se tras elle: mas não acabava de se resolver. Parece que devia pôr o negocio em conselho, pera que não fosse tachado de leve, e não achar quem lhe favorecesse o pensamento, antes muitos que o encontrassem: que estava entrado em dias, e não poderia com o trabalho da Religião, e seria mais vergonha o tornar atras tendo começado, (tudo discursos humanos). Que em sua casa podia ser Santo, e juntamente fazer bem a parentes, e criados: que a renda não tolhia virtude, e como era velho, ella pera a velhice se buscava, quando convinha o mimo, e a cama branda, e a casa abrigada, e o serviço dos criados, e os parentes á cabeceira. De crer he, que pesando tudo, e considerando que os mais fazião causa propria, poucos a sua d'elle, e nenhum a de Deos, se desconsolaria, não da força dos conselhos que nada o dobravão, se não polos ter pedido, vendo-se arriscado, a que despois em qualquer successo avesso havião de triunfar d'elle os conselheiros. D'aqui nacia a falta de execução. Mas como tinha por si ao Senhor que o bafejava com bons movimentos, e constancia, (como d'elle procede todo o bem), fazia discurso, e resolvia consigo, que nas cousas que sabidamente são boas he desacordo culpavel quem tem espirito pera as acometer, sujeitar-se a pareceres alheios. Porque homem que poem em disputa se dará esmola, se fará penitencia, se perdoará ao enemigo, e coisas semelhantes de si manifestamente boas, e santas, dá sinal que as não quer fazer, e só quer tirar do conselho aquella hon-

rinha publicada sem outro fim. Cortou em fim por tudo animosamente, e esta foi a maior difficuldade, e a mór vitoria. Quando menos se cuidou estava com o habito vestido. Louvem-vos os Anjos, Deos de toda bondade que vós dais, e de vós procede fazermos alguma cousa boa quando a fazemos: e vós sois o mesmo que dais o premio, e a coroa por esse bem, se o executamos. Vossa foi a inspiração, com que dom Fernando deixou o mundo, vós o trouxestes aos claustros, e á pobreza de S. Domingos, vós o armastes, e animastes de maneira, que em todos os rigores d'aquella santa Casa, que já temos declarado quais erão, se igualava com o mais robusto executor d'elles: e com tão boa sombra levava, e vencia as austeridades maiores, como se nunca soubera que cousa era mimo, nem vida folgada. E o que mais lhe dourava este valor nos olhos dos religiosos, era enxergar-se n'elle, que quanto perdia das forças corporais enfraquecendo a carne, que todavia sintia o peso, tanto ganhava, e adiantava de espirito. Assi foi subindo ao monte alto da perfeição Evangelica, e em poucos mezes teve nome de Santo entre a gente nobre do Reino. D'onde naceo, que pera o concerto que el Rei dom Sancho assentou com o Arcebispo de Braga, que atrás fica contado, foi elle hum dos tres louvados, com grande satisfação de ambas as partes nomeado, e acertado. Assistio, e fez seu officio, porque foi mandado por obediencia: mas logo deu as costas ao trato do paço, e negocios seculares, fogindo pera o ermo da cella, como quem só n'ella sintia verdadeiro descanço. A cabo de poucos annos quiz o Senhor mostrar quanto se paga de huma determinada, e verdadeira conversão, e quão bem a paga. Chamou-o por meio de huma grave doença, e n'ella lhe deu tais luzes, e sintimentos interiores com certeza de sua salvação, que visitando-o na ultima hora o Santo Frei Gil, que n'aquelle tempo andava no fervor de suas penitencias, e perguntando-lhe como se achava, respondeo com maravilhosa confiança: Meu Padre Frei Gil, mui bem me acho, porque o inferno está cerrado pera mi, já sei que não ei de ir lá: e sem dizer mais palavra espirou. Começou a Communidade o officio da commendação com muitas lagrimas, porque era de todos amado. Só o Santo Frei Gil, nem ajudava o canto, nem a reza: mas em lugar dos Psalmos de finados rezava, e repetia muitas vezes o Psalmo *Laudate Dominum de cœlis*. E mostrando-se risonho, e alegre, affirmava que não era em sua mão fazer outra cousa, nem lhe parecia rezão celebrar n'outra forma tal genero de morte tanta paz, e segurança de consciencia, e

tamanha confiança em Deos, e em seus santos Sacramentos em hum homem que tantos annos vivera enfrascado nas ociosidades, nos gostos, e desassocegos da terra. Por onde não havia que fazer se não alegrar, e festejar quem assi partia, louvar, e engrandecer o Senhor que tais maravilhas obrava. Da morte d'este Padre se faz memoria no livro dos Obitos do real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, como de pessoa de grande calidade: *Obijt Domnus Fernandus Petri Frater Prædicatorum quondam Cantor Vlisbonensis Kal. Apritis.* Muito deviamos a estes Religiosos por esta curiosidade, se não fora defectuosa no que mais importa, que he a conta dos annos que não aponta.

CAPITULO VII

Da religiosa vida, e santa morte do Padre Frei Martinho de Lisboa: e do irmão Frei Martinho Leigo.

Mas não devemos menos louvores ao Rei da gloria pola bemaventurada morte de outro velho, que quasi foi semelhante em tudo ao que acabamos de contar. Era seu nome Frei Martinho de Lisboa. Fora capellão de hum Bispo da mesma Cidade, Bispo de quem se escreve que juntamente com o Capellão vestio o habito de S. Domingos. Vei-o á Religião muito entrado na idade, e assi teve poucos dias de vida nella. Mudança de terra, e ares desbarata muito a velhice: juntou-se a esta a do comer, e beber, do sono, e da vigia, fizerão todas forte impressão no corpo carregado de annos, lançaram-no depressa na sepultura. E com tudo não teverão poder pera o consumir tão em breve, se não fora a pressa, e determinação com que o bom velho se entregou a todo genero de penitencia, e trabalho. Apertou o passo pera alcançar por diligencia aos que eram entrados primeiro, e hião muito adiante em tudo. Foi caso estranho que passou a muitos, e chegou a por-se hombro por hombro com os mais aproveitados em todo genero de virtude, fazendo em si verdadeiro o que se disse por outrem, que gastado em breves dias cumprio carreira de longos annos(*). Brevemente acabou a vida, mas nessa brevidade chegou a tudo o que os mais ardidos soldados daquella milicia religiosa com muito trabalho, e longo tempo alcançarão de perfeição. Era por Pascoa de Resurreição. Salteou-o huma febre, que não des-

(*) Sap. 4.

cobria alteração nem accidentes pera temer, antes na continuação ameaçava doença mais comprida, que mortal. Passou pera a enfermaria pera se curar, mas sem pena do mal que lhe causava. Quando foi vespera da Ascensão acertou de entrar o Padre S. Frei Gil, que como medico das almas, tanto como dos corpos, acudia de ordinario a visitar os doentes com aquelle seu fogo de caridade que pera os affligidos era especial epitima de consolação. Tanto que Frei Martinho o vio chamou alto por elle, como sembrante, e significações de alegría, dizendo: Boas novas Padre Frei Gil, boas novas meu Padre: chegando-se o Santo a elle foi continuando, e dizia. Estou muito alegre, porque o dia d'ámanhã ha de ser o ultimo de meu desterro, e principio de meu descanço. E levantando mãos, e olhos ao Ceo, acrecentava. Muitas graças vos dou meu Senhor Jesu Christo por temanha mercê, como he haver-me de hir pera vós em tão fermoso dia como o d'ámanhã, dia em que vós subistes em carne a esse Ceo; dia, e festa a que sempre tive particular devação. Não era a voz de doente, e muito menos de quem se fazia tão vizinho da morte. Tomou-lhe o Santo o pulso, e foi-se saindo, e dizendo. Por muita pressa que se dê essa febre a vos matar, não o fará nem pode fazer em oito dias. Falava o Santo como medico, e o doente como Santo. Enganou-se a medicina, acertou a santidade. Amanheceo o dia da Ascensão, pede os sacramentos sagrados da Eucharistia, e unção, divinos, e excellentes socorros da Igreja, hum pera viatico da jornada, outro pera esforço da luta que esperava. Fazia-se de mal ao Prior tal requerimento em homem que ao parecer não tinha mais de doente, que estar na enfermaria. Mas não desistindo delle, administrou-lh'os sem dilação: e Frei Martinho os recebeo com consolação de Santo, e devação de que morria. E assi foi, que acabando de os receber, antes de despejarem os Padres que lhe rodeavam a cama, deu a alma a Deos á vista, e com espanto de todos.

Succedeo a hum Martinho outro Martinho, aquelle Sacerdote, este Leigo, ambos Santos, e no successo da morte quasi iguais. Tinha-se notado neste Leigo por todo a vida tanta singeleza d'alma, tamanha pureza de costumes, que na opinião de todos era julgado, e avido por Santo. Adoeceo mortalmente no mez de Dezembro; quando foi dia de S. Thomé, sobreveo-lhe hum accidente com tais termos, que pareceo estava acabando, não só aos Religiosos que com grande caridade curavão delle, mas tambem ao Santo Frei Gil, que como medico foi chamado pera

o ver. E porque se persuadio que brevemente espiraria: assi como nisso não tinha duvida, tambem a não tinha, (porque conhecia o sujeito), que desatada aquella alma do corpo se iria voando aos braços do Criador, e fez-lhe lembrança, (parece que devia estar virado pera a parede), que hum grande Santo, e tambem Martinho como elle, achando-se em semelhante artigo, quizera acabar em postura qne descubrisse o Ceo, e a parte Oriental com os olhos, dizendo, que ficava assi melhor, porque despedida a alma do corpo se iria a elle seu caminho direito. E chamou hum enfermeiro, e disse-lhe á orelha que fizesse outro tanto ao nosso Martinho. Parecia, e era impossivel ouvil-o outrem na casa, quanto mais quem estava penando em paroxismos de morte. Eis que esperta o que davão por morto, e levanta a voz, como tornado do outro mundo, dizendo, Padre Frei Gil não morro agora, passarão quatro dias, então me irei pera o Ceo. E aconteceo pontualmente, como o disse. Porque no dia Santo do glorioso nacimento de Christo á hora que no Coro se começava a entoar o Invitatorio: *Christus natus est nobis*: se foi elle ajudal-o a cantar aos Anjos no Ceo.

CAPITULO VIII

Do Padre Frei Pedro de Santarem, e do irmão Leigo Frei Martinho segundo.

Onde faltão informações de vida, bastante prova he de virtude huma boa morte. Este capitulo será tambem de mortes com historia breve de successos em vida: mas esses acompanhados de claros sinais de grande valia com Deos. Acharão-se hum dia na enfermaria juntos o Padre Frei Pedro de Santarem, que fora medico antes de Religioso, e hum irmão Leigo, por nome Frei Martinho, que chamaremos segundo pera differença do primeiro, de quem falamos no capitulo precedente, e o santo Padre Frei Gil. Os dous ainda enfermos, e em cama: o Santo convalecente, e de pé. Na hora de Noa, que a Communidade estava no Coro dando aquelle espaço á oração, não o quizerão perder os dous enfermos, (que obriga muito o bom exemplo aos olhos, e em casa, se se não vive entre gente insensivel), eram ambos muito espirituais, e virtuosos: o trabalho da doença affinava o espirito, e aperfeiçoava a virtude. Foi a oração de Frei Pedro tão fervorosa, que assi como estava de joelhos

sobre as pobres mantas se foi levantando no ar até pôr a cabeça no telhado. Não estava longe Frei Martinho: acertou virar os olhos, ficou não attonito, nem pasmado, porque tambem era experimentado, e douto nos effeitos da oração, mas louvando a Deos com cordial consolação: e vio que passado hum bom espaço tornou o extatico companheiro a decer pouco a pouco, e ficar como d'antes sobre o leito. Entrou despois o Padre Frei Gil; e Frei Pedro, se confessou com elle, dando-lhe conta de si, e de algumas cousas que vira, particularidades que sintira. Porque o Padre Frei Gil já neste tempo, como adiante veremos, era buscado pera tais materias como Pai da Provincia, e como letrado, e Santo(*), e por sua relação que fazia ao Mestre Frei Humberto Geral da Ordem chegarão quasi todas estas cousas ao tempo presente. E os verdadeiros humildes quanto mais avante vão no caminho da luz, tanto menos fião de seu parecer. Respondeo-lhe o Santo por remate de tudo, que tivesse cuidado de esconder, e enterrar os favores do Ceo, polo risco que ha de se offender aquelle Senhor que os dá: porque quem publica tezouro, he sinal que ou quer ser roubado, ou pertende vam gloria. Acabada a confissão foi-se ao leito do Leigo, que com simplicidade de Leigo lhe começou a perguntar, se lhe dera Frei Pedro conta de hum maravilhoso rapto que tevera na hora de Noa; e espantando-se o Santo, como que o ignorava, foi-lhe contando, e encarecendo o que vira, que conformava pontualmente com o que da boca de Frei Pedro ouvira. Mandou-lhe o Padre o mesmo que aconselhara a Frei Pedro, obrigando-o a guardar segredo com boas rezões, e com sua autoridade. Ambos estes enfermos teverão fim glorioso, e em breve tempo. Hia Frei Pedro convalecendo da doença, e crecendo em perfeição, e ao mesmo passo lhe acudia o Senhor com o Maná celestial de suas consolações, e misericordias. Não soffria o enemigo das almas que coubesse tanto bem em peito mortal, ardia em fogos de raiva, e inveja. Estava o convalecente hum dia de joelhos diante de hum altar orando: chega-se a elle disfarçado com mascara, e habito de Frade, e como besta fera que he, sacode-lhe hum couce, com que lhe abrio grande ferida em huma perna: e não contente com isto, leva-o pelo pés arrastado por toda a Igreja com tanta furia que ficou todo pisado, e de novo enfermo pera muitos dias. Porque a ferida como foi de pé Luciferino nunca acabou de soldar, e em fim ficou em fistula: e della veio a morrer. E assi a ira de quem cuidou que lhe fa-

(*) Gregor. Hom II. in Evangel.

zia mal, lhe acarretou o maior bem dos bens, qual he pera os justos acabar contas com o mundo, e entrar na posse da gloria.

Não tardou muito em lhe ser companheiro na morte quem o fora na doença, e na enfermaria, digo Frei Martinho o Leigo: em cujo transito quiz a misericordia Divina descubrir o tezouro de virtudes que andava encerrado, e desconhecido debaixo da cortiça tosca de hum Leigozinho idiota, e rude, rude, e idiota pera o mundo: grande sabio diante de Deos. Acabou de espirar, cobrio-se-lhe o rosto da sombra, e noite da morte, em lugar da luz, e graça da vida que hia fugindo. Começou a Communidade junta o officio da commendação da alma, como he costume: eis milagre espantoso, trocão-se de novo as cores do morto, reveste-se o sembrante pallido, e mortal de huma luz extraordinaria, como de orizonte, onde o Sol vem nacendo mui vizinho, (final certo do que já lhe allumiava a alma), luz tão clara, e luminosa, que cerrando-se o dia, ficou o Prior rezando a ella polo processionario, que tinha na mão, todo o Officio, como pudera fazer se tevera junto de si huma tocha.

CAPITULO IX.

Do santo fim de Frei Domingos, e Frei Gonçalo irmaons Leigos.

Rezão he que á vista de tão bendito Leigo, não saia a historia de Leigos. E não he menos de estimar o que agora diremos de dous: e tão venturosos ambos, que teverão por seu Cronista o Santo Padre Frei Gil, que ajuntou o que havemos de contar delles á relação que atrás dissemos. Chamava-se hum Frei Domingos, que por muito modesto, manso, e encolhido, era amado, e confessado do Santo Frei Gil. A elle reconhecia o Leigo por Mestre, ainda que havia outro em casa: a elle dava conta de sua alma. Com tal nome, e com tal mestre bem era que fosse Santo. Veio a adoecer perigosamente, e por tempo deu em hidropico. He o mal muito penoso, e de que poucos escapão: e todavia tinha alguns dias de tanto alivio, que se promettia a saude que desejava. Poz-lhe hum dia o desejo della na imaginação, que o sitio da enfermaria era contrario ao seu mal; que se mudassse estancia, se acharia melhor: e não he bom sinal em doentes procurar mudanças de lugar. Com tudo pedio que o tirassem da enfermaria, fez instancias até tomar por valedor seu amigo, e confessor, e em fim passarão-no a huma cella que apontou. Dei-

tou-se, quietou, alegrou-se. Era sobre tarde, tangerão a Capitulo despois de Completas. Pareceo ao enfermeiro que lhe dava a boa sombra do seu doente lugar, pera não perder o Capitulo. Foi-se a elle, acertou a ser comprido, tardou hum espaço largo. Quando tornou, acha o doente inquieto, enfadado, e queixoso, que falava consigo, e dezia: Valha-me Deos que cousa tão mal feita? como se descuidarão os porteiros? que entrasse huma molher polo Convento, e polas officinas, e só? e que não houvesse quem accudisse a tal desordem? Attonito o enfermeiro com o que ouvia, não sabia que cuidasse, e parecia-lhe genero de tresvalio. Chegou-se a elle, e o doente se começou a queixar de novo, e contava, que tanto que elle o deixara, entrara pola cella huma molher, que no geito, e trajo, e no ar da pessoa parecia nobre, e senhora. E que não fora sonho, nem força de imaginagão, que estava muito em si quando a vira: e ainda que ficara corrido, e pasmado de tal vista, notara que vestia de branco roupas de preço, e na cabeça trazia hum fino volante por toucado que lhe decia até os hombros: e estivera devagar, e assentada no escabello que tinha á cabeceira perguntando-lhe pola doença, e animando-o a soffrel-a com palavras graves, e de muita edificação: com as quais não negava que ficara consolado: mas eu, acrecentava o doente, escusara bem visita, e vista de molheres em tal tempo, e a tal hora: e espanto-me irmão, como não topastes com ella: que agora se vai d'aqui: e não acabo de cair em quem possa ser. Lançou o enfermeiro pola porta fora, tirou correndo á portaria, correo o Convento, perguntou a todos. Como não achou quem lhe desse novas de tal molher, tornou mais maravilhado que fora: e de novo cançava o doente por saber particularidades da visita, que já tinha por cousa grande, e mysteriosa. Chegou a nova a seu Confessor, foi-se a elle, e ouvio de sua boca por extenso tudo o que temos referido. Mas eis que amanhecendo o dia seguinte, que era vespera da gloriosa virgem, e martyr santa Agueda entra o doente em artigos de morte. Acode o Santo Frei Gil, e apoz elle muitos outros Religiosos, ouvem que em voz alta, e alegremente dizia: Logo, logo: sim quero, quero morrer, e muito depressa. E com estas palavras na boca acabou a vida aos quatro dias de Fevereiro do anno de 1262. E acrecenta o Santo na memoria que fez deste Religioso, que fora parecer conforme dos Padres que presentes se acharão, e seu, que a Senhora que o visitara, fora a santa virgem Agueda, e que a mesma em suas vesperas o viera chamar pera o Ceo com sinais mais claros de

quem era, que os do dia atrás. O que infirião do processo da visita primeira, e das ultimas palavras do defunto, que forão indicio de outra; e muito mais ao certo da sua boa vida: e julgavão que a santa virgem, como quem tanto padecera em seu martyrio, quisera valer a quem fora martyr na doença, e como virgem, e a quem tambem o era (*): do que elle Frei Gil se dava por fiel testimunha, como quem muitos annos o o confessara.

Chamava-se o outro irmão Leigo Frei Gonçalo. Estava em cama de huma febre aguda tentado, mas ao parecer dos medicos sem perigo. Hum dia mandou á pressa que lhe chamassem o Prelado, e pedio-lhe com efficacia que lhe quizesse administrar os Sacramentos, porque se sintia ir acabando por momentos. Fazia o Prior duvida em tanto apertar quem não mostrava mais sinais de morte, que os de seu dito. E o doente acrecentou: Eu Padre Prior não me engano: e se vossa Reverencia viera hum pouco antes, achara nesse lugar minha mãi, e irmã, as quais são mortas dias ha, como vossa Reverencia sabe. Ellas me disseram que me aparelhasse, que sem duvida morreria, á manham, e com ellas me iria ao Ceo. Eu me sobresaltei muito quando as vi, e conheci, e fiquei surpenso, e perplexo, imaginando se seria alguma illusão do Demonio. Ellas vendo-me duvidar, me assegurarão dizendo, que não fizesse duvida em serem as mesmas: e soubesse que por intercessão da Virgem Mãi alcançarão licença pera me vir consolar, e avisar. E vossa Reverencia sabe muito bem que ambas erão molheres de boa vida, e devotas de nossa Ordem. Tambem me avisarão, que ainda que me apareção muitos demonios, que virão pera me perturbar, não tema nada, que ellas com muitos Frades do nosso habito se acharão aqui comigo. E assi estivesse advirtido que quando aqui chegasse meu Senhor Jesu Christo, (que só polas entranhas de sua misericordia me queria fazer esta mercê), me prostrasse a seus pés, nelle posesse todos meus pensamentos, e a elle encomendasse minha alma. Ouvidas estas rezões, não fez o Prior mais contradição, porque a virtude, e bom exemplo de Frei Gonçalo lhe tinham ganhado reputação pera ser crido em cousas grandes. E posto que os Medicos affirmavam que naturalmente falando, não era possivel desliarem-se os espiritos vitais tão em breve daquelles membros, polo grande vigor que nelles sintião, fez a vontade ao enfermo, ministrou-lhe os Sacramentos, e elle os recebeo, como quem tinha por

(*) Castilho p. 1. l. 2. c. 76. da Hist. Geral de S. Doming.

certo que morria, com devação, e consolação. E logo no dia seguinte ao romper da manhan se foi pera o Ceo, deixando aos Religiosos, que com elle assistirão, grandes penhores de sua bemaventurança, no rosto, e meneos antes, e despois de espirar.

He de notar que alguns autores estrangeiros, que este successo colherão dos escritos do Padre S. Frei Gil, varião no nome do irmão, não variando na verdade da relação, e segundo seu costume huns lhe chamão Frei Anrique, outros Frei Gonçalo. E he a causa, que devia ter o Frade dous nomes, como apontamos em outros, e ser nomeado com ambos polo Padre S. Frei Gil, seguindo o estilo Portuguez: e os estrangeiros lançarem mão cada hum do seu, sem quererem advirtir na confusão que faz, ou não darem ambos, ou não concordarem em hum. Devia chamar-se Frei Gonçalo Anriques. Esta he a culpa em que outras vezes achamos comprendidos os escritores antigos, e de que nos temos queixado. Mas já passa aos modernos, como se póde ver nos que escreverão do nosso Santo Frei Luis Beltrão(*): cada hum lhe dá seu nome, poucos lhe juntão ambos.

CAPITULO X

Do Padre Frei Domingos Gomez Prior do Convento de Santarem.

Foi Frei Domingos Gomez hum dos primeiros sojeitos que da villa de Santarem vieram á Ordem: e como dos primeiros em tempo, tambem foi dos que mais se aventajarão em virtude, e por tal veio a ser eleito em Prior da mesma casa. Administrando o cargo com toda prudencia, e religião que se podia desejar, era tão profunda sua humildade, que se corria, e havia por indigno de governar gente tão santa como tinha no Convento. E entendendo que lhe seria melhor ser mandado que mandar, e obedecer antes que ser obedecido, polo grande risco que he pera huma consciencia pura aceitar por sua vontade cargo de almas, pedia com grande efficacia absolvição do officio, alegando além do impedimento interior de sua consciencia, outro não pequeno de infirmidades, que na verdade padecia trabalhosas: as quais lhe tolhião seguir as Communidades, e exercicios da Ordem com a continuação, que está obrigado todo Prelado, muito mais que os subditos. Mas não lhe valen-

(*) M. Frei Vicente Antist. M. Frei Francisco Diago. Cron. da provincia de Aragão l. 2. c. 73.

do suas diligencias em particular com o Provincial, fez conta que lhe valerião com os Padres da Provincia no Capitulo que instava. Despachou pera elle o companheiro que por eleição do Convento lhe foi dado, porque suas indisposições lhe não davão lugar pera fazer caminho. E encomendou-lhe sobre tudo o que a cargo levava, lhe alcançasse no Diffinitorio sua absolvição: e não contente com esta diligencia pedia a outros Padres que hião a Capitulo publicassem sua inhabilidade, e impossibilidades, e ajudassem o requerimento. Mas achando a todos contra si, que chammente lho estranhavão, e havião por genero de ingratidão querel-os deixar, quando de seu governo se davão por contentes, e consolados: affligia-se, e dezia com grande espirito: Hora meus Padres fação embora o que quizerem, que se lá me não quizerem livrar d'este tormento, Prelado maior temos no Ceo, que conhece minha insufficiencia, e os intentos que me movem; elle com seu poder me absolverá. E assi lhe succedeo como o disse. Adoeceo, idos os Capitulares, e antes de tornarem a casa deixou vida, e cargo juntamente, com dor, e admiração de todos quando o souberão, e arrependidos tarde da contradição feita, que ainda continuarão no Capitulo. Mas bem mostrou sua morte que nem os subditos se enganavão no conceito que tinhão d'elle: nem elle do que valião suas orações diante de Deos. He cousa certa, que entrando na batalha da morte assi festejou a nova d'ella, como se ao sabido entrara a vencer, e triunfar, não a pelejar. Naceo-lhe esta confiança, e animo da honra que lhe fez n'aquella hora temerosa, a Virgem Mãi de Deos com sua gloriosa presença. Foi o espaço breve, e ao parecer do doente hum momento. Ficando muito esforçado, ficou por estremo saudoso. Que como está escrito, mil annos de beus da gloria, são hum dia curto da terra, e dia já passado (*). E tornando-se ao Padre Frei Alvaro que junto d'elle estava, queixava-se piadosamente, e dizia: Meu Padre Frei Alvaro, pera onde se foi aquella Senhora que agora aqui estava? Imaginou o Religioso que serião delirios de enfermo, respondeo-lhe que estivesse bem no que dezia, que como ignorava elle, que não podião chegar molheres áquelle lugar. Isso são molheres da terra, tornou o doente: e eu d'essas não falo, senão da que he bendita entre todas as da terra. Por esta pergunto, que agora estava aqui diante de nós com o precioso Jesus em seus santos braços: e muito me espanta não dar V. R. fé d'ella. Apoz estas palavras fez muitas vezes sobre si o sinal da Cruz; parecendo aos Pa-

(*) Psal. 89.

dres que era combate de enemigos, e que entrava em passamento, fizerão tanger as taboas pera acudir a Communidade, (costume santo da Religião achar-se em tal passo todo o Convento presente pera socorrer com orações multiplicadas ao affligido, e juntamente tomar cada hum doutrina n'elle do que espera a todos). Abrio então os olhos, e vendo a casa cheia de seus irmãos, levantou as mãos, e olhos ao Ceo, como quem dava graças a Deos por se ver acabar em tal companhia, e foi-se a elle em paz.

Poucos dias despois apareceo este Padre a outro da mesma casa, pessoa de credito, que estava esperto, e rezando, e conhecendo-o lhe fez pergunta sem torvação, se era elle como parecia o Prior Frei Domingos pouco antes falecido. Esse mesmo sou, respondeu o defunto, morto pera o mundo, mas vivo pera Deos, e em sua gloria. Peço-vos que advirtais os nossos Frades, que não consintão entrar seculares onde estiver Religioso em artigo de morte, porque perturba n'aquelle passo a vista d'elles: e a mi me custou alguma cousa a presença de huns que me acompanharão: erão parentes, fizerão-me compaixão suas lagrimas, sinti-as com fraqueza humana, e paguei-as com pena de fogo. Parece que fazia inda o bom Prior officio de Prelado vindo da outra vida a dar advertencias a seus subditos. E na verdade, assi he, que não perdem os justos a caridade com a morte: antes aviva, e refina com o lume da gloria que gozão. E por isso he santo, e proveitoso pensamento fazermos muito polos fieis defuntos, sendo certos que nos não podem faltar com agradecimento, e paga quando mais nos importar. Mostrou-o este Santo com seu Supprior por termo extraordinario, (digo seu, porque servia ainda o officio que elle lhe dera, e este caso foi poucos mezes despois de sua morte). Estava Frei Domingos Afonso, que assi se chamava o Supprior, doente na enfermaria, mas era o mal tão leve a parecer de todos, que não dava cuidado. Eis que alta noite soa huma grande voz no dormitorio, que espertou todos os Frades, como se cada hum fora chamado á porta da cella: e não houve nenhum que duvidasse ser a fala do Prior defunto. Dezia a voz: Levantai-vos irmãos, acudi depressa ao vosso Supprior que morre. Forão todos correndo á enfermaria com o Credo na boca, como he costume na Ordem em casos semelhantes, espantados do espertador muito mais, que do perigo não cuidado do enfermo: e acharão-no em estado de grande necessidade. Mas não parou aqui a caridade do defunto. Tinha o Santo Padre Frei Gil n'este tempo

seu recolhimento fóra do Dormitorio commum, por ser muito velho: e em parte que não podia ouvir a voz que espertou a communidade. Foi-se o defunto a elle, tirou-lhe do braço, que dormia, e dando-se a conhecer, disse-lhe que acudisse depressa ao Supprior Frei Domingos Afonso, porque estava acabando, e estando já acompanhado de todo o Convento, só elle faltava: sendo elle quem o trabalhado enfermo mais desejava ver pera allivio do aperto em que estava. Levantou-se o Santo velho, chamou por um irmão leigo que o acompanhava na cella pera irem ambos, dizendo-lhe do accidente do Supprior, e quem o avisara d'elle. Não se persuadia o Frade, nem acabava consigo deixar o leito, affirmando que na mesma noite ao recolher o deixára quieto, e sem sombra de perigo: por onde não havia que crer de fantasmas. Forão comtudo ambos: e chegando acharão o enfermo no estado em que o defunto dissera, o qual recreado hum pouco com a vista, e benção do bom velho, que todos tinhão por pai, e respeitavão como Santo, se finou logo. No livro dos Obitos do Convento de S. Vicente de Lisboa, que chamão de fóra, por ficar fóra dos muros antigos da cidade, e podemos dizer, que foi o primeiro que n'ella se povoou de Religiosos despois de tomada aos Mouros (são Conegos regrantes de S. Agostinho) achamos memoria d'este Padre com esta letra: XI. *Kal. Octob. obijt. Frater Dominicus Gometij Prior Præd. Sanctaren.* Mas não aponta anno, como já advirtimos; e he o primeiro Frade d'esta Ordem, de que faz menção despois de dom Frei Sueiro.

CAPITULO XI

Do Padre Frei Fernando de Jesu, de suas doenças, e paciencia: de sua santa morte, e aparecimento despois d'ella.

Aqui cabe lugar a outro Religioso d'esta casa, que tambem veio da outra vida dar-nos avisos, e boas novas. Era seu nome Frei Fernando de Jesu: e não o teve debalde: porque toda sua vida foi huma perpetua cruz, e uma invencivel paciencia com que a levava. A calidade do trabalho forão doenças prolongadas acompanhadas de dores, com que movia a piedade, e lastima os Religiosos, e movera infieis se o virão, segundo erão apertadas, e terribeis. O termo, com que se havia n'ellas veio a passar o mais alto gráo de paciencia. Porque fez da pena gosto, e do tormento recreação, não cessando de dar graças ao Criador, quando

mais atribulado se via; como outro Job, por lhe tirar as riquezas da saude, que são as maiores da vida, e carregar-lhe a mão em lepra de dores por todos os membros, que cada momento o chegavão ao martyrio da morte. Mas no fim mostrou o mesmo Senhor que de sua mão procederão doenças, dores, e paciencia, coroando tudo, ao passar da vida, com hum manifesto sinal da gloria, que já lhe começavão a render. E foi imprimir-lhe no rosto huma luz extraordinaria, e incomparavel, que sendo julgada por reverberação do Sol Divino da gloria trocou logo as lagrimas dos bons irmaons em alegria, e as lastimas que lhe tinhão em santa enveja.

Não passarão muitos dias que este defunto se representou em sonhos a outro Religioso do mesmo convento, o qual conhecendo-o, mas duvidando da visão, lhe fez algumas perguntas. Foi a primeira se era elle Frei Fernando, como o parecia, a quem pouco havia, ajudara a enterrar. E respondendo, que era o mesmo que vira morto, e enterrado: Perguntou-lhe se lhe saberia dar novas de hum Frade da mesma casa falecido de poucos dias que chamavão Frei Diogo: respondeo, que estava no purgatorio, mas que seria brevemente livre, e entraria no Ceo Sesta feira da semana Santa, que vinha perto. Estendeo-se a curiosidade do que dormia, a querer saber a causa da pena: e o defunto o satisfez, apontando com o dedo na boca, e na garganta, e dizendo que fora complacencia que tivera de si quando cantava. Perguntando-lhe mais por outros Frades, respondeo que estavão bem. Porque haveis de saber, (dizia o defunto), que os Frades que morrem em sua Religião, e trabalhão por cumprir com suas obrigações, nenhum se perde: e particularmente são ajudados da Virgem Nossa Senhora na hora da morte. Pedio-lhe então o que perguntava, algum sinal pera certeza do que tinha ouvido, foi a reposta que no dia da festa de Ramos, que estava proxima, não haveria no Convento som de sinos, que isto levasse por sinal. Acordou o Frade tanto em si, e com a memoria tão viva das particularidades referidas, que só lhe fazia duvidar d'ellas, e de toda a visão, a impossibilidade que achava na ultima do sinal, sendo assi, que o dia he tão festejado por toda a Igreja, como sabemos. Mas chegado o dia, verificou-se o sinal por rezão de um interdito, que houve em todas as Igrejas da villa: e deu-se por certa a visão em tudo o mais, assentando os Padres que permittira Deos tão vagaroso colloquio pera doutrina, e aviso, e consolação de muitos, pola virtude, e merecimentos do santo defunto. E por ser tal, fez o Santo

Frei Gil relação d'elle ao Mestre Geral da Ordem. E não falta quem affirme, fundado em boas rezões, que nos casos raros, e semelhantes a este que o Santo escreveo, e affirmou, como apontava Frade sem nome, era elle o mesmo apontado. Porque casos de tanta admiração, e tão extraordinarios não os conta nenhum sisudo (*), senão vistos, e apalpados com as proprias mãos.

CAPITULO XII

De quem foi o Padre Frei Domingos do Cubo: e de sua vida, e morte, e sepultura

Sempre causou grande controversia, e muitas vezes engano entre os escritores antigos a semelhança, e allusão dos nomes em homens, e lugares. E se não ha muito cuidado nos que despois escrevemos, he forçado errar polos muitos seguidores que cada opinião leva trás si. Nas historias Pontificais he impossivel de averiguar entre tres Papas do nome João 20, 21, 22, a qual d'elles pertencem os casos que succederão por todo o tempo dos tres: e causou esta variedade servirem-se do mesmo nome, e não haver grande distancia de annos entre o governo de cada hum, como bem o advirtio Genebrardo na sua Chronologia. Da mesma maneira nos dá em que entender hum Thomás Doutor Anglico, misturando suas obras com as do nosso Thomás Doutor Angelico (**), pola vizinhança dos nomes, havendo tanta differença na real significação d'elles, quanta ha da terra ao Ceo, de Ingres a Angelico. Este trabalho temos no Capitulo presente, havendo de tratar do Santo Frei Domingos do Cubo (como elle se assinava), e não de Cuba, como algumas memorias antigas lhe chamão. Porque concorrerão com elle outros dous Domingos, que sem embargo de se distinguirem bastantemente por seus sobrenomes, houve tão pouca diligencia nos que escreverão suas cousas em no los dar a conhecer por estas distinçoens, que deixarão huma perpetua confusão, e enleio aos que despois quizerão escrever, porque sem grande culpa forão applicando os feitos, e virtudes de todos áquelle, a quem a caso, ou por alguma rezão se inclinavão. Assi convem fazermos aqui huma breve digressão, declarando quem foi cada um dos tres, antes de entrarmos na historia do nosso.

(*) Resende na vida de S. Fr. Gil l. 1. c. 7.
(**) Gen. in Chrono. l. 4. f. 682.

He pois de saber, que entre os companheiros do Patriarcha S. Domingos não houve mais que hum só Domingos, (como deixamos escrito) (*) e Espanhol, e de sobrenome o Pequeno: e deste foi aquelle feito celebrado, que se lançou no fogo vestido, e calçado, sem receber huma minima lezão, nem na roupa, nem na carne. E o mesmo foi hum dos tres companheiros que o Santo Patriarcha deu a dom Frei Sueiro Gomes pera a jornada de Espanha, (como atrás contamos) (**). E d'elle escreve o Mestre Frei João Teutonico no registro dos Santos, e varoens illustres da Ordem, que passando a Italia faleceo em Perosa cidade da Toscana, e jaz sepultado na Igreja velha do nosso Convento. Vindo despois nosso Padre de Roma a Espanha no anno de 1219 entre os sojeitos que de sua bendita mão receberão o habito forão dous Domingos, hum Castelhano natural de Segovia, que se chamou Frei Domingos Munhós: outro Portuguez por nome Frei Domingos do Cubo. Ambos trouxe alguns dias consigo, e forão poucos, porque não puderão ser mais que os que se deteve em Espanha. Mas esses bastarão pera os deixar tão aproveitados em todo genero de virtude, que forão espelho d'ella entre os Religiosos de seu tempo. E por serem tais andão envoltas as memorias que d'elles ficarão até com o nome de seu Mestre (***). O Castelhano residio muitos annos por Vigario, e Confessor das Freiras de Madrid no Mosteiro de Santo Domingo el Real. Ao Portuguez mandou nosso Padre que se viesse ajudar a dom Frei Sueiro a Portugal.

Este era Frei Domingos do Cubo. Em Portugal servio no ministerio da prégação, em que era unico, correndo muitas terras do Reino tão fructuosamente, que obrigou muita gente nobre a buscar a Religião, levados da excellencia da doutrina, e suavidade da pratica com que se declarava, á qual ajuntava exemplo de vida Angelica, costumes purissimos, e penitencia em todo extremo rigurosa. Os escritores da vida de S. Frei Gil (****) apontão entre outros Frei Bertolameu Pires, Frei Matheus, Frei João Domingues, e Frei Martim Godinho, que juntamente erão noviços em Santarem, e todos quatro nobres. Assi ganhou por todo o Reino nome de Apostolo de Portugal, polos muitos que fazia deixar o mundo, e nome de Santo polas mais virtudes: como o Mestre Frei Jeronimo de Padilha em humas memorias, que sendo Provincial n'este

(*) L. 1. c. 8.
(**) L. 1. c. 8.
(***) Castilho p. 1. l. 1 c. 42.
(****) Resende l. 2. t. 1. exemp. 82.

Reino, e hum dos reformadores, que de Castella vierão a chamado del Rei dom João o Terceiro, deixou de sua mão escritas das cousas notaveis d'elle. E acrecenta, que este Convento de Santarem por tradição recebida de tempo immemorial o reconhece por seu fundador, no sitio e lugar em que hoje o vemos. Trabalhou muito Frei Domingos em chegar a perfeição huma tamanha maquina como foi Igreja, e clausiro sem braço de Rei, como atrás tocamos. E n'isso se deixa bem ver o que valia com os homens a opinião de sua virtude. Faleceo em boa velhice dous annos pouco mais ou menos primeiro que S. Frei Gil. Do lugar de sua sepultura não ha noticia certa. Erão aquelles tempos faltos de curiosidade, e quanto a meu juizo não por defeito de quem soubesse, ou podesse escrever entre os nossos: mas porque era tal a perfeição dos Religiosos, que tudo quanto fazião lhes parecia pouco: e não fazendo cousas tão grandes que só a fama as fizesse duras por exorbitantes: havião por vergonha lançar em livro as que tinhão em si por ordinarias, que são as mesmas que hoje nos espantão d'elles. E na verdade quando soube dizer hum gentio: *Facilis iactura sepulcri* (*), tendo por leve perda a de ficar sem sepultura, não he de espantar que aquelles nossos maiores, que só dos bens da alma tratavão, fizessem pouco caso do sitio em que havia de ficar o corpo mortal, e corruptivel: farião conta que onde faltasse a cerimonia da pedra que o cobrisse, ou ainda terra que o agasalhasse, não podia faltar a capa do Ceo que tudo cobre, como disse o outro: *Cœlo tegitur qui non habet urnam* (**): e essa bastava pera esperar o dia glorioso da Resurreição. A tradição mais aprovada he que o mumento de S. Frei Gil contem em si duas sepulturas, e quem considerar com attenção a fabrica d'elle achará que logo representa huma sobre outra. E dizem que pera a baixa foi tresladado o corpo do Santo Padre Frei Domingos do Cubo, (o que devia ser quando se passou pera a alta o de S. Frei Gil seis annos despois de seu falecimento, como adiante veremos) porque ambos jazião no commum cemiterio, e assi como erão venerados n'elle, ficarão despois venerados, e visitados juntos em hum sepulcro. E bem concerta estarem juntos em huma capella, e debaixo de uma lagea aquelles que em vida forão muito amigos, e cuja memoria na morte ficou á vista de ambos pintada no retabolo que faz ornamento á capella. E não devemos duvidar, que como tudo sahio de hum pensamento, e de huma só mão, capella, sepulchro, e pintura, não se esqueceria quem

(*) Virgil. Æneid. 2.
(**) Lucan. Phars. 7.

tudo fez, de honrar com marmores a quem folgou de dar vida com o artificio de tintas, e cores. Quem foi autor d'esta fabrica dizemos adiante na vida do Santo Frei Gil. Aqui tocaremos sómente a parte que pertence d'ella ao Padre Frei Domingos.

Vivia em Santarem na freguezia de S. Nicoláo (*) huma virtuosa, e nobre matrona por nome Elvira Paes, a qual sendo como era viuva, toda sua consolação, como outra Anna profetissa, era a continuação da Igreja, e o santo exercicio da oração, e meditação em que tinha por mestres estes santos Religiosos, que por isso fazião d'ella muita conta. Polos annos do Senhor de 1265, havendo já dous, pouco mais ou menos que era falecido o Padre Frei Domingos do Cubo, adoeceo S. Frei Gil da ultima doença. Andava Elvira Paes desconsolada, e sollicita temendo-lhe o successo, como era muito velho. Amanhecendo o dia glorioso da Ascenção trouxe á Igreja a obrigação da festa, e o cuidado de saber do seu Santo. que tinha novas estava no cabo. Quando chegou soube que o acabavão de sepultar. Ficando magoada, e triste, foi o Senhor servido de a consolar no mesmo dia, e na mesma Igreja com uma visão celestial, a qual contava por estes termos. Sintida da perda do Santo passava pela memoria suas virtudes: e contemplava o grande peso de gloria, que já lhe terião rendido: desejava ir-se trás elle. Estando absorta n'este pensamento, representavão-se-lhe á vista dous velhos veneraveis por cans, e paramentos de ouro, e purpura, que conhecia serem os dous amigos Frei Domingos, e S. Frei Gil. E logo via huma grande escada, que tendo o pé no meio do cemiterio do Convento, chegava com as pontas ao Ceo, e notava que decião por ella dous Anjos cheios de luz, e fermosura de quem erão, e com grande festa chamavão polos dous velhos, dizendo: Vinde irmãos, vinde, e subi, que vos chama o Senhor. Assi forão logo subindo, e seguindo aos Messageiros até se recolherem com elles no Ceo. Era Elvira Paes por partes de virtude, e honra tão acreditada, que não houve quem duvidasse da visão: e mereceo além da tradição, que passasse á idade presente em um novo genero de escritura, de tempo em que nada se escrevia: que foi pintando-se em hum painel do retabolo que se fez juntamente com a capella, e sepultura de S. Frei Gil: e permanece hoje a pintura, porque se foi renovando a tempos. Contava Elvira Paes muitas vezes despois esta visão aos nossos Frades com abundancia de lagrimas, e grande suavidade de espirito, e mais

(*) Resende I, 2. t. 8. exemp. 35.

particularmente a hum padre que do mesmo tempo nos deixou escrita a vida de S. Frei Gil, e a Frei Martim Pires, e Frei Bernardo Religiosos muito espirituais, e de autoridade, por cuja relação veio passando em tradição até á idade presente, além do testimunho da Pintura.

CAPITULO XIII

Do nacimento, geração, estudos, e peregrinação do Santo Frei Gil, até o dia de sua conversão.

Quem vio nunca vaso de barro feito pedaços, despois de repassado do fogo nas mais vis cozinhas do mundo, moido de novo, amassado, e fundido tornar á roda do oleiro: e sair de suas maons mais lustroso, mais polido, e muito mais perfeito do que era primeiro? Isto he o que só faz, e pode fazer a omnipotencia Divina quando lhe apraz, como o diz por hum Profeta (*), e o provou em hum Paulo de perseguidor da Igreja tornado vaso de eleição: e com igual, ou maior evidencia parecerá no nosso Santo Frei Gil, de quem será este Capitulo, e alguns mais. Por que pertencendo elle ao Convento do Santarem, cuja historia vamos seguindo, por muitas rezões, inda que filho de habito de S. Paulo de Palencia, pertence-nos tambem, (porque nenhum titulo nos falte) por rigor de justiça fundada em Actas de hum Capitulo Geral celebrado em Bolonha anno de 1240, que dispoem, e manda que o Frade, que morar de assento nos limites da prégação de qualquer Convento, seja reputado, e e havido por filho delle, sem embargo de haver recebido o habito, e professado em outra Provincia.

Naceo Gil Rodrigues no lugar de Bouzella, termo da cidade de Viseu polos annos do Senhor de 1190, pouco mais ou menos: de pai, e mãi illustres por sangue, e por lugar, e fazenda no Reino. Seu pai se chamou dom Rui Paes de Valladares: foi do Conselho del-Rei dom Sancho Primeiro, e seu Mordomo mór, e juntamente Alcaide mór da cidade e castello de Coimbra. Do que dá bastante testemunho a letra de huma sepultura da Igreja de Santa Cruz de Coimbra, celebre Convento de Conegos regrantes de Santo Agostinho, alegada por Frei André de Resende (**), a quem seguimos nesta historia, que diz assi:

Hic situs est Dominus Rodericus pater Fratris Ægidij Sanctarenensis

(*) Jerem. 18. Act. 9.
(**) Fr. And de Resende in vita Beati Ægid. l. 1. c 1.

maior præfectus arcis, et vrbis Conimbrigensis. Aqui jaz dom Rodrigo pai de Frei Gil de Santarem, Alcaide mór do castello, e cidade de Coimbra.

Declaramos o Latim, porque dous Autores mais antigos lhe dão titulo de Pretor, que era officio de paz, como Juiz, ou Corregedor, e não de Alcaide mór, que he o que responde o nome de *Præfectus* na latinidade. Tambem dá que considerar o novo modo da inscripção, querendo quem a fez dar a conhecer o pai polo filho. Donde parece que se devia fazer muitos annos despois, não sem curiosidade, ou ambição, mas nada culpavel: porque hum Santo basta pera dar luz a toda huma geração de passados, e successores. Da mesma maneira argue tempos mais modernos o termo de *maior Præfectus*, porque desdiz muito da singeleza dos antigos pouco cuidadosos destas maiorias. Mas como quer que seja, seguimos o escritor acima nomeado, que he de noventa annos atrás, e foi Religioso de nossa Ordem, pessoa de calidade, e autoridade, digna de se alegar, que esta historia poz em boa lingoa Latina, tirando a de outra muito mais antiga, e meio barbara, que se guarda no Convento de Santarem tambem composta por Frade: e de hum, e outro podemos estar seguros que farião o officio livres de paixões que desvião da verdade.

A mãi de Gil Rodrigues foi dona Tareja Gil, que o mesmo Autor (*) nomea por tia de dona Joana Dias senhora da villa da Atouguia, que muitos annos andou em casa da Rainha dona Breitiz de Guzmão molher del Rei dom Afonso Terceiro, e foi mãi de Nuno Fernandes Cogominho, pessoa de grande nome, e Almirante do mar em tempo del Rei dom Dinis. Esta dona Joana alcançando em annos ao Santo primo lhe edificou capella, e sepultura, como ao diante veremos. Teve Gil Rodrigues mais dous irmãos, Paio Rodrigues, e João Rodrigues, e outro que não nos consta se foi irmão inteiro, Dayão da Sé de Lisboa. Sendo moço, e mostrando inclinação ás letras com habilidade, foi posto no estudo por seus pais. Era Coimbra assento da corte, e juntamente havia nella Mestres das boas artes, e sciencias. Porque el Rei dom Sancho como recebeo de seu pai o reino pacifico, e rico, procurou illustral-o, e acrecental-o por muitas vias: e não lhe esqueceo a das letras, que he a que mais lustre dá aos homens, e ás provincias. Deu-se Gil Rodrigues, despois que teve eleição nos estudos, com particular affeição á Medicina, e

(*) Resende l. 1. c. 1. in vita B. Ægidii.

começou a ter nome de grande estudante. Não desagradou a el Rei a determinação quando a soube, como seu Pai cabia tanto com elle, folgou de lha favorecer, enriquecendo-o a esse fim de beneficios Ecclesiasticos, e tantos que não erão menos de cinco os que possuia sendo ainda bem moço. Tres Conezias em tres Igrejas differentes, e distantes, Braga, Coimbra, e Guarda. Dous Priorados, hum de Santa Eiria de Santarem, outro de Coruche. Sofria o tempo estas disformidades, ou polo fraco rendimento das prebendas, ou por falta de homens: ou porque sempre aos validos sobejão rezões pera ajuntar nos seus. Vio-se o moço prospero de renda, e engenho: e como tinha já tomado o sabor ao gosto que dá o nome, e estimação das letras, parecendo-lhe que, se tocasse qualquer Universidade subiria a grandes gráos de honra nellas; persuadido do pensamento negocea licenças, poem-se a caminho com os olhos em Paris. Não falta quem diga que a rezão de se aplicar ao estudo da Medicina, inda que então não era indigno de gente illustre, fora com fim pouco honesto de poder entrar em muitas casas, e penetrar como medico, onde como mancebo, e nobre achava tudo cerrado, e timido. E assi o descubrio o successo. Porque não tinha andado muitas jornadas, quando se lhe fez encontradisso em figura humana o autor de tais pensamentos, e pai de toda maldade, e fingindo que levava o mesmo caminho, entrou com elle em praticas, como he costume de caminhantes, dando, e pedindo contas. O descuidado mancebo se lhe abrio todo; e o enemigo começou a combatel-o a duas mãos: huma invisivel dentro na alma, e outra de palavras suaves, e venenosas nas orelhas. Que acertava, lhe dizia, porque era mui conforme a sua idade, e calidade pretender valer, e ter nome; e juntamente levar boa vida. Que na verdade se a valia, e honra não havia de ser meio pera poder viver livre, e alegremente, e em todo genero de delicias: e se a primavera da idade se não houvesse de lograr com os gostos, e passatempos, que naturalmente apetece, titulo vão, e sem sustancia era a honra, sensabor, e pouco de estimar o melhor tempo que Deos dera ao homem. Que não fora máo termo inclinar á profissão de Medico, pera com roupas largas ir possuindo rendas Ecclesiasticas: mas pera ser famoso no mundo, e juntamente ver, e alcançar muitas cousas de gosto, e grandes boas venturas, havia sciencia mais poderosa que a Medicina, e menos custosa de aprender. E perguntado qual era, respondia, que a arte Magica era só a que podia fazer hum homem estimado nas cortes, valido dos Reis, e de todo

o resto do mundo quasi absoluto senhor. Porque aos que a sabião não se lhe escondia nada do que havia, e se fazia em todas as provincias, quanto mais em todas as casas; e não só alcançavão o presente, mas tambem antevião o que estava por vir, com os successos particulares da fazenda, e da honra, da morte, e da vida, da guerra, e da paz: e d'aqui viera nos tempos muito antigos chamarem-se Magos os grandes sabios, por ser esta a maior sciencia de todas. Logo lhe foi apontando alguns homens que n'aquelles tempos havião sido famosos em Espanha, e affirmava que o forão por beneficio d'ella, obrando maravilhas hora de espanto, hora de riso, humas de importancia, outras de passatempo. Em fim era arte pera honra, e pera gosto: e sendo arrimada á Medicina, que elle já sabia, teria bella capa pera grandes effeitos, porque atribuindo as cousas grandes á força natural da Fisica ganharia nome do maior Filosofo da terra, e espantaria o mundo, como outro Apollonio Thianeu. Com estas mintiras foi engolfando o pai d'ellas hum animo temerario, e cobiçoso, em desejos de se vender, se fosse possivel, por achar hum mestre de tal sciencia: e com grande efficacia lhe perguntava que meio haveria pera descobrirem algum. Então lhe foi dizendo, como sem torserem muito, poderião dar em lugar, onde havia escola, e mestres consumados: mas que era cousa mui secreta, e sabida de poucos, e que tinha suas difficuldades, e algumas condições pesadas: que, se quizesse, lhe faria serviço de o guiar. Não sabia o moço a hora que se havia de achar em Academia tanto da sua arte, e dava-se mil parabens por haver encontrado com tal homem. Só nos estylos que lhe referia da escola reparava hum pouco: porque deixar a fé, (como propunha), hum homem nobre, era cousa indigna: obrigar-se a isso por escrito, e escrito feito, e assinado com sangue proprio, parecia abatimento dal-o, e huma desconfiança torpe, e de gente baixa, e roim o pedil-o. Facilitava-lhe tudo o companheiro: e em fim vencido da esperança das honras, e dos gostos de que já se representava senhor, foi-se com elle onde o esperavão os ministros da officina infernal. Era huma gruta na raiz de hum monte, em lugar ermo, e longe de povoado. Aqui entrou, e residio feito discipulo de Lucifer. Muitas particularidades se contão de condiscipulos que vio levados em corpo, e alma ao inferno, e outras cousas que lhe puderão bem abrir os olhos, se não estivera de todo cego. Em fim fez seu escrito á vontade de quem lho pedio, e despedido foi-se buscar melhor escola. Todos os que escrevem dizem que residio nesta das covas tempo de sete annos,

e que erão junto a Toledo. A dilação de tantos annos se me faz dura de crer pera em animo que só tinha por mira vicio e gosto. Caminhou direito a Paris, entrou nos estudos, e aulas da Medicina, e mostrou logo tal agudeza nos autos da sciencia, e tal mão em algumas curas de importancia, que antes do tempo foi havido por digno do grão que pretendia. Então se começou a entregar a todo vicio á redea solta, servindo-se das más artes humas vezes pera ser mais máo, e outras pera espanto, e entretimento seu, e de amigos, obrando cousas que parecião exceder as forças da natureza. Assi andava na boca das gentes estimado, e envejado: e por estremo contente, e igualmente esquecido de si. Em tal abismo de enganos, e miserias vivia, quando o Senhor foi servido pôr nelle os olhos de sua Divina misericordia por hum novo, e estranho modo, como veremos no Capitulo seguinte.

CAPITULO XIV

Da milagrosa conversão do Santo Frei Gil, e como tomou o habito de S. Domingos, e fez profissão.

Estava Gil Rodrigues hum dia em seu estudo, e sobre os livros da infernal sciencia, descuidado de toda cousa que lhe podia dar pena. Eis que subitamente se lhe poem diante hum homem armado, e a cavallo, e brandindo-lhe huma lança nos olhos com braveza, dizia: Muda a vida homem, muda a vida. Assombrou-se Gil Rodrigues, e sobresaltou-se muito, arguindo-lhe a consciencia, (como acontece), n'aquelle tempo muitas cousas juntas, e todas más, e tristes, e medonhas (*): mas tornado sobre si, e tirando pola carne a liberdade, e soltura da vida, parecia-lhe a visão sonho, e o fazer caso d'ella pusillanimidade, lembrando-lhe que o cavallo, e cavalleiro lhe parecerão de pedra, e despois se resolverão em ar. Assi fôi continuando em seus desatinos. Mas não se esquecia o bom Pastor da ovelha perdida. Passados poucos dias torna o cavalleiro sobre elle na mesma postura, e habito, mas com termo, e sembrante mais temeroso: e arremessando-lhe o cavallo como que o queria levar debaixo dos pés, e pondo-lhe a lança nos peitos: Muda, disse, muda, muda homem a vida, se não morto es. Ficou Gil Rodrigues como fóra de si, de attonito, e confuso, e respondeo com pavor, quasi como outro Paulo. Si

(*) Sap. 17.

farei Senhor (*). E peço-vos me perdoeis não obedecer da primeira vez. Isto dezia, e juntamente se sintia ferir da mão do cavalleiro com tanta força nos peitos que lhe parecia ficava atravessado da lança: e obrigado da dor deu hum grande grito chamando polos criados que lhe acudissem. Achou-se com menos mal do que cuidava, porque não apareceo no lugar do encontro mais que huma riscadura leve, e superficial, e com tudo determinou logo não esperar terceira amoestação, e mandou fazer prestes pera caminhar, e fogir de Paris. E foi bom principio da promessa feita, mudar terra; ao que ajuntou, dar fogo a quantos livros tinha da maldita magica: e feitos em cinza poz-se a caminho. Caminhava desabrido, e malenconico: dava-lhe occasião o ver-se só pera imaginar: entrava em si, lançava os olhos polos annos que tinha vivido: não achava hora izenta de culpa: quando chegava aos que empregara nas covas de Toledo, e ao que d'elles lhe resultava, perdia o gosto de tudo de corrido, e confuso, e abafando de pesar. Assi sendo d'antes amigo de travar praticas de passatempo com os criados, e com os que encontrava humas vezes com graças, e ironias, outras com derivações, e agudezas, como era de condição bem assombrado, e jovial: agora hia mudo, carregado, e aborrido de sorte, que os criados pasmavão não podendo atinar com a causa de tal novidade. Chegava á pousada, não tocava em nenhuma cousa de quanto lhe punhão na meza: fazião-lhe a cama, ou não se deitava, ou não tomava sono. E ou que fossem isto já principios de penitencia que obravão tristeza pera verdadeira saude (**): ou que redundassem no corpo, (como he ordinario), as feridas que seus cuidados lhe fazião na alma; cahio em huma febre malenconica de quartans, que lhe davão muito trabalho: e com tudo nunca se quiz curar, nem perder jornada até entrar em Espanha. Entrado nella, e por Castella, trouxe-o a estrada que seguia á cidade de Palencia. N'este lugar passou a caso polo sitio em que os Frades de S. Domingos andavão actualmente rompendo paredes em humas casas velhas, e levantando outras pera comporem seu Conventinho: vio ferver a obra, e n'ella amassando cal, e carregando pedra cubertos de pó, e caliça homens, que no gesto, e no geito mostravão não haver nacido pera tais misteres. Edificou-se, e compungio-se, não lhe parecendo feio aquelle pó, nem pouco honrado o serviço, quando lhe soube o fim. Logo fez conta de não passar dali. No dia seguinte

(*) Act. 9.
(**) 2. Cor. 7.

tornou ao sitio, buscou o Prior. Achou homem espiritual, e sabio: falarão de vagar, deu-lhe conta de si. Aqui fez a primeira retracção, ou abjuração de seus desconcertos, e vida passada por confissão vocal.

Ficou Gil Rodrigues algum tanto aliviado com este bom principio. He medicamento Divino huma boa confissão, he porta, e entrada pera todo bem, e que mais desabafa, e assossega huma consciencia, que começa a sintir-se, e a sintir. Foi cobrando alento, e estendendo o animo a cousas maiores. Tornou ao Prior, e propoz-lhe com palavras cheias de humildade, e conhecimento proprio, se haveria n'aquella santa casa misericordia, e lugar pera hum peccador desaforado, e facinoroso, e que o fora toda a vida contra sua alma, e contra Deos: mas sintindo d'alguma maneira, e muito desejoso de desejar tornar sobre si(*), e salvar-se de seus naufragios, por meio da muita santidade que alli via. Não devião ser ouvidas com olhos enxutos tais palavras, e tal requerimento, onde havia verdadeira caridade. Foi respondido não só com bom despacho, mas abraçado, e admitido com amor, e alegria do Prior, e dos mais Religiosos. E não tardou mais em vestir o santo habito, que em quanto escreveo aos seus, e despedio os criados. Neste passo teve o primeiro merecimento da fogida do mundo: porque levantarão pranto, como se o deixarão enterrado: mas elle apercebendo a paciencia pera maiores contrastes, enganava-a neste, com fazer conta que se via já livre de huma parte não pequena dos cativeiros do mundo, polo muito que obrigão os bons criados.

Desapegado d'elles, e encerrado com os seus Frades, e novos companheiros começou Frei Gil hum novo genero de vida, novo pera elle, mas ordinario nelles. Pagava a boa vida passada, de dia com estreita abstinencia, e com trabalhar na obra do Convento como o mais vil jornaleiro: de noite com asperas disciplinas, e oração, furtando pera ella muitas horas ao sono, e ao descanço corporal. E parecendo-lhe tudo pouco, a comparação do muito a que se achava obrigado, vingava-se de si, não só como algoz, mas como enemigo: carregando-se a mão com castigos particulares, em pago das particularidades com que servira, e deleitara os sintidos: polas casas grandes, e bem armadas huma cella erma, pouco maior que huma sepultura: polas sedas do leito, e olandas da cama hum tecido seco de varas, ou de canas, sem mais abrigo que huma manta de saco. Contra as sobogidões dos banquetes, pedaço de pão grosseiro, e negro: e pera os poder passar, humas folhas de couve

(*) Ps. 118.

cozidas em agoa, e sal, (que esta era a vida d'aquelles primeiros Padres de Palencia), quando alcançavão huma gota de azeite, era caso raro, ou festa grande. As alegrias dos saráos de França, as graças, e galantarias de corte, em que era unico, pagava com hum silencio inviolavel, ainda nas cousas muito necessarias. Os apetites de grandeza, e reputação, com andar na cozinha, lavar a louça, curar dos enfermos nos mais abatidos, e humildes serviços da Religião. Finalmente em vingança das sensualidades, que tão sem freio apetecera, cingio-se huma cinta de ferro sobre as carnes fechada com cadeado: e pera se privar pera sempre de toda esperança de alivio, lançada a chave no rio. Assi procedia com grande edificação dos Religiosos, até que pareceo tempo, (que ainda então não era certo, e preciso como agora) de lhe fazerem sua profissão. Mas esta, como a fez, não criou nelle mais liberdade da vida, nem mais alivio no modo d'ella: começou a ser noviço pera si, como o fora até então pera a Religião: agora voluntario, como d'antes por obrigação.

CAPITULO XV

Sae Frei Gil de Palencia, mudado pera Santarem. Continúa suas penitencias. Contão-se as persiguiçoens, e assombramentos que padeceo do Demonio, até alcançar o escrito que lhe tinha dado.

Neste rigor perseverou até que foi mandado pera Portugal. Não nos consta com que occasião. Parece que devia ser instancia de parentes com dom Frei Sueiro, a cujo cargo estavão as cousas da Provincia: porque a vontade em Frei Gil era affeito totalmente morto. Muito nos importára achar ao justo o anno em que se passou a Portugal, tirado por conjeitura, como atrás fizemos (*) pera alcançar o principio da casa nova desta villa: se foi logo despois da profissão, responde-nos ao fim do anno de 1220, ou entrada de 1221. Mas como todos os autores dizem que veio logo pera Santarem, onde neste tempo não havia ainda Convento, he força dizermos que se deteve em Palencia, tres ou quatro annos. Achou Frei Gil a casa de Santarem florida de gente santa, recreação grande pera sua alma, confusão nova por outra parte, quando lhe lembrava o penhor que tinha em poder do enemigo, pacto infelice, e penhor de sangue, escrito, e assinado de sua mão, feito, e dado com muito gosto.

(*) L. 2. c. 2.

E não havia cousa que o consolasse, parecendo-lhe que tanto lhe durava a triste vassalagem, e que se condemnara, quanto tardava em o resgatar. Aqui era o desfazer-se em lagrimas diante do Santissimo Sacramento, não cessando noite, e dia. Aqui o apertar com novas penitencias, e bradar por misericordia. Mas julgando que não era, nem merecia ser ouvido, tornava-se á Virgem Mãi, emparo, e remedio de peccadores, ancora sagrada, e ultimo refugio de affligidos. Pedia-lhe que valesse ao filho adoptivo diante do natural: que não poderia negar nada a tão boa Mãi, inda que fosse por tão máo filho. Havia na casa do Capitulo huma devota imagem da Senhora. A este lugar o trazia a confiança que só nella tinha, pranteava, carpia-se sem descançar, queixava-se de si, e confessava que não era merecedor de perdão, e logo se dava a pena lavando as costas em sangue, que corria em rios até regar as lageas. Muito tempo continuou neste exercicio sem mais consolação, nem orvalho piadoso do Ceo, que huma interior confiança que se perseverasse, lhe não faltaria despacho, conforme á Divina promessa: *Omnis, qui petit, accipit; et qui quærit, inuenit* (*). Mas esta lhe procurava roubar o enemigo, atemorizando-o com figuras medonhas, e fantasmas infernais. Estava huma noite cheio de fervor orando: eis que subitamente lhe abre a terra até o centro, e poem-lhe diante dos olhos todo o Inferno junto (vista horrenda) sem ficar cousa que pudesse mover asco, e pavor, que lh'a não representasse, as miserias, os tormentos, as disformes posturas dos padecentes, as cruezas, as visagens, a fealdade dos atormentadores; trabalhando persuadil-o que por muito que orasse, aquelle horror sempiterno havia de ser sua eterna morada. Outra vez tomando a figura de hum monstruoso Centauro armado de arco, e frechas, embebia huma no arco com tanta força, que lhe fazia juntar as pontas, e apontava em Frei Gil, (que de medo estava sem sangue) com geito, e ferocidade tal, que lhe parecia não podia escapar de atravessado. Valia-se nestes passos das armas de fiel Christão, do nome poderosissimo de Jesu, e sua Cruz santissima. Fogia o enemigo: mas elle não deixava de ficar perturbado, e descontente, attribuindo a seus peccados tanto poder, e tamanhas affrontas: e todavia como bom soldado tornava sem desmaiar a seu requerimento, e oração. Sintia-se Satanás de o ver perseverante nas penitencias, e animoso na oração: arremete hum dia a elle feito huma fea, e disforme tartaruga, de cabeça, e boca tão desmesurada, que

(*) Luc. 11.

prometia podel-o engulir: foi grande o medo, dando-se por outro Joñas no ventre da Balea. Mas alcançando já pouco por estes meios, porque a continuação tinha criado em Frei Gil animo pera desprezar suas fantasmas, como cocos de minino, determinou-se em guerra descuberta. Deixa figuras alheias, entra em campo com sua propria, mais temerosa por mais conhecida; e porque com ella refrescava a memoria das promessas, e culpas passadas ao delinquente. Começava a despregar aquella lingoa serpentina em mil afrontas, chamando-lhe traidor, e ingrato, fementido, e perjuro: ingrato a quantas boas venturas lhe grangeara de gostos, e delicias: traidor a quanta honra lhe dera entre Principes, e grandes da terra. Dava bramidos como Lião, fulminava feros, e blasfemias com gestos, e carrancas, que a si mesmo se excedia de feio, e abominavel. Mente, dezia, falsea, e perjura comigo quanto quizeres. Que isso mesmo te ha de fazer a guerra, porque ninguem te crea, a ninguem enganes. Chora, trabalha, cança, derrama esse sangue aleivoso. Meu has de ser chorando, e padecendo: melhor te fora rindo, e folgando. Affirmava Frei Gil quando despois de muito velho com santa singeleza contava estas cousas, que tanto lhe custava de medo, e tormento cada huma d'ellas, que muito menos sintira ver-se levar a justiçar em huma praça publica, não huma só vez, se não muitas. E todavia aturou este martyrio, e tentações com valor, e constancia sete annos inteiros, contados do dia que foi recebido ao habito. No cabo d'elles estando huma noite na sua ordinaria estancia do Capitulo, e no seu costumado, e continuo requerimento com a sagrada Virgem, e pedindo-lhe remedio com palavras sahidas do intimo da alma, e cheias de lastima, e desconsolação, forão sobre elle muitos Demonios juntos, e com maior violencia que nunca pretenderão metel-o em desesperação; e misturando ameaças com vituperios dezião, que a seu pesar, nem Ceo, nem terra havia já de lograr. Porque o Ceo tinha fechado, e feito de bronze, polo escrito de obrigação que com sua mão, e com seu sangue fizera ao Inferno; e a terra com os bens, e gostos d'ella perdia, polo querer quebrar como falsario: e assi não tinha que fazer, senão desesperar, e arrebentar, pois tinha perdido tudo sem remedio. Estava o penitente prostrado com o peito, e face em terra, cheio de medo dos exercitos de Satanás que o assombravão: mas muito mais do que sua consciencia o accusava, vendo nella mil testemunhos do que ouvia aos enemigos: e isto sintia mais que todas suas sobrançarias. Levantava o rosto, e olhos á Virgem, e

com grande dor, e humildade dezia: Virgem benditissima, elles dizem verdade, eu o confesso, no que toca a minhas gravissimas culpas: e não nego que tambem mereço por ellas o que dizem. Mas nunca confessarei que pesão mais meus peccados, que os merecimentos d'aquelle precioso sangue que meu bom Jesu Filho de Deos, e vosso, por mi derramou na Cruz. E como isso seja verdade, nunca desesperarei de sua Divina misericordia, inda que toda a vida padeça, e viva milhares de annos. E vós Virgem fonte de piedade não consintais que se alegrem vossos enemigos, levando vitoria d'este pobre filho vosso, que em vós fia, e por vós chama tantos annos ha. Mostrai Senhora, que são falsos, e mintirosos contra vós, e contra vosso Filho, e tambem contra mi. Mostrai com elles que sois Mãi de Deos: mostrai comigo que o sois de desemparados, acudindo-me com alguma consolação, e misericordia d'essas mãos poderosas neste abysmo de miserias. Assi dezia, do peso da tribulação quasi desmaiado: e os enemigos como em batalha rota atroavão tudo com grita, com braveza, e estrondo infernal. Neste ponto se sintio socorrido de poder invisivel. Porque vio fogir de repente os exercicios de Lucifer, como quem com medo dava as costas a maior força: soando d'entre elles huma voz horrenda que claramente dezia: Toma com a minha maldição, e de todo o Inferno. Nunca o houveras, se me não fizera força quem está n'esse altar: ella me faz guerra, ella me vence. E logo notou que vinha decendo do alto da capella, da parte onde a vazava huma abertura, pola qual os vira ir fogindo de tropel, hum pedaço de pergaminho, que pera sinal do que era, e de quem o ganhara, e dera a vitoria, se veio como posto á mão offerecer, e assentar aos pés da Senhora sobre o altar: era este o mesmo lugar por onde cahia a corda do sino do Convento, e até nossa idade se conservou no mesmo estado, e serviço, e justo fora que se não perdera o sinal d'elle, pera memoria de caso tão raro, inda que se escusou o uso. Não ha em nenhuma lingoagem termos bastantes a significar o gozo, e alegria que o atribulado Frei Gil sintio em sua alma, quando vio, e reconheceo a carta do infame concerto restituida a suas mãos. Torna-se a lançar por terra, e com a boca muda, e pegada nas lageas, e os olhos feitos duas fontes, deixou-se estar grande espaço em sinal das graças que desejava dar: e offerecia por ellas lagrimas e silencio, porque não achava razões que respondessem ao que sintia. Em sua alma se prometia por cativo á Mãi, e como resgatado por seo meio: prometia-se por escravo ao Filho, pois mostrara

em o livrar que não engeitava sua contrição, e penitencia: e cheio de prazer offerecia não haver de ter hora nem momento em toda a vida, que empregasse em outra cousa mais, que serviço da Mãi, e amor do Filho. Mas aqui he de considerar a alteza das misericordias, e riquezas de Deos, que quando faz mercês, excede, e sobrepoja não só os merecimentos, mas até os desejos, e imaginação do homem. Por sete annos, que Frei Gil chorou, lhe pagou com outros sete de perpetuos mimos, e favores: e particularmente o acompanhou em todos com huma luz da gloria, que como tocha acesa lhe andava, e aparecia sempre diante dos olhos, como em penhor de patrocinio certo contra as siladas do Inferno, que tanto o tinha afadigado, e nunca despois deixou de o perseguir em toda occasião que pode. E este socorro foi parte pera lhe vir a perder o medo de maneira, que não só o desprezava, mas era espanto, e terror a todos os espiritos Infernais. Assi veio a cobrar huma grande paz, e quietação d'alma, mas não que fosse parte pera deixar os rigores, e penitencias costumadas: antes as executava agora com mais vontade, quanto via, e tinha por certo, polo que lhe tinhão aproveitado, que as podia fazer com maior confiança.

CAPITULO XVI

Parte Frei Gil pera França a estudar Theologia. Conta-se a santa vida que fazia em Paris estudando, e como recebeo o grão de Doutor pola Universidade, e foi declarado pola Ordem por Mestre, e Leitor de Theologia.

Ajuntou Frei Gil á austeridade de vida que seguia, pera mais merecimento com Deos, e com a Ordem, dar-se ao estudo da santa Theologia: no qual se empregou com tanto cuidado, que fóra das horas que dava a Deos, em nenhuma outra cousa se ocupava dias, e noites. Como lhe sobejava habilidade, e estava fundado na Filosofia do tempo que estudara a Medicina, tinha bastante mestre em seu engenho, e Aula na cella. Mas porque nenhuma sciencia se aprende fundadamente se não em escolas, onde a conferencia, e emulação poem esporas, e aviva os engenhos, foi-lhe mandado polo Provincial que fosse residir, e graduar-se em Paris. Poz-se ao caminho por obediencia, que n'outro tempo tomara por gosto: e tal era a differença em tudo. Então rico, e acompanhado de

recamara, e criados, e engolfado em cuidados de agradar ao mundo: agora pobre, e a pé, e todo embebido em fazer alguma cousa por serviço d'aquelle Senhor que o livrara d'elles, e d'elle.

Ao entrar por França, de crer he, que achando-se em partes que n'outro tempo lhe forão occasião de offensas do Criador, tambem agora o serião de novas lagrimas, imitando o que tinha ouvido dos grandes penitentes. Que se só o canto de hum gallo fazia arrebentar em pranto o Principe dos Apostolos, que farião em Frei Gil os encontros que a cada passo tinha de muitas cousas juntas, em cada huma das quais reconhecia não só offensas ordinarias, mas aquella maior de todas da vil capitulação que fizera com os enemigos de Deos contra o mesmo Deos. Chorava de novo, mas juntamente engrandecia as misericordias do Senhor que o livrara, e assi crescia com elle em graça, e merecimentos (que este interesse rendem peccados bem chorados.) Mas se chorava nas cidades, alegrava-se nos campos, servindo-lhe qualquer flor que via, ou passarinho que ouvia, de se arrebatar em louvores Divinos. E como trazia grandes luzes na alma communicadas daquella, que lhe ficou sempre diante dos olhos, como atrás dissemos, andava em perpetua união com Deos, amando-o, desejando-o, e enlevando-se nelle de sorte, que tudo o que não era Deos lhe aborrecia, e dava pena. Estado bemaventurado, e qual deve ser o de todo Religioso, que pois buscamos a hum Senhor que se não quer servido de meias, erro será não lhe darmos o coração inteiro, pera alcançarmos a boa ventura daquelles *qui toto corde exquirunt eum* (*). Assi adiantou muito em espirito, e perfeição nesta jornada de França, e quasi ao mesmo passo do que perdeo na primeira.

Achou Frei Gil em Paris ao Santo Frei Jordão Mestre Geral da Ordem, que tendo noticia de quem era, e recommendação de sua pessoa por carta del Rei dom Sancho lhe fez muito gasalhado, e honra, e maior despois que o tratou, e foi conhecendo o gosto, e continuação com que se empregava no estudo primeiro da Religião que he a virtude, e no segundo que he o cuidado de aproveitar nas letras. Aqui teve por companheiro das Aulas, e da cella ao grande Humberto, que despois veio a ser Geral da Ordem. Este varão se lhe affeiçoou muito, e notando com attenção sua vida no tempo que estiverão juntos, nos deixou noticia em seus escritos de algumas cousas della. Affirma que sua occupação continúa era orar, ou estudar, ou servir enfermos: com tal constancia que

(*) Ps. 118.

em todo o dia, e em toda a roda do anno, e em quanto estudou em Paris, nunca o vio huma só hora ocioso. Com tão grande testemunho puderamos escusar tudo o mais que ha de sua residencia em França. Mas como esta historia se escreve pera exemplo, doutrina dos que de presente vivemos, e dos que hão de vir traz nós, parece obrigação dizermos mais alguma cousa. Tinha Frei Gil particular gosto de servir na enfermaria: no qual officio fazia muitos officios. Porque humas vezes visitava os enfermos como Medico que era consumado, e logo lançava fóra Hipocrates, e Galeno pera lhes levantar os animos ao Ceo (*). Dezia que Deos criara o Medico, e a medicina, bom era ouvir o Medico, e aceitar o medicamento; mas confiar só em Deos, que podia mais que a natureza. Outras vezes como se fora o mais humilde irmãozinho de casa de noviços, punha as mãos em tudo o que convinha ao doente sem pejo, nem asco, nem cerimonia, se não com huma vontade tão prompta, e alegre, que se lhes trasluzia em tudo hum coração inflammado em verdadeira caridade. Tambem quando convinha acudia como Santo. Porque como a doença não he outra cousa senão descomposição de humores: e estes descompostos trocão, e pervertem a boa complexão natural dos doentes; daqui vem serem muitos homens na doença penosos, descontentadiços, e máos de servir. Pera este ponto era Frei Gil dotado de huma certa graça natural, que por mais descomposto que achasse o enfermo, elle o tornava de colerico, macio, e brando: de malencolizado alegre, de impaciente soffrido, de desmaiado, animoso, e cheio de esforço. O que servindo muito pera a saude corporal, não aproveitava menos pera a espiritual. E assi como trazia todo o Convento edificado, e obrigado com esta arte, não o edificava menos com a que usava comsigo, quando era enfermo. Porque de nenhuma maneira podia acabar consigo ser pesado, nem dar pena a nenhuma criatura. Se lhe davão de comer, se lh'o não davão, se vinha cedo, ou tarde, se mal, ou bem guisado, se frio, ou requentado, ou escaldando, a tudo fazia o mesmo rosto, e sempre bom rosto. E o que mais espanta he, que sendo singular o Medico, entrando a vel-o os de casa, estava por tudo o que delle ordenavão sem fallar palavra, cativando por humildade o entendimento proprio ao parecer alheio, e ás vezes pouco acertado. Mas não era menos proveitoso medico pera as almas dos sãos, do que o era pera os corpos, e condição dos doentes. Como durava a memoria do tempo em que o virão

(*) Eccl. 38.

naquella Universidade celebrado Medico, e autor de grandes maravilhas, buscava-o muita gente persuadida, que devia ter muito de Deos quem alcançara d'elle poder trocar a gloria de andar nas bocas da gente, e nas azas da fama, por huma tunica de lam, e hum habito remendado. Vinhão huns com as almas chagadas de graveza de peccados, chagas podres, e ao parecer incuraveis: nestes como tão esprimentado em feridas proprias fazia milagrosas curas. Nenhum se lhe hia sem remedio. Aqui polo muito que amava a Deos, empregava toda sua sufficiencia ajudando além da Fisica dos bons conselhos, com a de suas orações. Na mesma fórma aliviava e mandava consolado todo outro afligido, qualquer que fosse o trabalho: ou em perda de fazenda, ou de estado, de honra, ou de fama. Taes cousas sabia dizer, tal virtude punha Deos no que dezia, que ninguem sahia de suas mãos sem remedio. E se o chegavão a tratar por curiosidade, como acontecia, alguns mancebos, ou começados a enganar das vaidades do mundo, ou enfrascados já nellas, assi os fazia temer, e entrar em si, que davão volta em redondo na vida, e nos pensamentos. Assi aquirio muita gente nobre em França pera a Religião: e o mesmo fez despois em Portugal. E podemos bem dizer por elle, que na arte de encantador ficou o mesmo que d'antes era, trocados sómente os fins. Porque, como se não perdera a efficacia, e embaimentos d'ella, forçava com suavidade os corações, obrigava, rendia, e encaminhava os homens pera Deos, furtava-os ao Inferno. Esta graça conta d'elle o Santo Geral Humberto, que tinha tambem com noviços, quando salteados de qualquer desgosto, ou tentação, vacillavão, ou tornavão atrás nos santos propositos. Bastava meterem-lhos nas mãos, pera sairem d'ellas cheios de valor, e constancia. Mas erão já effeitos sobrenaturais, não humanos, nem ordinarios. Porque nos poucos annos que se deteve em França passou tanto adiante na virtude, e perfeição, que todo seu trato era com Deos, e sua conversação no Ceo, nem fazia cousa que lá não negoceasse primeiro. E testemunha o mesmo Padre Humberto, que lhe acontecia muitas vezes arrebatar-se subitamente, e ficar alienado de todos os sintidos de tal sorte, que entrando algumas pessoas onde estava, de nenhuma dava fé, e a cabo de grande espaço, que tornava em si, então lhes falava, e as saudava, como se naquella hora chegarão. Communicava-lhe o Rei da gloria aquelle divino cheiro dos ambares, e agoas de Angeles das boticas celestiais, não era mais em sua mão, corria traz elle: e perdia o gosto, e o conhecimento de tudo o da terra. Porém isto, que então

era só huma faisca de fogo Divino, despois andando o tempo passou a effeitos tão extraordinarios, e espantosos, que roubando-lhe de todo uso os sintido, e os membros do peso natural, arrebatavão aquelle corpo polos ares, como adiante veremos.

Ajudada assi dos divinos favores a destreza natural do bom engenho não foi necessario gastar muitos annos pera morecer a honra do grão: e porque el-Rei dom Sancho tinha mandado prover as despesas delle, Frei Gil a recebeo publica na Universidade com festas, e aplauso: e logo outra particular na Ordem, sendo nomeado por Leitor, e Mestre em Theologia pera a Provincia de Espanha. Isto affirmão todos os que escrevem delle (*). O que nós achamos apontado no livro, que chamão *Vitas Fratrum* da nossa Ordem, he o seguinte:

Hæc Frater Ægidius de Portugallia scripsit, vir simplex et rectus, et timens Deum, in sæculo magnus in artibus et Phisica, et in Theologia in Ordine Doctor.

CAPITULO XVII

Torna Frei Gil pera Espanha. Conta-se o que lhe succedeo no caminho: e como começou a pregar em Portugal. Refere-se hum estranho artificio com que o demonio o tentou, e como se houve nelle.

Sendo Frei Gil nomeado por Mestre, e Leitor de Espanha, foi-lhe mandado que logo se viesse á Provincia exercitar seu talento. Achamos posto em memoria um caso que lhe succedeo n'esta volta que fez pera Espanha, digno de ser sabido, pera vermos qual era n'este tempo sua confiança em Deos, e o fruito, e poder de sua oração. Caminhava por terras da comarca de Poitiers: e tinha andado hum dia desde pola manhãa até quasi meio dia: e como suas penitencias o trazião descarnado, e fraco, começou a sintir o trabalho, e desejava descançar. Vendo perto huma aldea, disse ao companheiro, que seria bem, irem-se a ella, e pedindo de caminho alguma esmolla comerião hum bocado, e repousarião um pouco. O companheiro que era robusto, e trazia mais alento, resistia, e dezia que não era bom conselho parar em lugar pobre, porque estava certo acharem n'elle tão pouco remedio, que ficarião impossibilitados pera seguirem despois o caminho,

(*) L. 1. tit. de virt. orat.

de fome, e fraqueza. Que o melhor era apertar o passo, e chegar a lugar onde se pudessem refazer bastantemente. Acolhia-se Frei Gil aos poderes Divinos, dizia-lhe que n'aquella triste aldea podia Deos acudir-lhes com muito mais do que havião mister. Que não duvidava, respondia o companheiro, das grandezas de Deos, mas que taes milagres não costumava fazer, nem erão pera esperar. Cheio então de confiança o Santo, hora, irmão, disse, não duvideis, nem temais, que eu vos affirmo, que aqui nos ha de prover hoje meu Senhor Jesu Christo com grande largueza. Ião n'esta consulta, quando appareceo hum tropel de gente de cavallo, e de pé, que trazia o mesmo caminho: e chegando a elles, forão saudados de huma dóna, que no geito, e lugar que trazia, parecia Senhora de toda a companhia, e reconhecendo que erão Frades Dominicos fez parar os seus, e deteve-se com Frei Gil praticando um espaço, quasi julgando de sua presença, e aspeito quem devia ser dentro na alma. Ao despedir chamou por hum filho moço que trazia consigo, e disse-lhe, que segundo a hora que era, aquelles servos de Deos devião vir necessitados, que por reverencia do mesmo Senhor os acompanhasse até o lugar que apparecia, e lhes desse muito bem de jantar. O moço se apeou como bom cortezão, e se foi com elles alegremente, e não se contentou com menos que banqueteal-os com tudo o que havia na aldea, e servil-os de mestresala, pondo e tirando pratos, e lançando-lhe o vinho nos copos, com tão boa sombra de gesto, e palavras, que não só os convidava a comer, mas obrigava, e forçava. Aqui lhes disse, como sua mãi era senhora do castello de S. Maxencio, e particularmente devota da Ordem de S. Domingos. Acabado o jantar, disse o Santo pera seu companheiro: façamos, irmão, oração a nosso Senhor, e á Virgem por quem usou com nosco de tanta caridade, e peçamos-lhe que ponha seus olhos n'este gentil mancebo, que com tanta graça, e cortezia nos agasalhou, e o faça ainda hum grande servo seu. E postos os joelhos em terra rezarão o Hymno: *Veni Creator Spiritus*, e a *Salve* com suas orações. E despedidos tornarão ao caminho. Contão as historias, que passados tres annos, vindo o Santo Frei Gil pera hum Capitulo geral, que se fazia em Paris, passou pola cidade de Poitiers, e pousando no Convento, que nella temos, achou este moço feito frade, e já professo, e muito contente, e consolado de o ser: o qual despois de lhe tomar a benção, se lhe deu a conhecer, lembrando-lhe o encontro, e jantar da aldea, e a oração com que lho pagara, e confessando que a ella devia a grande

misericordia que Deos com elle usara em tirar do mundo, e trazel-o á Religião.

Caminhava o Santo a grandes jornadas, quanto sua fraqueza lhe dava lugar, com desejo de se ver na patria, e poder fazer algum serviço áquelle Senhor, a quem tão obrigado se conhecia, empregando-se em aproveitar a seus proximos, e naturaes. Chegado a Portugal não tomou dias de repouso pera si, nem pera dar aos amigos, e parentes: mas começou logo a trabalhar em seu ministerio insinando, doutrinando, e prégando, do pulpito, no Confessionario, e polas ruas: nas cidades, e villas grandes, nos lugares menores, e nas aldeas, não deixando passar occasião nenhuma de santo interesse, pera poder dizer a seu tempo que tornava o talento, se não dobrado, ao menos aproveitado, e com usura. Não nos consta de lugar particular em que fizesse officio de Leitor, constando bastantemente do mais por memorias do Reino, e de fóra d'elle (*). A el Rei dom Sancho prégou com valor, e liberdade, porque começava haver queixas de grandes desordens, que não remedeava: e crecendo estas polo tempo adiante, creceo tambem n'elle o zelo Apostolico pera lhe dizer verdades, e sofrer por ellas injurias, como em seu lugar veremos. Ao povo prégava com bom successo, porque era seguido, e buscado: e buscada por seu meio a Religião. Mas tambem prègava pera si, e pera todos os professores da obrigação do pulpito, advirtindo-os com energia, e sentenças graves, que mal usavão d'elle, e em vão usavão, e se matavão, se desejando aproveitar a outrem, não começassem por si. Porque era condição Farisaica palavras do Ceo, e obras da terra: e pera quem quizesse fazer Santos, era meio caminho andado ser primeiro Santo. E esta doutrina procurava dar estampada em si, tendo por pão quotidiano aquelle antigo rigor de vida do tempo de sua conversão.

Mas ardia em fogos de enveja, e odio novo o velho dragão do Inferno, não levando em paciencia, que quem lhe havia saido das unhas, lhe fizesse agora guerra, tornado de obediencia vassallo, enemigo publico. De tiros descubertos não fiava já, porque só tirava d'elles ficar desprezado, e com vergonha: buscou traça nova, e muito sua. Era Frei Gil morador no Convento de Coimbra em companhia do Prior Frei Domingos Pais, que o estimava, e amava, porque sabia o que tinha em tal pessoa. Faz-se o enemigo encontradisso com elle emmascarado, e desmintido, (pera não deixar nunca de se parecer consigo, e sempre mintir), na

(*) Do tombo da Sé de Braga.

figura de hum Religioso de casa, chamado Frei Julião Francez; e começa a entender com elle, primeiro com graças, e rizinhos, fazendo zombaria de sua composição, e modestia. Desviava-se Frei Gil não esquecido de si: mas achava-o logo outra vez diante, e passando a termos mais pesados chamava-lhe de hypocrita, refalsado, que andava enganando o mundo feito Beato de homem perdido, que merecia castigado, não visto, nem sofrido de ninguem. Tinha Frei Gil feito calos de sofrimento; e como trazia a Deos sempre presente em sua alma, tirava ganho da persiguição, e alegrando-se com a afronta julgava por ministro de Deos aquelle Frade, lembrado do termo com que hum Rei Santo, e tambem perseguido se houve nos atrevimentos de hum vassallo: desejava imital-o, e fazia conta que Deos movia aquella lingoa pera prova de sua paciencia. Porém isto que lhe servia a elle de esforço, e armas, levantava incendio de nova ira em Lucifer. Reina inda hoje n'elle a mesma soberba, com que se quiz pôr hombro por hombro, com o Altissimo: como sofrerá desarmar em vão com hum bichinho da terra? Buscou de novo ao Santo huma manham, determinado a não largar o campo sem o deixar vencido, ou polo menos descomposto: tantos oprobrios lhe disse, disfarçado com a mesma mascara, tantos desatinos fez, que não faltou mais que por-lhe as mãos; (não teve licença pera tanto.) Foi tentação em todo estremo apertada, e tanto mais perigosa, quanto menos entendida; via o Santo, e conhecia o rosto, e voz do Frade, não podia cair na silada. Primeiro valeo-se de silencio, como costumava, e passava, ou retirava-se: não bastando, porque logo tornava a dar com elle, pedio-lhe com humildade, e sem soltar palavra de paixão, nem escandalo, que o deixasse viver, que o não quizesse maltratar sem causa, e deo-lhe as costas. Mas quando d'esta vez se vio livre, resolveo-se em mudar na mesma hora terra, e casa: não arriscar a paciencia a outro encontro, sintindo como Santo igualmente, ou mais, a descompostura que imaginava do Frade, que a afronta propria. Vai-se direito á cella do Prior, pede-lhe licença. Alterou-se o Prior com a novidade, e com a pressa, fez instancia por saber a causa: descobrio-lhe o Santo tudo o que era passado de dias atrás entre elle, e Frei Julião, e o que naquella hora lhe acabava de ouvir, acrecentando por remate, que tinha por melhor conselho carecer da consolação com que vivia em sua companhia, e n'aquelle Convento, que não dar occasião a hum Religioso, que sempre tivera em boa conta de se inquietar a si, e a elle. Não sabia o Prelado que conselho

tomasse, conhecia a Fr. Julião por virtuoso, e sisudo; e se não fora a Frei Gil, a nenhuma outra pessoa crera o que d'elle ouvia. Todavia mandou-o vir diante de si, e sendo presente mandou-lhe que fizesse a venia ao Santo, (he cerimonia santa da Ordem, com que se humilha, quem offendeo, ao offendido, em sinal de arrependimento, e satisfação), acrecentando que lhe pedisse perdão do máo termo, com que o tratara, e escandalizara aquella manham. Obedeceo o Frade quanto á venia, e alevantado por Frei Gil, que tambem se lançou no chão, pedio licença pera falar, e affirmou, e jurou solemnemente, que des que amanhecera o dia até a hora presente, não falara elle Frei Julião pouco nem muito, nem mal nem bem com o Santo: e pedia a Deos não permitisse chegal-o a tanta falta de juizo, que alguma hora perdesse o respeito a quem em seu conceito era merecedor de toda veneração, como Frei Gil. Então creceo mais a admiração em todos tres, e sem serem necessarios muitos discursos assentarão que fora lanço do Demonio, que pertendera com hum só tiro fazer muitas maldades: humas publicas tolhendo o bem que o Santo fazia a muitas almas na cidade com sua doutrina: outras particulares, metendo-o em paixão, ou desabrindo-o com seu irmão. Mas em ambos ficou enganado o Pai da maldade: porque com o irmão ficou mais unido em amor, e caridade fraternal: e pera continuar com seus sermões, e insino do povo quietamente se animou muito, fazendo conta que de algum fruito erão, pois desagradavão ao enemigo de todo bem. Este successo poem o Padre Castilho em annos atrás (*): nós seguimos nelle a Frei André de Resende que vio as memorias antigas em suas fontes (**).

CAPITULO XVIII

Como foi eleito em Provincial o Santo Frei Gil, e do cuidado, e inteireza com que procedeo no cargo. Passa á ilha de Malhorca celebrar Capitulo Provincial. Dá-se conta da tempestade que teve no mar, e das affrontas que por rezão d'ella lhe fizerão: e como cessou por sua oração.

Não durou muito esta quietação ao Santo Frei Gil. Porque faleceu na mesma conjunção o Santo Provincial dom Frei Sueiro, e juntando-se os Padres da Provincia pera lhe darem successor, (não ficou em memoria

(*) Castilho p. 1. l. 2. cap. 72.
(**) Resende l. 1. c. 8. in vita B. Ægidij.

onde foi a junta), e achando-se n'ella S. Frei Gil, sem precederem votos, nem escrutinios, foi de consintimento universal acclamado Provincial. E d'aqui se pode fazer juizo qual era já a opinião, que por toda Espanha corria de sua santidade: do que dá bom testimunho o Padre Frei Fernando de Castilho falando desta eleição por estas palavras: *Y los Frayles de Castilla le hizieron su Provincial en la primera occasion, por tenerla ellos para ser santos con el exemplo de un Pastor santo* (*). Advirtimos de passo ao Leitor que não lhe faça duvida, sendo esta eleição de toda a Provincia, e a primeira d'ella, em que de força se havião de juntar todos os votos, que n'ella se comprendião, dizer este Padre que a fizerão os Frades de Castella. Usou como melhor Orador, que historiador, da figura Retorica de tomar a parte polo todo, como faz em outros casos: e não posso crer que quizesse seguir o costume de alguns escritores de fora, que por darem tudo o que podem a seus naturais, se aproveitão d'ella a pesar das leis do officio. O anno preciso, em que foi eleito S. Frei Gil, não consta por nenhum dos que d'elle escrevem. Mas pola conta que levamos dos doze annos, que dom Frei Sueiro viveo Provincial vem a cair no de 1233, que era já o decimo do reinado del Rei dom Sancho Capelo.

Mostrou o Santo Frei Gil aos seus eleitores, e a toda a Provincia que não fora engano, nem favor mal considerado a honra, que lhe fizerão. Porque onde o cargo costuma a manifestar faltas, e fraquezas nos eleitos, que muitas vezes, ou cobre a sagacidade da ambição ou o estarem longe das occasiões de governo, n'elle descobrio maior sufficiencia, e mais merecimentos. Era diligente, trabalhador, amigo da virtude, e honrador dos virtuosos: mansissimo com todos; austero, e rigoroso só consigo, e em fim mais Pai que Prelado em tudo, e como tal amado dos subditos. E podemos dizer que não sintio a Provincia mudança de governo, mais que no nome. Assi foi crecendo por toda a parte em Conventos, e reputação, e foi grande o numero dos que se fundarão por Castella, e Aragão, e Catalunha. E teverão principio em seu tempo em Portugal o do Porto, e o de Lisboa, como se verá adiante em seus particulares titulos. Mas he de considerar, que havendo no districto de sua obrigação duzentas legoas de caminho, que tantas se contão de Lisboa a Barcelona por estrada direita, he cousa certa, que em todo o tempo d'este primeiro cargo sempre visitou a pé, (raro exemplo, e digno que o

(*) Castilho p. 1. l. 2. cap. 73.

viramos cubiçado, e seguido em nossa idade: mostrarião os Prelados que só amor de Deos os move a aceitar as honras, sem nos ficar escrupulo de os crermos.) Ajuntemos a isto, (porque não cuide ninguem que pedimos milagres), que acodia cada anno aos Capitulos gerais, e não mandava ninguem em seu lugar, nem mudava estilo no caminhar: sendo hum em Paris, outro em Bolonha: e sobre tudo levava sobre as carnes huma cinta de ferro apertada: que não se pode imaginar mais tormentosa companhia pera huma hora de andar a pé, quanto mais dias, e annos. Bem havia mister soccorro do Ceo, e não lhe faltava. Donde nacia offerecer-se animosamente a todo trabalho por dilatar, e illustrar a Provincia, como veremos no caso seguinte.

He a ilha de Malhorca huma, e a maior das que são conhecidas entre a costa de Espanha, e Africa, com o nome de Baleares no mar Mediterraneo. Havia n'ella hum principio de Convento da Ordem, des do tempo que el Rei dom Jayme de Aragão a ganhara, poucos annos havia, aos Mouros. Pareceo á Provincia que seria acertado, pera ficar no estado que convinha pera em terra povoada de novo, celebrar-se n'ella hum Capitulo Provincial. Não refusou o trabalho o valeroso Prelado: quando foi tempo, achou-se em Barcelona pera d'ali passar. Estava de partida huma não de mercadores pera a ilha, embarcou-se n'ella com alguns Capitulares repartindo outros por outras embarcações. Levantadas ancoras ao deferir das velas soou hum espirro entre os passageiros. Foi cousa de espanto a alteração, e pavor que entrou juntamente em mereantes, e mercadores, por huma cousa tão natural, e ordinaria, como he hum espirro. No mesmo tempo mandão que se tomem as velas, e se larguem de novo as ancoras, dizendo que com tal agouro nenhum sizudo se desabrigava de terra. Acudio o Santo, mais pola honra de Deos, que pola necessidade de navegar, e começou a reprovar a determinação, com rezões santas fundadas em Fé, e Christandade, e no credito da providencia Divina, que rege, e governa todas as cousas: e dependendo todas d'ella, nenhuma tem força nem poder em si, se não quanto ella lhe communica, e concede, como suprema, e ultima causa que he de tudo. Donde nace que he vaidade, e fabula dizer, que ha agouro, ou hora mingoada em tempo, caso, animal, nome ou succeso. E se alguma hora se vem effeitos que acreditem as cousas, he permissão de Deos pera castigo de peccados, e dos que n'ellas attentão com mais cuidado, do que devem á Fé que professão. Sojeitarão-se os homens á boa doutrina, e obrigou-os

mais o vento que era de viagem, e em jornada breve, que não he mais de sessenta legoas de travessa. Sairão em popa.

Este vicio de olhar em agouros he ordinario em muita gente, e foi particular da antiga Gentilidade, e por tal trabalha o enemigo de o introduzir, e sustentar entre os Christãos, pera d'ahi passar a danos maiores. Mas o successo do espirro, que estes tomarão em agouro avesso, foi nos tempos muito antigos recebido em contrario sintido, como o aponta o Principe dos Poetas em Penelope (*), de quem conta que se alegrou, ouvindo hum espirro, quando Ulysses começou a executar a vingança de seus enemigos, e que o houve por boa estrea, e sinal de victoria. D'onde fica provado o engano, e futilidade do agouro pola differença dos tempos, e opiniões. As historias menos antigas fazem menção de huma doença geral, e tão perniciosa, que o homem que dava espirro, dava com elle juntamente a vida (**): e quando foi aplacando, se hum espirrava, e acertava a ficar vivo, acudião os presentes a dar-lhe as emboras, como hoje fazemos sem mais rezão, que o costume posto já em posse, e termos de cortezia. E por ventura foi deduzido este, e o agouro dos mareantes do mesmo principio.

Mas tornando a nossa historia, cerrada a noite creceo o vento, engrossou o mar, escureceo o Ceo, cobrindo-se de nuvens, e quando amanheceo, era tormenta desfeita. Eis que começa a gente do mar a queixar-se, e dar culpas a quem os fizera navegar. Acodem os mercadores, e vendo embravecer o mar cada vez mais dando-se por perdidos, e perdida a fazenda, que estimavão igualmente com as vidas: e em lugar de fazerem orações a Deos, dão em desesperações: tornão-se contra o Santo, que sahio debaixo a consolal-os, dizem-lhe mil afrontas, e improperios, lançando-lhe toda a culpa do trabalho. Ajuntão-se outros mais danados, ou com o medo, ou com o exemplo, gritavão que o lançassem ao mar, e fosse primeiro afogado, quem fora primeiro em os persuadir a deixar a terra: e faltava pouco pera violarem com mãos sacrilegas as veneraveis cans. Vendo o Santo a força do tempo ajudada da raiva, e desatino dos homens, levantou os olhos ao Ceo, e pondo toda sua alma, e confiança em Deos, disse em voz alta. Que he possivel, Senhor, que haveis de permitir que acabemos aqui, e que triunfe o demonio, e fiquem acreditadas suas mentiras? Ah não seja assi, meu bom Jesu. Acudi Se-

(*) Homer. Odyss. l. 17.
(**) Ilhescas 1. p. l. 4. c. 1. na vida de S. Greger. Papa.

nhor, e socorrei a vossos servos, que se vós quizerdes, tão obedecido sois no mar, como na terra, e em todo lugar podeis castigar, e dar remedio. Quiz Deos mostrar que ouvia a seu servo, e quiz que o conhecessem, e entendessem assi, todos os que ouvirão sua oração. Aplacou o mar, não como he costume, cessando pouco a pouco o vento, e ondas: mas subitamente, e como de pancada em acabando a ultima palavra do Santo, acabou tambem toda a tempestade, a furia dos ventos ficou calma, somirão-se as serras de mares que subião ás nuvens, tornou Sol, e dia claro. Pasmados da maravilha quantos havia no navio, levantarão as mãos ao Ceo, e voz em grita davão graças ao Senhor, e juntamente ao Santo: e chamando-lhe Santo e mil vezes Santo, confessavão receber de sua mão vidas, náo, e fazenda. Os mercadores mais em particular se lhe lançarão aos pés, e hum que maior parte tinha na náo, e mais desacatado andara com elle de obras, e palavras, conhecido de sua culpa, fazia força por lhe beijar os pés, pedindo-lhe perdão com lagrimas, de sua ira, e soberba. Não se podia o Santo defender como verdadeiro humilde que era, a hum humilhado: e em fim disse-lhe, que o perdoaria com huma condição igual, que era, se elle tambem perdoasse a quem o tinha offendido. O mercador, ou por não cair no que o Santo pretendia, sendo colhido de subito: ou porque tinha inda presentes na alma os medos passados, e a morte que vira n'elles, não se atreveo a contradizer o partido. Era o caso publico, e o mais falado que n'aquelles dias corria em Barcelona. Tevera brigas com hum parente, e saira d'ellas com tal ferida pola cabeça, que ficou julgado por morto: escapou com muitos dias de cura, e com ver seus olhos muitos pedaços de casco, que lhe tirarão d'ella. Como se vio são, forão extraordinarias as diligencias que fez, e meios que buscou pera se vingar. A gente de seu natural he mal sofrida, e teimosa. Ájuntava-se ao escandalo, e afronta, ser homem rico: fazia conta de satisfazer por si, ou por outrem, e tinha dado em sua alma tamanho lugar ao odio, que tratando o Bispo de o quietar, e metendo-se n'isso parentes, e amigos, e toda a nobreza da cidade, de nenhuma maneira poderão com elle acabar nada. Agora obrigado polo Santo, deixou-se vencer, e deu sua palavra de perdoar ao contrario, e ser seu amigo. E o Santo ficou cheio de prazer, porque no perdão de hum ficou ganhando as almas, e quietação de ambos.

CAPITULO XIX

Do estranho meio porque São Frei Gil foi sabedor do naufragio de huns Capitulares, que hião em outro navio. Despacha Religiosos pera Inquisidores d'algumas cidades de Catalunha. Celebra Capitulo em Burgos. Aceita-se n'elle o Convento da cidade do Porto. Vem a Portugal. Préga com liberdade a el Rei dom Sancho. Recolhe-se a Santarem.

São as mercês de Deos em tudo perfeitas. Assi como deu fim á tormenta, acodio tambem com vento prospero, que brevemente os meteo no porto da ilha. Entrou o Provincial no seu Convento, que tem nome de Nossa Senhora, e S. Miguel da Vitoria; e foi recebido com espanto, e alegria de toda a terra, porque entendião que de força o colhera no mar a tempestade, e davão graças a Deos de o verem em salvo, sendo assi, que no porto, e em terra fizera muita perda. Pola mesma rezão estava o Provincial com grande cuidado dos seus Capitulares, vendo que tardavão, e em fim veio a saber d'elles brevemente polo modo seguinte. Residia no Convento da ilha Frei Miguel de Benazar, natural d'ella, nacido, e criado na lei de Mafamede. Vendo a patria conquistada por el Rei dom Jaime, deixou-se tambem conquistar da verdade da Fé: foi recebido ao habito, e obrou n'elle a graça de sorte, que foi hum modello de virtude, e religião, e he havido por Santo entre os Padres Aragoneses. Como se esperava Capitulo, era elle sobre quem carregava todo o cuidado de buscar, e pedir o necessario. Levantou-se uma manhã de madrugada, despois de chegado o Provincial, a entender em sua obrigação: eis que se lhe offerece de longe huma longa procissão de Frades da Ordem; apertou o passo alegremente a encontral-os, tendo por certo serem os Capitulares, que esperavão; e dando-lhes a boa vinda offerecia-se a acompanhal-os, e guial-os ao Convento. Respondeo-lhe hum por todos, que na verdade erão os Capitulares, e que pera aquella casa vinhão, porém que ordenara a Providencia Divina outra cousa, mandando-os ir pera a Celestial, e soberana da gloria, onde já descansavão pera todas as Eternidades: e fora o meio d'este bem a tormenta passada, que abrira o navio, e ficarão sumidos no abismo das agoas sem escapar nenhum de vintesinco que erão. E isto dito desapareceríão todos. Foi o successo de muita magoa pera o Provincial. Sintia

a perda de tantos sojeitos juntos, que erão dos mais calificados da Provincia: e só lhe temperava a dor como a Santo, a boa sorte, com que estava certo tinhão trocado as ondas, e tempestades da vida.

Como faltava nos Frades perdidos a maior parte da Provincia, não houve que esperar mais na ilha. Visitou o Convento, e fez volta pera Espanha. Chegando a ella, foi-lhe communicado polo Arcebispo de Tarragona hum Breve (*) que tinha de tempos atrás do Summo Pontifice Gregorio Nono dirigido a elle, e aos bispos seus suffraganeos, e despachado em Espoleto aos seis dias do mez de Maio de 1232, e começa: *Declinante iam mundi vespere ad occasum, etc.* A sustancia do qual era mandar-lhes o Pontifice que por si, e por meio dos Frades Prégadores, e d'outras pessoas idoneas fizessem diligencia contra as heregias, e hereges. E a clausula que faz ao caso traduzida do Breve diz assi:

Exhortamos vossa Fraternidade, mandando estreitamente com preceito por palavras Apostolicas debaixo de citação do Divino juizo escritas, que por vós, polos Frades Prégadores, e outros que entenderdes serem pera isso idoneos, inquirais com diligente cuidado se ha hereges, ou gente infamada de heregia, etc.

Estas são as primeiras letras Apostolicas, que achamos derão principio a se exercitar em Espanha o Santo officio da Inquisição: e logo o Papa nomea os Frades Prégadores pera elle, como a quem pertencia por direito, e herança do inventor, e primeiro executor d'ella, que foi nosso glorioso Patriarcha S. Domingos. Mas não nos consta do anno preciso, em que se começarão a pôr em exercicio, sendo cousa certa que foi nos primeiros d'este Provincialato do Santo Frei Gil, polo pouco tempo que viveu dom Frei Sueiro Gomez no cargo despois de expedidas as letras. O certo he, que na hora que S. Frei Gil entendeo o mandato do Pontifice, e foi advirtido polo Arcebispo dos lugares a que convinha acudir com Inquisidores, nomeou pera elles sojeitos de letras, e prudencia: e feita esta diligencia foi-se dando volta á Provincia, e convocou novo Capitulo pera o anno seguinte de 1237 no Convento de Burgos na Montanha.

Este Capitulo celebrou o Santo polo Espirito Santo d'este anno: e nelle foi aceitada a fundação do Convento da cidade do Porto em Por-

(*) O M. Fr. Francisco Diago. Dom Luiz de Paramo.

tugal, sendo pedida polo Bispo, e Cabido por huma carta, que contém relação lastimosa dos males que se padecião n'aquella Diocesi sem haver justiça, nem poder que os remediasse. He carta notavel pera se entender o triste estado do Reino, e a grande reputação em que estava a Ordem: porque a rezão, que dão pera desejarem Convento, he parecerlhes que por orações, e merecimentos dos Religiosos, terião os males termo. Adiante vai lançada no titulo d'este Convento.

D'aqui veio decendo o Provincial pera sua Patria não a descançar de tão largos caminhos, mas a participar dos trabalhos que nella se padecião, de que tinha aviso por cartas de muitos, e ultimamente ficara mais inteirado pola carta do Bispo, e Cabido do Porto, que dissemos. Procedião os males, de el Rei dom Sancho se ter de todo entregue a homens pouco tementes a Deos, os quais tratando só de conservar sua valia, e adiantar em riqueza, e poder, convertião em interesse proprio todas as desordens, e desaforamentos, que se cometião na Republica. E como erão senhores da vontade del Rei, e o trazião cercado de homens de sua manga, e semelhantes a si na consciencia, e trato, quem se queixava, (se alguem se atrevia a isso), ou não era ouvido, porque estes o tolhião, ou não aproveitava a queixa, porque o remedio pendia d'elles, e havia de correr por sua mão. Assi tendo a terra hum Principe em sua pessoa não máo, padecia tantos males, e sem justiças, como se fora regida polo mais cruel tyranno do mundo. E fazia o estado mais miseravel ver que nas aparencias não lhe faltava parte nenhuma de bom governador. Era benigno, brando, pio, religioso: entendia o bem, e o mal, e mostrava-o arrezoando, e conversando, e no que por seu juizo mandava, e ordenava. Só era a desgraça, que quando chegava á execução, representava hum corpo paralitico, cujos membros não acodem com nenhuma operação aos movimentos da vontade. E até nas cousas de seu gosto seguia a mesma fraqueza: porque não sabia querer, nem apetecer nada senão ao modo, e arte dos validos; os quais tendo alcançado com quem o havião, já não erão validos, nem privados, se não amos, (desaforamento grande), e senhores absolutos, e como tais procedião em tudo. Esperou-se que crecendo na idade, creceria juntamente nas paixões, que em Reis costumão a ser vehementes de ira, odio, amor, e vontade. Porque quando tomou o setro, que foi como atrás fica dito no anno de 1223, tinha pouco mais de dezeseis de idade, porém erão passados mais catorze, e a remissão estava tão de assento, que muitos a julgavão por ajudada com

más artes, e não natural. D'onde começarão grandes descontentamentos nos Prelados, e nobreza do Reino, que amando a seu Rei sobre todas as cousas da vida sofrião muito polo não desagradar: e em fim vendo que se perdia a terra, e não havia emenda com os annos, nem com advertencias, e cartas, e Nuncios, que á sua instancia lhe despacharão os Pontifices, tomarão huma rigorosa determinação, de que resultou chamar-se, e vir Rei de fora, como ao diante veremos: que força nos ha de ser tocar o successo pera entendimento da nossa historia. Entre tanto fazião seu dever os nossos Prégadores trabalhando abrir os olhos ao Rei, e trazer ao caminho da rezão, e da virtude os ministros. Mas chegando o Santo Frei Gil, pareceo a todos os bem intencionados, que pola boa vontade, que el Rei lhe tinha, e por sua autoridade, e nobreza acabaria alguma cousa com elle, ou com os validos: e por isso era desejada sua vinda de todo estado de gente. Assi começou a fazer em publico, e em particular tudo o que devia a quem era, e ao conceito, que d'elle se tinha, sem grangear nem adular, sem pretender, nem tratar mais que do bem publico. Mas foi Deos servido por seus occultos juizos, que nada aproveitasse. Deixou logo a Corte, por não parecer que autorizava assistindo, o que não podia remediar aconselhando. Recolheo-se a descançar no Convento de Santarem, e tomar hum pouco de alento pera novo, e maior trabalho, que era haver-se de achar no anno seguinte de 1238 em Bolonha, onde pertencia o Capitulo geral futuro. Amava o Santo Provincial a casa de Santarem, polas mercês que nella recebera do Senhor: e quanto tempo podia furtar aos negocios, tanto empregava com Deos por meio de alta contemplação, tão descuidado de tudo o da terra, que em qualquer momento que o deixavão, assi ficava na cella, como se vivera nos desertos da Thebayda. Ali era o remontar sobre todos os choros dos Anjos: unir-se por amor, ao abysmo da soberana Divindade: ali o pasmar na Magestade, e abrasar-se em dejesos de romper as prisões da carne, e ficar muitas vezes em estado que de todo parecia estar livre d'ellas, e tresladado já ao Ceo. E era tal a suavidade, que nesta santa occupação achava, que, quando d'ella sahia, ou era chamado pera negocios de sua obrigação, testemunhavão os olhos com lagrimas, e o peito com suspiros o muito que lhe custava tirarem-no d'ella. Muitos casos espantosos lhe succederão nesta materia, diremos alguns no capitulo seguinte.

CAPITULO XX

Dos grandes effeitos, que fazia no Santo a força do amor Divino, com diversidade de enlevamentos, e raptos maravilhosos. Contão-se alguns. Dá principio ao Convento de Lisboa.

Costumava o Santo Provincial por sua grande humildade em meio das maiores occupações do cargo, visitar com gosto os irmãos de casa de noviços, fazer-lhes suas praticas, insinal-os, e animal-os. Achando-se hum dia neste Convento de Santarem com huns, que de fresco tinha recebido, foi-lhes dizendo algumas cousas, e em particular como a melhor arma, que havia contra as tentações do Demonio, era a oração: e a melhor e mais perfeita oração consistia em trazer sempre a Deos diante dos olhos da alma, louvando-o, desejando-o, amando-o: que esta purificava a alma de toda a culpa, e a habilitava pera passar a outro grão mais alto, e tal que, quem a elle chegava, e começava a sintir nesta vida humas luzes da gloria, huns penhores da eternidade, que exprimentados se fazião estimar mais que todos os thesouros, e todos os Reinos da terra. Hia o Santo assi discorrendo, e deleitando-se nos bens que prometia, se não quando de repente se lhe ata a lingoa, perde a fala, e fica mudo, e tão profundamente arrebatado, que os moços, que não tinhão visto, nem ouvido cousa semelhante, ficarão primeiro pasmados, e suspensos: mas vendo que não tornava, julgarão que fora effeito de velhice, ou de cansaço: e havendo que ficava bem adormecido, despejarão o Oratorio, e recolherão-se. Porém breyemente forão desenganados da calidade daquelle sono com o caso seguinte succedido na mesma casa.

Entrou huma manhã pola enfermaria a visitar os doentes: cousa em que recebia consolação, e a dava grande. Chegou-se a hum que padecia dores, e estava impaciente com a força dellas, começou-lhe a dizer algumas palavras pera o animar a soffrer, e soffrendo merecer. E na verdade trazião todas as suas huma certa virtude envolta, que obrava maravilhas. No meio dellas deu o enfermo hum suspiro acompanhando-o com o nome de Jesu. Foi cousa estranha, que em lhe soando nas orelhas aquelle santo nome, perdeo a corrente do que dezia, e derretendo-se-lhe a alma com suavidade, como se ouvira huma musica dos Anjos, dezia cheo de alegria: Irmão Frei Martinho, (assi se chamava o doente)

sabeis como he fermoso, como he amavel, como he doce esse nome Divino? sabeis as riquezas, que em si encerra? E repetindo-o muitas vezes levantou-se com força, como quem se abalança pera dar grande salto, ou pera correr, e alcançar alguem, e ajudando-se do bordão, que trazia na mão. Mas nesta postura o desemparou a alma e adiantando-se a fazer, o que o corpo mostrou que queria, e desejava, e voou tão longe que ficarão os membros como huma estatua de marmore privados de todo sintido, e movimento humano, encostados ou pendurados sobre o bordão: e tão fixos, e immoveis, que acudindo muitos Padres a lhe fazer força pera tornar em si com empuxões, e aballos, não fazião mais effeito, que se o houverão com hum monte. Residia no Convento Frei Vicente de Lisboa, que fora Medico de fama, e dos mais estimados da casa del Rei dom Sancho, e o foi acompanhando despois quando deixou o Reino, como fica dito. Este fiado no muito que sabia de Filosofia humana, e querendo medir com ella as grandezas divinas, de nenhuma maneira se persuadia, que podia haver tal genero de enlevamentos. Como o Santo ficou no estado, que temos dito, não faltou quem folgasse de o avisar. Veio correndo, vio-o, e não crendo ainda o que via, arrebatou-lhe o bordão, tendo por certo que viria ao chão, tirado o arrimo. Mas ficando em pé, e sem mudança, passou o medico de incredulo a cruel. Porque despois de provar forças pera o menear, despois de lhe tirar com aspereza polos narizes, buscou huma agulha, com que lhe picou cruamente as mãos, e ultimamente, como se fizera auto de Inquisição pera tirar a limpo negocio duvidoso, trouxe huma vela acesa, e não se deu por vencido, até que vio que nem com lhe queimar as unhas, e as pontas dos dedos, mostrava sentimento, nem dava acordo de si.

Muito ordinarios erão estes raptos no Santo: e seria grande leitura especificar todos. Mas o que teve em Leiria, vindo de caminho, merece ser sabido por huma grande circunstancia, que nelle houve de mais, e pola publicidade, com que foi celebrado. Caminhava pera Coimbra, e acertou de fazer noite em Leiria, em casa de huma molher virtuosa, e nobre, que chamavão de sobrenome Pichena. Chegando entrou pera huma camara, que lhe tinhão concertada, e assentou-se na borda da cama pera descançar hum pouco. Como seu descanço era conversar nos Ceos, segundo a lingoagem, e vida de outro S. Paulo (*), tudo foi hum assentar-se o corpo, e voar a alma arrebatada de huma extasi vehemente, que le-

(*) Ad Philip. 3.

vou trás si os membros até junto do telhado. Acompanhava-o Frei André Pires, natural de Santarem, que era novo nestas materias, e entrando no aposento ficou pasmado, parecendo-lhe, que via fantasma. Quando cahio no que era, julgou que seria bem decel-o: deu aviso á senhora da casa, juntarão-se os criados, fizerão força, derão-lhe tormento com balanços, e aballos, e não sómente o não puderão decer, mas nem levemente menear. Soube-se do caso na visinhança, acudio toda, e passando a voz, veo correndo o lugar inteiro com tanto alvoroço, que não cabendo nas casas, sobirão polos telhados, e destelharão a camara por verem a maravilha. Era alta noite, o Santo não tornava, nem os homens se podião apartar feitos extaticos do que vião: em fim obrigados das horas do sono despejarão. Passado grande espaço foi espertando, e tornou ao primeiro assento, e sabendo do companheiro o que lhe acontecera, e o concurso, que houvera, sintido, e corrido de ser achado com aquelle santo furto nas mãos, pagou-o com novo trabalho, que foi madrugar de sorte, que quando amanheceo tinha feito muito caminho.

Mas porque ao diante haverá lugar de tornarmos a dizer mais alguma cousa dos effeitos, que o amor Divino obrava no Santo, he tempo de darmos conta da jornada de Bolonha. E he de saber, que antes de partir de Santarem lhe chegou recado de ser falecido o Mestre Geral da Ordem o Santo Frei Jordão e que se havia de fazer eleição de Geral. Achou-se o Santo a tempo com os mais Provinciais em Bolonha por Pentecoste de 1238, e foi eleito o Santo Frei Raimundo de Penhafort. Desta vez faço conta que trouxe o Provincial a capa de nosso glorioso Patriarca, com que enriqueceo o seu Convento de Santarem, alcançando-a do novo Geral seu grande amigo, e até então subdito. E porque não consta do anno certo em que a houve, sendo cousa certa que a elle a devemos, tambem ha quem diga, que lh'a deu o Mestre Frei Jordão. E pera concluirmos com o que mais fez no tempo, que lhe durou o trabalho de Provincial desta primeira vez, que servio: achamos apontado que de huma jornada destes Capitulos gerais, que se fazião cada anno, tornando pera Espanha, nos tirou de França, (não consta do anno precisamente) o grande, e ditoso espirito Frei Bernardo de Morlans, pera filho de habito, e gloria de Santarem: de cuja vida, e morte ao diante falaremos largo. Pouco tempo despois, que foi no anno de 1241 aceitou o Convento de Lisboa, e a rogo del Rei dom Sancho Segundo, e com Licença do Daião, e cabido da Sé, que estava vacante, lançou nelle a primeira pedra hum

Bispo estrangeiro, como veremos adiante no titulo desta casa, onde pertence a relação inteira de sua fundação por escusarmos repitições. O que aqui podemos dizer he, que procurar el Rei honrar, e acrecentar a Ordem em tempo, que S. Frei Gil, e os seus Frades andavão afiados contra sua fraqueza, e contra a força de seus ministros: nelle era obra de sua boa, e pia inclinação: mas nos que o mandavão, e consintirão no edificio, ou obrava a ambição de agradarem ao povo com alguma empresa virtuosa, ou era manha, e pretenção de aplacarem por esta via ao Santo, e aos seus. Mas brevemente mostrou o effeito que em ambas as cousas se enganavão.

Não ha clareza nos escritores antigos dós annos que o Santo governou a Provincia desta primeira vez, nem que rezão houve pera deixar o cargo: só nos consta por huma conveniencia, que adiante tocaremos, que na entrada do anno de 1246 já estava livre delle. E sem duvida podemos crer, que ou elle pedio absolvição, ou lh'a procurarão os privados del Rei dom Sancho, por abaterem de autoridade hum contrario, que por nenhuma via podião mollificar.

CAPITULO XXI

Como foi decretada a deposição del Rei dom Sancho do Reino: e como lh'a intimou em sua pessoa o Santo Frei Gil. Contão-se as affrontas, que por isso recebeo: e a revelação, que teve no meio d'ellas: e huma antiguidade, em que se mostra quanto era estimado del Rei dom Afonso.

Tinhão chegado a tamanho estremo a remissão del Rei dom Sancho, e os excessos dos que o governavão, que os Prelados, e nobreza se determinarão em pedir ao Papa mandasse a este Reino o Infante dom Affonso seu irmão segundo, que em França vivia, não pera tirar o Reino a dom Sancho, mas pera o governar com justiça, e melhores conselhos em sua vida, e succeder nelle por sua morte não tendo filhos. Forão procuradores deste requerimento o Arcebispo de Braga dom João Egas, e o Bispo de Coimbra dom Tiburcio (*), que sendo mandados por el Rei dom Sancho a outro effeito, aceitarão de boa vontade a jornada pera negocearem com maior affouteza, e mais a seu salvo o bem da Patria. Estava em Paris o Infante casado com Matildis, Condessa de Bolonha em

(*) Duarte Nunes de Lião na Cron. do Conde dom Anriq. f. 19.

Picardia, cidade que os Franceses chamão Bilhon. Virão-se os Prelados com elle. Despachou o Papa seus Breves pera o Reino da deposição de dom Sancho com as condições acima referidas, que a lealdade Portugueza apontou, e pedio pera não faltar, como nunca em nenhum tempo faltou no ponto della. He hum famoso Decreto, que anda inserto no Direito Canonico (*). Com os Breves mandou Commissarios a Paris, que em presença dos dous Prelados, e de Ruy Gomes de Briteiros, e Gomes Viegas, fidalgos principais, e Frei Pedro Afonso, Frade Dominico, e Frei Domingos de Braga Franciscano, como aceitantes todos deste contrato em nome do Reino, derão juramento ao Infante Conde, na conformidade do Decreto. Passou este auto em Paris em primeiros de Setembro do anno de 1245, e logo como pola posta chegarão treslados delle a Portugal, e mandatos do Summo Pontifice aos Religiosos de S. Domingos, e S. Francisco, que intimassem o que estava decretado pola Sé Apostolica a el Rei dom Sancho, e o publicassem nas cidade, e povo.

Estava S. Frei Gil despejado do cargo, quieto, e descançado na sua cella: tinha obrigações pessoais a el Rei, e outras particulares por seus irmãos, e parentes que o servião: mas tocava-lhe por Prégador fazer sua diligencia com o povo, em cumprimento dos mandatos Apostolicos: e por pessoa de autoridade fazel-a com o proprio Rei. Nestas contrariedades venceo o bem publico ao particular da carne, e sangue: e pesou mais a obrigação de Ministro da Igreja, que a de sua quietação. Poem-se em campo, e sabendo certo que fazia embaixada de muito desgosto pera el Rei, e de grande perigo pera si, foi-se ao Paço, e com a liberdade de hum Bautista, declarou-lhe no rosto, e na presença dos poderosos, que o cercavão, a vontade, e determinação do Pontifice. Era dom Sancho tão froxo de natureza, como temos visto, e pera com Religiosos facil, e cheio de santos respeitos: com tudo neste caso alterou-se, e tomou fogo. Porque tirar-se-lhe o Reino havido por herança, confirmado como posse, nem elle se persuadia que poderia nunca ser, nem que haveria, quem tivesse boca, ou espirito pera lhe fallar em tal, (e assi lh'o fazião crer os que o enganavão em tudo o mais.) Queria responder, mas adiantou-se hum dos que o acompanhavão, e mandavão, e que mais desaforadamente usava de tal mando, e poder: e como em causa, que por igual lhe tocava, desatou furiosamente a lingoa contra o Santo em huma corrente de palavras injuriosas, e tais que não forão menos descortezes pe-

(*) Lib. 6. Decret. Capit. Grandi. Duarte Nunes de Lião na vida del Rei dom Sancho 2.°

ra hum Rei, que as ouvia, que pera as cans veneraveis, e habito Religioso: porque entre gente de primor, e bom entendimento quasi igualmente offendem as descortezias aos amigos, e enemigos. Hia o Santo apercebido pera dar a cabeça ao talho, se cumprisse; humilhou-a ás palavras, que ás vezes he mais. Mas aquelle Senhor, que dos seus Santos he tão cuidadoso, que nem hum cabelo da cabeça consente que percão (*), como consintirá, que se lhe tire da honra? Ali mesmo lhe revelou logo o castigo, com que determinava vingal-o. Hia por seu companheiro Frei André, Religioso de autoridade, e que em secular professara letras; quando vio, e ouvio o vilipendio, com que o Santo foi tratado diante del Rei, e ambos lançados fóra do Paço, vinha pasmado, e queixava-se, como não fulminava o Ceo coriscos sobre tanta maldade. Deixai-o, Padre Frei André, respondeo o Santo. que pouco fez pera o desaventurado fim, que o espera, e lhe vereis cedo (**). Mostrou o successo brevemente comprida esta revelação, e profecia. Porque entrando o Conde de Bolonha em Portugal, foi este hum dos primeiros que houve ás mãos, e sendo-lhe provados enormes delitos, fez-lh'os pagar por junto na forca.

Retirou-se el Rei dom Sancho pera Castella: viveo pouco mais de hum anno, e succedeo o Conde no Reino. E como as cousas delle não são de nossa obrigação mais, que em quanto pertencem a esta Historia, ou pera melhor entendimento d'ella, ou por irem com ella travadas, iremos tocando sómente algumas, que fizerem a nosso caso, como fizemos no successo passado.

A primeira que se offerece he huma carta de confirmação, que o Conde fez pouco tempo despois de recebido em Lisboa, e ainda antes de tomar o titulo de Rei, pola qual lhe confirma todos seus foros, e privilegios, vista a pronta obediencia que nos moradores della achou aos mandatos Apostolicos, e em seu recebimento. Esta anda tresladada nos livros da Camara, em hum que chamão dos Prégos (***). E merece andar tambem neste, pola honra, e lugar, que nella tem S. Frei Gil, assinando com o Arcebispo de Braga, e com o Bispo de Coimbra ao que parece, como confirmando, segundo uso daquelles tempos, inda que o não declara. A carta tirada do original he a seguinte:

(*) Luc. 21.

(**) Fr. And. de Resende lib. 2. tract. 3. exemp. 49.

(***) Livro dos Prégos f. 4.

Alfonsus, filius illustris Regis Portugalliæ, et procurator regni eiusdem, et Dei gratia Comes Boloniæ, Prætori, Alvazilibus, et universo Concilio Ulisbonensi, in vero salutari Salutem. Cum propter malum statum regni Portugalliæ, in quo fides, et iustitia crudeliter deperibat, ad magnum clamorem Prælatorum, Baronum, et Conciliorum, Dominus Papa ad supradictum regnum nos mitteret, ut ibidem fidem et iustitiam faceremus obseruari: vobis qui mandato Apostolico et nostro prudenter obedistis contra inimicos fidei et iustitiæ, concedimus vobis chartas vestras, et foros vestros scriptos et non scriptos, et omnia iura ad vestram ciuitatem pertinentia, sicut ab antiquo habuistis, et vobis concesserunt progenitores nostri, et promittimus seruare. Promittimus etiam vobis, quód si qui fori mali inducti sunt de novo contra vos, quód eos tollemus, et conseruabimus, et custodiemus vos in bono statu, quantúm Deus possibile nobis dederit intelligere. Et vt factum nostrum firmius robur obtineat, hanc præsentem chartam sigilli nostri munimine fecimus roborari. Acta apud Ulixbonam Mense Februarij sub Æra M.CC.LXXXIIII. præsentibus Dominis I. Archiep. Bracharen. et T. Episcopo Collimbriensi, et G. commendatore de Mertola Ordinis Militiæ Sancti Iacobi, et Fratre Ægidio Ordinis Prædicatorum, et per Gillium Giron.

A tradução em vulgar he a seguinte:

Dom Affonso filho do illustre Rei de Portugal, e do mesmo Reino administrador, e por graça de Deos Conde de Bolonha. Ao Corrregedor, Justiças, e Alguazis, e a todo Conselho, e Camara de Lisboa saude, no que he verdadeira salvação. Como quer que o Senhor Papa havendo respeito ao máo estado, em que o dito Reino estava por falta de verdade, e fidelidade, e justiça, me mandou que viesse a elle á petição, e requerimento dos Prelados, e fidalgos, e povos, pera ordenarmos que se guarde justiça, e haja bom governo. E vós outros obedecestes aos mandados Apostolicos, e nossos, sem fazerdes caso dos enemigos da verdade, e justiça. Por tanto vos concedemos, e confirmamos as cartas de vossas liberdades, e vossos privilegios, e foros, assi os que tendes por escrito como os que só em costume, e sem escritura alguma gozais, e todos os mais direitos a vossa cidade pertencentes, assi, e da maneira que polos Reis deste Reino meu pai, e avós vos forão concedidos, e outorgados, e os tendes de tempos antigos, assi vol-os promettemos manter, e guardar. E outro si prometemos, que havendo de novo introduzidos alguns

foros contra rezão, e em prejuizo de vossa Republica, tiraremos, e vos guardaremos, e manteremos em todo bom estado, quanto o Senhor Deos for servido deixar-nos com o entendimento alcançar. E pera que o que assi fazemos, e ordenamos, mais força, e vigor tenha, vos mandamos dar esta carta com nosso selo firmada, e autorisada. Feita em Lisboa no mez de Fevereiro da Era de mil e duzentos e oitenta e quatro (*responde ao anno do Senhor* 1246), sendo presentes dom João Arcebispo de Braga, e dom Tiburcio Bispo de Coimbra, e dom Gonçalo Commendador de Mertola da Ordem de Santiago: e Frei Gil da Ordem dos Prégadores. Escrita por Gil Girão.

Bem se deixa ver que estava o Santo já izento do cargo de Provincial, quando assinou n'esta carta, porque não se esquecera o escrivão de lhe dar o titulo da dignidade, se a tivera, como deu aos mais. E esta he a conveniencia em que nos fundamos, como atrás fica apontado, pera o darmos por assolto d'ella já des do anno atrás.

CAPITULO XXII

De alguns effeitos admiraveis da oração de S. Frei Gil, em que se vio por casos differentes o muito que por ella alcançava de Deos.

O Mestre Frei André de Rezende (*) affirma que succedeo ao Santo o que agora queremos contar, quasi vinte annos antes de sua morte. Por onde nos cae bem no fim deste anno de 1246, em que vamos: ou na entrada do seguinte, visto, como faleceo no de 1265 segundo adiante veremos. Acabou hum dia de dizer Missa no Convento de Santarem, pera onde se acolhia, e recolhia todo o tempo que tinha por seu. Foi-se logo ao Coro, segundo seu bom costume, a dar graças ao Senhor de tão alta mercê, como recebia naquelle Divino pasto. Sintio-se abalado do espirito. Quiz-se retirar a lugar menos publico, pera lograr com mais segredo estes segundos bocados, demandou a Sacristia, achando-a fechada, e não podendo mais resistir a quem o chamava, assentou-se junto da porta, e deixou-se nas mãos da disposição Divina, como quem naquelle espaço não tinha vontade, nem era senhor de si. Começando a dormir aquelle sono bemaventurado (**), que Deos dá a seus amados em arras da herança

(*) Fr. And. de Resend. l. 2. tr. 1. exemp. 92. in vita B. Ægidij.
(**) Ps. 126.

maior que os espera, estava na Igreja huma nobre, e virtuosa femea, moradora na mesma villa, e muito continua na nossa Igreja, (chamava-se Elvira Duranda.) E ou fosse a caso, ou que tevesse alguma cousa que negocear com o Sacristão: ou porque na verdade todos os casos da terra vem traçados, e acertados do Ceo, chegou-se a huma rede, ou ralo da porta, por onde sem abrir respondia o Sacristão, a qual naquelle tempo, em que os Frades se servião ainda da ermida antiga, ficava defronte da outra da Sacristia, e deu com os olhos no Santo, que estava todo enlevado, e como passado deste mundo. Detendo-se hum pouco, eis que vê decer sobre elle huma coluna de luz mais clara, e mais bella que a do Sol, e logo ficar o Santo todo penetrado della, resplandecendo como hum cristal puro, transparente, e fermoso, e do rosto lançando raios, que ella comparava, por não achar semelhança mais propria, aos que reverbera hum espelho ferido do Sol. Ficou a molher attonita, e como fora de si, não crendo bem a seus olhos visão tão nova. E como ninguem lhe tolhia lograr-se della, deixou-se estar na Igreja, como despois affirmava, espaço de duas horas, por ver em que parava: em fim vio ir mingoando, e desaparecendo todo aquelle fogo, e o Santo tornando em si, mas com huns sospiros arrancados do centro da alma, como quem perdia estado, que lhe custava muito deixal-o. E notou que ao partir se foi arrimando ás paredes, e apalpando, como quem levava ainda a vista, e os mais sintidos enleados. Hum dos Padres antigos, que isto escreverão, affirma que Elvira Duranda gritou, cuidando que o Santo se abrazava em verdadeiro fogo, e que aos brados acudio toda a Communidade, e foi testemunha do que temos contado. Foi o successo pera esta alma occasião de grande bem seu, e d'outras muitas. Porque fazendo reflexão no que vira, e discorrendo com bom juizo que não podia ser a caso cummunicar-se-lhe aos olhos mortais huma maravilha tão celestial, foi logo assentando consigo levantar o espirito a hum genero de vida mais alto, e mais perfeito que o que até então seguira. Faltavão na villa Mosteiros de Freiras, resolveo-se em fazer só mosteiro por si, (tanto pode huma boa inspiração.) Recolheo-se ou sepultou-se em huma estreita casinha terrea, que mandou edificar no sitio, onde agora vemos o Mosteiro da Trindade, sem mais entrada, nem porta, nem janella, que huma pequena fresta, ou seteira pera luz, e pera receber a comida que lhe vinha de fora, e a seus tempos os santos Sacramentos da Igreja. A esta animosa molher forão imitando outras, e crecendo o numero vierão a

dar principio ao Mosteiro que chamamos das donas da Ordem de S. Domingos, de que ao diante faremos particular titulo, quando lhe chegar seu anno (*). E nelle daremos larga relação da vida, e calidade desta devota, e de suas companheiras, e da rezão, porque a Ordem se encarregou dellas. Por hora baste saber-se que se deve sua origem a S. Frey Gil.

Ajuntaremos a este caso outro, que tambem foi effeito notavel da oração do Santo, se bem por via, e termos differentes, e a meu parecer devia acontecer polos annos em que vamos, e sendo elle Prior desta casa. Porque não o especificando os autores antigos, da mesma narração se collige. Contão pois, que estando huma tarde com o Santo o Padre Frei Giraldo Domingues pessoa de letras, e espirito, que por tal foi nomeado por el-Rei dom Afonso Terceiro, por hum de seus testamenteiros: era conversação santa, estendeo-se, e entrou muito pola noite. Quiz o Santo antes de se agasalhar, dar huma volta ao Convento, e ver como estava fechado, e cercado. Em saindo da cella começão a ouvir huma revolta espantosa de estrondo, e grita, e vozes confusas, que parecia soverter-se a casa. E Frei Giraldo, que allumiava ao Santo, perdido de medo deixou cair a vela, e cahio meio amortecido. Animava-o o Santo, e dezia-lhe. Não ha que temer, eu sei o que isto he, algum roubo me quer fazer o lobo tragador no Convento: e mandava-lhe que fosse a acender a vela. Neste passo chegou o Supprior Frei Domingos Afonso fazendo estremos de sentimento, e dizendo que naquella hora era fogido de casa de noviços hum moço dos que melhor geito mostravam, estando em vespera de Profissão. E o que mais lhe dohia que se fora desatinadamente, e com perigo por cima de hum telhado. Não me enganou o roubador, respondeo o Santo, bem lhe conheci os bramidos, mas em vão se alegra com a presa, que se Deos he servido, eu lha arrancarei das unhas. E lançando-se por terra no mesmo lugar, começou a orar polo fugitivo. E foi tal a efficacia da oração, que logo mostrou o successo, que fora ouvido. Porque o noviço sem ninguem o buscar tornou polo mesmo telhado, e vindo-se buscar a cella do Santo deu com elle, onde ainda jazia prostrado em oração: e lançando-se-lhe aos pés com espanto de toda a Communidade, que estava junta, contou que o enemigo o tentara tão apertadamente aquella noite, que como fóra de seu juizo o fizera lançar polos telhados sem saber por onde hia: e bus-

(*) L. 3. c. 20.

cando despois por onde saltar fóra lhe dera na cabeça huma vertigem que o embaraçara, e detivera: e querendo todavia lançar-se do telhado abaixo, lhe acudira Deos por tal modo, que sem saber como, elle mesmo se reprendia com palavras tais, que parecia lhas davam por escrito dizendo: Aonde vás traidor? Pera isto te lançaste aos pés de hum homem Santo pedindo-lhe te recebesse na Religião? Pera isto o importunaste que rogasse a Deos por ti? Hora sus, torna-te a elle, que pai he, e tu és filho: não te negará perdão. Assi dezia derramando muitas lagrimas, e fazendo que todos o acompanhassem nellas. Levantou-o o Santo, e levou-o nos braços cheio de alegria, como a outro filho prodigo: e não duvidou fazer-lhe profissão no dia seguinte: nem o moço faltou polo tempo adiante nas esperanças, que tinha dado nos principios.

Aconteceo neste tempo ir o Santo a hum Capitulo, e de volta passar por C,amora, onde havia já de alguns annos hum muito religioso Convento da Ordem. Desejou descançar huns dias, e recrear seu espirito com o trato, e santidade dos sojeitos, que nelle residião. Achou aqui enfermo hum seu conhecido antigo chamado Frei Pedro Fernandes, de nação Galego, e á differença d'outro chamado Espanhol, de grande nome em letras, mas muito maior em virtude. Lera Theologia em muitos Conventos da Ordem, e em Santarem tevera estreita familiaridade com o Santo, e fora seu filho de confissão. Visitou-o, e consolou-o, e perguntando despois a hum Padre amigo do enfermo, polo tempo, e estado da doença, elle lhe deu toda a informação, e juntou que fazendo por elle oração, como por pessoa importante á Ordem, e amigo, tevera huma visão, e não podia attinar com o que significava: e era que vira sobre hum monte alto ao enfermo cercado de muita luz, e acompanhado de dous mancebos, cuja disposição, e ar excedia tudo o que a seu parecer podia haver na terra de gentileza. Tornou o Santo despois a Frei Pedro, e ou fosse polo que colligio da visão como Santo, ou polo que entendeo do estado da doença como Medico; e sabendo bem com quem falava: Boas novas, disse, Padre Frei Pedro, boas novas vos trago. Alegrar, que he chegada a hora de vos hirdes pera o Ceo. Peço-vos que em pago dellas saudeis em meu nome a Virgem Nossa Senhora, e a nosso Padre S. Domingos. Assi ficou alegre, e alvoroçado o doente com as novas da morte, como as pudera festejar de saude perfeita quem muito a desejara: e cheio de prazer, dezia: Meu irmão Frei Gil torne-me a dizer isso, que não ha pera minha alma gosto igual. E dando inteiro credito á em-

baixada, (que he facil de crer o que se deseja), pedio as armas santas da Igreja que são os Sacramentos, os quais recebidos com tanta devação que a fez grande a todos, chamou ao Santo, e contou-lhe com segredo, e lagrimas que naquella hora o visitara a Virgem Mãi de Deos acompanhada do Dicipulo amado: e lhe posera na cabeça huma fermosa coroa, que em suas benditas maons trazia: e o Dicipulo lhe posera outra: mas não podia entender por onde lhe vinhão tamanhas honras, conhecendo-se por grande peccador. Respondeo-lhe o Santo que ambas lhe pertencião. A da Virgem, pola pureza virginal, que toda a vida guardara: a do Dicipulo pola dignidade de Doutor ganhada com o trabalho de insinar, e prégar. E ambas, acrecentava o Santo, vos alcançou o favor da Senhora, e a intercessão do Dicipulo. Peço-vos que me encomendeis muito a ella. Levantou o enfermo as maons, e com grande segurança prometteo que o faria. E trás isto pedio que se fizesse sinal com as taboas pera se juntar a Communidade. Sendo juntos os Religiosos despedio-se de todos com palavras santas, e acabou com estas. Sabei certo, meus irmãos, que tem Deos particular amor a esta nossa Ordem, e que se agrada muito do serviço, que se lhe faz nella: estimai-a, e amai-a com caridade, e observancia. Grande enemigo tendes no Inferno: muito aborrecer este monte Sion. Mas não ha que temer, que certo he não vos faltar o soccorro do Ceo. Apoz estas rezões passou da vida com tal serenidade, como se passara de huma cella pera outra. Este caso he hum dos muitos que o Santo escreveo ao Mestre Geral Humberto, e succedeo algum tempo antes do anno de 1260. Como se prova de que o poz em memoria entre os exemplos dos Santos da Ordem(*) Frei Gerardo Fraqueto no seguinte de 1261 por mandado do mesmo Geral. O que advirtimos, porque não falta quem faça a este Padre filho do Convento de Estelhá da provincia de Aragão, sendo assi, que aquella casa se começou a edificar quasi polos mesmos annos de 1260, ou de 1259. E nós temos conjeituras provaveis, que tomou o habito com os primeiros filhos do Convento de Montejunto, e por isso pertence a este de Santarem com que vamos continuando, porque que quem ler com attenção os casos, que o Santo escreveo ao Geral Humberto, e andão referidos polos historiadores da Ordem, achará que são pola mor parte succedidos em filhos dos Conventos

(*) Fr. Gerardo Fraq. l. 5. c. 3. exemp. 16. dos Frades da Ordem Fr. Franc. Diago l. 1. c. 7. da provincia de Arag.

de Portugal. Falou-dos de sua patria, com quem tinha communicação estreita, e pola mesma rezão mais certeza de suas cousas.

CAPITULO XXIII

Vem a Santarem o novo Provincial. Acha-se presente a huma extasi do Santo. Dá el Rei dom Afonso principio á Igreja de S. Domingos de Lisboa. Refere-se a familiaridade com que tratava a S. Frei Gil em Santarem. E como convaleceo da gota por seu meio. Torna o Santo a servir o cargo de Provincial.

Succedeo ao Santo no cargo, e governo da Provincia o Padre Frei Pedro de Huesca, (segundo achamos em Frei Andre de Resende, mas sem declaração, se foi ao primeiro cargo, se ao segundo) (*) este Provincial decendo a Portugal em prosecução de seu officio veio visitar o Convento de Santarem: e como andavão na boca de todos, os raptos do Santo Frei Gil, foi huma das primeiras cousas que ouvio aos Frades, mas tão pouca fé lhes deu, como se fallarão dos maiores impossiveis da terra. Succedeo que se deteve alguns dias, e nelles, (era por huma festa) acabando o Santo de dizer sua Missa pola manhã cedo, foi-se ao Coro, segundo seu costume: e antes de se pôr de joelhos, foi prevenido do Ceo: e assi como estava em pé, e direito, ficou todo absorpto. Acudirão os Frades logo ao Provincial, dizendo que podia desenganar-se do que não cria, se quizesse dar poucos passos. Foi o Provincial, e achou-o, como dissemos, e primeiro por se certificar do que lhe affirmavão, chegou-lhe a orelha á boca, e narizes, e não lhe sintindo respiração nem anhelito, fez bater rijamente nas cadeiras com hum martello de ferro que a caso ficara nellas a huns carpinteiros do dia d'antes. E não espertando o Santo de seu sono, nem elle de sua incredulidade, poz-lhe as mãos empuxando-o a toda força, com outras diligencias extraordinarias. Em fim quando lhe não ficou nada por tentar deu-se por convencido, e acabou de crer com lagrimas de arrependimento, e compunção.

Por este tempo, que foi polos annos de 1249, começou el Rei dom Afonso a grande machina da nossa Igreja de Lisboa, como a vemos hoje. Devia parecer-lhe cousa pouca pera tão grande cidade, e que cada dia hia crecendo, a que el Rei dom Sancho seu irmão fizera com o Convento: mostrou seus espiritos na magnificencia, e sumptuosidade da obra,

(*) Resende na vida de S. Frei Gil l. 2. exempl. 2.

e o poder real na diligencia, acabando-a em dez annos, como ao diante diremos em seu proprio lugar. Fazemos aqui menção d'ella por ser feita em vida de S. Frei Gil, visto como não devia importar pouco pera el Rei se resolver em tamanha fabrica a presença do Santo, e o gosto que mostrava de lhe fazer honra, e favor, como o declarou em muitas cousas outras polo tempo em diante. E foi huma vindo a Santarem por Dezembro do anno de 1251 communicar o Santo com grande humanidade, e brandura. Vindo ao Mosteiro muitas vezes, e pera o poder fazer mais familiarmente, e com menos nota da magestade, e autoridade real, como o Santo era velho, e enfermo, e por essa rezão tinha huma pobre cella separada do Dormitorio comum, porque quasi nunca sahia d'ella senão pera a Igreja, ou pera o Coro, mandou-lhe el Rei prantar, e cercar hum jardim junto d'ella, ao qual vinha, e nelle despedidos os fidalgos, e acompanhamento real se ficava só, e devagar com o Santo: pera o qual tambem era de recreação a frescura do arvoredo, e variedade das flores nos actos mentais, em que sempre andava occupado.

Creceo o amor que el Rei tinha a S. Frei Gil, com o que pouco despois lhe aconteceo com elle. Era el Rei dom Afonso em sua primeira idade muito inclinado aos exercicios militares de justar, e tornear, e muito fragueiro nelles, e quando estes faltavão, nos da caça, e montaria. Esta natureza ajudada do costume dos Franceses, entre quem vivia, que são nesta parte incansaveis, trazia-o enxutò de membros, são, e bem desposto. Como esteve no Reino a occupação dos negocios, e governo apartou o dos exercicios corporais: foi logo criando carnes, e humores demasiados, que com a carga dos annos pararão em gota. Começou-lhe polos pés com grandes dores, como traz consigo. Visitava-o o Santo algumas vezes. De huma que estava mui afadigado, e assentado em huma cadeira, por não poder sofrer a cama, vendo que entrava o Santo a vel-o, persuadio-lhe a afflição do mal, que não deixa cousa por tentar, que tinha na mão o remedio. Estavão ambos de bordão, o que visitava, e o visitado. El Rei por doente, e o Santo por velho, e fraco. Ao despedir disse-lhe el Rei dissimuladamente. Troquemos, Padre, os bordões, que me parece melhor esse vosso. Não alcançou o lanço a humildade; pareceo ao Santo, que não podia el Rei dizer senão o que sintia, e que seria juntamente querer honral-o com a troca, como fazia em outras cousas. Foi cousa certa, e provada que fez milagre a fé del Rei, e a virtude do Santo, de sorte que da hora que el Rei lhe tomou o bordão não

sintio mais dores, convaleceo, e sarou perfeitamente. E ficou tão certo que d'elle lhe procedera o bem, que por devação o trazia de ordinario na mão por casa. E acontecendo entrar no Paço muitos annos despois pejado grandemente, e quasi manco do mesmo mal de gota, hum Pero Martins Petarino, muito seu aceito, e do seu Conselho, Alcaide mór de Ourem, deu-lhe o bordão, que trazia na mão, e disse-lhe. Este tomei a Frei Gil, e me deu saude na minha gota, tambem vola dará a vós. Levou-o o valido, e valeo-lhe, como fizera a el Rei. Mas porque pode haver algum juizo agudo, que neste segundo effeito ache mais poderes de adulação, (por intervir privado), que de virtude, dal-o-hemos autorizado com testimunho irrefragavel, terceira maravilha obrada por meio do mesmo bordão, com que desde então previnio os incredulos, e he a que se segue.

Na villa de Ourem aconteceo a hum Domingos Martins jantando pegar-se-lhe na garganta huma lasca de hum osso tão aguda, e tenaz, que por muito que porfiou pola lançar, ou passar, nenhum remedio bastou. Vendo que se affogava, pedio que lhe trouxessem quem o confessasse. Em quanto forão buscar o Confessor, creceo a opressão de maneira, que quando chegou, já não pode falar palavra. Ajuntarão-se os vizinhos, houve grande revolta. Chegou a nova do desastre a dona Estefania, molher do Alcaide mor. Tanto que soube o que passava, toma da mão do marido o bordão do Santo, e dadiva del Rei, e manda-o. Mandado fez milagre sem sospeita. Não fizerão mais que chegal-o a tocar a garganta do meio affogado, e logo lançou o osso. Acrecenta a Historia, que vendo-se livre se confessou: e despejada a garganta, e aliviada a consciencia, tornou á meza a comer alegremente, d'onde se levantara pouco havia angustiado, e pera morrer. Forão testemunhas do milagre dona Estefania, e seu marido, e hum Capellão seu, que todos o contavão despois, e o Confessor Estevão Martins, que servia na Igreja de S. João.

Tornando á nossa Historia, houve por este tempo na Provincia Capitulo de eleição, e foi eleito com a mesma vontade, que no antigo, o Santo Frei Gil. Era ausente por velho, e carregado de annos, e infirmidades: o trabalho immenso pera homem muito robusto, e muito advirtido em se poupar; quanto mais pera quem estava consumido de penitencias, e sobre tudo procedia no governo publico, e no de sua pessoa em todo o rigor da Regra: fez-se-lhe mui agro o aceital-o. Mas em fim obrigou-o sua charidade, e a instancia da Provincia. Começou a visitar, como quando tinha mais forças, Apostolicamente a pé, e sem mais remedio, que o

que alcançava de esmolas. E como este trabalho não tinha outro fim, senão a honra, e gloria de Deos, assi recebia d'elle a toda hora grandes mimos, e favores em sua alma, e era grande o fruito, que nas dos subditos fazia com seu exemplo, doutrina, e sermões. Se reprendia vicios, tinha tal efficacia no dizer, que fazia tremer, e pasmar de medo quem o ouvia. Se tratava das virtudes, ou dos bens do Ceo, abrazava os corações em amor de Deos: e nelle mesmo se hia saboreando nesta musica de sorte, que muito amiude ficava no estado, que atrás dissemos, de alheado dos sintidos, e na mesma postura em que hia praticando immovel como huma coluna. Crecia o merecimento, faltavão consolações da terra: dobrava-lhe o Senhor as sobrenaturais do Ceo.

CAPITULO XXIV

Manda o Santo Provincial Pregadores a terra de Mouros. Conta-se hum estranho caso que lhe succedeo caminhando ppr Castella: e outros em Portugal, todos em materia de espirito. Pede absolvição do cargo em Capitulo Geral; alcança-a. Conta-se huma penitencia, que nelle se deu a huns Frades.

Não nos deixarão declarado os antigos o anno preciso, em que o Santo começou este segundo governo. Mas contando-nos que estava muito adiante na idade, e a sua chegou quasi aos oitenta annos, como veremos em seu lugar, se dermos doze annos ao primeiro cargo, e outros tantos a seu successor, veio-lhe a entrar este polo de 1257, ou pouco mais, e já sobre os setenta da vida, que pera as naturezas d'aquelle tempo não era demasiada velhice, se forão de vida mais folgada, ou menos perseguida de rigores, que a sua. Começando animosamente a fazer seu officio, huma das primeiras cousas, em que entendeo, foi em dar cumprimento a humas letras do Papa Alexandre Quarto, polas quais particularmente encomendava, que se mandassem Religiosos prégar aos Mouros; e como dentro de Espanha havia grandes terras senhoreadas d'elles, não era necessario passar o mar: nem o Santo Provincial teve muito trabalho em buscar sojeitos, que se arriscassem á empresa. Porque antes foi alvitre pera toda a Religião. Despachou os que lhe pareceo que convinhão, e deixou a muitos sintidos, e envejosos. He bem de ver pera cre-

dito da Ordem a nota da Bula. Poremos só algumas palavras d'ella, por não estender leitura. E são as seguintes:

Sanè quia inter alios propugnatores fidei Christianæ Fratres Ordinis tui, iuxta professæ religionis officium zelus comedit animarum; ex eis ad gentes, quæ Christum Dominum non cognoscunt, et ad subtractionis filios, qui sacrosanctæ Romanæ Ecclesiæ non obediunt, decreuimus aliquos destinandos, etc.

Do que fizerão os inviados, d'onde erão filhos, e a que lugares forão, tudo deixarão nossos maiores em silencio, e até os nomes, que com letras eternas devem estar escritos no livro da vida, (indigno silencio, e erro sem desculpa.) As cousas, que só escreverão em lugar d'estas, iremos dizendo.

Continuando o Santo seus caminhos chegou á cidade de Quenca em Castella. Hia de passagem, porque não tinhamos inda ali Convento. Juntou-se alguma boa gente á novidade do habito, que não tinhão visto, pedirão-lhe que quizesse prégar. Como esta he a verdadeira obrigação da Ordem, ainda que moído o corpo do caminho, e o espirito dos negocios, não se soube escusar, Recolheo-se com cedo pera ver algum livro. Leo hum espaço, passeou outro. Logo, sintindo, ao que se pode entender, o impeto do espirito, arrimou-se ao leito, e lançando mão da vela, meteo-a debaixo d'elle, (devia ser com tenção de a apagar), mas ou fosse descuido, ou não estar já senhor de si, ficou em parte, que as pontas do cubertor, e lençoes estavão ao justo sobre a labareda, como postas assinte. Acompanhavão ao Santo nesta jornada Frei João Romo, Galego, e Frei Pedro Belhoc, Aragones. Chegarão á porta, virão-no enlevado, temerão perturbal-o, não quizerão entrar. E ou não notarão o estado, e o perigo do fogo: ou fizerão conta, que pois não fazia dano, a vela se iria gastando, e por si se apagaria. Mas o caso foi, que o Santo amanheceo na postura, e sono bemaventurado, em que o deixarão á noite, e a vela tambem com elle no mesmo estado, em que a tinhão visto, ardendo, e nada consumida, sendo assi que não podia naturalmente durar mais que quando muito duas horas: e as pontas da roupa tão communicadas com o fogo, que era impossivel deixarem de arder sem intervir milagre claro, e manifesto. Por maneira que consideravão quatro milagres juntos. Primeiro, o rapto de huma noite inteira: segundo, arder

outro tanto tempo hum pedaço de vela, que não tinha alimento pera duas horas; terceiro, arder, e não se consumir; quarto, estarem sobre o fogo toda huma noite estopa, e lam sem se queimar, nem crestar, nem somente se defumar.

A este modo vindo-se recolhendo polo alto de Portugal hum d'estes annos pera Santarem, lhe aconteceo caso notavel no Mosteiro de Freiras de Arouca, da Ordem de Cister. Pedirão-lhe as Religiosas, que pois Deos o trouxera por alli, as quizesse consolar com huma pratica espiritual, e sua. Assentou-se á grade do Coro, era presente toda a Communidade: prégava a gente devota, e esposas do bom Jesu, que havia de ser o sermão, senão amores, e requebros do mesmo Senhor. Foi-os propondo com huns termos tão brandos, huns encarecimentos tão vivos, e huma devação, e fervor tanto do intrinseco da alma, que as Religiosas penduradas da santa eloquencia se hião alheando de si, como com hum encantamento de força invisivel. Mas tudo era pouco pera o que o Santo sintia em si. Vio-se logo o effeito. Porque, como tratava do que exprimentava cada dia, e o repetia com o mesmo gosto, e sabor que o sintia, e entendia, e lho communicava o Sol Eterno, foi-se arrebatando nelle até hum ponto, em que alevantando as mãos ao Ceo, em graças do muito que deviamos a Deos, só por querer, e consintir que o amassemos, sendo tão soberano, e nós terra, pó, e lodo, ficou como transformado em hum penedo, sem voz, sem anhelito, e o que he mais, sem pulso, e privado de toda a outra operação dos sintidos, os braços, e mãos em alto, na fórma em que o tomou o rapto, e com o mesmo geito de boca, olhos, e sembrante com que hia falando. E assi perseverou algumas horas.

Mas o que lhe aconteceo despois que chegou a Santarem, passa por tudo o que se pode dizer nesta materia. Entrou hum dia na sua cela Frei Pedro de S. João que o acompanhava, e lhe tinha cuidado d'ella, e achou-o levantado no ar, mais alto que a meza, em que estudava, com as mãos, e olhos ao Ceo. Tirou-lhe polo habito a ver se o podia decer: como vio que trabalhava debalde, sahio correndo a dar aviso ao Prior Frei Estevão: e não o achando, tornou com Frei Pedro da Cruz, e Frei Afonso de Toledo, que encontrou: mas acharão-no já assentado, e quieto. Dezia Frei Pedro de S. João, que quando entrara da primeira vez lhe vira aberto o livro de S. Dionisio Areopagita em hum lugar (*), onde aponta

(*) Dionys. de Divinis nomin. c. 4.

algumas excellencias do amor Divino, e como Mestre, e exprimentado diz d'elle que enleva, e allumia a quem o possue: enleva com suavidade, e allumia com luz da gloria. E attribuia o rapto á lição, polo que sabia que o Santo se pagava d'ella. Este Frei Pedro da Cruz tinha ouvido das ordinarias extasis do Santo, e ficou sintido de não chegar a tempo que o visse nesta tão differente. Mas não passarão muitos dias que tocando-lhe por certa occasião acompanhar o Santo, se satisfez bastantemente. Ficou-se hum dia despois de Completas rezando no Coro, e tornando já noite cerrada, não achou o Santo na cella. Sahio ao jardim, senão quando se lhe offerece á vista hum homem, como fantasma pendurado no ar, rosto, e mãos erguidas ao Ceo. Conheceo quem era, e todavia, como em cousa nova, ficou cheio de medo, cuidando que poderia cair com perigo: foi correndo em busca do Supprior Frei Martinho Martins, contou-lhe com admiração que acabava de ver hum corpo glorificado em retrato, e pedio-lhe que fossem ambos a decel-o, e recolhel-o, visto ser noite. Assi começarão a martyrizar o Santo cada hum de sua parte com forças, e abalos, ate que em fim se foi deixando mover, e o trouxerão em braços ao leito, mas não livre de todo d'aquella deleitosa peregrinação dos sintidos.

Estava o Santo em setenta e seis annos, tão cançado já, que não podia fazer caminho por seus pés; e todavia, por não deixar de acudir a correr a Provincia, servia-se de hum asninho, porque lhe não valiam rogos com o Geral da Ordem pera soltar por lei humana quem já polas da natureza estava forro, e izento de todo trabalho, com a maior força de todas, que era impossibilidade. Esforçou-se na entrada d'este anno a caminhar duzentas legoas pera aparecer no Capitulo geral, que estava publicado pera Barcelona. Fez conta que alcançaria, sendo visto, o que não impetrava ouvido. Foi, pedio huma hora desabafada de negocios pera morrer, pois em quanto tevera forças pera servir, nenhuma de trabalho refusara. Moveo os Padres a piedade a velhice, a pessoa, e a rezão, derão-lhe absolvição.

E porque o Santo velho devia ser, como tão ansião, e autorizado, hum dos principais votos d'este Capitulo, não será fóra de rezão que por sua conta fique aqui em memoria huma penitencia que nelle se deu a hum Prior, que havia sido do mesmo Convento de Barcelona: e referil-a-hemos polas mesmas palavras que ficarão nas Actas, que hoje estavão vivas, e são as seguintes:

Fratri, qui erat Prior quando Dormitorium Barchinonensé fuit inceptum, et Fratribus, qui tunc erant ad dandum consilium circá opera, ex quorum negligentia seu dissimulatione factum est, quod prædictum Dormitorium altitudinem ab Ordine prætaxatam excedit notabiliter, iniungimus tredecim dies in pane et aqua, et totidem disciplinas. Et districté iniungimus, quod domus, quæ adhuc sunt faciendæ, non sint altiores, quam in Constitutionibus est taxatum.

Querem dizer.

Condenamos ao Frade que era Prior d'esta casa de Barcelona, quando se começou a levantar o Dormitorio, e aos Frades, a quem tocava dar conselho na materia do edificio, em treze dias de pão, e agoa, e outras tantas disciplinas: visto como de seu descuido, ou dissimulação procedeo ficar o Dormitorio notavelmente mais alto, do que está determinado pola Ordem. E em todo rigor mandamos, que as casas, que estão por fazer, não passem da medida, que nas Constituições está limitada.

Com este rigor se acudia então a culpas tão leves, claro argumento do que seria nas grandes, se as houvera: e de quam entranhado andava nas almas o amor da santa pobreza.

CAPITULO XXV

De algumas visões sobrenaturais que o Santo teve: e milagres que por seu meio, e oração obrou o Senhor.

Veio-se o Santo Frei Gil pera a sua cella a esperar a ultima hora, começou a empregar-se todo no cuidado della, como se ja a tevera presente, vivia no corpo huma vida, que podemos chamar Angelica: tão puro, tão penitente, tão vigiado até do pó, e da sombra das mais pequenas venialidades, como se então começara os dias de sua conversão de Palencia. Pagava-lhe o Senhor com grandes misericordias, humas vezes de visões sobrenaturais mostradas aos olhos, e vista corporal, outras de milagres patentes, obrados por sua oração, e intercessão. Das visões era grande encubridor, porque algumas, que se escreverão, forão sabidas a caso, ou alcançadas por conjeituras. Como era velho, e naturalmente se-

vero, não se atrevia ninguem a fazer-lhe perguntas, e, quem lhas fazia, ficava sem reposta, e corrido. Contava Frei Pedro seu companheiro, que estando o Santo hum dia sobre o leito pola sesta, e elle tambem deitado não longe, acudira ás festas, e alvoroço, com que o Santo levantando as mãos, e batendo as palmas com os olhos no alto dezia: Ah meu Senhor Jesu. Ah dulcissimo Jesu, no coração, he rezão que vos eu traga: no coração andeis escrito, impresso, esculpido. Ó Senhora piadosissima, Mãi de meu piadosissimo Senhor. Ó santissima Mãi de Deos, Ó Virgem gloriosa, Rainha da terra, Rainha do Ceo, que graças vos dará hum pobre homenzinho, hum bichinho da terra? E tendo Frei Pedro por certo que falava com vista dos olhos manifesta, segundo as palavras o testemunhavão, e vendo-o tão alegre, tudo lhe dera animo pera lhe perguntar, não pola visão, de que estava sem duvida, se não por algumas particularidades, que desejava saber. Mas o Santo sem diferir á pergunta, lhe mandara que o deixasse, e repousasse.

A Infante dona Sancha, senhora de Alanquer, de cujas virtudes fizemos atrás larga relação, tinha tanta devação ao Santo, que não só se levantava ao receber, quando lhe entrava por casa: mas posta de joelhos lhe pedia a benção, e que a encomendasse a Deos. Vindo a falecer apareceo ao Santo a horas, que elle começava a repousar. Esperteu hum pouco torvado, mas caindo logo em quem era, quietou-se, e perguntou-lhe como lhe hia. Muito bem me vai, respondeo a defunta, por mercê de meu Senhor Jesu Christo, e por meio de vossas orações. Esta visão conteu o Santo a Frei Bartolameu, Frade de grande religião, e acrecentava, que a defunta o deixara cheio de celestial consolação, sinal certo da gloria immortal, que já possuia.

Celebrava hum dia em Santarem. Eis que no meio da Missa fica subitamente arrebatado: e a cabo de grande espaço torna rindo, e fazendo festas com huma alegria tão fóra do ordinario, que deu em que cuidar a muitos Padres, que acudirão ao rapto, chamados do ministro, e fazião varios discursos, tendo por descomposição o que virão, em tal lugar, e tempo. Acabada a Missa, fez-lhe pergunta o Prior polo que vira, e ouvira, como quem fora hum dos que o ministro chamara: e que causa houvera pera tal, sendo assi que sempre acabava aquelles santos mysterios com lagrimas, e as extasis com queixas, e sospiros. Não pode o Santo negar nada, a quem inquiria como Prelado, e foi-lhe contando, que naquella hora se lhe representara, e vira com os olhos corporais a alma

de hum grande seu amigo, e grande Santo, que se hia ao Ceo cercada de resplandores de gloria, e levada por mãos de Anjos. Era este dom Gonçalo Mendes, Geral da Ordem dos Conegos regrantes de Santo Agostinho d'este Reino, que falecera em Lisboa, e vivendo na Ordem com grande exemplo, alcançara o cargo sem pretenção, e o servira com a mesma innocencia, e bondade, com que o merecera, e cheio de annos, e virtudes subia naquella hora a receber o premio verdadeiro. Notou o Prior dia, e hora: e achou despois que puntualmente então acabara no Convento de S. Vicente de Lisboa.

Grandes cousas nos vai descobrindo a vida d'este Santo, quanto mais adiante vamos: e pera que nos não espantem as passadas, temos entre mãos milagres, que vencem as leis da natureza, com que a Omnipotencia Divina quiz honrar, e acreditar seu Servo. No tempo que se edificava o Convento de Lisboa, em quanto não havia bastante gasalhado pera os Religiosos, que já assistião na Cidade prégando, e doutrinando, tinha-lhes dado huma dona principal, chamada dona Urraca, hum quarto das casas em que vivia, porque além de ser rica, e devota do habito, era mãi de Fr. Domingos Martins, que estava na Ordem. Vivia na cidade huma molher honrada, que padecia fluxo de sangue, havia dezenove annos: como andavão na boca do povo as maravilhas, que Deos obrava por S. Frei Gil, pedio a dona Urraca, que vindo elle á cidade quizesse avizal-a. Passados poucos dias soube, que era chegado: veio logo a casa, lançou-se aos pés do Santo, tomou-lhe o escapulario, beijou-o com devação, desculpando o atrevimento com a necessidade, que padecia, e esperança do remedio, que a obrigava. Acudirão os Religiosos, que erão presentes por intercessores. Disse o Santo aos Frades, seja Christo Jesu com ella: e a ella. Ide embora filha. Acuda-vos Deos segundo vossa Fé. Foi-se, e foi sam des d'aquella hora, e de todo ponto livre do mal.

Dez annos havia que era casada Maria Antioca, e julgada já por esteril dos Medicos, com quem se tinha cançado, e despendido, desejando ver hum filho, e successor em sua casa. Determinou buscar o remedio em Deos, onde nunca falta a quem o sabe pedir. Tinha particular devação com o Padre S. Domingos: e a mesma com o Santo Frei Gil polo que d'elle ouvia; foi-se hum dia a elle, e pedio-lhe com encarecimento, quizesse alcançar do Padre S. Domingos se lembrasse d'ella, prometendo a ambos, que, se Deos lhe desse hum filho, ella lho tornaria, dando-o á Ordem. Passados poucos dias, sintio-se prenhada, teve hum filho, cha-

mou-lhe Domingos, e cumprio a promessa fazendo-o Frade. Affirma hum escritor muito antigo, de quem tomamos parte d'esta Historia, que o alcançou na Ordem, moço de tão bom natural, que logo parecia filho de orações de Santos.

Correo a voz pola terra: acreditou-se logo o milagre com outro em tudo semelhante. Tornavão de Sevilha pera Lisboa pola via do Algarve Frei Martim Gonçalves, natural de Lisboa, e Frei Estevão Verdugo. Chegando a Faro agasalhou-os em sua casa Diogo Affonso, Alcaide mór da terra. Antes de se despedirem tomou-os a parte dona Micia, sua molher, e teve com elles longa pratica, dizendo que des que se entendera, tevera sempre grande inclinação, e devação á Religião de S. Domingos, e folgara de lhe fazer todo bem, que em sua mão fora: e de presente era particular devota do Padre Frei Gil, e ainda que o não vira nunca, em ausencia o respeitava, e venerava como a Santo: e desejava saber se era verdade o que lhe tinhão dito, que por suas orações era Maria Antioca mãi de hum filho. Porque se tal era, não desmerecia ella ao Santo, e á sua Ordem alcançar-lhe de Deos semelhante favor, pois estava na mesma necessidade havendo muitos annos que era casada, e temia que a falta de filhos fosse causa de seu marido se vir a desgostar com ella, vivendo ambos em tudo o mais com muita conformidade. Derão os hospedes por cousa certa o que se dezia de Maria Antioca. E quanto á sua necessidade, e petição prometerão ser diligentes procuradores, tanto que chegassem a ver o Santo. Quando o virão, não forão descuidados: propozerão lhe a causa, e os merecimentos da boa senhora, ajuntarão rogos. Obrigado o Santo disse-lhes que o ajudassem com outros Religiosos, que erão presentes, a rogar por ella, offerecendo a Nossa Senhora a Antifona *Salve Regina*. Rezou-a de joelhos, e disse a oração. E dona Micia veio parida de hum filho d'aquelle dia a nove mezes: e por se desindividar em alguma cousa com o Santo, chamou-lhe no bautismo Diogo Gil.

Os casos prodigiosos não perdem a estranheza por acontecerem ás vezes em sojeitos, e occasiões de menos importancia, quando Deos he servido de tambem nas tais dar honra a seus servos. Foi cousa certa, e com muitas testimunhas dignas de fé confirmada, que achando-se o Santo na Azoya, lugar do termo de Santarem, (era este lugar do Dayão de Lisboa seu irmão, e por isso acudia lá algumas vezes, quando o Dayão era presente), e começando a fazer huma pratica espiritual aos morado-

res, assentados todos no campo, appareceo junto d'elles hum gallo, e começou tambem sua natural musica, replicando-a com tanta importanação, e desentoamento, que o Santo lhe arremessou o bordão: e foi tão certeiro, que o derribou morto. Recolheo-o depressa hum dos ouvintes debaixo da capa, porque o Santo não tevesse desgosto, como era certo se o vira morto. Acabada a pratica, como o Santo não ouvio mais o seu musico, julgou o que era. Pedio que lho trouxessem, e quando o vio, começou-se a culpar de demasiado colerico contra hum animal irracional, e pondo os olhos no Ceo tornou logo, e tocando o gallo com a ponta do bordão: Ea, disse, levantai-vos dahi, tornai-me logo a vosso officio, e louvai o Criador. No mesmo ponto se levantou, e batendo as azas, foi dando saltos, e cantando com espanto, e alegria dos circunstantes. Lembrado estou que outro caso semelhante se conta no livro, que chamão Vidas dos Padres da nossa Ordem, e só faz differença no lugar, mas como diz juntamente que foi escrito polo Padre Frei Gil, sem dar nome do auctor da maravilha, podemos crer, que o quiz o Santo disfarçar escrevendo, por não confessar que saira de suas mãos, (como já o temos advirtido em outros casos.) Porque não ha duvida que este succedeo na Azoya, sendo presentes Frei Bernardo de Morlans, e Frei Bertolameu Pires, Frei Domingos da Cinceira, Frei Pedro da Cruz, Frei João de Marvilla, e Frei Jordão de Torres. E acrecenta hum escritor muito antigo, que alcançou ainda huma Ermisenda, molher de bem, moradora do mesmo lugar, que se achara presente ao milagre, e o contava na mesma forma.

CAPITULO XXVI

De algumas cousas milagrosas que o Santo fez por sua mão.

Milagres de Medico Divino temos pera este capitulo, que cura doenças, ou só com o tacto de sua mão, ou com cousas contrarias ás mesmas doenças, bem como o fazia Christo Senhor nosso, e como o dezia a seus discipulos, que o farião elles, se tevessem fé, e outras maravilhas muito maiores. Diremos primeiro algumas semelhantes: adiante pode ser que as achemos aventajadas. Que se a sombra de S. Pedro presente dava saude aos enfermos (*) que alcançava: aqui acharemos remedio dado a muitos só com a fama, e nome, ou com a invocação de S. Frei Gil

(*) Act. 5.

ausente. Acudião de continuo ao Santo muitos enfermos, huns como a Medico grande, que era dentro dos limites da Philosophia, e estudo, e que curava de graça: outros que sabião sua virtude, com fim mais alto, e como a Santo. Juntarão-se hum dia na nossa portaria dous: um tão perdido de mal de olhos, que não só os trazia correndo humor continuo, e cubertos de nevoa, mas pestanas, e sobrancelhas peladas, e comidas, e faltando pouco pera cego de todo. O outro com força de doenças, e falta de cura viera a encurvar-se, e alcorcovar-se de sorte que não era senhor de levantar a cabeça, nem olhar direito. Cada hum por sua via obrigou ao Santo a compaixão. E detendo-se hum pouco, como que cuidava no remedio, mandou ao Porteiro Frei João que lhe trouxesse hum pouco de azeite, benzeo-o com o sinal da Cruz, e huma breve oração, e untou os olhos ao cego. Acudio hum Padre que chamavão o Medico, porque o fora em secular, reprovando tal genero de mezinha, visto ser o azeite totalmente contrario á vista. Toda a arte, respondeo o Santo, cessa onde ha fé. Não vos lembra que contra toda a rezão de Fisica curou Christo a hum cego com lodo, e nos deixou dito, que quem tevesse fé, poderia beber sem dano vasos cheios de peçonha? Pois, a este azeite, espero, e confio eu nelle, que ha de dar tal virtude, que cure onde costuma a danar. E assi foi, porque untando peito, e costas ao contreito, como fizera aos olhos do cego, ambos se tornarão sãos, hum direito, e saltando, outro allumiado, e logrando os bens de vista clara.

O mesmo effeito fez a mão do Santo estando em Coimbra, em hum moço filho de João Paes cidadão honrado, que estudava pera Clerigo, e tinha já beneficio em S. Bertolameu. Derão-lhe alporcas, e tinhão-lhe o pescoço tão afeado de landoas grossas, e escaras, e vermelhidões, (era uso da maior antiguidade o que agora vemos renovar de pescoços descubertos: melhores cousas puderamos tomar della), que se não atrevia aparecer em publico. He o mal rebelde á Fisica, e nelle estava incuravel: despois de tempo, e muito gasto perdido com medicos. Não faltou quem o aconselhasse que se valesse do Santo. Foi-se a elle por meio de Frei Estevão Besa. Deu-lhe conta de si, mostrou-lhe o pescoço. O Santo, que era todo brandura, e piedade, poz-lhe as mãos, e fez-lhe o sinal da Cruz. Sem outro feitio em poucos dias se lhe veio a juntar todo o humor venenoso em hum lugar, onde suporando, e saindo em materia podre deixou o pescoço enxuto, e sem grossura nem pejo, ficando só algumas costuras leves como em memoria do milagre.

E porque não saiamos de Coimbra: na mesma cidade huma Maria Godinha filha de Godim Paes o moço, ficou de huma longa doença tão seca, e mirrada de carnes, que com nenhum remedio tornava em si, e se dava por etica. Tinha assentado sua mãi Mor Sueira leval-a ao Santo, mas hia-se dilatando de dia em dia, atê que obrigada de hum forte accidente de convulsão de todos os membros, e febre juntamente, se vierão mãi, e filha ao Santo: e fazendo-lhes elle o sinal da Cruz sobre as cabeças, tornarão com o remedio que buscavão.

Era primo do Santo Martim Gonçalves Chacim, fidalgo principal de nobreza antiga, e conhecida então, apagado hoje, como muitas outras que o tempo extinguio. Quiz hum dia festejar o Santo em sua casa, e como sabia que não comia carne, apercebeo hum banquete de peixe, quanto podia ser, esplendido. Chamou parentes, e amigos, estendeo-se a comida. E procurando que houvesse alegria, rogava aos convidados que comessem: e occupado todo n'isto, e em mandar os criados, e governar a meza, descuidou-se tanto de si, que levou em hum bocado huma espinha envolta, a qual se lhe ferrou na garganta de sorte, que por muita força que fazia, não podia passal-a, nem lançal-a fóra. Começou a temer, e affligio-se, o rosto feito brasa, e os olhos que lhe saltavão de inchados, os convidados com toda a casa torvados, e descompostos. Aqui acudio o Santo, e estendendo o braço poz-lhe a mão na garganta, e feito nella o sinal da Cruz, mandou-lhe que tussisse. Estava já tão trabalhado, que o não pode fazer sem muita pena. E logo se despegou a espinha, veo fóra, e ficou quieto.

Isto, que a Martim Gonçalves succedeo com espinha, aconteceo puntualmente a hum pobre homem do lugar, que dissemos da Azoia, com hum osso. Bebia huma escudella de caldo de vaca com descuido, ou com apetite, e fome de pobre, levou nelle de volta huma lasca de osso, que sendo aguda de huma, e outra parte se lhe atravessou na via da comida: fez força pola despedir, e o impetó de homem robusto, e forçoso, não sendo bastante pera a desaferrar, e cuspir, foi parte pera a encravar mais: assi ficou em estado qua nem podia falar, nem passar cousa de mantimento. A cabo de poucos dias começou-lhe a criar inchação de huma parte, e d'outra: com que se lhe hia apertando a respiração, e tomando o folego, e começava a desesperar da vida. Aqui acudirão os parentes, poem-no em huma cavalgadura, dão com elle em Santarem á porta do nosso Convento: pedem que lhes deixem ver o Santo, e dar-

lhe conta de suas lastimas. Diz a Historia que se acharão com elle Frei Bernardo de Morlans, e Frei Pedro da Cruz; e dando-lhe conta do caso, perguntava o Santo a Frei Bernardo que seria bem aplicar-lhe, como se determinara cural-o com a fisica humana, e ordinaria: e Frei Bernardo, que tinha entendido o mal de raiz, respondeo. Não he este o caso que se cura assi, Padre Frei Gil: o poder de vossa grande fé he o que lhe ha de valer; que pera remedios humanos já não he tempo. Todavia mandou o Santo que lhe dessem huns bocados de pão, a ver se engolindo lançavão o osso abaixo: mas foi diligencia perdida: antes, como interiormente havia já tumor crecido, poz-se o pobre em perigo de se affogar com a força, e grossura do bocado. Pedio então hum pouco de azeite, e untando-lhe a guela pola parte de fóra, donde se queixava, e feito o sinal da Cruz em cima, mandou que lhe lançassem sobre a cabeça a capa do Padre S. Domingos, pretendendo que a honra do milase atribuisse á virtude da capa, e de seu dono, antes que á sua mão. Começarão a entrar na Igreja pera fazerem o que o Santo mandava: eis que subitamente sente o doente resolver-se-lhe toda a inchação, e aperto da garganta com huma leve tosse que lhe acudio: e subindo-lhe á boca hum golpe de sangue pisado, e materia imperfeita, que vomitou, sahio de mistura a lasca do osso ensangoentada de ambas as pontas. E com tudo não quiz o Santo que deixasse de tocar a capa de nosso Patriarca, pera que a ella referissem o remedio.

CAPITULO XXVII

De outros casos milagrosos obrados por intercessão do Santo ausente: mas ainda vivendo na terra.

Agora diremos os milagres que obrou ausente, estando ainda vivo, e são, e em carne mortal. E veremos acudir a Omnipotencia Divina á fé dos que chamavão por seu servo: ou se valião de alguma cousa que houvesse andado em seu uso: como se com elle em tal grão se achara empenhada, que lhe pudessem fazer força merecimentos humanos: merecimentos que quando os ha, são dadiva, e mercê sua, nem tem mais valor que aquelle que o mesmo Deos he servido dar-lhes. Atrás deixamos escrito o bom successo que el Rei dom Afonso teve na troca do bordão, que trazia por gotoso, com o que o Santo usava por velho. Mas

em cousas ainda de menos sustancia mostraremos igual, e espantoso effeito.

Indo o Santo pera Coimbra com Frei Bertolameu Pires por companheiro, entrou de caminho em hum Convento de Conegos regrantes de Santo Agostinho de hum lugar que os Escritores chamão Colmeas. Receberão-no os Frades com amor, e alegria: e na meza foi agasalhado com tudo o bom, que havia em casa. Só do vinho lhe pedirão perdão, queixando-se que se danara todo sem ficar huma gota que prestasse: com que se passava assás trabalho no Convento. Agradecia o Santo a boa sombra, e vontade que enxergava em todos: e sem fazer caso de mais, dezia-lhes que nenhuma cousa dava melhor tempera á comida, nem mais sabor ao vinho: e que pera a sua arte fora agasalhado muito melhor do que pudera desejar. Esta benignidade, e singeleza do Santo obrigou ao Adegueiro a fazer conceito, que não sem causa se contavão tantos louvores de sua virtude, e querer valer-se d'ella. E tomando occasião de lhe ver na mão huma agulha, que a caso tirara da manga, (outros escrevem que era cabacinha, que lhe servia no caminho pera agoa, e a trazia pendurada da cinta), pedio-lhe que lha deixasse ver, e foi-se com ella á adega, e lançou-a dentro em huma grande cuba, em que estava recolhida toda a novidade d'aquelle anno, e tão mal parada, que nenhuma parte tinha de que se pudesse esperar bem. Ajuntou oração breve, mas cheia de fé, e devação, dizendo, que em nome do Senhor, e de seu servo Frei Gil se atrevia a fazer aquella diligencia, confiando que por seus merecimentos, e por ser cousa que trouxera nas mãos, e em seu uso, seria sua Divina bondade servido que o vinho melhorasse: e assi tevessem os pobres Frades com que passar o anno, e seu servo ficasse honrado. No dia seguinte foi tirar vinho pera a Communidade: lançando nos copos, de turvo apareceo claro, de grosso delgado, e o que mais he, trocado em cor, e sabor, e em fim como dado de milagre. Foi grande o espanto dos Religiosos, mas não durou mais que quanto tardarão em saber o feitio que o Adegueiro fizera, e o que devião por elle aos merecimentos do Santo, de quem já sabião cousas maiores.

Entre os mesmos Frades, mas em lugar differente, e differente occasião, quiz Deos pouco despois acreditar tambem seu servo. Foi a Igreja de Ansede, no Bispado do Porto, Mosteiro de Conegos regrantes, antes que viesse a Ordem de S. Domingos, que agora a possue. Passavão polo lugar Frei Miguel João natural do Porto, e Frei Roberto Frades nossos:

forão convidados dos Padres do Mosteiro com amor, e cortezia, e comerão alguns com elles. Veio á meza savel, que acodem muitos ao Douro, que aqui perto corre, e de nenhum rio de Espanha são tão saborosos nem tamanhos, como os que se pescão nelle, e no Minho. Succedeo a hum dos Padres de casa, com pressa ou desatento atravessar-se-lhe huma espinha que acertou a ser mais teza do que costumão as muitas, com que a natureza armou este peixe. Procurou despedil-a tossindo, fez muita força, não bastava nada: estando todos confusos, disse-lhe Frei Miguel em voz alta, que nomeasse o Santo Frei Gil, que Deos lhe acudiria por seus merecimentos. Tudo foi hum, chamar polo Santo, e vir a espinha fóra, e tornarem a comer alegremente, e ficarem todos por mais titulos devotos do Santo.

Costuma a Divina bondade honrar muitos Santos com particulares graças, pera serem mais estimados dos homens por sua intercessão em seus males, e necessidades remedeados. Assi buscamos a S. João Bautista pera dores de cabeça, a Santo Inacio pera mal do coração, a S. Paulo contra as quédas dos cavallos, S. Bento contra venenos, S. Domingos pera livrar de febres, S. Pedro Gonçalves Telmo das tempestades do mar, e muitos outros Santos de varias infirmidades. Parece que quer Deos que não fiemos demasiado nas boticas de medicamentos humanos: offerece-nos esta do Ceo. Em males de garganta teve o Santo Frei Gil em vida, e morte grande favor do Senhor. Dos que curou vivendo temos ainda tres casos, que por serem quasi semelhantes, irão juntos. No primeiro foi curado Frei Vicente o Medico, aquelle de quem contamos humas mui apertadas, e pouco cortezans experiencias, que quiz fazer das extasis do Santo. E aconteceo-lhe o que he ordinario aos que d'alguma maneira peccão de protervos, e teimosos por cabeça, que vendo não vem: inda quando ouvia fallar n'ellas, ou torsia o rosto, ou marchava, por não dizer duvidava. Mas veio a desenganar-se com lhe fazer sintir na garganta huma dura espinha o que elle procurou que sintisse o Santo, quando lhe picava as mãos, e queimava os dedos. Era em Coimbra diante de toda a Communidade do Convento, e d'alguns cidadãos, que forão aquelle dia convidados. Ferrou-se-lhe a espinha na guela tão vivamente, como se fora huma agulha. Vio-se atribulado, e como desesperado, porque a não podia passar nem arrancar: e sem comer mais bocado encostou-se á parede quasi desmaiado. Lembrou-se então que ainda que os Santos sejão pouco vingativos, tinha justa pena de suas

incredulidades. Em fim cumprio-se nelle o que está escrito, que os trabalhos dão entendimento (*). Encomendou-se de coração ao Santo, e logo com huma leve tosse, e sem nenhuma força veio a espinha envolta em sangue: guardou-a, e mostrava-a despois.

O segundo foi livre de hum osso de peixe atravessado na garganta, com igual perigo, e com a mesma devação. Chamava-se Payo Rodrigues morador em Torres novas, onde era Almoxarife das rendas da Rainha: e costumava agasalhar em sua casa os nossos Frades, quando hião ali prégar, e este dia jantavão com elle Frei Miguel Martins, e outro.

O terceiro caso foi em Portalegre, sendo presentes Fr. Durando Estevens, e Frei Nuno, e jantando ambos com o Prior da Igreja de Nossa Senhora dom André. Jantavão juntamente alguns Clerigos, e hum d'elles por nome Domingos João levou inadvertidamente huma espinha de savel, (que he peixe grande castigador de golosos), e estando meio affogado, e em grande estremo de afflição, tanto que chamou polo nome de S. Frei Gil, á instancia de Frei Durando, que lh'o lembrou, lançou huma espinha retorsida como hum anzol toda ensanguentada, que mostrou a todos, não se fartando de dar graças a Deos, e ao Santo, que peregrinando ainda entre os mortais tanto favor alcançava de Deos. Foi mais testimunha deste milagre Frei João do Portalegre, que então era moço, e secular, e se achou presente no jantar.

CAPITULO XXVIII

Do grande nome que o Santo tinha em toda a Ordem, e por terras estranhas: e de seu felice transito.

São companheiras inseparaveis da virtude, como a sombra do corpo, honra, e fama gloriosa (**): e tal he o agradecimento, com que ella paga a quem a segue, tal o interesse que rende a seus amadores. Dos acontecimentos que temos contado, e de outros semelhantes que não escrevemos, tinha o Santo Frei Gil ganhado tal nome em toda a Ordem, que a boca cheia era n'ella celebrado por grande Santo. Porém não se contentou a Divina bondade com o fazer conhecido entre os seus, se não estendesse tambem sua gloria aos estranhos. Vivia no mesmo tempo em Ro-

(*) Esa. 28.
(**) Senec. Filos.

ma hum ermitão de abalizada virtude, estimado, e conhecido por tal de muitos Cardeais, e outros Prelados. Achando-se hum dia em casa de hum Cardeal, que visitava, com alguns Espanhoes, perguntou com efficacia, se lhe saberião dar rezão de hum Frade Dominico Portuguez, de nome Frei Gil, e tal geito, e tais feições de rosto, e começou a pintar o Santo com tanta propriedade, que sendo hum dos que o ouvião o Mestre Pero Vicente Conego de Braga, que muitas vezes o tinha visto, e tratado, lhe respondeo, que bem ao natural tinha retratado hum grande Santo, que em Portugal conhecia do nome, e partes que lhe dava. Contou então o Ermitão, que havia alguns dias que estando huma noite em oração, e sendo já perto da manhã, caira em hum leve sono, no qual se lhe representara a visão seguinte. Vio o Ceo aberto, e Christo Salvador nosso em pé, e a Virgem sua Mãi junto d'elle com as mãos juntas, e levantadas, como que o adorava: logo via abaixo dos braços da Senhora hum homem que no trajo representava Frade da Ordem dos Prégadores, e cercado de hum estranho resplandor tinha as mãos em postura, que se mostrava sustentar com ellas os braços da Virgem, como se escreve que sustinhão os braços de Moysés, quando orava no Monte, Aaron, e Hur (*). E acrecentava, que ficando maravilhado, e desejoso de entender quem seria o bemaventurado de tamanha honra merecedor, lhe fora dito pola mesma Senhora, que era Frei Gil, Espanhol da ultima Lusitania, Frade da Ordem dos Prégadores, seu particular devoto, e tal pessoa, que assi como via sustentar-lhe os braços, assi por suas orações, e merecimentes se mantinha, e augmentava a Ordem dos Prégadores. Tentando saber mais, desaparecera a visão, e o sono, ficando-lhe impresso na memoria o nome que ouvira, e o rosto que vira: e até aquella hora andara sempre com desejos de encontrar pessoas, que o pudessem satisfazer, se havia tal homem no mundo: e dava graças ao Senhor por lhe ter mostrado o que buscava, e confirmado com isso a sua visão. Este Conego vindo a Coimbra referio ao nosso Convento o que temos dito, confirmando-o com juramento em presença do Prior Frei Martinho Martins, e dos Padres Frei Lopo, Mestre, e Leitor de Theologia, e Frei Bertolameu Pires, e outros muitos.

Mas he muito de ponderar, que sendo estas honras, que acompanhão, e servem á virtude, negoceadas polo mesmo Deos em favor de seus servos, elles as aborrecem, e abominão, e assi vivem temerosos, e acaute-

(*) Exo. 17.

lados d'ellas, como de perigosa tentação, porque sabem que o enemigo commum, em quanto vivemos no carcere da carne, não perde occasião de armar silada, e envolver veneno em tudo. Assi nenhum varão sisudo se dá por seguro em quanto vive, inda que se veja nadar em mimos, e favores do Ceo. E esta deve ser a rezão, porque lemos de muitos Santos antigos, que clamavão com Paulo: *Quis me liberabit de corpore mortis huius?* (*) Quando acabaremos de nos ver livres de hum corpo, em que tudo he morte? Porque ainda que a esperança do premio obriga muito, parece que faz maior força o receio de poder offender ao Senhor que amão, em huma vida toda cheia de laços, e occasiões de cair. Desejava S. Frei Gil como Santo romper as prisões. Quiz Deos que o soubessemos por mais honra sua por vias extraordinarias, não só por sua boca. Estefania Brocarda, dona honrada, e rica, que vivia em Lisboa em santa viuvez, e opinião de virtude, dava em sua casa por amor de Deos aposento, e ração a hum pobre cego, chamado Estevão, homem virtuoso, que contente com aquella esmolla tratava só de se encomendar a Deos em continua oração, sem andar polas ruas, cego nos olhos, mas muito alluminado na alma. E hum dia despois de ter dado longas horas a este exercicio, tendo os olhos de sua alma bem espertos, vio que subia da terra com estranho impeto, e velocidade hum globo de fogo ardente, e clarissimo, e notava, que chegando a emparelhar com as estrellas se abria o Ceo, e sahia hum Anjo, que se lhe punha diante, e abanando com huma toalha o rebatia, e fazia tornar a decer pera a terra. Maravilhado o cego da contenda, e estendendo a oração com desejo de entender a significação, e mysterio d'ella, foi-lhe dito polo mesmo Anjo, que a bola de fogo era a alma de Frei Gil de Santarem, que abrazada de amor Divino estava anelando por se ver livre do peso mortal, e voar aos braços do Criador: e elle era mandado a detel-o pera bem de muitas almas, que Deos queria ainda ganhar por seu meio na terra, pera lhe renderem tambem despois mais altos gráos de gloria. Contou o cego com simplicidade o que se lhe representara a Estefania Brocarda como a pessoa espiritual. E ella, porque o tinha em grande conta, e juntamente era muito devota do Santo, publicou a visão. E de sua boca affirma que a ouvio, o primeiro, e mais antigo escritor da vida do Santo, em presença de Frei Gonçalo Martins, natural de Santarem, e ajunta que viveo o Santo despois quasi cinco annos.

(*) Rom. 7.

Passados estes cinco annos, e sendo entrado o Santo nos oitenta de sua idade, era-lhe a vida trabalho, e dòr mais que vida, tanto pola velhice, e fraquezas grandes que padecia, como polas ansias, com que suspirava por Christo, e desejava fogir da terra, que fazião por si outra infirmidade. Em fim chegou o messageiro de sua liberdade, que foi huma febre não ardente, nem teimosa: mas elle conhecendo-a dava-lhe graças com alvoroço do que por meio d'ella esperava alcançar (*). Que se servir a Deos he possuir Reinos, como dezia Santo Antonio, que será reinar com elle? Tratavão os Frades de fisicas, e medicamentos: desenganou-os que não perdessem tempo, porque a hora de seu descanço era chegada. Pedio, e recebeo os Sacramentos da Igreja com entranhavel devação: e entrando o dia, que Christo nosso bem subio com gloria ao Padre Eterno, anno de 1265, mandou-se tirar do leito, e lançar em terra sobre huma manta de saco, e consolando aos Religiosos com palavras cheias de amor e brandura, lembrava-lhes a guarda da observancia, e os ganhos certos, que n'ella tinhão: e alegre entre tristes, risonho entre chorosos, levantou as mãos ao Ceo, e pronunciou com voz inteira aquellas palavras: *In manus tuas, Christe Deus, commendo spiritum meum.* E logo deixando cair os braços em Cruz, rendeo o espirito tão sem pena, que pareceo entrara em saboroso sono: e tal ficou seu rosto, assi bem assombrado, e composto. Ao amortalhar, e compor do corpo pera a sepultura, lhe foi achada á raiz da carne a cinta de ferro, que em Palencia cingio, como atrás contamos, nos principios de sua conversão, e nunca mais tirou. E por tal se guarda no Convento como preciosa reliquia: e he pedida de muitas molheres em partos perigosos, mostrando o successo, que dura ainda n'aquelle ferro frio, e morto a virtude dos membros, que tanto tempo acompanhou vivos.

CAPITULO XXIX

Dos sinais que houve da gloria do Santo, por diversidade de successos que a confirmarão.

O primeiro sinal publico, e patente, que houve da gloria d'este Santo, foi que na hora que espirou, cessou hum cheiro desagradavel, que de ordinario acompanha os enfermos, e sua roupa, e aposentos, e subitamente se trocou em outro tão suave, e cordial, que a todos consola-

(*) B. Ant. in leg. Ord. Prædic.

va, e não havia quem lhe soubesse dar igual, ou semelhante em todos os da terra. O segundo foi o que deixamos contado na vida do Santo Frei Domingos do Cubo, que por isso não repetimos aqui (*). Tambem se teve por cousa mui certa o que contava Frei André o Medico, que hum tempo fora seu companheiro. Dezia elle que o Santo lhe aparecera com sembrante sobre maneira fermoso, e cheio de luz, vestido de humas roupas como de neve na alvura: e porque Frei André se espantava de o ver, lhe dissera. Vivo estou Frei André, não vos enganeis, nem cuideis que sou morto. Que a esta hora deixo Santarem, e me vou por essas aldeas a prégar. Ficou Frei André entendendo que o Santo despois de o certificar de sua gloria, lhe quiz apontar em alguma remissão de que era notado no officio da prégação, e fazer-lhe cortezammente na morte a lembrança, que por ventura lhe fazia muitas vezes em vida com severidade.

Soou n'um momento por toda a villa o falecimento do Santo, e podemos dizer, que não houve homem que n'aquelle dia faltasse na nossa Igreja. Ou fosse o amor, e beneficios com que o Santo sabia obrigar a todos, ou a dôr da perda de hum tal vizinho, e pai da patria; que muito he pera sintir ausentar-se-nos hum Santo da terra. Anticiparão-se os Religiosos no officio, e enterro, respeito da solemnidade do dia, e com receio do que logo virão. Porque tanto que acabada a Missa, poserão mão no ataude pera o levarem ao cemiterio, espertou-se o amor, e saudade no povo: procuravão todos chegar a vel-o, e tocal-o, e ficar com alguma memoria sua: e forão-lhe cortando os habitos com tanta pressa, e alvoroço, que a não se estorvar, ficara o corpo com indecencia. Mas sendo soterrado, persuadio a devação aos que não poderão alcançar parte no vestido, que tão grande Santo tambem communicaria virtude ás taboas em que ali viera. Foi cousa de ver a competencia com que o ataude foi desfeito, e a miudeza com que se repartio, cuidando cada hum que levava pera casa remedio, e saude. E mostrou-o a experiencia. Huma pobre velha muito affeiçoada ao Santo, não pode haver mais que humas mui pequenas lascas do ataude, que por miudas ficarão polo chão, e huma pouca de terra da cova, que ainda do Santo não tinha mais que o nome: e com estas peças se foi recolhendo pera casa tão rica, e contente, como os que melhor quinhão houverão. De caminho quiz ver huma vizinha sua atribulada com hum filho minino, que tinha a cabeça aberta

(*) L. 3. c. 12.

de huma perigosa ferida havida por desastre. Chamava-se o Pai Miguel Grainho. Entrando, soube que lhe tinhão os Cirurgiaens feito novas feridas, e tirado ossos, com o que elles chamão alegrar o casco; e despois lhe sobreviera hum fluxo de sangue aos narizes tão importuno, que não havia estancal-o: e já o davão, e choravão por morto. Acudio-lhe a boa velha com o remedio que pera si trazia do Convento, e a mãi do ferido recebeo a dadiva com fé: e pondo tudo sobre a cabeça do filho, vio effeito santo, e maravilhoso. Porque de repente cessou a corrente do sangue, com que foi dado por livre de perigo, e pouco despois veio ao Convento são, offerecer-se, e dar graças ao Santo.

Mas não deu menos occasião de louvar a Deos outro successo claramente milagroso, e tambem do mesmo dia. Juntando-se toda a villa no Convento á celebração das honras, como dissemos, com tal frequencia, que parecia não faltar vizinho nenhum: houve hum tão amigo do que á sua fazenda, e gosto pertencia, e tão descuidado do que devia á solemnidade da gloriosa Ascenção, que se poz pola manhã a cavallo, e se foi polo termo a negocear o que sem perigo pudera fazer no dia seguinte, ou n'outro menos festival. Mas não tardou a ira, ou a misericordia Divina, (que huma cousa, e outra se descubrio no successo), em acudir por sua honra, e pola de seu servo. No meio do negocio, ou do passatempo, em que entendia Martim Gonçalves Guecha, que assi se chamava o pouco escrupuloso fazendeiro, foi salteado de hum accidente de garganta, (he seu nome entre os medicos esquinencia), com dores agudas, e vehementes, e tal aperto da respiração, que se não podia fartar de folego. E o pior era, que crecião por momentos as dores, e a opressão interior: e assentou consigo, que se o mal durava, não podia escapar de afogado. Mas logo foi aparecendo novo trabalho de hum tumor grande por toda a garganta pola parte de fóra, que começava a descer pera o peito. Então começou tambem entrar em si, e cair na conta da irreverencia que usára contra o Santo dia, e contra o Santo defunto. Lançou-se em terra arrependendo-se, e reprendendo-se: e quanto as dores erão mais intensas, que como ásinte não cessavão de apertar os cordéis do tormento, mais merecedor se julgava d'ellas. N'este passo acudio a misericordia do Senhor, inspirando-lhe que se valesse do Santo, pera remedio da offensa feita á Festa, e ao Santo. Como não ignorava as maravilhas que o Santo fizera em vida, nem duvidava que morto tinha estado, e merecimentos de as poder fazer maiores, ajuntou á com-

punção hum voto de se ir confessar seu erro, se lhe dava remedio, na sua casa, e diante dos seus Frades: e como penitenciado de culpas graves apparecer com uma vela na mão. Logo colhendo hum junco cingio com elle a garganta, que já com a inchação tinha extraordinaria grossura, e prometeo com lagrimas que tal seria a medida da vela. Era o dia de triumfos, e de não haver ninguem descontente. Acabando de fazer o voto, vio logo os effeitos de sua contrição, e do poder do Santo. Tornou todo o mal atrás polos mesmos passos que viera: e porque caisse de verdade em que huma, e outra cousa tinha origem do Ceo, cessou a dôr, desinchou o peito, e garganta, fartou-se de ar, não se fartando de dar graças a Deos, e ao Santo, de se ver tão milagrosamente restituido á saude. E no dia seguinte cumprio sua promessa em tudo.

Por maravilha, que tambem calho quasi no felice transito, ajuntaremos a presente. Tinha visitado ao Santo algumas vezes na ultima doença o Alcaide mór da villa Mem Peres, fidalgo honrado, e muito seu affeiçoado: e tornou de huma muito desconsolado pera casa, por entender que ia acabando a vida, não polo que a doença ameaçava, mas porque o mesmo doente lh'o certificára. Desapega-se mal nossa natureza do que ama. Não sofria o fidalgo haver-lhe de faltar tão bom amigo, mas persuadido do que temia, dezia-lhe com sintimento. Pois meu Padre Frei Gil, e que ha de ser de Mem Peres sem vós? Que vida ha de ser a minha, quando entrar n'esta casa, e não vos achar? Quem como vos me ha de aconselhar, guiar, e consolar? Vós ireis pera Deos como desejais, eu ficarei morrendo por me ir trás vós. Consolava-o o Santo com hum novo genero de promessa. Dezia-lhe que fiasse d'elle, que despois de morto lhe havia de fazer mais serviço, do que fazia vivendo: e em penhor d'esta verdade lhe prometia, que se alguma hora chamasse por elle com viva confiança em Deus, o havia de achar á sua ilharga vivo, e não morto. Eis que a poucos dias despois de falecido, adoece Mem Peres, e foi o mal em tanto crecimento, que os Medicos desconfiarão, e declararão, que era tempo de tratar da alma. Mas não houve que fazer, senão virar pera a parede, como outro Ezechias, e buscar soccorro do Ceo (*). Lembrou-se das promessas do seu Santo, e fazia conta que erão duas: huma, que lhe havia de ser de proveito despois de morto: outra que o havia de achar vivo, se por elle chamasse. Pois, meu Santo, dezia o enfermo, se algum bem me haveis de fazer, pera quando mo guar-

(*) 4. Reg. 20.

dais? Se esperais necessidade grande, nunca a tive maior. Se n'esta, que me tem em braços com a morte, me não acudis, nem vos acho vivo, como me promettestes; pera quando hei de esperar, que me aproveitem vossos poderes? No meio d'esta afflicção se lhe poz o Santo diante alegre, e resplandecente, e vestido de roupas de gloria, dizendo: Eis-me aqui Mem Peres. Não desconfieis, que Deos he com vosco. Elle vos dará saude, e logo. As palavras dos Santos são juntamente obras. Desapareceo o Santo, e a doença juntamente com elle: e ficou tão são, e as forças tão inteiras, que estando no dia atrás sentenciado á morte polos medicos, no seguinte visitou a sepultura do Santo, e em sinal de saude perfeita, jantou com os Frades, do peixe da Communidade. os quais ouvindo-lhe o caso, notavão antes do milagre duas profecias do Santo, e no milagre cumprimento d'ambas: visto como lhe promettera duas cousas, e ambas cumprir n'elle.

CAPITULO XXX

Como resuscitarão por orações feitas ao Santo tres mortos: e forão livres do Demonio quatro pessoas.

Bem he que, pois temos occasião, comecemos este Capitulo polas terras em que o Santo naceo, já que o precedente nos levou todo a em que morreo. Morava no lugar de Alafões, vizinho a Bouzella, dona Tareja Martins, prima do Santo, molher de Rodrigo Affonso, de sobrenome Capão, e criava em sua casa hum minino por nome Pedro, filho de Lourenço Affonso Capão seu cunhado, com amor de filho proprio, e como adoptivo, por carecer dos naturais. Ha no lugar humas fontes de agoas quentes medicinais, e tanques junto dellas pera os banhos, com que se curão varias doenças. Nestes he fama que foi curado el-Rei dom Affonso Anriques, sendo minino, da aleijão com que naceo. Succedeo que andando o minino Pedro brincando com outro junto do tanque, forão ambos em tombos polas escadas á agoa. O tanque tem altura, elles mininos: quando acudirão os que se acharão perto, não derão fé mais, que de hum que tirarão meio afogado, e tal que foi necessario pendurarem-n'o polos pés pera vomitar a muita agoa que tinha bebido. Faltava o Pedro: como pode falar o companheiro, que o era continuo seu, perguntarão-lhe por elle: respondeo que, quando caira na agoa, ambos hião

juntos, e pegados; e não sabia mais. Ficou-se entendendo o que era, que estaria afogado dentro do tanque, e já cozido, segundo a calidade, e quentura da agoa, que em breve espaço coze ovos, e péla galinhas, e patos: e segundo a hora em que caira. Fez-se diligencia, a agoa he clara, apareceo morto no fundo. Lançarão-se a elle, e conta a historia, que foi quem o tirou, hum Sacerdote nobre, filho de dom Julião. Posto fóra não só vinha morto, mas já meio cozido com a tez do rosto denegrida, e todo o corpo inchado, e azulado. Acudio dona Tareja: quando o vio tal, foi o pranto mais que de mãi. Despois de muitas lastimas, e lagrimas, lembrada do parente Santo tornou sobre si, e com devação igual á dor dezia posta de joelhos. Ah bom Padre Frei Gil, se vós sois Santo, e amado de Deos, como todos criamos que o ereis, quando entre nós vivieis, tornai-me esta criatura, que por filho criava, e como filho amava: que bem creio, e confio que, se vós quiserdes, m'o podeis dar vivo, e são. Não são vagarosas as dadivas do Ceo. Acabava de pronunciar as ultimas palavras, se não quando contra toda ordem, e rezão natural, começa o minino a abrir a boca, e vazar agoa, e pouco despois abre os olhos, e com voz clara, e distinta chamou pola mãi, e por sua ama. Foi o pasmo em todos não menor, que o prazer da mãi. E o pai a brados o offereceo logo á Ordem de S. Domingos. E despois, quando teve idade, o levou a Santarem a presental-o diante das reliquias do santo parente, como cousa sua por novo titulo; e ao Prior da casa pera lhe lançar o habito, (dizem as memorias, que era Prior Frei Domingos de Caleruega chegado em sangue a nosso Santo Patriarcha.) Autenticou-se o caso por autos publicos: forão testimunhas dona Tareja, e dona Maria Serram mãi do moço: e o clerigo que o tirou, e seu pai dom Julião que o teve nos braços, e muitos outros. O moço, em quanto viveo, ficou sempre amarelo, e sem cor de rosto: permissão Divina pera perpetuo testimunho do milagre.

Mas, se neste fez alguma força ao Santo a carne, e o sangue, diremos logo de outros dous resuscitados, em que só verdadeira devação teve lugar. Em Lisboa, na freguezia de Santa Justa, faleceo hum mancebo nobre de doença prolongada. Pranteavão-no os pais, e parentes, e sobre todos huma avó que o tinha por lume dos seus olhos. Não era hora de o darem á terra, quando acabou de espirar, porque anoitecia. Ficarão-no acompanhando, e carpindo toda a noite. Quando foi meia noite, começou a tocar o sino de S. Domingos a Matinas: e aquelle som fez lembrança a alguns pera irem consigo discorrendo polo cuidado com que

os Religiosos se levantavão naquella hora; e fazião violencia á natureza pera cantarem louvores a Deos: que polos mesmos passos correra S. Frei Gil, e se fizera Santo, e milagroso, e tão celebre, como então andava na terra: e assentou-se entre todos mandarem pedir ao Convento huma reliquia sua. Vierão com ella os Frades, poserão-na sobre o defunto, e rezando algumas orações, pareceo que fizera o corpo movimento. Acudirão a ver-lhe o rosto: achão sembrante, e pulso de quem tornava á vida, e com espanto de todos tornou logo, não só vivo, mas tambem são. Assi empregarão em sacrificios de graças o que tinhão aparelhado pera mortuorio.

Na villa de Estremoz acabava de dar a alma ao Criador hum mancebo mirrado de huma trabalhosa infirmidade. Era unico em casa. Despois de muito chorado tratou-se de mortalha, sepultura, e exequias. Entrou a acompanhar a mãi, e parentas huma dóna principal do lugar, chamada dona Anna: e trazendo consigo huma reliquia do Santo, que em grande estima tinha, e guardava, chegou-se ao defunto, e chamando em seu coração com muita confiança polo Santo, poz-lh'a sobre os peitos. Milagroso effeito: como se com ella lhe trouxera vida, e alma, tornou, viveo, sarou, levantou-se, e dentro de poucos dias foi a Santarem visitar o Santo, e contava aos Padres que sua alma desatada do corpo vira o veneravel Padre vestido em seu habito Dominico, e elle lhe mandara que tornasse a animar aquelles membros já frios, e defuntos: e polo beneficio recebido lhe hia render as graças.

Succedeo a huma pobre molher em Alanquer cair de hum eirado tão alto, que huns homens que acertarão vel-a, quando vinha polos ares, a davão por feita pedaços, não só por morta. Chegando a ella achão-na sam, e salva, e sem nenhuma lesão. Pasmados de a ver com vida, dezia-lhes a molher alegremente, que logo em se sintindo cair, chamara polo seu Santo Frei Gil em sua alma, e elle lhe valera: e dezia seu Santo, porque o mesmo favor lhe fizera em tempos atrás na doença de hum anno, onde cada dia tinha a morte presente: mas então fora sarar, agora resuscitar.

A estes quatro livres das leis da morte, ajuntaremos outros quatro livres das afrontas, e insultos do Demonio, que despois que por permissão Divina tem licença, (sem ella não póde nada), pera nos perseguir, he mais temeroso por feio, que a mesma morte: e mais prejudicial por

maligno, e polo grande odio que tem aos homens, que todo o mal do mundo.

Seis annos havia que era atormentada de grandes tremores de coração Maria Sueira molher pobre, moradora em Santarem, na freguezia de Santo Estevão. E já se sabia que não procedião de causa natural. Aparecera-lhe o demonio duas vezes: e tal vista fez effeitos confórmes. Ficarão-lhe além do mal do coração huns estremecimentos de todo o corpo, que lhe acabavão a vida com tormento. E o enemigo não cessava de a perseguir com infernais tentações, que acabasse de sair de huma vida cançada, penosa, e triste; e pois tinha mãos, não esperasse outro meio, que não tinha que esperar de Deos. Outras vezes se persuadia que tinha o Demonio dentro nas entranhas, e que lh'as arrancava de seu lugar. A isto ajuntava dar-lhe com mão invisivel crueis bofetadas no rosto, que a fazião ir fogindo como desasizada fóra da casa. Assi andava a pobre sem cor, nem figura de criatura humana, tão avexada destes trabalhos, como do medo delles, que era guerra por si, quando cessavão. Confessava-a Frei André da Cruz varão espiritual: fazia todas as diligencias pola quietar, mas perdia tempo, e trabalho. Era grande a força do enemigo: a molher, de seu fraca, ajudava-se pouco dos bons conselhos. Não havia hum mez que o Santo era passado a melhor vida: amiudavão milagres em sua sepultura. Mandou-lhe o Confessor que continuasse na Igreja, e pedisse remedio ao Santo. Ao terceiro dia, que tinha começado a devação, estando levemente adormecida, representou-se-lhe que via o Santo grandemente fermoso em vestido, e sembrante, e parecía-lhe que se chegava a elle com humildade, e tomando-lhe a borda da capa, punha-a sobre a cabeça, e dezia-lhe: Havei piedade de mi, Padre santo, livrai-me das affrontas deste enemigo. E o Santo lne respondia. Vai-te embora, filha, busca-me no lugar de minha sepultura, que lá me acharás. Acordou a affligida, comprou candeas, foi com ellas onde era mandada. He cousa certa, que desd'aquella hora nunca mais se lhe atreveo o enemigo.

Domingos João, que em Coimbra tinha a seu cargo arrecadar as rendas del-Rei, fora em vida do Santo particular amigo, e devoto seu, e á sua conta fazia muitas caridades aos nossos Frades, e ao Convento. Como sabia muito delle, quiz ficar com huma peça sua, e usou desta manha: mandou-lhe fazer huma capa nova, e pedio-lhe que a trocasse com a que trazia bem usada, e velha. Pareceo ao Santo que era receber es-

molla, acto de pobreza, e humildade, não fez difficuldade. D'ahi a muitos annos aconteceo entrar o Demonio em hum Domingos Pires seu vizinho, e atormental-o tão terribelmente que fazia grande lastima a vida que passava. Vindo á noticia de Domingos João hum dia, que o pobre mais tiranizado estava, lançou-lhe a capa do Santo ás costas. Foi effeito nunca cuidado. Raivando, e bramindo se sahio do corpo, e nunca mais se atreveo a tornar a elle.

A hum mancebo chamado Abril, de obrigação de Fernão Fernandes homem principal de Thomar, tomou hum mal repentino, e não entendido dos medicos: o qual lhe dava com huma dor de coração, e das entranhas tão desmedida, que arrebentava em furia, e fernesis: e de maneira forcejava, que muitos homens juntos o não podião ter, nem tolher-lhe desfazer, e espedaçar quanto podia alcançar com os dentes, tanto em si, como em outrem. E não havia remedio pera lhe defenderem comer-se aos bocados, se não era tendo-o atado em aspa de pés, e mãos, e amarrando-lhe até a cabeça. Neste martyrio vivia o pobre, e confessava já que era espirito máo, não humor, quem lh'o causava. Acertou de entrar por casa dom Lourenço de Thomar, Procurador dos cavaleiros Templarios, que ali tinhão seu Convento, homem religioso, e de autoridade. E notando o que passava, lançou mão ao seio, e tirou delle hum papel, que lhe meteo nos peitos. Foi caso de pasmar. Porque repentinamente de tigre furioso tornou hum cordeiro, e dezia com mansidão. Ó bom Deos! ó bom Senhor! eu estou são. E acrecentava falando com dom Lourenço: De verdade senhor, que ou vossas mãos tem alguma grande virtude secreta: ou trazeis convosco cousa que a tenha. Porque em me tocando essa mão, fiquei livre de huma oppressão atrocissima. Dom Lourenço derramando lagrimas de prazer polo effeito que via, declarou então aos circunstantes que nacia a maravilha da terra da sepultura de Santo Frei Gil, que consigo trazia. E porque ficasse mais patente o milagre, permittio o Senhor, que, despois de solto das prisões, o acometesse de novo o enemigo apertando-lhe com mão invisivel huma perna, e joelho tão duramente, que o pobre voz em grita pedia que lhe acudissem com a terra santa ao lugar, se não que morria. Aplicou-se-lhe, e no mesmo ponto cessou a dor, e fogio quem lh'a dava. Terceira vez, indo hum dia pera entrar em casa, deu com elle de rosto, que o esperava da banda de dentro cercado de hum numero infinito de Demonios, que lhe tinhão a porta tomada. Ficou assombrado, e não se atrevia a entrar, valeo-se

do primeiro soccorro: lançarão-lhe ao pescoço a terra do Santo: como a trouxe, nunca mais a enemigo teve mão contra elle.

Falta-nos o quarto dos que prometemos. Este era hum moçozinho filho de Silvestre Peres, Taballião de Santarem, e de sua molher Domingas Peres. Sendo muito amiude acometido, e maltratado do Demonio, lançou-lhe a mãi ao pescoço huma nomina com terra do Santo: foi defensivo com que ficou de todo livre. A cabo de hum anno torna o maldito a fazer-lhe guerra. Sentidos os pais buscarão-lhe o pescoço; confessou, que, dando-se por são, largara a nomina. Armarão-no com outra, e bastou pera ficar toda a vida em paz.

CAPITULO XXXI

Como se converteo hum Mouro, e forão curadas algumas pessoas de grandes males por meio de reliquias do Santo.

Aos casos milagrosos, que temos pera este Capitulo, fará principio hum, em que grandemente resplandece a misericordia de nosso bom Deos, e se offerece materia de consolação pera todo animo fiel, e pio. Dona Maria Bernardes viuva, moradora em Santarem, dóna nobre por geração, e virtude, tinha hum escravo Mouro, que desejava ver bautizado por lhe ganhar a alma, e porque via nelle tão boas partes naturais, que lhe fazia lastima haver-se de perder. E he de considerar, que nenhuma rezão bastava pera o persuadir. Tão cego, e emperrado vivia com Mafamede, que, quando se via convencido, porque não podia fazer mudo a quem o convencia, fazia-se a si surdo polo não ouvir, metendo os dedos nos ouvidos. Vindo a adoecer de huma febre de má calidade, tinha a senhora de seu hum escapulario do Santo, que muito estimava; poz-lho á cabeceira por sua mão com a fé, que lho fazia estimar, e piedade, que havia do escravo, dizendo, que fiava na santidade, de cuja fora aquella peça, que ou havia de ter saude no corpo vivendo, ou na alma morrendo Christão. Assi o deixou huma tarde, e foi-se ao Convento a Vesperas. Entre tanto obrou a santa reliquia invisivelmente raro, e visto effeito de Prégador. Gritou o Mouro que lhe chamassem sua senhora, que logo logo se queria bautizar, que não houvesse tardança. Acudirão dom Bernardo, e Giraldo Soares, Lourenço Mendes, e dona Caterina, todos irmãos de dona Maria. Juntarão-se de féra dona Gontina,

e Orraca Gil vizinhas: foi grande o alvoroço, e contentamento. Recebeo a agoa do santo Bautismo com huma fé tão viva, como quem merecera ter por prégador o Espirito Santo, que o prevenio sobrenaturalmente. Foi-se agravando a doença, e elle crecia na fé. Pareceo bem dar-se-lhe o Santissimo Sacramento por viatico: e foi bem a tempo o Divino socorro. Porque começou a ser tentado com vehemencia, mostrando-se-lhe á vista muitos Demonios, contra os quais usava das armas da Cruz o novo soldado d'aquella celestial bandeira, persinando-se muitas vezes, e pedindo a todos que o ajudassem. No meio d'este combate ficou de repente suspenso, fazendo geitos no rosto, hora de alegria, e humildade, hora de admiração, e como quem via, e ouvia cousas de que muito se agradava. Passado hum espaço, contou que estando a casa cheia de gente disforme, e medonha, subitamente entrara huma luz como de muitas tochas juntas, que a fizera fogir: e logo vira a Christo Nosso Salvador com a Virgem bemdita sua Mãi, que o animavão contra os medos da companhia infernal. E despois entrara Gonçalo Mendes seu senhor, e marido de dona Maria Bernardes acompanhado de huma filha, defuntos ambos, e ambos cercados de claridade lhe dezião que se fosse com elles. E o mesmo lhe dezia tambem um Frade Dominico, que via muito resplandecente e formoso. Referia isto o bemaventurado cheio de consolação, e espanto, e assi voou aos gozos eternos. Ninguem houve que duvidasse que todo este bem tevera origem do escapulario do Santo, e que elle era o Frade, que o defunto vira.

Sobre cousas tão religiosas como esta, e muitas que temos contado, parecia superfluo despendermos tempo, e papel, em ajuntar outras, que não são de tanta maravilha, nem podem dar mais honra ao Santo. Com tudo, porque seria fazer injuria aos que antes de nós escreverão, se deixassemos de apontar os casos que elles não desprezarão por menos importantes, diremos mais alguns com a maior brevidade que pudermos.

Huma molher rica de Torres novas teve huma postema no rosto, de humor tão venenoso, que lhe veio a lavrar, e comer toda huma queixada em forma que já lhe descobria os dentes, e nelles, e na boca hia fazendo tal impressão, que a mesma enferma não podia sofrer o halito que d'ella procedia. Foi-se a Santarem pera se valer de medicos, e cirurgiães de mais nome. Ahi visitou huma emparedada de fama em virtude pera lhe pedir suas orações. Esta lhe aconselhou que buscasse só remedios do Ceo, encomendando-se a Fr. Gil. Obedeceo, foi-se ao Convento, poz a

face fistulada sobre a sepultura do Santo com devação, e lagrimas, e polvorizou a chaga com terra d'ella. Começou logo a sintir melhoria: e ao quarto dia se achou de todo são, sem lhe ficar no rosto mais sinal que humas leves costuras. O Mestre Frei André de Resende, seguindo a Frei Pedro Paes, hum dos escriptores antigos da vida do Santo, diz que esta molher era de Villa nova de Vermoim. Possivel he que fossem dous milagres distintos.

Outra semelhante postema naceo a huma moça de serviço, que em sua casa tinha hum homem nobre de Valença de Alcantara, por nome João Peres. Tevera principio entre as espadoas, foi-lhe subindo, e tomando pescoço, e garganta com dureza, e inflammação, que dava sinais mortaes, porque lhe tolhia a respiração, e a fala. Chamão os medicos a este genero de postemas carbunculos, e entrazes: são de má calidade, porque se gerão de humor colerico, e adusto, e por essa causa em tempos de contagião são havidas por tão mortiferas, como as nacidas ordinarias da peste. Havendo já tres dias que não falava, e a postema sempre mais rebelde, e sem sinal de suporação, lembrou-se o Amo dos milagres de S. Frei Gil, de que no mesmo lugar havia grande fama por relação de parentes, que a mesma enferma tinha em Santarem; e fez voto, se lhe dava saude, de ir com ella visitar sua sepultura. Foi cousa vista, e certa, que trás o voto saltou por si a escara, e vasou grande copia de materia, com que logo desafogou a garganta, e pode respirar, e falar livremente, e em breve foi sam.

Do mesmo mal tinha em Santarem hum Mendo João sua molher tão chegada ao estremo da vida, que não tratava já mais que de remedios da alma. Quando a vio n'este estado, foi correndo ao Convento: toma em hum lenço huma pouca da terra do Santo: assi atada lha chegou ao pescoço, onde tinha a nacida. Cessou logo a dor, que era mui vehemente, e abaixou, e resolveo-se a postema, e ficou a enferma de todo livre.

Na mesma villa era moradora, mas de maior mal atormentada, huma Mor Paes. Porque tinha dentro na boca hum cancro sem lhe valer mezinha, nem a esperar da terra. Sonhou huma noite que hia á sepultura do Santo, e com terra, que d'ella tomava, alcançava saude. Tanto que luzio a manham fez o sonho verdadeiro em tudo: foi á cova, tomou terra, aplicou-a ao mal, e ficou sam.

A Martim João, Clerigo do Bispado do Porto, se lhe abrio huma chaga no braço esquerdo de hum humor tão corrosivo, (chamão-lhe os Cirur-

giões fogo de Santo Antão), que lhe tinha lavrado até o cotovelo, comida a carne, descubertas as canas, e em estado que de mão, e braço não tinha já mais que ossos secos. E porque se entendia que o dano não pararia no cotovelo, era conselho, (e o pobre Clerigo estava já persuadido), deixar cortar o braço por salvar a vida. Neste ponto lhe lembrarão amigos que se encomendasse ao Santo Frei Gil, cujas maravilhas andavão na boca de todos. Aceitou o conselho, offereceo-se de coração ao Santo com voto de visitar sua casa, se lhe dava remedio. He cousa averiguada que logo parou o mal, e acudio a natureza a cubrir de nova carne as canas, e em pouco tempo não houve differença de hum braço a outro.

Quatro mezes havia que hum filho do procurador do nosso Convento de Santarem tinha na cabeça huma grande inchação, sem haver remedio que lha mollificasse, ou resolvesse. E dezião os medicos que procedia de figado abrazado, e corrupto: e assi se hia o moço consumindo. Acudio o pai ao Santo, encomendou-lho com lagrimas, e amor de pai, trouxe da sua terra, lançou-lha sobre a cabeça. Era isto em estado que o moço estava já em artigo de morte, olhos fechados, sem fala. No mesmo ponto que lhe tocou a terra espertou gritando, que hum Frade de S. Domingos lhe abrira a cabeça. Virão logo correr-lhe d'ella hum rio de materia como de postema madura, estando até aquella hora rebelde, e desesperada; e em poucos dias convaleceo de todo.

CAPITULO XXXII

De muitas e varias doenças que teverão milagrosa cura, encomendando-se os enfermos ao Santo, ou usando de suas reliquias.

He o mal de hydropesia poucas vezes curavel. E em gente pobre quasi todos os males tomão esta calidade. Estava enfermo d'ella, havia dous annos, Martim Domingues Barqueiro de Santarem, tinha perdido a fazenda em curas, e não alcançado cura. Despois de martyrizado com fontes, e chagas, que lhe abrirão pera lhe vazarem a agoa, e tudo sem proveito, foi-se hum dia sobre hum bordão visitar o sepulcro do Santo. Tornando cançado do caminho, e da infirmidade adormeceo, e começou a sonhar, que hia pera hum lugar do termo afadigado de se não poder ter nas pernas, e encontrava com o Santo, que bem conhecia. Alegre com tão bom encontro lançava-se-lhe aos pés, pedia-lhe que lhe desse

remedio, como dava a todos. E o Santo lhe perguntava que doença tinha, e pondo-lhe as mãos, onde a força d'ella o trazia mais inchado, dezia. Tornai-vos pera casa, que já ides são. Acordou com hum leve accidente de dissenteria, que bastou pera o desinchar de todo, e cobrar saude.

A outro homem da mesma villa deu no rosto, e cabeça huma extraordinaria inchação, e hia-lhe crecendo até decer ao peito, e garganta, com tal disformidade, que quasi se lhe não enxergavão olhos nem feição de rosto. Acudio ao Santo, poserão-lhe sobre a cabeça hum retalho do seu escapulario. Logo sem haver dilação de tempo em meio, e á vista de muitas pessoas, se lhe abrio huma fonte debaixo da barba, por onde evacuou tanto humor, que ficou enxuto, e são, como quando o mais era.

Payo Nunes, natural de Santarem, sendo homem que vivia de seu trabalho, veio a ter por desastre huma disforme quebradura de ambas as virilhas. Como deixou de ganhar jornais polo impedimento do mal, cahio em estrema pobreza, (doença maior que a primeira), e pera pedir o remedio polas portas determinou mudar terra, onde não fosse conhecido. Mas quiz primeiro visitar o Santo, e representar-lhe sua necessidade, e resolução: foi ao Convento, chorou, lastimou-se, pedio misericordia, e trouxe consigo da terra da sepultura. Logo na noite seguinte, estando esperto, e sem dormir, vio chegar-se o Santo a elle, e por-lhe as mãos com tanta força, que, sintindo gravissima dor, gritou, ai de mi, Padre Frei Gil, que me mataste. O Santo lhe respondeo que não temesse, que ficava são. E assi foi.

Do mesmo mal alcançarão saude por differentes vias Domingos Martins de Coimbra, e Raimundo, Francez de Mompelher. O Domingos Martins padecia grandes tormentos secretos, não querendo manifestar-se a medicos, ou por honesto, ou por corrido da enfermidade. Vendo-se em huma conjuncção de Lua apertado de hum accidente de extraordinarias dores, nem isso bastou pera se sojeitar a mezinhas humanas: falou com o Santo em sua alma, dizendo que a elle só queria por seu Medico, a elle remetia seu remedio com voto que visitaria sua casa, se lho dava. Não tardou o Santo em lhe fazer conhecer quanto acertara: repentinamente se achou sem dores, e com as roturas soldadas. O Francez cobiçoso de saude, mais que pejado da deformidade, saira de sua terra pera Çaragoça de Aragão á fama de Mestres, que ali curavão semelhantes trabalhos. Gastou com elles sua pobreza; abrirão-no duas vezes, coserão-

no: despois de fortes martyrios foi a cura tão pouco duravel, que a poucas jornadas despois de saido de Çaragoça pera Santiago feito Romeiro, como caminhava a pé, tornou ao primeiro estado: e continuando todavia o caminho, abrio segunda rotura, e ficou com duas. Assi atormentado acabou sua romaria, e fazendo conta que em Lisboa acharia embarcação que o posesse junto de sua terra, entrou por Portugal, chegou a Santarem. Ali ouvindo os milagres do Santo, foi-se ao Convento cheio de boa esperança. Continuando sua devação, quando veio o sexto dia, sintio-se aliviado notavelmente de hum pejo continuo, que sempre o acompanhava, e parecia-lhe que n'aquelle momento, e lugar (estava diante do altar) crecia em forças, e alento, como quando era são, e moço. Espantado da novidade, e tornando sobre si, achou que de todo ponto se lhe havião cerrado, e soldado por si ambas as roturas; e derramando lagrimas por graças diante do Santo entrou no Convento, e contou de praça o milagre.

Hum moço nobre, filho de dona Mayor de Guimarães, foi em Santarem atropelado de hum cavallo, de que ficou com hum braço quebrado. Curou-se, soldarão as canas. Mas ficou-lhe tal fraqueza, que não era senhor de o dobrar, nem abrir, e fechar a mão, nem ainda bolir com os dedos. Levou-o sua mãi ao Santo, atou-lhe nos braços da sua terra: foi Deos servido, que antes de sair da Igreja meneava livremente o braço, e movia toda a mão, e pouco despois não teve mal nenhum.

O mesmo aconteceo a Payo Nunes, que atrás nomeamos. Andava em seu trabalho descalço, meteo-se-lhe hum osso agudo pola planta do pé, foi penetrante, apostemou, logo inchou pé, e perna, seguirão intoleraveis dores. Lembrado do beneficio, que outra vez recebera da terra do Santo, como fica contado, mandou-a buscar, polvorizou a chaga huma só vez. Não foi mais necessario pera ficar logo são.

Frei Gil Ermiguez, e Frei Rodrigues Fernandes, ambos Frades nossos, se derão por affogados com espinhas na garganta atravessadas, ambos forão livres com chamarem polo Santo. O primeiro levou a espinha no refeitorio, foi-se lançar sobre a cova do Santo orando em seu coração, porque com a lingoa não podia, e lançava logo cuberta de sangue. O segundo teve o perigo em Obedos, era a espinha de dourada, (que ha muitas na alagoa d'aquella villa), affogava-se, valeo-lhe a invocação do Santo com hum sinal da Cruz sobre a garganta.

Em Santarem, na freguesia de Marvilla, hum minino de peito, filho de

Domingos Munhós, lançou mão de hum anel da mãi, e como os mininos tudo levão á boca, metteo-o nella sem ser visto: e cahio-lhe na estreiteza da guela. Affogava-se, chorava, queixava-se, tussia, ninguem entendia o que era, mais que ser mal na garganta. Acudio a vizinhança, entrou juntamente huma molher, que dava candeas aos devotos da nossa Igreja. Esta desenrolou depressa hum maço das que trazia consigo, e cingindo-lhe o pescocinho, prometeo ir acender, e offerecer logo a medida ao Santo. Feito o voto, sae do profundo da garganta o anel envolto em sangue, pasmando todos, e engrandecendo o milagre na consideração do perigo.

A Pero Sueiro de Tancos naceo na ponta do nariz hum genero de postema, que os medicos chamão *Noli me tangere*. Tomava-lhe já todo o resto com huma fea inchação, e escara por cima. Veio a Santarem buscar remedio a hum Cirurgião de fama, por nome Mestre Martinho, o qual imaginando que cortado o mal na raiz, e arrancado, deixaria o enfermo são: poz-lhe o ferro, e lançou-lho destramente fora. Mas enganou-se, porque sobreveio nova inchação, que tomava o pescoço, e garganta, e entrava em ansias de morte. N'este passo lhe acudio Estevão Nunes, em cuja casa se agasalhava, com hum pedaço de tunica, que tinha do Santo: e a olhos vistos amainou a inchação, aliviou a garganta, e ficou curado.

Cinco annos havia que padecia fluxo de sangue continuo huma dona honrada, moça, e muito rica, molher de Domingos Estevens, e com huma só doença penava em dous tormentos, hum da infirmidade nojosa por si, e desconsolada, outro da desconfiança de poder ter filhos, que muito desejava, (erão moradores em Santarem, na freguesia de Marvilla.) Hum sabado primeiro despois da Ascenção, em hora que se achava com notavel fraqueza causada do mal, disse-lhe a mãi, que se esforçasse, e fossem ouvir as vesparas do Santo, porque ao Domingo se lhe fazia no Convento a festa. Fez o caminho encostada em duas molheres. Na Igreja prostrou-se em terra humilde, e devota, e atribulada: e fez voto de lhe jejuar toda a vida a vespara de sua festa, se lhe dava saude. Affirmava despois, que logo na mesma tarde sintira melhoria, e no dia seguinte se achara com tão bom alento, que assistira sem pena á Missa, e prégação, e de maneira ficou livre da desaventura, em que vivia, que pera verdadeiro, e claro testemunho, aos nove mezes cumpridos alegrou a casa, e o marido, e a si com hum filho macho.

Esta mesma molher hum anno despois teve hum accidente de parlezia, que lhe tolheo hum braço. Como tinha experiencia fresca do que valião com o Santo rogos humildes, foi-se ao Convento, chorou, rogou, instou, tornou pera casa não só remediada, mas sam de todo.

CAPITULO XXXIII

De algumas molheres, que alcançarão remedio em partos difficultosos, encommendando-se ao Santo: e como forão curados surdos, e mudos com a terra da sua cova.

Huma dona honrada de Coimbra, andando prenhada, deu em huma hidropesia disforme, e ao parecer sem remedio, porque os que a Fisica podia aplicar, tolhia a prenhez. Acolheo-se aos remedios do Ceo, buscou huma reliquia do Santo, trouxe-a consigo, e fez voto de ir em pessoa, ou mandar visitar sua sepultura. Não passarão tres dias, que a inchação, que a trazia feita hum monstro, se sumio, e resolveo por si, e teve saude, e bom parto.

No lugar de Ceice, termo de Ourem, esteve huma molher tres dias inteiros com dores de parto continuas, e reduzida a tamanha fraqueza, que as Comadres a davão por morta. Acertarão a passar pola rua huns Frades de S. Domingos de caminho pera Thomar. Erão os gritos da pobre tão lastimosos, que os obrigou a caridade a perguntar a causa: quando a souberão, mandarão-lhe dizer, que se encomendasse a S. Frei Gil, e tevesse por certo o soccorro do Ceo. Começou logo a chamar polo Santo, e elle não esperou ser importunado, deu-lhe alivio, e forças, e hora boa, que a fez mãi de hum filho.

No mesmo lugar succedeo a outra semelhante trabalho em dores, e em tempo. Foi visitada da que acabamos de contar, e advirtida, que se valesse do Santo, como ella fizera. Tomou o conselho, e no mesmo ponto teve remedio. Correo a fama pola terra, creceo a devação. Em apontando a necessidade, não conhecião outro Santo: e achamos em lembrança, que outras tres molheres, postas em igual perigo, forão livres encomendando-se a elle.

Dona Maria Bernardes, de quem atrás falamos, padecia grandes dores em hum ouvido com inflammação, e tumor n'elle. Acudio-lhe febre intensa, perdeo o sono, e o ouvir. Tinha remedio em casa provado com

experiencia, que era hum escapulario do Santo, mandou-o vir, e fez que lho posessem sobre a cabeça. Logo na noite seguinte repousou. E caindo em hum sono descançado, de que andava falta, sonhou que via diante de si o Santo, e que lhe dezia, que pozesse o ouvido sobre huma panella nova cheia de agoa quente, e tomando aquelle bafo guareceria logo. E parecia-lhe, que o Santo por suas mãos lhe aplicava o mesmo remedio, e com elle aliviava a dor, e despejava o humor. Acordou, e vio com effeito o que o sono lhe representara. Porque cessarão as dores, a inchação abaixou, tornou a ouvir, como quando era sam, e os travesseiros da cama aparecerão tintos de sangue, e materia envolta, que sem ella o sintir, despidio a natureza.

Domingos Munhós, tambem de Santarem, cuja molher tambem foi curada polo Santo duas vezes, como fica contado, vivia triste, porque hum filho minino, que tinha, de dores de cabeça veio a ficar tão profundamente surdo, que, se não era por acenos, nenhuma cousa entendia. A mãi, que tinha por certo o socorro no Santo pera todo trabalho, polo que em si exprimentara, mandou-o com outros da mesma idade á sepultura do Santo, instruidos no que havião de fazer pera que elle fizesse o mesmo, porque d'outro modo não era possivel doutrinal-o. Forão-se de companhia á cova do Santo, tomavão da terra, lançavão-na sobre a cabeça, esfregavão com ella o rosto, e metião-na polos ouvidos. Fazia o surdinho outro tanto. E o Santo não desprezou a devação da mãi, nem a obra do filho: e a terra, por ser sua, fez effeito contrario do que toda outra costuma; costuma cerrar, obstruir, e ensurdecer mais, esta abrio, espertou, aguçou, e em fim resuscitou aquelle sentido sepultado, e perdido, sem sinal de que nunca n'elle padecera falta.

Outra molher da mesma villa vivia com grande pena, porque huma doença larga lhe deixara nos ouvidos huns tinnidos, que a trazião totalmente surda: e ajudava o mal huma vehemente inclinação, e apetite de comer barro, a que não podia resistir, nem resistia. E de tal nutrimento procedião outros males, com que o dos ouvidoc vinha a ser o menor. Desesperada de tal vida por meios humanos, acolheo-se á Igreja, offereceo-se ao Santo, visitou sua sepultura. Foi logo amainando o rugido da cabeça, e espertando o sentido do ouvir: e, o que mais espantou, tamanho aborrecimento criou ao barro, que só a memoria d'elle lhe fazia vomitos.

Hum mancebo em tanto estremo surdo, que nenhuma voz nem bra-

do, por grande, e mui vizinho que fosse, ouvia, alcançou inteiro remedio, com se lançar sobre a sepultura do Santo, pôr nella os ouvidos, e nos ouvidos a terra d'ella.

Polos mesmos paços guareceo outro homem de huma postema nacida dentro em hum ouvido, que lhe tinha o rosto todo erisipulado, e inflammado com tamanhas dores, que temia perder o juizo. Cobrio a orelha toda da terra do Santo. (Raro, e nunca visto effeito) fogio o humor nocivo do lugar, como se o lançarão com a mão, e á força, e foi fazer defluxão debaixo de hum braço: onde madurou logo, e com huma leve picada de lanceta descarregou a natureza.

Aconteceo em Santarem a huma molher moça ficar muda de hum sobresalto: e nem hum grito, nem hum gemido podia dar. E entendia-se-lhe que padecia grandes tormentos interiores, porque cruzava os braços, apertava, e trosia as mãos, lançava-se em terra, e espojava-se nella como desasizada. Poserão-lhe da terra do Santo sobre a cabeça, derão-lha a beber em agoa, tornou-lhe a fala, como quando mais solta, e mais espevitada a tinha.

Celebrava-se n'aquelles tempos a tresladação do Padre S. Domingos na cidade de Lisboa com grandes festas, e concursos de povo. Passarão huns ourives pola porta d'outro, que estava entendendo em seu officio, rogarão-lhe que se fosse com elles á festa. Não quiz deixar o que fazia, e continuando, (era obra de fogo), saltou-lhe huma faisca dentro n'um olho: fez logo empola, que lhe tolhia fechal-o, seguirão dores incomportaveis. Insinado do desastre foi-se correndo á festa, e chegou a tempo que estavão a meia prégação, e o Prégador a caso hia contando alguns milagres do Santo Frei Gil. Como os ouvio, prometeo ir a pé dentro a Santarem visitar sua sepultura, se lhe salvava o olho. Não foi necessario mais pera o Santo acudir logo á humildade, e contrição. Chegando a casa sintio-se muito aliviado das dores, e sem pejo no olho. Espantado de tão notavel melhoria, em parte demasiado sensitiva, tomou hum espelho, e vio o olho limpo, e claro, e sem lezão. E conhecendo, que não podia succeder tal sem manifesto milagre em tão curto espaço de tempo, porque a natureza não obra nada em instante, cheio de prazer por se ver são, sem lembrança de comer nem beber, nem da hora que era, (era das onze pera o meio dia), nem do tempo já calmoso, tirou pela porta fora, e foi-se dar cumprimento a seu voto.

CAPITULO XXXIV

Como foi tresladado o Santo pera a sua Capella.

Seis annos havia, que o Santo gozava dos eternos bens do Ceo, continuando em todo Portugal prodigiosos casos em honra sua, á vista de qualquer reliquia, ou só invocação de seu nome, semelhantes em sustancia, aventajados em numero aos que temos contado. E todavia ninguem tratava de o melhorar de lugar na terra. Estava entre os seus, debaixo dos pés de todos, quem entre os estranhos andava sobre as cabeças de todos por reputação, e fama de santidade. E era maior o sentimento nos devotos, porque lhe tinha lavrado capella, e tumulo sua prima, e grande devota dona Joana Dias, senhora da Atouguia, e não bastava isto pera se determinarem os Frades. Em fim acudio o Santo por si. Em primeiro de Julho do anno de 1271 apareceo a Frei João de Santarem, porteiro do Convento, estando em oração, e disse-lhe, que advirtisse ao Prior, e mais Religiosos, que era tempo, e Deos o queria, que tirassem seu corpo do sitio humilde, em que jazia, pera onde ficasse nos olhos do povo, que o amava, e estimava. Fez o Porteiro sua embaixada, e foi-lhe crida, porque sua pessoa, e virtude a acreditavão. Mas offerecião-se inconvenientes fundados em humildade, e animos desinteressados, que á vista parecião bastantes pera impedirem a obra: e sobresteve por então. Passarão dias: fez o Santo segunda lembrança ao Prior, sem usar de meio d'outrem: disse-lhe claramente huma noite, que effeituasse o que polo terceiro lhe significara. Não se atreveo o Prior a escrupulear mais. Prégou no Domingo seguinte, avisou ao povo de tudo o que era passado, e desculpando com as visões, e mandatos do Santo a determinação de o trasladar, temeroso ainda de se poder julgar que pretendia ou vangloria pera o Santo, ou proveito temporal pera a casa. Mas enxergou logo que fora seu o engano. Porque o povo aceitou a nova com gosto, e alvoroço de toda a villa. Aprazou-se dia, acudio gente sem numero, começou-se huma Missa de grande solemnidade. Despois do Offertorio deceo do altar o Prior, que a cantava, ministros, e acolitos, e Cruz diante com toda a Communidade. E seguidos de infinito povo caminharão pera o cemiterio, onde o Santo jazia. Como forão nelle, começarão os Religiosos a entoar o Hymno *Te Deum laudamus*, e hum Frade velho poz nas mãos do Prior huma enxada, e elle tomando-a deu

hum golpe sobre a cova, em sinal, e principio de abertura: o mesmo fizerão o Diacono, e Subdiacono, hum trás outro. Logo chegarão officiaes que forão cavando até darem no caixão. Estava cerrado e pregado: e sendo tirado fóra, e aberto, foi sintido entre todos hum cheiro, que consolava, e recreava. Vio-se, e venerou-se com geral devação, e prazer o santo corpo, e com lagrimas de muitos foi notado, que despois de seis annos estava inteiro sem falta nem lesão de membros, e como na hora em que foi sepultado. Fervia a Igreja em devotas, e alegres acclamações que a competencia louvavão, e engrandecião o Santo. Ajudou-as elle pera gloria de Deos com dar vista naquelle publico ajuntamento a huma mollher cega, e saude perfeita a hum aleijado, e a outros enfermos. Trouxerão-no quatro Religiosos ao Coro com a mesma ordem, em que o forão buscar, e com ella, despois de acabada a Missa, foi levado á sua capella, e metido no moimento novo. He a capella no arco do Cruzeiro, que responde á porta travessa da Igreja. Ficou pequena, porque o sitio não dá lugar pera mais: e pobre, conforme a humildade do Santo, e estreiteza dos tempos antigos. O moimento he grande, toma o largo della da banda da Epistola, a face de fora lavrada de folhagens ao uso antigo, na lagea, que o cobre, entalhada de relevo ao longo, huma figura de Frade. Serve-lhe de letreiro, porque na pedra não parece nenhum, a pintura do retabolo, inda que pequeno, e pouco lustroso, que representa em cores, e sombras a conversão do Santo, e alguns successos mais de sua vida, e morte.

Mostrou logo o Senhor com grande numero, e diversidade de milagres, que aceitava em serviço a honra, que se fizera ao servo fiel. Alguns diremos sem pedir de novo perdão aos Leitores: visto como em historia pia serve o testemunho dos milagres pera consolação, e augmento de devação nos fieis: e pera convencer a dureza, e incredulidade dos infieis. Mas lançaremos primeiro as orações, que pera esta Missa se devião compor, que achamos de tempo immemorial escritas. São devotas, e dignas de se verem. Porque a primeira nos dá este Santo por valedor particular de grandes peccadores. O que, ainda que se pode colligir dos meios de sua conversão, possivel he que houvesse casos, que a nós não chegarão, que obrigassem ao Autor das Orações a dar-lhe este titulo: titulo de grande consolação pera os que vivemos, que todos somos pecadores, haver hum Santo avogado de almas enfermas, cuja saude merece buscar-se com mais cuidado, que toda a corporal.

Seguem as Orações.

Deus, qui beatum Ægidium confessorem tuum á peccati subiectione reuocasti, ei perpetrati sceleris veniam impetrandi specialem gratiam tribuens, da eius meritis tuam hic consequi misericordiam, vt nostrorum excessuum detestatione perpetrata scelera redimamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum Filium tuum, etc.

Secreta.

Beati Ægidij, quæsumus Domine, intercedentibus meritis gloriosis munera hæc placatus accipias: et grata tribue offerre dona, quibus tribuisti et offerre officia. Per Dominum nostrum Jesum Christum, etc.

Post Communionem.

Oblato, Domine, salutis nostræ exordio, eius concede nos adiuuari suffragijs, de cuius confisi meritis, hæc tibi sacramenta voce libamus, et mente. Per Dominum nostrum Jesum Christum Filium tuum etc.

Antes de entrar nos milagres, que de novo prometemos, convém estar advirtido o leitor, que os, que escreverão esta historia antes de nós, não fizerão distinção de tempos, nem nos que já ficão contados, nem em alguns dos que restão, e d'outros, que deixamos por escusar leitura. E não tenho duvida, que muitos dos que já vão nos capitulos atrás, podião succeder muito tempo despois da tresladação: mas como, por serem as cousas tão antigas, não foi possivel averiguar esta circunstancia, guardamos pera este lugar alguns, que com mais evidencia nos parecerão succedidos despois, que irão no Capitulo seguinte.

CAPITULO XXXV

Como por intercessão do Santo alcançarão huns pobres homens remedio pera vinho danado, e perdido: e outros o teverão em graves doenças, e varias necessidades.

Vierão os moradores de Santarem a fazer tamanha confiança do amor que achavão n'este Santo, que, depois de lhes curar todo genero de in-

firmidades de corpos, e almas, não duvidarão, que tambem lhes valeria nas de suas fazendas. Infirmidade he do vinho engrossar, ou azedar-se, como da fruita apodrecer, e do trigo criar em si o gorgulho. Hum João Solier tinha huma grande cuba de vinho, tão danado em tudo, que até o cheiro lhe não podia sofrer, e determinava abrir-lhe o torno, e lançal-o fora de casa. Mas, ou que soubesse do milagre, que a agulha do Santo fez no vinho dos Conegos regrantes, que atrás contamos: ou que a necessidade por si he engenhosa, e inventora, foi-se á sua capella, propoz-lhe o aperto, em que ficava sua familia, perdendo aquelle vinho, que era a melhor parte de sua fazenda. pedio-lhe o remedio com fé, como a quem cada dia obrava maravilhas aventajadas. Tornando a casa sem fazer detença, quiz ver o que montára sua oração: achou o vinho não só remediado, mas estremo de bom. Foi cousa publica na villa, assi o dano passado do vinho, como o concerto, e bondade presente, e grangeou ao Santo nova devação entre os moradores, vendo que até de sua sustentação tinha cuidado. E logo se virão outras experiencias semelhantes, com grande contentamento, e utilidade dos que as fazião.

Particularmente se conta de um André Pires, homem pobre, cujo remedio pera todo a anno consistia em uma boa copia que vinho, que tinha encubado, e estava de todo perdido, e tal, que não havia de esperar, senão desembaraçar a vasilha, pera a novidade seguinte. Só a mulher não desesperou, foi-se ao sepulcro do Santo, ajuntou hum pouco de pó de junto d'elle, atou-o em hum pano, lançou-o na cuba. Provarão o vinho no dia seguinte: foi tal a mudança, que os fez ricos aquelle anno. D'aqui teve principio mandarem os Padres abrir na grossura da pedra, que cobre o moimento, huma concavidade, que fica como pia por baixo do hombro direito do vulto esculpido: na qual os, que desejão seus vinhos remediados, ou conservados, mandão lançar suas amostras, como em offerta, e do que achão já offerecido, tomão pera lançarem nas pipas. Serve tambem este vinho, pera levarem consigo os enfermos, e devotos em lugar da terra, que nos tempos atrás tomavão da sua cova no cemiterio.

Aos milagres de vinho succedem com rezão os de agoa, que he mais necessaria na terra, e a muitos mais agradavel. He mosteiro famoso, e antigo de Freiras da Ordem de Cister, o que chamão de Cellas junto a Coimbra, e os antigos chamavão Cellas de Guimarães. Costumava o Santo visital-o de boa vontade, quando se achava na cidade, e fazer suas pra-

ticas espirituaes ás Religiosas, que ellas muito estimavão. Passados alguns annos despois de sua morte, succedendo vir hum anno de grande seca, veio a faltar agoa em hum poço do Mosteiro, que era todo o remedio d'elle, e pouco despois secou de todo. He o Mosteiro grande, e sempre povoado de muita gente: era intoleravel o trabalho que se padecia, e as faltas em que se vião com agoa de carreto. Hum dia que a necessidade apertou mais, fez a Abbadessa ajuntar a Communidade no mesmo lugar, d'onde costumavão ouvir as prégações do Santo. E pedindo a todas as religiosas que a ajudassem com suas orações, disse em voz alta, e não sem lagrimas: Padre Frei Gil, Santo de Deos amado, lembradas somos, e vós não deveis estar esquecido, que, quando vivieis, nos communicaveis com muita consolação nossa, aquellas fontes de agoa viva, que perpetuamente está brotando pera a vida eterna. Agora que as estais logrando immortalmente, poder tendes pera nos alcançar do Senhor d'ellas, esta mortal da terra, de que estamos tão necessidadas pera a vida presente, como vedes. Acudi-nos com ella padre santo, e piadoso. Responderão todas. Amen. E logo, assi como estavão juntas, se forão ao poço. E d'onde d'antes nem sinal de humidade aparecia no fundo (maravilhas da Divina bondade), achão-no cheio de agoa até o bocal. Espanto, e alegria forão as graças do milagre: e em testimunho d'elle mandarão huma servidora a Santarem, a offerecer no altar do Santo, huma medida da altura do poço cuberta de cera. E he cousa sem duvida, que nunca despois n'elle faltou agoa, com se dar largamente a toda a vizinhança.

Em differente materia esprimentarão pouco depois estas Religiosas o mesmo favor, e lembrança do Santo. Tinha o Convento dous escravos Mouros, que erão todo o serviço de fóra. Desapparecerão hum dia: forão buscados: como não houve nova d'elles, acudio a Communidade ao Santo: fizerão-lhe oração confiadamente; e, quando menos cuidavão, entrarão os Mouros por casa, de sua livre vontade, sem força, nem constrangimento de ninguem. Em memoria mandarão as Religiosas pendurar, diante do altar do Santo, quatro pés de cera.

A estes milagres ajunta mais tres o Mestre Frei André de Resende, que esta historia do Santo nos deixou escrita em mui escolhida lingoa Latina, e d'elles se dá por testimunha de vista. Não será rezão ficarem por dizer. Foi o primeiro em hum pobre homem Andaluz, que havia doze dias jazia no alpendre do Convento, tolhido de um lado, de alto

a baixo, e a boca torcida, e posta, como dizem, na orelha, de hum forte accidente de paralysia. Sairão a caso á portaria o Mestre Frei André, e Frei Roque Leme com outros Padres, acompanhando o Supprior Frei Thomás de Matos, a ver huns officiaes, que lavravão pedraria no alpendre pera certa obra de casa. Apiadados do pobre, assi como estavão juntos, persuadirão-no, que se fosse ao altar do Santo, e se encommendasse a elle. Foi-se arrastando com muito trabalho, até á capella, e os Religiosos seguirão com huma Antifona, e oração: não era bem acabadas quando começou a gritar, que acudissem, que se abrazava em fogo: e logo foi estendendo a perna, e braços tolhidos, e a boca lhe tornou a seu lugar. Cobrando mais confiança, começou a passear soltamente, e despois correr, e saltar com o prazer de se ver são.

No Domingo seguinte ordenarão os Religiosos, que assistisse este homem á prégação em hum lugar alto, pera ser visto do povo, quando o Prégador referisse o milagre, que já estava tomado por fé, e autos de Escrivão publico. No mesmo tempo quiz o Senhor acreditar o milagre, e a voz do Prégador, que o contava, com outros dous juntos, cada qual por si fermoso, e prodigiosos. Póde ser que houvesse homens presentes de tão poucas fé nas grandezas do Ceo, que tevessem necessidade de cura. Era ouvinte do Sermão huma mulher que trazia de hum cancro comido hum peito, e n'elle chaga feia, podre, e asquerosa: com o que ouvio do Andaluz, mysteriosamente curado por intercessão do Santo, cobrou animo, e alento pera confiar, confiança pera esperar, esperança pera pedir, e alcançar. Chegou-se ao sepulcro, molhou hum pano no vinho da pia, que dissemos, e estendeo-o sobre a chaga. Foi cousa vista por hum povo inteiro, que sendo publica, e sabida a infirmidade, sem se mudar do lugar, se lhe cubrio de carne nova, e limpa o peito apostemado, e roido, e ficou sem nenhuma differença do outro, salvo em huma vermelhidão notavel, como sinal, ou do milagre, ou de cousa que a natureza obediente ao Criador gerára de fresco.

Outra mulher trazia nos braços um minino muito maltratado de hum genero de sarna, ou fogagem, ordinario n'aquellas idades. Chama-lhe a medicina uzagre: Não he mal perigoso pera a vida, mas importuno, e cheio de dores pera as crianças, cansativo, e nojoso pera as mãis. Tomou do vinho do Santo em hum pano, envolveo-lhe n'elle hum bracinho, onde o mal estava junto, e lh'o tinha todo lavrado, e crespo lastimosamente de uma escara aspera, e grossa. Passado um espaço, julgando que es-

taria o pano secco da quentura continua do mal, quiz humedecel-o de novo. Quando foi pera tirar, vio que toda a secura, e bostella, que cobria a fogagem, sahia pegada no pano, sem o minino fazer queixa nem sintimento: e espantada do que via, notou com novo espanto, que todo o bracinho estava liso, e limpo, e sem mal nenhum. Mostrou-o aos Religiosos, que consideravão pera maior gloria de Deos, que procedera do vinho do Santo, huma cura contra a natureza, porque tendo o vinho calidades de fogo, fizera officio de um refrigerante medicinal, como pera tal infirmidade convinha. Aponta o escritor que corria o anno de 1520, e era no mez de Outubro, e que a obra, que se fazia no Convento, era em serviço do Santo, e por mandado del Rei dom Manoel, agradecido da bem assombrada hora, que tevera a Rainha dona Lianor em seu parto, de que andava temerosa, sendo-lhe levada a cinta de ferro do Santo. Naceo então a infante D. Maria, cuja memoria vive com gloria na capella, e hospital, que por sua morte, mandou edificar no Mosteiro de Nossa Senhora da Luz, de Frades da Ordem de Christo: obra magnifica, e verdadeiramente real. E com esta lembrança acaba a historia, e nós lhe daremos remate, acrecentando, que a Princeza dona Joana com o exemplo de sua tia, se valeo do mesmo remedio, pera alegrar o Reino com o nacimento del Rei dom Sebastião, (incomparavel alegria, se a não eclipsarão nossos peccados aos vinte e cinco annos com desastrado fim seu, e de tudo bom, que havia no Reino). A Princeza tornou o ferro acompanhado de ouro, e prata de esmolla. A Rainha reformou-lhe a capella, e retabolo. Mas ninguem tratou atégora da maior honra, e tão bem merecida do Santo, que he sua canonização. Do que nos podemos queixar com justo sintimento.

CAPITULO XXXVI

Da santa vida, e glorioso transito do Padre Frei Bernardo de Morlans: e de dous mininos Santos, seus discipulos.

Atrás promettemos relação copiosa da vida, e morte de Frei Bernardo de Morlans, quando tocámos como o Santo Frei Gil, o tirou de França. He tempo de nos desinvidarmos. Vindo o Santo de hum Capitulo Geral de Paris pera Espanha, da primeira vez que foi Provincial, e fazendo seu caminho por terras de Gascunha, em hum lugar, que cha-

mão Morlans, lhe veio tomar a benção hum mancebo de pouca idade: o qual lhe deu conta de sua vida, e alma por taes termos, que entendeo o Santo, tinha Deos n'elle depositado grandes tesouros de sua graça. Alcançou polo que falarão que era muito nobre, e aparentado. E sendo prevenido com bençãos do Espirito Santo, que o guiava, a deixar as vaidades do mundo: todavia forças de parentes o tinhão obrigado a esposar-se por palavras de futuro, com uma donzella sua igual. N'esta conjuncção chegou a Morlans o Santo Provincial: e o mancebo vendo em sua terra o habito de S. Domingos, a que se confessava devoto, e tal pessoa com elle, houve que lh'o trazia Deos a casa, pera por seu meio se livrar dos laços da vida secular, da obrigação da esposa, e da casa, e da fazenda, que tudo por amor de Deos, desejava largar. E affirmando, que o não tinha feito, até então por falta de occasião, e guia, pedio-lhe com instancia que houvesse piadade de huma alma, que se punha em suas mãos, e por ellas esperava achar salvação. Quem duvida que seria isto musica celestial, pera um espirito sempre abrazado em amores Divinos? Recebeo o Santo com abraços da alma. Animou-o com suas palavras, que espiravão fogo, e com exemplos dos Santos antigos, que na flor da idade, derão demão aos gostos, aos estados, e ás esperanças: hum Antão, a quem sobejava tudo, fugido pera hum deserto falto de tudo: hum Aleixo, senhor do melhor de Roma, deixando Consulados, e esposa nobilissima, por hum pedaço de pão negro, buscado de porta em porta com affronta, e muitas vezes negado com aspereza. Era isto assoprar fogo que por si ardia. E como em conselhos de buscar a Deos toda diligencia he vagarosa, assentarão que se posesse logo a caminho pera Çaragoça, e ahi esperasse polo Provincial, que, como caminhava a pé, de força havia de tardar em chegar. Tal foi o principio da vida do Santo Frei Bernardo, principio de assentarem n'elle todos os favores, e mimos do Ceo, que o Senhor promette, a quem polo servir sabe aborrecer os nadas da terra. Chegou o Santo a Çaragoça com desejos de ver o seu valeroso fugitivo: e achou-o não menos alvoroçado pera se entregar ao deserto, e pobreza da religião. Lançou-lhe ali logo o habito por filho do seu amado Convento de Santarem, e foi n'esta jornada seu Mestre de noviços. D'aqui podemos inferir qual sairia de tal escola, e entrando em tal Convento, onde, como temos dito, tudo erão Santos. Tal se fez, que diz d'elle Frei André de Resende as palavras seguintes:

Hic Bernardus, de quo modo mentionem feci, longe recentior altero (faz comparação com S. Bernardo Abbade de Claraval) *fuit, sed columbina simplicitate, morum innocentia, et virginali puritate non adeo dissimilis.*

Querem dizer

Este Bernardo, de quem agora fiz menção, foi muito mais moderno que o outro (Abbade Santo de Claraval), mas nada differente na singeleza de pomba, na santidade de costumes, e na pureza virginal.

Morava Frei Bernardo em Santarem, e fazia o officio de Sacristão com cuidado, e limpeza de Santo: e, como era tal a opinião, que tinha na villa, trazião-lhe os homens nobres seus filhos mininos pera os doutrinar, e ir insinando a ler, e escrever nas horas, que tinha de sua occupação. Fazia-o elle com caridade, como quem criava prantas pera o Ceo. Entre os que mais continuavão sua escola, havia dous que andavão vestidos no nosso habito, e ou por serem parentes, ou vizinhos vinhão, e aprendião juntos. Como acudião pola manham, mandava-os Frei Bernardo recolher em huma capela, em quanto dava ordem na Sacristia. Ali hião lendo por suas cartas, e escrevendo suas materias, até que elle vinha, e dando-lhes lição, sendo sempre primeira a da doutrina Christam, os despedia. Pera passarem as manhãs, e soffrerem as esperas do Mestre, como he tão ordinario levar-se a idade tenra de cousas de comer, não subindo aquelles annos a outros cuidados, mandavão-nos as mãis providos de seus almorços atados em seus lenços, ou recolhidos em cestinhos. Como tinhão trabalhado hum pouco, punhão de parte cartas, e papeis, estendião os lenços, fazião meza dos degraos do altar, e despejavão o que havia. Isto era costume de cada dia, e a capella, em que assistião mais de ordinario, era a dos Reis contigua ao Coro, e capella mór da parte do Evangelho. A qual, porque fique desde logo dito, e sabido, possuio este nome dos Reis até o anno, em que veio canonizado S. Jacinto de Polonia nosso Frade: e então se deu ao Santo o titulo d'ella: e o jazigo, e enterro pedio Ayres de Saldanha, que foi Visorei da India, e irmão de Frei Diogo de Saldanha, Frade nosso, pera si, e seus successores, como gente que tem a devação da Ordem por herança de Avós, e do apellido. Havia no altar huma imagem de nossa Senhora de vulto antiga, e grande com seu Minino Jesus no collo. Aconteceo hum dia, que

estando os dous companheirinhos com meza posta festejando o almorço, levantou hum d'elles os olhos á imagem, e detendo-os no Minino Jesus, disse-lhe com a innocencia da idade, que lhe fazia crer o tinha presente, se queria almorçar, decesse, e comerião todos. Como o Senhor se paga tanto de animos singellos, e puros, honrou logo aquella santa simplicidade: vião-no decer, assentar-se com elles, lançar mão do que havia, e mostrar que comia; e fazendo o mesmo outras vezes; acabado o almorço tornar-se a seu lugar. De crer he, que nem sempre desfaria logo a companhia, antes se deteria com elles, vendo-lhes as cartas, e materias, e não seria o trato mudo: nem tambem os meninos terião em segredo a suas mãis o que passava, ou pera fazerem crecer a ração, pois tinhão convidado: ou porque he tambem parte da innnocencia dizer tudo. Passados alguns dias, despois que a conversação continuava, vierão a dar conta ao Mestre: e como em queixa dizião, que o Minino Jesus comia mui bem do que elles trazião, mas que nunca punha nada. Ouvia-os Frei Bernardo primeiro com duvida: despois de certificado, com admiração. E como a Santo derretia-se-lhe o coração em amores da Divina bondade. Offerecia-lhe eternos louvores por tanta misericordia, e convidava a elles, toda a Corte celestial. Foi cuidando logo como grangearia algum grande bem aos innocentinhos, em que pudesse ter tambem sua parte. Disse-lhes que estivessem advirtidos pera a primeira vez, que o Minino tornasse a ser seu hospede, dizerem-lhe, que pois folgava de comer dos seus almorços, tambem seria rezão dar-lhes algum dia em casa de seu Pai huma merenda, e que pera ella levarião comsigo a seu Mestre. Ficarão cheios de prazer com o conselho, e esperanças de negocearem com seu hospede a paga do que a seu parecer lhes tinha comido, ignorando de todo a traça santa de seu Mestre. Era huma segunda feira da semana da gloriosa Ascensão. Acudirão á sua lição, e capella, e devião vir melhor providos os cestinhos, visto como determinavão pedir. Não faltou o hospede, nem elles forão esquecidos de lhe propor seu requerimento. Respondeo-lhes, que era contente de os convidar a ambos pera casa de seu Pai, e que seria d'alli a tres dias. Tornarão com o aviso ao Mestre, que não desconfiando das misericordias do Senhor, e julgando que a falta da reposta era pera prova de sua constancia, usou da jurdição, e direito de seu officio. Mandou-lhes, que lhe dissessem no dia seguinte, que como trazião o habito de S. Domingos, estavão obrigados a guardar as leis dos Frades. E porque huma das principaes era obediencia ao Mestre, elle

não era contente, que fossem sós a sua casa, nem consintiria na hida, se não indo tambem de companhia. Deixou-se vencer a Divina bondade d'esta segunda instancia, e do artificio do Mestre, aceitou-o por convidado. E elle recebeo a nova com estremos de alvoroço, estando bem na conta de qual havia de ser o banquete. E como varão espiritual começou a entender no aparelho, que pera elle convinha, pera não ser achado em tal dia sem roupa de bodas. Aparelho perpetuo he pera a meza da gloria, a vida da Religião; mas a hora de chegar, he hora de confusão, e de temor, e tremor até pera os mais perfeitos. Convem grande cuidado, e grande vigia: e tal foi a de Frei Bernardo, sobre huma vida de Santo. Chegado o dia da Ascensão, que era o prazo da merenda, dizem, que foi elle o ultimo de casa a dizer Missa; e já quando os Padres hião pera o refeitorio, (devia ser esperar a hora, em que o Senhor subio ao Ceo.) Disse-a no altar do Divino hospede, forão ministros os Fradinhos discipulos, e he tradição que de sua mão os commungou n'ella. Acabada a Missa poz-se com elles de joelhos diante do altar, com mãos levantadas, e olhos no Ceo, esperando a hora de serem chamados. E n'esta postura lhes foi cumprida a Divina promessa. E n'ella forão achados da Communidade, que vindo ás graças, e saindo despois pola Igreja acudio toda a ver o espectaculo devoto, e maravilhoso. Porque á vista, e no sembrante estavão vivos, mas feitas as experiencias necessarias, se vio que erão passados a melhor vida. Publicou-se o caso, acudio toda a villa, vierão pais, e parentes dos mininos. Então se souberão por relação sua as particularidades todas, que temos contado, porque a pouca cautella da idade descobria suas boas venturas com facilidade, e essa mesma as fazia julgar então por ridiculas de quem lh'as ouvia. Foi celebrado o caso com espanto, e lagrimas no povo: com devação, e enveja no convento, como entre Santos. E rezão fora, que entre todos se solennizara com marmores, e pergaminhos: marmores pera se dar illustre, e digna sepultura a gente tão mimosa do Ceo: pergaminhos pera ficar por escrito, e muito sabida na terra huma memoria de tanta honra pera nossa Ordem. Mas quem o acreditará? Nenhuma d'estas cousas se fez. Andava a casa acostumada a grandes maravilhas: havia-se por caso de menos valer, fazer muita conta d'estas. Huma só honra lhes derão, que foi sepultal-os juntos na mesma capella, e á vista do mesmo Senhor, que com tanta misericordia foi servido banqueteal-os. Polo tempo em diante, ou fosse occasião algum milagre, ou entrar no Convento gente mais curiosa, estra-

nhou-se não estarem mais honrados os corpos, que havião sido depositarios de almas tão ditosas. Fez-se a tresladação, recolherão-nos em hum archete de pedra, que embeberam na grossura da parede do Cruzeiro, defronte da mesma Capella, polos não apartarem dos olhos de seu amado hospede. Sebre o archete se pintou a fresco, de mão pouco polida, huma imagem da Senhora, e abaixo d'ella a do minino Jesu entre dous fradinhos do habito Dominico, cada hum com seu cabazinho na mão. Mas nem inda estes Padres, que por esta obra, e por mais chegados a nossos tempos chamamos curiosos, tiverão cuidado de nos deixar escrito o primeiro successo, nem como, e quando se fez a tresladação, nem que rezão, ou occasião houve pera se fazer. Só a pintura lhe devemos, e não he pequena divida em tantos descuidos. Porque ella sem haver cousa escrita foi ajudando a tradição, quanto ao caso principal, que tambem estivera apagada com os annos, e nos guiou pera se descobrirem as santas Reliquias, e em fim ficar tudo com huma nova, e grande luz, e perpetuado pera em quanto o mundo durar. Que isto he hum cabello da cabeça dos justos, que Deos se tem obrigado por sua verdade que não ha de perecer: memoria mundana, que em comparação da Eterna, que tambem promete, ainda he menos que hum cabello. A traça, e meio diremos no capitulo seguinte.

CAPITULO XXXVII

Como forão achados os corpos dos Santos Frei Bernardo, e seus discipulos, e collocados em altar particular.

A porta das graças do Convento tinha antigamente a serventia sobre os presbiterios da Igreja. Dezejavão os Padres mudal-a, e abrir outra, assi por tirarem aquella indecencia, como por ganharem mais huma Capella nos presbiterios: mas deixavão de o fazer, porque não havia outro lugar, se não onde ficava a pintura, que dissemos, cujo indicio junto á tradição, sem haver outra certeza, atava mãos aos Prelados, pera não bolirem na parede. Atreveo-se a romper polo inconveniente o Prior Frei Miguel do Rosario, e merece ficar em memoria seu nome: porque do bom juizo, com que o fez, resultou ficarem o Convento com commodidade, e os Santos com honra. Tendo junto o necessario pera dar principio á obra, pedio ao Vigario Geral, que polo Arcebispo assiste na villa, quizesse

achar-se presente: porque, se Deos fosse servido achar-se o que se sospeitava n'aquelle lugar, houvesse solenidade, e lembrança tal, que se não queixassem os vindouros. Foi assinado o dia aos 14 de Janeiro do anno de 1577. Acudio elle acompanhado de dous Notarios Apostolicos, e forão chamadas algumas pessoas nobres, e outra gente devota da Ordem. A primeira cousa, que se fez, foi considerarem a calidade, e estado da pintura, que estava sobre o sitio, onde se havia de começar a romper, a qual notarão, e assentarão todos ser mui antiga, colligindo-o das feições de rostos, e vestidos, em tudo desacostumados, e differentes do tempo presente, e de estarem as cores botadas, e o perfil da pintura em partes cego, e em partes apagado, (indicio certo de longo discurso de annos.) Logo forão officiaes começando a picar a parede polo mesmo lugar da pintura: e a poucos golpes derão em huma pedra grande, lavrada, que sendo seguida, e descarnada, e descuberta, pareceo ser caixão ou archete cerrado. Decido do alto com alegria, e reverencia, e aberto diante de todos, parecerão dentro dous envoltorios em toalhas de linho. As toalhas sans, e tão novas, e alvas, que parecião postas alli d'aquella hora, (cousa que muito admirou), tinhão ao longo das bainhas humas listas vermelhas, e polo meio, onde se houverão de juntar com costura huma cadenilha, ou renda de seda, ao parecer feita de agulha. Ao abrir do primeiro envoltorio, recendeo pola Igreja, e foi sintido de todos os que erão presentes hum suavissimo cheiro, que lançavão de si os ossos, que n'elle estavão. Erão grandes, seccos, e alvos, que não se podia duvidar serem de homem, e sua caveira grande, que respondia em proporção com elles. Na outra toalha havia mais ossos em numero, mas todos miudos, e delgados, e huma caveira inteira, e pequena, que logo parecia ser de minino: e huns pedaços de casco d'outra, que tambem mostravão ser pequena. A inteira estava cuberta de hum veo negro. Alguns dos ossinhos tinhão ainda carne pegada. Achou-se com elles hum pedaço de pano de lã, que devia ser dos habitos dos mininos: e juntas com o pano humas guedelhas de cabellos louros, e curtos como de cercilho dos Fradinhos. Celebrarão os Religiosos este achado com a devação, e contentamento, que era rezão, dando muitas graças a nosso Senhor, pola manifestação, e confirmação tão infallivel de hum successo, que pendia só de huma tradição quasi morta, e do testimunho da pintura meio apagada, sendo tanto da honra de Deos, e da Christandade, e da Ordem de S. Domingos. Fizerão-se logo autos em fórma de direito, com summario de testimunhas tiradas

ante o Vigario geral, com declaração de todas as particularidades, e circunstancias, que temos dito, de que se pedirão, e derão treslados pera o cartorio do Convento, onde estão guardados.

He particular circumstancia, e honra da verdade ser sempre uniforme, e huma mesma sem variedade, nem alteração. Póde estar escondida, enterrada, ou esquecida: mas differente de si, ou encontrada consigo nunca o póde ser: porque polo mesmo caso não fora verdade. Bem o temos visto na correspondencia, que achamos d'este successo com a tradição antiga: e na conformidade da tradição com a pintura, e da tradição, e pintura com a ultima prova, e vista das reliquias: e da santidade, que contamos de Frei Bernardo, reconhecida com a fragrancia desusada do cheiro de seus ossos, usada, e vista só nos de grandes Santos. Mas isto mesmo me obriga a sentir mais, que sendo o principal gosto da historia saber o tempo certo das cousas: despois de nos constar com clareza este glorioso successo, de força havemos de ficar com duvida dos annos, em que aconteceo, porque, onde falta escritura, nenhum discurso nem conjectura, nos pode bastantemente certificar. Muitos affirmão que foi no anno de 1250, e sem falta se enganão: porque vivendo, como vivia inda então S. Frei Gil, e avisando como sabemos ao Mestre Geral da Ordem de particulares casos de vida, e morte de Religiosos d'este Reino, era impossivel deixar esquecido hum tão peregrino como este. Ajunta-se, que ao tempo do falecimento de S. Frei Gil, que foi quinze annos despois no de 1265, era vivo o Santo Frei Bernardo. O que achamos nos escritores de sua vida, e o refere o Mestre Resende na visão, que teve Elvira Paes, da gloria do mesmo Santo despois de sua morte, dizendo que esta mulher a contou ao Santo varão, Frei Bernardo, e a outros que nomea (*); e assi he forçado passarmos o successo muito adiante. E porque humas das principais obrigações do historiador, he computar, e averiguar com precisão os tempos do que escreve, he de saber, que no summario de testemunhas, que como, fica dito, tirou o Vigario Geral, concordarão todos os mais velhos, que forão presentes, que o caso passara, havia tresentos annos, (e assi ficou escrito), os quais tirados de 1577, que corrião, quando se fez o summario, ficão ao justo 1277, e este he o tempo verdadeiro, a pouco mais ou menos, em que aconteceo.

Não ignoramos, que alguns Autores quizerão lançar este aconteci-

(*) M. Frei André de Resende l. 2. trac. 8. exemp. 35.

mento nos annos muito adiante de 1348 até 1350, allegando que houvera em tal conjunção, huma peste geral no Reino, tão violenta, que deixara despovoados muitos Conventos, levando de déz partes dos Religiosos as nove: e que a falta de Frades obrigava aos que ficarão a ir criando mininos, pera lhes darem a seu tempo o habito, quaes erão estes nossos. Mas enganarão-se por outro semelhante milagre, com que Deos quiz honrar outro Convento nosso em tal conjunção, que foi o de S. Miguel de Vitoria da ilha de Malhorca: o qual milagre teve algumas differenças do nosso, como se póde ver nos escritores da provincia de Aragão (*): primeira ser um só minino convidado, segunda, e terceira succeder em Domingo, e mais de setenta annos adiante.

Mas tornando á historia, tiradas as santas reliquias, forão levadas com solemnidade á capella mór, e postas nos degráos do altar, em quanto se tratava do lugar, onde havião de ficar. Estava doente, e mui trabalhado havia justos oitenta dias, de humas rigurosas terçãs dobres, hum Religioso antigo do Convento, por nome Frei André de S. Paulo: foi avisado do que passava, e aconselhado, que se aproveitasse da occasião. Ainda que o mal o tinha reduzido á estrema fraqueza, cobrou coração. Levantou-se, e fez-se levar primeiro á Sacristia, onde se confessou, e commungou, e despois ao altar mór. Vio as santas reliquias, venerou-as, e beijou-as, pedio-lhes sua valia, e intercessão pera se ver alguma hora livre de tanto frio, e tanto fogo, como padecia cada dia tão importunamente, que já lhe parecia, que nunca havia de ser são. He cousa certa que desde esta hora não teve mais sezão, nem mal nenhum: e como em saude de milagre, foi tão apressada a convalescença, que aos oito dias foi comer em Communidade o peixe ordinario do refeitorio.

Fez o Prior relação de todas estas cousas ao Arcebispo de Lisboa dom Jorge de Almeida: e com sua licença deputou altar particular no corpo da Igreja pera decente collocação das reliquias, no qual por então se poserão bem fechadas, ficando em meio do altar a mesma imagem milagrosa do Menino Jesus, de cuja invocação se instituio logo huma Confraria com estatuto de se dizer uma Missa da Ascensão todas as quintas feiras do anno, e celebrar-se-lhe festa no mesmo dia da Ascensão, visto como n'elle foi servido obrar a maravilha com seus servos.

Alguns annos despois assentarão os Padres do Convento com melhor conselho, pera que tudo tambem nos lugares ficasse conformando com

(*) M. Frei Francisco Diago l. c. 13. hist. da provincia. de Aragão.

a antiguidade, que a S. Jacinto se desse outra capella: e, a que occupava dos Reis, se restituisse á imagem milagrosa, e ás reliquias dos seus convidados. E assi se fez. E a imagem antiga da Senhora, que o tinha nos braços, pera se conservar com mais decencia, se passou á Capella do Rosario, e he a mesma, que ali tem a invocação d'ella. Huma, e outra cousa se ordenou com muita consideração, porque, alem da grande veneração, que a ambas estas imagens se deve polo passado, e por milagres que hoje fazem, está recebido, e assentado n'esta villa entre pessoas religiosas, e seculares de bom juizo, que a do minino tem crecido notavelmente, e está muito maior do que era em tempos atrás: e os que continuavão no Convento, e na vista d'elle affirmão, que ainda hoje vai crecendo conhecidamente. Do que he argumento que sendo recolhido em tempos atrás, em huma caixa, que se lhe fez pera resguardo, forrada de setim carmesi, na qual segundo a tradição comum cabia folgadamente cuberta a cabeça com seu chapeosinho alto, feito do mesmo setim, testimunhão muitos Padres de grande authoridade, e credito, e seculares dignos de fé, que virão com seus olhos dezeseis annos atrás, ser-lhe a caixa tão curta, que com difficuldade entrava n'ella desbarretado. O que sendo publico, e chegando á noticia das Religiosas Framengas da Ordem de S. Francisco, que tem seu Mosteiro em Alcantara, arrabalde de Lisboa, cheias de espirito, e devação inviarão ao Prior uma caixa maior, e melhor lavrada, e dourada, pedindo-lhe a troco d'ella a que o minino a parecer de todos já engeitava por curta. Foi o Prior facil de vencer do partido, e aceitou-o com liberalidade pouco considerada. Porém a mesma imagem santa o vai desculpando, porque n'estes dezeseis annos tem crecido tanto ao sabido, que sendo assi, que quando aceitou o novo recolhimento, estava n'elle com grande largueza coroado de uma coroa de prata cerrada, que remata em huma Cruz no alto: os mesmos, que o virão então, pasmão hoje: porque o enche tanto ao justo, e tão apertadamente, que he necessario geito, e artificio pera o tornarem a recolher, quando os Padres acertão de o tirar por alguma occasião. D'onde se infere ao certo que tambem aqui vai crecendo. Mas o maior crecimento se vio, e notou a olhos de toda a villa de Santarem, quando saindo do Convento huma devota procissão, haverá oito annos em occasião de gravissimo sintimento, pareceo ao Prelado que seria importante, pera fazer devação, e pedir misericordia, ir n'ella a imagem antiga da senhora, e em seus braços a do menino milagroso. Fez-se assi, e enxergou-se

huma excessiva desproporção do corpo do filho ao da mãi, porque claramente a encobria, e assombrava de maneira, que a não deixava ver. Assi achamos Religiosos nas diligencias, que de proximo fizemos no caso, que não duvidão jurar, que vai crecendo.

Mas isto são cousas muito vizinhas ao tempo presente. Tornando ás mais affastadas, quando soou pelo Reino a manifestação d'estes Santos foi grande a devação, e affecto de piadade, com que geralmente foi ouvida. Assi se pedirão logo reliquias de muitas partes. E pedindo-as tambem a senhora dona Caterina filha do Infante dom Duarte, e mãi do Duque de Bragança dom Theodosio, lhe foi dada a cabeça que entre as dos mininos se achou inteira: a qual se guarda com outro grande numero de preciosas reliquias na sumptuosa capella que os Duques tem nos seus paços de Villa Viçosa.

CAPITULO XXXVIII

Do Santo Frei Bernardo Segundo, sua conversão, vida, e milagres, e sepultura.

A hum Bernardo bem pode seguir outro Bernardo, quando não foi inferior na virtude, nem no sangue: nem differente em Convento: se bem houve grande differença nos lugares onde ambos nacerão, e nos annos em que florecerão. Temos tradição muito antiga, (escritura não ha nenhuma, nem ha já pera que perder tempo em culpar descuidos, nem defender singelezas de nossos maiores) que polos annos de 1340, poucos mais ou menos, tomou o habito n'este Convento hum moço muito illustre, e natural da mesma Villa. E foi o meio, por onde o Espirito Santo o trouxe a buscar o Ceo, hum caso accidental, que passou d'esta maneira. Sahio hum dia a cavallo com outros seus iguais ao Chão da Feira, (assi chamão á grande praça que se estende entre a porta de Leiria, e os Mosteiros de S. Francisco, e S. Domingos.) Era a tenção festejar a tarde em virtuoso exercicio, mostrando cada hum sua destreza, e as boas manhas dos ginetes. Começando a passar a carreirá, poz-se no posto Bernardo (assi havia nome o moço) trazia hum poderoso cavallo: e ou fosse que o não tevesse bem conhecido: ou que o permitisse assi Deos pera o fim que ordenava, foi tão descompassado o impeto, com que o animal furioso se arremessou á carreira, que o descompoz, e ar-

rancou da cella, e com os estribos perdidos hia a olhos vistos ao chão. N'este passo se lembrou de S. Domingos, (corria com o rosto no Convento) foi-se a elle com o pensamento, como hia com a vista, pedio-lhe socorro: e logo sem saber como, nem porque via, segundo despois contava, se vio tão senhor da cella, e do cavallo, que sem nenhum desar, o com espanto dos companheiros chegou ao cabo da carreira, e foi parando concertado, e gentilhomem. Mas lembrado do perigo em que vira sua vida, e opinião, que huma, e outra cousa sintia igualmente, logo determinou tomar estado, em que pera sempre ficasse izento de semelhantes afrontas: e conhecendo bem o que devia a quem o livrara da presente, amanheceo o dia seguinte no Convento, e pedio o habito. Não poz o Prior dilação em lho vestir, porque erão publicas as calidades do sojeito: nem o generoso moço em mostrar, que fora a mudança da mão do Altissimo: se bem tevera principio em humilde accidente da terra. Entregou-se a todos os exercicios da Religião, como se pera outra cousa não nacera: estimava a pobreza, como se nunca fora senhor de fazenda: assi obedecia, como se toda a vida fora subdito, e nunca soubera que cousa fosse mandar: riguroso no jejum, devoto na oração, no silencio constante. O recolhimento da cella, e a lição dos livros santos, era o seu maior gosto: mas pera os exercicios humildes ninguem sahia d'ella com mais vontade. Das portas do Convento pera fora não queria saber nada: parentes, e amigos do mundo poz de todo em esquecimento: e até o nome da familia, e do sangue engeitou, ficando-se só com o de Frei Bernardo, nem lhe sabemos outro. Assi foi sobindo a hum alto genero de santidade, que elle encubria com outro igual de abatimento, e desprezo de si. Mas este foi o maior descubridor d'ella. Porque o enemigo comum que particularmente aborrece humildade, não arrependido do peccado antigo, vendo que se fundava na de Frei Bernardo valerosa coluna da Religião, começou a fazer-lhe guerra a todo seu poder. Porém pola misericordia Divina ficava sempre vencido, e o bom soldado de Christo cobrava com o exercicio novas forças pera pelejar, e vencer. Veio a ser occupado no cargo da Sacristia. Aqui achou o enemigo hum novo ardil pera o inquietar. Erão os Frades poucos, ou era elle só pera muito, servia a Sacristia sem companheiro, e fazia-o com particular diligencia. Era esmerada a limpeza, e concerto com que tudo andava em sua mão. Mas queixavão-se os Frades, que as mais das noites achavão as alampadas do Dormitorio, e da Igreja apagadas. Disserão-lho, procurou o remedio pro-

vendo-as sempre, e deixando-as em estado que por boa conta sustentassem a luz horas dobradas, cerrando frestas, e janellas. Mas não bastava nada. Porque no tempo mais quieto se achavão mortas sem combate de vento, nem tormenta: e os Frades fazião queixa publica de sua negligencia. Assi andava enemistado com elles, e desacreditado com o Prelado sem culpa nenhuma. Foi tirado a Capitulo, reprendido, penitenciado. Não sabia que fizesse; chorava, e sintia o escandalo da Communidade, mais que seu descredito; e o desgosto do Prelado, mais que as penitencias que lhe dava, porque outras fazia mais rigurosas, e continuas. He constante tradição que nove annos lhe durou este trabalho, e afronta, trazendo-o affligido, e tresnoutado de se levantar a cada passo a vigiar, e acender de novo, com hum sofrimento incansavel, aceitando já o trabalho por exercicio de virtude, e offerecendo a Deos a injustiça das culpas que lhe davão. Mas o discurso do tempo, e a paciencia de Frei Bernardo foi mostrando que não era cousa natural: e já todos entendião que tal importunação, e contumacia não podia proceder se não do Inferno, e acabou-se de ver no caso que agora diremos.

Acabou huma noite de concertar, e acender a alampada do altar mór- e em virando as costas achou-a apagada. Era o tempo claro, e sereno, não se sintia bafo de vento: sem fazer juizo temerario entendeo que fora feito á sinte, e a alampada apagada á mão. Era falta no culto Divino, indigna de se dissimular, arrebentou o sofrimento. Prostra-se por terra diante do Santissimo Sacramento pedindo efficazmente, e com desconsolação ao Senhor lhe quizesse manifestar algum dia quem tanta lhe causava. Acabada a oração foi-se buscar luz, e começava a entender com a alampada, se não quando se lhe poem diante, e junto d'ella hum feio animal, bode na barba, e armação. Julgando logo quem podia ser o dono de tal mascara, mandou-lhe da parte de Deos que d'ali se não bolisse, nem mudasse a figura: e foi-se correndo á Sacristia, trouxe huma grossa disciplina, levou o cabrão polas barbas, desafogou a paixão, ou quebrou as mãos em o disciplinar. E despois de cançado levou-o arrastando, e atroando o Convento com berros infernais até a casa commum, e lançou-o por ella abaixo. Então cessou a queixa das alampadas: e cairão os Frades no que tinhão dado a merecer de tanto tempo atrás ao pobre Sacristão com seus mal fundados juizos.

Crece a virtude, e o valor nos trabalhos. Crecião graças, e favores do Ceo em Frei Bernardo, quando mais acossado andava do Inferno: e vião-

se prodigios da sua oração, e de suas mãos, espantosos. He cousa sem duvida, que a muitos enfermos desesperados de remedio humano, livrou das portas da morte, sarou aleijados, deu olhos a cegos, resuscitou mortos. Das circunstancias, e particularidades de cada maravilha d'estas não chegou a nós a noticia, porque estando escritas muitas polos antigos, e contemporaneos de Frei Bernardo, os successores forão tão descuidados, (porque nunca nos faltem queixas), que deixarão consumir os pergaminhos, que ainda erão vivos em tempo de Frei André de Resende (*), como elle o testimunha na vida de S. Frei Gil, dizendo de certa particularidade, que a achou apontada entre os milagres de S. Frei Bernardo. Mas diremos hum que por estranho, e quasi nunca visto, não pode ser da antiguidade vencido, porque se conservou a tradição d'elle com ajuda de pintura.

Foi o caso, que sendo levado a enforcar huma manham hum pobre homem, por sentença, e mandado da justiça, e feita n'elle a execução segundo costume: quando foi sobre tarde permittio o Senhor que passassem por junto da forca certos homens, os quais se ouvirão chamar d'ella, e acudindo á voz não livres de medo, mas animados com a companhia, disse-lhes o pendurado que chegassem sem temor, porque não era fantasma quem lhes falava, senão homem vivo, e usassem com elle de misericordia, já que Deos os trouxera por ali. Despois que o decerão, não faltou curiosidade pera lhe perguntarem a rezão de tal maravilha, tendo tamanha contradição entre si vivo, e enforcado. Respondeo, que Frei Bernardo, Sacristão de S. Domingos aparecera ali, e estivera com elle ao tempo que lhe lançavão os cordeis, e sem elle padecente saber como, o defendera da morte, e o sustentara até aquella hora que os sintira, e chamara. Soube-se despois que a mãi era grande devota do Santo, e que ao tempo que o levavão a padecer, se fora a elle com lagrimas, pedindo-lhe remedio, e manifestar-lhe, como he de crer, que padecia sem culpa: o que muitas vezes tem acontecido, não deixando de fazer seu dever a justiça, e juizes.

O successo tem toda a certeza que humanamente pode haver em cousa tão antiga. Porque teve por Cronista todo o povo de Santarem, a cujos olhos se pintou a historia nas paredes da Capella, que então era dos Reis Magos, contigua ao Coro, e Capella mór da parte do Evangelho. E claro está que se não pintara cousa duvidosa havendo de ter tantas

(*) Resende l. 2. tr. 2. exemp. 39.

testimunhas. E nós alcançamos a pintura que era viva ha menos de cinquenta annos. Lembra-me como natural de Santarem, ouvir muitas vezes Missa n'esta Capella, e ver-lhe as paredes cubertas de pinturas a fresco de alto abaixo, e de mão pouco polida, prometendo muita antiguidade no feitio, e no estado de cores botadas, e pouco distintas em parte. Notavamos forca, e o pendurado, em sua alva vestido, e rosto cuberto, e pés estirados, e lembra-me como moço fazer-me horror, e asco. Viamos a outra parte homens amortalhados, e outros que representavão hum hospital, por serem muitos, e todos com sembrante, e geito de enfermos: tudo memorias dos que por orações do Santo teverão remedio milagroso. Não esqueceo a historia que contamos do apagador das alampadas, em huma parte representando-se ao Santo, n'outra disciplinado, e em acto que mostrava ou fingia sintir o castigo. Menos danificada estava esta memoria no anno em que o Padre Mestre Frei Jeronymo de Padilha a vio, que foi o de 1539, em que fez os apontamentos, que temos seus, de cousas que como Provincial, que era, foi notando nas casas da Provincia: e diz as palavras seguintes:

Este glorioso Santo, (fala de Fr. Bernardo), ha hecho muchos milagros, y assi está toda su Capilla llena de pinturas dellos oy en dia, dado que ha que passó mas de dozientos años.

De qual foi sua morte, não temos certa relação. Bem acreditada está com a vida d'antes, e com a honra, que lhe grangeou despois. Porque como a Santo se lhe deu sepultura alta na Capella, que temos dito, que foi hum grande moimento de pedra lavrado a uso d'aquella idade, que ficava arrimado á parede do Coro, e Capella mór, entalhado hum vulto de Frade de relevo na lagea, que o cobria, e aos pés a figura, em que o diabo se lhe descubrio, quando o perseguia. E ajuntarão os devotos a pintura pera ornato da Capella, e elogio da sepultura. Este moimento se abrio, e desfez no tempo, que a Igreja se reedificou. A causa de se abrir foi haver fama, que hum Prior antigo passara os ossos, que n'ella havia pera a sepultura do S. Frei Gil. Mas a que houve pera se desfazer foi, não se saber cujos erão: e parecer que convinha desembaraçar o lugar pera effeito de se engrossarem, e fortificarem as paredes da Capella mór. Aberto o sepulcro verificou-se a mudança das reliquias, porque se não acharão mais que tres ou quatro ossos, os quais recolhidos em huma boceta, com hum papel, que declara a rezão do feito, ficarão sumidos na grossura da parede, no mesmo sitio da sepultura, e posta sobre elles á

face huma pedra sinelada das armas da Ordem, sem outra memoria. Sospeitarão os Padres, que entendião na pedra, e cal, ser a sepultura do Padre Frei Domingos de Cubo, porque lhes faltou a pintura que os guiasse, trocada já então em azulejos, des do tempo que se dedicou a Capella a S. Jacinto. Assi ficou Frei Bernardo despois de longos annos sem nome, sem Capella, e sem sepultura, repartido parte na alhea, e parte encerrado na parede: porém sem culpa dos edificadores, e só por falta de noticia da antiguidade. Que se esta houvera, de crer he, que com novos titulos se avivara a memoria de tal Santo: e nós em lugar d'elles lhe offerecemos em nome da Provincia, que nos manda escrever, e no nosso humilde, mas como natural, estas poucas regras, que se por serem de nossa penna merecerem pouca estima, polo valor da impressão durarão mais que todos os jaspes, e pórfidos da terra: e por empregadas em seu serviço podemos esperar que sejão immortais.

CAPITULO XXXIX

De alguns Religiosos, que despois de servirem grandes cargos na Ordem, se recolherão neste Convento. E outras antigualhas delle.

Como este Convento era conhecido, e nomeado por toda a Ordem por hum Seminario de Santos, e com mais particularidade na provincia de Espanha, de que era cabeça, como atrás temos mostrado; houve muitos Padres dos mais abalisados della, que despois de a terem servido nos cargos maiores, quizerão rematar nelle o curso de sua peregrinação, fiando que seria consolação dos ultimos dias, e remedio pera a alma, viver entre Santos, e ficar entre Santos sepultado. O primeiro, de que temos noticia, e mais antigo, foi o Mestre Frei Arnaldo Segarra, natural de Barcelona, em Catalunha, varão insigne em virtude, e letras. Era Provincial, veio a concluir seu cargo com a visita deste Convento na entrada do anno de 1255: e vendo com seus olhos o que a fama pregoava no Santo Frei Gil, e em outros Religiosos, e ouvindo maravilhas dos que erão de fresco falecidos, não se soube apartar mais de tal morada, e vida, nem querer melhor jazigo na morte, que o cemiterio commum. Estava a humildade em tão alto ponto, que os cargos grandes erão aborrecidos como carga; e o mais humilde lugar era havido por mais honrado em vida, e tambem na morte. Parece que soava ainda nas

orelhas dos filhos aquella palavra do Santo Patriarcha, quando sendo perguntado onde queria que o sepultassem, respondeo, que aos pés dos seus Frades. Este exemplo seguio S. Frei Gil duas vezes Provincial, e se o vemos melhorado, foi porque o arrancou de terra a devação dos fieis. Não devião pretender mais honra Frei Arnaldo, e os, que após elle buscarão este Convento.

A variedade dos tempos foi variando estilos, e introduzindo sepulturas altas, letras, e pinturas, em que devemos louvar a tenção pia dos successores, que suprião com estes meios a falta da escritura, e conservavão a memoria dos que vinhão honrar a casa. Assi achamos nella em humas partes nichos, e archetes de pedra, sem letra, nem outro sinal sumidos nas paredes da Igreja: que se virão, e considerarão, quando se derribava pera se levantar de novo; e, como estavão sem nome, passavão as ossadas ao cemiterio. Por outras partes ha pedras, letreiros, e sepulturas altas de Frades, mas são já de tempos mais chegados a nós, e por isso alguma cousa menos severos, ou mais polidos. Na parede da crasta, de huma, e outra parte da entrada do Capitulo, se vem hoje duas pedras, ambas pequenas, e entalhadas de letras Goticas miudas. Dizem humas:

Hic jacet Domnus Frater Dominicus Veeyra reuerendus Doctor Ordinis Prædicatorum, qui bona senectute plenus dierum, et sapientiæ obijt in Domino in Vigilia Natalis Æra M.CCC.LX. (Responde ao anno de Christo de 1322.)

As outras são:

Hic iacet Frater Gonçaluus de Calciata Prior Provincialis Ordinis Prædicatorum, qui obijt anno Domini M.CCC.LX.

Na capella dos Santos Cosmos, que he contigua ao Coro, da parte da Epistola havia huma sepultura com seu letreiro, que declarava ser do Mestre Frei Estevão de Santarem, que fundara o segundo Dormitorio do Convento. Este sinal basta pera termos este Padre por um dos mui antigos delle. Porque o Dormitorio por velho se veio a derribar no anno de 1602, sendo Prior Frei Eliseu de Almeida, e no sitio se fez parte do refeitorio, que hoje serve, e parte da casa de noviços. Mas não valeo a Frei Estevão sua ansianidade pera ficar em repouso. Os reedificadores

da Igreja mudarão a ossada para o cemiterio, picarão a letra da campa, e aplicarão-na a outro serviço. Se foi com justiça, outrem o julgue. Eu tenho por de grande estima qualquer letra antiga, e as deste Convento por muito aventajadas em preço, polos muitos Santos, que produzia; e tenho por certo que todos estes enterros differenciados erão de gente que os merecia por santidade. No cruzeiro da Igreja junto á capella de S. Frei Gil fica huma sepultura com esta letra Portugueza notavel.

Aqui jaz Mestre Gonçalo que foi Provincial da Ordem de São Domingos por dezoito annos, e Prior do Mosteiro da Vitoria por dez annos. Alma sua folga em paz. E finou Æra Domini M.CCCC.XXXXVIII. aos XVIII. dias de Outubro.

Outra differença parece em muitas sepulturas no Capitulo, e pola Igreja, que são campas lançadas no chão com figuras inteiras de Frades dizenhadas, ou riscadas sómente, e cada huma com sua divisa do grão que seu dono teve, mas sem nome, nem outra declaração: e todas em geral com seu bordão, e livro nas mãos. A rezão desta insignia era, porque nos principios da Ordem todos os Religiosos caminhavão com ella, e a pé, em lembrança, que fora antigamente dada polos Santos Apostolos a nosso Patriarcha, como atrás contamos. E sua significação era, segundo dezia o grande Mestre Frei João Teutonico, Mestre Geral da Ordem, haverem de estar sempre prontos, e prestes os Prégadores Apostolicos pera correrem polo mundo todo pregoando, e estendendo o santo Evangelho entendido polo livro, arrimados ao bordão, que he a Cruz de Christo, ou a vara de Jessé, por quem entendemos a Virgem Mãi, em cuja confiança poderiamos vencer, e atropellar sem medo todos os perigos, e trabalhos da vida.

E porque nos não fique por dizer nenhuma antigualha, que de alguma maneira toque á reputação desta casa: somos lembrados ver huma pintura no Capitulo, na parede fronteira da entrada, que em defeito de escritura, (como d'outras d'este Convento temos dito), sustentou até nossa idade huma memoria bem de estimar. E foi que o veio visitar hum Mestre Geral da Ordem com devação do que d'elle ouvia: em tempo tão antigo, que não havia mais que seis Conventos em todo o Reino, a saber Santarem, Coimbra, Porto, Lisboa, Elvas, Guimarães. E pera os ver todos em suas cabeças fez aqui huma congregação dos Priores. Mostrava

a pintura no alto hum antigo retrato do Padre S. Domingos com esta letra: *Sanctus Dominicus primus Magister sacri Palatij.* E logo abaixo o Padre Geral em meio dos seis Priores, com huma disciplina de varas na mão, que he insignia, com que se costumão pintar os Gerais desta Ordem. Quizerão os Padres, que se acharão presentes, que ficasse perpetua a memoria desta honra, fiarão-na só de pintura feita a fresco, e sobre a cal, e por official pouco primo, indicio da pobreza, que em tuda se guardava. Em favor da antiguidade a referimos aqui, e merece-o ella, porque não he menos que de trezentos, e cinquenta annos, visto como a conta de seis Conventos he do anno de 1270 até o de 1280, em que começamos a ter sete, como se verá polo discurso da Historia.

CAPITULO XL

Das grandes maravilhas, que em varios tempos se virão no cemiterio, em confirmação da santidade do Convento. Das pessoas Reais, que nelle jazem. Dos Religiosos, que os Reis lhe tirarão pera differentes cargos.

Mas, se estas cousas, com serem só fundadas em huma boa opinião do povo, fazem ao caso, e rendem credito ao Convento, que fará a sustancia, e verdade dellas sabida? Pouco he tudo o que desde seus principios temos contado d'elle: e certo sinal, que o escrito, e sabido são humas cifras do muito, que á nossa noticia não chegou de numero de Santos, e de grandeza de santidade. Historia he, que anda nesta casa recebida de mão em mão dos antigos moradores, e celebrada na Provincia por muito verdadeira, que estando el Rei dom Afonso Quarto, que chamarão o Bravo, em Santarem, e chegando em huma noite de verão a huma janella do Paço, das que tem vista pera o Convento, vio arder á parte do cemiterio huma grande claridade de muitos lumes juntos, e logo notou huma comprida procissão de Frades em branco com cirios acesos nas mãos, que dava volta ao cemiterio, e ali mesmo acabava, e desaparecia. E contão, que sem esperar que fosse manhã, mandara no mesmo ponto saber do Prior, que causa havia pera se fazer tal procissão, e a tal hora, que era pouco despois de meia noite. E o Prior pera responder com puntualidade, e mostrar, que não houvera movimento extraordinario em casa, contra a vista de hum Rei, levara o messageiro

polo Dormitorio, mostrando-lhe como os Religiosos todos, ditas suas Matinas, estavão recolhidos, e descuidados em seus leitos.

Muitos annos despois succedeo a mesma visão a el Rei dom João o segundo, e como era varão espiritual, e muito dado a Deos: não foi huma só vez, se não muitas, as que se lhe descobrião estes lumes, e procissões, (dom he do Ceo, e a poucos concedido ter olhos pera semelhantes vistas: esforça-os Deos, quando he servido mostrar-lhes cousas tão sobre naturaes). Devia cuidar da continuação, com que as via, que seria costume, ou obrigação da casa, não fez por então caso dellas. Todavia, chamando hum dia o Prior para outro negocio, perguntou-lhe despois d'elle, a que fim se fazião no Convento aquellas procissões nocturnas. Maravilhando-se o Prior, e affirmando que tal não havia, contou-lhe el Rei por extenso donde, e como, a que horas; e as muitas vezes que as vira. Grande consolação pera um Rei Christão ver em seu Reino, e diante de seus olhos tão vivos sinais de verdadeira religião: e tanto numero de santos, e mostrar-lhe Deos, como em hum espelho, significação certa que estão occupados naquella hora, e em todas diante de Deos em semelhantes preces polo Reino, e pola terra, donde ganharão, e merecerão as commendas da Gloria, que gozão. Maior consolação pera os que somos filhos de tal Ordem, termos tantos, e tais santos por irmãos mais velhos, que nos ficão em lugar de pais, tutores, e curadores, como se usa nas familias do mundo: e de força hão de estar em rogativa continua como nossos mercieiros, porque Deos nos faça taes como elles, e por suas pisadas cheguemos ao que já possuem. Confusão pera os herejes, e pera todo máo Christão, (se ha algum tão máo, que com olhos torsidos olha as sagradas Religiões), em sinais tão claros de que as estima, e ama, e se deleita n'ellas como em jardim seu aquelle Senhor, de quem cantamos: *Qui pascitur inter lilia.* (*) Assim o mostrou sempre a Divina misericordia, não só aos olhos, mas tambem aos mais sintidos: não só nos tempos passados, mas tambem nos modernos, e presentes, como parecerá desta historia, pera que não haja ninguem, que por fraco trema, por peccador desconfie, quando temos o soccorro de sua graça sempre pronto, e certo, e continua em nosso favor a intercessão dos bons irmãos.

Cousa he muito sabida, e provada de tempos immemoriaes, que todas as vezes, que neste cemiterio se abria cova pera enterro de algum

(*) Cant. 6.

religioso, em se bolindo aquella terra santa acontecia o mesmo, que se começarão a ferver muitas cassoulas das melhores pastilhas, e agoas cheirosas da terra: se não que o cheiro era aventajado a esses ordinarios, que não havia quem lhe soubesse dar semelhante. Daqui naceo ser o lugar desd'a fundação do Convento, e por todas as idades muito venerado, e estar cercado, e fechado de muro alto. Que pois o Senhor se servia de conservar naquelle barro frio, e morto a mesma fragrancia, que quando tinha vida, lhe fazia agradavel holocausto de innocencia, e pureza, e de todas as mais virtudes monasticas: rezão era pôr-se em custodia como preciosa reliquia não só o lugar inteiro, mas até as ervinhas d'elle: como nos deixou insinado o devotissimo Bispo de Turs ou Turon São Martinho, que pedindo, e sendo-lhe negada huma reliquia dos Santos Martyres da legião Thebéa, contentou-se com lhe mostrarem o lugar do martyrio (*). Posto nelle fez conta que tinha mais do que desejava, mostrando-lhe a fé, que qualquer torrão da terra, que fora regada com tão precioso sangue, era reliquia pera entezourar. E não se enganou; porque mettendo a faca na terra pera arrancar huma herva, veio a raiz com ella correndo sangue, e foi-se rico, e contente.

Mas, porque me não digão que revolvemos antiguidades apagadas: ou que he acabada nas religiões aquella fineza de santidade, que fazia recender a terra em perfumes, e fragrancias do Ceo: trataremos da idade de nossos pais, e nossa. Certo, e sem duvida he, não alcansado por memorias ou tradições sem Era, que mandando o mestre Frei Niculão Dias abrir huma cova neste cemiterio em sua presença, toparão os officiaes com hum moimento de pedra inteiro, e parecendo grande novidade haver tal cousa debaixo de terra, acudirão o Prior, e muitos Religiosos, e tratarão que se levantasse a campa, desejosos de ver o que haveria dentro. Tanto que se começou a descobrir, foi tão desacostumada a suavidade de cheiro, que de dentro sahia, que todos pasmavão: e o Prior tocado de escrupulo mandou que, como cousa sagrada, e que os olhos não merecião ver nem os mais sentidos gozar, se tornasse a cerrar, e cobrir da sua terra com muita pressa, e a cova se abrisse em outra parte. Isto nos deixou escrito o mesmo Mestre Frei Niculão Dias, pessoa de tal calidade por virtude, e letras, que com justiça o havemos por testemunha maior de toda exceição.

Mas de nossos dias temos muitas experiencias semelhantes. O dor-

(*) Lenda do Breviario Rom. a 22 de Setemb.

mitorio, que hoje chamamos novo, he fabrica começada do anno de 1560 pera cá. Foi necessario pera levar a obra direita tomar parte do cemiterio. Ao abrir dos alicesses encontravão os officiaes com alguns ossos, que secos, e mirrados deleitavão o olfacto com tal estremo, que davão grande occasião de louvar a Deos. Alguns annos despois se abrio outro alicesse, pera se fazer o corredor de abobada, que vai pera o coro. Este entrou muito mais pola terra sagrada, e assi deu maiores sinais, e mais vivos do que dizemos nos ossos, que se acharão. Mas, ainda que causou grande admiração, e devação em Religiosos, e seculares o que aqui se vio, com grande aventagem foi tudo, quando se edificou a capellinha do lavatorio, que fica defronte da porta da Sacristia, obra mais moderna de todas. Porque, como está toda fundada dentro no cemiterio, foi estranha, e fragrantissima a suavidade, que se sintio, tanto que se foi movendo a terra, e mais particularmente cortando ao longo de outra caixa de pedra, que se achou soterrada.

Por onde podemos com rezão cuidar que a santidade d'este Convento, muito mais celebre nos tempos atrás, devia obrigar alguns Reis a mandarem sepultar nelle os filhos, que amavão, sem embargo de terem enterros reais: como fez el Rei dom Afonso o Quarto, de quem pouco ha fizemos menção, que falecendo o Infante dom Afonso seu filho em idade pueril na villa de Penela o mandou trazer a este Convento, tendo mais perto Coimbra, e Alcobaça: e nelle está, mas do lugar certo se tem perdido a memoria (*). O mesmo tinha feito primeiro el Rei dom Dinis seu pai a hum bastardo querido, que chamarão dom Fernando Sanches, e tem sua sepultura na capella dos Santos Cosmos, que he contigua á capella mór da parte da epistola.

Assi tinha o Senhor cuidado de honrar esta casa por todas as vias, ordenando que os Reis tirassem della sogeitos pera serviço de sua casa, e seu ou da Republica, trazendo-os no Conselho, ou encarregando-os de Prelacias. Mas isto sempre confessaremos com dôr, que sendo honra da Ordem, de nenhuma cousa lhe resulta mais dano. Porque por huma parte nos tirão homens feitos, e aquelles, que com virtude, e letras lhe dão lustre, e bom exemplo, e sendo Bispos já não são nossos. Por outra os que continuão as Cortes, e serviço do Rei, por perfeitos que sejão, são occasião de relaxação pera si, e por seu meio pera outros. Porque o religioso fóra da cella sempre anda arriscado a perder. Achamos

(*) Duarte Nunes de Lião na vida del Rei dom Afonso IV. fol. 173.

por este tempo no Algarve dous Bispos d'esta Ordem, Dom Frei Roberto, e dom Frei Bertolameu. Dom Frei Bertolameu foi criado na doutrina do santo Frei Gil, e governou aquella Igreja em tempo del Rei dom Dinis (*). O outro foi mais antigo. Em boa troca destes varões, que a Ordem deu então pera Bispos, nos deu no mesmo tempo o mundo pera ella hum Bispo de Lisboa. Mas que diremos ao desazo do tempo, e da gente? Ficou-nos o nome do capellão Frei Martinho, que com elle veio á Ordem, do Bispo não ficou particularidade. E temos muitos autores que escrevem o feito, e não ha duvida que foi certissimo, porque todos fazem escritor primeiro delle a são Frei Gil (**). Na santa Sé de Lisboa achamos duas memorias, que ao parecer nos dão sem duvida o nome, e enterro d'este santo Bispo, e o tempo de sua morte. Huma he de hum livro antigo das capellas, e obrigações de defuntos, que diz assi em Portuguez: *Anniversario do Bispo Sueiro que jaz em Santarem em Sam Domingos dos Frades.* Bom indicio de ser Frade nosso enterrar-se em tal tempo com nosco. O tempo de sua morte se vê por outra verba, que anda nas margens de hum martirologio muito antigo, em que se declarão as pessoas, porque se fazião anniversarios, e diz assi: *IIII. Cal. februarij eodem die obijt Suerius tertius Episcopus Vlyssiponensis*, e abaixo ajunta *Era M.CC.LXX.* que responde ao anno de 1232. Bem sei que ha outro Bispo Sueiro da mesma cidade, e falecido no anno de 1249. Mas este tem sua sepultura na porta do Claustro da mesma Sé, e chama-se nas memorias Sueireanes. E ainda que cousas tão antigas sempre trazem consigo algumas duvidas, nenhuma fica no nome, e enterro do nosso: e só faz falta não se declarar, que tomou o habito de S. Domingos. D'onde inferimos, que por não alcançar licença do Pontifice ficaria governando sua Igreja vestido em nosso habito, como aconteceo a dom Frei Pedro Centelhas Bispo, de Barcelona, e a dom Frei Raimundo de Ponte Bispo de Valença, e em França ao Bispo de Perigort dom Frei Pedro de Santo Asterio (***). Todos tres quasi no mesmo tempo do nosso de Lisboa vestirão o habito de S. Domingos, mas não puderão impetrar licenças pera deixarem suas ovelhas.

Dos Frades que achamos empregados em serviço dos Reis, e da Republica, he o primeiro Frei Pedro Afonso, que foi a Paris assistir ao

(*) Duarte Nunes na vida del Rei dom Afonso III.
(**) Frei Gerardo de Fraqu. nas vidas dos Frades Prégad. l. 5. c. 3. exempl. 7. Castilho p. 1. l. 2. c. 67.
(***) Cronic. de Aragão l. 1. c. 1. e 8 M. Frei Bern. de Guido.

juramento, que se tomou por ordem do Papa, e em nome do Reino, ao Infante dom Afonso Conde de Bolonha: os segundos são dous, que atrás dissemos, que seguirão em sua retirada a Castella a el Rei dom Sancho Capello. Apoz estes se servirão os Reis sempre de Frades desta Ordem, assi na Corte, e Conselhos, como em negocios seus particulares. El Rei dom Afonso Terceiro escolheo por seu testamenteiro a Frei Giraldo Domingues, Mestre, e Leitor na Provincia, o qual em huma memoria do Reino do anno de 1277 está nomeado com este titulo: *Frater Geraldus Ordinis Prædicatorum Consiliarius Regis.* El Rei dom Dinis seu filho teve consigo primeiro a Frei Durando, despois a outro Frei Giraldo Domingues, e Frei Pedreanes, e a todos tres achamos assinados em cartas, e confirmações, e negocios importantes deste Rei des do anno de 1294 até o de 1311, como nos foi mostrado da torre do tombo, em livros d'ella polo Licenciado Lousada atrás nomeado, Escrivão d'aquelle real Cartorio. Outros deste tempo puderamos ajuntar, que deixamos por brevidade. Os que polo tempo em diante andarão em semelhantes trabalhos irão apontados em seus lugares.

CAPITULO XLI

Da devação, e virtudes do Padre Frei Manuel de Beja, e do irmão Frei Diogo das Vinhas. E da jornada que fez á India o Padre Frei Pedro Coelho.

Requeria este Convento só huma Cronica inteira, pera memoria dos sojeitos, que nelle florecerão. Mas foi providencia Divina, que pera não fazermos inveja a todas as Religiões juntas, de huns faltasse quem escrevesse, e de outros se perdesse o que havia escrito. E assi acontece que de tantos annos não temos quasi que dizer, clamando em favor de todos a terra, em que se tornarão, tornada em pastas aromaticas com a corrupção das sepulturas: e o Ceo, de que gozão, com as luzes, que despois mostraram. Testimunho tão celebre, que quando houvera grandes maravilhas escritas, nos forrava o trabalho de as repetir. Todavia por mostrarmos o cuidado, com que trabalhamos em buscar, e tirar a luz tudo, faremos memoria de alguns modernos, parte que nossos pais alcansaram, parte que nós conhecemos, e tratamos.

Destes o mais antigo foi o Padre Frei Manoel de Béja, e por huma

só particularidade quizerão os que o conheceram, que entendessemos seu grande espirito: nem nós diremos outra. Esta era que todas as vezes que celebrava, o fazia com tanta devação, e tão inflamado affeito, que seus olhos se tornavão dous rios de lagrimas, e não havia quem os tevesse enxutos, vendo-o. E na verdade, como este Divino sacrificio foi huma memoria, e recapitulação de todas as maravilhas que o misericordioso Deos fez em favor do genero humano(*), com rezão faziam os homens juizo das virtudes, que moravão na alma deste Religioso, polo respeito, e veneração com que o vião todo enlevado, e absorpto na presença, e celebração d'elle. Deos não teve mais que dar nem o mundo mais que dezejar. Os que aqui estamos tibios, ou descuidados, ou adormecidos, he porque estamos longe não só de Santos, mas de conhecer bem o que temos entre mãos.

Do mesmo tempo foi Frei Diogo das Vinhas irmão leigo, e filho d'este Convento. Vivendo com raro exemplo de virtude, e religião huma vida mui larga, particularmente se esmerou na obediencia. Porque pera tudo o que lhe mandassem os Prelados, e a qualquer hora, e tempo que fosse, era tão leve, tam facil, e prestes, que causava admiração. E sendo muito velho, e dando a velhice muitas licenças, tão alegremente obedecia, quando era de setenta, e mais annos. e até que acabou a vida, como na idade mais florida. Mas não tinha menos de humilde, que de obediente. Sendo já de oitenta annos descompoz-se com elle hum máo homem, e como ministro de Satanás, que o quiz por tal mão tentar, atreveo-se a afrontar aquellas veneraveis cans com huma enorme bofetada. Ficou quieto, e sem fazer movimento, e tão desassombrado com a injuria, como se o rosto não fora seu. Só, porque via que em o tratar assi não tivera rezão, lhe perguntou por ella, mas com muita brandura: á imitação de Christo nosso bem, quando em semelhante desatino, disse ao criado de Caifas: *Quid me cædis?* (**) Fião muito de Deos os humildes, e então vivem com mais segurança, quando o mundo cuida que os abate, porque quanto mais decem á vista dos homens, tanto se levantão nos olhos de Deos. Esta confiança fazia a Frei Diogo tão animoso, que nenhuma cousa da terra sintia, nem temia. Aconteceo hum dia virar-se a elle furiosamente hum boi feroz, e bravo, em lugar que não teve tempo pera se valer dos pés. Virão de longe o perigo alguns

(*) Ps. 110.
(**) Luc. 48.

Religiosos, derão o Frade por morto: porque como era tão velho, pequeno encontro bastava pera o acabar. E elle esteve tanto em si, que sem se bollir, quando o animal estava já com elle, não fez mais que como com imperio mandar-lhe com a mão, e com a voz que se desviasse, dizendo: Vai-te pera lá besta fera. E só isto bastou pera se afastar logo feito hum cordeiro. E o que mais espantou foi, que em passando d'alli tornou a entrar em furia, e braveza, como d'antes.

Mas, porque não faltasse nos filhos d'este Convento, e desta villa nenhum genero de espirito dos que muito se estimão no serviço de Deos, temos hum natural d'ella, e filho d'elle, que com aquelle animo com que em tempos muito antigos se desterravão voluntariamente das partes de Italia alguns Religiosos d'esta Ordem pera Tartaria, e Preste João, outros pera irem prégar á Persia, e fundar Conventos (como fundarão, e ainda hoje não estão apagados entre os Armenios) se embarcou de Portugal pera a India novo, e valeroso peregrino (*). Digo novo, porque ainda que des dos primeiros annos do descubrimento da India, sempre forão alguns Religiosos nossos, como adiante veremos, e residião n'ella, pera consolação dos naturais que acompanhavão, e pera irem tentando os animos da Gentilidade: com tudo em communidade, e a fim de fundar Conventos, nem erão idos até então nenhuns, nem forão se não alguns annos despois. Assi devemos ao Convento de Santarem dar-nos o primeiro Prelado de Prégadores Apostolicos desta Ordem pera a India. Este foi Frei Pedro Coelho grande letrado, e famoso Prégador. A causa, e fim de sua ida se escreve na fórma seguinte. Polo nome do Preste João, ainda que corrupto, e differente do proprio, he conhecido o grande senhor das terras da Ethiopia, que na India se chamão vulgarmente terras do Abexim. Chegára á Corte, do que de presente reinava, e andára n'ella devagar hum João Bermudes, em tempo, que padecia cruel guerra de hum Rei Mouro seu vizinho poderoso de armas, e instrumentos de polvora, e fógo, cousa não conhecida nem vista até então em Etiopia. Informou-o, que o poder, que assombrava a India de muitos annos atrás, era de hum Rei de Ponente, que seguia a lei de Christo, e professava sua fé, a qual era a mesma dos Abexins. Encheo-se o Preste de espe-

(*) João de Barros Dec. 3. l. 4. c. 1. Marco Paulo Veneto. F. João dos Santos l. 1. da Christandade Orient. c. 1. Serafino Razzi na Cron. de S. Dom. f. 295. Paramo l. 2. t. 1. c. 9. de Orig. Inquisit. Commentarios de Affonso de Albuquerque p. 1. c. 1. § 21. Diogo do Couto Dec. 4. l. 1. c. 10. Castanhe da l. 7. c. 14. da Ind. Os primeiros fundadores da Congregação da India forão em Março de 1548. Frei João dos Santos l. 2. c. 2. de varia historia da Christandade Orient.

ranças, que teria nelle valedor contra seus enemigos. Despachou-o com cartas pera el Rei de Portugal, e com ordem que passasse a Roma, e tratasse com o Summo Pontifice materia espiritual de sua redução á obediencia da Sé Apostolica, e com el Rei a temporal de soccorro de gente, e artilheria contra os Mouros de Zeila. Entrou Bermudes em Roma: foi despachado do Papa Paulo III. com titulo de Patriarcha da Etiopia, e com nome de dom João Bermudes, e veio a este Reino encomendado a el Rei dom João. Despachou-o el Rei tambem com boa satisfacão ao requerimento do Preste: e pera ajudar o Patriarcha no edificio das almas, mandou ao Provincial que lhe desse Religiosos pera o acompanharem, e allumiarem aquelles estendidos Reinos da cegueira de muitos erros em que vivião. Foi nomeado pera esta sagrada missão o Padre Frei Pedro, por concorrerem nelle as partes necessarias pera a empresa, e feito Prelado de cinco companheiros, que animosamente aceitarão o trabalho com os olhos em Deos, e na obrigação do habito. Partirão todos nas náos de viagem do anno de 1539, e chegarão a salvamento a Goa (*): mas não passarão á Ethiopia (**), porque lh'o impedio quem tinha o governo da India, com grande sintimento do Patriarcha, e não menor dos Religiosos, que como varões Apostolicos tinhão já tragado na determinação todos os medos, e offerecida na vontade a vida ao talho: faltou-lhes este, não lhe faltarão elles. Todavia ficarão na India servindo no ministerio de sua profissão, e apostados a seguir o primeiro proposito, como tevessem licença.

CAPITULO XLII

Vida, e morte do irmão Frei Diogo de Saldanha, filho deste Convento.

A estes tres ajuntaremos hum só, que tratamos, e alcançamos, e não tem menos aução pera ficar nestas memorias, que aquelles que concorrerão nos principios deste Convento. Viveo em Santarem, e teve casa, e rendas, como natural da villa, Antonio de Saldanha, fidalgo honrado por calidades de sangue, e pessoa: a que ajuntou bons serviços feitos aos Reis dom Manoel, e dom João na India, e neste Reino, dos quais foi o ultimo ir por Capitão mór da armada, com que o Infante dom Luis

(*) Dom João Bermudes no tratado de sua embaixada c. 4.
(**) Frei João dos Santos l. 2. c. 1. da varia histor.

passou á empresa de Tunes em companhia do Emperador Carlos V. Era já tão velho, quando foi nesta jornada, que fazendo-lhe el Rei dom João da volta della algumas mercês pera em sua vida, porque não tinha filhos, nem era casado, se houve por agravado, dizendo aos ministros, (assi o ouvimos contar a quem o alcançou), que não havia por mercês as que juntamente não erão pera seus filhos. Soube-o el Rei, festejou o agravo fundado em requerimento de homem meio enterrado por velho, pera filhos não nascidos. E como era Principe prudente, e benigno, mandou-o satisfazer a seu gosto. Seguio ao despacho o casamento, e ao casamento hum exame de filhos. Foi a molher dona Joanna de Mendoça filha de Ayres de Sousa, Commendador das Commendas de N. Senhora de Alcaçava, e Rio maior da Ordem de Avis. Tinha esta casa particular devação ao Convento de S. Domingos, que andava nella como por herança: e devia ter principio, ao que parece, no jazigo, que seus passados tinhão eleito da capella mór, que era sua. Continuou nella Diogo de Saldanha, que assi havia nome o filho mais velho, ficando por morte de seu pai muito moço. E o mesmo fez despois de casado, empregando muitas horas em tratar com os Religiosos, e acudindo a suas necessidades com muito amor, Mas levando-lhe Deos sua molher dona Inez de Tavora a poucos annos despois de casado, logo fez resolução de se entregar todo ao Padre S. Domingos, e á sua Religião. Assi começou a professar huma nova ordem de vida em continuação de exercicios espirituais, oração, e penitencias, e frequencia de Sacramentos. Tem as cousas Divinas huma excellencia, que, quanto mais se usa dellas, mais saborosas se achão, e mais se fazem apetecer. Desejava, e morria por passar adiante. Mas era impedimento hum filho, que só lhe ficou, de quem sendo pai, fazia tambem officio de mãi em falta da natural. E havia negocios de sua fazenda com dependencias da coroa real, a que era forçado acudir com habito secular. Escolheo hum termo, que a muita gente estivera bem, que foi ser religioso sem habito, nem tonsura de Religião: e fazer vida monastica em trajos seculares. E, porque ainda isto havia por pouco, tomou cella em casa de noviços, seguia as Communidades com elles, feito minino entre mininos, cumprindo quasi á risca o que disse o Senhor, que convinha pera a salvação, que era nacer de novo. Assi passou muitos annos com hum grande trabalho de sempre noviço, e sempre minino no estado, sendo na idade cada dia mais velho. Porque, como os negocios não tomavão termo pera o deixarem professar, nunca passava

de noviço puro, ficando no primeiro andar dos mais humildes mininos. E com tudo resplandeceo sempre n'elle verdadeira humildade em huma grande reverencia ao Mestre, amor, e affabilidade com os pobres irmãozinhos, e notavel respeito a todos os Padres. E tal era o exemplo que dava, que sendo este genero de vida em todo estremo encontrado com as leis de nossa Ordem, saneava, e supria tudo com sua virtude. Porque, se parecia indecencia hum homem de ferraroulo, e sombreiro, e muito entrado em annos viver entre mininos; tomado o negocio por outra parte, marcava-o a vida, que fazia, polo mais reformado noviço de quantos o acompanhavão: tão composto, tão surdo, e mudo, e tão nada em sua propria estimação, que não aparecia nelle mais que sombra de homem, proceder de innocente, feitos de Santo. Correrão annos, nunca se vio mudança: hum mesmo estilo, e teor de vida seguio sempre. Casou seu filho, fez-se avò de netos, e muitos netos: não só não alterava hum ponto com as cans, e idade maior, mas reverdecia pera abatimento de mais noviço, e mais minino. Por mais de vinte annos perseverou leigo nas obrigações de frade: até que Deos foi servido chegar as cousas de sua casa a estado, que pode dispor das de sua alma a todo seu sabor: como fez na entrada do anno de 1592 vestindo o santo habito com estremos de alegria. Mas a poucos mezes deste gosto, lhe bateo á porta huma visita do Ceo, com huma forte doença, a qual inda que não veio sobre muita velhice, achou o sojeito gastado de penitencias, e tão fraco que o venceo depressa. Desconfiarão os medicos. Declarou-lhe o Prelado o ponto em que estava. Ouvio elle o desengano com muita serenidade no sembrante, testimunho certo da que lhe ficava dentro na alma, e respondeo com render graças pola lembrança, e pedir os sacramentos pera a jornada que se lhe denunciava: acrecentando, que de acabar sua peregrinação nenhum pesar sintia: antes se hum grande peccador podia falar assi, levava muito gosto de morrer, pois morria em tal casa, e entre tais Religiosos: só lh'o aguava ver que lhe tolhia Deos por seus peccados o que toda a vida desejara, que era entregar-se á Ordem por solene profissão. Porque na verdade não podia negar que muito suspirava por ver o fim áquelle anno, que havia de ser meio de ficar filho de S. Domingos por voto, como era por vontade, e estimara grandemente conceder-lh'o o Senhor. Moverão-se á piedade os Padres, porque sabião todos que erão rezões saidas da alma. Propoz o Prior em conselho fazer-lhe profissão por hum Breve, que temos do Papa Pio V.

expedido a 23 de Agosto de 1570 que começa, *Summi Sacerdotij, etc.* polo qual concedeo aos noviços da nossa Ordem (*), que estando, a juizo de medico, em artigo de morte, possão fazer solemne profissão, dado que não tenhão satisfeito com a disposição do direito Canonico, que manda senão faça, nem seja valiosa sem o cumprimento de hum anno inteiro de provação. Ajuntarão as rezões que havia de parte de tal sojeito, provado, e approvado com o discurso de vinte annos, que he a tenção da lei: e o que ganhava a Ordem, e aquelle Convento, com ficar contado hum tão religioso varão no numero de seus filhos. Foi o Senhor servido pera mais consolação sua, que era vespera do dia, e festa de Nosso Padre, quando se lhe deu a nova, e logo vio a execução d'ella. Fez-lhe o Prior profissão em presença de seu filho Antonio de Saldanha, e de outros fidalgos, que se juntarão. E pedindo-lhe o filho a benção, lançou-lh'a, encomendando-lhe que fosse sempre muito amigo, e servidor da Ordem. E como estava cheio de contentamento por se ver professo, desejando mostrar-se agradecido a tamanho beneficio no pouco que então podia, disse-lhe mais, que estivesse advirtido que no dia seguinte se fazia a festa de seu Padre S. Domingos, e tevesse cuidado de mandar pera o jantar dos Padres o seu costumado prato, (sohia o professo todos os annos por tal dia acrecentar o jantar dos Frades com huma particular iguaria pera toda a communidade), e ajuntou, que lhe durasse por amor d'elle a lembrança, e a obra pera toda a vida. Assi acabou com glorioso fim dias bem vividos, ganhando indulgencia plenaria, e remissão de peccados, em forma de Jubileo concedido aos noviços, que na hora da morte professão, e outras muitas graças, que todos os Religiosos alcanção naquelle artigo. Foi sepultado na terra sagrada do cemiterio commum do Convento, gozando já do privilegio de Religioso, sem embargo de ter enterro na capella mór, de que era legitimo padroeiro, como temos dito.

CAPITULO XLIII

Das santas Reliquias que ha n'este Convento.

Porque não faltasse nada de quanto se podia pedir, e desejar pera credito, e honra de huma casa santa, ordenou Deos enriquecer esta com huma preciosissima reliquia de seu miraculoso sangue, posto por sua

(*) Manoel Rodrig. tom. 3 Quæst. Reg. Quæst. 15. art. 6

altissima misericordia clara, e patentemente á vista de olhos peccadores: milagre perpetuo, e perenne, que dura, e permanece assi ha mais de trezentos e cinquenta annos pera confirmação da Fé, e huma ineffavel consolação dos Catholicos, e grande confusão dos cegos, e miseraveis hereges, que podem acabar consigo, privar-se do maior, e mais alto bem de todos os bens. O successo he autentico, e certissimo, a historia temerosa: mas polo fim, que teve, saborosissima. E affirmo, que quando nos não obrigaramos a escrever esta Cronica da Ordem a outro fim mais, que pera com occasião d'ella espalharmos polo mundo tão estranha maravilha, fora bastante rezão pera trabalharmos com gosto. E dou infinitas graças ao Divino Autor d'ella, por me dar mão, e forças pera chegar a escrevel-a, como deu olhos pera a ver algumas vezes. Reinando em Portugal el Rei dom Afonso Terceiro, que foi Conde de Bolonha, aconteceo na villa de Santarem polos annos do Senhor de 1266, que huma pobre molher do povo, não achando em seu marido igual correspondencia de amor, ao que a seu parecer lhe merecia, ou por ser aspero de condição, ou por se divertir em mocidades: e desejando mais, que a propria vida, achar algum meio de o reduzir, e abrandar, deu conta de si a huma molher de lei, e nação Judia, como n'aquelle tempo havia muita gente d'esta em Portugal, que em bairros separados vivião á sua vontade por todas as terras, e lugares grandes. Devia ser de humas velhas, que por genero de vida com qualquer conhecimento de ervas, ou experiencias se fazem chamar Mestras no povo: e ás vezes passão a tratos, e pactos com o Demonio. Esta como ouvio as queixas da Christam, e conheceo a raiz d'onde procedia a ansia com que vinha, julgou que tinha sitio pera fundar quanto quizesse n'ella. Promete-lhe facil cura, como de sua parte ajudasse com o que podia. Que não faria com tal promessa quem outra cousa não buscava? A tudo se offereceo quanto lhe quizesse mandar. Instruida pola Judia do que havia de fazer, as horas lhe parecião annos pera a execução. Tinha sua morada na freguesia de Santo Estevão, (aponta a historia que era na rua dos esteireiros), vai-se pola manham á Igreja, pede confissão, e communhão a titulo de indisposta, os tempos então pouco acautelados, ella determinada, e cheia de paixão, e molher: ao receber da sagrada Hostia teve atrevimento, e manha pera lhe por as mãos profanas, e immundas, tiral-a da boca, e atal-a na ponta da beatilha que trazia soqueixada, (chama a lingoagem do povo beatilha a hum genero de veo, ou touca grossa com que as mo-

lheres plebeias cobrem por honestidade cabeça, e garganta), e o que mais he, que logo se poz em caminho pera a ir entregar ao Judaismo. Mas não permittio o Senhor, que em huma villa tão illustre, e onde tantos Santos, e tanta santidade havia, lhe fosse feito tamanho desacato, como ser n'ella de novo entregue a quem de novo pretendia tornal-o a crucificar: e pera grandes bens, e honra de Santarem, converteo a afronta, que se aparelhava em hum soberano genero de misericordia. Caminhava a atrevida, e mais que infiel femea pera a Judiaria, e caminhava feita andor, e Custodia de Christo Jesus Deos trino, e uno poderosissimo, e soberanissimo, como padeceo por nós, e como está glorioso nas alturas do Ceo Impireo. Mas eis que começão a regar-se as ruas de sangue sagrado, como n'outro tempo as de Jerusalem. Oh ineffavel maravilha! Lingoas de Anjos houverão de falar n'este passo, que todas as humanas são pobres, fracas, e indignas pera tão alta materia. Virão huns homens o sangue, que corria até o chão, notarão as roupas da molher tintas n'elle, perguntarão-lhe espantados, que cousa era, ou que feridas levava. Olhou ella pera si, vio que sahia do nó da beatilha, sobresaltou-se, e perturbou-se toda. Parece que ajudarão os Anjos a perturbação, pera que mudasse conselho. Dá volta pera sua casa, tira a beatilha, encerra-a com o Divino deposito dentro de huma arca. Passou o dia sem se determinar no que faria: senão quando cobrindo-se o mundo de noite escura, amanhece no aposento dia, e resplandor celestial. Acorda o marido pasmado: desmaia, e torva-se de novo a molher. Notão ambos, que de huma parte baixa sahião raios mais claros, e mais ardentes que do Sol do meio dia. Não se atreveo a autora do sacrilegio a mais segredos, conhecendo que procedião da arca, que ali tinha seu lugar, e da mesma cáusa que de dia vertera sangue. Contou tudo o que era passado sem encubrir nada. Acudio o homem, correndo ao Prior da Igreja: juntou-se o povo todo: foi grande a revolta, e o espanto, grande o alvoroço, e devação. Tratou-se primeiro de huma solene pompa e procissão pera tirarem o Senhor d'onde estava. Em segundo lugar entrou em duvida que parte, ou que Igreja seria bem honrar com elle. Era vulgo, foi grande a variedade de pareceres. Huns propunhão S. Domingos allegando que estaria bem servido, onde tudo erão Santos: outros S. Francisco, onde não faltavão: outros querião-no pera a Igreja matriz. E os fregueses de Santo Estevão, inda que poucos, e pobres requerião pola sua Igreja, com a justiça de haver saido o mesmo Senhor d'ella. Mas sendo tudo pobre

pera tamanho hospede, era-o mais que tudo a freguesia. E não falta quem affirme com bons fundamentos, que o primeiro possuidor de tão alta reliquia foi o Convento de S. Domingos. Mas no têmpo presente he cousa certa, e sem duvida que a possue a propria freguesia, e por essa rezão foi perdendo a Igreja seu antigo nome, e tomando o que hoje tem do Santo milagre, que por excellencia lhe compete. Com as esmollas, e concurso dos fieis se tem feito hum luzido templo em edificio, e rendas, e de ordinario anda o Priorado d'elle em pessoas de muita calidade. E hoje o possue o Doutor Luis da Silva de Brito, natural da mesma villa. Correndo o tempo foi o Senhor servido de juntar a esta Divina Reliquia duas circunstancias, que cada huma per si he soberano Milagre, e ambas juntas lhe acrecentão tanta autoridade, e grandeza, que a fazem unica no mundo, (entre outras que sabemos da mesma calidade) com grande honra do Reino de Portugal, e da villa de Santarem. A primeira he, que sendo, como foi, conselho, (e devia ser nacido dos Frades de S. Domingos, que serião consultados como letrados, e Santos), recolher-se com cera todo o sangue que havia por fora da beatilha, e da sagrada Hostia, e compor-se tambem de cera, como de materia menos corruptivel hum genero de recolhimento, ou custodia, em que se guardasse tudo, (devia faltar ouro, e prata, como em idade pobre), aconteceo a cabo de annos, que visitando o Prior a santa Reliquia, ou querendo-a mostrar ao povo, como então era costume, na festa de Corpus, achou com grande espanto recolhida a hostia sagrada dentro de huma ambula de cristal, de tal feitio, que claramente parece obra, e ministerio de Anjos tal recolhimento. Porque tendo a ambula o assento da largura, e forma de huma moéda de oito reales Castelhana, sobe em forma piramidal com hum collo alto, e estreito: e dentro parece o corpo da particula Sagrada do tamanho da metade de hum tostão grande, e n'ella humas nodoas em parte quasi pretas, como de sangue pisado, e em partes vermelhas, como de sangue fresco, e o resto branco, e alvo da cor das Hostias frescas: e no fundo do vaso se devisão humas gotas grossas de sangue, vermelhas humas, e outras quasi pretas. O que tudo argue que não haveria mãos humanas que tevessem poder nem ousadia pera entender em tal obra (*). He a segunda circunstancia, ou segundo milagre continuado des dos primeiros tempos até a idade presente servir-se o Senhor pera confirmação de fé,

(*) O P. João de Luce. na vida do P. Frãcisco Xavier. Pero de Maris na hist. deste Santo migre. c. 4.

e cordial consolação das almas devotas, de se representar em varias figuras aos olhos de muitos, como o deixarão escrito algumas pessoas de muito credito, e nós o ouvimos a outras: e o declara huma escritura ou relação antiquissima, que se guarda no cartorio da mesma Igreja por estas palavras: *Et apparet intus in ampulla multis, in diversis similitudinibus hominis: quandoque in cruce, quandoque in gremio Matris, quandoque aliter, pro vt placet ei.*

D'este tão famoso milagre tem hoje o Convento de S. Domingos de Santarem huma fermosa parte: que he hum pedaço da beatilha todo ensangoentado, e tão vermelho de presente, (sendo o successo tão antigo), como se de proximo o ensoparão em sangue fresco, e grosso, e muito vermelho. E está guardado em hum viril de cristal, no fundo do qual se vem mais dous pelouros de huma cera descorada tamanhos como grãos de comer, que forão parte da mesma, com que os Sacerdotes forão recolhendo algum sangue, que havia pola arca, e fora da beatilha. Este pedaço dizem que será de hum palmo de comprido, e tres dedos de largo. Em tempos atrás estava na Sacristia, recolhido em hum sacrario de pedraria que se fez pera elle, encaixado na parede fronteira da porta, que sae pera a Igreja, e dourado por dentro, e por fora, e cercado de pinturas, e letras acomodadas ao mysterio. O sitio pera segurança, e respeito he tão alto que se lhe não podia chegar facilmente: e ardião diante duas alampadas perpetuas. Aqui esteve mais de duzentos e sincoenta annos, e se mostrava a pessoas nobres, e devotas. Despois pareceo que estaria mais venerado no Sacrario da Capella mór, como em seu proprio lugar: passou-se a elle, e ahi está agora.

A occasião, de que naceo vir ao Convento tamanha, e tão preciosa parte, não consta ao certo, nem ha escritura que o diga. A tradição dos Frades antigos era, que logo no principio, (como atrás fica dito), viera toda a Santa reliquia ao Convento: e pouco despois arrependidos os freguezes de sua sobeja liberalidade repetirão por justiça o que tinhão dado por cortezia: e houvera longo litigio: e por bem de paz, ficara aos Religiosos a parte que temos. Assi o querem significar humas palavras de huma relação muito antiga do mesmo milagre, que andava no Cartorio da sua Igreja, que dizem assi: *In cœnobio Prædicatorum seruatur quædam particula eiusdem miraculi in ampulla de cristallo reposita in sacrario, quam tunc temporis obtinuerunt religiosi multa sanctitate præstantes.* E que houve escrituras mais antigas, a mesma, que traz o Li-

cenciado Pedro de Maris, em sua historia, o aponta dizendo no fim do prologo, *secundum inueni scriptum ab antiquis*(*). A mesma tradição se confirmou por homens velhos, tirados por testimunhas em hum summario que o mesmo Maris allega feito por mandado do Cardeal Infante dom Anrique, que succedeo no Reino a el Rei dom Sebastião. Era o Cardeal juntamente Arcebispo de Lisboa, e como Prelado mandou fazer a diligencia, por hum requerimento que lhe fizerão os Beneficiados do Santo Milagre: e por ella pareceo bastantemente o que temos dito, e por isso se guardão os processos no Cartorio do Convento.

Puderamos escusar tratar de mais reliquias á vista da que temos dito: mas por dizer tudo, temos nesta casa a capa inteira de que N. P. S. Domingos usava quando faleceo, peça de grande estima por hum penhor de seu espirito, como o de outro Elias. Atrás fica dito quem a deu, e quem a trouxe (**). He de estamenha grossa, a cor muito deslavada: do que he causa a antiguidade, e o ser tinta sobre vermelho. O capello está cozido com ella, e a aba he muito curta. Guarda-se em huma caixa de prata.

Das onze mil Virgens temos aqui grande cantidade de reliquias, e com ellas outras do Martyr S. Gerion. Trouxe-as a este Convento hum Prior d'elle, tornando de hum Capitulo, que se celebrou em Colonia Agripina anno de 1403. Estão autorizadas com certidão de quem as deu, que foi o Prior da Casa Frei Guilhermo de Aquisgran. O nosso, que as recebeo, se chamava Frei Gil Martins.

Falta-nos pera cerrar este capitulo, e a relação d'esta casa, apontar as mercês que goza dos Reis, e Prelados: e acho que por Abril do anno de 1501 lhe deu el Rei dom Manoel a Ermida de N. Senhora da Serra, situada em meio dos montes da coutada real de Almeirim, onde he toda a recreação dos Reis. Pola qual resão se houve a Ordem por obrigada a fazer n'ella Convento formado. E porque hoje o he, ficará o mais que puderamos dizer d'elle, pera quando chegarmos com a historia aos annos de sua fundação, e particular titulo.

Os Illustrissimos Metropolitanos de Lisboa tem sinalado huma boa esmola á casa de Santarem, com obrigação de huma lição publica, e quotidiana de Casos de consciencia na Igreja de Santa Maria de Alcaçava, pera a qual se nomeão sojeitos de sufficiencia nos Capitulos Provinciais, sem embargo que no Convento, como de ordinario sustenta quarenta, e cinco Religiosos, ha sempre muitos de nome em pulpito, e letras.

(*) Na hist. do Santissimo Milagre c. 3. f. 31.
(**) L. 2. c. 20.

LIVRO TERCEIRO

DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL

CAPITULO I

Da fundação, e principios do Convento de Coimbra.

Foi primeiro ramo da planta, que nos deu na serra de Montejunto aquelle pequeno grão de mostarda, n'ella semeado, e cultivado por mão de dom Frei Sueiro Gomes, o Convento da cidade de Coimbra, morada, e Corte por largos annos dos Reis d'este Reino: despois illustre Academia de todas as sciencias d'elle: e tão antiga em sua origem, que refere a fundação do seu castello ao Thebano Hercules. Os meios, e modos, porque teve principio este Convento deixamos contados no começo d'esta Historia, quando contamos como foi chamado dom Frei Sueiro, ainda antes de Provincial, da Infante dona Branca, filha del Rei dom Sancho Primeiro, e juntamente do Bispo de Coimbra, e como teve logo sitio pera fundar, por obra, e favor d'esta Infante, e da Rainha dona Tareja, sua irmam(*), e guardamos pera este lugar a narração mais copiosa. He pois de saber, que na ribeira direita do rio Mondego, que lava a cidade, no plano, onde hoje vemos assentada grande parte da povoação da ponte pera baixo, havia em tempos antigos muita frescura de pumares, que chamavão o Figueiral. Entre elles pareceo á Infante dona Branca lugar accommodado pera fundar Convento, hum posto que havia nome a Fi-

(*) L. 1. c. 11.

gueira velha. Porque por huma parte pera a communicação da cidade não ficava longe, e por outra senhoreava o Rio, que n'aquella idade, (quem o crerá hoje?) corria fundo, e alcantilado: e vinha o sitio muito a proposito pera a commodidade, e recreação dos Religiosos. Começando a mandar comprar as propriedades, veio á noticia da Infante dona Tareja sua irmam o que passava. Era esta Senhora irmam mais velha de dona Branca, fora casada com el Rei dom Afonso de Lião: despois de terem filhos foi separado o matrimonio, e tornou-se á terra, em que nacera. E como Princeza religiosa, e pia, quais forão sempre todas as d'este Reino, inda que sintio ter-lhe sua irmam ganhado por mão na determinação, não quiz por isso perder o merecimento de entrar á parte em obra tão santa, e tratou com ella que partissem entre si a despeza. E forão os termos tão cortezes, e tão de quem ambas erão, que a Infante lh'o houve de conceder. Constou-nos pola mesma carta, que a Rainha passou das compras, que fez do sitio, e propriedades que n'elle havia: a qual os Frádes lhe pedirão alguns annos despois, pera lhes ficar por titulo, e poder constar em todo tempo de como as houverão. E porque he de ver a nota, a lançamos aqui, e he a que se segue.

In nomine Patris, et Filij, et Spiritus Sancti. Amen. Ego Regina Domna Tarasia, filia Regis Sancij Primi de Portugallia, facio notum omnibus præsentem paginam inspecturis, quód cum soror mea Regina Domna Blanca vellet facere Monasterium Fratrum Prædicatorum apud Collimbriam, ego cupiens in tam grandi bono habere partem, rogavi iam dictam sororem meam, vt placeret ei, quód ego emerem hæreditatem, in qua posset fundari Monasterium, et alia fieri, quæ necessaria essent Fratribus ibidem moraturis. Ipsa ergo libenter et liberè concesit mihi quod petebam, meis precibus inclinata. Tunc ego emi hæreditates istas de propria pecunia in illo loco, qui dicitur, Ficus vetus, ab Abbatissa de Loruano Domna Maria Alfonsi, et Conuentu suo emi hæreditatem quantam Monasterium de Loruano habebat prædicto loco per centum triginta Morabitinos. Et à Petro Munionis Priore, et clericis Sancti Petri de Collimbria quantum in illo loco habebat ipsa Ecclesia per centum viginti Morabitinos, et à Domno Thomasio Priore, et clericis Sancti Saluatoris quantum ibi habebat ipsa Ecclesia. Et dedi eis pro eo, quod ibi habebat ipa Ecclesia, tria casalia in Brase. Et emi illi casalia ab Abbatissa de Cellis de Vimaranis Domna Fruila et Conventu suo per ducentos Morabitinos. Præterea emi ab hominibus, qui

morabantur in prædictis hæreditatibus, et possidebant illas ad forum et consuetudinem suam, quam inde faciebant Monasterio, et clericis supradictis, totum ius, quod inde habebant, et etiam domos in quibus morabantur, sicut placuit illis. Tunc istam totam hæreditatem, comparatam et expeditam, sicut dictum est, dedi tempore illo Fratribus Ordinis Prædicatorum, vt in ipsa facerent Monasterium sui Ordinis pro salute animæ meæ, et parentum meorum. Et modò ipsam donationem, quam feci, per istam chartam roboro et confirmo. Et vt donatio mea maius robur obtineat, in ipsa manus meas, et sigillum meum appono. Non ergo alicui hominum hanc meæ donationis chartam liceat infringere, nec ei ausu temerario contra ire. Quod si quis fecerit, Domino terræ iuxta terræ consuetudinem obnoxius calumniæ teneatur, et hæreditatem, super qua possessores inquietaverit, duplet eis. Facta charta donationis et confirmationis mense Februarij sub Æra M.CC.LXXX, regnante in Portugallia Sancio Secundo.

Em nossa linguagem responde o seguinte:

Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, Amen. Eu a Rainha dona Tareja, filha del Rei dom Sancho primeiro de Portugal, a quantos esta carta virem, faço saber, que sendo informada como a Rainha dona Branca minha irmã, queria fundar um Mosteiro da Ordem dos Frades Prégadores em Coimbra: e desejando que me tocasse alguma parte em tamanho bem, lhe pedi fosse contente, que comprasse eu o sitio, em que se havia de fazer o edificio, e o mais que pera boa vivenda dos Religiosos era necessario. E ella houve por bem conformar-se comigo, e concedendo-me com gosto, e livremente tudo o que lhe pedi. O que visto, comprei logo por meu dinheiro, no lugar que chamão a Figueira velha, as propriedades seguintes. A saber, da Abbadessa, e Mosteiro de Lorvão toda a fazenda que tinha na dita parte por preço de cento e trinta Morabitinos. E a Pedro Munhós Prior da Igreja de S. Pedro de Coimbra, e seus beneficiados, por cento e vinte morabitinos, tudo quanto ahi possuia a dita Igreja. E assi houve do Prior dom Thomás, e dos clerigos de S. Salvador o que ahi tinha a sua Igreja, dando-lhe em troca, e escaimbo tres casais meus em Brase, e outros que comprei a dona Fruila Abbadessa de Cellas por duzentos morabitinos. E porque estas propriedades estavão emprazadas a differentes pessoas, que d'ellas pagavão foro aos

ditos Mosteiros, e Igrejas, fiz nova composição, alem de ter comprado o direito senhorio polos preços acima ditos, com os possuidores, e uso-fructuarios, pera mas largarem, e me deixarem até as casas de sua morada que tinhão feito, dando-lhes por huma, e outra cousa quanto quizerão. E toda esta fazenda assi junta, e livre, e desembargada, tanto que foi minha, a dei, e doei logo no mesmo tempo, aos Religiosos da Ordem dos Prégadores pera effeito de fabricarem n'ella hum Convento polas almas de meus pais, e minha. E a tal doação, que então lhes fiz, ratifico agora, e de novo a confirmo por esta carta. E pera que mais força, e vigor tenha, de minha mão a assinei, e sellei com meu sello. E por tanto nenhuma pessoa intente ou pretenda invalidal-a, nem per alguma via encontral-a; so pena que fazendo-o, fique por atrevimento obrigado a pagar ao senhor da terra, as penas que segundo costume d'ella, se levão aos que falsa, e maliciosamente demandão o que lhes não pertence: e aos possuidores pague em dobro a valia da propriedade, sobre que lhes der molestia. Foi feita esta carta de doação, e confirmação no mez de Fevereiro: Era de 1280 (*responde ao anno de Christo* 1242).

Polo teor d'esta doação, temos por fundadoras d'este Convento duas Princezas. E he bem de considerar a virtude de ambas, e a pouca ambição de cada huma, pois ambas tratavão só do effeito da obra pia, e a nenhuma lembrava a honra ou nome d'ella(*). E he de saber que não era o custo leve pera aquelles tempos. Porque os Morabitinos, como já apontamos outra vez, se erão de ouro, valia cada um quinhentos réis, que assi consta do testamento del Rei dom Sancho Primeiro, que foi pai d'estas infantes. E não devia ser menos contia a que se deu aos possuidores das propriedades, da que levarão os que tinhão o direito senhorio. Mas advirtimos ao Leitor, que, como a Escritura não declara a calidade, e valia da moeda, podião ser estes maravedis de huns que achamos alguns annos despois com nome de maravedis velhos, e sua valia de vinte sete soldos, ou reais brancos. Esta doação está hoje viva no Cartorio do Convento. E por outros papeis que d'elle nos forão mostrados, consta, que começada a obra pareceo necessario comprarem-se mais outros pedaços de terra, e pumares: dos quais huns se pagarão de contado: outros com propriedades equivalentes buscadas, e compradas pera isso: e estas forão as que pertencião ao Bispo, e Cabido, que não quizerão vender a dinheiro:

(*) L. 2. c. 2. Duarte Nunes de Lião na vida de dom Sancho Primeir. f. 65.

e humas, e outras fizerão de custo outros duzentos e vinte cinco morabitinos, os quais devia mandar pagar a Infante dona Tereja.

A conta da Infante dona Branca ficou a obra de pedra, e cal, e todo o mais edificio(*): e como o fazia com devação, e poder: porque el Rei seu pai a deixou igualada com suas irmans, em grossa herança de ouro, e prata, e segundo affirmão alguns historiadores era senhora da cidade de Guadalajara em Castella, creceo a obra tão depressa, que no anno de 1227, havia já Convento formado, com Prior e Supprior. E consta por memorias, que vimos no Cartorio, que era Prior n'este anno hum Frei João, do qual huma dona Elvira, confessa receber tres morabitinos, por rezão de humas arvores que á instancia dos Religiosos cortou em hum quintal seu: e fez contrato, que no tal lugar se não plantarião outras em nenhum tempo, por quanto com ellas se devassava a cerca do Convento. Assi se fica colligindo com clareza, que pois n'este anno estava a casa tanto adiante, de alguns atrás, e não poucos, devia estar principiada. O mesmo se deixa entender da carta da Infante dona Tereja, porque ainda que a data he quinze annos adiante, pola narrativa d'ella se mostra, que houve grande distancia entre o tempo da entrega das terras, e o em que mandou despachar a carta: declarando, que quando as comprara, logo então as dera aos Religiosos, e confirmava agora o que de tempo atrás tinha dado. Confirma esta antiguidade sabermos que residio S. Frei Gil n'esta casa antes que fosse Provincial a primeira vez: e consta-nos, que foi sua eleição no anno de 1233 por morte de dom Frei Sueiro(**).

CAPITULO II

Vida, morte, e milagres do Santo Frei Paio.

Era Coimbra nos primeiros annos do Reino de Portugal como cabeça, e metropoli d'elle. Porque residindo n'ella de assento a Corte, como então residia, o mesmo fazia o melhor, e mais luzido de toda a nobreza, e d'outra gente de calidade. Assi foi este Convento meio de salvação, e remedio de muitas almas, com sua doutrina, e prégações, e exemplo: almas, que as ondas de pretenções, e esperanças vans da Corte costumão trazer esquecidas de si. Tambem nos grangeou pera a Ordem

(*) Duarte Nunes de Lião na vida de dom Sancho Primeiro.
(**) Resende na vida de S. Frei Gil.

muitos sujeitos, que despois a honrarão com virtude, e letras: dos quais houvera muito que dizer, se nos antigos não faltara a curiosidade de escrever; de que sempre nos queixaremos. D'onde nace, que sendo certo que houve n'este Convento, muitos Religiosos dignos de honrada memoria, quasi não teveramos de quem a fazer particular, se nos não dera hum Frei Paio tão abalisado em santidade, que fez escrever os estranhos, primeiro que os nossos (*). Do que podemos inferir que em arvore, d'onde tal fruito se produzio, não podião faltar outros semelhantes. Mas bastar-lhes-ha a elles estarem escritos no livro da vida, se o não ficarem n'este: e a nós, termos em tais irmãos quem de vêras nos procure com sua intercessão, que cheguemos algum dia a escrevermo-nos tambem n'elle.

Foi Frei Paio, filho de habito do grande dom Frei Sueiro, honra pera o filho, mas não menor pera o pai: e temos conjecturas que foi natural, e nacido em Coimbra. E ainda que basta estar sepultado dentro de seus muros, pera grande gloria da terra, maior he ser filho d'ella. Que se Padua em Italia se jacta de um Santo Antonio estrangeiro, e hospede, só porque o tem consigo: e Lisboa faz o mesmo, tendo-o ausente, só porque o deu ao mundo, e o criou em seus ares: muito deve Coimbra a Deos por lhe dar hum tão grande Santo por hospede juntamente, e por cidadão. Cousa he rara, e maravilhosa, que de todos os outros Santos sabemos que o forão, por ouvirmos contar excellencias de sua vida, ou de sua morte; e do presente não temos nenhuma que escrever: e com tudo sabemos que foi grande Santo, e por tal nolo pregoão a boca cheia, quasi todos os estrangeiros que d'esta Ordem escreverão. E não he esta a mais pequena maravilha das que havemos de contar d'elle. Por onde justamente podiamos pedir licença pera perguntar ao Senhor, que o fez tal, que rezão houve, pera que sendo tão liberal pagador de bons serviços, que ainda n'este mundo se preza de responder a cento por hum, assi permittio que ficasse enterrada huma vida purissima, e huma morte santa, que nenhuma fama nem noticia houvesse d'ella. Eu leio, Senhor, de hum Hilarião que vivendo entre selvagens no coração do deserto, ordenastes que os mesmos Demonios o fizessem conhecido em muitas partes do mundo. Leio de hum Aleixo Romano que, peregrinando pobre, e desconhecido pola Syria, huma imagem de vossa sagrada Mãi publicou

(*) S. Anton 3. p. tit. 23. c. 10. M. Lean. Albert M. Seraphin. Razzi Castilho p. l. 2. cap. 58. Marieta nos Santos de Espanha 2. p. l. 12. t. 53.

seu nome. E a hum Paulo primeiro ermitão, embrenhado nas serras da Thebaida despois de cem annos de vida, mandais quem o visite, e lhe faça exequias: Que havemos logo de responder n'este caso, senão que mais mercê fizestes a hum Frei Paio, que a muitos celebrados da terra? Porque sendo assi, que vos agradais muito dos que mais se sabem esconder, e furtar ás lingoas, e favor dos homens, por esta via o quizestes fazer hum Santo unico, e sem igual. E como em vossa Divina palavra não póde haver falta, o que lhe tardastes com mercês publicas na vida, recompensastes na abundancia, e calidade das que lhe fizestes despois de morto. Era Frei Paio, quando veio á religião, entrado já em dias, e conhecido por letras, e virtude. E como tal foi o primeiro Prior do Convento, e ficando em Coimbra morador continuo. Ajudou muito o edificio material com sua assistencia: mas muito mais o espiritual, com a prégação, no qual ministerio sabemos que foi eminente, e incansavel. Faleceo, segundo a conta dos mais dos autores, que d'elle escrevem, polos annos do Senhor de 1257, pouco mais, ou menos. Mas se nos havemos de conformar com a letra da sua sepultura, que adiante poremos, em dezesete annos se enganarão. Foi sua vida, e morte surda, e sem rumor. Achou-se-lhe huma cinta de ferro grossa, e larga, que trazia a raiz da carne. Mas isto de vida penitente, e trabalhada pera aquella idade era cousa tão ordinaria, que em ninguem fazia abalo, e foi enterrado sem mais ruido nem cerimonia, que qualquer dos frades conventuaes. As particularidades secretas de alta perfeição cobrio vivendo com estranha dissimulação, e morrendo, com a sepultura. E quando Deos foi servido desenterral-as, e publical-as, inda não quiz que as alcançassemos mais que em soma, e sem distinção. Elle sabe o porque. O modo foi o que agora diremos. Era falecido de alguns mezes, e enterrado no cemiterio commum. Veio a morrer outro Religioso, mandou-se-lhe abrir cova ao longo d'elle. Andava hum official trabalhando n'ella, presentes a caso alguns frades: e ou que se chegasse demasiado á cova vizinha, ou que profundasse muito a que abria, cahio hum torrão da terra da de Frei Paio. Em caindo, eis que sai d'ella, (caso estupendo, e nunca ouvido) á vista de todos huma nuvem, ou nevoa espessa, que como vapor de muitos thuribulos, que ardessem juntos com cópia de perfumes, se foi levantando, e dilatando, e juntamente recreando os sintidos com tão estranha, e nunca jamais imaginada suavidade, que fez acudir todo o Convento com espanto ao cemiterio. No meio do alvoroço dos frades, e ruido

dos vizinhos que se juntavão, e huns, e outros confessavão a vozes a Frei Paio por Santo, largou o coveiro a enxada, e trabalho, e torna logo carregado de huma moça paralitica, (era filha sua, tolhida havia annos de pés a cabeça), rompe por todos, lança-se com ella na cova que tinha feito. Mas em lhe dando o ar da vizinha, e o cheiro que por tudo recendia, a moça se levantou sam, e salva. E não só tornou por seu pé pera casa, a que viera em braços alheios: mas na mesma tarde pera confirmação do milagre foi, e veio ao rio com sua talha á cabeça, servindo, e acarretando agoa.

A novidade do caso, tanto como esperança de saude arrancou da cama, em que jazia havia dias, muito enfermo, e fraco hum Frade do Convento: e não foi bem chegado á sepultura, quando se sintio com novas forças, e se levantou do lugar com perfeita saude.

Espalhou-se pola terra a fama dos milagres, espertou a todos os que alguma cousa padecião, e todos levavão remedio tão subido, e tão geral, como se buscarão agoa no rio, ou se abrira ali alguma fonte, dantes ignorada, e agora achada. E na verdade fonte era de misericordias divinas, pera honra do servo fiel. O primeiro, que logo despois se aproveitou d'ella, foi hum vizinho do Convento, que em vida do Santo fora seu confessado, e de presente estava cego, por remate de huma forte doença, que despois de muito trabalho padecido, o deixou sem olhos cobrando saude nos mais membros. Fez-se levar ao Santo: lembrava-lhe quantas vezes fiara d'elle os secretos de sua alma, e lhe ouvira, e aceitara seus conselhos: pedia-lhe com confiança, que pois estava tão valido com aquelle Senhor, que tudo podia, quizesse mostral-o em o livrar das trevas, em que vivia, ou por melhor dizer morria. Foi caso de pasmar, que antes de se bulir do lugar, em que fez a oração, se achou com sua vista, como quando a tinha mais perfeita.

Dous homens da mesma cidade estavão afadigados de differentes males: hum apertado de esquinencia, que se afogava sem remedio: outro de febres continuas, que o tinhão no estremo da vida. Não lhes sendo possivel irem pessoalmente á sepultura do Santo, mandarão buscar da terra d'ella: e esta fez o effeito, que cada hum desejava.

Assi como dizemos atrás, que havia no Reino polas cidades, e lugares grandes bairros separados, em que vivia gente de nação Hebrea em sua lei: havia tambem outros, que erão vivenda de Mouros seguidores do seu Mafamede, e ainda hoje conservão o nome de Mourarias. Soando

entre elles a voz dos milagres, fizerão-se levar á nossa Igreja duas Mouras que ardião em febres, mais tentando que confiando. E ambas acharão no Santo a mesma liberalidade, que se forão boas christãs, ambas tornarão sem febre, e sans.

CAPITULO III

Proseguem outros milagres do Santo Frei Paio: com a estranheza do sino fundido com a terra da sua cova.

Forão crecendo os prodigios, assi como acudião os necessitados. Porque nenhum vinha que tornasse frustrado em sua confiança. Começarão então os Frades a buscar por casa peças de vestido do Santo, e outras cousas de seu uso, que ainda havia. Em particular poserão em guarda com respeito, e veneração a cinta de ferro, que lhe tirarão na morte. A qual sendo pedida de algumas partes, fez logo milagrosos effeitos, particularmente em partos difficultosos, pera os quais se foi calificando com as experiencias por remedio tão certo, que desde então até hoje se pede de ordinario. Trazem-na os Religiosos forrada de veludo, e não sae de casa senão acompanhada de alguns. Mas repartindo-se as peças de vestido entre gente devota, he cousa averiguada, que por meio d'ellas foi nosso Senhor servido obrar muitas, e grandes maravilhas. A huma mulher, que perecia de dores de estamago, de humas que matão raivando, em se lhe applicando huma peça d'estas, no mesmo ponto ficou sem ellas. Com o mesmo remedio se provou que forão livres em tempos, e terras differentes sinco homens, atormentados do Demonio, não podendo o enemigo valer-se contra a virtude communicada a hum retalho de pano de hum corpo defunto, e feito cinza. Mas caso maior he o que se segue.

Se he grande mal Demonio no corpo, quanto maior será Demonio na alma? Tanto he maior, quanto he mais nobre a alma que o corpo, e quanto se arrisca mais nos bens espirituais eternos, que em todos os outros. Não se podia persuadir d'esta Filosofia hum pobre homem, que de sua vontade se tinha entregue ao enemigo, e sua companhia o trazia tão esquecido do que se devia a si mesmo, e a sua salvação, que sobre outros males não havia força de rezões, que o pudesse chegar ao santo Sacramento da Confissão. Quando se via convencido, e envergonhado dos

amigos, defendia-se com dizer, que de nenhum modo podia ter arrependimento da vida que fazia, nem contrição de suas culpas, ainda que conhecia que o erão. Apertarão hum dia com elle, e obrigarão-no quasi á força, que visitasse a sepultura do santo, e com a frieza de homem perdido, qual andava, lhe pedisse huma pequena de brandura pera aquelle coração de pedra. Foi sem vontade, e por comprazer a quem o rogava: propoz ao santo com devação alhea, e palavras não suas a necessidade propria: sintio logo a mão do Senhor, e a intercessão do servo: porque subitamente quebrou o bronze da cerviz dura, e rebelde, buscou confessor, e posto a seus pés passou a hum novo genero de contrição. Porque onde d'antes se não podia confessar por secura, e dureza de affeito, agora lhe tolhião a confissão, chuvas e tempestades de lagrimas.

São maravilhosas em alto gráo as maravilhas d'este Santo. E visto como as maravilhas bastão pera conhecermos a grandeza de seus merecimentos, e desejarmos sua intercessão diante de Deos, não ajuntaremos mais que huma, que sobe tanto em calidade sobre as contadas, e sobre muitas que se contão de grandes Santos, quanto tem de estranheza por duravel. A saude dada em huma doença, ou se perde com outra, ou se acaba com a vida. Aqui temos milagre que passando de trezentos annos que succedeo, está hoje tão fresco, tão vivo, e tão visto, como no dia, e hora, em que se fez. Quiz hum Prior d'este Convento fazer hum sino maior que o que servia: chamou mestres, lançarão contas, ajuntou metal, quanto pareceo bastante pera o corpo que se pretendia. Feitas as formas, e posto o metal no fogo, tornou o official sobre si, e achou que se enganara na conta com tamanho excesso, que lhe faltava pera encher a forma, quando menos huma terça parte do que já estava prestes, e derretido. Fazia-se a fundição no Convento. Virão os Religiosos que assistião o mestre alcançado, e confuso: ficarão-no elles muito mais, quando lhes confessou o erro. Porque além do tempo, e feitio perdido, vião-se sem sino velho, nem novo, nem modo com que remedear tamanha falta com a brevidade, que convinha em Convento, que vivia de esmollas. N'esta perturbação foi-se hum dos Religiosos como inspirado do Ceo á cova do Santo, e pedindo-lhe com a efficacia, e sintimento, que o caso obrigava, se compadecesse da pobreza da Casa, em que vivera, e da desconsolação dos Frades seus irmãos, lança mão á terra, e fazendo alforge do escapulario, e levando quanta pode colher n'elle, entra polo meio dos Frades que rodeavão o fogo, arremessa-a sobre o metal, que fervia. Pasma o

fundidor, julgando-o feito por genero de desesperação, ou desatino, grita, queixa-se, acode a remedear o dano, que tem por certo da mistura. Mas eis que pasma de novo, porque vê ir empollando, e crecendo o metal com tanta pressa, e abundancia, que quasi não cabe já no vaso, e saltando de prazer, e espanto, affirma que grande segredo era o d'aquella terra, que seu entendimento não pode penetrar: mas qualquer que seja, não teme já falta no metal, inda que muito maiores forão as formas. E assi aconteceo, porque o sino ficou feito em toda a grandeza do molde, e sobejou cantidade de metal, que pesado pera testimunho do milagre, chegou a duas arrobas e vinte arrates. E consideravão-se no caso duas maravilhas juntas, e ambas mui prodigiosas. Primeira da transmutação de barro em bronze, segunda da multiplicação, e crecimento com tal novidade, que viesse a sobejar muito, onde d'antes faltava muito. O sino está hoje vivo, e são, e serve no Convento, e vem-se nelle claros sinais de obra milagrosa. Porque se lhe enxerga a lugares o metal areoso da mistura da terra: e ao tanger faz hum som notavelmente differente dos outros sinos: polo qual he conhecido por toda a Cidade, representando a quem o ouve, a cada movimento, nova armonia, hora hum tinido muito agudo, e esperto, hora grosso, e grave, hora vario entre hum, e outro: e assi recreando, e espantando faz lembrança de sua origem.

Outra particularidade assaz estranha attribuião os antigos a este sino, que a meu ver era alhea, e não sua. Contão, que em quanto servio na torre do Convento, que forão pouco menos de trezentos annos, assi como se movia, quando o tangião, levava juntamente consigo a torre, e de tal sorte a abalava, e embalava, que logo no pé fazia sinal, e abertura que podia receber o grosso de hum dedo polegar, a qual crecendo em proporção com a altura da torre, vinha a fazer no alto do campanario tamanha inclinação, que a quem a via de fóra causava espanto grande, e a quem a exprimentava em cima fazia medo, e fazia crer que se hia ao chão. Devisava-se mais esta differença em tempo, que o Convento estava em pé, (que, como logo veremos, foi derribado pera se lhe dar melhor sitio), porque havia huma parede muito chegada á torre, com a qual fazia a perspectiva verdadeiro juizo do muito que se alargava d'ella. Huma, e outra cousa vio, e provou o Infante dom Luis, unico no nome em Portugal, e unico em excellencia de condições entre os Principes de seu tempo. Passando por Coimbra de caminho pera Santiago, levado de curiosidade do que lhe contarão, sobio á torre, e mandou dobrar o sino.

Tal foi o cabecear do campanario com pendóres a huma, e outra parte, que lhe pareceo o perigo demasiado: e havendo-o por indigno de sua pessoa, e bastantes pera a experiencia poucos balanços: pera que cessassem, levou da espada, e cortou a corda, que movia o sino.

Quando se tresladou o Convento pera o lugar, onde hoje está, só a torre ficou em pé pera memoria ou d'este prodigio, ou da antiguidade. Não he muito alta, mas o ser de cantaria bem liada, e edificio firme, e perfeito, e sobre tudo muito estreita, e delgada, faz facil de crer poderse abalar sem mysterio, só com o movimento, e peso do sino, como atrás contamos, que acontecia á do Convento de Santarem (*), que foi causa de se derribar, e levantar outra. Se o abalo pendia do sino ser milagroso ver-se-ha como teve torre. De presente serve em huma parede entre casas, e não alta, onde se podem mal notar os effeitos, que descobria o edificio alto, e desacompanhado. As reliquias do Santo se tirarão do baixo, e se levantarão recolhidas em huma caixeta de marmore, ficando de fóra a cabeça, que se mostra aos devotos, e se leva aos enfermos com certeza de curas milagrosas. De presente estão na Igreja do Collegio de Santo Thomas, (de que adiante trataremos), em quanto se não acaba a do Convento. O sitio he a capella mór, e está a caixa embebida na parede da parte do Evangelho: e na face esculpido este letreiro.

Primus huius Conventus Prior morum sanctitate, ac miraculorum gloria insignis Pelagius hic situs est. Obiit circà annum 1240. Por cima parece hum vulto do Santo entalhado em pedra com hum sino na mão por insignia, na basi tem huma letra, que declara o nome de quem mandou fazer a obra, e a causa, que foi hum milagre do Santo em beneficio do Autor d'ella.

CAPITULO IV

De algumas antiguidades d'este Convento, e como foi mudado pera o sitio em que hoje está.

Porque se veja a grande opinião, que havia da santidade d'este Convento, e o respeito, que por toda a parte se lhe tinha, diremos de algumas memorias, que achamos muito dignas de se não deixarem escurecer do tempo. Presidindo na Igreja de Deos o Pontifice Innocencio Quarto cometeo ultimamente ao Arcebispo de Braga, e ao Bispo de Coimbra,

(*) L. 2. c. 3.

que lhe tirassem huma informação do estado, em que se achava o Reino com o governo del Rei dom Sancho segundo, de que havia queixa geral, a que queria acudir, como logo acudio. No breve d'esta commissão dá o Papa por adjunto a dous tão graves Prelados, e em materia de tanto peso, ao Prior de S. Domingos de Coimbra. Os originais d'ella, e das informações se vem hoje no cartorio da Sé de Braga.

Particular devota, e bemfeitora d'este Convento foi a senhora dona Constança Sanches, filha bastarda del Rei dom Sancho primeiro, que aquella idade chamava Infante, e não era o erro grande, quando ás legitimas dava nome de Rainhas. Foi benção d'este Convento ser valido de Princesas, e bom juizo d'esta inclinar-se a huma casa, que toda era feitura de suas hirmans. Mostra-se por seu testamento, que era o Prior seu confessor, e declara sem especificar o nome, que fez o testamento com elle, e lhe pedio o autorizasse com seu sello, como então se usava: e entre os legados he hum de sincoenta livras pera a casa de Coimbra, e trinta pera cada huma das outras, que no Reino havia d'esta Ordem, e não era a esmolla curta pera então. A valia das libras n'aquelle tempo, polo que se pode colligir do que escreve o Doutor Duarte Nunes de Lião (*), era cada huma cento, e sesenta reis, (dizemos n'aquelle tempo porque os passados, e presentes nos insinão alterarem-se muitas vezes as moedas no preço, e valia sem mudança dos nomes.) Faleceo esta senhora no anno de 1269. Está enterrada no Mosteiro de santa Cruz de Coimbra.

No anno de 1360 entrou em Coimbra dom Vasco, Arcebispo de Toledo, e demandando este Convento, n'elle se aposentou, e residio em quanto viveo, que não foi muito. Vinha desterrado por el Rei dom Pedro, o cruel, de Castella, ou fogindo de sua ira. Procedeo com grande exemplo de virtude, e paciencia em seus trabalhos: mas a sem rezão, e desgosto lavrou por dentro, e abreviou-lhe a vida. Faleceo em cabo de dous annos, e mandou-se enterrar no nosso cemiterio. Em hum livro antigo dos Obitos do Mosteiro de Santa Cruz ha huma memoria, que fala d'elle por estas palavras.

Feria secunda sete dias do mez de Março Era M.CCCC. se finou dom Vasco d'este mundo Arcebispo de Toledo, o qual foi inviado do Reino de Castella por sanha del Rei, e chegou á cidade de Coimbra, e fez vivenda no mosteiro de S. Domingos d'esta cidade. (A Era responde aos annos

(*) Duarte Nunes de Lião Cron. dos Reis fol. 131.

de Christo de 1362.) Este Arcebispo, hum mez antes de falecer, sagrou a Igreja grande de S. Francisco, situada da outra banda do rio sobre a margem d'elle: e no mesmo dia sagrou tambem a hum Bispo da cidade de Orense, que he em Galiza, assistindo com elle em ambas as sacras o Bispo de Viseu, e dom Frei Gil, Bispo de Cirendoni, que devia ser titular. Mas he força darmos hum grande salto de annos, pera irmos seguindo o que ha que dizer mais d'este Convento. E temos primeiro a tresladação d'elle pera o sitio, em que de presente tem mais nome, que forma de Convento. Sendo corridos trezentos annos da fundação, vierão a ser tão grandes as enchentes do Mondego, que acontecia de inverno estar o Convento muitos dias feito ilha, e posto em cerco. Seguirão annos invernosos, continuarão, e crecerão as agoas com novo mal, que foi trazerem consigo grande poder de areas, e cegarem com ellas a madre do rio, de maneira, que d'onde antes corria tão fundo, que o sitio do Convento lhe ficava sobranceiro, e senhor, veio a igualar a corrente ordinaria com elle, e a força da agoa começou a lançar as areas por cima das mais altas margens, senhoreando-se do campo, e entupindo cerca, e officinas. E acontecia pola muita abundancia das areas, sobir o rio a tanta altura com qualquer pequena enchente, que não só cobria os campos, e alagava o Convento, mas lançava por cima da ponte. D'onde naceo, que temendo-se ficar brevemente vencida das areas, como já se hia somindo n'ellas, tratou a cidade de fazer com tempo outra, que he a que hoje vemos: e affirma-se que foi direitamente fundada sobre a antiga, de que não temos mais que a fama. E com a podermos chamar nova, vai fazendo já bom testimunho ao que dizemos. Porque acontece em alguns dos arcos terem estreita, e trabalhosa passagem os mesmos barcos, que poucos annos atrás passavão folgadamente á vela. A causa de tanto mal sabida he, e não está tão sem remedio, polo estado a que tem chegado, como por ser negocio publico, porque estes quasi em nenhuma parte do mundo tem hoje emparo ou valedor, Chega a cobiça, ou a multidão, e necessidade dos homens a não deixar palmo de terra, que não rompa. Em tempos muito antigos erão inviolaveis as costas, e ladeiras, que cahião sobre os rios, com medo do que hoje se padece, e como cousa sagrada estava o cargo de se guardarem á conta dos melhores do Reino. Lembra-me ouvir aos velhos, que receberão dos mais antigos, fora este cuidado em hum tempo do Infante dom Pedro, que chamarão da Alferroubeira, pola morte que junto de huma o levou, Prin-

cipe de grande valor, inda que igualmente desgraciado. Faz perder os campos muito largos, e muito proveitosos, o querer aproveitar montes pola maior parte esteriles, ou pouco fructiferos: achão as invernadas a terra bolida, levão-na ao baixo, e ficão despidos os altos até descobrirem os ossos, que são as lageas, e penedias do centro, e assi ficão os campos perdidos, e os montes não dão proveito.

Mas tornando ao ponto, ajuntava-se ao mal dos diluvios, que as agoas de muito tempo encharcadas deixavão o Convento apaulado: e quando com o verão vinha a enxugar, era sómente na face da terra: e ficava do interior lançando vapores, que causavão graves doenças. Vencia-se este inconveniente com a paciencia, e santidade dos Religiosos, á conta de não desempararem hum Santuario, que fora morada de muitos Santos, e era depositario de seus ossos. Obrigava-os juntamente o respeito devido a todos os nobres da cidade, cujos pais, e avós tinhão consigo enterrados. Assi era de ver o cuidado, e amor, com que toda a nobreza, e povo lhes acudia, tanto que as agoas crecião. Porque, como estavão satisfeitos de sua constancia, em se fazendo sinal com o sino, como era costume, não havia homem timido, nem pobre pera os socorrer. Acudião como a competencia na força das tormentas, e muitas vezes com perigo, e reluzia a caridade com esmollas gerais, e tão copiosas, que sobejava provimento na casa pera longos dias, despois de passado o aperto.

Porém, quando veio polos annos de 1540, era já o mal tamanho, e tão continuo, que parecia tentar a Deos assistirem mais em tal casa homens sisudos. Nem os cidadãos, que muito o sintião, duvidavão já em ser força a mudança. Porque sobre os danos referidos, começava-se a sintir outro mais temeroso, que era hir a continuação das agoas socavando, e enfraquecendo as paredes, que de seu não erão muito fortes, e temia-se huma ruina subita. Fizerão relação de tudo a el Rei dom João Terceiro os Prelados maiores. Era pai, e emparo de todas as Religiões, deu sua licença, e esmollas pera a mudança. Pedio-se, e alcançou-se outra no Capitulo geral do anno de 1546 celebrado em Roma, sendo Mestre Geral da Ordem Frei Francisco Romeu. Com esta, sendo primeiro confirmada polo Papa Paulo Terceiro, se fez a tresladação no mesmo anno. Tinhão lançado olhos a hum sitio na rua de Santa Sofia, que se estende até a porta do campo, que chamão do Arnado, e fica todavia no plano da cidade. Agasalhados aqui pobremente, forão logo comprando

mais casas, e chãos, ajudando com muita liberalidade, e largueza o commum, e particulares da cidade: e porque andava já em pratica fundar-se hum Collegio separado do Convento, que servisse só pera os sojeitos, que a Provincia mandasse estudar na Universidade, procurou-se logo tamanha capacidade de sitio, que fosse bastante pera Convento, e Collegio. Valerão-nos muito os Padres do real Mosteiro de Santa Cruz, que por sua grande religião fizerão doação graciosa á Provincia de huns chãos, e casas, que possuião no mesmo posto: com a qual commodidade ficamos com oitenta braças em comprimento ao longo da rua, e d'estas se tomarão pera o corpo do Convento quarenta, e cinco.

CAPITULO V

Do processo do edificio do Convento novo: e da grande virtude, e partes do Mestre Frei Martinho de Ledesma.

Corria a obra de vagar, e com fraqueza, porque faltava braço de Principe, que a tomasse á sua conta, como em tempos passados. O preço das cousas estava por todo o Reino muito levantado, e a Provincia não tinha forças pera suprir tamanha despeza. N'este estado nos acudio o Duque de Aveiro dom João, neto do grande Rei dom João Segundo, e porque não dessemos por de todo acabada a benção tão propria d'este Convento, tomou á sua conta parte da obra. Fora Duque da mesma cidade o Mestre de Santiago, seu pai: estava-lhe bem ter seu jazigo n'ella: escolheo pera elle a capella mór do novo Convento: e ordenou algumas cousas, que sendo de muita piedade Christam redundão em honra, e reputação da casa. Foi a primeira deixar cem mil réis de juro pera tres Missas quotidianas perpetuas. Instituio hum modo de mercearias pera sete clerigos pobres estudarem com doze mil reis a cada hum por anno. Estes acodem todos os dias a dizer sua Missa no Convento, e se lhes dá guisamento na Sacristia. Deixou outra esmolla pera ajuda de casamento de treze orfans, a doze mil reis pera cada huma. Obras verdadeiramente reais huma, e outra: e he administrador d'ellas o Prior.

Era entrado por este tempo na Universidade pera Lente da cadeira de prima de Theologia, o famoso Doutor, e Mestre Frei Martinho de Ledesma, que sendo de nação Castelhano, e filho da Provincia de Castella, se encorporou nesta de Portugal, e foi perfilhado por este Con-

ventô de Coimbra. E como bom filho começou logo a empregar-se em o servir, estendendo o animo a cousas grandes. Por onde ficamos obrigados por dous titulos a tratar d'elle n'este lugar, primeiro por bemfeitor do Convento, cuja historia temos entre mãos: segundo, por filho dignissimo d'elle. Tinha o Mestre Frei Martinho tamanho animo pera cousas do serviço de Deos, e de sua Ordem, que podemos dizer erão espiritos Reais. Porque, se alguma hora se virão estes, engastados em barro de pura humildade, e desprezo proprio, foi n'elle. Sendo mui humilde, e pobre no trato de sua pessoa, e cella, e vestido: e muito chão, e igual com os Religiosos ordinarios em toda a conversação, e modo de proceder: por outra parte nas obras de virtude, subia tão alto com os pensamentos, que quasi n'um mesmo tempo acometeo edificio de dous Conventos juntos. Hum foi pera o Collegio de Santo Thomas, que deixou de todo acabado, e d'elle faremos mais larga menção em seu lugar proprio ao diante: outro pera os Frades, que se mudarão do sitio velho: mas n'este não pode dar cabo, porque emprendeo maior fabrica do que erão suas forças. Tendo feito gasalhado pera os Frades, toleravel pera em principios de casa nova, quiz começar a Igreja. Engana o gosto de edificar, e ás vezes trasporta. E os Mestres de traças, como dispoem de bolsa alhea, folgão de mostrar habilidade propria, e mysterios de architectura. A traça começada a executar obriga a não fazer pé atrás, ainda que ameace impossibilidades. Tal foi a Machina, que fundou em grandeza, e perfeição de lavor, que despendendo n'ella muitos annos o que lhe valia a cadeira, (porque consigo gastava pouco), e sobre este rendimento, que não era pequeno, tudo o que pareceo devia contribuir a casa de Aveiro por rezão da capella mór, cujo edificio estava á conta dos padroeiros: em fim acabou huma vida bem larga, qual foi a sua, sem passar da capella mór. Mas o que ficou lavrado he obra de tanto primor, e custo, que pode competir com as que no Reino são mais louvadas. O marmore he alvissimo, e mui fino, e a falta que tem de menos forte, e duro, do que se requer pera obras, cujo fim he perpetuidade, recompensa bem com a facilidade de se cortar e lavrar: a policia, e delicadeza, e miudeza que se vê no lavor da pedraria parece traçada mais pera pincel em pintura, que pera escopro em cantaria. E faz lastima grande a todos os que vem tal obra, cuidar-se que chegará primeiro a cahir, e acabar de desemparada, que a por-se em estado de prestar, e servir no ministerio, pera que foi começado. Porque, como faleceo quem

lhe deu principio, que ha perto de cinquenta annos, quando isto vamos escrevendo, faltarão tambem mãos, e espiritos pera a proseguir, e as calamidades, e mudanças, que logo succederão no Reino, ajudarão a ficar esquecida. Assi ficou tambem o resto do Convento até hoje, informe, e longe do devido remate, não só de perfeição. A renda da casa escassamente com a Sacristia supre á despesa dos Religiosos. Nos moradores da cidade não falta o animo pio, e caridoso dos annos passados, mas por desgraça commum a muitos lugares grandes do Reino, estão caidos em pobreza, e pola mór parte podem pouco.

Tornando ao Mestre Frei Martinho, de quem devemos tratar como de filho primogenito do Convento novo, e segundo filho de suas obras, pois elle o edificou: tais forão as suas espirituaes, que deixão, (como dizem), a perder de vista todas as temporaes, por muito que fossem sumptuosas, e magnificas. Por obras de espirito contamos as de seu estudo, polas quais em seu tempo era chamado de todos os grandes Theologos poço de letras. Dão bom testimunho seus escritos, com que honrou a Provincia, e toda a Ordem. Imprimio dous volumes sobre o Quarto livro do Mestre das Sentenças, cuja doutrina he mui seguida por solida, e certa: estimada por clareza de resoluções, e repostas doutissimas. Escreveo varios Commentarios sobre toda a Summa de Santo Thomas, como quem a leo, e dictou de cadeira, e não huma só vez polos muitos annos, que teve de vida. Forão obra de muita estima, se acabara consigo vestil-a de termos mais polidos, e melhor frasi. Continuou a lição, e as escolas com tanta constancia, que despois de jubilado não perdoava ao trabalho, e leo quasi outro tanto tempo. E enxergava-se n'elle, que não era respeito de mais renda, ou ambição, e gloria vam, mas só virtude, e bom zelo. Grande virtude pera onde havia tanta sciencia. Muitas puderamos particularizar suas, mas forrar-nos-ha trabalho, e leitura contar hum só acto, em que foi provado, e nos deixou bem provado, que as tinha todas em sua alma, como em tezouro encerradas. Governava este Reino a Rainha dona Caterina na menoridade del Rei dom Sebastião, seu neto: desejava acertar no provimento das prelacias, como cousa tão essencial: chamou Frei Martinho, fez-lhe saber que o tinha escolhido pera Bispo de Viseu, que he huma cidade de sitio aprazivel, e bom rendimento. Respondeo com palavras singellas, que estimava o juizo, mas não a mercê, e constantemente enjeitou a dignidade, honra, e renda, que sem negoceação nem cuidado lhe entrava por casa: antepondo a quieta-

ção de sua alma a todas as grandezas da terra tão suspiradas, e tão ancladas de todos. Viveo despois muitos annos, e faleceo em boa velhice no de 1574, aos quinze de Agosto, foi enterrado na capella mór do seu Collegio, em sepultura baixa, conforme a sua humildade, não a seus merecimentos.

CAPITULO VI

Vida, e morte de dom Frei Vicente da Fonseca, Arcebispo de Goa Primas da India.

Filho d'este Convento foi dom Frei Vicente da Fonseca, Arcebispo de Goa, e Primás da India Oriental. Era natural de Lisboa, e de gente nobre. Tomou o habito muito moço. Pola viveza de engenho, e bom natural, que mostrava, foi mandado estudar no Collegio de S. Thomas. Acabado o estudo, leo hum curso de Artes, e Filosofia em Lisboa, e conseguintemente Theologia. Não ha maior estudo que o de quem lê: esperta muito o juizo a obrigação publica, e faz trabalhar o desejo de agradar. Com huma, e outra lição fez-se eminente Theologo, e não menos eminente Prégador. Tinha grande agudeza nos conceitos, muita eloquencia pera discorrer, graça no representar, nervo, e força pera mover. Por estas partes lhe deu a Provincia o grão de Presentado. E quando foi a jornada de Africa no anno de 1578 entre os Religiosos, que o Provincial Frei João da Silva escolheo, pera o acompanharem, e irem com elle em serviço de seu Rei, que forão dos mais grados da Provincia, foi elle hum. E acompanhando o exercito ficou cativo dos Mouros. Os trabalhos assi como aperfeiçoão a virtude, tambem crião entendimento, e adelgação o engenho. De tudo descubrio muito nelle o cativeiro. Era continuo na prégação entre grande numero de fidalgos, e muitos outros cativos, huns feridos ainda da batalha, outros enfermos dos caminhos, os mais despidos, e famintos, todos desconsolados. O estado triste fazia attenção: animavão-se ao trabalho com a virtude, e paciencia, e boas razões do Prégador, e tratavão todos do Ceo. Mas não era menos ouvido dos Judeos, e de seus Rabinos. Acudião estes a tirar interesse da miseria dos necessitados, offerecendo dinheiro aos fidalgos com excessivas usuras, que o mal presente fazia parecer caridade. De caminho ouvião as prégações, e como de ordinario todos sabem as lingoas de Espanha, porque as conservão des do tempo que d'ella forão

lançados, acudião muitos obrigados da suavidade da pratica. Não se descuidava Frei Vicente da occasião, tentava sua dureza com claros testimunhos das Escrituras, confundia-os, e foi meio de se converterem alguns, vendo-se atados, e convencidos da rezão. Tambem fez tornar em si hum renegado de muitos annos, rico, e casado, e adiantado em honras entre os Mouros. Era já Alcaide, que não ha em Africa mais grandeza em particulares. Chamava-se Ali Raposo, nome composto do Africano, e do Portuguez, d'onde tinha o sangue. A molher se converteo juntamente, e recebeo o santo bautismo, tendo passado por duas leis, primeiro pola de Moyses, porque era Judia de nacimento, despois pola de Mafamede, e nella se chamava Çayda. O Padre Frei Vicente lhe bautizou por suas mãos hum filho. Assi o conta Jeronymo de Mendoça na historia, que escreveo d'esta infelice jornada (*).

Sendo resgatado, e vindo ao Reino, foi ouvido algumas vezes del Rei dom Felipe, que tinha sucedido a el Rei dom Anrique. E por elle foi nomeado por prégador de sua capella, e pouco despois por Arcebispo de Goa, e Primás da India Oriental; pera onde se embarcou nas primeiras náos de viagem, que forão as do anno de 1583. Chegado á India começou a entender no governo de suas ovelhas com muita inteireza, e prudencia, prégando, visitando, e remedeando o que convinha como vigilante, e cuidadoso pastor. Mas atalhou o curso d'este bom procedimento embarcando-se de novo pera o reino intempestivamente. As causas publicas de tal resolução erão, haver-se por obrigado a aparecer em Roma a dar obediencia pessoal, e Canonica ao Summo Pontifice, em conformidade de hum motu proprio promulgado de proximo polo Papa Gregorio Decimo tertio, o qual dispoem, e manda que todos os Bispos a tempos certos fação a tal jornada a effeito de visitar, e venerar as sagradas reliquias dos Apostolos, e reconhecer por suprema aquella Cadeira, e o Pontifice que nella reside por cabeça universal de toda a Igreja Catholica. Mas tinha-se por certo que esta rezão era cuberta de outras secretas, e muito importantes á sua consciencia. E não podião deixar de ser tais as que obrigarão a hum tamanho Prelado a arrepiar huma carreira tão larga, e cançada, e nunca passada sem muitos perigos. Dezia-se por fora que o fizerão embarcar, desgostos pesados sobre jurdição. Faleceo no mar quasi nos ares da patria, em huma paragem que chamão a volta do Sargaço. Suspeitou-se do genero da doença, que fora causada

(*) Lib. 13. f. 110.

de peçonha negoceada na India, por pessoa que se sintira da liberdade de suas reprensões, e se temera que fossem ao diante mais pesadas. He todo aquelle Oriente fertilissimo de simplices contra veneno. De lá vem as pedras de bazár, as de porco espim, os unicornios, e abadas, os cocos de Maldiva, o páo da cobra, e outras. Mas parece-me que lhe devemos por todos mui pouco, porque he muito maior a abundancia dos venenos que cria: e tal a sciencia dos homens em os compor, e temperar, que se affirma ha cozinheiros que os dão pera dias, e mezes, e annos precisos sem errar tiro. E o pior he que recebendo-se sempre na comida, não ha poder atinar com elles comendo, nem val assistencia de ministros que tomem salva ao uso antigo das mezas Reais: porque se não entende o engano se não despois de feito o mal.

CAPITULO VII

Do Padre Frei Thomas Pinto Inquisidor.

A mesma jornada fez, mas com melhor remate, se bem com cargo inferior, outro filho d'este Convento por nome Frei Thomás Pinto. Despois de ter trabalhado muito na Ordem, e alcançado o gráo, e titulo de Presentado, a que se não sobe de ordinario sem suores, e frios de muitos annos, foi nomeado pera Inquisidor da India no tribunal de Goa. Embarcou na náo Santiago por Abril do anno de 1585. Era Capitão mór d'esta viagem Fernão de Mendoça, e hia na mesma náo. Passado com bom tempo o Cabo de Boa esperança (que he a mór difficuldade em ida, e vinda) forão encalhar desastradamente sobre os baixos que chamão da Judia, levados das correntes, e do engano do Piloto. Foi a confusão como em sentença subita de morte, vendo-se embarrados em terra no meio do mar, e sem vista de terra, nem costa por nenhuma parte (novo, e miseravel genero de naufragio.) Ajudou o terror, e desconsolação o ser de noite, e persuadirem-se que não poderião chegar a ver a luz da manham com vida. A gente Christam, e temente a Deos amoestada do perigo, acudio aos remedios santos, e ultimos d'alma. Mas era o povo muito, e confuso, e desanimado: e tanta a pressa que cada homem tinha por se confessar, que houve alguns que desatinados ou com o medo da morte, ou dos peccados começarão a fazer confissões publicas, e em altas vozes. Atalhou-as o Inquisidor, reprendendo, e ro-

gando, e animando (*): e assentou-se no chapiteo com seu companheiro Frei Adrião de S. Jeronymo, e derão-se tão bom expediente ambos, e huns Padres da Companhia de Jesus, que antes de amanhecer estava confessada toda a gente, que passava de quatrocentas e cinquenta almas. E aturou todo este trabalho o Inquisidor com estar juntamente padecendo gravissimas dores de huma ferida, que na mesma noite, e conflicto recebeo na cabeça, de hum aparelho, que cahio da entena, a que por então não soube, nem pode dar outro remedio, mais que cobril-a, e apertal-a com as mãos. E porque não era tempo de buscar alivio, nem descançar, quando cada hora cuidavão ser sorvidos do mar, gastarão o que restava da noite até pola manham em fazer praticas, e animar a gente a se conformar com o que Deos era servido. Entre tanto quietou hum pouco o mar, e o vento, que tudo perseguia os pobres naufragantes, e foi descobrindo a luz do dia aos olhos ao miseravel estado em que estavão. Tratou o Capitão mór Fernão de Mendonça de sua salvação no esquife da náo, e embarcou-se com algumas pessoas de pouca sorte. Procurarão fazer o mesmo no batel alguns fidalgos, e outra gente de calidade. Pera isto poder ser com ordem, e quietação, era necessario tomar as armas a muitos, que d'ellas se tinhão apercebido fazendo conta, que lhe valerião pera alcançar lugar por força em qualquer embarcação, que se ordenasse, quando de grado lhe não fosse dada. Era tão grande o respeito, que entre todos se tinha ao Inquisidor, que só d'elle fiou o Capitão, que foi eleito pera esta viagem, (chamava-se Duarte de Mello), que poderia acabar alguma cousa com os armados. Encomendou-lhe o cargo, e succedeo, como o imaginou. Porque se houve com elles por tão bom termo, que todos se deixarão vencer, e huns entregavão as armas, e outros, que primeiro refusavão, pondo-lhes o Padre a mão, não se atrevião a negar-lh'as. De toda a gente, que temos dito não coube lugar no batel, mais que a cinquenta, e tantas pessoas. Não foi menos importante o cargo, que aqui se deu ao Inquisidor despois de embarcados. Era o mantimento, que se pode ajuntar n'aquelle aperto tão pouco, que se faltara dispenseiro religioso, e prudente, estava certa huma nova, e mais desesperada perdição, qual he a da fome. Este se entregou ao Inquisidor, e da quantidade com que cada hum se contentava, entenderemos o pouco que se meteo no batel pera todos. Era ração do dia inteiro, (chama-lhe a lingoagem do mar, regra, e cabia-lhe

(*) Manoel Godinho Cardoso na relação d'esta náo.

aqui bem o nome pola estreiteza, com que era regrada), tanto biscouto, quanto se tomava com huma mão, e huma talhada de marmelada, que embarcando-se no Reino pera remedio de enfermos, veio a servir de mantimento de sãos: e dava-se mais hum copo de vinho não grande, e muito aguado.

Começarão sua navegação em demanda da costa. Tocou logo novo trabalho ao mesmo Padre, que foi ter espertos os marinheiros, que hião ás escotas da vela do batel: o governo d'ellas importava tanto na nova viagem, que a haver qualquer descuido, tinhão a perdição certa, porque o batel não tinha leme, e só as escotas meneadas com cuidado, e humas pás lançadas por popa, fazião o que o leme havia de fazer, quando o houvera. Mas não havia homem, que deixasse de estar mui alcançado do sono, e necessitado de repouso, polo muito que a todos tevera espertos na náo o medo da morte, e o cuidado do remedio: com tudo em igual necessidade, e trabalho aceitou o nosso P. cortar por si, e vigiar elle, e fazer vigiar os que governavão. Assi navegavão, porém via-se claramente que se fazia pouco caminho, porque o batel de sobrecarregado da muita gente, que levava, não surdia, e segundo o pouco mantimento, que havia, estava certo novo genero de naufragio, se não se dava ordem pera aliviar a embarcação, e se navegar mais espedidamente. Tomou-se conselho: foi a resolução perecerem alguns por não acabarem todos, e executou-se logo. Lançavão olhos ao que parecia mais inutil ou por idade, ou por forças, ou por outras considerações. Mandavam-no subir sobre o bordo, punha-lhe outro as mãos, trabucava, e ficava sumido nas agoas (horrenda, e lastimosa morte.) Assi aliviarão de carga, e pouparão comida.

Mas não se pode deixar em silencio por honra da caridade fraternal o que succedeo n'esta embarcação a dous hirmãos. Cahio a sorte de ir ao mar sobre o mais velho, aparelhava-se pera a execução da sentença: acudio o outro com huma estranha proposta, dizendo que mais rezão parecia morrer elle, que era moço, que não o condemnado, que por mais velho era emparo, e remedio de huma mãi, e irmãs, que ambos tinhão, e tocava a muitos sua perda. Quebrou corações com espanto, e piedade, o valor, e despreso da morte, onde se hia comprando tão caro o fogir d'ella. Mas foi aceitada a rezão, e o partido: e logo lançado ao mar em lugar do irmão: do qual não consta que pera tal Pylades fizesse se quer alguma arremetida ou cumprimento, ou geito de Orestes, mais que com

lagrimas, e palavras tristes, que custão pouco (*). E não he de maravilhar, porque huma boa amizade, qual foi a d'aquelles Gregos, vence a todo parentesco: e na idade presente se acerta haver fineza entre parentes, como aqui vimos, acha-se poucas vezes igual respondencia, inda que seja entre irmãos, e entre pais, e filhos, confórme ao que disse o outro, tanto tempo ha: *Fratrum quoque gratia rara est* (**). Acudio Deos polo bom espirito do moço, deu-lhe forças, e alento pera seguir nadando o barco mais de tres horas, vencendo arrebatadas correntes, e chamando sempre por Jesus, e por sua bendita Mãi: e no cabo d'ellas moveo a piedade os companheiros, e foi recolhido. Justo he que não fique ignorada sua natureza: erão nascidos em Lisboa.

A cabo de oito dias ferrarão terra na costa brava da Etiopia Oriental, habitada de barbaros, gente negra de cor, e de cabello revolto, o nome entre nós he Cafraria. Livres dos medos do mar, começarão a exprimentar os males da terra. E, porque lhes não durasse muito o gosto de se verem n'ella, no mesmo dia se virão salteados de huma nuvem escura de Cafres, e forão todos despojados d'essa pouca roupa, que trazião sobre si, e levados cativos. E o Inquisidor, porque fez resistencia a largar o vestido, obrigado da honestidade religiosa, ficou com duas feridas de azagaia. Aqui padecerão estrema miseria: de fomes desesperadas, de Sol que abrazava de dia, de frio que enregelava, e entorpecia os membros de noite: e chegarão a termos com tal tratamento junto ao quo trazião do mar, que onde pareceo se abria caminho de algum descanço, adoecerão os mais, e morrerão muitos: e tais estavão todos de fracos, e deslapidados, que o Padre Frei Adrião de S. Jeronymo tirou ás costas da prizão, em que estavão, onze defuntos, e por sua mão os enterrou, sem haver homem, que tevesse forças pera lhe ser companheiro no trabalho.

Não he rezão ficar-nos por dizer o meio com que se salvarão outros da náo, porque redunda em honra de Deos, a de sua Santa Cruz, se bem parecia alheio d'esta escritura, e da obrigação, que seguimos. Foi o caso: que apartados da náo o batel, e esquife, como dissemos, entre o povo que ficou a pé quedo esperando a morte, que seria na hora, que a força do mar acabasse de destroncar os membros da cuberta da náo, em que se sustentava, animarão-se quinze ou deseseis homens com o sotapileto,

(*) Cic. de amicit.
(**) Ovid. Metam. 1.

e juntando algumas taboas, e outra madeira o menos mal que puderão, composerão huma jangada, (assi chamão os marinheiros esta junta de madeira sem ordem nem fórma de embarcação.) Saltarão n'ella os aventureiros, parecendo aos que ficavão, que não era mais remedio que dilatar o fim da vida algum pouco, ou ir buscar a morte afastados d'aquelle infelice posto. Nem era maior a confiança dos que se arriscarão. Porque a jangada com peso da gente hia toda por baixo da agoa, e sem nenhum remedio pera tomarem repouso: e o mantimento era huma pera em conserva por dia a cada companheiro, e menos de meio quartilho de vinho temperado com agoa salgada. Desesperada determinação, e que só podia ter remedio bafejada, como foi, do favor Divino. Levava hum dos embarcados ao pescoço huma pequena reliquia do Santo lenho da Vera Cruz, lançou-a ao mar com fé de bom Christão, atada em hum cordel por popa da jangada. Com tal leme forão navegando, ou nadando milagrosamente treze dias, até darem em terra. E porque a fome, e o trabalho, e a dilação do tempo os não fizesse desesperar, quiz o misericordioso Deos mostrar-lhes, que os levava á conta da sua santa Cruz, com huma conhecida maravilha. He cousa certa, que cinco dias antes que chegassem á costa, tanto que se cerrava a noite, os acompanhava huma musica de notavel suavidade, em vozes como de mininos, das quais com distinção se deixava entender o principio, e toada ordinaria da doutrina Christã, que os mininos aprendem, e cantão nas escólas de Portugal: *Todo fiel Christão he mui obrigado a ter devação á Santa Cruz, etc.* Tanto que tocarão terra perderão a companhia dos musicos, e não acharão a Santa reliquia, que ao parecer elles a devião levar. Publicou-se a maravilha, despois que em Moçambique se vierão ajuntar todos os que escaparão da perdição; e o Inquisidor inquirio juridicamente os da jangada, e achou sem discrepar nenhum, que fora cousa certa, e verdadeira: e por tal a publicou, pera gloria d'aquelle bom Senhor, que d'este lenho banhado com sangue tinha n'outro tempo feito barca, e remedio pera salvar o mundo inteiro. E não era muito virem agora Anjos acompanhar com celestial melodia aquella parte d'elle, e consolar, e alegrar os afligidos, que por tal meio buscavão vida, e salvação. O Padre Frei Thomas passou com seu companheiro á India, onde viveo alguns annos servindo seu cargo em Goa, e jaz enterrado no Capitulo do nosso Convento da mesma cidade. Frei Adrião com amor da patria teve animo

pera exprimentar segunda vez os medos do Oceano, e nella veio a lograr o resto da vida.

CAPITULO VIII

Do grande cuidado, e solemnidade, com que na cidade, e Convento de S. Domingos de Coimbra, se celebrão as festas do Santo Rosario. Referem-se dous milagres succedidos de proximo por intercessão da Virgem.

Ainda que em todas as terras grandes deste Reino, e principalmente onde ha Conventos da Ordem de S. Domingos, he servida com particular devação no titulo do Santo Rosario a Virgem mãi de Deos: a cidade de Coimbra de alguns annos a esta parte se tem avantajado em a venerar, e festejar com grande estremo, procurando todos os estados, e calidades de gente, como á competencia, ter parte em seu serviço. Assi está a Confraria rica de prata, e ornamentos, e acompanhada sempre dos melhores da terra, e as festas são celebradas com pompa, e gastos extraordinarios. Do que a Virgem sagrada, como fonte, que he de piedade, mostra agradar-se recompensando taes obras com beneficios, e favores, que faz á terra, e a seus contornos, obrando a meudo claros, e patentes milagres, que são causa de se acender de novo a devação: e a Senhora tambem se obrigar a lhe procurar, e alcançar de seu bemdito filho novas misericordias. E, porque o encubrir as mercês do Rei, além de ser ingratidão de quem as recebe, he tambem offensa, que se faz á sua grandeza, e parece hum genero de opposição, e encontro á corrente de sua liberalidade: faremos relação n'este lugar de dous milagres, com que de fresco tem mostrado esta Senhora, que não engeita os bons desejos dos grandes, e ricos, nem os humildes rogos dos pobres, e pequeninos. Será isto huma offerta de animos agradecidos feita de parte, e em nome da mesma cidade, pois outro serviço lhe não póde fazer a nossa penna, visto como pera com Deos he officaz oração, e petição o saber-lhe render as graças de seus beneficios quem os recebe: e ainda com o mundo he arte de pedir, e manha de grangear, hum encarecido agradecimento. Mas não me culpe ninguem de escrevermos só dous milagres, quando são muitos, e muito averiguados os que se contão. Porque a pureza, e verdade da historia, que seguimos, não admite mais, que aquelles que achamos aprovados polo Ordinario, como são estes dous, e como puderão ser outros muitos, se houvera n'elles o mesmo cuidado.

No anno de 1614 cahio a festa, que chamão da Rosa, que se costuma fazer em Maio aos vinte sinco do mez. No mesmo dia sucedeo, que hum Antonio João, official pedreiro, conhecido por homem bem acostumado, e de bom viver, teve huma briga acidental com outro homem, no terreiro de santa Cruz. Da qual resultou fazer-lhe o contrario tiro com huma grande pedra, que colhendo-o em cheio no meio dos peitos, foi tamanha a impressão, e abalo, que dentro sintio, que se deu por morto, e foi correndo ao Collegio de Santo Thomas pedir confissão. Devia ser devoto de nossa Senhora do Rosario, pois havendo em meio outros mosteiros, passou por todos a buscar o dos seus Frades. Entrando no collegio, lançou-se no meio do Geral da Theologia, que achou aberto, com a respiração tão apertada, e a voz tão debil, que julgarão os Padres que morria. Perguntado polo mal, que trazia, contava que huma pedrada, não de mão de homem, nem de Gigante, mas disparada a seu parecer de huma bombarda, lhe dera sobre o peito, e lhe tinha quebrados, e moidos todos os ossos dentro, segundo o que em si sintia. Descobrirão-lhe os peitos: fazia fé ao que dezia grande elevação cuberta de nodoas negras, sinais da bataria, e contusão da pedra, e nella tamanho sintimento, que não sofria chegar-se-lhe com a mão. E era indicio de maior dano, e dano interior, que pola boca, e narizes lançava sangue. Como foi confessado, acudio-lhe hum Padre com humas rosas bentas d'aquelle dia, dando-lhe humas a beber com agoa, lançando-lhe outras polo pescoço, e peitos. Na mesma hora, á vista de muitos padres, que o acompanhavão, tornou em si, como se sahira de algum grande acidente, levantou-se sem pena, e alegre, dizendo que estava são, e que vira a Senhora d'aquellas rosas com hum rosario de contas na mão, (erão palavras formais do ferido), que lhe queria ir dar graças á Igreja. Espantados os Religiosos de tamanha novidade, e tão subita convalescencia, porque em sinal d'ella batia nos peitos com muita força, onde d'antes não consintia tocar-lhe levemente a mão, quizerão ver-lhos de novo, e acharão toda a inchação abatida, e o que não podia ser em instante sem milagre, as nodoas, e pisaduras desaparecidas, como se nunca as tevera, e são de todo se foi da Igreja pera sua casa, que tinha na rua nova, freguezia de Santa Justa. Forão testimunhas do trabalho, e afflição primeira, e da saude, que logo seguio, todos os Frades Collegiais, e por lhes parecer o milagre famoso tratarão, que se autenticasse. Feitas as diligencias diante do Bispo dom Afonso de Castelbranco, elle o deu por

verdadeiro por seu despacho, publicado em quatro de Dezembro do mesmo anno, com licença pera se poder prégar ao povo.

De tiro do Ceo, e mão invisivel estava chegada ás portas da morte na mesma cidade huma Anna João, molher de Manoel Fernandes, hortelão da freguesia de S. João de santa Cruz. Era o mal esquinencia de tão má calidade, e tão grossa inchação interior, que nem agoa podia passar pera baixo: e bastava a falta de mantença pera a matar sem os accidentes da infirmidade. Assi falava já tão mal, que quasi ninguem a entendia. Erão passados sete dias sem melhorar, desconfiarão o Medico, e Cirurgião: e dando-a por morta, mandarão, que se lhe acudisse com o Sacramento da unção, e não tratarão da santa Communhão, polo respeito que dissemos da oppressão da garganta. Foi ungida hum Sabado onze dias do mez de Maio do anno de 1619. Era ao Domingo a festa da Rosa. Disserão-no á enferma algumas pessoas, que a vigiavão, como a quem morria, lembrando-lhe que n'aquella hora se estava fazendo a festa de Nossa Senhora do Rosario; que se encomendasse a ella, que poder tinha pera lhe valer em todo aperto. Levantou ella os olhos a hum retabolo da Virgem, que tinha defronte pendurado na parede, e falando com o coração, e com o geito dos olhos, e sembrante, porque a lingua estava presa, e impossibilitada, encomendava-lhe sua necessidade com muita fé. Não dilatou a Senhora suas misericordias a tal oração. Repentinamente arrebentou a postema, e lançando-a diante de todos pola boca, ficou tão viva, e senhora das operações de são, que logo falou claramente, e comeo com gosto. E pera que se visse ser a saude milagrosa, aconteceo caso igualmente espantoso, e foi que a pobrezinha tinha huma criança de peito, quando adoeceo: e porque logo se lhe secou o leite, estava já fora de casa. Mas na hora que a Senhora foi servida dar-lhe saude, como ella não faz mercês de meas, senão em tudo perfeitas, tornou-lhe juntamente o seu leite, e com tanta abundancia, que se mandou buscar a criatura pera lhe despejar os peitos. Estava o milagre patente: pareceo rezão calificar-se juridicamente, perguntarão-se testimunhas, foi huma o Medico, que jurou lhe não passara pola mão, despois que curava, doença tão perniciosa: nem vira saude mais milagrosa. Assi foi julgado por certo, e verdadeiro milagre por sentença do Doutor João Pimentel, Vigario geral do Bispado em Sede vacante aos cinco de Outubro do mesmo anno de 1619.

CAPITULO IX

Da origem, e principio do Convento da cidade do Porto: e das cousas que houve pera se aceitar pola Provincia

He o Convento da cidade do Porto terceiro em tempo, e ordem de antiguidade dos que temos em Portugal: mas o primeiro, que foi pedido por conselho, e decreto de Bispo, e Cabido no Reino. E redundando isto em honra da Religião, não são de menos importancia pera o credito dos filhos as razões, porque se moverão a pedil-o. Reinava em Portugal havia quatorze annos dom Sancho Segundo, por morte de Affonso Segundo seu pai, que faleceo no de 1223 como atrás mostramos: e procedendo em seu governo com o descuido, e froxidão que dissemos, e largando toda a administração dos negocios nas mãos de poucos homens depravados nas consciencias, infieis ao Rei, que os honrava, inimigos da Republica, que os soffria, acabou-se de entender por toda a terra a falta da cabeça, e o desmancho dos que a governavão: que o Rei não era senhor de si, que os privados não erão já privados com sojeição, se não absolutos mandadores com imperio, e superioridade: e começarão, como he ordinario, a crecer vicios, e maldades por todo o Reino, e a desaforar-se viciosos, e insolentes por todas as cidades, e terras grandes: cometião-se violencias publicas contra grandes, e pequenos, contra seculares, e Ecclesiasticos, nenhuma se castigava. Nem havia justiça, nem quem se atrevesse a faze-la. Porque os aggressores procuravão ter hum amigo em casa dos validos, e isso bastava pera absolvição, e segurança, e pera cometterem novos insultos. E os validos tinhão por razão de estado sustentar os atrevidos, e desalmados, pera com elles como gente sua se fazer respeitar, e temer. Não faltavão homens de bom espirito, que sintião o mal, e dezejavão atalhal-o: mas a huns fazião anteparar interesses proprios, em outros não havia brio pera cortarem polas dependencias, que tinhão com os que mandavão, ou por rezão de sangue, ou de amizade. Outros mais livres, que se atrevião a chegar a el Rei, e propor-lhe sem rebuço as desordens, e falta de justiça, erão bem ouvidos, em quanto fallavão: passada aquella hora, ficava tudo como dantes. Porque, se bem era capaz, e docil pera entender o que se lhe dezia, nenhuma força tinha pera executar o que entendia. Assi forão cre-

cendo, e encapellando mares de miserias, e calamidades em tanto extremo, que d'ellas mesmas veio a arrebentar o remedio, chamando o Reino ao Conde de Bolonha pera restaurador d'elle, como deixamos contado. Mas, emquanto este se não buscava, por ser commum de todos, e por isso muito vagaroso, procurava a gente zelosa acudir em particular cada hum em sua cidade com os meios, e cura, que o bom discurso offerecia, e sua posse abrangia. Isto aconteceo ao Bispo da cidade do Porto dom Pedro. Sintia com zelo, e animo de bom Pastor as desaventuras que a cada passo lhe ferião as orelhas, e alma, e muitas vezes os olhos, sem as poder remedear: imaginou que poderião ser de proveito em meio de tanta devassidão, e maldade os exemplos vivos de virtude, e santidade, que florecião nos Religiosos de são Domingos, e se publicavão por toda a parte com louvor, juntando-se com sua prégação, e doutrina em que se sabia, erão continuos, e incansaveis. Communicou o pensamento com seu Cabido, pareceo a traça acertada polo que tinha de respeito ao Ceo, porque só as tais são o verdadeiro antidoto dos males da terra. Havia novas, que n'aquelle anno, (entrava o de 1237), celebravão os nossos Frades Capitulo Provincial na cidade de Burgos, e era Provincial o Santo Frei Gil conhecido por natural do Reino, e por fama de suas virtudes, que erão já mui notorias. Ajudou tudo a se darem pressa em despachar quem fosse a elle com o requerimento. Achou-se o messageiro a tempo em Burgos, e encaminhado polos Frades deu sua carta no Diffinitorio: a qual sendo n'elle aberta, vio-se que continha o seguinte:

Venerabilibus viris et in Christo charissimis Priori Prouinciali, et Diffinitoribus, totique Capitulo fratrum Prædicatorum Burgis celebrando, Petrus Dei miseratione Portuensis dictus Episcopus finalem in Dei seruitio perseverantiam cum salute etc. Vergente ad occiduum die, quando inualescente iniquitate, non iam multorum refrigescit, sed potius extinguitur charitas: nec poterit ignis ille, quem venit Dominus in terram mittere, vt vehementer ardeat, sine Divini verbi flabello vllatenus reaccendi. Ideò nostris temporibus non dubitamus Ordinem vestrum Dei prouidentia suscitatum, per quem Dominus infrigidatos malitia ad sui amoris incendium reuocaret. Quanta igitur præ cæteris Portugallensibus locis, tam in nostra Diœcesi, quam Bracharensi, et etiam Lamecensi, quæ à vestrorum Fratrum consolatione non modicum sunt remotæ, malitia inundauit, vo-

bis nullatenus sufficimus explicare. Insurrexerunt enim prædones innumerabiles, qui Deum non timent, nec Deum reuerentur, qui de Monasterijs et Ecclesijs, solius Dei cultui deditis, speluncas latronum efficiunt, nec non claustra pugnantum, stabula iumentorum, prostibula meretricium: direptisque tam clericorum, quàm agricolarum, et etiam religiosorum possessionibus, possessores ipsos contra altare crudelitùs trucidantes, vel cum clericis comburentes, à facto tam execrabili nec admonitionibus, nec excommunicationibus cohibentur. Quis non doleat quosdam paruulorum ab vberibus matrum auulsos gladijs trucidari, allidi scopulis, quosdam submergi fluminibus, nisi a spoliatis parentibus prece, vel alio quantulocunque pretio redimantur? Quis nom horrebit puellas antes annos nubiles violenter abrumpi, et in Ecclesijs plurimorum ex nefandorum hominum libidinosa frequentia expilari: Intuentes igitur cum Salomone hæc mala quæ fiunt sub Sole, calumniasque pauperum, et lacrymas innocentium, et consolatorem neminem: nec posse resistere malorum violentiæ cunctorum auxilio destitutos: dignum duximus, de Capituli nostri consilio, et assensu plantare Conuentum vestri Ordinis in loco nostro ad cooperationem salutis animarum, et solatium afflictorum: credens fratrum vestrorum præsentia cum Dei gratia non modicum nostris partibus profuturum. Damusque vobis in bono loco Ecclesiam consecratam cum domibus in quadro ad modum claustri constructis, et spatium satis latum ad habendum hortum, et ad officinas alias construendas. Vestram igitur, de qua planè confidimus, rogamus in Domino charitatem, quatenus amore Dei, et nostri, et salutis animarum intuitu, ad iam dictum Conuentum construendum, fratres quos nobis videritis necessarios, qui virtute verbi Dei valeant mala supradicta irrumpere, nobis dignemini destinare. Parati enim sumus, dante Deo, semper eos in ijs quæ potuerimus adjuuare, et ob dilectionem, quam semper erga vestrum Ordinem habuimus, vberius confouere. Orate pro nobis, et valete.

Foi lida a carta com attenção e ouvida do Provincial Portuguez com abundancia de lagrimas, lastimado não menos dos males de sua patria, de que tinha bastante noticia, que de os ver publicados por terras estranhas. Pareceo a todos os Capitulares, que se devia satisfazer com effeito, e brevemente ao requerimento: pois eramos chamados de hum Prelado, e de huma Cidade das mais importantes do Reino, onde se podia fazer muito serviço a Deos, que era o maior interesse da Religião.

E assim se deu por reposta ao messageiro. A carta declara as infelicidades d'aquella idade melhor, que todas as Chronicas. E porque se veja a rezão, que o Reino teve de buscar valedor contra ellas, irá em vulgar, e he a que se segue:

Pedro por mercê de Deos chamado Bispo do Porto, aos veneraveis varões, e em Christo carissimos o Prior Provincial, e Diffinidores, e a todo o Capitulo que está pera se celebrar na cidade de Burgos: saude, e em serviço do Senhor perseverança até o fim. Cerrando-se já o dia do mundo, e estando quasi no cabo: pois com o poder, e forças que a maldade tem tomado n'elle, não só se esfria a caridade de muitos, mas de todo se vai perdendo, e apagando: e não se podendo esperar que aquelle fogo, que o Senhor veio pegar na terra, se torne a acender, pera que com vehemente ardor abraze as almas, se não for avivado, e abanado com o ar, e assopros de sua santa palavra. Por isso assentamos, e temos por certo que criou, e levantou a providencia Divina a vossa Ordem em taes tempos, pera por meio d'ella tornar a inflammar em seu amor aquelles, que a malicia do peccado traz enregelados, e amortecidos. Assi não ha palavras que possão bem declarar o muito, que tem crecido os excessos, e desaforamentos, mais que em todas as partes de Portugal, n'este nosso Bispado, e nas Comarcas de Braga, e Lamego, terras onde se vive longe do trato, e consolação dos vossos Religiosos. Podemos dizer, que vai tudo cuberto de enchentes de peccados. Porque andão levantados infinitos salteadores, que sem temor de Deos, nem respeito dos homens, fazem dos Mosteyros, e Igrejas dedicadas ao culto, e serviço de hum só Deos, covas de latrocinios, castellos de soldadesca, estrebarias de suas bestas, casa publica de molheres infames, e perdidas. E saqueando os casaes, e fazendas dos clerigos, e lavradores, e até dos Frades, matão á espada os mesmos caseiros diante dos altares, ou os queimão com os Clerigos. E não bastão pera refrear tamanhas exorbitancias nenhumas diligencias Ecclesiasticas de monitorios, e escomunhões. Quem poderá ouvir sem muita dôr, que chegão a arrebatar as crianças dos peitos das mãis, e humas passão de estocadas, outras arrebentão nos penedos, outras afogão nos rios, se os pais despois de roubados de todo não acodem a resgatal-as com alguma cousa de valia, por pouca que seja, ou com lagrimas, e rogos? Quem não ha de tremer, e pasmar de não valer ás moças serem quasi mininas, e muito longe dos annos de

casar, pera escaparem de ser com barbara violencia forçadas, e dentro das Igrejas afrontadas por muitos homens juntos em alcateas á execução de tão enorme, e bestial sensualidade? Todos estes males passão entre nós, e á nossa vista, e vendo sobre elles injurias de pobres, lagrimas de innocentes, e nenhum consulador, como se queixava Salamão: e sobre tudo não sermos poderosos pera resistir á força maior da gente danada, e perversa, por estarmos de todo ponto desemparados de quem nos possa valer: pareceo-nos acertado fundar n'esta nossa Cidade hum Convento da vossa Ordem, assi pera termos n'elle coadjutores no que cumpre á salvação das almas, como a consolação, e alivio dos atribulados. Pera o que houvemos primeiro conselho, e beneplacito do nosso Cabido: tendo por certo que com a graça do Senhor nos será de muita utilidade espiritual n'estas partes a presença, e companhia de tais Religiosos. E desde logo vos offerecemos huma Igreja já sagrada, e em bom sitio, acompanhada de humas moradas de casas edificadas em quadro a modo de claustro, com hum pedaço de terra bem largo, em que haverá lugar pera fazer officinas, e prantar horta. Por tanto pedimos a vossa caridade em o Senhor, na qual estamos confiados: que por seu amor, e nosso, e polo que toca á salvação das almas, hajais por bem mandar-nos logo os frades, que vos parecerem necessarios pera ordenarem o Mosteiro: e que sejão pessoas de tal valor, que com o poder, e armas da palavra de Deos se possão oppor, e fazer guerra aos males, que temos dito. Porque de nossa parte estamos prestes com o favor Divino, pera os ajudar em tudo o que pudermos, e os agasalhar com muito amor, polo que sempre tevemos a esta Ordem. Encomendai-nos ao Senhor, que vos guarde, e dê saude.

CAPITULO X

Dos Religiosos que forão mandados fundar o Convento do Porto. Da-se conta dos muitos favores, que o Bispo lhes fazia. E como despois mudou parecer, e das rezões que pera isso teve.

Nomeou o Diffinitorio pera esta fundação dous Religiosos, de cujas partes havia experiencia que satisfarião bastantemente á tenção pia, e santa do Bispo, e Cabido, e á obrigação de quem os mandava. Erão Frei Gualtero, e Frei Domingos Galego, que partirão logo, Esperava-os o Bispo, e toda a Cidade com alvoroço. E, quando chegarão, forão recebidos

com festa, e hospedados com amor, e largueza: e logo se lhes deu posse da Igreja, casas, e chãos polo Bispo offerecidos. Começarão a prégar, e confessar, ensinando nas horas vagas a doutrina Christã em casa, e polas ruas, e juntamente entendendo na fabrica, e ordem do Convento. Era o trabalho grande, e como a duas mãos: encaminhando, e dando traças no temporal, e não largando o espiritual. Mas aliviava a fadiga ver que se edificavão todos os bons, e os que d'antes andavão soltos, e descompostos se começavão a reprimir, e entrar em si: de sorte que obrando Deos por mão de seus servos, dentro de poucos mezes se vio notavel mudança nas vidas, e costumes. E acudindo, como houve gazalhado mais religiosos, corrião aos logares vizinhos, e aproveitavão muito em todo genero de gente. Alegrava-se o commum da Cidade, e agradecia a seu Prelado a vinda de tais hospedes. E elle com desejos de que tevessem em breve casa feita, mandou publicar por todo o Bispado huma provisão em recomendação dos Frades, e de seu Convento, concedendo graças, e indulgencias aos que de alguma maneira ajudassem a obra d'elle. Esta poremos aqui de verbo ad verbum tirada da propria, que se guarda no Cartorio da casa, e tambem irá traduzida em vulgar. Porque convem assi, respeito das alterações, que logo seguirão. A Latina diz assi.

Petrus Dei patientia Portuensis Episcopus, omnibus tam clericis, quam laicis in Portugallensi diœcesi salutem, et bonis operibus abundare. Noveritis nos Fratres Prædicatores ad morandum in civitate nostra de Consensu, et voluntate Canonicorum, et omnium ciuium Portugallensium recepisse, credentes ipsos vtiles, et necessarios corporibus, et animabus degentium in ciuitate, et in Episcopatu nostro. Vnde cum prædicti Fratres nihil habeant, nec possint sine meo iuuamine, et vestro Ecclesiam, et domos sibi necessarias construere, vniuersitatem vestram rogamus, atque in remissionem vestrorum vobis iniungimus peccatorum, quatenus tam in lignis colligendis, quam etiam in lapidibus ducendis operi prædictorum fratrum necessarijs vos exhibeatis propitios, et deuotos iuxta illud: Sibi ædificat, qui domum Dei ædificat. Nos igitur de Dei misericordia plenissime confidentes, omnibus, qui sibi fideliter in lignis colligendis, et lapidibus ducendis, vel ibi proprio corpore laborauerint per vnum diem, vel operarium miserint loco sui, quadraginta dies de iniuncta sibi plenissime pœnitentia misericorditer relaxamus. Atque in hunc modum qui operi prædicto et Fratribus plus boni fecerint, plus mercedis accipient et coronæ, Datum

Portugalliæ sub Æra M.CC.LXXVI. die sexto mensis Martij. Ualeat usque ad duos annos.

A Portugueza he

Pedro pola paciencia de Deos, Bispo do Porto, a todos os moradores d'este nosso Bispado, assi Ecclesiasticos, como seculares, saude, e acrecentamento em bem fazer. Sabereis que nós recolhemos n'esta nossa Cidade pera morarem n'ella aos Frades Prégadores com consintimento, e gosto dos Conegos, e de todos os Cidadãos, tendo por certo que sua companhia he necessaria, e ha de ser de proveito temporal, e espiritual pera todos os moradores da cidade, e Bispado. Pola qual rezão visto como os Religiosos não possuem nenhuma cousa de proprio, nem podem compor sua Igreja, e fabricar as casas, de que tem necessidade, sem vossa, e minha ajuda, rogamos-vos a todos, e em remissão de vossos peccados vos encarregamos, que mostreis com elles facilidade, e devação, assi em os ajudar a cortar, e ajuntar a madeira, como no carreto da pedra necessaria pera a obra, conforme aquillo: Pera si edifica, quem a Deos faz casa. E por tanto confiando nós plenissimamente na misericordia de Deos a todos aquelles que fielmente lhes acudirem no colher da madeira, e carregar da pedra: ou lhes derem por si, ou por outrem hum dia de trabalho na obra, concedemos quarenta dias de perdão das penitencias que lhes forem impostas. E a este modo sejão certos que os que mais favorecerem tal obra, e a quem a faz, mais premio receberão, e maior coroa. Dada no Porto a seis de Março da Era de Mil e duzentos e setenta e seis (*responde aos annos de Christo de* 1238). Valha por tempo de dous annos.

He a gente d'esta Cidade geralmente dotada de honradas calidades, pia, devota, liberal e bem inclinada. E na nobreza he maior a ventagem, quanto mais se adianta no sangue. Assi pera a Cidade foi pouco necessaria a amoestação do Prelado. Porque se a liberdade do tempo trazia alguns desconcertados na vida, fazião por honra, e brio, o que outros por virtude: e não faltava nenhum em acudir á Casa de Deos segundo sua possibilidade. Faz muito ao caso em toda a materia o exemplo dos nobres. Valeo este no resto do Bispado, junto com a recomendação do Bispo, pera procurarem muitos ter merecimento na obra. O Bispo tambem não contente com o que tinha dado aos Padres como

Prelado, quiz entrar á parte como particular. Possuia huns chãos de seu patrimonio, que partião com o sitio, fez-lhes doação d'elles pera se alargarem. Assi podemos dizer d'esta Cidade, que como do nosso Convento de Coimbra forão fundadoras as duas Princezas, filhas del Rei dom Sancho Primeiro: da mesma maneira o foi ella d'este: começando o braço Ecclesiastico, e seguindo o secular.

Mas he grande a inconstancia, e fragilidade da natureza humana, pera que a boca cheia, demos por acertada a sentença: *Maledictus homo qui fidit in homine* (*); e pera que só em Deos fiemos. No meio d'estes fervores, ou fosse que o Clero entrasse em ciumes das grossas esmollas que corrião ao Convento, e julgasse de algumas, que começarão a entrar por enterros, e benesses, e legados de testamentos, (como na terra não ha mais Freguezia que a Sé), que tudo o que hia pera os Frades, era como agoa furtada á erdade dos Clerigos: ou fosse enveja do enemigo comum, que sintia ser lançado da jurdição, e posse pacifica de muitas almas, com os brados da prégação, e doutrina dos Religiosos, e adivinhava maior perda pera o diante: ou tudo junto: creceo em tanto grão o fogo da desconfiança do que vião, que parou em hum incendio que mostrava sinais de se não apagar com nenhumas forças. E sendo assi, que a qualquer homem do povo saem cores ao rosto, se diante d'outro nega a palavra, ou troca parecer ainda em negocio muito desarrezoado: neste que era Santo, e todo de Deos, pode tanto o medo do dano imaginado, ou a tentação de Lucifer, que não duvidarão Conegos, e dignidades, e todo o Cabido junto, gente conhecida por virtuosa, e prudente, tornar atrás com tudo o que tinhão concedido, dado, e doado, e pondo nota sobre si de pouca constancia, chamarem-se enganados em cousa de comum conselho acordada, e decretada. O primeiro ponto que derão no negocio foi mandarem embargar a obra, que corria no Convento. Suspensos os pobres Frades com o embargo, parecco que acharião emparo no Bispo, como em quem fora o primeiro autor de sua vinda, e o que mais os tinha favorecido, e em fim feito o Convento cousa sua, com lhe ter lançado a primeira pedra. Mas acharão-se enganados. Porque saindo de casa o Prior, e outro frade pera se irem valer d'elle, derão de rosto na portaria com hum Notario Apostolico, que de sua parte lhes notificou que em seu Bispado não prégassem, nem confessassem, nem celebrassem Missa, nem outro officio Divino. Foi grande o escandalo, que toda a

(*) Jerem. 17.

Cidade recebeo, e principalmente a nobreza, mostrando-se mui sentida do aspero termo, com que se procedia com gente buscada, e chamada, gente que a ninguem offendia, e a todos edificava. Juntarão-se muitos, e tomarão á sua conta o edificio, como se tocara a cada hum d'elles, e nada aos Frades. E fizerão que corresse adiante, assistindo com suas pessoas, e fazendas, e animando aos Religiosos, que não sabião, que conselho tomassem affligidos, e desconsolados de verem nacer a persiguição d'onde esperavão o remedio. Mas não parava o Inferno em assoprar as brasas da discordia, pera que se visse que era sua a maior parte d'ella. Vendo o Clero o concurso, que havia dos cidadãos no Convento, e como lhe acudião com nova liberalidade, fazem relação ao Bispo, que não foi vagaroso em fulminar censuras, e pôr interdito contra todos os que dessem favor, ou ajuda, ou conselho pera se continuar a obra. Então ficarão os Frades postos em cerco: vendo-se privados de todo remedio divino, e humano, que na terra havia, tornarão-se a Deos: pedião-lhe com continuas orações, e sacrificios abrisse os olhos a seus persiguidores, pera que não errassem contra elle, e contra si mesmos. Offerecião-lhe aquella tribulação, e afronta, que só por elle padecião, e polo amor dos proximos, cujo serviço vinhão procurar n'aquelle lugar, sem nenhum interesse proprio d'elles Religiosos. Por outra parte como gente exercitada em materias do espirito, alegravão-se no trabalho, fazendo conta, que alguns bens antevia o Demonio haverem de sair d'aquelle Convento pera gloria de Deos, e remedio dos homens, pois com tanta semrezão estorvava o edificio, semrezão totalmente indigna da virtude, e bom entendimento do Prelado, que a fazia. Assi discorrendo, e sofrendo com silencio, e constancia, e sem se ouvir de suas bocas palavra de impaciencia, esperavão reclusos o remedio do Ceo, avisando de tudo ao Provincial, e sojeitando-se a suas ordens.

CAPITULO XI

Buscão-se intercessores poderosos por parte do Convento: não valendo nada, queixão-se os Frades a Roma. Comete o Summo Pontifice ao Arcebispo Primás que os desagrave.

Entre tanto erão muitos os que procuravão alcançar do Bispo, e Cabido algum meio de paz. Por huma parte trabalhavão alguns velhos dos

mais nobres, e autorizados da Cidade, obrigados de instancias de todos os mais. Por outra o Provincial, que era o Santo Frei Gil, desejando escusar queixas, e litigios, pedio á Rainha dona Mafalda, tia del Rei dom Sancho Segundo, irmã de seu pai, quizesse interpor sua autoridade em pacificar o Bispo com os seus Frades. O mesmo pedio ao Arcebispo Primás de Braga dom Silvestre. Fizerão-se por todos diligentes, e apertados officios com o Bispo, e Cabido. Mas aconteceo o que he ordinario em todos os que sabem pouco de negocios, quando se vem rogados, que referem os rogos á falta de justiça, e não á boa natureza de quem roga. Assi vendo o Bispo, e Conegos tantos, e tão honrados intercessores por parte dos frades, derão-se por absolutos senhores da causa, e não só não admittirão concordia, mas ajuntarão novo escandalo aos passados. E foi, que tendo os frades comprado alguns chãos, e casas vizinhas ao Convento, e dado dinheiro, e feito escrituras com licença, e aprazimento do Cabido, por serem foreiros a elle, revogarão as licenças que por escrito tinhão dado: e com a mesma deshumanidade publicarão por nullas algumas doações voluntarias, que de bens semelhantes tinhão feito algumas pessoas pias ao Convento. Vista tamanha dureza, foi necessario acudir por remedio á Suprema Cadeira. Presentarão-se ao Pontifice as queixas do Convento, e suas rezões. Proveo logo no caso com hum Breve mui amplo, que poremos de verbo ad verbum, e com sua traducção: assi porque estes são os titulos d'este Convento, como porque seja a todos notoria a pureza, e verdade da historia, que seguimos, e não pareça á ninguem que a enfeitamos. Este Pontifice era Gregorio Nono, que sendo Cardeal com nome de Ugolino fora grande devoto de nosso Patriarcha S. Domingos em vida, e despois de assentado na Cadeira de S. Pedro, como testimunha de seus merecimentos o poz no Catalogo dos Santos canonizados. Segue o Breve.

Gregorius Episcopus seruus seruorum Dei, Uenerabili Fratri Archiepiscopo, et dilectis filijs Decano et Cantori Bracharensibus salutem et Apostolicam benedictionem. Olim venerabilem fratrem nostrum Episcopum Portugallensem illius esse credebamus industriæ, vt perennis obtentu gloriæ libenter efficeret, per quæ Deo et hominibus complaceret. Sed cogimur opinari contrarium, illis in conspectu nostro clamantibus, quos sine causa persequitur nom absque contumelia Redemptoris. Sanè dilectorum filiorum Fratrum de Ordine Prædicatorum Portugallensium insinuatione percepi-

mus, quód idem Episcopus aliquando piè cogitans eorum studijs animarum procurari salatem, et ampliationem Catholicæ puritatis, eis Portugalliam ad suam vocem intrantibus, locum ipsis pro Ecclesia fundanda concessum, de sui consensu Capituli liberaliter assignauit, ponens ibidem lapidem primarium, et suæ partem hæreditatis adjiciens, vt inchoatum ædificium posset magis effici spatiosum: cunctis loci eiusdem per eum nihilominus facta certa remissione peccaminum, qui ad hoc ipsis præstarent subsidium opportunum. Uerúm cum dicti Fratres locum ipsum pacificè possidentes, et ibidem de sua licentia Divina liberè celebrantes pro huiusmodi perfectione operis graues labores subierint, et expensas: ipse subitó de patre commutatus in hostem, eos exinde vná cum suis Canonicis amouere nititur, multis ex hoc, ac eisdem fratribus in graui scandalo constitutis. Præsertim cum idem ipsis contrá indulgentias eis ab Apostolica Sede concessas, ne prædicent, seu confessiones audiant, vel Diuina celebrent duxerit inhibendum, lata in omnes interdicti sententia, qui eis ad huiusmodi perfectionem operis consilium, vel auxilium largiuntur. Cum igitur prorsus indecens et detestabile videatur, ut idem Episcopus videatur de tanta varietate notabilis, et persecutor Deum timentium reputetur: eundem rogamus et hortamur attenté, nostris sibi districté in virtute obedientiæ mandantes literis, in præceptis, vt fratres eosdem præfati loci possessione pacifica, sine præiudicio iuris sui, et etiam alieni pro Divina et nostra reuerentia gaudere permittat, latam per ipsum in benefactores eorum interdicti sententiam, infrá octo dies post susceptionem earum sine qualibet difficultate relaxans. Quocircá discretioni vestræ per Apostolica scripta mandamus, quatenus si dictus Episcopus præceptum nostrum infrá præscriptum tempus neglexerit adimplere, vos extunc relaxantes eandem, et si similem in illos de cætero ferre præsumpserit, eam tanquam contra inhibitionem Sedis Apostolicæ promulgatam, nullam esse penitus decernentes, fratres ipsos super eiusdem possessionibus, ac eos, et benefactores suos, super construendis ibidem ædificijs eorundem fratrum vsibus opportunis non permittatis ab aliquo indebite molestari, molestatores huiusmodi authoritate nostra appellatione proposita, compescendo. Quód si nom omnes ijs exequendis potueritis interesse, tu frater Archiepiscope cum eorum altero ea nihilominus exequaris. Datum Anagniæ VIII. Cal. Octobris, Pontificatus nostri anno duodecimo.

Em vulgar responde assi.

Gregorio Bispo servo dos servos de Deos, ao veneravel irmão Arcebispo de Braga, e aos amados Daião, e Chantre da mesma Igreja de Braga saude, e Apostolica benção. Tivemos sempre em tão boa conta nosso veneravel irmão o Bispo do Porto, que criamos d'elle faria com gosto, a fim de alcançar a eterna bemaventurança, tudo aquillo que o pudesse fazer grato a Deos, e aos homens. Mas obrigão-nos hoje a cuidar outra cousa d'elle as queixas, e brados que ante nós dão aquelles a quem persegue sem causa, e não sem affronta do Redentor. Soubemos por relação certa dos amados filhos os Frades da Ordem dos Prégadores do Convento do Porto, em como o mesmo Bispo, tendo d'elles boa opinião, e do cuidado com que tratão da salvação das almas, e augmento da pureza christã, os chamou, e levou áquella Cidade, n'ella lhes assinou lugar pera fundarem Igreja, com beneplacito do seu Cabido, no edificio poz de sua mão a primeira pedra, e pera terem mais largueza os ajudou com fazenda de seu patrimonio: e sobre tudo publicou indulgencias, e remissão de peccados pera todos os que d'alguma maneira dessem ajuda, e favor á mesma obra. E que, estando por este modo em posse pacifica do sitio, que lhes dera, e celebrando n'elle com sua licença os Officios Divinos, e procurando juntamente com muito trabalho, e despeza por chegarem á perfeição o Convento: hora trocado repentinamente de pai em enemigo, fazem toda força elle, e seus Conegos polos lançarem da terra, com grave escandalo de muita gente, e dos mesmos Frades: principalmente por lhes mandar, que não prêguem, nem confessem, nem celebrem os Officios Divinos, sendo cousas que a Sé Apostolica lhes tem concedido: e perseguir com interdito os que de obra ou palavra lhes acodem ou fazem algum bem. Por tanto como seja cousa totalmente indecente, e abominavel, que no mesmo Bispo se ache juntamente nota de homem vario, e de perseguidor dos que a Deos temem, polas presentes letras lhe rogamos, e com efficacia o amoestamos pondo-lhe rigorosamente preceito em virtude de Santa obediencia, que por reverencia de Deos, e nossa deixe gozar os Frades da posse quieta, e pacifica do lugar, em que estão, sem prejuizo porém do direito, que elle ou outrem no tal lugar pretenda. E dentro de oito dias, despois de lhe chegarem estas letras, levante sem fazer nenhuma duvida o interdito, e todas as mais censuras, que contra os bemfeitores do Convento

tever postas. E á vossa discrição cometemos, e encomendamos que, se o Bispo no termo assinado não cumprir nosso mandado, em tal caso vós as levanteis. E se outra tal presumir ao diante fulminar, a julgueis por nulla, e como passada contra publica inhibição da Sé Apostolica: não consintindo que sejão molestados de pessoa alguma nem os Frades na posse de seu sitio, e casa, nem seus bemfeitores no favor, e ajuda, que pera proseguir suas obras lhe quiserem dar. E reprimireis por autoridade, e poder nosso sem appellação, nem recurso, quem quer que os inquietar. E acontecendo não vos poderdes achar juntos á execução do que assi mandamos, vós irmão Arcebispo o podeis fazer só com qualquer dos nomeados. Dada em Anagnia aos 24 de Setembro no anno duodecimo de nosso Pontificado, *(que responde ao do Senhor de 1238.)*

CAPITULO XII

Levantão-se as censuras, e prosegue a obra do Convento. Passa el Rei dom Sancho aos Frades carta de Padroeiro. Mitiga-se o Bispo, e faz composição com elles.

Era já no cabo do anno de 1238, quando chegou o Breve ás mãos do Arcebispo. E ainda que tinha trabalhado por quietar o negocio, sem lhe valer nada sua boa diligencia, como contamos: e pudera com rezão ser arremessado executor: com tudo respeitando o credito, e autoridade do Bispo desejou, que não parecesse em juizo, e tornou a tratar de paz, avisando-o do rigor da commissão. Mas ha muitos entendimentos que não he em sua mão conhecer os bens da paz, senão despois de bem acutilados, e atropelados da guerra. Tão cegos estavão de paixão, e tão confiados da vitoria Bispo, e Conegos, que não quizerão vir em nenhum partido, e quando decia a hum pouco de brandura, o menos que pedião, era que os Frades não dessem em sua Igreja sepultura geral, nem particular, nem recebessem offertas, com outras exorbitancias semelhantes. O que visto polo Primaz, publicou o Breve, mandou-os parecer em Braga por si ou por seus procuradores. E logo levantou as censuras, e interdito, que o Bispo tinha posto aos seculares pera não ajudarem o edificio, nem communicarem no Convento; e mandou-lhe que desembargasse a obra, e não impedisse o ir adiante. E obrigou ao Cabido a confirmar as vendas, e doações feitas ao Convento, e revalidar as licenças

que revogara, e a dar de novo todas as que pedidas lhe fossem. Com este principio abrirão os Religiosos suas portas: publicarão no povo os favores da Sé Apostolica: e ainda que guardavão toda moderação em suas praticas, a terra, que estava resintida, e queixosa, não fazia o mesmo, antes celebrava a vitoria, como se fora causa propria. E polo mesmo teor acudião tantos officiaes á obra, e erão tantos os que provião o necessario pera ella, que crecia maravilhosamente. Mas não corria com menos prosperidade o edificio espiritual: porque o Provincial tinha inviado numero de Religiosos, e querendo todos mostrar-se agradecidos á boa vontade, e caridosos animos, que em seus trabalhos acharão na Cidade, empregavão-se com grande cuidado em a servir, e agradar em tudo o que era ministerio da Religião.

Na mesma conjunção lhes acudio Deos com novo favor. Era entrado o anno de 1239. El Rei dom Sancho segundo, que reinava, movido de bom espirito, (que na verdade tal era o seu na fonte), ou persuadido, ao que se pode congeiturar da Rainha dona Mafalda sua tia, passou huma provisão, pola qual de seu motu proprio se deu por autor, fundador, e padroeiro do Convento. No que he de ver sua grande bondade, porque era cousa certa, que n'este mesmo tempo todos os nossos prégadores se desfazião nos pulpitos em vituperar descubertamente as faltas de seu governo. Foi esta provisão de muita importancia: porque, ainda que só por si não fora de effeito, polo pouco respeito, que geralmente se tinha ao Rei, e a seus mandados: bastou junta com o favor de Roma, pera os Frades ficarem armados, e animados a procederem confiadamente em suas fabricas. A nota, e antiguidade d'ella me faz cuidar, que será agradavel a quem se occupar nesta lição: dezia assi:

Sancius Dei gratia Portugalliæ Rex, omnibus de meo Regno, ad quos literæ istæ peruenerint, salutem. Sciatis quod ego mando facere pro anima mea monasterium Fratrum Prædicatorum in Portu. Quia intelligo quód erit grande bonum, et magna profetantia mihi et omnibus de Regno meo. Et recipio ipsum Monasterium, et ipsos fratres in commenda mea. Vnde mando firmiter, quód nullus sit ausus in regno meo eis malum facere, neque operarijs suis. Quia quicumque eis malum fecerit, aut fortiam siue tortum, pectabit mihi quingentos morabitinos, et eis emendabit damnum in duplum, quod illis fecerit, et super remanebit pro meo inimico. Et vt ipsi et locus ipsorum sint melius emparati, do eis istam meam char-

tam apertam, quod teneant illam in testimonium. Datum apud Collimbriam iij Kalend. Februarij Æra M.CC.LXXVII. (responde aos trinta de Janeiro do anno de Christo 1239.)

De crer he que passando el Rei huma provisão com palavras tão claras, e resolutas, e affirmando, que mandava fazer o Mosteiro por sua alma, não seria, (como nos persuade a conjunção que passou), fantasticamente, e só a fim de valer aos Religiosos contra a força, que se lhes fazia: mas que mandaria despender com elle da fazenda real. Confirma-se isto com que a Igreja, inda que não seja muito grande, he toda de cantaria, e obra custosa, e maior do que n'aquelle tempo demandava o custume das fabricas da Ordem, que tambem nas Igrejas guardavão moderação, salvo n'aquellas, que os Reis tomavão á sua conta. Se não quisermos dizer que pode ser esta mesma de que o Bispo fez offerta ao capitulo. De qualquer maneira que a origem fosse: certo he que o Mosteiro ficou realengo, e consta-nos de outra provisão passada por el Rei dom Dinis, sessenta annos despois da que fica atrás, e escrita em Portuguez, cujo original he do teor seguinte.

Dom Dinis pola graça de Deos Rei de Portugal, e do Algarve, à quantos esta carta virem faço saber, que eu recebo em minha guarda, e em minha encomenda, e sob meu defendimento o meu Mosteiro, e Convento dos Prégadores do Porto, e seus homens, e suas agoas, e todas as cousas, que pertencem a este Mosteiro. Polo que mando, e defendo que nenhum nom seja ousado, que faça mal nem força em esse Mosteiro, nem a esses Frades, nem a seus homens, nem a suas hortas, nem a suas agoas, nem em nenhumas de suas cousas. E aquelle que ende al fizer, ficará por meu imigo, e peitará a mi o meu encouto de seis mil soldos, e corregerá em dobro o mal ou força, que fizer ao dito Mosteiro, ou aos Frades d'elle, ou a suas agoas, ou a alguma de suas cousas. Em testimunho da qual cousa dei ao dito Convento esta minha carta. Dada em Lisboa treze de Setembro. El Rei o mandou por Pedrafonso Ribeiro. Domingos Joanes a fez, era de M.CCC.XXXVIII. annos. (*Responde aos de Christo de* 1300.)

O mesmo se mostra por outro indicio muito mais publico, que he vermos nas vidraças, que estão sobre o arco da Capella mór a insignia

tão sabida das esferas d'el Rei dom Manoel. E com tudo ficando bastantemente provado por tais memorias ser este Convento da obrigação dos Reis, não achamos nenhuma de merce perpetua, que elles lhe fizessem de renda, ou fazenda, ou bens da Coroa.

Mas tornando á historia, foi o Bispo caindo na conta das semrazões que tinha feito aos Frades, e entendendo, que não poderia prevalecer contra elles, pois tinhão por si os poderes do Ceo, e da terra, começou a humanar-se, e descer a partidos mais acommodados. E os Frades por mostrarem, que não tinhão gosto da discordia, inda quando estavão certos da vitoria, folgarão de cortar por si, e concederão em algumas condições pesadas, que o tempo despois foi aliviando, e reduzindo tudo ao estado de paz, e quietação, com que hoje vive. Pera o que ajudou muito a Rainha dona Mafalda, de quem pouco ha falamos, polos meios, que diremos no capitulo seguinte.

CAPITULO XIII

Faz a Rainha dona Mafalda doação do padroado de uma Igreja á Sé do Porto, pera de todo pacificar o Bispo, e Cabido com os Frades. Procede o Bispo com elles em amizade: faz-lhes esmolla de duas fontes pera o Convento.

A Rainha dona Mafalda foi filha del Rei dom Sancho Primeiro de Portugal (*), e casada com el Rei dom Anrique, o Primeiro de Castella, aquelle que morreo em Palencia do desastre de huma telha, que lhe cahio sobre a cabeça: do qual sendo apartada por sentença da Sé Apostolica, por casarem sem dispensação, havendo entre ambos estreito parentesco, tornou pera Portugal, e, andando o tempo, fundou o Mosteiro de Arouca na Ordem de Cister, e n'elle se recolheo, e está sepultada. Esta senhora como procurou nos principios atalhar as inquietações, que o Bispo dava aos Frades, assi, despois que os vio senhores da causa com os favores do Pontifice, e del Rei, desejou polo amor, e grande devação, que tiá Ordem, que não ficassem em casa alheia hospedes mal assombrados. E a este fim fez doação ao Bispo, e Cabido de huma Igreja, que tinha de seu padroado na ribeira de Leça, offerecendo-a liberal, e espontaneamente, e afiançada com certos casaes, em recompensa das perdas,

(*) Monar. Lusit. p. 2. l. 7. c. 22. Duarte Nunes de Lião na vida de dom Sancho Prim.

e danos, que os Clerigos da vizinhança dos Frades temião. Grande, e memoravel virtude! que por pacificar desavenças alheias, em que nada interessava, nem perdia, folgou de perder a fazenda propria. O original da escritura se guarda no Cartorio do Convento: e nós polo que toca á memoria, e honra de tal Princeza, daremos aqui o treslado, pera que em quanto estes escritos durarem, viva n'elles seu nome, e nosso agradecimento. Segue a doação.

In Dei nomine Amen. Notum sit omnibus præsentem paginam inspecturis, quòd ego Regina Domina Mafalda pro remedio animæ meæ, ob gratiam Fratrum Prædicatorum in ciuitate Portuensi de consensu Episcopi et Capituli Portugallensis commorantium do Ecclesiam sanctæ Crucis de Ripa Lecciæ cum omnibus suis possessionibus et iuribus suis, Ecclesiæ sanctæ Mariæ Sedis Portuensis in recompensationem grauaminis, si in aliquo ex Prædicatorum Fratrum commoratione Ecclesia Portugallensis fuerit aggrauata. Et statim mitto Episcopum Dominum Petrum et Capitulum eiusdem Ecclesiæ in dominium et possessionem Ecclesiæ supradictæ, ut quicquid iuris, hæreditatis, possessionis vel quasi in prædicta obtineo Ecclesia, totum in Episcopum et Capitulum supradictæ Sedis transfero pleno iure. Et vt ista mea donatio firmum robur obtineat, assigno sex Casalia in villa de Louredo de Sousa, vt si fortè aliquis vellet impedire donationem meam, et ue iure in eadem Ecclesia in vita mea ius euinceret patronatus: et ego prædictam Ecclesiam non liberauero, de prædictis casalibus recipiat Ecclesia Portugallensis quantum damnum sustinuerit in prædicta Ecclesia Sanctæ Crucis. Et si totum amiserit Ecclesia Portugallensis in perpetuum, tunc in perpetuum prædicta Casalia penes Portugallensem Ecclesiam libera remaneant. Quòd si fortè aliquis vel aliqui in vita mea ipsam Ecclesiam impetierint, et in eadem aliquid non obtinuerint, liberum sit mihi de eisdem casalibus in morte meu pro mea disponere voluntate. Et si interim de eisdem Casalibus aliter voluero ordinare, debeo primò assignare prædictæ Sedi alia Casalia æquiualentia in Portugallensi Diœcesi constituta, quæ sint conditione et modo simili obligata. Episcopus autem et Capitulum supradicti debent me iuuare ad liberationem supradictæ Ecclesiæ per iustitiam Ecclesiasticam, quantum de iure potuerint bona fide. Et vt supradicta in dubium non veniant, nec aliqua inde contentio oriatur, fecimus per alphabetum dividi chartas istas, vt vtraque pars suam teneat in testimonium firmitatis, et sigillo meo proprio communire. Facta

charta mensi Iunij sub Æra M.CC.LXXVII. responde ao anno corrente de Christo 1239.) *Ego verò tabellio memoratus Antonius Stephanus, qui supradictam literam inspexi cum supradicto sigillo ipsius Reginæ habente ex vna parte imaginem mulieris quasi amictæ pallio habentis manum dexteram in qua tenebat florem, et manum sinistram suprà pectus quasi tenentem chordas pallij, et habentis coronam in capite; et supra coronam dictæ imaginis et sub pedibus ipsius, in suprema scilicet, et in inferiori parte sigilli erant signa Regum Portugalliæ: ex altera verò parte sigilli erat imago cujusdam Castri: literæ verò per totum circuitum sigilli ex vtraque parte erant istæ. S. Dominæ Mafaldæ Dei gratia Castellæ et Toleti Reginæ, eadem gratia Santij illustris Portugalliæ Regis filiæ.*

Porque temos atrás bastantemente declarado a sustancia d'esta escritura: e he bem escusarmos leitura desnecessaria, traduziremos sómente as palavras, que no fim d'ella ajuntou o tabellião de seu officio, que póde ser sejão bem aceitas dos que não sabem Latim, as quais querem dizer:

E Eu dito taballião Antonio Esteves vi a carta acima escrita com o sello pendente da mesma Rainha, o qual tem de huma parte huma figura de molher, que representa estar com manto cuberto, e huma flor na mão direita, e a esquerda, que lhe fica sobre o peito, parece travada de huns cordoens, que saem do manto. E tem na cabeça sua coroa; e por cima d'ella na volta mais alta do sello, e na inferior por baixo dos pés se divisão as armas de Portugal. Da outra banda parece hum castello com muitas letras, que o rodeão, e fazem orla ao sello por ambas as partes, e dizem. Sello de dona Mafalda por graça de Deos Rainha de Castella, e Toledo: e pola mesma graça filha do illustre Rei de Portugal dom Sancho.

Assi teve fim esta tormentosa contenda. E o Bispo, ou que entrasse n'ella por induzimento, e persuasão d'outrem: ou que caisse agora na conta do muito, que ganhava em seu officio Pastoral com obreiros tão proveitosos, como cada hora hia conhecendo, que o erão os Frades, procurou por todas as vias soldar a quebra passada, e sepultar os desgostos passando de inimigo, e persiguidor publico, a publico bemfeitor, e amigo. E foi o principio acudir ao Convento com copiosas esmolas: e

logo no mesmo anno de 1239 enterveio com sua pessoa, e sinal de sua mão em huma escritura, de doação que certo devoto fez ao Convento de huma horta, que partia com elle. E despois no de 1245 em sinal de animo verdadeiro, e não fingida reconciliação deu pera a casa duas agoas de humas herdades suas, que logo se trouxerão, e foi esmola de muita importancia. O assinado, que d'ellas fez original, se guarda no Cartorio, e he o seguinte:

Notum sit omnibus tam præsentibus, quam futuris has literas inspecturis, quod ego Petrus Divina misericordia Portugallensis Episcopus causa eleemosynæ et intuitu pietatis in remissionem peccatorum meorum dono Fratribus Prædicatoribus de Portu dous fontes, quorum vnus oritur in hortu meo circa quoddam palumbare, alter verò superius circà viam, quæ contigua est iam dicto horto in perpetuum possidendos. Insuper concedo eis liberum transitum tam per loca mea, quam per loca aliorum, vt possint aquam dictorum fontium ad suum Monasterium ducere liberè et securè: Data charta pridié Cal. Maij anno Domini M.CC.XLV.

Outra fonte nos deu hum fidalgo da cidade, cujo appellido dura inda hoje n'ella: chamava-se Domingos Gonçalves Ferreira, e sua molher Marinha Mendes. A fonte tem nome da Galvoa. Assi ficou a casa com abundancia d'agoa bastante pera cozinha, e horta, mas nenhuma boa de beber. E, porque se veja a pouca curiosidade, com que os Religiosos d'esta casa viverão sempre, do que a suas pessoas tocava, ou a bebião assi salobre, e grossa, ou tiravão da comida, e esmolas, que pera ella grangeavão, quanto bastava pera comprarem melhor agoa. E n'este modo de vida perseverarão constantemente até poucos annos ha, que os Padres Menores seus vizinhos, trazendo de fóra, huma muito boa pera o seu Convento, e não tendo outro caminho pera a levarem com commodidade se não pola nossa cerca, partirão com nosco quanto basta pera suprir a falta, recebendo, e fazendo fraternal caridade. A Igreja como houve concordia foi logo lageada de sepulturas requestadas á competencia. E, porque sobejavão requerentes pera outras, e faltava lugar: hum Prior, filho do mesmo Convento, a quem nas memorias antigas achamos com nome de dom Frei Pedro Esteves, levantou o grande alpendre, que cobre o adro, o qual foi logo povoado de sepulturas, e em parte serve de recreação, e casa de negocio aos naturaes, ao modo que

fazem as grades da Sé de Sevilha aos seus. Porque, como a cidade está situada em lugar dependurado, e o Convento lhe fica no meio, e como no coração d'ella, não ha lugar mais a proposito pera ser frequentado dos negociantes, juntando-se a commodidade da Igreja, e o emparo, que o alpendre dá pera Sol, e agoa. A vista dos dormitorios cae sobre o Douro, que faz porto á cidade, e lava as muralhas, que decem a beber na agoa. Assi he o posto aprazivel, e sadio. Sustenta o Convento de ordinario vinte, e quatro Frades. Porque, dado que a fazenda, que possue de raiz, he muito curta pera tantas bocas: a caridade da terra não he hoje menos, que n'aquelles primeiros, e antigos tempos.

CAPITULO XIV

Da confraria do santissimo nome de Jesu sita neste Convento: de sua antiguidade, e milagres.

No anno, que el Rei dom Duarte, unico d'este nome faleceo, padecia o Reino hum cruel açoute de peste, da qual dizem que foi sua morte: e estendendo-se por todas as Comarcas, foi grande o estrago, que fez. E como os males de contagião onde achão mais frequencia de gente, ferem com maior violencia, tanto que o fogo d'elle chegou a esta cidade, ateou com tanta força, que não se sabião os homens dar a conselho, nem achavão remedio humano pera se valer. Muito ordinario he mandarnos Deos trabalhos, pera serem meio de o buscarmos: e tambem instrumento de nos fazer mercês. Era publico que assolando-se Lisboa poucos annos atrás com semelhante praga, se juntara o povo em huma confraria do suavissimo nome de Jesu. E havendo muitos annos, que durava sem dar hora de repouso, quasi subitamente desappareceo com este remedio, sendo assi que a confraria se assentou no Convento de S. Domingos polo mez de Novembro do anno de 1432, (como ao diante veremos), e quando veo fim de Dezembro, que logo seguio, já não havia mal nenhum. A esta imitação entrando o anno de 1448 se acordou entre os Cidadãos do Porto instituir huma semelhante Confraria, e junta a terra toda levarão com solene procissão hum devoto Crucifixo ao nosso Convento, e o collocarão em altar particular seu. Mas he dino de muita consideração, que obrando nosso Senhor por meio d'esta imagem mui provados milagres em pessoas particulares, não foi servido remedear por então a corrup-

ção do ar, e infirmidade publica: antes durou mais alguns annos, despois de cessar por todo o Reino, clamando a voz do povo, que assi junta costuma muitas vezes acertar nos juizos, que a rezão de perseverar era huma tormenta de contradições, que levantarão certos homens a seu parecer zelosos, pretendendo tirarnos a imagem, e extinguir a confraria: materia em que houve seis annos de litigios, e padecerão os Religiosos tantas vexações, e trabalhos, que houverão por milagre do Senhor livral-os d'elles com lhes dar sentença, como deu, em favor. Muitas vezes faz dano trazer de novo á praça negocios pesados, quando o tempo os tem sepultado. Por isso deixaremos em silencio as causas, e autores, e processo d'estes. E trataremos de alguns milagres dos annos mais vizinhos a esta nossa idade, com que se acreditão bem os antigos, que não ficarão em escrito.

Polo mez de Maio do anno de 1574 mandou o Sacristão a casa de huns devotos huma toalha, com que estava cingido, como he costume o Santo Crucifixo, pera que lha lavassem. Havia nella huma minina de seis pera sete annos, que passava de dous, que não sahia fora da porta por estar de todo cega. Fora principio do mal muita copia de humor, que lhe acudio aos olhos com tão grossa, e sobeja inchação sobre elles, que a nenhum remedio obedeceo: e foi deixada dos Medicos por incuravel, entendendo-se que os devia ter quebrados. Quando virão em sua mão peça, que em tal ministerio servira, chamão a minina com alvoroço, e devação, poem-lha sobre a cabeça, e olhos: grita a mãi desfazendo-se em lagrimas: Ah meu Senhor Jesu Christo, a huma Cananea Gentia curastes vós n'outro tempo a filha atormentada(*), e a outra Hebrea deu saude a borda da vossa roupa tocada(**): bem podieis vós hoje, se quisesseis, dar remedio a huma mãi desconsolada, e a huma criaturinha affligida com tormento de trevas quasi antes de ter idade pera ver, nem de perder a graça, que em vosso sangue polo bautismo recebeo. E bem podia ser meio do que vos peço, este lenço, pois servio na imagem, que nos está representando o muito, que por ella, e por mi, e polo mundo todo fizestes. Passadas duas horas foi abaixando a grande inchação, que cubria os olhos da minina, de sorte que comecou a abrir o esquerdo, e chamando pola mãi com alegria affirmava, que não sintia já pejo nelle, e que via. Não podia a mãi crer tamanho bem. Eisque no meio do alvo-

(*) Mat. 15.
(**) Math. 9.

roço foi-se-lhe abrindo o outro, e enxugando ambos de maneira, que de cega de todo, ficou sam, e com perfeita vista de todo. Como o milagre foi tão patente, houve cuidado de o fazer justificar, e autorizar polo Ordinario. E achamos em lembrança, que succedeo em 18 de Maio do anno que temos dito de 1574. E foi o ministro, que fez a diligencia o Doutor João Pais, Provisor, e Vigario geral polo Bispo dom Ayres da Silva, e a minina se chamava Elena. Mas não espantarão menos os que se seguem.

Dezeseis annos havia, que Lianor Leitoa, moradora na mesma cidade na rua das Cangostas padecia hum estranho mal na cabeça, hora de dores intensas, e intoleraveis, com que lhe acudião huns vomitos de grande tormento: hora com vagados como de mal caduco que davão com ella em terra, e ficava sem juizo: e a continuação d'estes acidentes a tinha ensurdecido, e todos os dentes tão abalados, que lhe era pena o comer. E o maior mal era que com nenhum beneficio da Fisica sintia melhoria. Ouvindo contar o milagre da cega, fez-se levar ao Convento, lançou-se em oração diante do altar de Jesu, trouxerão-lhe a toalha, beijou-a, e pol-a sobre a cabeça. Quando se levantou, se achou tão outra do que viera, que, como se ali lhe mandarão deixar os males todos, nunca mais sintio nenhum de quantos trazia. Está apontado que o dia, que esteve no Convento, foi aos 16 de Junho do anno corrente de 1574.

Por Agosto do mesmo anno, adoeceo de hum prioris Caterina Rabella, molher de Martim Ferraz, ambos gente nobre, e foi o mal tão vehemente, que ao seteno desconfiarão os Medicos d'ella. Neste estado mandou buscar a santa toalha, e pondo-a sobre a cabeça, e chegando huma ponta ao lugar d'onde mais se dohia, sintio logo que se lhe desfizera huma dureza como taboa, que lhe tomava o estamago: e pedio de comer, cousa de que totalmente tinha perdido o gosto. A estes principios sucedeo hum copioso suor, que lançou fora a febre, e a doença. Tambem se autenticou este milagre com ditos de muitas testimunhas. E a enferma em penhor de agradecimento mandou aó Convento hum fermoso cofre de madre perola guarnecido de prata pera servir ao santissimo Sacramento no Sacrario.

Maria Gonçalves, molher pobre, que se agasalhava no hospital de nossa Senhora do Cais, havia quasi quatro annos que caindo quebrara o braço direito pola cana junto da mão. Curou-se, sarou do braço. Mas ficarão-lhe tres dedos da mão encolhidos, e sem uzo, nem movimento

nenhum. Ajuntava-se andar quasi tolhida de huma perna, que com muito trabalho, e dores arrastava. Chegando o primeiro dia do anno novo de 1575, em que se fazia a festa do nome de Jesu, foi-se como pode ao Convento. Posta diante do Senhor chamou por elle com grande fee: e queixando-se dos mestres, em cujas mãos perdera o pouco que tinha de fazenda, e não achara saude, pedia-lhe que fosse seu mestre, e sua saude, que esta lhe seria tambem fazenda, e remedio na pobreza, e miseria, que padecia: tomou a santa toalha com a mão manca, e beijou-a com devação. Logo na noite seguinte sintio grandes dores, que lhe corriam pola mão, e dedos aleijados até pola manham: e entrado o dia começou a estender, e endereitar os dedos com espanto de ver, que já não estavão amortecidos como d'antes, mas que os movia, e meneava despejadamente. Conheceo logo d'onde lhe vinha tanto bem, foi servindo, e trabalhando com elles, e dando graças ao Senhor, que pera maior gloria sua, apoz a cura da mão, lhe deu tambem saude na aleijão da perna.

CAPITULO XV

De outros milagres do Santo Crucifixo.

Muitos outros milagres achamos postos em memoria, que deixamos por encurtar leitura: e diremos sómente dous mais insignes, que não merecem ficar esquecidos. No Mosteiro de Corpus Christi de Villa nova de Gaia, que fica defronte da cidade, na outra margem do rio, e he de Freiras de São Domingos, estava enferma Sor Maria de Bairros, professa. Sendo mandada sangrar pera remedio de huma doença, ficou com duas despois de sangrada. Porque o official por desastre, ou pouca destreza lhe picou hum nervo, a que seguio logo grande inchação no braço, e maior no lugar offendido, e começar-se a tingir todo de nodoas azuis, e verdenegras, acompanhadas de dores crecidas, que fazião medo, e indicios de grande mal. E não era senhora de o estender, nem bolir. Estando assi aleijada, e não melhorando com nenhuma cura de muitas, que lhe fazião, trouxerão-lhe hum espinho da Coroa do Santo Crucifixo. Era presente a Prioressa, e toda a Comunidade. A enferma com grande fé, e devação descobrio o braço, lançou fora emprastos, e ataduras: e chega o espinho aonde tinha a origem do mal, e pede que alli lho atem, e apertem, que não quer outro emprasto, nem outra mezinha. Ajudarão

as Religiosas sua confiança rezando a Antifona *Christus factus est pro nobis obediens, etc.*, e a oração *Respice, quæsumus, etc.*, com hum *Credo*. Foi principio de milagre, que logo aquella noite tomou sono tendo-o de todo perdido, e quando amanheceo estava sam, sem haver no braço dor, nem sinal de nodoa ou inchação. Levantou-se logo, foi-se ao Choro render as graças ao Senhor. Quando as Religiosas a virão postrada n'elle imaginarão que o poder-se vestir, e chegar alli quem estava no estado, em que a tinhão deixado a tarde atrás, devia ser força de dores, ou de desesperação: forão-se a ella lastimadas, e ella levantando-se cheia de alegria pedia-lhes, que a ajudassem a dar graças a Deos por tamanha misericordia, como lhe tinha feito, e mostrou-lhes o braço limpo de todo mal. Começarão então a entoar todas huma Antifona á santa Coroa, e a enferma pouco despois em testemunho da saude milagrosamente alcançada, lançou as mãos á corda do sino grande do Mosteiro, e sem outra ajuda o abalou, e tangeo com facilidade: e d'aquelle dia em diante não consintio mais que lhe chamassem Maria de Bairros, se não Maria da Coroa.

Em caso de sangria, mas com maior perigo, foi tambem o segundo que prometemos. Governava a casa, e Corte do Porto o Conde de Miranda Anrique de Sousa, decendente do grande mestre da Ordem de Christo, dom Lopo Dias de Sousa, e herdeiro, e possuidor de sua casa. Tinha enferma huma filha moça, e de grandes partes. Parecendo que se devia sangrar, perturbou-se o official com ser o melhor da terra, de sorte que errou mais, onde mais desejava acertar, e não picou nervo que muitas vezes tem facil cura: mas cortou arteria, que poucas he remediavel. Conheceo-se logo o dano, porque sahia o sangue, não com corrente continuada, como faz o das veas, mas com hum movimento interpolado, qual he o do pulso. Ficou o homem fora de si conhecendo o erro. Acudirão Cirurgiões, e Medicos, não havia tomar o sangue, nem esperança de soldar a arteria respeito da agitação continua, com que se movem todas, imitando a respiração de que vivemos. Era grande a desconsolação dos pais, como he de crer, e da enferma, que desejava, e merecia viver. Mas crecia o perigo: lembrava, e temia-se caso semelhante ao que se tinha visto poucos annos atrás em duas senhoras principaes em Lisboa: huma irmam do Conde de Villa franca, Rui Gonçalves da Camara, outra irmam de dom Jorze de Almeida, Arcebispo de Lisboa, que ambas por este modo morrerão a ferro, e mãos de sangradores.

Como se vio, que não obravão os medicamentos, antes começavão a aparecer sinaes de maior mal, não podendo a enferma reposar com graveza de dores, acudio toda a casa aos remedios do Ceo. E forão correndo ao Convento com recado do Governador, que com muita efficacia pedia lhe acudissem os Padres com a santa toalha de Jesu, de quem só esperava o remedio. Era Prior o Padre Frei Antonio Mascarenhas. Mandou-a com o Suprior, e outro Padre. Foi cousa de maravilha, e de grande gloria, e louvor de Deos. Porque no mesmo momento, que lha poserão sobre o braço, foi livre das dores, soldou a arteria, e brevemente cobrou saude: o gosto da qual foi o Governador celebrar no Convento com huma Missa solene no altar de Jesu, e muitas esmollas por graças. Mas agradeceo-a melhor quem a recebeo. Porque d'ahi a poucos annos do meio das grandezas, e esperanças da Corte, e casa da Rainha dona Margarida de Austria, a quem servia, soube dar de mão a tudo, e contentar-se com huma cella estreita, e pobre de hum Mosteiro de rigurosa observancia, onde se recolheo, e professou.

Pois tratamos de milagres, que neste Convento teverão sua origem, não he rezão deixarmos de dizer, como sendo os Padres d'elle ajudados de toda a cidade a festejar a canonização do glorioso São Jacinto, Frade nosso, no anno de 1595 com huma solenissima procissão, mostrou Deos aceitar o serviço, que se lhe fazia em honra de seu Santo com mui conhecidos, e provados milagres em favor de alguns moradores da mesma cidade. Os quaes não especificaremos por serem notorios assi estes, como outros muitos, com que o Santo se fez celebre, e estimado por todo o Reino n'aquelle tempo: e tambem porque não são direitamente da obrigação d'esta Historia.

CAPITULO XVI

De alguns filhos d'este Convento: e das reliquias que nelle ha. E outras particularidades.

Antes de entrarmos na materia proposta no titulo d'este capitulo, porque ha de ser ultimo das cousas do Porto, farei reposta a huma duvida, que se offerece no que temos escrito d'este Convento. E he que o Bispo na carta, que escreveo ao Capitulo de Burgos, offececeo Igreja sagrada: e despois dizemos, (e assi consta do Breve do Papa), que elle

lançou a primeira pedra na fabrica d'ella. Isto, em que parece haver contradição, tem duas repostas. Porque, ou podemos dizer que se fez de novo somente a Capella mor, que considerado o estado presente da obra, não ha duvida ser edificio mais moderno, que o corpo da Igreja, inda que o genero de fabrica seja o mesmo; e nella faria o Bispo a ceremonia dita: com que se ficão salvando as palavras do Breve, entendendo o todo pola parte: ou que a prometida Igreja seria em posto tão desacomodado pera se poder estender o Convento, que terião os Frades por menos mal fabrical-a de novo em sitio largo, e capaz. Se não quizermos dizer, que houve tudo junto, dar-se Igreja feita, e mais levantar-se outra de novo: podendo ser a velha a mesma, que hoje vemos encostada á nova, que he huma ermida, a que se sobe por huma escada alta, e ingreme, que por tal descomodidade, e ser cousa pequena não escusava o Convento outra. E he tão antiga, que não ha entre nós memoria de sua fundação: havendo-a dos principios da confraria, que nella instituirão os mercadores por hum contrato celebrado no anno de 1556 entre o Convento, e os primeiros mordomos.

Agora diremos dos filhos do Convento, e diremos de poucos, e pouco de cada hum, pola rezão, que muitas vezes tocamos, e muitas nos ha de ser forçado repetir, da humildade, ou brio dos Religiosos d'aquelle tempo, que querião fazer cousas dignas de escritura, antes que escrevel-as, correndo-se de lançar em livro as que erão de honra, e louvor proprio. E quanto a mi bastante Cronica he da virtude, e santidade de todos os Padres d'aquella idade, e muitas ao diante, a Carta do Bispo dom Pedro, e as rezões com que se derão por obrigados, (leão-se com attenção), elle, e o seu Cabido pera os chamarem, e não menos o amor com que toda huma Cidade se armou por elles no tempo dos desfavores do Bispo. Com muita confiança os posera eu em Catalogo de varões insignes, se soubera seus nomes, posto que de feitos particulares me não constara. Mas até d'isto forão pera com nosco tão avaros, que só de Frei Gualtero, e de seu companheiro nos deixarão memoria, a qual devemos celebrar por rezão de fundadores, e polo peso de trabalhos, e contradições, que padecerão no officio; e em Frei Gualtero temos mais a opinião que d'elle teve a Rainha dona Mafalda, como logo se dirá.

A caso achamos lembrança do Mestre Frei Domingos do Porto, nome que por filho do Convento, como era, e natural da terra lhe competia. Foi pessoa de tantas partes de religião, e eminencia de letras, que o

escolheo o Papa Nicolao III pera seu Penitenciario em Roma. E pola grande satisfação, que havia de sua inteireza, e virtude, foi conservado no cargo polos successores Celestino Quinto, e Bonifacio Oitavo. De Roma como bom filho, reconheceo a mãi, que o criara, mandando a esta casa algumas peças de prata ricas pera o altar: entre as quais era hum grande, e fermoso Caliz dourado, e guarnecido de huns engastes de esmeraldas. Mandou mais alguns ornamentos Sacerdotaes, e entre elles havia hum muito rico. A estas peças ajuntou huma copia de dinheiro pera effeito de se lhe fabricar na casa huma Capella de Santa Marta, de quem era devoto, com huma enfermaria, de que havia falta. Dura a memoria do que mandou, e ordenou do dinheiro, não do que se fez. Elle faleceo em Roma.

Filho era tambem d'este Convento, mas de tempo mais moderno Frei Alvaro do Porto, que polas boas calidades, que n'elle concorrião, achando-se em Roma, chegou a ser Capellão do Summo Pontifice. Mas não esquecido do que devia á criação, mandou algumas esmolas a esta casa, e vive sua memoria na vidraça grande da Sacristia, que fica defronte da porta, que se fez com parte d'ellas.

Nas Cronicas d'este Reino, na parte onde se escreve a jornada que el Rei dom João, o Primeiro, fez á Cidade de Ceita em Africa, quando a ganhou aos Mouros (*), achamos apontado, que estando em oração hum Religioso filho d'esta casa, huma noite despois de Matinas, diante do altar de Nossa Senhora do Rosario, se lhe representou á vista o mesmo Rei armado de todas armas, e posto de joelhos diante da Senhora com as mãos ao Ceo levantadas: e vio que lhe metião na mão huma espada que de luzente, e acicalada lançava de si tal resplandor, que não tinha comparação com cousa da terra. E não comprendendo quem lha dava, todavia ficou entendendo ser cousa celestial. Não declara a Cronica o nome do Religioso: nem nós o pudemos alcançar por outra via. Gram caso, que contem historiadores seculares cousa de honra de nossa Religião, e pera nós sejão estranhas. Boa prova de nosso desazo no que nos toca, que na verdade tem pouca desculpa.

Ha neste Convento huma reliquia de grande preço, pola calidade d'ella, e pola mão de que veio. He huma Cruz feita do sagrado lenho da em que padeceo Nosso Salvador. Foi dadiva da Rainha dona Mafalda, que tambem falecendo nos quiz obrigar com novos penhores, alem dos

(*) Gomezianes L. da tomada de Ceita f. 36.

que nos deu de sua devação em vida, que temos contado. E he de considerar, que acabando seus dias no Mosteiro de Arouca, onde ficava sepultada, quiz antes pera nós esta preciosa reliquia, que pera o seu Mosteiro. Que não pode ser maior prova de amor, e da grande opinião, que tinha dos moradores do nosso. Deixou-a em testamento com declaração que fora de Santa Elena, que he ponto de muita sustancia, porque se não devia fundar em congeituras leves. Deixou-nos mais outra reliquia de valor, que he hum osso do Santo Martyr São Bras. E ajuntou ás reliquias huma honrada esmola de duzentos morabitinos, que se erão d'ouro, valia cem mil reis, como atrás fica dito, e cem medidas de pão, que declara seja do melhor do seu celeiro de Bouças. A verba do testamento, que se guarda no Convento, he do teor seguinte.

Mando Monasterium fratrum Prædicatorum de Porta crucem de ligno Domini, quæ fuit de Sancta Helena: et os Sancti Blasij, quod dederunt mihi Hospitalarij, et ducentos Morabitinos veteres, et centum modios de pane meliori cellarij mei de Baucis. Esta he a verba: o testamenteiro foi Frei Gualtero, que então tinha o cargo de Prior do Porto; e pois esta Princeza o escolheo pera tamanha honra, bem conhecía que estava nelle bem empregada.

De tempo immemorial vai todos os dias hum Religioso d'esta casa á Sé, ler huma lição de casos de consciencia aos Clerigos, e todos os mais que querem ser ouvintes. Por este trabalho dão os Bispos huma esmola perpetua.

Da mesma maneira vai outro visitar todas as náos estrangeiras, principalmente as que vem de terras sospeitosas de heregia, pera se evitar a entrada de livros danados. He commissão que os Priores tem do Inquisidor geral.

CAPITULO XVII

Da fundação do Real Convento de Lisboa.

O Convento de S. Domingos de Lisboa he obra Real des da primeira pedra. Foi fundador el Rei dom Sancho, Segundo no nome, e Quarto no numero, e ordem dos Reis d'este Reino. Consta-nos por documentos autenticos que temos vivos em sua origem no Cartorio d'elle, os quais daremos tresladados de verbo ad verbum, e traduzidos em vulgar, assi por honra do autor da obra, que na verdade era de seu natural pio, e

amigo da Religião, como porque não faltão escritores, que queirão dar esta fundação a seu irmão, e successor no Reino o Conde de Bolonha, que foi dom Afonso III, dos Reis d'este nome. A rezão que teverão huns foi tirada da pedra, que hoje vemos sobre a porta das graças do mesmo Convento, (chamamos porta das graças a que dá servintia da Igreja pera o claustro: e o nome he do effeito de entrarem por ella os Religiosos quando saem do Refeitorio, e vão juntos ao Coro dar graças ao Senhor polo pão cotidiano, e encomendar-lhe juntamente as almas de todos aquelles, que com suas esmolas nos ajudão a sustentar.) E porque, como a letra d'ella faz autor do edificio do templo a el Rei dom Afonso, tomando o todo pola parte, não era engano muito culpavel, mas foi engano. Outros, considerando o estado do Reino quanto ao governo publico, e aos sojeitos que havião de povoar a casa, devião ter por impossivel, que em tal tempo se desse consintimento pera a fabrica, e era o discurso acertado. Porque do governo estavão apoderados homens, de cujos costumes, e consciencias havia queixas publicas: e o gasalhado havia de ser pera Religiosos, cujas prégações já então era huma perpetua invectiva clara, e descuberta contra esses mesmos homens, (muitas vezes o temos apontado atrás obrigados do curso da Historia, que pera ser entendida nos força a repitir as mesmas cousas mais de huma vez.) Mas solta-se a duvida com duas rezões muito achadas. A primeira da bondade del Rei, que amava a virtude nos mesmos, que lhe erão pesados, e sofria o seu desgosto a troco do que ganhava o povo em os ter consigo. A segunda da manha, e artificio dos poderosos privados: que como todo animal, por tosco, e inhabil que seja, he por natureza pera sua conservação engenhoso, ou se querião congraçar com os Frades, que temião, ou vender hypocresia ao Summo Pontifice, que a el Rei, e a elles reprendia: e d'aqui nacia que folgando el Rei de edificar, não resistissem elles. Assi foi a obra del Rei dom Sancho, seu o pensamento, sua a traça: e o principio no anno do Senhor de 1241, e no mesmo aceitada pola Ordem, sendo Provincial o Santo Frei Gil, prerogativa grande d'este Convento. Quiz el Rei que houvesse no começo toda solenidade Ecclesiastica. Estava Lisboa em Sede vacante, aproveitou-se de hum Bispo Estrangeiro, que andava na Cidade. Pedio-lhe por carta sua que fizesse a cerimonia. Derão sua licença o Dayão, e Cabido. Com ella poz o Bispo a primeira pedra no edificio, ao que se pode colligir, por fim de Fevereiro, ou entrada de Março, (porque do dia preciso não consta),

do anno seguinte de 1242, e passou sua certidão do feito estando em Santarem, que he do teor seguinte.

F. *Dei gratia Regensis Episcopus vniuersis præsentes literas inspecturis salutem in Domino. Cum essemus in Vlisbonensi Diœcesi constituti, Dominus Rex Portugalliæ precibus apud nos institit, speciales nobis literas destinando, vt in quodam loco circà civitatem Vlisbonensem, qui dicitur Corredoura, vbi Monasterium Ordinis Fratrum Prædicatorum construere proponebat, primarium lapidem poneremus. Vt autem nobis licitè competeret, preces regias effectui mancipare, fuerunt nobis ex parte Capituli Ulyssiponensis, eadem Ecclesia debito Pastore vacante tales literæ præsentatæ. Notum sit omnibus præsentes literas inspecturis, quòd nos Decanus et Capitulum Ulisbonense damus licentiam Fratribus Prædicatoribus construendi Monasterium apud Ulisbonam. Intelligimus et enim quòd hoc proueniat ad honorem Ecclesiæ nostræ et salutem animarum. Et vt hæc concessio robur obtineat firmitatis, sigillo nostro eam fecimus communiri. Datum apud Ulisbonam XIII. Kal. Nouembris anno Domini* 1241. *Item aliæ sub hac forma. Venerabili in Christo Patri ac Domino F. Dei gratia Regensi Episcopo Capitulum Vlisbonense reuerentiam cum salute. Paternitatem vestram duximus attentiùs deprecandum, quatenus in eis, quæ Fratribus Prædicatoribus nostræ Diœcesis, quæ ad officium Episcopale spectant, occurrerint necessaria, dignemini Episcopale officium exercere, Dominationi vestræ super prædictis celebrandis licentiam tribuentes. Datum apud Ulisbonam quinto Idus Februarij. Harum igitur autoritate literarum voluntati prædicti Regis inclinati in prædicto loco primarium lapidem imposuimus ad Monasterium Fratrum dicti Ordinis construendum. Datum apud Sanctarem septimo Kal. Aprilis anno Dom.* 1242.

A tradução he.

F. Por merce de Deos Bispo Regense a todos os que as presentes letras virem saude no Senhor. Achandonos no Bispado de Lisboa, nos mandou pedir por carta sua o Senhor Rei de Portugal, que lançassemos a primeira pedra no edificio do Convento, que pretendia fazer pera os Frades Prégadores no sitio, que chamão a Corredoura junto á Cidade de Lisboa. O que querendo nós pór em execução, pera o podermos legitimamente fazer, estando a dita Igreja, como está, em Sé vacante, nos

forão presentadas humas letras de parte do Cabido della, cuja sentença era esta. Saibão quantos estas letras virem, que nós Dayão, e Cabido de Lisboa damos licença aos Frades prégadores pera edificarem Mosteiro nesta Cidade. Porque entendemos que resultará de tal obra honra pera nossa Igreja, e será meio de salvação pera as almas. E pera que esta licença tenha força, e vigor, a confirmamos com nosso sello. Em Lisboa aos vinte de Outubro anno do Senhor 1241.

Tambem nos foi dada huma carta do mesmo Cabido que continha o seguinte.

Ao veneravel em Christo Padre, e senhor F. Bispo Regense, o Cabido da Sé de Lisboa, reverencia, e saude. Pareceo-nos pedir com boa consideração a V. P. que nas occasiões de necessidade, que aos Frades Prégadores se offerecem em cousas tocantes ao ministerio Episcopal, seja vossa Senhoria servido executal-o, porque pera as tais lhe damos licença. Em Lisboa nove de Fevereiro. Por tanto em virtude destas letras desejando nós satisfazer ao dito Senhor Rei, fomos ao sitio acima declarado, e assentamos a primeira pedra pera se proseguir a obra do dito Convento, que se determinava fazer. E esta passamos em Santarem aos 26 de Março anno do Senhor de 1242.

Por esta certidão do Bispo, que inclue outra certidão, e carta do Cabido, se deixa bem ver que não foi outro o fundador do Convento se não el Rei dom Sancho, visto como nestes annos de 241 e 242 reinava pacificamente, e basta nomear-se o anno, inda que se não declare o nome do Rei. E de não esperar polo Bispo proprietario, que devia estar eleito, e não confirmado: nem por outro do Reino, que fora cousa facil, se collige claramente, que havia apetite na obra, e desejo que corresse logo: segundo a qual vontade, e o pouco feitio das nossas fabricas n'aquella bendita idade, que só nas do espirito se alargava, e esmerava, podemos ter por certo, que foi dizer, e fazer: isto he que foi o Convento logo acabado. E temos bom argumento no testamento, que este Rei pouco despois fez no desterro de Toledo, no qual deixando esmolas, como atrás contamos, pera as obras do nosso Convento de Santarem, porque sabia estarem em aberto, nenhuma menção fez do de Lisboa, como de casa perfeita de todo ponto, e sem necessidade. E na verdade pera dor-

mitorios, e officinas terreas, feitas á medida de nossas constituições, e pera Igreja proporcionada poucos meses bastavão de trabalho.

Achamos por memorias antigas, que entrava por este sitio hum grande esteiro do mar, que devia ter fundo pera agasalhar navios: do que vimos por nossos olhos certeza, não só conjeituras no anno de 1571 quando se abrião os alicesses pera o dormitorio, que agora serve. Porque se descobrirão silhares de pedraria bem lavrada, e a partes grossas argollas de bronze travadas, e pendentes d'ella, como em caiz, pera servirem de amarrar navios: e por outra parte montes de casca de marisco. D'onde não fica sendo maravilha, que houvesse outro tal esteiro, que subisse até o Mosteiro de Chellas polo valle de enxobregas, no tempo que alli aportarão as reliquias dos Santos Martyres, sendo o caso succedido muitos centenares de annos antes, como atrás contamos.

Resta-nos declarar a terra, e nome do Bispo estrangeiro, ou a rezão de darmos seu nome em cifra, e o Bispado quasi da mesma maneira. Quem tiver lido com attenção o que temos escrito até aqui, não creo que me pedirá rezão da Cifra, pois nos temos queixado do termo de escrever antigo no que pertence a nomes proprios, em que muitas vezes he necessario adivinhar, e neste nos aconteceo o mesmo. Da Igreja não temos duvida, que seria a de Regensburgh, em Alemanha, cujo nome Latino he Ratisbona.

CAPITULO XVIII

Funda el Rei dom Afonso Terceiro a Igreja grande do Convento, faz-lhe doação de muitos chãos, e terras á roda. Contão-se alguns trabalhos que houve na casa por cheias, e tremores de terra.

Não erão bem passados seis annos despois de acabado o Convento por el Rei dom Sancho, quando seu irmão, e successor el Rei dom Afonso mostrando bem a differença, que vai de homem a homem na condição, e grandeza de animo, emprendeo a maquina do templo, que hoje vemos, maquina famosa pera o tempo presente, quanto mais pera o antigo, que bem olhada por toda parte, e considerado o pouco, que então era Portugal, está testemunhando em seu autor hum espirito merecedor de grandes Reinos. E, ou fosse porque a Igreja, que seu antecessor fizera não era capaz do povo, que se ajuntava ás prégações, e officios Divinos: ou que quizesse mostrar a devação, que tinha á Ordem, e o que

lhe devia polo muito, que os filhos d'ella trabalharão no negocio de sua entrada, e successão no Reino por mandado do Summo Pontifice: e juntamente pretendesse illustrar a cidade com magnificencia de edificios, que he a cousa, que mais ennobrece os lugares grandes, não esperou pera lhe dar principio mais que assentar os negocios do Reino. E entrando o terceiro anno de seu Reinado, que foi quarto despois de chegado a Portugal, porque o nome de Rei não tomou senão por morte de seu irmão dom Sancho, que viveo hum anno em Toledo, poz mão na obra com tão boa vontade, que em termo de dez annos a deu acabada. Tudo consta de huns versos Latinos abertos de letra Gotica em huma pequena pedra sobre a porta das graças, como atrás tocamos, E são os seguintes:

Strenuus Alfonsus Rex Quintus Portugalensis,
Illustris Dominus Comitatus Boloniensis,
Qui dilatauit regnum patris, et reparauit,
Ac extirpauit prauos, hostes superauit,
Istius Ecclesiæ iecit fundamina magnis
Sumptibus, egregiè compleuit quinque bis annis.
Annos millenos Domini, deciesque vigenós,
Ac quinquagenos, minus vno, collige pleno.
Cum Rex incipiens opus hoc produxit in esse
Annos tres faciens ex quo Rex cœperat esse.

A este modo de versos com respondencia de consoantes nos cabos chamarão Leoninos os, que os começarão a usar. Introduzirão-se no mundo, quando foi faltando a policia da lingoa Latina, e a viveza de sua Poesia. Durou esta em quanto Roma triunfava, entrou a bastarda, e barbara com a declinação do Imperio. Devia nacer o nome do primeiro autor da invenção, porque a calidade d'ella não merece por si nome magnifico, visto como aquillo mesmo, em que foi fundar sua graça, que he junta de consoantes, sempre se reprovou entre os bons Poetas Latinos, e lhe chamavão cacofonia, que he o mesmo, que huma falsa na musica, ou desentoamento, que offende as orelhas. Mas podemos-lhe conceder o nome honrado á conta de que fizerão passagem, e como fundamento pera o genero de Poesia vulgar, que hoje usamos, agradavel já, e bem recebido á força do tempo, e do costume. E tornando á Historia a significação d'elles he esta.

O valeroso Afonso dos Reis de Portugal em ordem Quinto, senhor illustre do Condado de Bolonha, que o Reino de seu Pai restaurou, e alargou, e alimpou de gente roim, e desbaratou seus enemigos, foi o que fundou este templo com grandes despesas, e o acabou com toda perfeição em espaço de dez annos. Corria o do Senhor de 1249, quando começou a obra, e havia tres que reinava.

Isto he o que dizem os versos. Pera os naturais não ha que advirtir n'elles, porque he a historia mais trilhada de quantas ha no Reino. Aos de fóra advirtiremos, que se não enganem com esta Bolonha pola semelhança, que tem no nome com outra de Italia. Esta, de que falamos, he em França, seu nome hoje Bilhon, o sitio, sobre o mar Oceano, a Provincia, Picardia. Era Condado honrado, e rico: a senhora d'elle viuva, e moça. Casou dom Afonso com ella pera viver, porque era pobre Infante sem terras, e sem herança. Fez o casamento sua tia a Rainha de França dona Branca, irmã da Rainha de Portugal dona Urraca sua mãi. Chamava-se a Condessa Matildes, e não houverão filhos.

Se sobre tanta clareza houver ainda algum escrupuloso, que todavia queira por fundador do Convento a este Rei antes que a dom Sancho, remeto-o ao testamento do mesmo Rei dom Afonso, e peço-lhe que se não desengane sem o ver. He feito em Lisboa a 23 de Novembro de 1271, alguns annos antes que falecesse. N'elle achará, que deixando esmolas a todos os Conventos do Reino. quando fala no de Elvas diz, que se lembra d'elle, porque o fundou, e são as palavras formais: *Item Fratribus Prædicatoribus de Elbis centum libras, quia ego fundaui Monasterium hoc in hæreditate mea.*

E deixando a este de Lisboa a esmola dobrada, ou por ser casa de mais Frades, ou porque se mandava depositar n'elle, não lhe dá titulo de obra sua, como dera, se o fora, pola aventagem, que havia de hum a outro.

Ficou este Convento, polo que temos mostrado fabrica de dous Reis, e dous irmãos: mas sem lhe porem por isso nenhuma carga de obrigações: tambem lhe não deixarão ordinaria nenhuma, nem esmola perpetua sequer pera reparo do edificio, ou pera as alampadas, como poderão fazer, (inda que nossas Communidades vivião então sem rendas) com particular applicação: devia ser não quererem os Prelados quebrar hum ponto da observancia das leis admittindo em casa rendas, por mui justificado que fosse o titulo. O que só admittirão foi, a fim de ficarem os

Religiosos livres de perturbação de vizinhos, huma doação, que el Rei dom Afonso lhes fez despois da Igreja levantada, dos chãos, e terras, que cercavão o Convento, começando das que se estendião, até onde agora he a porta de Santo Antão: por onde corria a estrada, que chamavão a Corredoura: e voltando sobre a mão direita assi como agora sobe o muro até o postigo de Santa Anna, e decendo com elle até o baixo, onde são os canos da Mouraria: e d'alli correndo pera a Igreja de S. Matheus, por onde hia outra estrada, e dando volta polo que agora he a rua da Betesga, ficando dentro d'esse circuito, e como em Ilha a Ermida de São Matheus com as casas do Convento de Monsanto, e tudo o que toma o hospital del Rei, até tornar ájuntar com o Convento. N'aquelle tempo erão terras devolutas de que o povo se servia sem haver dono particular d'ellas, em telhaes, e fornos de tijolo por huma parte, e por outra em sementeiras de ferregeais, e hortaliças. O muro, que hoje as cinge, se lançou longos annos despois, como a cidade foi em crecimento. Esta mercê, que então se aceitou por ser de terra desaproveitada, e baldia, e sem olho a interesse, veo despois a importar muito. E importara mais, se el Rei dom João Primeiro não tomára ao Convento o grande sitio, que occupou com a Real fabrica do seu hospital.

Assi como o Convento era aprasivel por desabafado, e livre de sogeição, em quanto estava fora de povoado: assi despois que a cidade se alargou, e foi crecendo, e caminhando pera a grandeza, que hoje tem, ficou no melhor posto d'ella entre todos os Conventos. Porque está como no centro, e coração do lugar, na parte mais plana, e mais habitada, e de mais concurso d'elle, e suas portas na melhor praça. Mas como em tudo ha defeitos, pagarão os Religiosos estas commodidades no tempo antigo com muitos medos, e perígos, e no presente tambem com alguns. Era a causa, que nos primeiros annos antes de haver edificios á roda, todas as agoas, que corrião do monte, e campo de Santa Anna, e do grande valle, que ainda hoje se chama da Mouraria, vinhão demandar os muros da Igreja, e Convento, como a huma barreira: e tanto que as invernadas passavão do termo ordinario, o que muitas vezes acontecia, fazião n'elle grandes danos: principalmente succedendo decer a força das agoas da terra em conjunção de alguns estos maiores do mar, porque então não só ficava impedida a vazante ás da terra, mas ajudavão-se suas enchentes com o crecimento do mar, e do Rio que tambem sahia de madre: e toda esta furia vinha a cair, e quebrar sobre o Convento. Acha-

mos posto em lembrança, que alguns annos se virão os Religiosos em grande trabalho. Assi devia ser em huma famosa chea, de que faz menção o livro das Calendas da Sé, que deu muita perda na cidade, e foi em 4 de Janeiro de 1343. Mas quarenta e hum annos despois, no de 1384 em 24 de Outubro forão as agoas tão crecidas, tão arrebatadas, e impetuosas, que assolarão toda a cerca do Convento, e levantarão n'elle altura de quatro covados, e meio de agoa, (assi o apontão as memorias, que temos), e deixando feita irreparavel destruição em todas as Officinas, forão sair polas portas da Igreja com tal força, que arrombarão as paredes de que era cercado o Alpendre; e, como toda a casa era terrea, foi lastimosa causa o estado, em que ficou tudo o que havia de ornamentos, livros, provisão, camas, e vestidos. Pera não haver mortaes valeo o pouco sono, ou a vigia continua dos Frades. Em semelhante aperto se acharão muitos annos a diante no de 1488, huma Terça-feira 16 de Setembro. E foi maior o perigo, porque veio o diluvio repentinamente, e em tempo que ainda se não temia, nem esperavão agoas: e engressou tanto, que não foi bastante pera lhe dar evasão a grande madre do cano, que corre por detrás do Convento, que a cidade tinha mandado abrir com grande despesa tanto pera este fim, como pera limpeza da terra, e pola capacidade, e largueza, que tem, he chamado Real. Estiverão os pobres Frades alagados com altura de dez palmos d'agoa por toda a casa, (são palavras formais da lembrança, que era altura de huma braça de craveira.)

De todos os Reis, em cujo tempo succederão estas cheas, o primeiro que se doeo dos que padecião os tormentos, e medos d'ellas, foi el Rei dom Manoel, que por esse respeito mandou derribar todo o edificio velho, que era terreo, e fez lavrar, e levantar de novo hum dormitorio alto. Assim acabou a antiguidade da vivenda baixa, que a todos dáva cuidado. E não estão em pequena obrigação por tal obra a este Rei os Religiosos, que se acharão no Convento por dezembro do anno passado de 1618, no qual veo sobre elle huma força de agoas semelhante áquellas antiguas no impeto, e abundancia, e tambem na occasião de maré; e achando porta aberta na cerca, que era serventia de obra, que se fazia em casa de Noviços, meteo dentro hum mar de agoa com tal furia, que em todas as officinas baixas subio oito palmos, e em algumas mais. Valeo muito a diligencia, e animo do Prelado: a diligencia em fazer dar saida ás agoas, e o animo pera reparar as perdas sem se sintirem em

casa, e sem ser pesada fóra, nem aos amigos, que já apercebião as bolsas pera grossa despesa.

Mas o reparo, que el Rei dom Manoel fez contra as agoas, não bastou contra os outros elementos. Vierão tremores de terra em lugar dos diluvios, com igual medo, e maior risco. E succedeo n'esta cidade hum entre outros no anno de 1531, huma Quinta-feira 26 de Janeiro com abalos tão descompassados, que se fez sintir por mais de sessenta legoas de distancia, e assolou lugares inteiros por todo Ribatejo, e por outras partes: e em Lisboa poz por terra muitas casas, fazendo-as sepulturas de seus donos. As ruinas, que houve então n'este Convento, se deixão entender do grande dano, que recebeo a Igreja: porque sendo fundada sobre firmissimos alicerses com paredes de grossura, e fortaleza pera muros de huma cidade, abrirão todas as naves de alto abaixo, e ficou o corpo todo tão estroncado, e desliado de membros, que por mais diligencias que se fizerão pola fortificar, polo alto com grossas linhas de ferro, e polos lados com escoras de grandes botareos de cantaria, foi com tudo necessario desfazer despois grande parte d'ella, e reedifical-a de novo, como se fez polos annos de 1566, ajudando todos os moradores da cidade a obra com tanto ardor, e vontade, como se tocara só a cada hum o bem d'ella.

CAPITULO XIX

Da antiguidade, e devação da Ermida de nossa Senhora da Purificação que commumente se chama da Escada.

He contigua ao corpo da Igreja d'este Convento, e quasi como parte, ou capella d'ella da banda do Evangelho, a Hermida, que o povo chama de nossa Senhora da Escada, (sendo seu proprio, e antigo titulo da Purificação), por ser casa de sobrado, e se sobir a elle por muitos degraos de huma escada de pedra, que cae no adro, e circuiro, que antigamente tomava a alpendorada, que ficava diante d'ella, e da porta principal da Igreja. A forma do edificio he estar assentada sobre firmes abobadas de tres ou quatro capellas, que tem seus arcos, e serviço no andar da Igreja, e abrir sobre ellas huma grande janela rasgada, e tão alta, que fica sendo tribuna mui commoda pera toda a Igreja, defronte das capelas de Jesu, e do Rosario. Que rezão houvesse pera tal sorte de fabrica nem se escreve, nem se comprende. Alcançal-a por discurso he trabalho sem frui-

to, como será tambem querermos averiguar os principios de sua fundação, onde não ha escritura, que nos dê luz. Muitos concordão em ser a primeira casa, que na cidade se edificou a nossa Senhora, despois de lançados os Mouros. Mas he maravilha, se assi foi, não se falar n'ella na certidão do Bispo Regense pera confrontação do nosso Convento, quando começava, nem em outras memorias d'elle. Se não quizermos dizer, que nos ficava longe antes de edificada a Igreja por el Rei dom Afonso, e que esta foi meio de a fazer nossa. O que consta de certo he que de tempos muito antigos foi frequentada com devação, e romagem, não só do povo, mas tambem dos Reis. Do primeiro fundador não ha memoria. Reformador sabemos que foi d'ella hum Pedrafonso Mealha, védor da fazenda, e valido del Rei dom Fernando, que tem sua sepultura em huma das Capelas, que lhe ficão debaixo: e merece-nos bem esta lembrança, pola que elle teve do remedio d'este Convento, deixando-lhe a Quinta, que temos em Almada junto a nossa Senhora da Piedade, que he boa parte da sustentação d'elle. E de em tal tempo estar a ermida necessitada de reparo se collige bem, que teria já bons annos de ansianidade. Mas não faltão outros indicios que lh'a confirmão. E seja o primeiro acharmos em memorias antigas, que todas as procissões, que a cidade ordenava, ou pera pedir a Deos remedio em necessidades publicas, ou pera lhe dar graças por mercês recebidas, a esta Ermida vinhão. Nas Cronicas do Reino se lê, que havendo guerra entre elle, e o de Castella, pola successão del Rei dom João o Primeiro, fez a cidade alguns votos pola vitoria: e entre elles prometeo huma procissão perpetua a esta Ermida (*). Não será desagradavel aos curiosos lançarmos aqui hum pedaço de capitulo da Cronica d'este Rei, pera se ver a Christandade de nossos antepassados em negocear com Deos, e a veneração que tinhão á Ermida: e irá na mesma lingoagem, e termos do Cronista, e diz assi.

E a fóra as preces, e oraçoens que por esto cada dia tinham ordenado fazer, juntarão-se todos na Camara da cidade, onde tinhão de costume de falar seus feitos. E mandarão chamar pessoas Religiosas, Doutores, Mestres em Theologia pera averem com elles conselho, como averião a Deos em sua ajuda, e amansado de alguma sanha se contra elles por seus peccados tinha. (*E mais abaixo*), e por tanto os officiais, e homens bons dos mesteres ouvindo as palavras d'aquelles Padres Prégadores, e

(*) Cronica del Rei dom João I. p. 2. c. 4.

querendo seguir seu conselho, vendo como per muitos annos o povo da cidade fora amoestado em prégaçoens, que se partisse de alguns peccados, e danados costumes dos Gentios que se em ella de longo tempo usarão, mórmente erros de idolatria. (*E hum pouco adiante*). Por ende estabelecerão, e ordenarão prometendo a Deos guardar pera sempre por si, e por seus successores, que day em diante na cidade, e em seu termo nenhum não uzasse de feitiços, nem de chamar Diabos, nem desencantaçoens, nem sonhos, nem lançar roda, nem sortes, nem outra nenhuma cousa a que a arte de fisica não consinta. E mais que nenhum não cantasse Ianeiras, nem Maias, nem outro nenhum mez do anno, nem furtassem agoas, nem lançassem sortes, nem observança que a tais feitos pertença. E porque o carpir sobre os finados he costume deshonesto, e decende dos Gentios, sendo especie de idolatria defeza por Deos em seus mandamentos: por ende ordenarão, que homem nem molher nom se carpisse, nem depenasse, nem bradasse sobre algum finado, posto que fosse padre, ou madre, nem filho, nem hirmão, ou marido, ou molher: nem por outra nenhuma perda, nem nojo: mas trouxesse seu dó, e chorasse honestamente: e quem o contrario fizesse, que pagasse certa pena de dinheiro, e tevesse o finado oito dias em sua casa. E porque os costumes dos Gentios se usavão em certos dias do anno, assi como dia de Janeiro, e dia de Maio, e dia de Santa Cruz: estabelecerão que cada anno pera sempre fizessem tres Procissoens por estes dias. A primeira na Sé Catredal, a segunda a Santa Maria da Escada por devação da Madre de Deos, a terceira que fosse a Santa Cruz por seu serviço, e honra, etc. *Até aqui são palavras da Cronica.*

A primeira cousa. que a cidade fez tanto que pola vitoria se vio obrigada ao comprimento destes votos foi ajuntar huma geral, e extraordinaria Procissão de todo o estado, e sexo de gente, e sem exceição de pessoa vierão todos descalços render as graças por meio d'esta Senhora ao Senhor dos exercitos, que he o que dá as vitorias, como, e quando, e a quem he servido, e com aquella quasi milagrosa deu por então paz, e quietação no Reino affligido.

Seguirão-se logo as Procissões promettidas nos dias assinados. A, que tocava a esta Ermida em primeiro dia de Maio, se ordenou sempre com particular pompa, e solemnidade. Punha-se a casa de festa, armada de tudo o bom, que havia na terra, e ornada de toda a frescura de flores,

e boninas que traz Abril: recebia a Procissão com solene Missa, e prégação. Esta Procissão continuou assi longos annos, e por este dia. Mas despois que pareceo estar conseguido o fim pera que fora inventada de extinguir as profanidades genticas, que se uzavão em tal dia mudou-se com bom conselho pera o da vocação da Ermida, que he o segundo de Fevereiro da Purificação da Virgem. N'este ficou continuando perpetuamente por este modo. São mordomos sempre da Confraria da Senhora dous Cidadãos, os quais com o povo, que se junta em grande numero assistem ao officio da benção das Candeas, que se faz na Capella de Jesu, e d'ella vão em Procissão com suas vélas acesas nas mãos á Ermida em companhia de todos os Religiosos do Convento, que cantão a Missa solemne da Festa, e ha pregação. Por este meio se trocou a superstição danada em Festas religiosas, e santas, e forão arrancados os máos abusos Gentilicos. E he cousa averiguada, que forão autores deste artificioso conselho os Frades d'esta Ordem, e em especial o Mestre Frei Vicente de Lisboa, Provincial de Castella, e Portugal, e Inquisidor geral de ambos os Reinos antes da divisão das Provincias, como adiante o dirá a Historia (*). Entenderão aquelles Padres com bom discurso que sofre mal nossa natureza mudanças subitas, inda que sejão pera bem, e que folga de ser enganada: uzarão de manha, acabou ella com suavidade, o que a violencia pudera endurecer mais.

Mas não era menos a devação, que os Reis tinhão a esta Senhora, e Ermida. El Rei dom João o Primeiro a mandou em sua vida renovar com curiosidade. E despois, no cabo d'ella, estando enfermo em Alcouchete da doença de que faleceo, e sintindo-se acabar, mandou-se trazer a Lisboa, e antes de entrar em sua casa veo a esta a despedir-se, e tomar a benção da Senhora d'ella, e encomendar-lhe sua alma, e seus Reinos. D'aqui se foi pera os Paços do Castello, onde se finou brevemente.

Este mesmo respeito, e devação permaneceo, como por erança em seus filhos, e nos Reis seus successores. El Rei dom Duarte seu filho, e primeiro successor acrecentou a Ermida, e a poz no estado, e capacidade, que hoje tem, e lhe fez esmola pera arder huma alampada perpetua diante da Senhora.

O Infante Santo dom Fernando, irmão del Rei dom Duarte, quando se quiz embarcar pera a infelice jornada da Tangere, em que ficou cati-

(*) P. 2. No Convento de Benfica.

vo, nesta Capella se confessou, e commungou: e d'aqui se foi meter na náo, e na mesma hora se fez á véla com toda a Armada, em dia de Santiago do anno de 1437. Morreo este Infante no cativeiro por occultos juizos d'aquelle Senhor, que tudo governa com summa providencia, e justiça: mas esta Senhora o animou nos trabalhos, e consolou no ultimo artigo da morte, aparecendo-lhe visivelmente, e certificando-o da gloria que n'aquelle mesmo dia o esperava: como adiante o contaremos.

Com melhor successo fez semelhante despedida seu sobrinho el Rei dom Afonso Quinto, filho d'el Rei dom Duarte, no anno de 1471, quando foi tomar Arzila, e Tangere aos Mouros. Acompanhado de toda a Corte veio visitar a Senhora na manhã do dia de sua gloriosa Assumpção, a quinze de Agosto. Ouvio Missa, e deixando-lhe esmola pera arder outra alampada perpetua com a de seu pai, se foi embarcar, e no mesmo dia sahio do porto.

Em caso muito differente mostrou el Rei dom Manoel a veneração que em sua alma tinha a esta Ermida. Porque dando-se por mui offendido, como era rezão, do desastrado caso, que em seu tempo succedeo no anno de 1506 da matança dos Judeus, que de fresco erão bautizados, e mandando, que no Convento de S. Domingos não ficasse nenhum Frade, porque n'elle tevera principio a desordem: logo exceituou o que tinha a seu cargo a Ermida, e este só ficou. Apontão as memorias antigas, que ajudou a boa tenção d'el Rei ser o Frade varão santo, e por tal havido em toda a cidade.

Não discrepou d'elle el Rei dom João Terceiro, seu filho, quando foi o tremor da terra, que atrás contamos do anno de 1531. Como o Convento ficou todo desbaratado, e posto em ruina, pedindo-lhe o Prior, que era Frei Afonso de Madail, esmola pera o reparo, mandou-lh'a dar bem grossa, mas com distinção declarada da parte, que dava pera remedear o dano, que houvesse na Ermida, e na nave da Igreja, que sobre ella cae, como parte, e membro da mesma Ermida.

CAPITULO XX

Da vida, e morte do Padre Frei Fernando do Cadaval Capellão de nossa Senhora da Escada.

O cargo d'esta Ermida foi sempre costume andar em Frades velhos, e de virtude callificada. Por morte do que assima dissemos, que o servia em tempo d'el Rei dom Manoel, deu-se a hum bom velho muito pio, e singello, que tinha bem servido a Ordem, sendo muitos annos Mestre de noviços no Convento, e alguns Supprior. Era seu nome Frei Fernando do Cadaval. Vendo-se o velho sacristão da Senhora, houve-se por largamente pago dos trabalhos da longa vida: e era grande o gosto, e cuidado, com que se empregava em seu serviço. Quando pola manhã hia abrir as portas, chegava-se ao altar, falava com a Senhora, encomendava-lhe sua alma, e sua vida, pedia-lhe favor, e ajuda pera a servir bem aquelle dia, e em quanto vivesse. Despois de falar com a Virgem, olhava pera o minino, que tinha em seus braços, e, como se o vira n'elles, quando a Senhora o criava, e na mesma idade, que ali representava, dezia-lhe seus requebros, e com santa simplicidade, e licença dos annos (que, quando são muitos, se tornão a igualar com os dos mininos), estendia as mãos, e os braços, e dezia-lhe, que se viesse pera elles, deixasse os da mãi sagrada; e com palavras pueris, e imperfeitas offerecia darlhe algum mimo da cella. Quando vinha á tarde fechar suas portas, e concertar as alampadas, rezava suas devações á Senhora: e por remate dezia-lhe, que se acabava o dia, e entrava a noite, avisando a quem era velho como elle, que não podia tardar cerrar-se tambem o dia de sua vida, e entrar-lhe por casa a noite da morte. Que pera então havia mister seu soccorro, então se lembrasse de quem folgava de a servir agora. Despedia-se logo do minino com novos amores, e pedia-lhe a mão pera lh'a beijar, e prometia buscar, que lhe trazer pera o dia seguinte. Tornava pola manham cheio de alvoroço pera aquelle santo trato, e n'elle andava tão embebido, e afervorado, que de nenhuma cousa outra da vida tinha lembrança. As primeiras violetas, que em Lisboa traz Dezembro, dando novas anticipadas do verão, as primeiras rosas de Março, começando a desabotoar, os cravos, as mosquetas, e jasmins, tudo buscava segundo os tempos pera o seu minino, e pondo-lhe nas mãos o que

trazia, fazia offerta da innocencia de sua alma, que ao Senhor mais agrada, accommodando ditos, e galantarias á idade de quem o recebia.

Assim continuava o velho o serviço de sua capellania: e não se descuidando n'elle hora nem momento, quiz o Senhor dos Ceos tambem por meio da mesma imagem, em que era venerado, corresponder a sua devação, e consolal-o. He cousa certa, e que foi vista, e notada por Padres, que algumas vezes o acompanhavão, que indo pola manham cedo abrir a sua Ermida, achava o minino Jesus assentado no meio do altar sobre a pedra de ara. Ali erão novos amores, e o abrasar-se em devação: tomava-o nos braços, e como outro Simeão, pedia-lhe licença pera acabar ali a vida, porque a alma não era capaz de tamanho gozo, como recebia em tal estado: e beijando-lhe os pés tornava-o ao collo da Virgem. Outras vezes fazia-lhe perguntas como a minino, pera que decia ao altar, aonde teria frio: porque deixava os peitos da Senhora, em que estava mais abrigado, e melhor agasalhado: e por remate tornava-o a seu lugar. Está a Imagem da Virgem sobre o altar assentada em hum nicho alto, mas em sitio tão firme, e seguro, que sabidamente não era possivel cair o minino de noite: e, quando succedesse acaso alguma vez, não podia ser tanto a miude, como era achado embaixo: e, quando demos, que cahia vezes, não se pode conceder, que sempre caisse direito, e assentado em hum mesmo lugar. Por onde não ha duvida se não que era obra do Altissimo pera consolação d'aquella alma pura, como vimos que o fazia em Santarem, agazalhando os mininos innocentes, e mostrando-lhes, que aceitava os seus almorços. Pera confirmação d'isto sabia-se que não entrava pessoa viva na Ermida, despois que a fechava, porque era tão vigilante no serviço, e tão cioso d'ella, que não fiava de ninguem as chaves, e dormia com ellas á cabeceira. Considerava-se tambem, que havia misterio em o minino ficar sempre assentado sobre o altar, porque era necessario dobrar-se, e fazer postura, e geito muito differente do que tem nos braços da Senhora: pera o que não dava lugar sem milagre a materia de que he feito, que he páo. E em fim tudo estava persuadindo obra do Ceo, e fóra do natural. Mas o bom velho, acontecendo-lhe isto amiude, veo a sintir o que lhe custava tornal-o á Senhora: porque era força pera o fazer, subir-se sobre o altar: e hum dia queixou-se á Virgem, dizendo-lhe com muitas lagrimas, e com simplicidade, e candideza de pomba, qual era a de sua alma, que aquelle seu indigno Capellão era muito velho, e não tinha já forças pera subir tantas vezes

sobre o altar a entregar-lhe o minino Jesus; que lhe pedia não no largasse de si, e a elle forrasse tamanho trabalho. Mas o Senhor não deixava de exercitar o seu velho n'aquella facil penitencia, em que havia mais de mimo, que de fadiga: e algumas vezes, que não decia, fazia que, quando vinha pola manham, achasse sobre o altar o chapeozinho que tinha na cabeça, que tambem era impossivel cair sem misterio, porque no lugar não ha vento: e dado que o houvera, encaixava na Imagem tanto ao justo, que não era leve de tirar, quanto mais de cair. E o bom velho, inda que pesado, e cansado, não queria dar aquelle cargo a outrem, subia ao Altar custando-lhe muito, e cobria o minino.

Mas não tardou novo exercicio de paciencia. Eis que abrindo hum dia pola manham, como costumava, suas portas, acha apagada a alampada, que he obrigação arder dia, e noite. Pareceo-lhe grave culpa, sintio-a, deceo os degráos, que são muitos pera a Igreja a buscar lume. Quando tornou o dia, tornou-a a achar morta: entendeo, que era cousa feita á mão, e á sinte: porque o tempo estava quieto, a casa bem fechada, o azeite limpo. Então se queixou, e chorou: e acendendo-a foi-se ao minino, e em todo seu siso lhe disse com efficacia, que pois via, quão velho, e fraco era pera sobir, e descer muitas vezes tão comprida escada, tevesse elle cuidado de vigiar a sua alampada, e não consintir, que lh'a apagassem, porque d'ali lh'a entregava. Porem o Senhor inda o quiz provar outra vez: quando veio pola manham, achou tudo ás escuras: creceo a paixão, sintindo com seu trabalho a pouca reverencia de ficar a Senhora sem luz. Foi-se ao minino, queixou-se d'elle, pedio-lhe conta do descuido em cousa, que tanto lhe encomendara: mas querendo tomar a escada pera ir buscar lume, eisque subitamente a vio aceza. E desde aquella hora nunca mais se lhe apagou. Foi opinião dos Frades que o Demonio lhe fazia estes tiros pera o tentar, e provocar a ira: e fundavão-se em saber, que o perseguia com muitos outros. Porque humas vezes lhe aparecia em figura mui propria de quem elle he, que era de porco, e grunhindo: e o Santo velho, não fazendo caso d'elle, estendia a ponta da correa, e disciplinava-o com ella. Outras vezes, recolhendo-se pera a cella, achava-o na cama, e na mesma figura estirado entre as mantas: e com muito descanço, e sem nenhum pavor, (que pouco teme varas, e beliguins, quem não deve á justiça), reprendião, e dizia-lhe palavras formais: *Não vos tenho eu avisado, dom previso, que me não entreis n'esta cella: sus, levantar d'ahi muito nas mas horas, que essa cama*

he muito estreita pera dous. Quanto mais que não accito eu tão roim companhia. E o enemigo desaparecia logo. Continuou o Santo velho muitos tempos com esta vida, e sempre com raro exemplo de virtude. Em fim foi-se pera o Ceo cheio de annos, e merecimentos em sete de Outubro de 1555.

CAPITULO XXI

Do Padre Frei Matheus de Ogeda Capellão de Nossa Senhora da Escada.

Succedeo a Frei Fernando no serviço da Ermida, e devação da Virgem outro velho tão antigo na Ordem, e na idade como elle, e não menos estimado por religião, e pureza de vida. Este foi Frei Matheus de Ogeda, nacido em Burgos nas montanhas, filho de pai Portuguez, e mãe Biscainha, da qual tomou o apellido. Veio a esta provincia por companheiro do Padre Frei Jeronymo de Padilha, quando por mandado d'el-Rei dom João se começou a reformação por meio de alguns Padres de grande observancia, que de Castella decerão a seu chamado, dos quais Frei Jeronimo vinha em primeiro lugar. E vindo a tal officio, bem acreditada fica a virtude do companheiro, que pera elle escolheo. Era a virtude grande, e igual a habilidade em materia de papeis. Juntava com ella facilidade no negocear, e huma certa brandura natural, com que se fazia amar de subditos, e Prelados: de sorte que, morto o Padre Frei Jeronymo, fez o mesmo officio com outros quatro Provinciais successivamente, e sempre com satisfação de todos. No mesmo anno, em que veio, se perfilhou por este Convento: e, quando faleceo Frei Fernando do Cadaval, passava Frei Matheus muito dos setenta annos. Assi pareceo por todas as rezões, que seria digno successor do defunto: e bem o mostrou nos annos, que viveo, que ainda forão muitos, e vividos todos com singular exemplo de vida. Contão os antigos, que sendo este cargo como genero de jubilação, e hum modo de ficarem aposentados, e izentos de obrigações os que tem trabalhado, e servido: elle o entendeo tão differentemente, que servindo a nossa Senhora com todo cuidado na sua Ermida, nunca faltava de matinas no Convento. E affirma-se d'elle, que em todo o tempo, que n'esta Provincia residio, que forão trinta e oito annos, nunca faltou n'ellas em qualquer Convento, que se achasse, nem usando do privilegio, que a força dos negocios dava, quando era Companheiro, nem do mais forçoso a que o obrigava a idade despois de aposentado.

Antes aconteceo, que andando já muito no cabo, dous annos, ou pouco mais, antes que falecesse, por se entender, que tinha quasi cento, foi mandado recolher na enfermaria pera ser tratado como enfermo, pois era bastante doença tamanha velhice. E com tudo ainda então se fazia força, e não deixava de ir todas as noites rezar com a communidade as matinas de nossa Senhora, dando fermoso exemplo a todo o Convento. Parece que ou podia mais o habito continuado de tantos annos, que a fraqueza natural: ou que a obrigação de Capellão da Virgem lhe dava animo, e alento.

Mas he caso quasi prodigioso, que, em quanto este Padre viveo, nenhum trabalho o quebrantava, nem o medo da morte o fazia buscar mimos ou commodidades. Na grande peste, que no anno de 1569 assolou Lisboa, sendo feridos alguns Religiosos no principio do mal, quando fazia mais terror, e tudo era fogir; Frei Matheus os visitava todos polo menos duas vezes no dia, e os confessava, e assistia com elles, quando se lhe administravão os sacramentos, e entravão em artigo de morte; e sempre acudia ao officio da comendação da alma a cada hum. Nem os deixava despois de falecidos, antes, quando se davão os corpos á terra tinha elle por devação levar a Cruz diante, e n'este ministerio acompanhou aos que em casa morrerão, e aos que arriscando voluntariamente á morte com santa, e Religiosa caridade acabarão curando os enfermos na Casa da Saude. Porque seus corpos erão trazidos ao cemiterio commum do Convento. Mas não faltará quem diga, que pouco faz quem despois de vividos noventa annos, como elle já então tinha, despreza a morte, conforme ao dito do Tragico.

Fortem facit vicina libertas senem (*).

Querendo dizer, que não faz muito em mostrar valentia contra as carrancas da morte, quem pola muita idade se vê abraçado com ella. Porém não corria esta rezão em Frei Matheus. O que o fazia animoso era huma vida religiosa, e austera continuada por discurso de longos annos em pureza de costumes. E o que lhe conservava a saude, era huma firme resolução, com que vivia de se não poupar, nem buscar mimos ou commodidades, traz que muitos a perdem. Porque estas são a verdadeira peçonha, e destruição d'ella. Quem acabará de persuadir esta verdade

(*) Seneca tragic.

no mundo! He a vida humana hum vaso de vidro muito delicado: e o vidro não o quebra tanto sua fragilidade, como o receio, e sobejo cuidado, com que seu dono se vigia de que não quebre, empapelando-o, e resguardando-o mais do que merece, como disse hum antigo.

Frangere dum metuis, frangis cristallina: peccant
Securae nimium, solicitae que manus.

Não obrigava menos a Frei Matheus a vencer todos os medos, e trabalhos sua grande caridade, que era hum fogo perpetuo, em que ardia, e com que dezejava de se desentranhar pera acudir a todos os necessitados, e que d'elle se querião valer. Assi com tantos annos de companheiro dos Prelados maiores, e huma vida tão larga, não havia cella mais falta de tudo que a sua, nem Frade mais pobre no trato de sua pessoa que elle, grande amigo de fazer por todos, grande precatado em não ser pesado, nem dar molestia a ninguem. Havia já vinte annos, que servia de sacristão da Senhora, e pouco menos de dous, que estava recolhido na enfermaria: e, sendo julgado por homem, que corria em perto de cento de idade, era todavia robusto, e andava em pé. Mas ou que fosse discurso de bom juizo, qual foi sempre o seu, ou algum aviso secreto do Ceo, que elle nunca publicou: entrou hum dia pola cella do Prior, que era o Padre Frei Estevão Leitão, que acaso estava acompanhado de muitos Religiosos, e era hum d'elles, quem isto despois apontou: e alvoroçando-se todos com sua vinda, porque todos o amavão, e dezejando entender, que occasião o trazia aonde nunca vinha: assentouse, e, despois que descançou hum pouco, propoz assi. Nosso Padre Prior, inda que dizem que não ha ninguem tão velho, que não possa viver hum anno (*): segundo o que sinto, esta regra não se entende já em mi. Muitos annos ha, que ando no cabo da viagem, mas agora estou já no porto. Minha condição foi sempre não dar pena a ninguem: com tudo não se poderá escusar levarem meus irmãos comigo algum trabalho: quero dizer no officio da sepultura: que na doença, e morte espero em nosso Senhor, que lhes não hei de ser penoso. Venho pedir a vossa Reverencia huma caridade, a qual he que pera o dia, que assi se cansarem comigo, mande dar a toda a Communidade ao jantar huma pitança de arroz doce. Apercebia-se o Prior pera lhe responder á vontade, segun-

(*) Tullius lib. de senect.

do mostrava na boa sombra, com que o ouvia: E elle indo por diante, disse: e pera isto lhe peço, que receba esta esmola, que agora me derão. Sem dizer mais levantou-se, entregou a esmola, que se vio serem dez cruzados, e tornou pera a enfermaria.

Passados poucos dias, entrando o mez de Janeiro de 1576, quando veio a vespera dos Reis, soou polo Convento, que morria Frei Matheus. Juntou-se a Communidade, acharão, que se hia apagando aquella candea, por lhe faltar com a muita idade alimento, que detivesse nos membros a luz da bendita alma. Porque não tinha febre, nem frio, nem outra doença: e assi se foi na mesma noite receber com gloriosa morte o premio de huma santa vida. Teverão-no os Frades no Choro, em quanto durou a Missa da festa, e prégação, e teve sempre o rosto descuberto, porque estava não só bem assombrado, mas com huma cor rosada como de vivo. E por ser sua pessoa, e virtude mui conhecida de todo o auditorio, não foi parte a Festa, pera tolher ao prégador fazer d'elle huma honrada memoria. Acabada a Missa, foi levado á sepultura polos mesmos Ministros, assi como estavão revestidos de festa em ornamentos de brocado, e cores, seguindo toda a nobreza, e povo, que em tal dia concorre em grande numero ao Convento, como se forão a triunfo, não a mortuorio.

CAPITULO XXII

Da origem, e principio que teverão na Ordem de S. Domingos os Altares, e Confrarias do nome de Jesu

Entre grande numero de Irmandades, que em serviço de Deus Nosso Senhor, e de seus santos estão n'esta Igreja instituidas, he a primeira em calidade, e quasi em antiguidade, a do nome de Jesu. Pera se entender o fundamento, e origem d'ella, he de saber, que governando a a Igreja universal o Papa Gregorio decimo, e dezejando com paternais entranhas, que todos os fieis em reconhecimento do muito, que devemos ao Salvador do mundo Christo Jesu, verdadeiro Deos, e homem, venerassemos com cordial affeito seu glorioso nome: pera que d'esta veneração resultasse alcansarmos d'elle novas mercês nas continuas necessidades, de que nossa vida sempre anda cercada, passou hum Breve ao Mestre Geral da Ordem de S. Domingos Frei João de Vercellis, cujo

treslado tirado do seisto das Decretais, onde anda lançado, he o seguinte (*).

Gregorius Episcopus seruus seruorum Dei, dilecto filio Magistro Ordinis Fratrum Prædicatorum Salutem et Apostolicam benedictionem. Nuper in Concilio Lugdunensi duximus statuendum, vt ad Ecclesias humilis sit, et deuotus ingressus, et sit in eis quieta conuersatio, Deo grata, inspicientibus placita, quæ considerantes non solum instruat, sed reficiat: conuenientes ibidem nomen id quod est super omne nomen, a quo aliud sub cœlo non est datum hominibus, in quo salvos fieri credentes oporteat, nomen videlicet Jesu Christi, qui saluum fecit populum suum a peccatis eorum, exhibitione reuerentiæ spiritualis attollant. Et quod generaliter scribitur, vt in nomine Jesu omne genu flectatur, singuli singulariter in se ipsis implentes, specialiter dum aguntur Missarum sacra mysteria, gloriosum id nomen quandocunque recolitur, flectant genua cordis sui, quod capitis inclinatione testentur. Ideoque dilectionem tuam rogamus, et hortamur attenté per Apostolica tibi scripta mandantes, quatenus tu, et fratres tui Ordinis, cum vos populis contigerit proponere uerbum Dei, populos ipsos ad præmissa efficacibus rationibus inducatis. Ita quód proinde retributionis die præmium possitis promereri. Datum Lugduni Xij Calendas Octobris, Pontificatus nostri anno tertio.

Em vulgar reponde assi.

Gregorio Bispo servo dos servos de Deos, ao amado filho o Mestre da Ordem dos Prégadores saude, e Apostolica benção. No Concilio, que pouco ha celebramos na cidade de Lião, nos pareceo conveniente mandar ordenar, e decretar, que pera que em todos os fieis haja grande cuidado de entrarem nas Igrejas com humildade, e reverencia, e n'ellas assistão com tal sossego, e compostura, que a Deos agrade, e aos que a virem alegre, e não só sirva de edificação, e doutrina a quem a vir, e considerar, mas tambem de recreação: todos, os que em tais lugares se juntarem, honrem com particulares mostras de reverencia, e devação espiritual aquelle nome, que he sobre todo o outro nome, nome que fóra d'elle não ha debaixo do Ceo outro, em que se possa esperar salvação. Este he o nome de Jesu Christo que veio remir seu povo, e li-

(*) Decret.

vral-o do cativeiro dos peccados: e cumprindo cada hum particularmente aquillo a que todos estão obrigados, que he humilhar-se todo o Christão, e dobrar-se todo o joelho com respeito, e humildade ao nome de Jesu: principalmente o fação, quando forem presentes ao santo Sacrificio da Missa, dobrando os joelhos de suas almas, e humilhando-se todas as vezes, que n'ella se ouvir este Divino nome, e testemunhem com inclinação exterior da cabeça a, que interiormente lhe fazem com a vontade. E por tanto a vossa caridade rogamos, e consideradamente exhortamos por estas letras Apostolicas, a vós com especial commissão dirigidas, que todas as vezes que vós, e vossos Frades prégardes ao povo, trabalheis por lhe persuadir com efficacia de rezoens o que assima dizemos, e o façais de maneira que no dia da paga geral do Senhor possais merecer o galardão de bons servos. Dada em Lião aos vinte de Setembro no terceiro anno do nosso Pontificado, (cahio este anno no de Christo de 1274, porque foi eleito este Pontifice no mez de Julho de 1271).

Visto o Breve polo Padre Geral, e entendida por elle sua santa tenção, teve por especial honra da Ordem huma commissão de tanto serviço, e gloria do Senhor. E com diligencia o espalhou em copias por todos os Conventos, e provincias da Christandade, encommendando a seus filhos com vivas, e fervorosas palavras a execução d'elle. Tomarão os Religiosos a peito o mandado do santo Pontifice, e a amoestação de seu Prelado com tanta vontade, que não havia prégação, nem pratica espiritual, nem ainda conversação, em que não dessem grande parte a esta devação. Lembravão com encarecimento aos fieis o respeito, que se devia áquelle santissimo nome, recontavão suas soberanas prerogativas, descobrião o thesouro, que nelle se encerra das altas misericordias que o Senhor obrou na salvação do genero humano. Como se falava com gente pia, e catholica, foi grande o fruito, que colherão de seu trabalho. Porque não ha duvida, que a estremada reverencia, com que hoje o vemos venerado de todo Christão, teve principio n'esta diligencia, sendo assi que não ha lugar na Christandade tão apartado do trato, e policia civil, nem tão agreste, e rude, onde se não reconheça o preço do glorioso nome de Jesu com geral humilhação de corpos, e cabeças, em soando nas orelhas, e com claros sinais, que está bem arreigada nos corações a estimação d'elle. E isto bem se deixa entender, que ficou como erança recebida dos primeiros ouvintes despois que em suas almas

se fundou com aquellas continuadas, e devotas amoestaçoens dos Prégadores, a que foi encommendado o cargo. Assi podemos á boca cheia dizer que pola boa industria, e cuidado d'elles vemos hoje cumprida a palavra do Apostolo na parte, que lhe faltava das criaturas da terra: quando o Pontifice houve por necessario os officios em suas letras encommendados, pois d'ellas parece que devia haver notavel esquecimento na Republica Christam da obrigação, que era reconhecerem as criaturas terrestres a este divino nome com publicidade, e exterior demonstração, aquella mesma vassalagem, com que por dito do Apostolo se lhe humilhão, e sojeitão ao seu pezar as infernais, e com gosto, e alegria as celestiais, e Angelicas.

Mas não parou nos Religiosos o desejo de bem servir com os bons effeitos, que vião presentes. Considerarão que convinha força de artificio contra a fragilidade, e pouca constancia da memoria humana. E inventarão logo pera espertadores continuos d'ella os altares, que levantarão por todos os Conventos, e Igrejas da Ordem, dedicados particularmente ao bom Jesu. Por maneira que nos Frades de S. Domingos quasi he tão antiga como a mesma Ordem, a posse, que temos da companhia de Jesu, e dos seus altares, e serviço, não per eleição nossa, se não por ordem, e mandado do mesmo Senhor, pois nos veio por commissão do Principe supremo da Igreja Catholica, seu vigario na terra. Levantados os altares, ficou dado principio ás Confrarias. Porque ordinario he não se instituir nenhuma, sem preceder como fundamento o altar do Santo ou Santa, em cuja veneração se unem os devotos com conformidade de irmaons. Mas não era ainda então conhecido este bom modo de obrigar a Deos. Conheceo-se muitos annos despois, e começou n'este Convento de S. Domingos de Lisboa, e no altar, e nome de Jesu (pera prospero, e felice successo de todo semelhante serviço) como logo veremos.

CAPITULO XXIII

Do occasião, e tempo em que foi instituida a primeira Confraria do nome de Jesu no Convento de S. Domingos de Lisboa.

Reinando em Portugal o valeroso restaurador do Reino, e da liberdade dom João o primeiro, (que por tal merece não ser nunca nomeado sem o titulo saudoso de boa memoria, que o consintimento commum

de todas as idades lhe tem dado), foi Deos servido castigar a terra com huma corrupção pestilencial do ar, que sendo cruel matadora por todo o Reino, em Lisboa, e seus termos fez cruelissimo estrago. Acudia o povo d'esta cidade a Deos amiudando orações particulares, e gerais: e as que mais continuava erão em Procissões de quasi cada dia a nossa Senhora da Escada na Ermida, de que pouco ha falamos. Com a occasião de povo junto em lugar tão vizinho, mandavão os Prelados que houvesse prégação na nossa Igreja todas as vezes, que vinhão, pera dar animo aos afligidos, e se aliviar a tribulação, que era mui crecida. Continuava quasi sempre o pulpito n'estes dias dom Frei André Dias de Lisboa: o qual sendo natural d'ella, e Frade nosso passou a Italia, e veio por suas letras, e grande espirito, e eloquencia a ser eleito polo Papa em Bispo de Mègara, antiga cidade da provincia de Achaia em Grecia: mas tirando por elle o amor da patria, como os Portuguezes são tão affeiçoados a este pequeno torrão de seu nacimento, quiz antes viver pobre, e privadamente entre os seus, que mandar nos estranhos: tornou ao gremio, em que nacera, e vivia contente com o pouco que lhe rendia o Mosteiro de S. João da Alpendorada, de que el Rei o fizera commendatario. Fazião-no muito ouvido a dignidade, e partes que temos dito. E elle compadecido das calamidades, que via em seus naturais, trabalhava por se aventajar a si mesmo: e como prégador de espirito Apostolico, ainda que de sua colheita tinha ser agradavel ás orelhas com a musica da lingoagem, e partes de eloquencia, empregava todo seu estudo em buscar meios pera levantar as almas desmaiadas, e caidas com o peso da tribulação, a se armarem christammente contra ella com armas de paciencia, e amor de Deos, e esperança firme n'elle: affirmando que esta era a verdadeira cura, e triaga contra o veneno dos males, que padecião: que assi farião rendosa a pena das mortes do filho, do pai, do irmão: assi tirarião merecimento dos trabalhos, e das miserias misericordia, e sobre tudo que não havia mais certo meio de aplacar a Deos que pôr os olhos em Christo Jesu cordeiro innocentissimo pregado na Cruz. Aqui paravão todos seus discursos. Aqui lhes descobria altos thesouros de consolação, mostrando como este Senhor d'aquelle trono, que pera salvar o mundo enfermo escolhera n'elle, estava dando exemplo, e liçoens de soffrimento, de caridade, e confiança, pera que não houvesse nenhum homem tão affligido, que com tal espelho diante dos olhos não cobrasse animo, e alivio, e boa esperança. Logo exhortava

com estranha vehemencia, e rezoens saidas da alma, que se querião ver fim ao mal, todo homem se empregasse de coração em ser devoto do nome sacratissimo do bom Jesu, que era cousa certa, e por certo o affirmava, que hum Senhor, que tão atribulado fora por valer a homens, quando lhe não merecião nada, se doeria, e haveria misericordia dos que via atribulados, que remidos já com seu sangue, todavia fazia por lhe merecer alguma cousa. Outras vezes não saindo do mesmo conceito, persuadia, que todo homem trouxesse o santo nome continuamente não só na alma, mas tambem na boca: não só na alma, e na boca, mas que o trouxessem escrito sobre o peito, e o mandassem pintar sobre as portas das casas: que sem duvida seria remedio poderoso pera o Senhor amansar sua ira. Acendia-se a gente affligida em amor do afflgido Jesu, e no meio das mortes aceleradas, caindo aqui huns, ali outros, andava todavia o sagrado nome nas bocas de todos, louvavão-n'o com paciencia os que morrião, louvavão-n'o, e davão-lhe graças os que ficavão, escrevião-n'o, pintavão-n'o.

Quando o Prégador vio, e entendeo tão boa disposição, encheu-se de confiança, que não podia o Senhor faltar com sua misericordia; e propoz em hum Sermão, que se ordenasse huma Confraria, e que fosse o titulo do nome de Jesu: affirmando constantemente que o bemditissimo Jesu, que he fonte de piedade, usaria d'ella com todos os que folgassem de ser seus irmãos, e Confrades; e por meio d'elles com toda a terra; que olhassem, que só n'isto estava chegar o remedio de tantas calamidades, e tanta desaventura, como cada hum via em sua casa. Dezia isto, e repetia-o com grande efficacia, e já era pedida de muitos a Confraria, e desejada de todos: mas, ou fosse, porque nas cousas boas nunca faltão impedimentos, ou porque as muitas mortes tiravão o juizo, e o conselho, não acabava de haver resolução. Entre tanto crecia o dano da contagião com furia terrivel, não havia casa, nem homem seguro: mais fero, e mais pernicioso contra os mais robustos, era tiro de fogo, que apontava, e derribava, feria, e matava tudo junto. Mas o que não tinha reparo, e que só com o medo tirava vidas, era que o ar corruto, e venenoso despois de enterrar hum, e muitos, não se enterrava nem acabava com elles: vivo, e inteiro ficava em qualquer peça de vestido, e em qualquer dobra de pano, por pequena que fosse, d'alli, como de emboscada acometia de novo a quem se atrevia a tocal-o, e com a mesma violencia o matava, que fizera ao que já estava tornado cinza. Fazendo isto grande força ao

Bispo pera bradar, e rogar, e instar, em fim foi Deos servido, que se veio a assentar, e fundar a Confraria dia sinalado, vespera da Presentação de Nossa Senhora, vinte de Novembro do anno do Senhor 1432. Era Domingo, e prégava o mesmo Bispo, declarou do pulpito o que estava assentado, e advirtio juntamente, que acabada a Missa havia de benzer agoa em nome do bom Jesu, Autor, e Senhor da Confraria, pera que a levassem pera casa, e a communicassem aos enfermos. Foi recebida a nova com extraordinario alvoroço, e alegria, como bem estreado pronostico do que logo succedeo: e não havia homem, que quizesse ficar fóra da Irmandade, nem sair da Igreja sem sua parte da agoa. Assi esperarão todos, até que acabada a Missa sahio o Bispo vestido em Portifical, e subio ao altar de Jesu. Era o povo tanto, que não cabia na Igreja. Estava posta abaixo dos degráos huma grande talha de agoa. Benzeo-a com as benções costumadas da Igreja, com muita solemnidade, e devação de sua parte, e infinitas lagrimas dos assistentes, porque nenhum havia em tamanha multidão, que não tivesse, ou esperasse em sua casa occasião dellas: e he cousa averiguada, que muitos estavão feridos despois de entrarem na Igreja, polo muito que se reforça, e aviva em qualquer ajuntamento o fogo da contagião. Carregou logo tanta gente pera participar da agoa benta, que sem se poderem valer os dianteiros pola pressa, e aperto que fazião os, que ficavão detrás, foi a talha derribada, e a agoa derramada. Mas não se perdeo, antes foi occasião o derramar-se de chegar aos mais afastados, e tocando todos as mãos, e os lenços n'ella, soube-se com certeza, que logo dos feridos, que erão presentes, sararão muitos; e dos ausentes, a quem se levou, hum grande numero. O que foi occasião de o Bispo benzer outra mais vezes, porque era buscada de toda a cidade como unico antidoto contra o mal, e com effeitos tão certos em calidade, que affirma o Bispo por letra sua em hum livro d'aquelle tempo, que se guarda na C nfraria, que não erão acontecidas em toda a Christandade junta de cem annos atrás tantas, e tais maravilhas. Encarecimento que só a tão santo varão se pode crer. Mas pera que em nenhum tempo possa haver duvida nem dos milagres, nem do encarecimento, crecerão elles de maneira, que dentro de quarenta dias contados d'aquelle Domingo em diante se vio o mal de todo acabado: e no fim de Dezembro erão já entradas na cidade muitas familias inteiras de gente nobre, que na força do trabalho se tinha retirado a suas Quintas: e agora acudião tanto ás novas da saude, como do novo, e santo remedio d'ella.

CAPITULO XXIV

Ordena-se solene festa no Altar de Jesu, por graças de saude: fazem-se Compromisso, e Estatutos da Confraria.

Pareceo então que seria justo darem-se graças ao Senhor pola saude, e milagre d'ella. E ordenou-se huma solene festa no Altar de Jesu, a quem se devia, pera em seu dia, que foi o primeiro do mez, e do anno seguinte de 1433, e n'elle se fez com assistencia de toda a nobreza, e povo da cidade, e sendo presente o Padre Mestre Frei Gonçalo Mendes Provincial d'esta provincia de Portugal, já então separada de Castella, e o Padre Frei Vicente da Azoya, Prior do Convento, a quem os livros da Confraria nomeão por Doutor. E no mesmo dia á tarde, (tão acesa andava a devação em todos), tornarão ao Convento, e juntos com os Religiosos derão ordem, que começasse a correr, e exercitar-se a Confraria decretada. E o primeiro auto foi, que todos os que se tinhão declarado por Confrades, e de novo se declararão, fizerão eleição de sete Irmãos pera a começarem a servir, e governar com titulo de hum Juiz, hum Mordomo, hum Escrivão, e quatro conselheiros. Foi segundo acordo comprometerem-se todos nos sete eleitos pera ordenarem com maduro conselho hum Compromisso das leis, que fossem convenientes pera bom governo da Confraria, e maior gloria do Senhor, com declaração que o podessem logo mandar confirmar polo Summo Pontifice. Dado este assento e tomado por escrito, e assinado, achamos nas lembranças, que durão na Confraria, que foi tamanho o contentamento em todos, que não cabendo nos peitos, tresbordou por fóra, a huns brotando polos olhos em lagrimas, a outros movendo pés, e mãos pera darem saltos no meio da Igreja, e voltas no ar, sem mais som que o de seu prazer, dizendo, e repetindo com a lingoagem d'aquelle tempo, que o fazião á honra, e pera gloria do bom Jesu, por serviço, e renembrança do bom Jesu. E tal foi o principio d'esta santa Confraria.

Instituio-se despois o Compromisso com suas leis, e ordenações: e foi a primeira, que a festa da Confraria se celebrasse no primeiro dia de cada hum anno, por ser o mesmo, em que o Senhor quiz começar a padecer polos homens, e tomar nome, e contar-se entre elles. E pera eterna memoria, e agradecimento da mercê recebida, houvesse todos os an-

nos á vespera da festa huma Procissão, em que irião os Religiosos do Convento, e se acharia com elles toda a Irmandade: e hum Sacerdote acompanhado do Diacono, e Subdiacono levaria em suas mãos huma imagem do minino Jesu. Esta procissão se juntaria na Ermida de nossa Senhora da Oliveira, sita no adro da Igreja de S. Gião, e d'ahi iria ao Convento. Foi confirmado o Compromisso, segundo por elle parece, polo Cardeal Renuncio, Penitenciario maior do Papa. E, porque muitos annos despois foi mostrando o tempo, que convinha acrecentar ordenações de novo, e reformar algumas das antigas, juntou-se a Irmandade, e com seu acordo se proveo n'ellas, e o, que ficou assentado, se confirmou autoritate Apostolica polo Infante dom Anrique Cardeal, e Legado a latere n'este Reino.

Os milagres, que nosso Senhor obrou na fundação da Confraria, e outros muitos, com que despois quiz honrar os devotos de seu nome, se escreverão em folhas de pergaminho, e d'ellas se fez livro, que pera consolação dos fieis, e curiosos se pendorou nas grades da Capella por huma cadea de ferro, com conselho mais pio, que prudente. Porque ficou occasionado ao que despois aconteceo, que foi roubal-o hum atrevido, não quebrando ferro, mas resgando pergaminho com magoa de todos os bons. Outro livro anda na Confraria vivo, que foi trabalho, e composição do mesmo Bispo dom Frei Andre. São muitas orações em prosa, e verso vulgar de louvores, e excellencias do nome de Jesu, apropriadas pera espertar a devação d'elle, e todas testimunhão bem a de seu autor. Em tempos antigos, que havia mais singelleza, e menos malicia, que nos presentes, era costume ás sestas feiras, quando não occorria festa de guarda, e se cantava a Missa de Jesu, que em tal dia he ordinaria, sobir-se o Diacono ao pulpito, assim como estava revestido despois de dizer seu Evangelho: e abrindo este livro lia ao povo huma das orações, que dissemos, que vinha mais a proposito pera o tempo, porque as havia n'elle occommodadas pera todo o discurso do anno. E affirmão os antigos, que fazião fruito, e se edificava o auditorio: porque ficavão servindo de huma breve pratica espiritual.

O sitio da Capella he no corpo da Igreja, no meio d'ella, sobre o presbyterio alto, que se estende por toda a nave direita. Faz divisão das Capellas collaterais com grades de ferro torneadas, o tecto he tão alto, como a nave, o frontispicio chega a pegar no friso do emmadeiramento do meio da Igreja, que he grande altura: e assi o tecto por dentro, como

o frontispicio por fóra, são lavrados de tarjas, e figuras de meio relevo de boa massenaria, e todas cozidas em ouro sem se ver outra cousa. O retabolo sobe quanto a parede, e com a largura toma toda a Capella. He pouco aparatoso em feitio, mas de boa pintura nos paineis. No meio abre hum grande nicho alto, e largo, e cerrado com portas de grade forte, cujos balaustres são de prata mocissa. Dentro fica hum Christo crucificado de grande devação, em vulto, e estatura de hum bem proporcionado homem. No lado está sempre o Divinississimo Sacramento recolhido em hum relicario, ou custodia redonda, de tal arte que de fora se devisa toda a redondeza da Historia sagrada. D'estas Custodias ha duas no Convento, huma de prata dourada, que serve quotidianamente, guarnecida de pedraria: outra de ouro mocisso, e feitio igual á materia de que se usa nas festas, e tem mais de hum palmo em diametro. Esta peça foi dadiva do Infante dom Luis, sendo por sua devação mordomo da Confraria: as grades fez o primeiro Conde de Santa Cruz dom Francisco Mascarenhas, que foi o que defendeo o famoso cerco de Chaul na India. Ardem continuas diante sete alampadas de prata. As tres grandes, e custosas, as outras de menos conta. A este ornato respondem os paramentos que ha pera o altar, e ministros, pera todo o discurso do anno, ricos, e mui perfeitos. Assi he a Capella de mais lustre, e magestade despois da maior, que ha em todas as Igrejas da Ordem: e no Reino poucas lhe fazem ventagem.

Por ser tal situarão os Prelados nella a Confraria do Santissimo Sacramento, por communicação da universal Confraria do nosso Convento da Minerva de Roma, pola qual todos os Conventos da Ordem gozão do privilegio de poderem levantar em suas Igrejas esta Confraria, e fazer procissões nas terceiras Domingas de cada mez, particulares: e duas publicas, e solenes na Dominga *infra Octavas* da festa de Corpus, huma pola manham, e outra á tarde. E pera mais solenidade está prohibido por letras Apostolicas a todas as mais Religiões Monacaes fazerem em tal dia semelhantes procissões. Do anno, em que começou a correr esta Confraria, não consta ao certo: mas certo he, que foi a primeira d'esta invocação, que em toda a Cidade houve: e assi se julgou por sentença no anno de 1548 em huma longa demanda, que por parte do Cabido da Sé correo contra os nossos Frades. E a grande antiguidade lhe tem rendido muitas, e grandes indulgencias, e graças: humas, que os Summos Pontifices concederão á Confraria de Jesu: outras, que o Papa

Paulo Terceiro expressa, e especialmente concedeo á Confraria do Santo Sacramento n'ella encorporada, e outras, com que de novo a enriqueceo o Papa Pio Quinto de gloriosa memoria no anno de 1571 com indulgencia plenaria, e remissão de todos os peccados aos fieis, que presentes se acharem nas duas Procissões da Dominga *infra Octavas.*

Ultimamente se annexou á Confraria de Jesu, e á sua Capella outra Irmandade, cujo titulo he do nome de Deos pera evitar juramentos. Esta teve principio em Castella, e foi instituição de hum Religioso de S. Domingos, por nome Frei Diogo de Vitoria no anno do Senhor de 1500. E despois a confirmou, e dotou de grandes Indulgencias o Papa Pio Quarto, e seu successor Pio Quinto, confirmando-a de novo, lhe acrecentou outras graças; e por hum particular Motu proprio ordenou, que em nenhum outro Convento ou Igreja se pudesse situar, salvo nas da Ordem de S. Domingos; e onde faltasse casa da Ordem, se houvesse licença dos Religiosos d'ella, sem a qual nenhuma indulgencia nem graça se alcançaria. No anno de 1580 confirmou tudo o acima dito Gregorio Decimo tercio, assi como estava concedido, e confirmado por seus antecessores: e começa a Bulla. *Aliàs per fœlicis recordationis Papam Pium Quartum, etc.* E de novo ajuntou outros favores, e mandou que a Procissão, que se costumava fazer por esta Confraria nos primeiros Domingos do mez se passasse a outro, pera ficarem despejados os primeiros pera o santo Rosario. E pòr esta maneira ficarão tres Confrarias unidas em huma.

CAPITULO XXV

Da Confraria de Nossa Senhora do Rosario.

Não ha duvida, que assi como o primeiro Prégador, que a Virgem sacratissima escolheo pera communicar ao mundo os thezouros de seu santo Rosario, foi o Patriarca S. Domingos: da mesma maneira ficou a cargo aos filhos serem d'elle pregoeiros: e não fundarem casa nenhuma des do principio da Ordem, sem dedicarem logo juntamente particular Capella, ou Altar com titulo da Senhora do Rosario. Mas, como somos homens, e de todas as cousas humanas he propriedade natural não permanecerem muito tempo em hum estado, foi descaindo pouco, e pouco esta devação, porque erão homens os que a mantinhão: e chegou a termos de estar quasi esquecida, e apagada. Mas aquella Senhora, que he

fonte de misericordia, e como tal foi sempre medianeira de manarem as riquezas, e bens do Ceo sobre a terra, vendo o muito que os fieis perdião neste descuido: ainda que os Frades de S. Domingos, que por tantos titulos estamos obrigados a seu serviço, eramos no esquecimento os mais culpados, foi servida de tornar a fiar dos mesmos a honra do seu Rosario, (louvem-vos os Anjos, Virgem bendita, que bem mostrastes n'isto que sois verdadeira mãi), e aparecendo primeiro ao nosso famoso Prégador Frei Alano, de nação Ingres, e despois ao Prior de S. Domingos de Colonia em Alemanha, mandou a hum, e outro, que resucitassem, e tornassem de novo ao mundo este santo genero de oração acommodado, e facil pera os homens, agradavel a Deos, e a ella, e pera alcansar misericordias do Ceo mui poderoso. Era polos annos do Senhor de 1475, e passados já duzentos e sincoenta e tantos despois de falecido nosso Santo Patriarca. Convinha muito pera a empresa outro tal espirito como o seu. Mas suprio a Senhora as faltas dos que então havia, com tanta superabundancia de graças, que fazendo elles o que de sua parte podião, não ha palavras que possão bem declarar quam celebre, e estimada fizerão com seus Sermões a santa devação, estendendo-a por toda a redondeza da terra. Grandes forão as maravilhas, infinitos os milagres que por ella se virão. As Irmandades, e Confrarias sem numero, concorrendo a ellas não só a gente ordinaria, nem só os Fidalgos, e honrados, mas Principes, e Reis, e Emperadores, e até os mesmos Papas, tendo por honra escrever seus nomes nos livros da Senhora. Assi o achamos apontado em memorias dignissimas de fee, (gloria grande pera esta sagrada Religião, e que devemos procurar conservar polos mesmos meios que nos entrou em casa.) A primeira Confraria, que d'este tempo achamos fundada, foi na mesma cidade de Colonia, e no Convento de S. Domingos, a qual aprovou, e confirmou no anno de 1479 o Papa Xisto Quarto por hum Breve riquissimo de graças, e Indulgencias: e o mesmo fez por outro semelhante no de 1484 Innocencio Oitavo. E desde este anno nos consta, que começou tambem esta Confraria no Convento de S. Domingos de Lisboa, instituida, e assentada na sua mesma Capella, que desde os fundamentos da Igreja lhe foi logo dedicada duzentos annos atrás. E d'aqui se foi dilatando por todo o Reino, e crecendo a devação, e reverencia do santo Rosario de parte dos fieis, foi tambem mostrando a Senhora d'elle, que se agradava do serviço com alguns successos maravilhosos obrados em beneficio de seus devotos. O que deu ocasião a

que levantando-se na cidade novo incendio de peste no anno de 1490, acudio o governo d'ella, acompanhado dos melhores da nobreza, e povo a este Convento, e juntos em sua Capella, e com voto feito de a servirem, e solenizarem suas festas, a tomarão por avogada do mal. Mostra-se dos livros da Confraria, que assistirão com elles a esta santa determinação o Mestre Frei Bras de Evora Provincial, e o Prior do Convento Frei Pedro Faleiro: e que no mesmo tempo se renovarão alguns Capitulos do Compromisso, e acrecentarão outros pera melhor serviço da Confraria. O proveito, que d'este remedio se sintio, foi tal, que cobrou novas forças nos animos dos homens o fervor, e affeição do santo Rosario: e os mimos, e favores, com que a Senhora o acreditava, erão tantos, que andão escritos livros inteiros d'elle. Apoz a devação creceo a riqueza no altar, e Confraria, em ornamentos, prata, sedas, e brocados, e grande copia de cera: levantou-se a Capella na mesma forma de altura, lavor, e dourados, que dissemos da de Jesu, que lhe he contigua. E ardem nella sinco alampadas de prata. Introduzio-se despois benzerem-se Rosas polo mez de Maio, em nome e á honra da Virgem: e como ella he, e tem por titulo, roza de pureza, deu-se por bem servida d'esta cerimonia: e forão grandes os beneficios, que logo então receberão, e inda hoje recebem os que com fee se valem d'ellas em suas necessidades, como não haja descuido nas outras de suas Aves Marias, que são as rosas, que mais estima: e por cujo respeito, e em significação do que lhe agradão se mostrou algumas vezes coroada das que cria Abril, e Maio. Virão-se os effeitos em alguns casos mui peregrinos, que não he rezão ficarem fora d'esta escritura, por terem todos em certo modo sua origem, e dependencia d'esta Confraria: brevemente diremos alguns dos mais notaveis.

Agueda Lopes se chamava huma pobre molher em Lisboa, que sendo acusada de seu marido por adultera, foi posta em prisão, e feito processo judicial contra ella. Correndo a causa, era grande a efficacia com que continuava em encomendar sua innocencia á Virgem por meio do santo Rosario, que muitas vezes passava cada dia, consolando sua tribulação com as dores, que considerava da Senhora, alegrando-se nos passos de seus gozos, e esperando remedio nos de sua gloria. Mas por ocultos juizos de Deos sahio por sentença condenada á força pola culpa, que o successo mostrou, que não tinha. Ouvio a sentença, afferrada todavia ao seu Rosario; e com elle no seio, e sobre o coração foi a padecer. Fez-se

a execução, e dizem que ao tempo, que o algoz a empuxou da escada pera ficar pendurada, deu hum grande grito chamando nomeadamente pola Virgem do Rosario. Quando veio sobre tarde, passadas muitas horas despois da justiça feita, houve quem quiz tratar de a enterrar: decido o corpo, notarão os autores da caridade, que parecia ter sinais de vida, e começarão a tratar d'ella mais que da sepultura. A primeira palavra, com que tornou, foi nomeando a Senhora do Rosario: e dizendo que ella lhe valera, pedia que a levassem ao seu altar. Deu se recado no Convento, e levada com o resguardo necessario, lançou-se diante da Senhora regando a terra com lagrimas em lugar de graças pola restituição, que alcançara de duas vidas em huma só vida. Aprovou-se o milagre juridicamente com testimunho dos que o trouxerão: e ella em seu juramento affirmou que na hora, em que lhe fora lançado o laço, que a havia de affogar, vira a piadosa Virgem por quem chamara junto consigo, e ella lhe sustentara a vida em aquelle trance. Esta molher viveo despois muitos annos, e todos empregou em acender, e alimpar as alampadas da Senhora. Não parece questão pera ventilar, se era innocente, como foi condenada em juizo de gente Christã: ou como houve milagre pera ella, se era culpada. Porque he facil a reposta. Podia haver erro no juizo, ou falsidade no processo: sendo assi que, (como acontecem muitos casos só pera manifestação da gloria de Deos), podia ser cegarem-se os Juizes, e sentencearem mal: ou julgarem bem, sendo o processo, e sua prova tudo falso.

Mas, assi como acudio aqui a Virgem Mãi a huma innocencia aos olhos dos homens duvidosa, em huma molher plebeia: assi remedeou logo outra mui clara, e notoria em huma nobre, livrando-a de igual ou maior perigo. E passou o caso d'esta maneira. Vivia esta molher junto do Convento, e como virtuosa, e honrada tinha particular devação á Virgem, e a seu santo Rosario com cuidado de não passar dia sem lhe dar voltas. Era o marido moço, desconfiado, e colerico, e devia trazer os olhos em casa alhea, que lhe fazia julgar mal do bem, que tinha na sua. Veio a cegar-se de todo, e persuadir-se, que havia nella culpas dignas de se pagarem com a vida, determina tirar-lha. Sintia-lhe a innocente no trato, e no sembrante o desgosto, com que vivia d'ella: queria tentar justificações de palavra, mas porque danão mais, onde se julga mal das obras, tornava-se ao seu Rosario, chorava com elle. Hum Domingo sobre tarde vio, que mandara criados, e criadas fora de casa, e notou, que hia cer-

rando sobre si as portas por dentro, e julgou mal, e temeo-se: subio-se ao alto da casa, toma em suas mãos o Rosario, e com os joelhos em terra, e olhos no Ceo pedia á Virgem fosse escudo, e emparo da verdade, pois a sabia. No meio d'estes medos baterão rijo na porta da rua, e repetirão huma vez, e outra com tanta pressa, que o cego, e enganado mancebo, que já sobia pera pôr em effeito a danada tenção, se houve por obrigado a acodir primeiro abaixo. Deceo, e acha hum gentil moço, que em trajo, e aspeito representava calidade mais que ordinaria, o qual lhe disse com termo muito cortez, e brando, que hum Padre de S. Domingos, (nomeava hum Religioso seu conhecido, e pessoa de importancia), lhe pedia, que na mesma hora quizesse chegar ao Convento, que cumpria dar-lhe huma palavra em negocio de sustancia. Começou o cego a desculpar-se, e despedil-o, dezejando desembaraçar-se do messageiro, e acabar sua obra. Mas elle replicou com tanta efficacia, dizendo que o Padre lhe pedira, que achando-o em casa o não largasse, porque havia perigo na tardança, sem o levar consigo: que em fim se deixou vencer, mais de sua presença, e boa arte, que do recado que trazia. Cubrio a capa, e foi-se com elle. Chegando defronte da Igreja, virão que se cantava a Salve, como he costume, com assistencia de toda a Communidade. Foi força entrar, e ouvil-a: e considerar hum pouco ao som d'aquella musica santa no desatino, que trazia no peito. Sendo acabada quiz todavia despachar-se, e requerendo o companheiro pera irem em busca do Frade, porque sahirão do Coro, não o vio: buscou-o por toda a Igreja, e não no achando, ficou hum pouco sobresaltado: com tudo foi-se ao Frade saber o que lhe queria: o qual o sobresaltou de novo, e confundio mais, porque affirmou, que nem lhe mandara recado, nem conhecia o moço, que por messageiro d'elle nomeava. Então foi o Senhor servido de lhe abrir os olhos pera acabar de entender, que os maos propositos d'aquelle dia erão enredo, traça, e traição de Satanas: e a vinda fora negoceada polo Anjo do Senhor, que o trouxera á Salve de sua mãi sagrada, pera lhe dar tempo de cair na conta de seu erro com tantos sinais, e salvar a innocente molher. Tornou-se pera casa todo trocado, e ficando com ella em muita paz, passados tempos lhe recontou a obrigação, em que estava á Senhora do Rosario: e a forte conjunção, em que lhe valera com seu messageiro. Mas não são de menos gloria da Virgem outros casos, que diremos no Capitulo seguinte, huns menos antigos que os referidos, e outros do mesmo tempo, em que vamos escrevendo.

CAPITULO XXVI

Proseguem mais alguns milagres do Santo Rosario.

Entrava em artigo de morte huma pobre molher de huma forte doença, que a tinha toda inchada. Cercavão-na muitos filhinhos, que com pranto, que fazião, lhe dobravão o mal. O marido andava por fóra buscando-lhe o remedio por seu trabalho. Acudirão as vizinhas, pobres como ella, a por-lhe na mão huma candea, ultimo soccorro de Christandade. Á pressa, e á revolta d'ellas, e ao pranto dos mininos acudio huma vizinha honrada, que por esmola a mandava curar, e como devota, (que o era muito), de nossa Senhora do Rosario, levou-lhe humas rosas suas, e fez-lhe tomar hum trago d'agoa d'ellas, mandando-lhe, que se encomendasse de todo coração á Virgem. Foi cousa prodigiosa, e de grande gloria de Deos, que no momento, que tomou a agoa, de artigo, e dores de morte, entrou em ponto, e dores de parto, e traz grande copia de humor, que vasou, e em que se resolveo a maior inchação, lançou com muita facilidade huma criança morta. Mas entrou em novo trabalho, porque as, que lhe fazião officio de comadre, dizião, que lhe ficava outra criatura: e segundo a postura, em que a natureza a queria despedir, e a fraqueza estrema da molher, tinhão por certo, que primeiro se finaria. Morava a pobre em huma casinha ao pé dos degráos da calçada do Carmo: forão correndo a S. Domingos buscar-lhe confessor. Tocou a sorte ao Padre Frei Luis Cacegas, a quem se deve o trabalho original da melhor parte d'estes escritos. Quando o Padre soube o estado da enferma, e o que era passado, empregou-se todo em a animar, affirmando de parte de Nossa Senhora do Rosario, que, pois começara a fazer-lhe mercê, não deixaria de a perfeiçoar: e acabando de a confessar, fez-lhe tomar mais agoa das mesmas rosas, que primeiro tomara, e lançando-lhe ao pescoço o Rosario, que elle Frei Luiz trazia, deixou-a. Não era bem despedido de casa, quando a enferma se sintio subitamente tão esforçada, que sem ajuda nem ministerio de comadres deitou a segunda criança, e tambem morta, e dentro de breves dias teve perfeita saude, que a dito das vizinhas, que lhe assistirão, e de todos os que soberão do caso, foi julgada por manifestamente milagrosa: e assi se justificou diante do Ordinario á instancia do Padre Mestre Frei Nicolao Dias. E ficou em lem-

brança, que a vizinha nobre se chamava Lianor de Azevedo, e huma das comadres Maria Domingues, e foi o successo polo mez de Julho anno 1574.

Quasi do mesmo tempo he outro, que agora diremos, o qual sobre todos, os que ficão atrás, nos confirma o muito, que a Virgem Sacratissima toma a seu cargo emparar, e remedear os, que a buscão polo meio do seu Rosario: e tem huma circunstancia de muita estima, a qual he que passou polas mãos do Padre Mestre Frei Luis de Granada, e foi por elle prégado na mesma Igreja de S. Domingos, onde aconteceo. Huma dona Illustre d'esta cidade estava de joelhos diante da Imagem de Nossa Senhora das Virtudes, que tem seu altar no Cruzeiro, em que agora vemos tambem S. Jacinto, pedindo-lhe favor com angustiado espirito em hum negocio, que a trazia em todo estremo desconsolada. E no meio dos rogos, e das lagrimas, com que os acompanhava, se ouvio chamar da Senhora benignissima por seu nome, e dizer-lhe palavras formais, que lhe ficarão esculpidas na alma: Não tenhais pena; que eu me encarrego desse negocio, pois que vós tendes cuidado de me rezar cada dia o meu Rosario. A pessoa era conhecida do Mestre, e de tal virtude, e calidade que acreditava o successo, e por ser viva, quando o prégou, não publicou o nome.

Mas, porque não pareça, que faltão milagres presentes, onde tantos, e tão illustre houve antigos, ajuntaremos dous tão de fresco succedidos, que ambos nos vierão á mão em tempo, que hiamos pondo em limpo estes escritos, pera se darem á impressão. E ambos são do anno passado, de 1620. E ambos podemos contar com os d'este Convento, porque, ainda que hum d'elles succedeo em terras tão remotas, como são as de Angola, parte da Etyopia Occidental: da mesma maneira que d'esta cidade de Lisboa procederão todas as conquistas, que os Portuguezes fizerão, assi as Confrarias, e devações do Rosario, que a ellas levarão, não se pode negar deverem sua origem á mesma cidade, e ao lugar d'ella em que tinhão sua raiz, e florecião, que era este Convento. Não faltão outras rezões pera confirmação do que dizemos, que ao diante se verão: agora digamos os milagres. E seja primeiro o de mais longe.

Era Governador do Reino de Angola Luis Mendes de Vasconcellos. Trazia seu campo fóra, fazendo guerra polo Reino, onde entendia, que convinha, Portuguezes poucos, Negros amigos, e fieis muitos, e todos a cargo de hum filho seu. Chegarão ás ribeiras do rio Coanza hum Domingo 15

de Março de 1620. He o rio grande, e poderoso de agoas, e n'esta parte corre mui largo, e faz algumas Ilhas. Pareceo aos nossos, que seria bem sojeital-as, buscou-se remedio. Acharão-se duas almadias sobre pequenas, rotas, e velhas. Não faltando animosos, que as abonassem, saltarão dentro dous Capitães armados de pés a cabeça, e seus arcabuzes nas mãos, e espadas na cinta, e hum Alferes mais com elles, e negros remeiros, e frecheiros, e forão remando contra a Ilha, e contra os enemigos, que os esperavão á borda da agoa. São as Almádias embarcações de hum só páo, e ainda as grandes, e fortes são tão ciosas, que com qualquer descomposição logo çossobrão. Estas, que se affirma erão pouco maiores que gamellas, e por serem abertas, hião já meio alagadas, no ponto que chegarão a tiro, em se começando os nossos a revolver, os brancos com os arcabuzes, e os negros com os arcos, virarão ambas sem remedio. Francisco Correa, que assi se chamava hum dos Capitães, sem disparar mais que huma só vez, se affogou logo, e não apareceo mais. Sebastião Dias, que era o outro, se foi tambem a pique ao fundo, como se fôra de chumbo. Sendo ambos julgados por mortos com dor de todo o campo, que estava á vista, eis que parece em cima da agoa Sebastião Dias, bracejando com huma rodella, que trazia embraçada, porque não sabia nadar, e sustentando na outra mão o arcabuz, que nunca largou: até afferrar em huma das almádias, á qual, tanto que chegou, deu hum grande grito, chamando por nossa Senhora do Rosario, em graças de se ver salvo por ella com evidente milagre. E não o foi menos escapar dos enemigos despois de pegado na Almádia, e andar boas tres horas na agoa até se poder recolher ao campo. Parece que quiz a Senhora acreditar publicamente sua devação com negros, e brancos, porque este homem era em geral conhecido de todos por grande devoto do Rosario, e contava, que, quando caira na agoa, fôra marrar com a cabeça na area, e n'este passo se lembrara do Rosario, que levava ao pescoço, e chamara em seu coração pola Senhora d'elle, e logo se achara leve, e cheio de alento, e em estado de poder chegar a lançar mão da Almádia pera se sustentar, e salvar. Cousa, que sem milagre era impossivel succeder.

O outro temos mais perto, e quasi na vizinhança do Convento: porque succedeo no que os nossos Frades tem na cidade de Evora. Ordenava-se n'elle a festa do milagroso Santo de Amarante S. Gonçalo por Janeiro do anno de 620. He a Confraria pobre, e administrada por gente tão humilde, que pera acrecentarem solenidade, e encurtarem despeza,

pedirão de emprestimo parte da cera de Nossa Senhora do Rosario, a condição de pagarem a, que o fogo, e o tempo gastasse. E por isso a tomarão por peso, e, de conformidade fizerão huns, e outros Mordomos seus assentos do que pesava. Acabada a festa, e juntos pera a entrega, e paga, fizerão segundo peso: e onde esperavão falta de muitos arratens, porque ardera ás Vesperas, e Missa, tudo com muita solenidade, e musica celebrado, acharão-se com peso aventejado, e não em pouca contia, ao que cada parte tinha posto em escrito. Foi grande o sobresalto, e torvação. Culpão-se os de Nossa Senhora de descuidados, e dão-se por enganados: tornão a ler, e reler suas lembranças, pesão de novo, e repesão a cera, esmerilhão, se ha erro na balança, ou vicio nos pesos. Gente plebea, e humilde não se atrevia a cuidar em milagre, tendo-o entre mãos evidente. Referião o negocio a erro de todos juntos, ainda que fieis, e verdadeiros em seu trato. Mas aquella Senhora, que he emparo de humildes, e Mãi de hum Deos, que tanto se humilhou no mundo, que d'elle nos manda aprender humildade, quiz honrar os humildes, confirmando o milagre por novo caminho: e foi assi. Apartarão-se os seus Mordomos, despois de longo debate, a recolher sua cera affirmando dever-se-lhes todavia por boa rezão o, que a balança negava: ao menos em duas tochas, que entre as mais tinhão dado, que erão novas, quando as derão, e agora vinhão manifestamente gastadas. Começavão a lançal-a em sua caixa. Eis que assombra extraordinaria maravilha. As tochas, que, quando novas, e inteiras entravão folgadamente na caixa, agora não cabião ardidas: pasmão, gritão, não crião hum milagre, já confessão dous, hum no crecimento do peso, outro do corpo das duas tochas. Chamão por testemunhas, quantos havia na Igreja, correm aos Frades, dão todos soberanas graças á Virgem do Rosario tão benigna pera os pobres, que não consintio, que por sua conta se levasse preço aos humildes festejadores do seu servo S. Gonçalo, acudindo com tal prodigio: antes mostrou, que não só estimava a devação, mas que folgava de a ajudar, e contribuir n'ella, como qualquer dos pobres com os arratens de cera, que o fogo consumio, e com os que se acharão de crença. Em milagre tão patente houve pouco que fazer. Justificou-se logo, e approvou-se polo Ordinario: e com sua licença o prégou na festa d'este anno de 1621 o Prior do Convento, que era o Padre Presentado Frei Christovão Carvão.

CAPITULO XXVII

De outras Confrarias que ha nesta Igreja, e de sua antiguidade, e devação.

Merecião primeiro lugar por calidade as Confrarias, de que tratamos nos capitulos precedentes. Das que restão, iremos agora fazendo relação segundo suas antiguidades. A que mais annos conta entre todas, as que ha n'esta Igreja, he a dos Santos Reis Magos, que tem seu altar pegado com o de Nossa Senhora do Rosario contra a porta da Igreja. A capella, e retabolo foi mandado fazer, e pintar por el Rei dom Dinis, quando despois de Rei mandou fazer de novo algumas officinas n'este Convento, e reparar outras. E assi tem a pintura mais de 320 annos de antiguidade, visto como dom Dinis começou a reinar no de 1279, em que dom Affonso III seu pai faleceo: e os mesmos tem a Confraria. Ha neste altar huma curiosidade muito digna de ser sabida. E he que na Imagem de Nossa Senhora, que está no meio do retabolo cercada dos Reis, temos tirada ao natural a Rainha Santa Dona Isabel, molher d'el Rei dom Dinis: e na do minino Jesu, que tem nos braços, o Principe seu filho, que então se criava, e despois succedeo no Reino com nome de dom Affonso Quarto. Quem fosse autor de tal memoria, não consta, mas bem he de crer, que seria el Rei, pois o foi da obra do retabolo, e sem sua ordem se não atreveria o pintor. E bastante indicio he sabermos, que fazia el Rei n'esta Capella a festa de S. Dionisio cada anno, em quanto tardou em se acabar o edificio de S. Dinis de Odivellas, Mosteiro real por muitas calidades, em que o mesmo Rei jaz sepultado. O que foi causa de se nomear muitos annos por Capella de S. Dinis, e fazer el Rei mercê ao Convento, por contra d'ella, de dez libras em cada hum anno, em quanto viveo: E são as palavras formais da Provisão, que fasia esta esmola pera se adubar a Igreja do seu Mosteiro de S. Domingos da Villa de Lisboa. Esta Provisão temos confirmada por el Rei dom Affonso seu filho no anno de 1326. E, porque se veja o muito, que então valia pouco dinheiro, pois com esta contia se podia acudir ao reparo de tamanha casa, importavão dez libras da moeda de agora, sendo a conta de Duarte Nunes de Lião, mil e seiscentos réis (*).

Tem segundo lugar de antiguidade a irmandade dos Ingreses na

(*) Na Cron. dos Reis f. 134.

Capella de seu padroeiro S. Jorge, que he collateral á Capella mór da parte do Evangelho. Deve-se a instituição d'ella aos Reis d'aquelle Reino, que como erão tão Catolicos nos tempos atrás, e com este Reino conservarão sempre commercio de amisade, e algumas vezes de sangue, quizerão, que seus vassallos residentes continuos n'elle tevessem particular Capella, onde se juntassem aos Officios Divinos pera testimunho de sua religião: e com ordem que houvesse quem os apontasse, e tambem quem tevesse poder de multar os descuidados, e levar-lhes a pena. Ajuntarão despois a este bom costume, hum direito nas mercadorias, que despachavão na Alfandega, que valia dez réis por cada peça de panno; e como era o trato grosso, e grande numero de náos, vinha no cabo do anno a montar muito. Arrecadava-se o direito polos livros da Alfandega, e erão executores os Mordomos com assistencia do seu Consul. Assi estava a Confraria rica de muita, e boa prata, e bons ornamentos do Altar. Como lá faltou a Religião nos Reis, foi tambem faltando aquelle primor, e gosto antigo do culto Divino nos vassallos, que navegavão, e o grosso direito de dez réis por cada pano, trocou-se em hum cruzado por cada náo, que foi grande abatimento. E, com tudo, entre os que erão moradores antigos d'esta Cidade, assi como se conservou a fé com a pureza de seus maiores, ajudada com o exemplo, que tinhão nos Portuguezes: assi nunca se desemparou de todo o serviço da Capella no meio das calamidades, e tormentas, que aquella ilha padece, ha muitos annos em materia de religião. E com não cessarem estas inda hoje, a paz, que faz crecer todos os bens, como dura, ha já vinte annos com a Coroa, e Reinos de Espanha, tem mostrado, que não está apagado nesta nação o Catolico espirito de seus antepassados. Porque em bom serviço, e em numero, e frequencia de homens está a Irmandade de presente mui adiantada, e começão a reformar, e illustrar a Capella de novo com marmores, e pinturas, e dourados, que a vão aventajando ás mais estimadas do Convento. Não falta quem diga, que a instituição da Capella, e Confraria Ingreza he tão antiga, como a tomada de Lisboa, quando foi ganhada aos Mouros com ajuda d'aquella grande armada de varias nações do Norte, que na conjunção do cerco, que el Rei dom Afonso Anriquez lhe tinha posto, aportou na barra, e foz do Tejo (*). Porque d'ellas ficou com nosco muita gente nobre, e plebeia, e mais da Ingreza. E querem atribuir este cuidado ao valeroso Arcebispo, e Martyr de Cantuaria Santo

(*) Duarte Nunes de Lião na vida del Rei dom Afonso Anriques.

Thomás, dizendo, que elle procurara no tempo, que teve mão no governo de Inglaterra, que seus naturaes se juntassem cá em Capella, e companhia particularmente sua, e que da Igreja das Martens, onde estivera primeiro, se passara á de S. Domingos, tanto que fora edificada. De que a Ermida das Martens, (cujo verdadeiro nome he dos Martyres), tevesse principio naquelle tempo, e fosse obra dos mesmos estrangeiros no tempo do cerco da Cidade, ninguem duvida: e de que permaneceo n'ella ajuntamento, e devação dos que ficarão no Reino, bem se deixa crer da pintura, que dura no alto do retabolo; que nos faz representação dos Capitães estranhos juntos á bandeira de S. Jorge.

De certo sabemos, que em tempo d'el Rei dom Duarte estava já tão autorizada a Confraria n'esta sua Capella de S. Domingos, que elle como filho de Ingreza que era, ordenou, que se lhe dissessem n'ella em cada hum anno no dia de festa de S. Jorge humas Vesparas solemnes, e Missa cantada, e pera ella deixou de renda quinhentos reaes brancos, nos quais se montava quasi ao dobro da moeda, que hoje corre, a rezão de dez seitis, e quatro quintos de seitil por cada real branco da antiga moeda: o que ignorando os que tratarão da reformação do padrão n'estes annos proximos, aceitarão quinhentos réis da moeda presente, que he de seis seitis o real, e ficarão perdendo o mais: como se pode ver da redução que el Rei dom Manoel fez das moedas em seu tempo (*).

No anno de 1414 em 12 de Abril achamos, que foi fundada a irmandade da gente Framenga, que n'aquelle tempo era chamada irmandade dos Borgonhoens, nome que comprendia todas as Provincias sojeitas ao grande Duque de Borgonha, Conde, e Senhor de Frandes. Deu-se-lhes pera ella a Capella collateral da Maior da banda da Epistola, que fica em sitio igual com a dos Ingrezes. Foi o nome de Santa Cruz, e do Apostolo Santo André antigo padroeiro da Casa de Borgonha, e de sua Ordem de Tusão de ouro, Ordem militar, mas posta em reputação de se não communicar mais que a Principes, e grandes Senhores. Como gente amiga do bem publico, souberão começar polo principal, que foi enriquecel-a com muitas reliquias de Santos, e particulares dos Apostolos Santo André, Santiago, e S. Felipe, e logo com indulgencias, e alguns Jubileus, que impetrarão de Roma. E ajuntarão pera commodidade espiritual terem no Convento hum Frade deputado pera seu Capellão, o qual por privilegio Apostolico tem poder pera lhes administrar todos os Sa-

(*) Nas Ordên. velhas del Rei dom Manoel l. 4. t. 1.

cramentos, como se fora seu parrocho: e, como tal, lhes diz sua Missa nos Domingos, e dias de Festa, á qual acodem com cuidado, e a ouvem juntos. He estatuto entre elles guardado com puntualidade darem pera a fabrica da Confraria, e Capella hum por milhar de tudo o que val a fazenda, que lhes entra nas mãos, e todas suas náos pagão por tonelada hum vintem, que, como são muitas, e a terra de Frandes não tem outro genero de vida nem trato, senão mercadejar, he hum, e outro rendimento tão importante, que huns annos passa de dous mil, e quinhentos cruzados, quando o commercio não está cerrado. Assi celebrão suas festas com grande despesa, e pompa: e está a Capella mui luzida, e abastada de prata rica, e bem lavrada, e de muitos ornamentos de frontais, e casulas de télas de ouro, e prata, e sedas de todas cores, pera servirem segundo os tempos, e as festas. Mas o, que mais lhes devemos louvar, he terem por costume, e ordem repartir muitas esmolas entre os pobres de sua nação, e casarem orfans, filhas d'estes com dotes competentes. Ao que se ajunta, que, quando acontece virem a este Reino alguns naturais seus a negocear, se caem em doença ou em outra necessidade, são curados, e providos com caridade, e largueza: pera o que se fintão todos, e acode cada hum de sua casa com o que póde, quando não basta a renda commum da Confraria. E pera perfeita piedade, todos os pobres são enterrados á custa da Irmandade, e acompanhados com muita cera, que usão toda verde, e soccorridos logo com Missas, e suffragios. E tem pera seu enterramento lugares separados, a saber aquella parte do cruzeiro, que fica adiante da sua Capella, e a Sacristia d'ella, que he huma boa casa. Foi isto commodidade, e graça que os Religiosos lhes fizerão em reconhecimento de particulares, e aventajadas esmolas, com que nos tempos antigos dos tremores da terra acudirão ao reparo da Igreja, e Convento, e forão sempre os que mais se sinelarão n'este ponto. E o mesmo fizerão polo tempo em diante, e ategora, nas obras que succederão de importancia, e necessidade.

CAPITULO XXVIII

Prosegue a relação das Confrarias, e outras irmandades que ha na Igreja.

A Casa, e Corte da Suplicação, tribunal supremo da justiça d'este Reino, tem n'esta Igreja antiquissimo assento de Confraria, que deve ser

igual em annos aos que ella tem de assistencia na Cidade, despois que os Reis a trouxerão de Santarem, como atrás tocamos. Mas não nos consta do anno, em que começarão, e por isso lhe damos este lugar. Estes Padres fazem sua festa ao Espirito Santo na primeira Oitava da mesma festa, sem eleição de Capella ou altar particular, e celebrão-n'a com muita magestade. No anno do Senhor de 1566, sendo Regedor da Casa Lourenço da Silva, se fez novo Compromisso, no qual emendárão algumas cousas do estilo antigo, que usavão, e ordenarão de novo outras pera bom serviço da Confraria: as quais confirmarão por el Rei dom Sebastião.

He muito bem servida, e com grande cuidado a Serafica Santa Caterina de Sena. He Santa da Ordem, e como dizem, de casa. Assi tem sumptuosa Capella, e altar rico de perfeita pintura, em que se lem parte das maravilhas de sua santissima vida. A huma parte recebendo-a Christo Jesu por sua esposa, e sendo medianeira do Divino concerto a Virgem sacratissima sua Mãi. A outra imprimindo-lhe suas divinas chagas. Mostra-se o bom Jesu pregado em huma Cruz no alto do Ceo cercado de celestial claridade, e a Santa absorta toda n'elle, recebendo o soberano favor por meio de humas linhas de fogo, e sangue que o representão. Vê-se em outro painel o amorosissimo Senhor, (porque acabemos de entender os estremos, que faz por quem o ama), tocando seu Divino coração com o da Santa. Esta Capella, e altar toma todo o topo do cruzeiro da parte da Epistola.

No topo fronteiro tem Capella por estremo fermosa a Virgem Nossa Senhora com titulo das Virtudes. He a imagem de vulto vestida de estofado: perfeitissima em escultura. Foi mandada fazer em Frandes por el Rei dom Manoel, com tenção de a dar ao Mosteiro de S. Jeronymo do Espinheiro de Evora. Sendo chegada a Lisboa, e muito gabada a el Rei, mandou que a posessem n'este Convento pera a ver. Vendo-a no Altar mór, onde a poserão, satisfez-se tanto da fermosura do rosto, talho, e proporção d'ella, que a gabou muito aos fidalgos, que o acompanhavão. Tornando no paço a falar nella, e repetindo quão bem lhe parecera, hum valido seu, e da nossa Ordem devoto, desejando-a pera esta casa, valeo-se da occasião, e posto de joelhos diante del Rei, pedio-lhe de mercê, que, pois tão contente estava da imagem, fosse servido contentar-se tambem do altar, em que a vira, e não consintir, que se tirasse d'elle, porque ali a poderia ver mais vezes, do que faria estando em Evora.

*

Juntou-se o gosto proprio com a affeição do privado, concedeo-a ao Convento, e mandou, que se fizesse outra pera o Espinheiro. Esteve a Imagem no Altar mór até o anno de 1558, que foi o, em que se acrecentou á mesma Capella tudo, o que n'ella parece de obra moderna, e differente da antiga, que se deixa bem conhecer. Então se passou pera onde hoje está, e onde tem sua Confraria, e se lhe faz solemne festa no dia de seu glorioso Nacimento. E esta he a imagem, de que atrás contamos, que falou, e consolou a huma devota do seu Rosario.

Sendo canonizado S. Jacinto, e recebido n'este Reino seu nome com tanta devação, que forão muitos, e notaveis os milagres, que em todas as partes d'elle tem obrado, parece que a Senhora das Virtudes seria servida de agasalhar no seu altar quem de tantas foi dotado. Assi se poz n'elle huma devota Imagem do Santo com sua custodia nas mãos, em lembrança d'aquella, com que fogindo dos Barbaros infieis passou o grande rio Boristhenes fazendo caminho sobre a corrente das agoas impetuosas, com a mesma confiança, e facilidade, que pudera fazer polo lageado da sua Igreja. Mas que maravilha, se levava n'ellas quem o levava, e guiava a elle, e lhe dava a vida, o ser, e o valor? Des do mesmo dia ficou assentada nova Irmandade em nome do Santo: e pera mais honra sua se annexou á da Virgem: com a qual se incorporou tambem de novo a Irmandade da Resurreição, e ficarão unidas tres em huma só.

E porque os soldados da guarda Tudesca, que serve a el Rei n'este Reino, e em sua ausencia acompanha os Visoreis, e Governadores que sua pessoa representão, quiserão tambem formar Confraria pera exercicio de obras virtuosas como bons, e fieis Catholicos: escolherão com acertado conselho por padroeiro, e protector este Santo, se não natural de sua terra, ao menos mais vizinho, que os Santos de cá. Ficou fundada esta Irmandade na mesma Capella, e Altar, onde o Santo está, e debaixo de sua invocação, mas separada das outras tres, e distinta em leis, e estatutos, como em gente, e lingoa. Porém passados alguns annos achamos, que mudou sitio pera outra Igreja.

Ultimamente instituio n'esta Igreja o gravissimo senado da santa, e geral Inquisição huma solene Irmandade sem escolha de Altar particular: cujo titulo he do valeroso Martyr S. Pedro de Verona, Frade de S. Domingos, por ser o primeiro, que por honra do sagrado Officio da Inquisição, que servia, deu sua vida, e com o proprio sangue ennobreceo o cargo. E por esta rezão celebra em seu dia o santo Tribunal a festa

da Confraria. Acode a ella o Inquisidor Geral, acompanhado de todos os Padres, que com elle servem: e juntos assistem ás Vesparas, e despois no dia á Missa, e prégação. Acodem todos os Ministros, e Familiares do Santo Officio, trazendo estes dous dias sobre os peitos suas cruzes quarteadas de branco, e preto, divisa propria da Ordem de S. Domingos, em memoria que n'ella teve principio este tão importante ministerio.

Outras Irmandades ha, quasi tantas em numero como são as Capellas, e Altares. Em todas se vê riqueza, e devação, e bom serviço, com que a Igreja está muito frequentada, e ennobrecida. Mas dito o principal, convem passar a outras cousas.

CAPITULO XXIX

De alguns Religiosos filhos d'esta casa que falecerão com opinião de santidade.

Avisando primeiro ao Leitor da nossa ordinaria queixa, que he faltarem-nos nossos antepassados com memorias gerais dos Santos, e mais varões assinelados, que sabemos certo houve n'este Reino no principio da Ordem, quando mais florecia, e no processo a diante, quando se dilatava em Conventos, porque a santidade conhecida era causa de serem pedidos, e dezejados de todos os lugares grandes, que os podião manter, como vivião sem proprio: será forçado ficarmos curtos em historia de huma casa, que só nos podera dar materia de grandes volumes, se não ficara enterrada com os sogeitos, que n'ella florecerão, sua memoria. Por onde passaremos aos que quasi nos forão presentes: advirtindo primeiro, que de dous illustres filhos d'ella, que tinhão aqui seu lugar, fazemos particular relação, e com titulo proprio na segunda, e terceira parte d'esta historia em Conventos, que com sua presença, e virtudes illustrarão, e fundarão. Hum muito antiguo, que foi o Mestre Frei Vicente de Lisboa, Provincial, e Inquisidor geral de toda Espanha antes da separação d'esta provincia: de quem tratamos no titulo do Convento de Benfica, onde está sepultado: outro he o Mestre dom Frei Bertolameu dos Martyres, Arcebispo dignissimo de Braga, primás das Espanhas, moderno em tempo, mas comparavel em santidade aos primeiros, e mais antigos santos assi da Ordem, como da Santa Igreja. Daremos relação

de sua vida, quando chegarmos aos annos, em que fundou com seu trabalho, e despesa o Convento que a Ordem tem em Alem Douro na insigne villa de Viana, sem embargo de a termos escrito, e publicado em particular historia impressa na mesma villa no anno de 1619.

O primeiro, que agora se nos offerece, he o Padre Frei Diogo de S. Dionisio, chamado o maior, a differença d'outro mais moço, e tambem porque lhe quadrava o nome por todas as vias. Floreceo em grandes, e abalizadas virtudes n'este Convento, polos annos do Senhor de 1550, e era grandemente estimado por sua prégação. Porque, como prégava com exemplo de vida, e fazendo o que dizia, erão suas palavras fogo, que abrazava corações, e sua lingoa espada de dous gumes, que afiada em muita graça, e eloquencia natural, de que era dotado, penetrava, obrigava, e rendia os mais duros, e rebeldes peccadores, fazendo tornar muitos á estrada do temor, e amor de Deos. Assi tinha no pulpito hum estranho fervor: e em algumas materias pronunciava o, que sintia, com huns brados tão efficazes, e tão conhecidamente saidos da alma, e de hum aceso desejo de aproveitar, que feria as almas dos ouvintes: mas com esta vehemencia fazia muito dano á sua saude, inda que lhe rendia ganho nos proximos: ficava trabalhado, e moido, como se entrara em batalha, e em fim o aturar lhe veio a causar a morte. Porque sendo velho, e continuando todavia o pulpito com constancia de moço, nacida de seu grande espirito, e zelo das almas, hum dia se forçou tanto, que lhe rebentou huma vea no peito, e tornou pera a cella vasando-se em sangue pola boca. Fizerão-se-lhe muitos remedios: como não ajudava a idade, era tempo perdido. Mostrou no trabalho da doença quem fora no bom tempo da saude: levava-a não só com paciencia, mas com alegria. Porque entendendo com bom discurso, que, posto que soldasse á vea, não ficava já o peito capaz de tornar ás suas energias, e fervores, com que dava alma, e vida a tudo o que dizia: sintia-se n'elle, que desejava acabar a carreira, havendo, que, pois havia de ficar inutil pera trabalhar, não era rezão, que vivesse só pera fazer numero, e comer, e dar pejo em casa. Reduzido já a grande fraqueza, e suspirando pola hora que o havia de desatar da vida, entrou o Medico huma manhã, e tomando) lhe o pulso declarou-lhe sem rodeos, (porque sabia com quem o havia) que tinha perto a ultima hora. Assi lhe agradeceo Frei Diogo o desengano, como n'outro tempo pudera estimar novas de saude: e fez demonstração por obras, havendo que não bastavão palavras. Deu-lhe forças o

gosto, como aos franeticos a furia do mal. Assentou-se na cama, e lançando os braços no pescoço ao Medico, pedio-lhe que recebesse aquelle abraço, que era tudo o que lhe podia dar, dezejando que fora huma rica dadiva polo gosto da boa nova, que lhe trouxera: e tardou pouco em a ir lograr.

Com as mesmas ansias de chegar ao fim da carreira d'esta vida mortal, se foi pera a eterna Frei Sebastião do Rosario Irmão leigo, e mancebo, mas de grande serviço, e virtude provada. Ajudava na portaria ao bom velho Frei Jordão do Espirito Santo, aproveitava-se do exemplo, e lições de seu espirito, e tinha alcançado, que só na boa morte consistia todo o bem da vida. Como tinha esta certeza, e fiava muito da misericordia Divina dezejava como valente, o que os fracos por cá tememos. Estava doente, e apertado: disse-lhe hum dia o Medico, que de sua virtude tinha muito conhecimento: Boas novas Irmão Frei Sebastião: cedo estareis com Deos, este pulso me diz, que não tardareis de hoje. Alvoroçou-se o enfermo com o que ouvio de sorte, que como muito são quizera saltar do leito a abraçal-o, e com a voz inteira; e robusta lhe respondeo: Pague Deos a vossa mercê, senhor Doutor, as alviçaras, que lhe devo por tão boas novas, com lhe dar todos os bens que deseja. Faço-lhe a saber, que nunca me falou tanto á vontade, como agora. Pedio logo o ultimo Sacramento, e recebido com devação dormio no Senhor.

CAPITULO XXX

Da gloriosa morte do Padre Frei Dinis de Mello, e do Padre Frei Affonso de S. Matheus.

Quasi polo mesmo tempo concluio com glorioso fim huma vida muito larga o bom velho Frei Dinis de Mello. Fora Prior de muitos Conventos, e trabalhara bem, em quanto o ajudarão as forças. Como lhe faltarão com a idade, e entrarão doenças, certa companhia da velhice, recolheo-se a esta casa como filho d'ella, não a descançar, que já não havia lugar polo mal, que descansa quem he doente: senão a morrer. Assi em nenhuma cousa outra tratava, nem cuidava mais que na morte. E como se n'ella tevesse certas todas as delicias do mundo, assi dizia muitas vezes, que por acelerada que lhe viesse, nunca seria tanto, que o achasse descuidado. Porque pera toda hora, e lugar, e pera todo suc-

cesso andava prestes, e apercebido. E por tanto advirtia a todos, que, se acertassem de o achar morto em qualquer parte, e de qualquer modo que fosse, não dissesse ninguem, que acabara de morte subita. Porque tinha por mais acertado viver cuidando que cada hora morria, que morrer imaginando, que poderia viver mais hum anno. Com este pretexto todos seus exercicios erão de homem, que estava com a candea na mão, e pera espirar: toda sua occupação era tratar só com Deos, falar com elle, ou mentalmente orando, ou rezando psalmos. E costumava rezar muitas vezes na semana o Psalterio de David inteiro. Não podia faltar o Senhor com huma hora bem assombrada a quem o esperava com tal vigia. Revelou-lhe, quando havia de chegar: e foi tanto ao certo, que em hum dia, que ninguem cuidou, o virão correr os Dormitorios tangendo as taboas. He som temeroso em todo Convento, quando se ouve fóra de horas, ou sem precederem sinos: parece que batem aquellas aldrabas sobre o coração, não em taboa. Não se sabia, que houvesse doente de perigo em casa: era maior o terror. Sahião os Frades ás portas das cellas, pasmados de o verem n'aquelle officio, perguntavão-lhe por quem tangia, respondia alegre, e sossegado, que por si mesmo, que queria morrer. Não houve nenhum a quem deixasse de parecer mero delirio: porque no mesmo dia dissera sua Missa, e comera no Refeitorio da enfermaria, onde estava recolhido não por enfermo nem convalecente, se não só por velho. Todavia aporfiou, que morria, e pedio, que o não deixassem: e sendo chamado o Medico, e conhecendo do pulso, que o desemparava a virtude natural, conformou com elle: e com espanto de todos fez no mesmo dia bemaventurado fim.

Como huma boa morte he verdadeiro testemunho quasi sempre de huma vida semelhante, gastamos pouco papel em escrever obras particulares dos tres Religiosos, que atrás ficão. Mas seguil-os-ha huma vida de grande admiração, e grandes estremos. Affirmão os antigos de Frei Afonso de S. Matheus, filho d'esta casa, que d'esd'o dia, que tomou o habito, nunca mais comeo carne, nunca quebrou jejum da Constituição, nem se soube d'elle, que comesse fóra do refeitorio da Communidade. E sendo a comida, que de ordinario se dá na Ordem, bastante pasto, mas não demasiado pera sustentar huma vida: elle fazia, que a sua porção suprisse a duas, cortando-a sempre polo meio, e ajudando a sustentar com a parte, que tirava hum pobre honrado, com licença que tinha alcançado dos Prelados. Todos os dias á prima noite caminhava pe-

ra o Coro, e n'elle ficava até hora de matinas. Então, se havia horas de nossa Senhora, assistia a ellas com a Communidade, e, acabadas se recolhia, porque tinha officio, que o obrigava a madrugar, como logo diremos. Seu dormir era sempre vestido, a cama huma taboa nua, o cubertor huma manta aspera, desabrigada, e fria, de pelo de cabra: e com este tratamento cingia de continuo hum mui aspero cilicio: e tinha de seu alguns, cada hum de diferente genero pera lhe servirem conforme aos tempos. Foi seu primeiro officio ajudar na Sacristia: despois succedendo no cargo inteiro d'ella servio, e perseverou vintoito annos continuos no trabalho de Sacristão mór, e em todos elles, se affirma, que nunca teve amizade particular com pessoa nenhuma, havendo muitas que a dezejavão ter com elle. Lembrado estou, que ouvi contar a quem o conheceo, e tratou de perto, que a Rainha dona Caterina, tendo relação de sua vida, desejara de o ver, e tratar, como fosse sem lhe fazer força; e elle furtara o corpo á honra, de maneira que nunca entrára no Paço. Vindo a falecer, todo o recheio da sua cella se resolveo em alfaias de penitencia, cilicios fortes, e crueis, e bem curtidos do uso, tres ramais de disciplinas, humas de rosetas, outras enceradas, outras de cordeis, e todas com claros sinais de não viverem ociosas. A isto se juntou huma fronha de travisseiro, que se lhe achou recheada de retalhos de varias sedas, e meadas de retroz de cores, que lhe servião de remendar, e cozer por sua mão, (segundo genero de mortificação, e penitencia), frontais, e vestimentas nas horas ociosas da sua cella. Livros não tinha mais que hum só, e esse em vulgar. E tal era a riqueza de hum Sacristão mór de Lisboa. A rezão de tanta pobreza em quem tinha occasiões de lhe sobejar cabedal pera boa livraria, e curiosidades, estava entendida, porque todos seus empregos, e grangerias erão desentranhar-se com pobres, e buscar pera elles: e não lhe bastando o proprio pera sua caridade, havia Fidalgos, que sabendo seu proceder repartião por sua mão copia de dinheiro, que elle sabia empregar com segredo, e prudencia entre pessoas honradas, e pobres, e virtuosas. E particularmente tinha commissão de Jorge da Silva, Fidalgo rico, e grande pai de pobres, pera despender com elles cada mez huma boa contia. Faleceo no anno de 1569 aos oito de Agosto, na grande peste, que houve nesta cidade.

CAPITULO XXXI

Da vida, e martyrio glorioso do Padre Frei Jeronymo da Cruz.

Grande salto nos obriga a dar hum illustre filho d'esta casa em seu seguimento: assi o puderamos seguir nas obras. He o Beato Frei Jeronymo da Cruz, nacido neste ultimo occidente, e na Sé de Lisboa bautizado: morto, e de seu sangue laureado além do Indo, e do Ganges, por honra da fé, e de sua Religião. Tomou o habito em idade de trinta annos, sendo já Bacharel formado em Canones por Coimbra. Era nobre por geração de pai, e mãi, o apellido d'elle Paiva, d'ella Chamorra. O primeiro anno despois de professo foi ordenado de Epistola, e Evangelho. No outro seguinte indo pera a India quatro Religiosos, e estando já embarcados, succedeo caso forçado, que impossibilitou a jornada a hum d'elles. E foi tanto em vesperas da partida, que no dia seguinte se fazião as náos á vela. Era Provincial o grande Mestre Frei Jeronymo da Azambuja: houve que seria quebra, mandando tão poucos pera onde erão necessarios muitos, haver falta nelles. Taes mostras dava o novo Diacono, que lhe pareceo encheria dignamente o lugar. Erão horas, que ajudava a cantar a Salve despois de Completas. Chamou-o, disse-lhe sem prologos, que se fosse embarcar pera a India, que convinha assi. Não houve mais palavras de parte do Provincial: nem do subdito mais reposta que dizendo Benedictus Deus a uzo da Ordem, fazer a venia, e beijar-lhe o escapulario, caminhar pera a cella, cubrir a capa, e tomar o Breviario, e tirar alegremente pera a portaria. Perfeito sacrificio de obediencia, ir mandado, ir logo, ir com gosto, e ir sem por em consulta se arma a ida. Mas outro sacrificio fez maior Frei Jeronymo, que tendo na cidade sua mãi, offereceo a Deos as saudades, que lhe merecia, e a desconsolação, que lhe deixava: embarcou-se a furto d'ella, e não foi na mesma hora, porque acudio o Prior, que era o Padre Frei Estevão Leitão, dizendo que seria bem tomar primeiro Ordens de Missa pera o que logo deu traça. Assi teve aquella noite pera se despedir dos Frades amigos, acudindo os que souberão da ida a enriquecel-o de livros, e do que cada hum podia, porque fez aballo em todos o animo, e a resolução. Levantou-se ante manham a tomar as Ordens, que lhe deu o Bispo dom Belchior Belleago. E foi o tempo tão estreito, que ia pola barra fora, e no mar largo, e a mór parte do Convento não sabia, que se embarcava.

Já parece que podemos contar por principio do martyrio tal modo de deixar a patria. Mas a jornada nos descubrio muito maiores mostras de seu valor.

Hia na náo hum mancebo bem nobre no sangue, mas mui pouco em costumes, atrevido de lingoa, e colerico, e da arte de huns ignorantes, que achão por valentia inventar novas formas de juramentos, e afrontar com ellas o Ceo, e as orelhas pias. Hum dia que Frei Jeronymo o vio desmandado em muitos, não se atreveo o animo religioso a tolerar as injurias do Salvador: inda que conhecia o risco, foi-se a elle, e com termo brando, e grave, estranhou-lhe os juramentos, dizendo-lhe o que mais lhe pareceo obrigação do habito. Não era acabada a ultima palavra, quando o desatinado mancebo levanta a mão, e assenta-a com toda a força do braço sobre a face veneravel do Sacerdote. Tomarão os seculares, que erão presentes, e muitos a injuria sobre si, como na verdade em lei de primor sobre elles cahia: houve grande rumor, grande revolta: só o offendido não se alterou, nem por si acudio com mais palavra, que as do animo, com que se tinha todo dedicado a Deos, que forão. Seja por amor de Jesu. E, porque isto erão ensaios com que o Senhor o ia dispondo pera a batalha maior do martyrio, grangeou-lhe novo merecimento, e segundo interesse da affronta por sua honra varonilmente aceitada. E foi assi que, começando a levantar-se brigas sobre o successo entre os passageiros, pareceo ao Capitão, que haveria quietação, se fosse ausente quem fora origem, e causa d'ellas. Pedio-lhe, que se passasse a outra náo. Era isto o mesmo que lançar Jonas ao mar pera cessar a tormenta levantada sem culpa sua (*). Sofreo o Santo, que já nos merece bem nomearmol-o assi, a pena, que lhe davão polo erro alheio com o mesmo valor, que a bofetada: e foi-se desterrado da companhia dos Padres seus irmãos, que pera viagem tão comprida não podia ser maior desconsolação. Mas pagou-lha nosso Senhor, quando por honra de seu nome se lhe multiplicavão trabalhos: porque n'aquelle desemparo, e apartamento dos seus, o visitou com grandes consolações, das quais naceo sobir tão alto nas materias do espirito, que andando despois na India, todas as vezes que se recolhia na Oração, em que era mui continuo, se arrebatava em profundas extases (**).

Chegado á India, como Deos lhe queria abreviar a coroa, pareceo que ainda em Goa seria sua presença ocasião de discordia aos mesmos

(*) Joan. 1. (**) M. Frei Anton. de Sena Cron. da Ord. fol. 336.

que primeiro a tiverão por elle. Despachou-o o Vigario Geral da nossa Congregação logo pera Malaca: e com a mesma brevidade o despidio de Malaca pera o Reino de Syão o Prior d'aquelle Convento, como Vigario dos Religiosos, que por aquellas partes andavão derramados na conversão da Gentilidade, que já então erão muitos, e agora tem sobido a grande numero, segundo veremos adiante, quando chegarmos com a historia aos annos do descubrimento da India. Deu-lhe o Vigario por companheiro em Malaca ao Padre Frei Sebastião do Canto. Forão estes dous Padres os primeiros, que entrarão n'aquelle grande Reino a prégar o Evangelho. Entendido polos naturais quem erão, e que vida fazião, e que fim os levava á sua terra, pareceo aos mais, que merecião honra, e gasalhado, pois lhes hião dar novas, e conhecimento do verdadeiro Deos, que devião adorar, que era o mesmo, que dos Frades tinhão publicado os Portugueses, homens de negocio, que residião na primeira cidade, em que poserão os pés. A esta conta forão bem recebidos, e aposentados no melhor lugar d'ella. Logo se juntarão os nobres a visital-os, e até os Sacerdotes dos idolos os forão buscar, mostrando-se todos desejosos de ouvir a nova doutrina. A primeira cousa, em que os Religiosos entenderão, foi estudar a lingoa; e não causou pouca admiração na terra a grande brevidade, com que a tomarão, e se começarão a dar a entender com os naturais. Começavão já a publicar o santo Evangelho, e ensinar os mininos, com esperança de tirarem grande fruito de seu trabalho: quando o Senhor por seus occultos juizos permitio, que não passassem adiante os bons principios, ou porque a terra por seus peccados não merecia entrar-lhe a luz: ou porque quiz abreviar a gloria, e a palma ao seu Martyr. Como em todas as terras maritimas do Oriente tem os Mouros trato, e morada de muitos annos antes que os Portugueses passassem a ella, e tem certeza, que onde forem honrados os Christãos, não podem elles deixar de ser perseguidos, procurarão os que havia neste porto adiantar-se, e apagar o fogo nos principios antes de levantar incendio, como já se lhes trasluzia na geral inclinação, que vião no povo pera as cousas da fé, e no muito, que o Padre Frei Jeronymo lhe tinha em particular ganhado as vontades. Foi conselho armar briga com os mercadores Portugueses, que acudião a casa dos Padres, pera que saindo elles, como era certo, a meter paz, fossem acometidos, e mortos, e parecesse o negocio accidental. Pera melhor effeito peitarão alguns Gentios, que ouvindo rumor saissem com suas armas, pera que por todas as vias

fosse a traição mais dissimulada. Assi como o traçarão, o poserão por obra, e assi lhes succedeo. Acharão á porta dos Padres os mercadores Portugueses, soltarão-se com elles em palavras: não sofrerão os nossos o atrevimento, levão das espadas, trava-se a briga. Acodem os Gentios peitados, e conjurados, com suas armas, como estava tratado, revolvem-se todos, arde a rua em grita, e confusão. Chegou o rumor aos Padres, decem abaixo, metem-se por entre espadas, e lanças, procurando apartar, e quietar. Mas como elles erão os buscados, então creceo mais o ruido, e carregando de proposito pera onde vinhão todo o peso da revolta, e das armas, foi atravessado o Padre Frei Jeronymo com huma lança polos peitos, de que logo cahio morto; e o Padre Frei Sebastião ficou mal ferido na cabeça, mas não de morte. Mostrou a cidade notavel sintimento do caso, e vio-se claro quão bons fundamentos tinha lançado, pera aproveitar no principal, o Padre Frei Jeronymo, de bem quisto, e amado em commum. Porque até os mininos choravão sobre elle, e com vozes, e clamores ao Ceo repetião *Vapa beta*: *vapa beta*, que quer dizer, meu pai, meu pai. O mesmo sintimento teve el Rei, que estava ausente em huma cidade distante, quando foi informado do que passara; e mandou fazer exemplares justiças em Mouros, e Gentios. As reliquias do Santo Martyr se trouxerão pera Malaca no anno seguinte; e sendo recebidas com procissão, e triunfo por toda a cidade, forão postas no Convento, que alli tem a Ordem. Succedeo o Martyrio no anno de 1566 pola conta mais certa.

CAPITULO XXXII

Vida, e trabalhos do Padre Frei Lopo Cardoso.

Com boa benção despedio o Convento de Lisboa tal filho, como foi o Martyr Frei Jeronymo, pois tal ventura alcançou. Mas não devemos estimar menos outros, que, se não forão Martyres de cutello, e sangue derramado, padecerão tormentos de merecimento igual. Porque não ha duvida, que os trabalhos da fome, e sede, de perigos da terra, e medos do mar são hum genero de morte vagarosa, e martyrio prolongado, que muitas vezes mata com dobrada pena. Pedio el Rei de Camboja por seu Embaixador ao Capitão de Malaca, que lhe mandasse alguns Religiosos pera em seu Reino prégarem a fé, e edificarem casa. He Camboja grande, e dilatada Provincia, e huma das que com Malaca tem ordinario com-

mercio. Deu o Capitão conta ao Vigario de S. Domingos, e elle aos Frades. Offereceo-se á jornada o Padre Frei Lopo Cardoso, filho do Convento de Lisboa, e por seu companheiro o Padre Frei João Madeira. Era Frei Lopo já neste tempo conhecido por homem de valor, e grande religião: fora Prior em Chaul, Vigario de Malaca, e da Christandade de Solor: e em todas estas partes se tinha governado com muita prudencia, e bom exemplo. Entrarão os dous companheiros em Camboja como pedidos, e chamados, e assi forão recebidos do Rei com todas as mostras de amor, que se podia desejar. Seguirão obras conformes, mandando-lhes sinalar sitio pera Igreja, e despachar suas licenças pera prégarem. Começava Frei Lopo com fervor, animado de tão bons principios. Mas succedeo-lhe o caso mais avesso, que em tal tempo se podia esperar. Faleceo el Rei, entrou no Reino hum filho moço entregue todo aos Sacerdotes dos Idolos. Estes, como se virão com autoridade, empregarão-na em fazer o dano, que podião aos Religiosos, e foi o primeiro tirar-lhes a licença de prégarem aos naturais do Reino. Tratou logo Frei Lopo de deixar a terra: e em quanto avisava ao Vigario de Malaca, por não largar o ministerio a que fora chamado, entendeo em prégar a alguma gente de secreto, e aos tratantes forasteiros em publico, porque havia muitos, e de varias nações: e converteo alguns.

Não consintio o Vigario de Malaca, que Frei Lopo deixasse Camboja, entendendo que com o tempo, e com sua prudencia viria a vencer a opposição dos enemigos: e pera o obrigar foi-se ver com elle a Camboja, levou-lhe outro companheiro em lugar de Frei João Madeira, que fora com o aviso a Malaca, (foi este o Padre Frei Silvestre de Azevedo.) E visitou a el Rei a fim de o reduzir ao bom animo de seu pai. Quando se quiz partir mandou-lhe el Rei entregar huns moços Jaos, que cativara na guerra: com ordem que em Malaca lhos fizesse vender, e do procedido lhe comprasse, e inviasse certas peças, que lhe apontou. Foi a desgraça, que chegado o Vigario a Malaca, os escravos, como não andavão a ferro, desaparecerão logo; o que alli he ordinario pola vizinhança da terra firme: e não houve de que dar cumprimento á encomenda. Sabido em Camboja o que passava, pagarão os que lá estavão o descuido do encomendeiro, ou o desastre da encomenda, e forão logo despojados de toda a pobreza, que em casa tinhão, por mandado del Rei, até o caliz, e vestimenta, e Missal lhe levarão: e não parando o negocio no fato, por ser de pouca valia, forão os Padres postos em aspera prisão. Aqui foi

o merecer padecendo estremos de fome, que sendo genero de morte desesperado, se temperava com novas, que cada dia lhe davão, que el Rei os mandava lançar aos elefantes bravos. E não havia duvida, que fora executado o mandado, se lhes não valera hum privado, que o Padre Frei Lopo tinha de secreto convertido á fé, e juntamente a mãi del Rei que lhe affeava tratar mal homens entrados no Reino debaixo da fé, e seguro Real de seu pai. Mas em fim, por aqui teverão remedio de soltura os corpos, ainda que nenhum a fazenda roubada.

Não he pera ficar em silencio pera exemplo do muito, que pode a fé prantada em hum animo, ainda que barbaro, que tendo Frei Lopo convertido hum moço de nação Canarim, que chamou Domingos no bautismo, foi tanta sua piedade do que via padecer ao pai espiritual, que não sentindo outra via pera o poder socorrer, lhe pedio por vezes que o quizesse vender por escravo, e valer-se no aperto, em que vivia com o preço, que achasse por elle.

Vendo-se Frei Lopo livre do carcere, desejou livrar-se tambem da terra, em que já não era de tanto proveito como imaginara: e andando, em traças de fogida, foi mexericado, e de novo preso com seu companheiro: e tratados ambos com exorbitantes afrontas de palavra, e obra. Porque ainda assi os queria el Rei ter em arrefens das suas escravas com cobiça, e baixeza de infiel. Passados muitos dias acudio-lhes o Senhor, por quem padecião, inclinando aquelle animo avaro a hum partido, que foi largar a Frei Lopo pera que fosse a Malaca resucitar-lhe a sua encomenda: ficando todavia por prenda, e lembrança o companheiro. Chegou Frei Lopo a Malaca, tirou por esmolas com que satisfazer a el Rei, e tambem agradecer á Rainha sua mãi os beneficios, que lhe fizera. Embarcado o retorno del Rei, e hum presente pera a Rainha, inda aqui quiz Deos dar occasião de merecimento a Frei Lopo, e a seu companheiro, permittindo que comesse o mar tudo com a embarcação, que o levava. Assi tornou com novo trabalho, e afronta a mindigar segundo retorno, não esperando ver de outra sorte seu companheiro resgatado, e sua palavra desobrigada. Porque he condição tacita, que acompanha as encomendas dos poderosos, não lhes prejudicar nenhum naufragio, e haverem-lhe de tornar á mão seguras de todo risco. Era tão estimado Frei Lopo em Malaca, que todavia juntou o que convinha pera desempenhar a Frei Silvestre. Mas não se atreveo a esperar outro naufragio: embarcou a bom recado o que tinha negoceado, dirigido ao companhei-

ro, e meteo-se no primeiro navio, que se offereceo pera Goa. O successo d'esta fazenda, que não teve melhor ventura, que a primeira, e as novas fortunas, que por isso passou o Padre Frei Silvestre, veremos nas relações dos Conventos da India, se Deos for servido chegarnos a escrevel-as. Só he rezão, por não dilatarmos paga, e agradecimento de beneficio recebido, ficar aqui logo em memoria, que tendo noticia em Japão o Padre Alexandre Valinhano da Companhia de Jesus, Visitador d'aquella Provincia, do estado em que estes Padres se achavão em Camboja, lhes mandou hum Caliz de prata com vestimenta aparelhada, e frontal, e Missal Romano; e, porque não faltasse nada, ajuntou farinha de trigo, e vinho de Portugal: o que tudo buscava ao Padre Frei Lopo; e não no achando, foi entregue em mãos de Frei Silvestre, que o teve por celestial consolação do desterro, e afflições que n'elle despois padeceo.

O Padre Frei Lopo seguindo sua viagem chegou a Goa, onde fizerão lastima de seus trabalhos; e como varão santo foi mandado polo Vigario geral da Congregação descançar em casa santa. Encomendou-lhe a Igreja de Nossa Senhora dos Remedios, no termo de Baçaim, onde esta Senhora quiz, e mandou, que o Religiosos d'esta Ordem lha edificassemos, e em testimuho d'isso a tem feito celebre por toda aquella costa com tantos milagres, que no anno de 1605 se contavão cento e vinte juridicamente approvados, como o contará a historia, quando chegarmos com ella ao anno, em que teverão principio. Despois de residir aqui alguns annos, nos quais com sua industria acrecentou a casa, e com sua santa vida edificou muito a terra, foi eleito em Prior de Cochim. Servindo neste cargo a Ordem acudio a Goa a hum Capitulo, e n'elle faleceo de sua doença. Foi enterrado em hum lanço do claustro do Convento d'aquella cidade. Puserão-lhe sobre a sepultura, quando se ladrilhou o lugar d'ella, sinco azulejos em Cruz. E isto foi, quanto se fez em memoria, e veneração de tal pessoa. Assi vamos hoje seguindo as pisadas, mas os defeitos de que nos queixamos em nossos maiores.

CAPITULO XXXIII

Da vida, e morte do Padre Frei Inacio da Purificação. E do Irmão Frei Pedro de S. Domingos, leigo.

Dous filhos deu o Convento de Lisboa pera perfazerem o numero de doze, (numero de boa estrea), que no anno de 1548 forão fundar a Con-

gregação de Nossa sagrada Ordem, nas partes da India, em companhia do primeiro Vigario Geral d'ella, Frei Diogo Bermudes, sendo Provincial n'esta Provincia o Padre Mestre Frei Francisco de Bovadilha, e Governador da India o bom velho Garcia de Sá: como largamente contaremos adiante, quando com a historia chegarmos a estes annos. Taes forão em suas obras os dous sojeitos, que pera tal empresa deu Lisboa, que honrarão bem o juizo, de quem os escolheo. Foi hum o Padre Frei Inacio da Purificação: e outro Frei Pedro de S. Domingos, Irmão leigo. Frei Inacio era prégador de nome, e nomeada sua observancia, e virtude na Ordem, e como tal fizera o officio de Mestre de Noviços no Convento de Lisboa, com estremada diligencia. Tanto que o Vigario Geral poz os pés na India, e tratou de receber gente ao habito, logo fez conta que não tinha outrem pera lhe dar a criação, que convinha, como Frei Inacio: e como teve numero competente de noviços, lhos entregou com inteira confiança de sairem de sua mão Mestres. E na verdade elle tomou tanto a peito o cuidado, vendo que criava homens pera Apostolos d'aquellas vastissimas provincias do Oriente, tão cegas, como vastas, que se adiantou a si mesmo, e fez discipulos, que derão de si homens de muita conta. E por honra dos velhos he rezão, que fiquem em lembrança, que entre os mininos, que pera Noviços lhe forão entregues, entrou hum Fidalgo velho, e honrado, que aborrecido do mundo, e engeitando suas promessas se determinou em seguir a Christo pobre, e nú: chamava-se Simão Botelho d'Andrade. Servira doze annos de Védor da fazenda da India, e tres de Capitão de Malaca. Estava rico, e era opinião geral, que ninguem entendia melhor o governo d'aquelle estado de quantos Fidalgos tinhão passado o cabo de Boa Esperança. Assi foi grande espanto dos vãos, e cubiçosos, mas maior sua consolação, e com ella professou, e acabou santamente no habito. Com tal Mestre, e tais Noviços começou a Congregação da India. O Mestre Frei Inacio passados alguns annos deixou o cargo pera descançar. Sendo morador em Cochim, prégava com muita continuação, e com hum zelo ferventissimo da salvação das almas. E hum dia foi tanta a vehemencia, com que trabalhou por persuadir, e mover o auditorio, que no cabo do Sermão foi tirado do pulpito quasi pera espirar, e no mesmo dia acabou com grandes sinais de Santo. E por tal anda contado no catalogo, e Martyrologio da Ordem.

Frei Pedro, o Irmão leigo, foi dotado de tão boas partes de virtude, e prudencia, que o Vigario geral fiou d'elle, e d'outro Irmão tambem

leigo irem ambos assistir na fabrica da Igreja de Santa Barbara, que foi huma das quatro Vigairarias, que o Governador da India, Jorge Cabral, deu á nossa Ordem na Ilha de Goa. Chamava-se a aldea, em que fundarão, Morumbim. Muitos annos despois foi mandado pera o Convento, que se deu á Ordem em Damão. He a Cidade na costa de Cambaya, e muito importante, por ser perpetua fronteira contra os Mogores, gente bellicosa, e fera, que ha muitos annos são senhores d'aquelle Reino. Mas estava tão pouco defensavel, que era mais pera soldados muito trabalhadores, e amigos de empresas perigosas, que morada pera Religiosos quietos. Não o ignoravão os enemigos, estavão cada dia sobre ella de cerco, e algumas vezes apertavão com tanta furia, que davão muito cuidado aos nossos. Em huma d'estas accasiões, como não havia mais fortificação, que vallos, e trincheiras de terra, e faxina, tendo por vergonha que com tão fraca defesa se sustentassem poucos homens contra hum exercito vencedor de Provincias inteiras, acometerão a entrada com estranha porfia. Governava a terra hum valeroso Fidalgo, encheo-se de fogo, e colera, (e por ventura que foi mais temeridade, que prudencia), determina acometel-os fora das trincheiras, e pelejando em campo razo mostrar ao enemigo, que havia dentro força, e esforço não só pera defender, mas tambem pera offender. Poem sua gente em ordem, manda abrir as portas: se não quando, havendo muitos que torsião o rosto a feito tão desesperado, acha junto consigo ao nosso Frei Pedro feito alferes de hum devoto Crucifixo em huma aste arvorado. Seguindo tal bandeira sae o Capitão animoso, e dando como hum raio sobre os enemigos, por muito que trabalharão em se manter, e fazer rosto vendo-se de acometedores acometidos, em fim forão rotos, e desbaratados, e deixarão o campo cuberto de armas, e corpos sem vida. Mas ficou entre elles morto o bom alferes de Christo: morto, porém não vencido, se não antes vencedor, e martyr, e verdadeiro imitador de seu glorioso pai S. Domingos, que a este modo sohia acompanhar os esquadrões Catholicos contra os hereges Albigenses de França, como em sua vida deixamos contado.

Não será rezão ficar em silencio á vista de hum Frade martyr em guerra santa, que andando o tempo obrigou a necessidade d'esta importante praça aos Frades de S. Domingos, sobre o ministerio de sua vocação, tomarem tambem á sua conta a fortificação d'ella. Elles forão os que com sua diligencia a acabarão de cercar de muralha, e baluartes

firmissimos em poucos annos, como hoje está: e isto foi com duas circunstancias muito de estimar: primeira, sendo rogados dos Visoreis, e instados do governo, e moradores da cidade: segunda, não tomando nunca dinheiro na mão, mas assistindo só com a vigilancia, e industria em todas as particularidades da obra. E, ou fosse que os Capitães, a quem pertencia mais propriamente o negocio, tevessem occupações maiores: ou que os Visoreis fiassem muito do cuidado, e fidelidade dos Frades: assi nos constou por papeis autenticos, que temos em nosso poder, dos quais faremos relação mais copiosa, quando chegarmos aos annos, em que tem seu lugar proprio as cousas da India.

CAPITULO XXXIV

Do naufragio, trabalhos, e martyrio do Padre Frei Nicolao do Rosario.

Muitos annos adiante passou á India outro filho de S. Domingos de Lisboa, cuja vida até a perder foi huma continuada tragedia de trabalhos, e desastres, e por isso pertence a este lugar. Chamava-se Frei Nicolao de Sá, ou do Rosario. E sendo filho do Convento de Lisboa, era nacido na villa do Pedrogão. Este Padre despois de ter cursado a India alguns annos com nome de grande prégador, e vida pura, e exemplar, houve licença pera se tornar pera o Reino. Embarcou-se na náo S. Thomé, Capitão Estevão da Veiga, entrada do anno de 1588. Chegando ao Cabo de Boa esperança, acharão as tempestades ordinarias, que n'outro tempo lhe derão nome de Cabo Tormentorio, ou tormentoso. E forão ellas taes, que fazendo força a todos o desejo de passar, abrio a náo huma agoa pola roda da proa, a qual com o muito trabalhar dos mares grossos foi crecendo, e brevemente chegou a estado, que não havia vencel-a com muitas bombas. Acordou-se em commum, que arribassem a Moçambique a buscar remedio, antes que o mal fosse maior. Voltarão em poupa, mas foi o conselho sem proveito por tarde, que tomado com cedo dera salvação. Antes de sairem da paragem, que chamão da terra do Natal, a náo se cubrio de agoa até quasi a cuberta de cima. Era em meio do golfo, e a perdição sem genero de remedio, nem asperança d'elle. Mandou o Capitão lançar o esquife ao mar com guarda pera salvar sua pessoa com os que lhe parecesse: que não podião ser muitos. E posto debaixo da varanda forão por ordem sua decendo a elle por cor-

das as pessoas de mais conta, entre as quais foi o Padre Frei Nicolao. Recolhidos no esquife os, que couberão, acabou de se cobrir dagoa a miseravel náo, e começarão a ver-se lastimosos casos: mas entre todos quebrou o coração até aos que ficavão em semelhante desaventura, huma minina de oito annos, filha de pai e mãi fidalgos, e gente muito conhecida, bracejando piadosamente nas ondas, e lidando com a morte até ficar afogada entre suas escravas, que a cercavão. E em tal estado teve sua propria mãi olhos pera a ver, e animo pera se salvar sem ella. Mas não he de crer se não que a força do medo da morte a fez descuidar do penhor da alma no primeiro assalto; e no segundo lhe persuadio, que por-se no esquife era tomar lugar pera si, e pera a filha, e que teria valia pera a recolher despois. Assi o pretendeo logo com gritos, e lastimas, que quebrantarão a todos, mas não acharão em ninguem piedade pera lhe dar remedio.

Porém logo se virão no esquife outros casos, que por mais desastrados fizerão esquecer os da náo. Pareceo a gente demasiada pera tão pequeno vaso, tratou-se de o aliviar, e não podia ser sem sentença de morte contra alguns. Forão logo condenados, e lançados ao mar muitos dos que pouco antes davão parabens á sua ventura, de se verem a seu parecer em salvo, ficando tantos bons companheiros sepultados na profundeza das agoas. Foi o sorver-se a náo no mar, e a passagem ao esquife tudo abreviado, e como por momentos. E todavia no lugar, que o tempo deu, mostrou Frei Nicoláo entranhas de verdadeira piedade, e religião, ouvindo confissões, e animando a todos: e o mesmo fez mais de assento nas fadigas, e perigos da segunda navegação: na qual o medo de soçobrarem com qualquer mar grosso, lhes trazia a morte diante dos olhos a cada momento. A cabo de alguns dias foi Deos servido, que tomarão terra em huma paragem, que chamão terra dos Fumos, parte da Ethiopia Oriental. Lançarão fora dous companheiros a descobrir, se havia povoações, ou gente tratavel. Foi a ventura, que a menos de meia legoa derão com huma aldea de negros cafres, de cabello revolto, como são os mais d'esta costa. Mas era a gente bem assombrada, branda, e alegre: e tão bemaventurada, que nunca tinha visto estrangeiros; do que derão sinal nos estremos de pasmo, que fazião de os verem brancos; e, polo que se podia colligir dos geitos, e meneios, que fazião, davão-lhes nome de filhos do Sol. Seguio-se ao pasmo bom gasalhado, e convidarem-nos a comer, e beber do que tinhão: e sairem logo alguns com elles em

busca dos companheiros á praia. Mas erão desaparecidos: que virão vento em popa, e não quizerão perder viagem: do que os descubridores levantarão gritos ao Ceo, como desesperados. E por não ficarem alli em nova, e maior perdição, tomada licença dos bons hospedes, se lançarão á praia, a ver se davão com esquife. Os cafres os consolavão com mostras de compaixão de sua desgraça, e misturavão conselhos n'aquella lingoagem muda: em que querião significar, que o mar era doudo furioso, e sempre irado, e mais doudo quem se fiava d'elle: que andassem por terra como fazião os moradores d'aquella aldea, e nunca terião de que se queixar. Conselho sisudo, se não viera tarde: e na verdade pera os cobiçosos nenhum vem a tempo, como logo se mostrou nestes. Hião caminhando com assaz malencolia, arriscados a ficarem pera sempre sepultados entre aquelles barbaros: acertarão de conhecer ambar na praia, e não havia menos que montes d'elle por toda a costa: assi se carregarão da mercadoria, como se caminharão de Belem pera Lisboa: e carregados chegarão ao esquife, que acharão surto com força de vento contrario. D'aqui se fizerão á vela, e forão correndo a costa até darem em huma Ilha, que conhecerão ser das terras de hum Rei amigo dos Portuguezes, chamado o Inhacca: e sem fazerem mais diligencia, poserão fogo ao esquife, porque não houvesse quem deixasse a companhia, aproveitando-se d'elle furtadamente. Foi o conselho tão precipitado, que estiverão por elle em risco de hum novo naufragio de fome, e sede. Porque a Ilha era deshabitada, e tal, que corrida toda, nem agoa tinha de beber, nem cousa que comer. Neste estado moveo Deos os corações de huns Cafres da terra firme a que passassem á Ilha a entender a causa de huns fogos, que n'ella virão, feitos polos nossos na mesma noite, que chegarão. Levarão duas embarcações, em que passarão os pobres naufragantes á terra firme, mas com novos medos, e trabalhos, porque erão Almádias pequenas em demasia, e faciles de virar com pequena força de tempo, a travessa grande, e os mares temerosos. Como a terra era de Rei amigo, forão caminhando descançadamente até onde tinha seu assento: e elle os agasalhou com amizade, e cortezia. Pareceo, que erão acabadas todas as fadigas com tal gazalhado, mas acharão-se muito enganados. Porque havendo só dous caminhos pera se tornarem á India, que erão, ou ficar alli esperando embarcação pera Moçambique, ou caminhar por terra á nossa fortaleza de Sofalla: os que ficarão esperando pagarão a quietação com pestilenciais doenças, e necessidades sem remedio, com

que acabarão muitos miseravelmente: os, que se atreverão ao caminho, padecerão fomes, e sedes, e encontros de Cafres de guerra máos, e deshumanos, a fora oitenta legoas de asperissimos caminhos tomados a pé. D'estes atrevidos foi hum o Padre Frei Nicolao, e succedeo-lhe bem, porque achou em Sofalla Casa de S. Domingos, e Frades da Ordem. Era alli Vigario o Padre Frei João dos Santos, que despois escreveo parte d'este naufragio ouvido da boca dos que o padecerão, na sua Varia Historia da Ethiopia Oriental (*).

CAPITULO XXXV

Como foi martyrizado o Padre Frei Nicolao do Rosario.

Como Frei Nicolao descançou, deixou a fortaleza, e passou-se á Ilha de Moçambique, terra sadia, e fresca. Mas, como quem veste o habito da Religião, e zelo d'ella, não sabe descançar, nem poupar-se: em lugar de tornar pera a patria, e aos seus amados penedos do Pedrogão, ou pera a deliciosa cidade de Goa: se foi de novo offerecer ás febres, e desaventuras dos rios de Cuama, que são na mesma costa, e Cafraria, onde se perdera. Era polo anno do Senhor de 1592, quando emprendeo esta viagem. Nella se fez bem conhecer, e estimar por espirito Apostolico de todos os lugares, por onde andou, até acabar, dando a vida por Deos, e polos proximos pola maneira seguinte.

Succedeo n'este tempo aparecer n'aquellas partes hum exercito de Cafres, o nome Zimbas ou Muzimbas, gente nova, e nunca nellas vista, que saindo de suas terras, correo grande parte d'esta Ethiopia, como açoute do Ceo, fazendo destruição em toda cousa vivente, que encontrava, com brutalidade mais que de feras. Porque, como verdadeiros Antropofagos da antiguidade celebrados, comião carne humana: no lugar d'onde entravão, não perdoavão a cousa viva, nem homem, nem animal: tudo matavão, e tudo comião, e até os bichos, como por conjuração. Erão em numero mais de vinte mil, gente solta sem molheres, nem filhos: e como erão tantos, e não vinhão com tenção de buscar terras pera morar ao uso dos antigos Hunos, Godos, e Vandalos, e outras nações do Norte: se não só instigados de espirito diabolico de fazer mal, corrião em breve muita terra, e como achavão a gente descuidada, e os lugares abertos,

(*) P. 2. l. 3. c. 5.

nenhuma cousa lhes resistia, assolavão tudo. O remedio, que achavão os naturais, era largar as povoações, (que na verdade são pouco custosas), fogir pera o mato, e embrenhar-se no mais espesso: ou ajuntar-se com elles em semelhante genero de vida, porque só assi escapavão á morte, e a seus dentes. Tendo corrido victoriosos mais de trezentas legoas de costa, e andando nas terras de Monopotapa: pera com mais segurança senhorearem a provincia, fortificarão hum lugar, e n'elle fazião assento, e sahião a tempos como salteadores. Tem os Portugueses nestas partes duas casas fortes, situadas sobre as ribeiras do grande rio Zambeze, em distancia de sessenta legoas huma da outra: huma está na povoação de Sena, de que era Capitão Andre de Santiago, outra na de Tete, Capitão Pero Fernandez de Chaves. Estes Capitães são subditos do nosso Capitão, e Governador de Sofala, e ordinariamente são homens de sua obrigação, ou seus criados: e as casas lhe servem de feitorias pera o resgate do ouro, que mandão fazer, e he o trato mais grosso de Sofala. Obrigado Andre de Santiago dos males, que os Zimbas vinhão fazendo nas terras vizinhas, determinou buscal-os, pelejar com elles, e ver se os podia desfazer antes de crecerem mais em poder, e reputação. Ajuntou tudo o que havia em Sena de Portugueses, e mestiços, e negros confidentes, e foi-se em demanda d'elles ao mesmo lugar, de que se dezia estavão senhores. Mas chegando, achou a empresa mais difficultosa do que se persuadira ao sair de casa, porque o enemigo tinha cercado a povoação em roda de fortes trincheiras de páos a pique, suas cavas largas, e fundas, com travezes, e seteiras, tudo em rezão militar, e não como barbaros. Avisou logo ao Capitão de Tete, que se viesse ajudal-o com o maior poder, que lhe fosse possivel. Não tardou Pero Fernandez de Chaves em acodir, porque a causa era commum, e, como fazia conta que terião cerco largo, pedio ao Padre Frei Nicolao, que, havia dias, residia em Tete, quizesse ser companheiro na jornada pera administração dos Sacramentos, e consolação de todos. Não se soube elle negar, como se tratou de serviço de Deos, e bem das almas. Poz-se com elle em caminho. Tiverão os Barbaros noticia do soccorro, lanção espias fora, pera saberem a ordem, e caminho, que trasião. Como estiverão informados, sae de noite caladamente hum esquadrão dos melhores, vão-se deitar em silada em hum passo de huma grande mata de arvoredo espesso, e cego, por onde o soccorro tinha sua estrada: que não podia ser mais a proposito pera o effeito. Vinhão os nossos sem nenhuma forma de gente

de guerra, erão poucos mais de cem homens entre Portugueses, e Mestiços, gente bem armada, mas todos tão descuidados, e sem cautela, como se não houvera enemigo em toda a terra. Os mais em andores ás costas de seus escravos sem armas prestes, nem mecha aceza, nem homem diante, que descobrisse o campo: em fim como gente, que não temia, nem estimava o enemigo: o qual, tanto que os vio bem entregues no mato, levantando hum trovão de alarida, que foi ferir nas nuvens, deu sobre elles com tanta furia, que antes de terem tempo de arrancar espada, forão degolados todos os Portugueses, e mestiços, sem escapar homem. Ajudou a desaventura, que os nossos por virem mais desabafados, caminhavão mea legoa diante dos cafres amigos, que trazião pera companheiros do perigo, que erão hum grande numero, gente boa e determinada: e assi, quando chegarão ao valle da emboscada, já os Barbaros sahião d'elle vitoriosos. O Padre Frei Nicolao, sendo achado inda vivo, e conhecido por Religioso, foi trazido por elles á sua povoação, assi como estava atassalhado de feridas mortais: alli o atarão de pés, e mãos a hum madeiro alto, e ás frechadas o acabarão de matar em odio de nossa santa Religião, dizendo, que os Portugueses não fazião aquella guerra se não por conselho dos seus Cacizes, (que assi chamão os Cafres aos nossos Sacerdotes, com lingoagem dos Mouros da costa, seus vizinhos antigos.) Affirma-se, que sofreo a morte com alegria, e olhos no Ceo: não só com paciencia, considerando, como he de crer, que puro zelo de servir a seus proximos, e cumprir com sua obrigação o chegara a tão duro passo. Assi acabou sua vida, e trabalhos com mais este merecimento, e com outro, que logo seguio tambem assaz consideravel, que foi ser pasto d'aquellas feras em carne humana cozido, e assado: pera podermos dizer d'elle o que se conta dos Martyres antigos: *Obturauerunt ora Leonum, etc.* (*), sendo despois de asseteado, como são Sebastião, comido de feras, como Santo Inacio.

Mas, porque he certo, que fica dezejando o fim de tão carniceiros algozes, quem isto lê, brevemente o diremos, inda que não seja de nossa obrigação. Com a vitoria de Pero Fernandes de Chaves, facilitarão a outra, que logo houverão do Capitão de Sena, que os cercava: fizerão-lhe ver as cabeças dos amigos, e conhecidos, que o vinhão soccorrer. Resolveo-se em deixar o cerco. Mas a tristeza, e horror do desastre fez nos seus o mesmo desmancho, que nos do Chaves. Desordenarão-se ao

(*) Heb. 11.

partir, e, (como toda a retirada tem partes de desconfiança, e medo) saindo trás elles toda a multidão dos cercados, forão desbaratados, e mortos, ainda que teverão a consolação de ser com as armas nas mãos, e vendendo bem suas vidas. Passarão estes negros despois á Ilha de Quiloa, onde se affirma, que comerão mais de tres mil Mouros, e Mouras, e despois á de Mombaça, onde fizerão o mesmo em todos os moradores, que não houve escapar-lhes nenhum. Ultimamente forão mortos, e acabados por el Rei de Melinde, que lhes deu batalha acompanhado de outros Cafres, homens de valor chamados Mosseguejos (*). Assi castigou Deos, e acabou o instrumento, com que tinha castigado a tantos. Outro exercito semelhante a este, ha muitos annos, que correo a costa da mesma Ethiopia, que chamamos Occidental, porque corre do Cabo de Boa esperança pera o Norte, com os mesmos estilos de vida, e guerra, e com nome de Jagas: e andão já no Reino de Angola, e polos vizinhos. São varas de Deos, que manda por toda a parte, quando lhe parece, pera escarmento do mundo, e exemplo nosso.

CAPITULO XXXVI

De alguns filhos d'este Convento que subirão a grandes Prelacias.

Despois de dizermos dos filhos, que com santidade, e trabalhos, e em fim com sangue honrarão a mãi, que os gerou no Senhor, e pera elle os criou: entrão outros, que tirarão da mesma criação poder illustrar a mesma mãi, e toda a Ordem merecendo, e alcançando honras ou nas Universidades com suas letras; ou nos tribunais mais altos com sua religião, e inteireza, ou nas Prelacias do Reino com uma cousa, e outra. Mas, porque fora leitura sem fim proseguir com particularidade a vida, e obras de cada hum: por tanto não faremos mais, que ir apontando os nomes com algumas particularidades forçadas, e com advirtirmos ao Leitor, que dos que apontarmos, que são quasi todos de nosso tempo, ou mui chegados a elle, faça juizo, quanto maior numero poderamos dar, se nossos antepassados nos quizerão deixar por escrito suas vidas, ou polo menos seus nomes.

Por todos os titulos, que temos proposto merece lugar n'este catalogo, e que seja ante todos nomeado polo que tem de mais antigo, hum

(*) Frei João dos Santos na Ethiopia p. 1. l. 2. c. 21.

Bispo, que o curso da Historia, que atrás fica, nos foi descobrir no anno de 1432, principiador da Confraria do Santo nome de Jesu; digo dom Frei André Dias de Lisboa, Bispo de Megara, que, como era de Lisboa natural, não temos duvida em ser filho d'este Convento.

Seja segundo quem por maior dignidade, merecia ser primeiro, e não menos por heroicas virtudes, e grandes letras, que forão as partes que o tirarão do canto de sua humildade, pera o Arcebispado de Braga, e Primacia de Espanha. Tomou o habito n'este Convento no anno de 1528. E foi nascido em Lisboa, seu nome dom Frei Bertolameu dos Martyres. Livros ha de sua vida, que nos escusão ser aqui mais largos.

Tambem foi filho d'esta casa dom Frei Jorge Temudo, que sendo Presentado em Theologia na Ordem, foi della tirado pera Bispo primeiro de Cochim, e tal valor mostrou n'esta prelacia, que foi d'ella passado pera Arcebispo de Goa, e Primás de toda a India Oriental.

Dom Frei Bernardo da Cruz, de Mestre de Noviços de seu Convento de Lisboa, foi mandado a Roma por el Rei dom João III. a negocios de muita importancia: da volta o nomeou por Bispo da Ilha de S. Thomé, e achando n'elle talento pera cousas maiores, que cada hora se offerecião no Reino, do que ordinariamente erão as do Bispado, empregou-o em Reitor, e reformador da Universidade de Coimbra, e fazendo-o Comissario do Santo Officio, mandou-lhe, que desse principio ao tribunal d'elle, que n'aquella cidade se assentou. Chamado despois a Lisboa entrou por deputado do Conselho da Mesa da Consciencia, e Ordens. Em fim escusou-o el Rei de ir experimentar as febres, e ardores da torrida zona no seu Bispado, e deu-lhe o cargo de seu esmoler, e boa renda em melhor terra encommendando-lhe os Mosteiros de Tibaens, e Carvoeiro da Ordem de S. Bento em Entredouro, e Minho, onde vivendo com muito exemplo, e fazendo largas esmolas acabou em boa velhice.

Dom Frei Gaspar dos Reis, e dom Frei Jorge de Santiago forão dous filhos d'este Convento, que ao parecer andarão a par, e conformes em todos os successos da vida. Porque ambos cada hum por sua via forão estudar a Paris. Ambos se doutorarão em Theologia n'aquella Universidade. Ambos lerão n'ella a mesma faculdade com tão bom nome, que a hum, e outro chamou el Rei dom João juntamente pera se servir d'elles, e succedendo dar-se principio ao Santo Concilio Tridentino no anno de 1545 polo Papa Paulo III, ambos mandou a elle por seus Theologos: e tornando brevemente a Portugal, porque o Concilio se interrompeo,

foi dom Gaspar sagrado em Bispo titular de Tripoli, despois de servir muitos annos no tribunal da Santa Inquisição de Lisboa: em que foi o primeiro revedor de livros, que houve em Portugal. Dom Frei Jorge foi tambem Inquisidor em Lisboa, e ultimamente eleito Bispo de Angra, e Ilhas dos Açores. Mas sendo os autos da vida tão conformes d'estes dous Prelados até chegarem ao maior estado, foi maravilhosa a differença, que teverão em o lograr: hum de descanço, e sossego: outro de trabalho, e inquietações. Dom Gaspar, que se contentou de ir servir ao Cardeal Infante sem mais dignidade que a titular, gozou-a em muita paz dentro de huma bem assombrada, e rica cidade, qual he Evora, sem nunca sair mais dos limites do Reino, e da patria. E he de saber, que estavão tão conhecidos seus merecimentos na Corte de Roma, polo nome, que suas letras lhe ganharão no Concilio, que, quando n'ella se presentou a suplica do Cardeal, em que dizia fallando á Realenga que o queria pera lhe fazer os Pontificaes na Sé: o Summo Pontifice, que era Julio III, lembrado das calidades do Religioso, deu de mão ao papel, dizendo que a tal pessoa hum grande Arcebispado em propriedade, e não só titulo, era devido: e não consentio no despacho das letras. E assi foi necessario ao Cardeal reformar a petição, e dizer que polas grandes partes, que no homem concorrião, o buscára elle, não pera subdito, senão pera igual, não pera segundo, senão pera primeiro na administração de sua Diocesi, visto estar elle Cardeal de ordinario, e forçadamente ausente com negocios do governo do Reino. E então alcançou despacho.

Porém dom Jorge des do dia, que poz a mitra na cabeça, inda que o mundo houve, que ficava aventajado na prebenda: começou a correr tormenta de cuidados da alma, e perigos da vida, como se entrára em batalha. O primeiro trabalho foi a passagem do mar, que nunca he sem risco. Posto em Angra achou aquella Ilha, e as mais mui depravadas em vicios, e algumas almas tão vencidas d'elles, que lhe foi necessario grande valor pera as tornar á virtude. Bem se diz, que não póde ser Prelado, senão quem tever animo pera arrostar, e não temer desagradar a hum poderoso. Era grande letrado pera conhecer suas obrigações, e grande animoso pera executar o, que entendia. Achando alguns, que não sintião bem da fé, cubrio-os de ferros, e mandou-os entregar no carcere do Santo Officio em Lisboa. Apertou com outros com as armas espirituais em todo rigor, até os metter no caminho dos mandamentos

Divinos. Mas custou-lhe ver-se tres vezes em fortes perigos. Huma querendo passar de huma Ilha pera outra, foi acometido de gente armada na embarcação, e pera se salvar não teve outro remedio, se não lançar-se ao mar, e valer-se dos braços, e nadar. Outra estando fazendo seu officio de Visitador lhe tirarão com huma espingarda, guardou-o Deos, e matarão hum sobrinho seu, que o acompanhava. Terceira vez tentarão matal-o em certa casa, onde tirava huma devaça: e acometendo as portas os culpados n'ella com armas, e determinação danada, valeo-lhe, que como andava acautelado, acharão-nas trancadas por dentro, e seguras. E com tudo inda mostrarão descortezia, e poder diabolico, porque chegarão a entaipar o Prelado, ajuntando pedra, e cal, e cerrando-as de parede por fóra. Não faltou gente nobre, e de melhor animo, que lhe acudio. Muito trabalhou, mas tambem remedeou muito: que este he o officio de Prelado. Ultimamente passou de novo o mar, e veio ao Reino a negocios da Diocesi: e tornando com animo de edificar huma casa da sua Ordem em Angra, pera o que levava consigo pera fundadores tres Religiosos de boas letras, e bom pulpito, e todas as licenças necessarias, desfez sua morte os bons desenhos. Este Padre, que dissemos, era filho do Convento de Lisboa, entendemos adoptivo: porque tomou o habito, e professou em Santo Estevão de Salamanca: e despois foi perfilhado por este Convento.

Dom Frei Jorge de Lemos de Presentado em Theologia veio a ser Bispo do Funchal, e Ilha da Madeira. Succedendo vir ao Reino a negocios, desejou descarregar-se da dignidade, porque o carregavão muitos annos: renunciou o Bispado, e aceitou ser Esmoler del Rei: e faleceo em Lisboa, e sepultou-se no nosso Convento, sendo Prior o Padre Frei Jeronymo Correa.

Dom Frei Jeronymo Pereira foi Bispo titular de Salè á petição do Cardeal Infante, traz dom Frei Gaspar, e com o mesmo fim, e rezões, porque era bom letrado, e prégador de grande nome.

Dom Frei Jorge de Padilha Mestre em Theologia, e Bispo de Civita Ducale em Italia.

Dom Frei Antonio de Sousa, filho do famoso Governador da India Martim Afonso de Sousa: sendo Mestre em Theologia, veio a ser Vigario Geral de toda a Ordem dos Prégadores: prégador dos Reis dom Sebastião, dom Anrique, e dom Felipe I, e ultimamente Bispo de Viseu.

Dom Frei Antonio de Santo Estevão, prégador dos Reis dom Fe-

lipe I, e II, na peste de Lisboa, que acabou no anno de 602, aturou tres annos com admiravel constancia o cargo de enfermeiro mór da casa da Saude, (nome, com que disfarçamos o horror, que faz dizer hospital de peste), tendo á sua conta todo o temporal, e espiritual d'ella, e sustentando a vida como por milagre no meio de infinitas mortes; e foi despois Bispo do Congo, e Angola.

Dom Frei Antonio Valente leo muitos annos em Nossa Senhora da escada aos Clerigos do Collegio, que a Rainha dona Caterina, como adiante diremos, instituio n'este Convento: e foi examinador das Igrejas do Padroado real, e Mestrados de Christo, e Santiago, e Avis, e ultimamente Bispo da Ilha de S. Thomé. Bem he não ficar em silencio por honra d'esta nossa cidade, que estes tres Antonios erão filhos d'ella, e nacidos n'ella, assi como o erão d'este Convento.

Estes são os Prelados, que achamos em lembrança, deu á Igreja de Deos o Convento de Lisboa. Apoz elles diremos no Capitulo seguinte os que servirão no gravissimo tribunal do Santo Officio, porque n'elle se calificão os bons juizos, e se fazem dignos das Prelacias.

CAPITULO XXXVII

De outros filhos d'este Convento que servirão nos tribunaes do Santo Officio.

Puderamos dar primeiro lugar a hum Inquisidor Geral de toda Espanha, e juntamente Provincial, antes da separação d'esta Provincia, prégador, e confessor del Rei dom João o Primeiro d'este Reino, que foi o Mestre Frei Vicente de Lisboa. Mas já temos dito, que he seu lugar proprio o Convento de Benfica, onde faremos maior menção d'elle.

O Mestre Frei Manoel da Veiga sobre grandes letras foi dotado de huma singular excellencia de entendimento natural. E, por ser tal, correo por seus degráos os tribunais do Santo Officio, que ha n'este Reino, Coimbra, Evora, e Lisboa. No de Evora lhe aconteceo dar prospero fim a hum negocio de tanta importancia, que não hia menos n'elle, que a honra de huma cidade inteira, e á sua diligencia devemos tirar-se a limpo, e sair á luz a verdade: e quando de Frei Manoel não souberamos outra cousa, esta bastava pera o fazer muito illustre. O caso foi, que sendo presos pola Inquisição na cidade de Beja quatro homens da nação

dos Christãos novos, (nome, com que entendemos os filhos, e netos d'aquelles, que em tempo del Rei dom Manuel se converterão do Judaismo a nossa santa Fé), quando despois forão em particular examinados, e perguntados, como se costuma, polos complices, apontarão sem discrepar hum do outro, e falando todos quatro por huma boca, dezoito casas de homens nobres, e honrados da mesma cidade. Como era testimunho uniforme, e conteste, forão logo presos homens, e mulheres com grande terror, e espanto de toda a terra, e levadas a bom recado ao carcere do Santo Officio de Evora. Negarão elles, e ellas o crime com boas rezões: favorecia-os a quietação de animo, com que estavão, e respondião; ajudava sua calidade, e o sangue limpo, e sem mistura com os accusadores. Fazia tambem por elles serem os quatro accusadores todos da nação sem parte nenhuma de Christãos velhos, salvo hum, que era ordenado de Diacono, e tinha de Guiné o, que lhe faltava do sangue da nação, porque era mulato. Assi parecia a quem de fóra julgava, que penavão innocentemente. Todavia estava o negocio reduzido a perigosos termos: accusação feita por quatro homens, ratificada huma, e muitas vezes, e com interpolações de tempo em meio: sem fazerem mudança nem alteração nos ditos. O tribunal zeloso, e temeroso de casos de heregia por alguns, que de fresco erão succedidos em algumas partes de Espanha. O Rei, e o Reino alterado com a suspeita do que nunca fora inficionado em corpo de gente. Vio-se o Santo tribunal em hum laberinto de confusão, e irresoluções: e fez o negocio mais duvidoso, quando ao parecer estava em favor dos accusados, que hum d'elles sintindo mais o trabalho da reclusão, que o ponto da honra, confessou-se chammente por culpado, acreditando assi os accusadores. Aqui resplandeceo a prudencia, a virtude, e a religião do nosso Inquisidor. Vendo caso tão cego, determinou-se em o remeter ao autor da Luz, pera que l'ha desse no que devia fazer n'elle: com que não padecesse a innocencia dos homens, ou o credito do intemerato, e sagrado ministerio da Inquisição, se condenassem gente sem culpa, (como he facil enganar-se a humanidade). Mandou fazer muitas orações por gente virtuosa, e por discurso de tempo: as suas erão continuas, e affirma-se, que juntava a ellas muita penitencia, jejuns, e lagrimas, dando sempre voltas ao entendimento, que remedio teria pera descobrir a verdade. Em fim poz-lhe Deos na imaginação a traça, como a outro Daniel. Erão passados quatro annos: entra hum dia no carcere, e sendo assi, que os quatro havia longo tem-

po que estavão separados, e muito longe huns dos outros, mandou-os trazer juntos, e publicos, de modo que se virão, e reconhecerão: e fez que os posessem em hum corredor, onde havia quatro cubiculos contiguos hum a outro, em que ficarão repartidos. Imaginou o santo Inquisidor, que vendo-se assi juntos, falarião de noite, e procurarião communicar sobre suas cousas, e que seria meio pera se abrir caminho a se alcançar alguma luz d'ellas. Poem-lhes guardas com ordem, que colhendo quaesquer razões sospeitosas, gritassem logo, pera que os presos entendessem serem ouvidos, e descubertos. Succedeo puntualmente, como se lhe representou. Tanto que se virão juntos, teverão-n'o a boa ventura: quietando a noite, começarão a chamar huns polos outros, e a falar sem cautella, e tão largamente, que as vigias aprenderão mais do que era necessario, e, como lhes pareceo tempo, bradarão, reprendendo-os do que tinhão ouvido. Forão logo chamados á meza cada hum por si, como se lhe proposerão palavras, e rezões conhecidas, derão-se por descubertos. Confessarão então chammente huma estranha, e nunca vista conjuração, dizendo, que no tempo de sua prisão em Beja virão com seus olhos a muitos dos accusados fazer festas, e correr carreiras á honra de seu trabalho, (e na verdade assi contão os antigos que aconteceo), por onde logo então na mesma cadea, em que estavão presos, se concertarão elles quatro de fazer pagar aos dezoito o gosto, que mostravão de os verem n'ella, nomeando-os por cumplices da heregia, como falsamente tinhão feito: sendo verdade, que nunca com nenhum d'elles teverão tal communicação. Custou esta confissão aos quatro serem queimados com suas insignias de carochas nas cabeças, pera serem do povo conhecidos. Aos dezoito foi restituida sua honra, sendo condenado em degredo pera o Brasil o que, por fugir á vexação, pôz sobre si a culpa que não tinha, com que fazia duvidosa a innocencia dos companheiros. Obriga este successo a darmos immortais graças a Nosso Senhor polo fim d'elle todos os, que somos catholicos, e mais em particular os que fomos Frades de S. Domingos, pois o mesmo Senhor foi servido, que d'esta sua Ordem sahisse em tempos antigos tão salutifero medicamento das almas, como he o do Santo Officio: e nos modernos hum tão valeroso espirito, como foi o d'este Inquisidor: pera que não houvesse sentença errada, onde a tenção era pia e justa, e amiga de acertar. E cerremos este elogio com dar os parabens á nobre Villa de Aveiro por ser nacido n'ella, quanto á carne, hum tão insigne sojeito, como o foi quanto

ao espirito no Convento de Lisboa. Correndo depois o anno de 1571, e celebrando-se capitulo de eleição na villa de Santarem, foi eleito com grande conformidade de todos os capitulares em Provincial: o qual cargo não servio, porque o contradisse o Cardeal Infante Inquisidor Geral n'este Reino, affirmando importar mais ao serviço de Deos a sufficiencia de tal pessoa pera assistir no tribunal do Santo Officio de Lisboa, em que o tinha occupado, que não governando a sua ordem, em que havia muitos sojeitos pera isso bastantes: e porque tinha poderes do Padre Geral, cassou a eleição.

O Mestre Frei Antonio Pegado foi Deputado do mesmo tribunal.

O Mestre Frei Antonio de S. Domingos Lente de Prima da cadeira de Theologia na Universidade de Coimbra, e n'ella jubilado, foi famoso prégador, e revedor dos livros, e Deputado do Santo Officio na mesma cidade de Coimbra. D'este Padre sabemos, que, sendo Prior de Lisboa na mór força da peste grande do anno de 1568, não desemparou o Convento, em quanto lhe durou o cargo: sendo assi, que obrigou a muitos Religiosos a se sairem d'elle: e mandando-lhe pedir hum Irmão leigo que do mesmo mal estava acabando, que o quizesse confessar, com tal teima, que parecia mais frenesi, que conselho, porque de nenhum outro Religioso se satisfazia, animosamente lhe acudio, ouvindo-o, e consolando-o muito de vagar. Faleceo em Coimbra no anno de 1596, em idade de sessenta e cinco.

O Mestre Frei Bertolameu Ferreira revedor dos livros, e Deputado do Santo Officio em Lisboa (*).

O Mestre Frei Francisco Foreiro foi mandado por el Rei dom Sebastião ao Santo Concilio Tridentino entre os Theologos, que pera elle sinalou: onde o escolheo aquella gravissima junta pera Secretario da Congregação dos Bispos, que forão deputados pera censurarem os livros, que se havião de prohibir, e fazer catalogo dos permittidos, e dos reprovados. Despois que tornou, foi revedor d'elles em Lisboa, e juntamente Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, e nosso Provincial. O mais, que d'elle temos, que não he pouco, se verá, quando chegarmos ao Convento, que edificou, e dotou em Almada.

O Mestre Frei Manoel da Serra Deputado do Santo Officio da India no tribunal de Goa.

O Padre Frei Thomás do Espirito Santo, nacido na villa de Guima-

(*) Frei Ant. de Sena na sua Bibliot.

rães de bom, e antigo sangue, tomou o habito n'este Convento de Lisboa, e passando á India soube tambem ajuntar as obrigações da religião com as do nacimento (*) que dos Religiosos, que o conhecião de perto, e do povo, que o tratava mais de longe, era havido por Santo. E por tal foi muitos annos Deputado do Santo Officio: e tão estimado dos Visoreis de seu tempo, que não davão ponto em negocio de importancia sem seu conselho. Sendo Prior do Convento de S. Domingos de Goa emprendeo fazer huma casa em Pagim, que he hum sitio deleitoso, pouco afastado da Cidade. E valeo sua industria, e o amor, que lhe tinha a terra pera sahir com a obra, e a ver acabada, e moradores n'ella trinta Religiosos. Este edificio mudou despois nome, e sitio, sendo tresladado pera dentro da cidade, com nome de Collegio de Santo Thomás, e confirmando-se n'elle o de seu autor primeiro, e as rendas, e ordenados reais que o mesmo lhe tinha grangeado.

O Mestre Frei Pedro martyr, sendo lente da cadeira de vespara de Theologia na Universidade de Coimbra, foi revedor dos livros polo Santo Officio da mesma cidade.

Sendo Inquisidor Geral n'este Reino o Cardeal Infante dom Anrique que despois succedeu na coroa d'elle, era cargo annexo ao do Priorado d'este Convento, por provisão sua serem revedores dos livros os Padres que n'elle entrassem.

CAPITULO XXXVIII

De outros Padres, que forão lentes de grandes catredas na Universidade de Coimbra sem entenderem em outro ministerio.

Dos primeiros Religiosos, que residindo no Collegio de Santo Thomás de Coimbra, forão publicos professores das sciencias na Universidade da mesma cidade, foi hum o Doutor Frei João de Pedrazza, perfilhado por este Convento de Lisboa: e leo a cadeira de vespara de Theologia. Despois de longos annos de idade deixou a continuação da Catreda, mas não do estudo, e pouco antes de falecer sahio com huma summa de casos de consciencia, que compoz á instancia do Bispo dom Julião Dalva: foi obra estimada em seu tempo, e impressa muitas vezes.

Ao Mestre Frei Antonio da Fonseca, Doutor Parisiense por ser filho d'este Convento, e natural de Lisboa, mandou el Rei dom João Tercei-

(*) Frei João dos Santos P. 2 l. 2. c. 16. de Var. Historia Orient.

ro vir de Paris, pera lhe dar a cadeira da sagrada Escritura da Universidade de Coimbra: e foi lente de vespara: e juntamente o fez seu prégador. Porque tinha com as letras admiravel eloquencia. Este Padre foi o primeiro prégador, que introduzio neste Reino prégar o sintido literal da Escritura apostillando o Santo Evangelho: modo facil, e menos trabalhoso pera quem o segue, porque he totalmente separado do estilo oratorio antigo, que se compoem de suas partes, com seus tropos, e figuras, e flores Rethoricas: e ha mister estudo particular. He pera o povo mais aprazivel, e mais claro o apostillar, polo que tem de menos circuito de rezões, e periodos, e pola mesma rezão mais abreviado no resumir: porem de força se ha de suprir com conceitos, e sentenças, e lugares de sustancia o, que faltar de elegancia, e ornato de palavras, de que os Gregos, e Latinos fazião tanto caso, que lhe chamavão arreios, e jaezes da Oração, *Phalerata dicta* (*). Qual seja melhor genero he longa questão, e não d'este lugar. Hum antigo chamava Oradores de cartapacio aos, que com ditos, e sentenças alheas, e historia antiga tecião toda a Oração: e dizia, que o saber era fazer o homem alguma cousa sua, sem pender sempre do que outros disserão. São as palavras: *Aliquid et de tuo profer. Istos nunquam Autores, semper interpretes nihil puto habere generosi.* E mais baixo: *Scire est et sua facere quæque, nec ab exemplari pendêre* (**). Mas d'estas cousas o tempo, que tudo vai trocando, e o uzo com quem vivemos, são os que hão de dar a sentença. Em Frei Antonio havia eloquencia, e havia engenho, com que juntava huma cousa, e outra, e fazia, que tudo lhe estivesse bem.

O Mestre Frei Diogo de Morais, sendo Prior de S. Domingos de Lisboa foi mandado absolver do officio pola Rainha dona Caterina, que governava na menoridade del Rei dom Sebastião seu neto, pera ir ler a cadeira de Theologia de vespara na mesma Universidade. Tinha lido esta faculdade em Lisboa muitos annos. Não viveo mais que dois em Coimbra. Estes com raro exemplo de modestia nos actos publicos, e de pobreza consigo, porque nunca se servio, nem aproveitou em particular do rendimento da cadeira: e sempre subio ás escollas a pé sem querer usar de cavalgadura.

O Mestre Frei Luis de Sotomaior, vindo do Concilio de Trento, em que assistio, foi mandado por el Rei dom Sebastião ler a cadeira de Escritura na Universidade. N'ella jubilou com o nome, que de direito lhe pode-

(*) Terent in phor. (**) Seneca Epist. 33.

mos dar de *Trismegisto*, quero dizer, tres vezes maximo, grande letrado, grande estudante, e, (o que mais importa), grande Religioso. E sobejando-lhe idade, e forças pera segunda vez poder jubilar, largou as escolas no que podia parecer cobiça, que fora ir lendo de novo; e não no que era trabalho. Porque ficou estudando, e escrevendo em serviço da Republica literaria até o ultimo espirito com a mesma applicação, e continuação que se estivera obrigado ás lições da Universidade: e n'ella faleceo em idade de oitenta e quatro annos, sendo sua fama celebrada pola excellencia do que tinha escrito, por todos os bons espiritos da Christandade, e havendo quarenta e sinco annos, que começara esta lição de Coimbra. Do discurso de tão larga vida puderamos dizer muito, mas resumil-a-hemos nas mais breves palavras, que for possivel. Tomou o habito muito moço em S. Domingos de Lisboa. Passou a Frandes á Universidade de Lovaina. N'ella estudou Theologia, e juntamente se deu ás lingoas Grega, e Ebraica. Como tinha profundo juizo, e huma memoria sobre tudo o que se póde dizer tenaz, e firme, consumou-se na sciencia, e nas lingoas. A Latina leo publicamente em Londres, por mandado del Rei dom Felipe segundo de Castella, que depois foi primeiro de Portugal, quando passou a casar com a Rainha Maria de Inglaterra, pretendendo aquelles Reis, que fosse juntamente aos discipulos Ingreses mestres da pureza da Fé. Exercitou despois todas em Frandes, e Alemanha: e por rezão d'ellas se foi aplicando com grande cuidado a penetrar o sintido, e mysterios do texto das sagradas letras. Andou fóra da Patria até á celebração do Santo Concilio de Trento, em que assistio: e sendo acabado, deceo a Veneza pera passar com o Padre Frei Bonifacio de Araguza, da Ordem dos Menores a visitar a terra Santa. Levava este Padre a familia Franciscana a seu cargo, e os peregrinos d'aquelle anno. Huma grave doença estorvou a santa jornada ao Padre Frei Luis. Mas ficou em memoria huma encomenda, que deu ao Padre Frei Pantalião de Aveiro Franciscano, e Portuguez, quando se embarcou, na mesma jornada: encomenda, que descobre bem a fee, e espirito de quem a fazia. Pedia-lhe que, pois não merecera a Deos ser seu companheiro, lhe trouxesse de qualquer rua ou estrada publica de Jerusalem huma pouca de terra, porque, como o bom Jesu andara por ellas, tinha por certo que até o centro ficara toda a terra sanctificada.

Vindo a Portugal começou a ler Escritura em S. Domingos de Lisboa. Mas foi por poucos dias, porque logo o mandou el Rei dom Se-

bastião pera a Universidade de Coimbra, onde escreveu doutissimos commentarios sobre o Testamento velho, e novo, mostrando n'elles as riquezas de erudição, que entezourava sua memoria. Porque, como tinha lido com attenção, quasi tudo, quanto ha escrito em todas as faculdades desde a Humanidade até a maior, e milhor sciencia, tão presente estava nas que tinha passado, quando moço, como nas em que de proximo se empregava. Ajudava-se de artificio pera a conservação do que estudava, cotando os livros com diversidade de sinais de penna, e passando estes a huma grande taboa, que tinha na parede, com que lhe ficava facil achar os livros, as materias, e as particularidades. E, porque seus escritos antes de chegarem á impressão, já corrião por toda a Christandade com fama, e grande aceitação de todos os doutos, o Papa Clemente oitavo lhe mandou escrever hum Breve cheio de honras, em que o anima, e amoesta que imprima. Foi passado o Breve em S. Pedro de Roma em 28 de Março de 1597, e, porque anda já impresso no volume, que escreveo sobre os Cantares, deixamos de o lançar aqui.

Foi incansavel no ler, e no escrever. Affirma-se d'elle, que leo todas as obras de Santo Agostinho, a cuja doutrina, e lição tinha particular devação, e affeição, duas vezes, e algumas d'ellas sinco, e mais vezes: sendo assi que ha poucos homens, que as lessem huma só vez pola grandeza, e numero dos volumes, que comprendem. O seu ler foi sempre com a pena na mão, qualquer que fosse o livro, pera se aproveitar de tudo, e de todos. O seu escrever sempre por sua mão, até que lhe deu a gota na direita. E, com lhe succeder isto, no cabo da vida. fez logo trabalhar a esquerda, primeiro em fazer o seu sinal, e despois em escrever tudo o que se lhe offerecia, de maneira que veio a usar d'ella como da direita. O seu estudar era continuo sem tempo certo nem determinado. Fóra das horas, que dava a Deos, ou ás necessidades naturais de comer, e dormir, ou lhe tomavão negocios precisos, logo seu espirito corria ao estudo, como a pedra ao centro. Polo comer cortava sempre pera partir com os pobres, e pera dormir menos. E do sono tirava tanto, que de ordinario se levantava á meia noite, (pera o que tinha sempre consigo hum espertador de relogio), sem tomar da cama mais que o necessario pera a vida, nada pera a recreação. Contava d'elle o Padre Frei João da Silva, que indo ambos a hum Capitulo geral, com ir cançado do caminho, todas as noites, passado o primeiro sono acendia candea, (pera o que levava aparelho de fusil, e pederneira,)

e entendia cos livros, que sempre com elle peregrinavão, como se estivera na quietação da cella. Ajudava-o muito huma complexão robusta, e forte, que o acompanhou, como dizem de Santo Agostinho, até quasi os ultimos annos da vida. Porque da gota não foi tentado senão então, e ainda assi lhe dava graças, chamando-a ditosa necessidade, porque rendia mais tempo pera o estudo, livrando-o de acudir a negocios, ou de comprimento de gentes, a quem se não podia negar, ou de força, da Universidade, pera que sempre era chamado, como i prmeiro, e mais antigo voto d'ella. Da regra, e constituições foi observantismo, livre, e azedo reprensor do que era contra a lei de Deos, ou verdade politica, perpetuo bemfeitor em commum com a esmolla, com a intercessão pera todos os, que o buscavão, e em particular pera estrangeiros, como quem o foi muitos annos peregrinando fóra da patria. Em casa brando, facil, e conversavel. Na cella morador tão aturado, que quasi nunca se achava fóra d'ella: e fóra de casa não hia, se não arrancado de grande, e forçosa obrigação.

Chegando á idade, que temos dito no anno de 610, dia da Gloriosa Ascensão do Redentor, se levantou pola manham, e se foi ao Oratorio do Collegio, ouvio Missa, confessou-se, e commungou, e recolhendo-se pera a cella, tratou de morrer tão determinadamente, que foi constante opinião de todos os, que o conhecião, e notarão com attenção o successo de sua morte, que lhe fora revelada a hora d'ella. De sua humildade, e modestia sabemos, que nunca tal lhe sahio da boca. Mas falarão por elle os effeitos, que não pode reprimir. Foi o primeiro, do qual se não teve noticia, se não muitos dias despois de sua morte, hum papel, que se lhe achou em hum escritorio, feito n'este mesmo dia, e de sua mão assinado. He uma protestação da fé, que por sua, e de tal hora, na qual estava com os olhos na eternidade, merece que, todos os que somos seus irmãos do habito, e nos prezamos de discipulos de sua doutrina a imprimamos nas almas. E por isto a lançamos aqui, e será no seguinte capitulo.

CAPITULO XXXIX

Da protestação da fé que o Padre Frei Luis do Souto Maior deixou escrita: e de sua bemaventurada morte.

Ecce iam morior, vel potius dormio, et viuere incipio in Christo vita mea, cuius gratia vsque in hunc diem in fide eiusdem catholica vixi, li-

cet minus benè, fateor ingenuè et doleo. Quoniam verò, vt inquit Paulus Apostolus, corde creditur ad iustitiam: ore autem confessio fit ad salutem. Idcircò necessarium potaui nunc temporis, et in hac hora fidem meam conceptis verbis atque etiam scriptis breuiter ad salutem, simulque exemplum aliorum confiteri in tanta præsertim profanarum vocum novitate, vt ne dicam licentia et impunitate: próque ea fide immortales Deo gratias agere, qui me pro sua immensa misericordia dignatus est fidelem Catholicum non solum efficere, sed etiam vsque in finem seruare nullo quidem merito meo, sed potius merito Christi Filij sui, et Domini mei, qui dilexit me, et tradidit semetipsum pro me. Eius itaque merito et iustitia et gratia spero me posse saluari, id est, vitam illam immortalem et beatam me adepturum esse confido. Quod autem pertinet ad quæstionem illam de gratia Dei, seu gratia Christi propria circumuagatam, idipsum firmiter teneo, et fideliter credo, quod semper tenui, id est, quod semper tenuit Ecclesia Catholica et Romana, quodque tenuit olim D. Augustinus, et post eum D. Thomas verissimus et fidelissimus eius interpres. Denique id quod me docuerunt præceptores mei, id est, Theologi Lovanienses, quorum autoritas mihi grauissima est et quorum discipulus et alumnus per tot annos fui, licet indignus. 20 *die Maij anno* 1610.

Frey Luis de Souto mayor.

Não será rezão, que defraudemos do fruito, e significação de tão santa escritura os, que não penetrão a Latinidade: daremos a tradução, e diz assi:

Eis que morro, mas antes durmo, e começo a viver em Christo vida minha: por cuja graça, e mercê vivi até hoje em sua fé Catholica inda que não tão bem como devia, chammente o confesso, e peza-me de coração. Mas porque, como diz o Apostolo S. Paulo: crer com o coração serve pera a graça, e justificação; e confessar a fé com a boca, convem pera a salvação. Portanto me pareceo necessario, sendo chegado a este tempo, e hora, confessar, e declarar brevemente a fé, em que vivo, por palavra, e por escrito, assi pera salvação minha, como pera exemplo d'outros, em tempo principalmente de tanta novidade, por não dizer atrevimento, e licença mal castigada de profanas linguagens. E tambem pera dar eternas graças a Deos pela mesma fé. Pois foi servido por sua immensa bondade, não só fazer-me Catolico Chris-

tão, mas conservar-me em sua santa fé até o fim da vida: e isto sem nenhum merecimento meu, senão só polos meritos de meu Senhor Jesu Christo seu Filho, que me amou, e por mi se entregou á morte. E assi espero, e confio poder-me salvar no que elle me mereceo, e por sua justiça, e graça, quero dizer, alcançar a vida eterna, e bemaventurada. E quanto a huma questão, que anda mui ventilada, acerca da graça propria de Christo: declaro, que eu tenho, e creio firme, e firmemente o que sempre tive, e cri, que he o mesmo, que sempre teve a Igreja Catolica Romana: e o que antigamente teve Santo Agostinho, e depois d'elle seu mui verdadeiro, e fidelissimo interprete Santo Thomás: e em fim o mesmo, que me ensinarão os Mestres, quero dizer, os Theologos da Universidade de Lovaina, cuja autoridade tem pera comigo grandissimo peso, e poder, sendo como fui tantos annos discipulo, e filho, inda que indigno de sua doutrina. Em 20 de Maio de 1610.

Frey Luis de Souto mayor.

Apos esta protestação, que foi como testamento, porque outro não fez, nem tinha de que o fazer como verdadeiro Religioso, deitou-se na cama: e sendo visitado de alguns medicos, desassombradamente lhes disse, que morria, e que já era tempo, e que lhe não pesava. E replicando hum, que lhe daria Deos muita vida, e saude, respondeo: A da alma, que he a que importa. A hum Monge de S. Bernardo, que o visitou, e lhe perguntou, como se sintia, disse: Como quem está pera fazer huma jornada muito comprida, e muito perigosa.

Deste dia em diante foi entrando em fraqueza muito conhecida, e sendo visitado amiude dos medicos, recebeu o santo viatico: e antes de o receber pronunciando muitas palavras, assi da sagrada Escritura, como dos sagrados Concilios, com que reconhecia estar debaixo das especies sacramentais Nosso Senhor Jesu Christo verdadeiro Deos, e homem, Filho do Eterno Padre; fez-lhe uma devota, e efficaz petição, que o confirmasse em sua santa fé. E logo pedio ao Prelado, que na hora, que entendesse ser tempo, lhe administrasse a santa Unção. Quando veio á sesta feita antes do dia do Espirito Santo pareceo ao Reitor, que convinha não lh'a dilatar, e tratando-o com elle, e propondo-lhe o perigo em que estava de poder falecer sem aquelle Sacramento: com muita confiança respondeo, que não permittiria Deos tal: e que o receberia

ao Sabado, e que era vespara da Festa, sem embargo, que, como subdito se resignava em sua vontade. Pedio então espaço pera se aparelhar. Foi o aparelho confessar-se, e pedir ao enfermeiro, que por reverencia dos santos oleos lhe lavasse os pés. He de considerar, que de quarenta annos atrás se sabia, que nunca outras maons lh'os lavarão, se não as suas proprias; e n'aquella hora, sendo dous dias antes da morte, consintio, que lhe tirassem as meas calças, que segundo estilo da Religião ainda tinha calçadas, havendo tanto tempo, que se podia haver por izento de todos os rigores d'ella. Ao Sabbado á noite pedio, que lhe lessem a paixão do Evangelho de S. João: e começando a meditar hum pouco no que ouvia, deu-lhe hum grande aballo de estremecimento. Acudirão os Padres parecendo, que acabava, e poserão-lhe na mão a candea. Disse espertando, que ainda não era tempo; que elle teria cuidado de a pedir. E vendo que estavão juntos todos os, que havia no Collegio, despedio-se d'elles com amor, e humildade, e forão as palavras: Padres meus, como grande peccador, que sou, não tenho nenhum bom exemplo, que lhes deixe mais, que o de bom estudante. Peço-lhos muito, que nunca se apartem da doutrina de Santo Agostinho, e de noses Padre Santo Tomás de Aquino. Porque sem ella se não pode entender o Apostolo S. Paulo: e tudo o, que se lhe responde são, (foi palavra sua formal), esfolagatos. Quiz dizer, agudezas sofisticas. Perguntarão-lhe a que Santos queria lhe dissessem Missas, apontou em Santo Agostinho, e com a occasião pedio, que lhe dessem hum livrinho das suas confissões, e dizendo, que aquelle era o seu thesouro, tirou de dentro dous papeis: hum foi o registo da imagem do Santo, com que se abraçou como em despedida: outro huma oração de sua mão escrita, que dizia fora composta polo mesmo Santo pouco antes da morte. Mandou, que lh'a lessem, porque he muito devota, e por ser tal encomendou aos Religiosos, que tomassem treslados, e a rezassem. Ao dia de Pentecoste pola manham chamou ao confessor, e reconciliando-se pedio-lhe, que lhe aplicasse a indulgencia concedida aos nossos Frades no artigo da morte pola Sé Apostolica. Absolto por ella disse-lhe, que se ficasse embora, porque elle se hia descançar com Deos; e pedio a candea; e, tanto que a teve na mão, espirou com huma quietação de Santo, na hora, que no Coro se começava a cantar despois da Epistola o verso da *Alleluya, Veni sancte Spiritus.*

Houve no transito d'este Religioso dous estremos de consideração.

Quando soube ou entendeo, que morria, temeo, e tremeo a humanidade sobre oitenta, e tantos annos de vida mui occupada, mui trabalhada, e mui religiosa. Este foi o primeiro estremo: que se colligio de huma profunda tristeza, em que cahio, tanto que adoeceo, da qual sendo advirtido que lhe agravaria o mal, respondeo: *Tristitia hæc effectus pœnitentiæ ad salutem.* (*) Como significando que era effeito de dor, e arrependimento pera meio de salvação. Ao mesmo proposito disse pouco depois com grande efficacia: *Timendus est Deus, maximè cum iudicat.* Quiz dizer: Sempre Deos he de temer, mas principalmente quando julga. Passou d'este estremo a outro, com que acabou, de huma grande paz, e sossego da alma. Porque, visitando-o os Doutores da Universidade, com tão boa sombra se despedia de cada hum, como se tratara de passar pera outro Convento; e todos sahião assombrados, e edificados. E não espantou menos, que dizendo-lhe o Reitor da Universidade dom Francisco de Castro, que hoje he Bispo da Guarda, que se lembrasse d'elle diante de Deos, respondeo, que quanto n'elle era, prometia fazel-o. Assi o reconheceo logo toda a Universidade por Santo nos effeitos. Porque entre a huma, e duas despois de meio dia se juntarão no Collegio com o Reitor muitos Doutores, e Fidalgos, e grande numero de Religiosos, e elle foi o primeiro que chegou a beijar-lhe a mão, o que imitarão alguns: mas os mais se forão aos pés, entendendo, que a tal pessoa não era devida menos veneração. Foi á terra coroado de huma capella de rosas: e sobre o escapulario, que era hum, que pera este dia tinha bem guardado, porque fora do Santo Arcebispo de Braga dom Frei Bertolameu dos Martyres (**), levava huma Cruz feita de rosas, e ao pescoço hum rosario, que muito pezava, por ser feito da madeira do caixão, em que o mesmo Arcebispo estivera primeiro sepultado. Nos dous dias seguintes teve solenes Officios da Universidade, e de todas as Religiões, que concorrerão ao Collegio. E o Reitor da Universidade lhe mandou cobrir a cova, que he no meio do Oratorio do mesmo Collegio, com huma fermosa campa esculpida do seguinte elogio.

Magnus Theologus vir cœlo dignus Frater Ludouicus Sotto maior Dominicanus, fidei vehemens assertor in vtraque Germania, et Anglia, Primarius Conimbricæ Diuinorum librorum interpres longè illustris, et emeritus: moriens ipsa die, et hora, qua Spiritus Sanctus corda repleuerat Apos-

(*) 2. Cor. 7. (**) Frei L. Cacegas na vida de Santo Arcebispo l. 6. c. 22.

tolorum, suæ mortis diuinus viuam sanctitatis imaginem expressit, quam vivens sibi parauerat Deum sequendo. Tandem hic situs est anno 1610, *suæ ætatis* 84.

CAPITULO XL

Dos estudos que ha n'este Convento. E como lhe foi annexada a Igreja, e renda do antigo Mosteiro de Ansede pola Sé Apostolica.

Floreceo sempre n'esta casa estudo geral de Filosofia, e Theologia, e he a primeira Academia da Ordem n'esta Provincia. São ordinarias duas lições de Theologia, e huma de Artes, e Filosofia. Em tempos atrás ordenou n'ella el Rei dom Manoel hum Collegio pera certo numero de Religiosos, o qual el Rei dom João seu filho mandou despois passar a Coimbra com nome de Santo Thomas, como se dirá em seu lugar, e anno proprio conforme á ordem, que seguimos. E agora o tocamos, pera que se saiba que aqui teve sua origem.

Além d'este estudo, que he de portas a dentro, e mais proprio dos Religiosos, dado que tambem admitta alguns seculares: ha outro fóra, de duas lições publicas de casos de consciencia, particular pera seculares. Estas se lem na Ermida de Nossa Senhora da Escada: e tem dous lentes, que nomea o Capitulo Provincial. Foi obra, e instituição da Rainha dona Caterina, digna consorte do Christianissimo Rei dom João III, e grande imitador de suas virtudes: e sinalou de esmola por ella ao Convento cem mil reis de juro. Mas vendo, que o beneficio, com ser tão geral, não abrangia áquelles que por falta de sustentação, sobejando-lhe as mais partes, não podião assistir na cidade, ordenou hum Collegio de Clerigos pobres com numero certo, e porções determinadas. Conselho de alto entendimento. Porque, além do merito da esmola, e mantença que se dá a pobres: a comida certa obriga-os a estudar: e o estudo a se habilitarem pera servirem de Curas das Igrejas, e em outros beneficios: com que se vem a dilatar a esmola por todos os membros da Republica. São os Collegiaes trinta e dous: dos quaes mandou, que os doze fossem sempre do Arcebispo de Lisboa, e os vinte do restante do Reino. Aos do Arcebispado, como a gente, que está em sua casa, ou perto d'ella, se dão de porção doze mil reis por anno; aos de mais longe a quinze mil réis pagos em dinheiro, e aos quarteis, e de mão do Prior do Convento. Pera serem admittidos passão por rigoroso exame de La-

tinidade, despois de aprovados em vida, e costumes, e limpeza de sangue: e sempre ha consurso de pretendentes, e he preferido o mais habil, e mais digno. Tem obrigação de certos annos de assistencia, e continuação quotidiana de manhã, e tarde: pera o que ha dous apontadores, cujo officio he tomar em lembrança as faltas de cada hum; e, quando chega ao quartel, tanto recebem menos, quanto montão as lições, que perderão pro rata do qual val a porção. O Prior he o administrador de tudo, e o que manda fazer os pagamentos, que fica sendo a maior commodidade de todas pera os pobres, porque he almoxarife certo, e bem assombrado. A contia, que se monta, deixou a Rainha em juro perpetuo assentado na alfandega da cidade.

Mas, porque falamos em juro, e rendas, será bem dizermos alguma cousa das que sustentão a este Convento: as quais he de saber, que pera cem Frades, que de ordinario n'elle residem, além de grande numero de hospedes quasi sempre continuos, são mui curtas, como em todos os mais conventos do Reino. E he a rezão tal, que desejo encubril-a por não culpar nossos maiores, que ou polo costume do bom tempo, em que viviamos sem proprios, ou por brio de se mostrarem izentos de cubiça, forão muito faciles em largar legitimas, e heranças grossas, fazendo pouco caso do dano das Communidades a troco da gloria de liberais. O que sendo visto, e considerado pola Rainha dona Caterina no tempo que governava este Reino na menoridade d'el Rei dom Sebastião seu neto, procurou impetrar da Sé Apostolica hum Mosteiro de boa renda de alguns antigos, que por estarem quasi despovoados de Religiosos, se davão polos Reis a pessoas particulares pera viverem das rendas d'elles, com nome de Commendatarios. E vagando o de Ansede no anno de 1559, por falecimento do Commendatario, que o possuia, escreveo ao Pontifice em nome del Rei, no qual corrião todos os negocios, e papeis publicos. E porque a nota testimunha bem as necessidades, que temos dito da nossa casa, e o estado da que se pedia, não será fóra de proposito tresladarmos aqui a carta: e he a que se segue.

Muito Santo em Christo Padre, e mui bemaventurado Senhor, eu desejo, que o Convento de S. Domingos d'esta cidade tenha sufficientes alimentos pera poder sustentar o numero de Religiosos, que he necessario pera bom serviço de Nosso Senhor n'esta cidade, e Reino, e desta Republica no espiritual, por ser casa de estudo de Artes, e Theologia, donde saem vinte e

tantos prégadores por toda a cidade, e Reino, e onde ha continuas confissões, e onde todas as principais duvidas de consciencia vão ter, pera que com a determinação dos letrados da dita casa se quietem as consciencias: e por haver muitos annos, que a terra está em costume de achar na dita casa aviamento pera todas estas cousas. E, porque pera isto se poder sustentar, he necessario ter grande numero de Religiosos, pera os quais tem a casa mui pouca renda: e minha fazenda está mui despesa pera poder a isso acudir, por a mui continua guerra, que com os Mouros inimigos de nossa santa fé continuamente trago nas partes de Africa, e India: mandei pedir a V. Santidade me gaizesse fazer merce de unir o Mosteiro de Ansede ao dito Convento: por quanto mais serviço de Nosso Senhor será darse a dita casa, que estar, como atèqui esteve, com cinco ou seis Religiosos por forma, e a mais renda comel-a hum Commendatario. Porque tambem, quando a V. Santidade lhe parecesse povoar-se o dito Mosteiro de Ansede d'alguns Padres da dita Ordem de S. Domingos, que preguem na terra onde o dito Mosteiro está, que tem necessidade de doutrina, o Padre Provincial, e Padres de S. Domingos o fação. E, porque importa muito a boa conclusão deste negocio, no qual espero, que V. Santidade folgue de fazer a merce, que lhe pesso: vai sobre elle, e outros negocios, que tocão á dita Ordem, o Padre Frei Julião, pessoa de muita confiança: e que por el Rei meu Senhor, e avó, que santa gloria haja a ter delle, o mandou em tempo da boa memoria dos Papas Pauto, e Julio sobre outros negocios da dita Ordem. Peço muito por merce a V. Santidade, que, no que acerca disto lhe requer por parte da dita Ordem, folgue de lhe fazer toda merce, que houver lugar, no que a receberei mui grande de V. Santidade. Mui santo em Christo Padre, e mui bemaventurado senhor, Nosso Senhor por muitos annos conserve V. Santidade em seu serviço. De Lisboa a 10 *de Julho de* 1550.

Concedeo o Papa na annexação da Igreja, vistas as rezões da carta. E com os rendimentos d'ella, que importão pouco mais de dous mil e quinhentos cruzados forros pera o convento, se aliviarão as necessidades que passava, e com elles, e com a providencia, e bom governo dos Priores se tem reformado o edificio de quasi toda a casa, e enriquecida a Sacristia de ornamentos pera o culto divino: de sorte, que faz ventagem a todas as de Lisboa. O Mosteiro de Ansede he tão antigo em sua fundação, que ha memorias, com que se prova, que no anno de 1107 havia

já n'elle Religiosos, e que no de 1160 foi dado aos Conegos regrantes de Santo Agostinho, em cujo poder estava, quando el Rei dom Sebastião o impetrou pera a nossa Ordem. E por boa conta parece, que os antecessores dos Conegos regrantes devião ser Frades de S. Bento. A casa he freguezia do lugar, e tem outras Igrejas, e freguezias annexas com seus Curas, e Abbades apresentados polo Prior de S. Domingos de Lisboa. Assi fica sendo Ansede huma das Vigairarias da Provincia : e o Vigario, ou qualquer outro Frade ali residente tem dispensação do Papa pera administrar os Sacramentos, como verdadeiro Parrocho. O Bispado, em que cae he o do Porto.

Não he pera esquecer, que se guarda n'este mosteiro de Ansede de tempos immemoriaes huma caveira de homem inteira de tal virtude, que todo animal danado, que com ella toca, fica logo são. E de muitas legoas á roda acode o povo ao beneficio ; e, se não podem trazer o animal infecionado, com levarem pão ou palha tocada na santa cabeça, (que este he o seu nome, e não se lhe sabe outro), como esteja em estado que o passa comer, logo fica livre do perigo.

CAPITULO L

Das Reliquias que ha no Convento : e de algumas memorias antigas que nelle se achão.

O que falta de renda, e fazenda a este Convento, lhe sobeja em outra riqueza de mais estima, que he hum tezouro de grandes, e preciosas reliquias, que se guardão na sacristia, recolhidas com decencia em hum nicho aberto na grossura da parede do topo fronteiro da porta. He a primeira huma cruz feita do verdadeiro lenho, em que nosso Redentor Jesu Christo padeceo. Está engastada em outra grande de prata, que juntamente faz custodia a muitas outras reliquias. Foi esta peça do Mestre Frei Nicolao Dias. As reliquias lhe dera em Roma o Papa Pio Quinto, de quem por suas grandes partes era muito amado : e elle as deu a este Convento como filho, que era seu de habito, e profissão.

Tem mais dous espinhos da sagrada Coroa de Christo, em seus viris de cristal, com suas guarnições de prata douradas.

Em huma caixa dourada, e bem guarnecida se guarda a casula inteira com que nosso Padre S. Domingos celebrava no tempo, que residia em

Tolosa prégando aos hereges Albigenses. He de huma seda síngella como tafetá: e mostra na parte, que cae sobre o peito, sinais bem vistos, e matizes santos das lagrimas, que derramava n'aquelle celestial ministerio. Foi dadiva das Freiras do insigne Mosteiro do Prulliano, feita ao Padre Mestre Frei Antonio de Sousa, quando as visitou como Vigario geral que era de toda a Ordem, vindo de Roma pera Portugal, e elle de sua mão a poz nesta casa, porque pera ella a pedio.

Em hum engaste de prata está a cabeça do Protomartyr Santo Estevão, que a Rainha dona Caterina deu a esta Sacristia com a de outro Martyr.

Outra semelhante guarnição sobre huma cabeça das onze mil Virgens, e hum pedaço de huma costa de Santa Caterina de Sena, e outro osso grande da Beata Margarida, que, sendo nacida em Lisboa, quiz ir viver, e morrer á vista da sepultura do nosso glorioso Patriarca em Bolonha, com o habito, e profissão de Freira terceira, cuja vida, se Deos no la der, não ficará fora d'estes escritos, quando chegarmos aos annos, em que floreceo.

A casa da Sacristia, em que estas Relíquias estão, he bem digna Custodia d'ellas, porque, sem grande encarecimento, he a mais fermosa quadra em capacidade, e proporção, que ha em todo o Reino, inda que metamos em conta Conventos Realengos.

Mas, porque nos não fique nada por dizer do que ha digno de historia neste Convento, passaremos a algumas antiguidades, que n'elle achamos.

Na Igreja, entre os arcos da capella de Santo Andre, que he no Cruzeiro, e da que dá servintia pera a Sacristia, parece no alto hum pequeno tumulo de pedra sumido na parede, que corre a prumo com ella: e na face de fora, que só descobre, tem huma letra, que declara jazer n'elle o Infante dom Afonso, filho del Rei dom Afonso, o terceiro, fundador que foi da mesma Igreja. Este Principe jouve até nossos tempos, no baixo do cruzeiro, em huma caixa de marmore branco, entalhada em roda de arvoredos, e apparatos de montaria, a qual, por ser demasiadamente grande, e parecer, que em tal lugar dava pejo, foi desfeita: e o corpo tambem desfeito pera ser agasalhado em lugar mais estreito, e no sitio, em que hora está. Quando foi descuberto, fez espanto por grandeza de estatura, e grossura de carnes, de que ainda estava acompanhado inteiramente, salvo nas pernas, e cabeça. Mas não espantou menos

o habito, em que foi achado: estava envolto em hum pano de seda amarella, e cingido com huma corda de linho: corda, e pano tão novo, e são, como posto d'aquella hora, em cabo de mais de duzentos e sincoenta annos. O cingidouro pareceo, que devia ser contrição, e humildade do defunto, ou devação do Padre S. Francisco. He de saber que este Infanto foi da Rainha dona Breitiz, e não da Condessa de Bolonha, como d'antes publicava a fama popular (*).

Nas costas da capella de Jesu, na parede, que responde ás crastas, está sepultado em hum moimento de pedra alto, e sumido dentro nella hum dom Pedro Peres, Conego de duas Cathedraes, cousa que na singeleza dos tempos antigos não fazia dissonancia, sendo tão claramente incompativel. Faleceo poucos annos despois de fundada a Igreja. Huma cousa, e outra consta de hum pequeno letreiro, que sobre a sepultura parece á face da parede em letras Goticas, e diz assi.

Hic iacet donus Petrus Petri Canonicus Compostellanæ et Ulixbonensis Ecclesiæ, qui in senectute bona plenus dierum, diuitijs et sapientia mortuus est in habitu Prædicatorum. Obijt autem in vigilia Beati Laurentij sub Æra MCCCIIII.

Em vulgar responde.

Aqui jaz dom Pedro Peres, Conego das Igrejas de Compostella, (*que he Santiago*), e Lisboa, que em boa velhice cheio de dias, riquezas, e saber, faleceo no habito dos prégadores: e acabou vespara de S. Lourenço na era de Cezar de mil trezentos e quatro, (*que responde aos annos de Christo* 1266.)

Costumavão n'aquelle tempo da primitiva Ordem alguns Ecclesiasticos nobres, e tambem seculares, se no estado se achavão desobrigados, quando nas enfermidades erão desenganados polos medicos, que não havia que esperar da vida, ou quando o numero crecido dos annos dava aviso, que não podia ser de muita dura, acolher-se, como dizem, á Igreja. Pedião licença aos Prelados, huns pera tomarem o habito, e professarem logo: outros pera ficarem com nosco, e fazerem profissão a seu tempo: e todos com tenção de ganharem as indulgencias, que os Frades gozamos no artigo da morte, e participarem despois d'ella dos muitos suffra-

(*) Fernão Lopes na Cron. del Rei dom Dinis.

gios, que se fazem por todos, em toda a Ordem com cuidado, e continuação. E assi aconteceo a este Padre, que, pouco antes de faleçer, se recolheo com nosco, e tomou o habito. Santo, e salutifero pensamento de parte dos que tal remate procurão a seus dias, mostrando-se n'isso catolicos, e conhecidos da vida futura: mas grande, e aventajada benignidade, e misericordia a da Religião em aceitar, e admittir entre si aquelles que tendo dado o asso das forças, e melhor idade ao mundo, não trazemos aos claustros mais que o ferro, e ultimo ferro da vida pera darmos pejo, mais que proveito. Porque sendo assi que os, que cavarão na vinha do pai de familias do Evangelho, não forão arguidos de mao serviço polos emulos, se não só de acudirem tarde: por onde se vê, que todavia estirarão os braços, e apertarão a enxada, e suarão: não ha duvida, que a obra d'este bom velho teve muito de mercantil, e uzuraria: pois morrendo cheio de riquezas, e de annos, (como diz o epitafio), nem dia exprimentou de pobre, que he o essencial da religião: nem hora de trabalho: nem parece, que veo mais que a lograr o suave do habito, e não sintir o agro. Que na verdade os partidos, que não são iguais, e como dizem de dar, e tomar, tirania são, e não partidos. Sirva isto pera vermos, e entendermos o muito, que devemos estimar as Religiões, que se se deixão vencer de nossas desigualdades, he a causa, porque são vinha de Deos, e os, que as governão, sèguem sua condição, e bondade não se buscando a si, se não o bem dos proximos, e a maior gloria do mesmo Deos, como verdadeiros servos seus.

Mas tornando ao nosso Conego, consta-nos todavia que, ainda que tarde, soube dispor, e assentar bem suas cousas. Porque deixou muita fazenda de raiz á Sé de Lisboa, onde a ganhara. E, porque a Ordem não possuia proprios, e pola mesma rezão não aceitava obrigação de Missas nem suffragios perpetua, poz clausula nos bens, que deixou á Sé, que todos os annos lhe mandasse o Cabido cantar hum anniversario n'este Convento. E a hum criado deixou duas moradas de casas, huma ao poço de Borratem, outra pouco adiante, onde chamão a Porta Nova, com encargo de dar todos os annos na vespara de S. Lourenço, que foi o dia em que faleceo, huma pitança aos Frades. Esta devação, que os homens do bom tempo tomavão tão em grosso, que se não contentavão com menos que professar nas Religiões, que todavia era obra de grande merecimento, inda que fosse por huma só hora, vierão a trocar os que sucederão em se contentarem de levar á cova vestido o habito da Religião, a

que mais se inclinão. O que, alem de ser tambem indicio de animo christão, e pio, grangea a quem o faz muitas graças, e indulgencias concedidas polos Summos Pontifices, por ser trajo de gente dedicada a Deos, e simbolo de virtude.

Esta prevenção da ultima hora, que tão digna he de nos trazer desvelados, fazião tambem no mesmo tempo alguns Sacerdotes, regulares pessoas de authoridade: mas por outro modo, e não tanto ao tarde. Despois que tinhão bem servido a Ordem, e trabalhado cada hum em sua vocação, procuravão recolher-se em algum Convento, onde a observancia andasse mais em seu ponto, e esperar entre santos, fim santo. Assi o vimos no titulo do Convento de Santarem em alguns Padres, que a elle vierão no ultimo quartel da idade (*). E achamos posto em lembrança por Jeronymo Blancas, Cronista Aragones, referido polo Mestre Frei Francisco Diago (**): que Frei Garcia de Vulcos, de nação Biscainho, e filho do Convento de S. Domingos de Çaragoça, Mestre em Theologia, e mui douto em ambos os direitos Canonico, e Civil, despois que servio o cargo de Provincial de toda Espanha, antes da separação das Provincias como por obrigação correra, e visitara as casas todas: de tal maneira se contentou da paz, e sossego, que achou nesta de Lisboa, e da pureza de espirito, que enxergou em todos os moradores d'ella, que se determinou acabar aqui seus dias. E assi diz este Autor, que o fez: e affirma, que sobio a tão alto grão de santidade, que floreceo em vida, e morte com muitos milagres: dos quais postos em pintura estava seu sepulcro rodeado. Nas memorias do Convento não parece nenhuma, que nos dê luz de tal cousa: mas dizer que estavão os milagres pintados polas paredes conforma com o que era costume d'aquella idade em Portugal, como apontamos nas vidas dos Frades de Santarem: e o faltar-nos cá noticia de hum Religioso Estrangeiro, não deve tirar fé ao historiador antigo, quando a cada passo vamos tropessando em descuidos contra os nossos naturais.

(*) L. 2. c. 38. (**) Na hist. da Ord. da Prov. de Aragão l. 12. c. 37 e 72.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

TABOADA

DOS CAPITULOS DOS TRES PRIMEIROS LIVROS D'ESTA PRIMEIRA PARTE DA HISTORIA DE S. DOMINGOS PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL

LIVRO I

Pag.

Capitulo i. Do nascimento do Patriarca S. Domingos, sua criação, estudo, e virtudes, até tomar o habito dos Conegos Regulares de Santo Agostinho 1

Cap. ii. Parte Frei Domingos pera França, passa a Paris, e a Roma: torna de assento a Tolosa prégar aos hereges: funda hum recolhimento de donzellas: vence muitos hereges em disputas: converte outros. Aparece-lhe a Virgem Nossa Senhora: insina-lhe a devação do santo Rosario, e manda-lhe que a prégue, pag. . . 8

Cap. iii. Começa-se a guerra contra os hereges Albigenses. Dá S. Domingos principio ao Santo Officio da Inquisição: confirma-o o Summo Pontifice, e dá-lhe titulo de Prégadores a elle, e a seus companheiros 14

Cap. iv. Censura-se hum lugar de outro Religioso da mesma Ordem, e opinião 20

Cap. v. Passa o campo Catholico contra outros lugares. Contão-se algumas maravilhas, que Deos obrou polo Santo. Cercão os Catholicos a cidade de Tolosa: retirarão-se com perda, e desfaz-se o campo 26

Cap. vi. Anima o Santo aos Catholicos com huma alegre profecia de fim da guerra. Contão-se algumas maravilhas obradas por meio do santo Rosario: e a grande victoria, que se alcançou dos hereges 29

Cap. vii. Dá S. Domingos principio á sagrada Ordem dos Prégadores. Pede confirmação ao Pontifice: alcança-a verbal, e condicional. Funda em Tolosa o primeiro Convento. Faz renunciação de rendas, e fazenda. Torna a Roma em demanda da confirmação: contão-se humas visões, que ahi teve 34

*

Pag.

Cap. viii. Alcança S. Domingos em Roma letras Apostolicas de confirmação de sua Ordem, com titulo de Ordem dos Prégadores. Torna a França, faz eleição de Prelado entre os seus, e mando-os a prégar por varias partes 38

Cap. ix. Entra Frei Gomes em Portugal. Dá-se conta de quem era em nome, patria, e calidades 41

Cap. x. Confirma-se a verdade de Frei Sueiro Gomes ser Portuguez: com algumas rezões, com as quaes se descobre, que tambem era nobre, e letrado 46

Cap. xi. Dá-se conta do estado, e governo do Reino de Portugal na chegada de dom Frei Sueiro Gomes: e do que fez entrando, e como deu principio ao primeiro convento, que houve em toda Espanha da Ordem dos Prégadores 49

Cap. xii. Descreve-se o sitio do primeiro Convento, que a Ordem de S. Domingos teve em Portugal, e a fabrica d'elle 54

Cap. xiii. Das grandes maravilhas, que Deos Nosso Senhor obrou em Roma por S. Domingos. Conta-se a nova forma de habito, que o Santo deu aos seus Frades, e a rezão d'ella, e como poz em clausura as Freiras de Roma. Ordena lição de Theologia no sacro Palacio, e he o primeiro leitor d'ella. Préga a devação do santo Rosario 59

Cap. xiv. Mostra-se como S. Domingos foi o primeiro, que insinou a rezar por contas os misterios de Nossa Redemção, que he a devação do santo Rosario, contra os que a querem fazer mais antiga: conta-se como resuscitou ao sobrinho do Cardeal Estefano em Roma 64

Cap. xv. Contão-se outros milagres. Parte o Santo pera Espanha. Escreve-se o que lhe succedeo no caminho. Funda em Segovia Convento de Frades, em Madrid de Freiras. Torna pera Italia . . 71

Cap. xvi. Parte o Santo de Madrid pera Italia: e dom Frei Sueiro pera Portugal. Pedem os Prelados de Portugal a dom Frei Sueiro prégadores pera seus Bispados. A Infante dona Branca offerece fundar casa em Coimbra 77

Cap. xvii. Parte dom Frei Sueiro pera o primeiro Capitulo Geral de sua Ordem a Italia. Conta-se o que succedeo a S. Domingos despois que sahio de Madrid até á celebração d'elle: e o que ficou ordenado n'aquella santa junta 82

Cap. xviii. Celebra Nosso Padre S. Domingos segundo Capitulo Geral em Bolonha. Acode a elle dom Frei Sueiro, e torna pera Espanha com nome de Provincial, e com letras Apostolicas em seu favor, e dos seus 89

Cap. xix. Prosegue o Provincial dom Frei Sueiro Gomes a visita de sua Provincia nos Reinos de Castella, e Portugal. Conta-se o fe-

Pag.

lice transito de Nosso glorioso Patriarca S. Domingos: e a eleição, que se fez em seu lugar de Mestre Geral da Ordem . . . 95
Cap. xx. Vem a Portugal o Provincial dom Frei Sueiro, treslada o Convento de Montejunto pera Santarem ao sitio de Montijrás . 100
Cap. xxi. Vai o Provincial a Coimbra chamado del Rei dom Sancho Segundo. Concordão com o Arcebispo de Braga, sendo por ambos eleito juiz das contendas, que trazião. 104
Cap. xxii. Assiste o Provincial a huma escritura de composição entre el Rei dom Sancho Segundo, e as Infantes suas tias. Averiguão-se os annos, que reinarão dom Afonso Segundo, e dom Sancho seu filho 108
Cap. xxiii. Como foi fundado o primeiro Mosteiro de Freiras, que houve em Portugal da Ordem dos Prégadores 114
Cap. xxiv. Censura-se huma letra esculpida de fresco em huma pedra do Mosteiro de Chellas: descobre-se o artificio, e tenção d'ella 121
Cap. xxv. Confirma-se a materia do Capitulo antecedente com hum Breve Apostolico, e com outros documentos 123
Cap. xxvi. De algumas particularidades notaveis do mosteiro de Chellas 129
Cap. xxvii. Da madre Sór Filippa do Espirito Santo 135
Cap. xxviii. Do grande augmento, e prosperidade da Provincia de Espanha no tempo, que foi governada por dom Frei Sueiro. Dá-se conta de seu grande espirito, e virtudes, e dos annos que viveo 141

LIVRO II

Cap. i. Do sitio da villa de Santarem: e do que n'ella se deo de novo ao Convento de S. Domingos de Montijrás 147
Cap. ii. Começa-se a obra da casa nova no primeiro sitio, que se comprou: suspende-se por hum estranho caso, e funda-se a casa em outro. Dá-se conta de quem foi o que deu a traça da Igreja, e crasta 152
Cap. iii. Prosegue a relação do edificio da casa nova de Santarem Contão-se algumas antiguidades tocantes a ella. Mostra-se como lhe pertence a precedencia de todos os Conventos de Espanha . 156
Cap. iv. Mostra-se como pertence a este Convento a precedencia de todos os de Espanha 159
Cap. v. Da grande santidade que florecia no Convento de Santarem: com huma notavel memoria da pobreza, em que n'elle se vivia. Dá-se conta de quem erão dous Religiosos, que seguirão a el Rei dom Sancho fóra do Reino 163

Pag.

Cap. vi. Da santa vida, e morte do Padre Frei Fernando Pirez, Chantre que foi da santa Se de Lisboa 166
Cap. vii. Da religiosa vida, e santa morte de Frei Martinho de Lisboa: e do irmão Frei Martinho leigo 169
Cap. viii. Do Padre Frei Pedro de Santarem, e do irmão leigo Frei Martinho segundo 171
Cap. ix. Do santo fim de Frei Domingos, e Frei Gonsalo irmãos leigos 173
Cap. x. Do Padre Frei Domingos Gomes Prior do Convento de Santarem 176
Cap. xi. Do Padre Frei Fernando de Jesu, de suas doenças, e paciencia: de sua santa morte, e aparecimento despois d'ella . . 179
Cap. xii. De quem foi o Padre Frei Domingos do Cubo, e de sua vida, e morte, e sepultura 181
Cap. xiii. Do nacimento, geração, estudos, e peregrinação do san- Frei Gil, até o dia de sua conversão 185
Cap. xiv. Da milagrosa conversão do santo Frei Gil, e como tomou o habito de S. Domingos, e fez profissão 189
Cap. xv. Sae Frei Gil de Palencia, mudado pera Santarem. Continua suas penitencias. Contão-se as perseguições, e assombramentos, que padeceo do Demonio, até alcançar o escrito que lhe tinha dado 192
Cap. xvi. Parte Frei Gil pera França a estudar Theologia. Conta-se a santa vida, que fazia em Paris estudando, e como recebeo o grão de Doutor pola Universidade, e foi declarado pola Ordem por Mestre, e leitor de Theologia 196
Cap. xvii. Torna Frei Gil pera Espanha. Conta-se o que lhe succedeo no caminho: e como começou a prégar em Portugal. Refere-se hum estranho artificio, com que o Demonio o tentou, e como se houve n'elle 200
Cap. xviii. Como foi eleito em Provincial o Santo Frei Gil, e do cuidado, e inteireza, com que procedeo no cargo. Passa á ilha de Malhorca celebrar Capitulo Provincial. Dá-se conta da tempestade, que teve no mar, e das afrontas que por rezão d'ella lhe fizerão: e como cessou por sua oração 204
Cap. xix. Do estranho meio com que S. Frei Gil foi sabedor do naufragio de huns Capitulares que hião em outro navio. Despacha Religiosos pera Inquisidores de algumas cidades de Catalunha. Celebra Capitulo em Burgos. Aceita-se n'elle o Convento da cidade do Porto. Vem a Portugal. Préga com liberdade a el Rei dom Sancho. Recolhe-se a Santarem 209
Cap. xx. Dos grandes effeitos que fazia no Santo a força do amor Divino, com diversidade de enlevamentos, e raptos maravilhosos.

Pag.
Contão-se alguns. Dá principio ao Convento de Lisboa 213
Cap. xxi. Como foi decretada a deposição del Rei dom Sancho do Reino: e como lh'a intimou em sua pessoa o Santo Frei Gil. Contão-se as afrontas, que por isso recebeo: e a revelação que teve no meio d'ellas: e huma antiguidade, em que se mostra quanto era estimado del Rei dom Afonso 216
Cap. xxii. De alguns effeitos admiraveis da oração de S. Frei Gil, em que se vio por casos differentes o muito, que por ella alcançava de Deos 220
Cap. xxiii. Vem a Santarem o novo Provincial. Acha-se presente a huma extasi do Santo. Dá el Rei dom Afonso principio á Igreja de S. Domingos de Lisboa. Refere-se a familiaridade, com que tratava a S. Frei Gil em Santarem: e como convaleceo da gota por seu meio. Torna o Santo a servir o cargo de Provincial 225
Cap. xxiv. Manda o Santo Provincial prégadores a terra de Mouros. Conta-se hum estranho caso que lhe succedeo caminhando por Castella: e outros em Portugal, todos em materia de espírito. Pede absolvição do cargo em Capitulo Geral: alcança-a. Conta-se huma penitencia, que n'elle se deu a huns Frades 228
Cap. xxv. De algumas visoens sobrenaturaes, que o Santo teve: e milagres que por seu meio, e oração obrou o Senhor 232
Cap. xxvi. De algumas cousas milagrosas, que o Santo fez por sua mão 236
Cap. xxvii. De outros casos milagrosos obrados por intercessão do Santo ausente: mas ainda vivendo na terra 239
Cap. xxviii. Do grande nome, que o Santo tinha em toda a Ordem, e por terras estranhas: e de seu felice transito 242
Cap. xxix. Dos sinais que houve da gloria do Santo, por diversidade de successos, que a confirmarão 245
Cap. xxx. Como resuscitarão por orações feitas ao Santo tres mortos: e forão livres do Demonio quatro pessoas 249
Cap. xxxi. Como se converteo hum Mouro, e forão curadas algumas pessoas de grandes males por meio de Reliquias do Santo. 254
Cap. xxxii. De muitas, e varias doenças, que tiverão milagrosa cura encomendando-se os enfermos ao Santo, ou usando de suas Reliquias 257
Cap. xxxiii. De algumas molheres que alcançarão remedio em partos dificultosos, encommendando-se ao Santo: e como forão curados surdos, e mudos com a terra de sua cova 261
Cap. xxxiv. Como foi tresladado o Santo pera a sua capella . . 264
Cap. xxxv. Como por intercessão do Santo alcançarão huns pobres homens remedio pera vinho danado, e perdido: e outros o te-

Pag.

verão em graves doenças, e varias necessidades 266
Cap. xxxvi. Da santa vida, e glorioso transito do Padre Frei Bernardo de Morlans: e de dous mininos Santos seus discipulos . . 270
Cap. xxxvii. Como forão achados os corpos dos Santos Frei Bernardo, e seus discipulos, e collocados em altar particular . . 275
Cap. xxxviii. Do Santo Frei Bernardo segundo, sua conversão, vida, e milagres, e sepultura 280
Cap. xxxix. De alguns Religiosos, que despois de servirem grandes cargos na Ordem se recolherão n'este Convento. E outras antigualhas d'elle 285
Cap. xl. Das grandes maravilhas que em varios tempos se virão no cemiterio, em confirmação da santidade do Convento. Das pessoas Reais que n'elle jazem. Dos Religiosos, que os Reis lhe tirarão pera differentes cargos 288
Cap. xli. Da devação, e virtudes do Padre Frei Manoel de Beja, e do irmão Frei Diogo das Vinhas. E da jornada que fez á India o Padre Frei Pedro Coelho 293
Cap. xlii. Vida, e morte do irmão Frei Diogo de Saldanha, filho d'este Convento 296
Cap. xliii. Das santas Reliquias que ha n'este Convento 299

LIVRO III

Capitulo i. Da fundanção, e principios do Convento de Coimbra . 305
Cap. ii. Vida, e morte, e milagres do Santo Frei Paio 309
Cap. iii. Proseguem outros milagres do S. Frei Paio: com estranheza do sino fundido com a terra da sua cova 313
Cap. iv. De algumas antiguidades d'este Convento, e como foi mudado pera o sitio, em que hoje está 316
Cap. v. Do processo do edificio do Convento novo: e da grande virtude, e partes do Mestre Frei Martinho de Ledesma . . . 320
Cap. vi. Vida, e morte de dom Frei Vicente da Fonseca Arcebispo de Goa, Primás da India 323
Cap. vii. Do Padre Frei Thomas Pinto, Inquisidor 325
Cap. viii. Do grande cuidado, e solemnidade com que na cidade, e Convento de S. Domingos de Coimbra, se celebrão as festas do Santo Rosario. Referem-se dous milagres succedidos de proximo por intercessão da Virgem 330
Cap. ix. Da origem, e principio do Convento da cidade do Porto: e das causas que houve pera se aceitar pola Provincia . . . 333
Cap. x. Dos Religiosos que forão mandados fundar o Convento do Porto. Dá-se conta dos muitos favores, que o Bispo lhes fazia. E como despois mudou parecer, e das rezões que pera isso teve . 337

Pag.

Cap. xi. Buscão-se intercessores poderosos por parte do Convento: não valendo nada, queixão-se os Frades a Roma. Comete o Summo Pontifice ao Arcebispo Primás que os desagrave 341

Cap. xii. Levantão-se as censuras, e prosegue a obra do Convento. Passa el Rei dom Sancho aos Frades carta de Padroeiro. Mitiga-se o Bispo, e faz composição com elles 345

Cap. xiii. Faz a Rainha dona Mafalda doação do Padroado de huma Igreja á Sé do Porto, pera de todo pacificar o Bispo, e Cabido com os Frades. Procede o Bispo com elles em amizade. Faz-lhes esmola de duas fontes pera o Convento 348

Cap. xiv. Da Confraria do Santissimo nome de Jesu sita n'este Convento: de sua antiguidade, e milagres. 352

Cap. xv. De outros milagres do Santo Crucifixo 355

Cap. xvi. De alguns filhos d'este Convento: e das Reliquias que n'elle ha: e outras particularidades 357

Cap. xvii. Da fundação do Real Convento de Lisboa 360

Cap. xviii. Funda el Rei dom Afonso Terceiro a Igreja grande do Convento: faz-lhe doação de muitos chãos, e terras á roda. Contão-se alguns trabalhos que houve na casa por cheias, e tremores de terra. 364

Cap. xix. Da antiguidade, e devação da Ermida de N. Senhora da Purificação, que commummente se chama da Escada 369

Cap. xx. Da vida, e morte do Padre Frei Fernando do Cadaval Capellão de Nossa Senhora da Escada 374

Cap. xxi. Do Padre Frei Mattheus de Ogeda Capellão de Nossa Senhora da Escada 377

Cap. xxii. Do principio, e origem que tiverão na Ordem de S. Domingos os altares, e Confrarias do Santissimo nome de Jesu. . 380

Cap. xxiii. Da occasião, e tempo em que foi instituida a primeira Confraria do nome de Jesu no Convento de S. Domingos de Lisboa 383

Cap. xxiv. Ordena-se solemne festa no altar de Jesu por graças da saude, fazem-se compromisso, e estatutos da Confraria . . 387

Cap. xxv. Da Confraria de Nossa Senhora do Rosario. 390

Cap. xxvi. Proseguem mais alguns milagres do Santo Rosario. . 395

Cap. xxvii. De outras Confrarias que ha n'esta Igreja, e de sua antiguidade, e devação 399

Cap. xxviii. Prosegue a relação das Confrarias, e outras irmandades que ha na Igreja 402

Cap. xxix. De alguns Religiosos filhos d'esta casa que falecerão com opinião de santidade 405

Cap. xxx. Da gloriosa morte do Padre Frei Dinis de Mello, e do Padre Frei Affonso de S. Matheus 407

Pag.

Cap. xxxi. Da vida, e martyrio glorioso do Padre Frei Jeronimo da Cruz 410
Cap. xxxii. Vida, e trabalhos do Padre Frei Lopo Cardoso . . . 413
Cap. xxxiii. Da vida, e morte do Padre Frei Ignacio da Purificação. E do irmão Frei Pedro de S. Domingos leigo. 416
Cap. xxxiv. Do naufragio, e trabalhos, e martyrio do Padre Frei Nicoláo do Rosario. 419
Cap. xxxv. Como foi martyrisado o Padre Frei Nicoláo do Rosario. 422
Cap. xxxvi. De alguns filhos d'este Convento que sobirão a grandes Prelazias 425
Cap. xxxvii. De outros filhos d'este Convento que servirão nos tribunais do Santo Officio 429
Cap. xxxviii. De outros Padres que forão Lentes de grandes catedras na Universidade de Coimbra sem entenderem em outro ministerio . . . . . , ... 433
Cap. xxxix. Da protestação da fé que o Padre Mestre Frei Luiz de Sotto Maior deixou escrita; e de sua bemaventurada morte . . 437
Cap. xl. Dos estudos que ha n'este Convento. E como lhe foi annexada a Igreja, e renda do antigo Mosteiro de Ansede pola Sé Apostolica 442
Cap. xli. Das Reliquias que ha no Convento: e de algumas memorias antigas que n'elle se achão 445

Uma Lição de florete, c. d em 3 actos..... 180
Trabalho e honra, c. em 3 actos 300
A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos..... 300
Coração de ferro, d phantastico em 5 actos..... 300
O Chale de Cachemira, comedia em um acto, por Alexandre Dumas. Traduzida livremente por A. Cesar de Lacerda..... 220
E' perigoso ser rico, comedia em um acto..... 160
As joias de familia c. d. em 3 actos..... 300

MENDES LEAL ANTONIO

Poesias, 1 vol..... 500
Abel e Caim, c. em 3 actos..... 240
Uma Victima, d. original em 3 actos..... 160
Dôr e Amor. c d. em 3 actos... 200

J. D'ABOIM

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos..... 240
O Recommendado de Lisboa, c. em 1 acto 80
O Homem põe e Deus dispõe, c. em dois actos..... 120
As nodoas de sangue, d. em 3 actos..... 160
Cada louco com sua mania, c. original em um acto..... 100

I. M FEIJOO

Camões do Rocio. c. em 3 actos. 300
A Torre do Corvo, d. em 4 actos e um prologo..... 400
Carlos ou a Familia de um Avarento, c. em 4 actos..... 240
Pedro Cem, c. em 5 actos 300
Remechido, o Guerrilheiro, d. em 3 actos..... 300

E. BIESTER

Um Quadro da vida, d. em 5 actos..... 480
A Redempção, c. d. em 3 actos. 360
As epocas da vida, c. em 2 actos..... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea 200
As obras de Horacio, imitação, comedia em um acto..... 120
O homem de Consciencia, c. em 2 actos 160
O Maestro Favilla, drama em 3 actos..... 200

ALFREDO HOGAN

As Brazileiras, c. d. em 3 actos. 300
Ninguem julgue pelas apparencias, c. d em 3 actos..... 360
Os Dissipadores, c. em 4 actos . 400
O melhor não experimentar, c. em 1 acto..... 200
Memorias do Coração..... 240
A Irmã de Caridade, c. em 2 actos..... 160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo..... 240
O Marido no Prégo, c. em um acto..... 160
Já não ha tolos!.. c. em um acto..... 80
Não desprese sem saber. c. em um acto..... 120
O Colono, c. d. em 3 actos..... 160
Segredos do Coração, c. d. em 3 actos..... 200
O Juizo do Mundo c. d. em 3 actos..... 240
A Mascara Social, c. d. em 3 actos..... 200
A Pelle do Leão, c. d. em 3 actos. 200
A Roda da fortuna, c. d. em 3 actos..... 160
Nem tudo que luz é oiro, c. d. em 3 actos..... 200
O dia 1.º de Dezembro de 1640, c. heroica, original em 3 actos. 200
O ultimo dia dos Jesuitas em Portugal, drama original historico portuguez em 8 quadros 4 actos e um epilogo..... 200

JULIO CESAR MACHADO, E ALFREDO HOGAN

A Vida em Lisboa, c. d. em 4 actos 300
Primeiro o dever! c. d. em 3 actos..... 160

F. EVARISTO LEONI

Genio da Lingua Portugueza... 1:800

J. C. DOS SANTOS

O Segredo d'uma Familia, c. em 3 actos..... 240
O Pae prodigo, comedia em 3 actos..... 120
O Homem das Cautelas, c. em 2 actos..... 180
Gil Braz de Santilhana, comedia em 3 actos..... 800
Maria, ou o Irmão e a Irmã. c. em 3 actos..... 200
Uma chavena de chá, c. em um acto..... 120
Convido o coronel! .. c em um acto..... 160
A Herança do tio Russo, c. em 3 actos..... 220

HENRIQUE VAN-DEITERS

Poesias, 1 vol..... 360
Os moedeiros falsos, c. d. original em 3 actos..... 160
Dois cães a um osso, c. em 1 acto 160
Não envenenes tu, a mulher quiproquo em 1 acto..... 120
Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto 100

JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA

A Corôa de Carlos Magno peça magica de grande espectaculo

em 4 actos 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda= Les quatre fils Aymon..... 320
A Costureira, c. em um acto.... 100
Erros da Mocidade, c. em 3 actos. 160
A ave do Paraizo, comedia-magica em 20 quadros, formando 3 actos 360
O paraizo perdido, ou a creação e o Deluvio, peça biblica em 1 prologo, 3 actos, e 1 epilogo, formando 21 quadros..... 360

MANUEL ODORICO MENDES

Opusculo ácêrca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez..... 200

I. DE VILHENA BARBOSA

Cidades e villas da Monarchia Portugueza que teem Brasões d'Armas: 3 vol. 8.º fr. com estampas lytographadas 3:000

JULIO CESAR MACHADO

A esposa deve acompanhar seu marido, c. em um acto..... 140
O Capitão Bitterlin, c. em um acto..... 140

ARISTIDES ABRANCHES

Stambul, c. em 3 actos e 9 quadros..... 300
A mãe dos escravos, d. em 4 actos..... 200
Como se descobrem... mazellas, c. em 1 acto..... 120
Trovoadas de maio, c. em 1 acto 160
Os dois pescadores, c. em 1 acto. 80
Nem todo o mato e oregãos, c. em 1 acto. 160

J. R. CORDEIRO JUNIOR

Amor e arte, drama em 3 actos. 220
O Arrependimento salva, drama em um acto..... 100
Fernando, comedia-drama em 4 actos 200

J. I. DE ARAUJO

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em 3 actos..... 160
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em 3 actos..... 200
Um Bico em Verso, scena comica 60
O Princepe Escarlate, tragedia burlesca em 2 actos em verso. 180
Um homem que tem cabeça; c. em um acto..... 100
Ultimos momentos d'um Judas; entre-acto tragico-burlesco... 80

JOSE BENTO D'ARAUJO ASSIS

O segredo d'uma esmola, c. d. em 2 actos. 180
As duas paixões, c. em 1 acto.. 120
Deus nos livre de mulheres, c. em um acto, ornada de coplas . . 120

J. A. DE MACEDO

A Creação, poema pelo P. José Agostinho de Macedo..... 120

ERNESTO MARECOS

As Primeiras Inspirações.—Poesias..... 600
Juca, a Matumbolla—Lenda 160

MANUEL MARIA PORTELLA

Ensaios poeticos.—Poesias..... 400

OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES

Reflexões sobre a lingua portugueza, 2.ª ed..... 720
Cirurgia e medicina 1 vol 360
Camões e o Jáo, scena dramatica. 100

NO PRELO

Obras que devem estar promptas até o fim de Março proximo.

JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS=Memorial dos Cavalleiros da Tavola Redonda.—Aulegrafiia.—Eufrosina.—Ullysippo.

ROCHA PITA=Historia do Brazil.

BRITO FREIRE=Nova Lusitana, Guerra Brasilica.

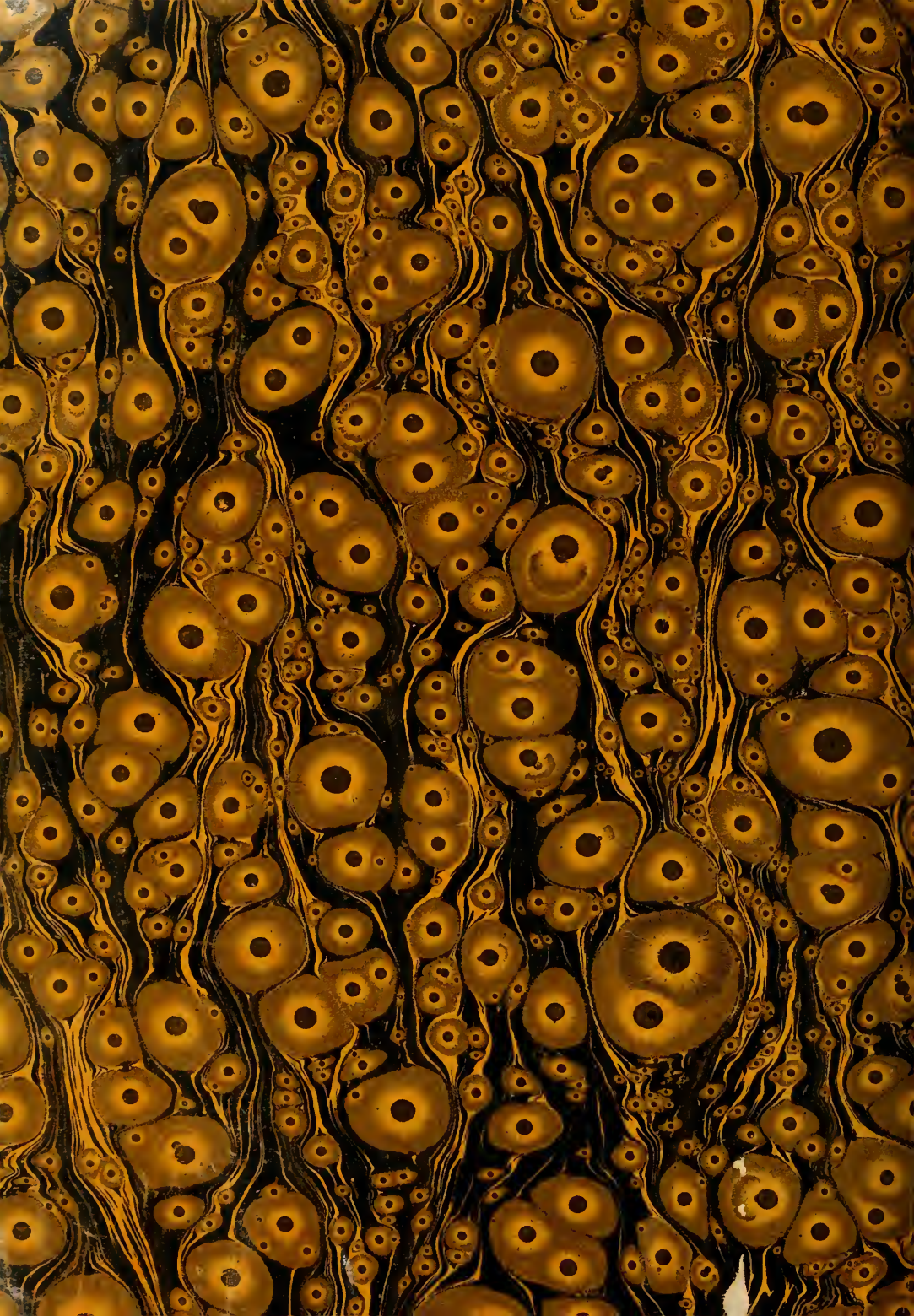
PADRE ANTONIO CORDEIRO=Historia Insulana.

PADRE CARVALHO=Corografia portugueza.

J. BAPTISTA DE CASTRO=Mappa de Portugal, continuado até ao presente.

PEDRO NUNES=Esfera.

VILLAS BOAS=Nobliarchia portugueza.



PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BX
3542
A1C3
1866
v.1

Cacegas, Luiz de
Primeira [quarta] parte da
historia de S. Domingos

UTL AT.DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 15 15 15 09 008 8